

BETH FLYNN

Presente  
do tempo

DEA  
editora

BETH FLYNN

**Presente  
do tempo**

**DEA**  
editora









Copyright© BETH FLYNN  
Copyright©3DEA EDITORA, 2021

**Título Original: A GIFT OF TIME  
NINE MINUTES TRILOGY  
Book Three**

Editor-Chefe	Kelly Patricia
Produtor Editorial	Daniela Soares
Tradução	Guilherme Ribeiro
Revisão	Mari Vieira
Revisão Final	Valeria Bueno
Ilustração	Rafael Nicolaevsky

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2016. Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos, e sobre eles não emitem opinião. É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão expressa da Editora, na pessoa de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998).

Todos os direitos reservados à 3DEA Editora.  
[www.3deaeditora.com.br](http://www.3deaeditora.com.br)  
[contato@3deaeditora.com.br](mailto:contato@3deaeditora.com.br)

# Sumário

[Nota da Autora](#)

[Linha do Tempo](#)

[Prólogo](#)

[PARTE UM](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)



[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[PARTE DOIS](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Capítulo 63](#)

[Capítulo 64](#)

[Capítulo 65](#)

[Capítulo 66](#)

[Capítulo 67](#)

[Capítulo 68](#)

[Capítulo 69](#)

[Capítulo 70](#)

[Capítulo 71](#)

[Epílogo](#)

[Nota da Autora](#)

[Agradecimentos](#)

# Nota da Autora

“Presente do Tempo” é o terceiro e último livro da trilogia “Nove Minutos” e, apesar de não ter sido escrito com a intenção de ser uma obra independente de seus anteriores, ele pode ser lido de tal forma. Ainda assim, é altamente recomendada a leitura dos dois primeiros volumes, “Nove Minutos” e “No Limite do Tempo”, a fim de que possa entender perfeitamente o contexto da história dos personagens principais, uma vez que há reviravoltas que podem ser melhor entendidas se os livros forem lidos em sequência. Assim, fica aqui a ordem de leitura:

## **Trilogia Nove Minutos:**

**Livro 1** – Nove Minutos

**Livro 2** – No Limite do Tempo

**Livro 3** – Presente do Tempo

Obrigada por todo carinho e apoio até aqui!

*Este livro é amorosamente dedicado aos  
Niners,  
meus leitores, com todo o meu coração.  
Não se passou um único dia em que eu não  
sentisse seu amor incondicional e apoio por  
mim e minhas histórias.  
Obrigada do fundo do meu agradecido coração.*

*E para o garotinho que conheci em um  
parquinho em 1974.  
O verdadeiro Tommy.*

# Linha do Tempo

**1975**

*Sequestro de Ginny/Kit.*

**1985**

*Prisão de Grizz*

*Casamento de Ginny e Tommy/Grunt.*

*Mimi, filha de Ginny e Grizz, nasce.*

**1990**

*Jason, filho de Ginny e Tommy, nasce.*

**1999**

*Os restos mortais da Moe são encontrados.*

**2000 - Verão**

*Grizz é executado.*

# Prólogo

## Ginny, 2007 - Carolina do Norte

Uma antiga e perspicaz amiga uma vez me disse: não é uma mera coincidência que todas as coisas se revolvam em um círculo, sempre retornando ao modo como tudo está predestinado a acontecer.

Lembro-me de segurar suas mãos ossudas e calejadas nas minhas. Seu aperto firme tinha uma força que desmentia sua idade. Olhos azuis inteligentes encontraram os meus enquanto ela me dizia essas palavras. Eu vi um desafio neles, como se ela me incitasse a desafiar ou questionar sua sabedoria.

Pensando sobre isso, naquele momento, quase seis anos atrás, devo admitir que ela estava certa.

A memória passou por mim enquanto eu me sentava na grama fria, ainda com o orvalho da manhã, inalando seu cheiro forte e fresco. Sempre adorei o cheiro da grama recém-cortada, que pairava no ar quente como um cobertor fresco e umedecido durante os dias de verão na Flórida. Foi no famoso estado ensolarado onde eu cresci e passei a maior parte da minha vida — Fort Lauderdale, Flórida.

Mas eu estava muito longe de lá, *agora*.

O sol aqueceu meus ombros e acariciou meu rosto. Eu apanhei as vinhas mais finas da grama, puxando-as suavemente. Sem qualquer esforço, elas estavam em meus dedos, apenas para

serem jogadas para o lado. Olhei ao redor do pequeno cemitério e suspirei enquanto meu olhar pairava sobre as lápides. Algumas eram maiores e mais novas, eretas e sem rachaduras, em homenagem a entes queridos que se foram; outras estavam gastas e inclinadas, lutando para ficar de pé em respeito à pessoa ou pessoas que estavam abaixo delas.

Uma coisa todas elas tinham em comum: nenhuma lápide jazia lisa ou solitária. Cada uma delas exibia alguma forma de lembrança. Flores — variadas entre frescas e artificiais — bandeiras, faixas e lembranças de cunho pessoal. Independentemente das datas, algumas recapturando até mesmo antes da Guerra Civil, cada túmulo era cuidado com alto respeito.

Meus olhos pousaram em uma lápide duas fileiras acima, que sempre causou dor em meu coração. Na gravura que ela carregava, lia-se simplesmente “Nossos Filhos” e depois listava sete nomes com um conjunto de datas ao lado de cada um. Nenhuma das crianças viveu além dos dois anos de idade, e a última faleceu em 1932. Eu estava fascinada o suficiente com aquele túmulo para fazer algumas pesquisas quando nos mudamos para cá. Afinal, eram da família e eu estava muito curiosa para saber o que havia acontecido.

Na verdade, eles não eram exatamente a *minha* família, mas foram parentes distantes de meu marido e filhos, por isso, embora não fossem meus ancestrais de sangue, ainda os considerava parte dos meus laços familiares.

Forcei meu olhar para a lápide de granito escuro onde estava sentada antes, e me vi lutando contra as lágrimas que beiravam

meus cílios. Outra dor surgiu em meu coração. Uma que sempre estaria lá.

Mas junto das lágrimas veio a aceitação. Aceitação do presente que chamamos de vida e tudo o que ela traz, incluindo a morte. A morte *dele*.

Eu nunca imaginei que um dia sentaria no topo de uma montanha tão longe da agitação de Fort Lauderdale. Tão longe do oceano e da sensação da areia entre os dedos dos pés. Tão distante de tudo que me era familiar e seguro. Mas eu, mais do que voluntariamente, troquei tudo isso por essa forma de vida, esse novo começo

E não me arrependo disso.

Deliberadamente, deslizei minha mão esquerda sobre a lápide, sobre seu nome. Apesar do calor do sol, o granito duro estava frio sob meus dedos. Minhas unhas cravaram onde o nome estava gravado e, quase inconscientemente, meus olhos focaram em meu dedo anelar. Dois anéis. Um feito de tinta e outro de ouro. Poucas mulheres conhecem a bênção de serem amadas tão profundamente por mais de um homem.

Abençoada por ainda ter, ao menos, um deles em sua vida.

Só então eu os ouvi e rapidamente virei meu olhar à pequena igreja de madeira branca adjacente ao cemitério. As majestosas Montanhas Blue Ridge serviram como pano de fundo para o cenário pitoresco. Enquanto eu observava, meu marido desceu os degraus de madeira do deck, uma criança agarrada com força em cada mão. Era uma manhã de quarta-feira, o que significava que tínhamos a velha igreja e o cemitério da família só para nós. Nossa filha de quatro anos, Ruthie, parou e olhou para ele.



— Me levanta, papai! Me levanta! — pediu quase como uma ordem.

Assisti quando ele sorriu para ela e, sem esforço, a apanhou, estremeando quando a garotinha acidentalmente chutou uma área sensível de seu corpo. Ele sofreu um ferimento sério, anos atrás, e ainda lhe causava alguma dor — provavelmente sempre causaria. Foi uma lembrança de nossa antiga vida. A vida que finalmente deixamos para trás.

O irmão gêmeo de Ruthie já havia soltado a mão de seu pai e corrido até onde eu estava, se jogando com força sobre meu colo. Enterrei meu rosto em seu cabelo e respirei profundamente. Ele cheirava a sabonete, suor e talvez até um pouco de sujeira. Eu sorri. Lembro-me de dizer ao meu marido quando confirmei minha gravidez inesperada:

— Estou muito velha para isso. Estamos muito velhos para isso!

Mas ele apenas riu e me lembrou que era eu quem sempre falava sobre milagres inesperados, recomeços e novos desafios. Posso dizer, com propriedade, *agora*, que ter gêmeos na nossa idade foi — e ainda é — um desafio. Mas nunca estive tão revigorada e otimista sobre o futuro, apesar de certas coisas que aprendi no passado.

Ainda assim, estou adorando cada minuto disso. Eu não amei as estrias extras que vieram ao ter dois bebês na minha barriga, mas até ali eu consegui encontrar beleza. Eu sinto que elas falam comigo: *olhe para os filhos lindos que você fez. Muito bem, Ginny.*

Observei meu filho levantar a mão até a lápide e colocar seu dedinho no nome gravado nela, soletrando, em voz alta e clara,

enquanto seguia os sulcos escurecidos. Quando ele terminou, inclinou a cabeça para trás e olhou para mim.

— Ele tem o meu nome, mamãe. O nome dele é igual ao meu!

— Sim, querido — respondi a ele, sorrindo suavemente. — Sim, ele tem.

# PARTE UM

*“Você não pode começar um novo capítulo se insistir em ler o anterior.”*

— *Autor Desconhecido*

# Capítulo 1

## Ginny, 2000 - Fort Lauderdale

### *3 meses após a execução de Grizz*

Não me lembro exatamente quanto tempo permaneci sentada no asfalto quente da entrada da garagem de Carter, apenas observando meus pés e o chão. Depois de um tempo, apenas me ergui e tirei a bandana azul de meu bolso, tendo-a colocado nele apenas alguns minutos atrás. Ou teriam sido horas?

Trinta minutos atrás, minha Bíblia da época de infância foi devolvida para mim junto com uma carta de minha mãe, Delia. A carta revelou algumas tristes verdades sobre o passado dela e o meu. Eu li sobre uma irmã gêmea que morreu no hospital depois que Delia a abandonou e descobri que era, na verdade, mais velha do que sempre acreditei ser. E *agora*, tendo acabado de descobrir a moto perdida e a confirmação tácita de Carter de que *ele* estava vivo — que Grizz ainda estava vivo — eu não podia fazer *nada* além de sentar e olhar para o lugar vazio na garagem. Era demais para digerir.

Eu rapidamente olhei por cima do ombro para ver se Carter estava por perto. Ela não estava. Segurei a bandana contra o rosto e comecei a chorar mais uma vez, *agora* com soluços pequenos, embebidos em emoção, capazes de fazer o estômago se revirar e colar às costas. Era o tipo de soluço que vem de um lugar tão profundo, em seu peito, que você só perceberia a existência quando ele o confrontasse com uma ferocidade que causa àquela dor física.

É o tipo de solução que, se você o sufocasse, faria suas costelas doerem e suas costas queimarem. Eu nunca havia chorado dessa forma antes, nem mesmo após a sua execução.

Tentei entender por que isso acontecia. Foi porque sua morte fora um fim definitivo? Ao menos, foi o que pensei. Eu poderia perfeitamente colocar meu amor e tristeza em uma caixa imaginária e rotulá-la de "No Passado". Mas, de onde vinha essa nova dor, *agora*? Essa dor do Presente? O que eu estava realmente sentindo? Traição? Amor? Mágoa?

Não. Eu não faria isso comigo mesma. Eu não conseguia acreditar, nem mesmo um pouquinho, que ainda estava apaixonada por ele. Eu amei Tommy. Eu estava apaixonada por ele. Nosso amor era real, não um prêmio de consolação após a prisão de Grizz, sua sentença e suposta morte. No entanto... o que significava o que eu sentia? Eu não me permitiria encontrar uma resposta.

Na verdade, tive que lutar contra o desejo de pegar Carter e insistir que ela me contasse tudo o que sabia. Tive que lutar contra o instinto de procurar respostas. Algo maior me disse que eu não deveria fazer *nenhuma* investigação, que o segredo de Grizz era grande o suficiente para ter repercussões caso eu decidisse investigar — que era o que meu corpo desejava que eu fizesse, mas minha alma sabe tomar decisões melhores.

Não, eu não questionaria. Não perguntaria. Eu faria o que ele aparentemente desejava e apenas arquivaria, na área mais afastada da minha mente, o conhecimento de que Grizz estava lá fora — caso eu precisasse dele. Eu seguiria em frente e viveria a vida que ele tantas vezes me disse que desejava que eu tivesse.

Sentei-me um pouco mais reta e resolvi fazer exatamente isso. *Quer que eu siga em frente, Grizz? Meus parabéns, conseguiu o que queria.* Enfurnando a bandana de volta no bolso, me levantei, evitando olhar para o lugar vazio na garagem onde sua motocicleta esteve — o local onde ele esteve, recentemente — e dei a volta pela lateral do prédio, apenas para correr escada acima, na direção da casa de hóspedes, com a resolução de que eu não estava sentindo qualquer coisa.

Estava determinada a acreditar nisso e me lembrei de que *eu* era a mestre da ilusão. *Eu* poderia e agiria da maneira de sempre, até que a revelação de hoje eventualmente encontrasse o seu caminho para o fundo do meu subconsciente.

Sim, era hora de começar a me convencer de que ele estava morto para sempre. Sem voltas ou aparições.

Abri a porta e entrei no apartamento de hóspedes, caminhando até as janelas, encurtando as persianas, destravando as travas das janelas e as abrindo. Elas ainda estavam em boas condições, mas duras de anos de desuso. Eu inalei o ar quente e espesso enquanto ele flutuava e pensei em ligar o ar condicionado.

Conforme eu despertava aquele lugar, um plano se formava em minha mente: primeiro, avaliaria quanta limpeza precisaria ser feita. Com minhas mãos nos quadris, examinei o minúsculo espaço da sala de estar. Era limpo e bem decorado, mas escassamente mobiliado. Fui até a pequena alcova que servia de cozinha. Comecei a abrir os armários e encontrei o básico — pratos, xícaras e talheres. Eu sabia que não limparia àquelas coisas e estava protelando o que realmente precisava ser feito.

Fui até o único quarto dali. A luz era fraca, mas eu não pude deixar de notar a pequena caixa de papelão em cima da cama. Fiquei olhando à caixa que, de repente, tinha se tornado do tamanho de uma montanha na minha cabeça. Eu disse a mim mesma que limpar a casa de hóspedes e a garagem seria uma grande tarefa física que exigiria muito suor e músculos.

Mas não seria uma tarefa tão grande assim. Não haveria necessidade de arrastar coisas para cima e para baixo nas escadas. Tudo se resumia àquela caixa. A caixa que estava naquela cama...

Aonde fizemos amor.

*Não embarque nas memórias, Ginny.*

Olhei para o quarto. A cama não tinha qualquer enxoval que a cobrisse. Duas mesinhas de cabeceira com lâmpadas combinando flanqueavam cada lado. Estava tudo desatualizado, como antiguidades, mas em boas condições. Elas poderiam ficar. O telescópio que eu dei a Grizz de presente estava em um canto mais distante que fingi não notar. Carter deveria usar esse espaço para quando ela e Bill tivessem amigos na cidade. Era hora de a garagem e a casa de hóspedes serem usadas novamente. Eu não estava mais seguindo as regras dele.

Lentamente, me aproximei da cama. Não fui eu quem empacotou suas coisas, anos atrás. Tinha sido Carter. Ela estava morando comigo na época e sugeriu que começássemos a retirar alguns de seus pertences. Resisti no início até que Grizz me disse para fazer isso. Balancei minha cabeça para cima e para baixo quando a compreensão surgiu. Claro. Carter provavelmente tinha entrado em contato com Grizz e disse a ele que eu não iria seguir em frente e então, *voilà!* Eu podia ouvir Grizz me dizendo para fazer

exatamente o que Carter sugeriu. Estúpida e ingênua. Cerrei meus punhos diante a memória.

Fiquei tão arrasada que não consegui me separar de suas coisas, então passei o dia longe de casa e pedi a Carter para fazer isso; sabia que ela teria doado as roupas e sapatos para instituições de caridade, o que significava que eu encontraria itens ainda mais pessoais dentro da caixa. Lembranças que ela, ou Grizz, pensavam que deveriam ser mantidas. Eu não poderia culpar *nenhum* dos dois pelo que poderia encontrar. Eu não queria fazer parte disso. Lembrei-me de ter incumbido Chicky de empacotar os pertences de Moe muitos anos antes. Claramente, eu sempre tive dificuldade em olhar para lembretes tangíveis de eventos dolorosos.

Mas não haveria como escapar deles, *hoje*.

Engoli o tijolo que estava começando a se formar na minha garganta e abri a caixa. O papelão, a princípio, resistiu, mas depois abriu facilmente. Eu olhei para seu interior e respirei o mais fundo que consegui, fazendo um esforço consciente para liberar minha respiração e inspirar novamente. Minhas mãos tremeram quando tirei o primeiro item.

Segurando com força, tive que afrouxar meu aperto para não o quebrar ao meio. Era um álbum recorde ainda envolto em uma capa de papelão imaculada. Era o álbum *My Barry White*.

Memórias ricochetearam em minha mente, insistentes e dolorosas, atacando meus sentidos. Eu podia sentir a água quente escorrendo enquanto minhas mãos endureciam na pequena pia da cozinha do motel, há tantos anos, e conseguia sentir o cheiro limpo e fresco do sabonete vindo da esponja que estava usando. Eu podia ver o coador artesanal de Chowder no corredor. Eu podia sentir o



beijo suave e delicado que Grizz deixou na minha têmpora. E, é claro, podia ouvir *Barry White*<sup>[1]</sup> cantando “*Never, Never Gonna Give Ya Up*” enquanto levava Grizz de volta ao quarto. Engoli em seco e me ouvi sussurrar em voz alta, como se falasse com ele:

— Você o guardou.

*Não, pare com isso, Ginny! Não faça isso consigo mesma.*

Eu coloquei o álbum de lado e peguei o próximo item. Primeiro, não consegui dizer o que era, mas imediatamente reconheci a suavidade de um bichinho de pelúcia. *Grizz teve um bicho de pelúcia?* A pergunta fez com que eu encarasse o pequeno brinquedo por um segundo; era um gorila diminuto, mas me transportou de volta a uma memória feliz.

Em um de nossos muitos encontros noturnos, Grizz me levou a um zoológico. O zelador, que devia um favor a ele, nos disse que tínhamos apenas duas horas a s s antes que os outros funcionários se apresentassem ao trabalho.

Havíamos vagado por várias partes do zoológico quando paramos na exposi o dos gorilas para ler os nomes e histórias de alguns dos primatas. Um se destacou. Aparentemente, o dorso de prata, ou líder alfa do grupo, era um grande gorila desagradável chamado Grizz. Eu o provoquei por meses após essa data. Quando estávamos saindo do zoológico, ele pulou uma grade para chegar a uma bela roseira, quebrando algumas, nem mesmo percebendo que os espinhos haviam tirado sangue de suas mãos.

Rapidamente, ele tirou a camiseta e embrulhou as rosas nela. Lembrei-me de segurar aquelas flores e cheir -las no carro durante o trajeto para casa. A memória estava tão fresca que era como se eu ainda pudesse sentir o aroma delas. Eu olhei para baixo, *agora*,

e percebi algo pendurado no pulso do brinquedo de pelúcia. Era um cartão com a foto de um gorila embalando um gatinho minúsculo no peito.

Cautelosamente, eu o apanhei e o abri, lendo o que estava perfeitamente impresso em seu interior:

*Feliz Aniversário. Eu te amo, amor.*

Estava assinado, é claro:

*Grizz.*

Eu estava segurando um presente de aniversário que ele nunca me deu porque foi preso. Meu peito se apertou inconscientemente. Havia algo mais escrito na parte inferior, mas era menor e difícil de ver na luz fraca do pequeno quarto. Eu apertei os olhos.

*Vou levá-lo ao nosso lugar especial esta noite. Por favor, use-os para mim.*

*Usar o quê?* Eu conhecia nosso lugar especial. Foi um pequeno mergulho nas docas chamadas Vincent's. *Mas o que eu deveria ter vestido?* Olhei de volta para o pequeno gorila e não poderia dizer se estava deixando passar alguma coisa. Então eu os notei. O gorila tinha um brinco de diamante em cada orelha. Quase não os notei por causa da espessura da pelúcia. Isso é o que ele queria que eu usasse no meu jantar de aniversário. Brincos de

diamante. *Oh, Grizz. Por que você faria isso comigo? Ou melhor, por que eu deixaria você fazer isso?*

Com a mão trêmula, coloquei o gorila no chão e limpei as lágrimas que estavam começando a se formar novamente. Sem olhar, alcancei a caixa e agarrei na primeira coisa que minha mão entrou em contato. Eu o puxei e olhei. Um estilingue. Não era do tipo comprado em loja. Esse parecia ter sido feito à mão, de madeira, proveniente de algum tipo de galho de árvore retorcido e um elástico resistente. Eu já tinha visto Grizz ensinar algumas crianças a usar corretamente um estilingue. Tommy havia me contado a história de como Grizz estava caçando esquilos no dia em que sua irmã morreu. Talvez ele tenha usado um estilingue naquele dia. *Isso tinha sido dele? Por que eu não vi isso antes?*

Gentilmente deitei o estilingue na cama ao lado do álbum e o bichinho de pelúcia. Mais um item estava no fundo da caixa e o reconheci imediatamente. Era uma pequena bolsa preta com um zíper no meio. Era familiar porque *eu* comprei para ele. Era um saco de barbear. Eu o presenteei com isso em um Natal e o abasteci com o necessário: sua colônia favorita — ou melhor, a *minha* favorita — que ele sempre usava, navalhas, creme de barbear, desodorante, tesouras e outros itens masculinos. Comecei a deslizar o zíper e então hesitei. E se a colônia dele estivesse ali? Eu não achava que conseguiria suportar a lembrança de seu aroma. Não naquele momento. *Não abra.*

Mas eu sabia que precisava. Sentei-me na cama e peguei a bolsa de couro gasta, abrindo-a para ver o único item que havia em seu interior, que *agora* parecia me encarar. Embora não me lembrasse do incidente, sabia exatamente o que estava vendo.

Era uma caixa de ataduras. Elas eram antigas e exibiam um logotipo desatualizado.

A caixa estava amassada, amarelada e gasta, mas era reconhecível.

Eram as ataduras que dei a Grizz em 1966.

# Capítulo 2

## Grizz, 1988 - Em alguma prisão do norte da Flórida

Já era quase duas horas da madrugada. Grizz caminhava de uma maneira segura e confiante pelos corredores mal iluminados da prisão, sem notar como o zelador e o atendente da lavanderia, também presos, evitavam contato visual.

Ele foi o único homem no corredor da morte que teve permissão para dar um passeio pela prisão de segurança máxima no meio da noite. Ele raramente aproveitava esse privilégio durante o dia, pois não gostava de chamar atenção para si mesmo. Mas à noite, precisava sair de sua cela, esticar as pernas e tentar se sentir minimamente normal.

No pouco tempo que esteve ali, Grizz descobriu que a biblioteca era seu refúgio. Ele geralmente a visitava entre onze e meia-noite, mas naquela noite estava tão absorto no livro que estava lendo que não percebeu a hora. Onze? Duas da manhã? Não importava. A sala ficava sempre vazia depois do expediente, e ele gostava de passar o tempo examinando as estantes de livros.

Grizz descobriu *recentemente* que amava ler. Merda, o que mais ele faria nesse lugar!? Blue estava cuidando das coisas do lado de fora e, geralmente, ligava para ele ou fazia uma viagem até ali para ficar cara a cara quando surgiam quaisquer questões importantes. Ele não tinha responsabilidades pendentes, então precisava de uma ocupação — que fosse ler, então.

A cada dia que passava, estava ficando cada vez mais difícil enviar mensagens para Blue sem ser notado. Mesmo com sua influência, Grizz não gostava de ser óbvio sobre algumas coisas. Comunicar-se com Blue era uma delas. Carter montaria sua associação de animais em breve, e ele usaria os cães para enviar mensagens a ela; e ela, por sua vez, faria com que fossem entregues anonimamente.

Carter era inteligente, e ele estava feliz por ter interferido em seu destino tantos anos atrás e ajudado com o homem que a perseguia. Ele tinha feito isso por Kit, sem perceber então o quão útil seria fazer isso.

Silenciosamente, Grizz entrou na biblioteca, mas no mesmo instante percebeu que não estava sozinho. Ele precisou ser deliberante e se escondeu atrás de uma prateleira, olhando entre os livros para ver o outro preso que estava sentado atrás de uma grande janela de vidro, no minúsculo escritório da biblioteca, e digitava em um computador.

Grizz podia ouvir o barulho das teclas enquanto a tela iluminava o rosto do homem, tal que resolveu olhar mais de perto e o reconheceu como um dos moleques do refeitório. Grizz não sabia seu nome.

Pretty<sup>[2]</sup>. Era assim que os outros presidiários chamavam o rapaz, e Grizz podia entender o porquê: ele tinha traços muito suaves e femininos, era alto e esguio, com um par de sobrancelhas que pareciam mais naturalmente arqueadas do que a maioria das mulheres. Sem contar que Pretty tinha muito pouco — se é que tinha algum — pelo facial, e sua cabeça cobria-se com cabelos

castanhos que cresciam nas pontas enquanto emolduravam seu rosto jovem.

Sim, ele era uma verdadeira beleza para os padrões da prisão.

Uma das tarefas de Pretty era ficar ao lado das latas de lixo para classificar e despejar os restos das bandejas depois que os internos terminassem a refeição e saíssem do refeitório. Ele nunca falou ou olhou *ninguém* nos olhos. Grizz se perguntou no que ele estava metido, e *agora* se perguntava o que Pretty estava fazendo na biblioteca no meio da noite. Grizz passou a mão sobre a cabeça lisa, lamentando os longos cachos que haviam sido raspados propositalmente e, em seguida, puxou a barba. Não importava a razão para o moleque estar ali. Depois dessa noite, ele pertenceria a Grizz.

Ele deixou a biblioteca tão silenciosamente quanto entrou e voltou para sua cela.

No dia seguinte, Grizz estava sentado no refeitório. Não era seu hábito comer com os presos em geral, mas ele o fez em algumas ocasiões pontuais. *Hoje*, ele aproveitou o tempo para sentar-se e observar.

Era sua prisão, seu território e ele gostava de assistir, ouvir, ser uma presença onipresente. Não demorou muito para se estabelecer como a nova autoridade reclusa da penitenciária. Grizz se sentou em uma mesa perto de Pretty, mas manteve-se de costas para o rapaz, ouvindo os comentários dos outros presos enquanto entregavam as bandejas a ele. Alguns conversavam entre si, outros não disseram *nada*, e havia aqueles que aproveitaram a oportunidade para insultar o jovem prisioneiro.

Grizz observou através de sua visão periférica quando a fila começou a se formar. Era hora de se fazer conhecido e ele queria uma plateia.

Propositalmente, ele foi para o final da fila e em quietude sagrada fez seu caminho à frente enquanto os outros homens se afastavam e o deixavam passar. Quando Grizz chegou à frente da fila, ele ouviu dois homens que não tinham notado sua abordagem falando com Pretty.

— Você ainda está cuidando daquela ratazana que você chama de Buddy? — Um deles, um cara corpulento de cabelos escuros, olhou de soslaio para Pretty.

Não houve resposta.

— *Awww*, Pretty fica constrangido de não ter amigos, Crazy. Ele é aquele cara bizarro naquele filme. Como se chamava? Aquele sobre uma criança que se apaixonou por um rato...

Houve algumas risadas e Crazy cruzou os braços.

— Ben. O filme se chamava Ben. Agora, me diga, você canta canções de ninar aos seus pequenos ratos amigos como a porra do Michael Jackson? — Ele deu um passo à frente. — Você pode cantar para mim quando eu te levar para o chuveiro, mais tarde?

O silêncio permaneceu no ar como resposta.

Grizz já tinha ouvido o suficiente.

— Saia do meu caminho, caralho — disse devagar e baixo, empurrando os dois presos para fora de seu caminho.

Ele jogou sua bandeja para Pretty e, propositalmente, levou seu tempo examinando o jovem da cabeça aos pés. Ele notou que o crachá em seu peito dizia "Petty". Então esse era seu sobrenome.



Grizz não teve dificuldade em entender como ele acabou se transformando em “Pretty”.

Com uma voz que deixou claro que não haveria desafios, Grizz disse para aqueles ao alcance de suas palavras:

— Ele é meu, agora. Só meu.

O rosto do rapaz ficou pálido.

Sem fazer contato visual com *nenhum* deles, Grizz voltou para sua cela.

# Capítulo 3

## Mimi, 1997 - Fort Lauderdale

Mimi sentou-se na cama, os travesseiros macios a protegendo da cabeceira rígida e firme.

— Feito! — exclamou em voz alta para si mesma.

Ela acabara de dar os retoques finais em um poema que escrevera ao seus pais. O aniversário deles estava chegando e era de seu interesse surpreendê-los, e não havia melhor maneira de fazê-lo do que com seu, recém descoberto, talento especial para a escrita, que ela acabou por amar.

Sua professora a encorajou depois que Mimi escreveu um ensaio que enfocou uma família pobre de imigrantes que superou dificuldades intransponíveis e encontrou uma nova vida nos Estados Unidos. A Sra. Horan ficou impressionada quando leu o nível de detalhes que Mimi entregou no ensaio, e ela a questionou sobre sua pesquisa para uma narrativa como aquela. Foi conversando com a Sra. Horan que Mimi percebeu que ela não apenas amava escrever sobre famílias, mas também se apaixonava durante a pesquisa, ao cavar o mais fundo possível para encontrar detalhes que alguém poderia ter perdido. Sua professora sugeriu que ela pensasse em aplicar-se para o curso de jornalismo.

— Você ainda é jovem e pode mudar de ideia, Mimi, mas quando você tem paixão por alguma coisa, isso transparece no seu trabalho — garantiu a professora. — Eu vejo essa paixão em você.

Mimi enfiou o poema para os pais na gaveta da mesinha de cabeceira, saiu da cama e se abaixou para tirar algo de debaixo do

colchão. Era seu diário secreto, outra coisa que ela poderia creditar à Sra. Horan.

No início do ano letivo, Mimi seguiu o conselho da professora e começou a escrever seus pensamentos e sonhos. Ela até tinha alguns contos em seu diário, resultados de devaneios, mas ainda era muito tímida para compartilhar suas palavras com sua família. Seu novo amor pela escrita era seu segredo. Ela iria apresentar o poema aos pais no aniversário de casamento deles e avaliar a reação que teriam.

Mimi amava e confiava em seus pais, e mesmo que eles a tenha encorajado de todas as maneiras possíveis, ela ainda não estava confiante o suficiente para compartilhar algo que considerava tão íntimo.

Distraidamente, a garota puxou o brinco em sua orelha delicada e sorriu enquanto tentava imaginar a resposta deles.

— *Mimi, não sabíamos que você tinha esse talento! Por que escondeu isso por tanto tempo?*

Ela sonhava acordada sobre como queria que fosse a reação de seus pais, porém, como não tinha certeza do que aconteceria, decidiu manter seu diário e seus sonhos, escrevendo apenas para si mesma. Pelo menos por enquanto.

A garota levou alguns minutos para escrever alguns pensamentos sobre como estava animada para apresentar o poema, mas outros afazeres roubavam-lhe o tempo, e como ela só teria a casa para si por mais uma hora, teve que trabalhar rápido e fazer cada segundo contar.

Mimi fechou o livro e o colocou de volta em seu esconderijo, entre o colchão e o estrado da cama, arrumou a colcha e foi até a

porta do quarto. Antes de abri-la, ela beijou o pôster do Titanic que estava pendurado na parte detrás.

— Quando eu for uma jornalista famosa, Leonardo DiCaprio, você estará me implorando para entrevistá-lo!

E com a inocência e a empolgação de uma criança de 12 anos, à beira de um futuro com possibilidades infinitas, Mimi foi para o quarto dos pais. Ela tinha algumas pesquisas a fazer.

\*\*\*

Dentro de seu quarto escuro, ela caçava. Onde estaria? Eles tinham que guardá-la em algum lugar, mas ela não parecia ter sorte alguma em encontrá-la conforme revirava o escritório do pai.

Ela ficou no centro do *closet* de sua mãe e examinou as prateleiras. Havia caixas em cada uma, mas estavam devidamente etiquetadas com seu conteúdo. Nem uma única caixa referia-se a documentos pessoais ou algo semelhante. *Pense, Mimi. Você quer ser uma jornalista investigativa. Investigue! A certidão de casamento é pessoal e é algo precioso. Onde você guardaria algo que valoriza? Talvez com outra coisa que você valorize?* Mimi permitiu que sua mente vagasse enquanto imaginava presentear seus pais com esse presente especial acrescido de seu poema.

Quando a garota notou um diploma universitário folheado a prata na parede da Sra. Horan, ela teve a ideia de fazer algo para seus pais. Sua professora ficou muito feliz em ajudá-la. Ela economizou sua mesada e dinheiro de babá por anos com o plano de gastá-lo em algo especial. *Agora* sabia no que seria. A Sra. Horan disse a ela que a placa personalizada seria cara e Mimi ficou

emocionada ao saber que ela tinha o suficiente para poder arcar com os custos. Mas havia um obstáculo; tinha que levar a certidão de casamento de seus pais à Sra. Horan, para que a professora pudesse mandar fazer a placa.

*Onde, onde, onde?* Ela saiu do *closet* e examinou lentamente o quarto principal. Seus olhos pousaram na mesa de cabeceira de sua mãe. Uma lâmpada, despertador, creme para as mãos e um livro. A Bíblia. O bem mais querido de sua mãe. Talvez estivesse dobrado no interior dela!

Mimi se sentou na beira do colchão enquanto carinhosamente corria a mão sobre a capa do livro sagrado. Sorriu quando viu as iniciais que estavam gravadas no canto inferior direito. G.L.D. Elas eram tão pequenas que mal se viam e eram difíceis de notar contra o couro marrom escuro, a menos que você estivesse procurando. Ela conhecia a história por trás dessa Bíblia. Seu pai contara a Mimi como presenteara à mãe em seu aniversário de dezesseis anos e como o responsável por gravar as iniciais havia cometido um erro. Deveria ser G.L.L., mas Ginny não deixou Tommy substituí-lo naquela época. Talvez soubesse que iria se casar com ele um dia. A garota abraçou a si mesma. Foi o destino.

Mimi sorriu ao se trazer de volta da memória romântica e suavemente folheou as finíssimas páginas da Bíblia. Dois cartões caíram, cada um contendo as Escrituras com a caligrafia de Ginny. Ela torceu para que eles não estivessem marcando *nenhum* lugar especial antes de caírem e os devolveu para onde achava que estavam.

Agitando os olhos, a garota notou a caligrafia elegante de sua mãe em algumas das margens das páginas que estava folheando.

Quase todas tinham uma notação. Ela voltou ao início e analisou as primeiras páginas. É onde você pode preencher suas informações pessoais. Casamentos, nascimentos, mortes. Ela sorriu ao ver onde os nomes dela e de Jason foram registrados, junto com o dia em que nasceram. Sua mãe também tinha anotações de quando eles fizeram a primeira comunhão e outras datas importantes.

Os nomes dos pais dela estavam escritos com a data do casamento e abaixo estava um versículo das Escrituras Sagradas. Era Mateus 11:25. Talvez fosse uma Escritura que alguém tivesse lido em seu casamento. Mimi tinha ido a eventos do tipo e sabia que as pessoas faziam isso o tempo todo. Um plano B começou a se formar em sua mente, para caso ela não conseguisse encontrar a certidão de casamento.

Talvez pudesse fazer algo com a Escritura. Certamente eles se lembrariam de uma que foi lida em seu casamento. Mimi rapidamente folheou para o Novo Testamento e, encontrando a página que estava procurando, leu as palavras em voz alta:

— Naquele tempo Jesus disse: 'Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque você escondeu coisas dos sábios e instruídos, e as revelou às crianças.

Mimi franziu o cenho, ergueu os olhos da Bíblia e ficou confusa. Que sentido ou ligação, no mundo, haveria entre o casamento dos pais e Jesus falando com Deus sobre o que Ele manteve escondido? O que o trecho poderia ter a ver com qualquer coisa? Não havia *nenhuma* referência ao casamento que ela entendesse, a menos que simplesmente não estivesse entendendo, de fato.

Ela releu a Escritura, lentamente, e dessa vez notou alguns números na margem ao lado dela. 23-07-15. Seus olhos iam e voltavam das Escrituras aos números. Os números à Escritura. As palavras. Uma palavra.

Escondido.

Mimi abriu um largo sorriso quando percebeu o que havia descoberto. Ela não podia ter certeza até colocar a ideia à prova, mas tinha certeza de que sabia o que estava olhando. Uma combinação de um cadeado. Ou, nesse caso — ela esperava — uma combinação para um cofre. Era essa a maneira de sua mãe de se lembrar da combinação do cofre, no escritório de seu pai, no andar de baixo?

A garota tinha ouvido sua mãe alegar muitas vezes que ela poderia ser facilmente esquecida. Porém, Mimi ouviu seu pai dizendo que a mãe propositalmente esqueceu de seu jantar de negócios porque ela, inconscientemente, não queria ir. Ele disse algo sobre como ela tinha um bloqueio mental a respeito de assuntos com os quais não queria lidar.

Sim, sua mãe reconhecidamente tinha uma memória ruim, e essa era sua maneira de se certificar de que não esqueceria a combinação segura. Escrever a referência das Escrituras em um lugar importante, como sua Bíblia, foi a tentativa de sua mãe de não deixar isso óbvio, mas Mimi sabia. Ela tinha um armário na escola e só poderia esperar que a trava do cofre de seu pai funcionasse da mesma maneira.

Mimi colocou o livro sagrado de volta na mesa de cabeceira e se certificou de que tudo parecia da mesma maneira como ela encontrou. Sim, decidiu Mimi. Ela seria uma excelente

investigadora. *Talvez eu não devesse ser jornalista. Eu provavelmente poderia ser um detetive ou um agente secreto do FBI ou algo assim.*

Ela galgou até a porta do quarto, com passos cada vez maiores. A garota ainda tinha algum tempo para ver se conseguia abrir o cofre, onde tinha certeza de que encontraria a certidão de casamento de seus pais.

E, provavelmente, por ser algo que não olhavam com frequência — talvez nunca — ela poderia devolvê-lo com segurança, sem que ninguém soubesse que havia sumido.



# Capítulo 4

## Tommy, 1976 - O Motel, Fort Lauderdale

— Você consegue. Está indo bem, Kit! — Grunt sorriu para ela do banco do passageiro. — Apenas não mantenha o pé na embreagem. Você não precisa pisar no freio para desacelerar. Não há outro carro por aqui. Tire o pé do acelerador e o carro irá desacelerar sozinho. E lembre-se, não use o pé esquerdo. Posso ver que você está tendo dificuldade com isso. Acredite em mim, com a prática você vai se acostumar e já está indo muito bem.

Ginny soltou um suspiro.

— Eu sei. Eu sei. Só... parece que este carro é tão poderoso. Não tenho certeza se posso dirigir algo que parece tão agressivo, Grunt. Claro, eu nunca dirigi, então não tenho *nada* para comparar, mas parece que ele poderia ter me dado algo que fizesse um pouco mais... do meu estilo. Talvez algo mais parecido com o carro da Moe.

Grunt olhou para ela. No brilho de seus olhos, queria dizer que ela tinha um estilo só dela, e ele não conseguia pensar em *nenhum* modelo — de carro, nesse caso — que ela pudesse se conformar. Ginny parecia muito séria com as mãos nas posições de dez e duas horas no volante.

— Você precisa relaxar — disse. — Parece muito tensa e desconfortável. Não há *ninguém* por perto. Aproveite o passeio.

Ela sorriu e arriscou um rápido olhar à direita.

— Será tão bom ser capaz de dirigir sozinha, Grunt. Mal posso esperar para pegar Sarah Jo e simplesmente ir ao shopping,

ao cinema ou à praia, ou até mesmo à biblioteca! Bem, não quero realmente ir ao shopping para fazer compras, sabe o quanto eu odeio isso, mas vai ser divertido sair!

Grunt sorriu de volta para ela, mas não havia sinceridade por trás disso. Ele pensou, a princípio, que ela iria evitar o presente de aniversário exagerado de Grizz. Ela não era do tipo que fica impressionada com carros rápidos e sofisticados, e Grunt estava certo sobre isso. Mas a garota não viu o novo e brilhante *carro esportivo* como um brinquedo a ser ostentado, para se sentir bem; ela o viu como um meio de retornar, ao menos em certos aspectos, a ter uma vida normal. Ter um tempo com uma amiga, fazer o que outras garotas da idade dela faziam. E ele *não* gostou disso nem um pouco.

Eles ficaram quietos enquanto o *ABBA*<sup>[3]</sup> fazia um *show* privativo para eles com “Dancing Queen”. Estava vindo de um sistema de som estéreo de última geração que rivalizava até mesmo com o de seu próprio carro.

— Espero que você não pense que esqueci seu aniversário, Kit — disse ele depois de alguns instantes. — Saí correndo e comprei algo para você assim que percebi que *isto*... — Grunt gesticulou com a mão pelo interior do carro — ...era um presente de aniversário. Levei algumas semanas porque estava personalizando, mas eu trouxe comigo e pensei que poderia dar a você durante o almoço.

Ele não estava sendo absolutamente verdadeiro. Claro, sabia quando era o aniversário dela, mas simplesmente não podia deixar que ela ou qualquer outra pessoa soubesse, então agia como se

tivesse descoberto isso pela primeira vez quando Grizz presenteou a garota com o carro.

Grunt se esticou para baixo com a mão esquerda e retirou algo detrás do assento dela. Kit olhou para o pacote cuidadosamente embrulhado que ele segurava na mão.

— Você me comprou um presente de aniversário? — Ela sorriu enquanto movia os olhos de volta para a estrada e, sem lhe dar tempo para responder, acrescentou: — Não posso acreditar que você me comprou um presente! Obrigada!

— Você nem sabe o que é e já está me agradecendo? — seu tom era leve, provocador.

— Não importa o que seja. Só o fato de você ter pensado em me dar algo e tê-lo embrulhado, ainda por cima, significa muito. — Depois, ela acrescentou timidamente: — Eu nunca abri um presente antes.

Ele sentiu uma pontada de dor no coração por ela. Grunt sabia exatamente como era aquela sensação, pois também nunca tinha aberto um presente antes. O homem rapidamente recuperou a compostura.

— Vá à direita, assim poderemos entrar na via 95. Que tal irmos à Miami para comer alguma comida cubana de verdade? Isso soa bem para o almoço?

Kit hesitou por um segundo e ele sabia o que ela estava pensando.

— Não se preocupe com Grizz, Kit. Eu disse a ele que passaria o dia te dando aulas de direção. Ele sabe que sou inteligente o suficiente para não te levar a lugares familiares. Estamos indo longe o suficiente ao sul. Vai ficar tudo bem.

Ela acenou com a cabeça e sorriu enquanto injetava mais gasolina no carro pisando no acelerador. Grunt podia notar que ela estava se sentindo um pouco avoada. Foi a sensação de liberdade que veio ao dirigir seu próprio carro, as curvas sinuosas e o ar soprando em seu rabo de cavalo? Ou foi a expectativa de abrir um presente? Não importava. Ele poderia dizer que a sensação se originou de uma profunda felicidade ou talvez apenas de um sentimento de pertencimento, e seu coração aqueceu-se em um calor aconchegante ao testemunhar isso.

Quarenta e cinco minutos depois, eles se encaravam na pequena mesa quadrada do — ainda menor — restaurante, que oferecia a mais autêntica culinária cubana de todo o sul da Flórida. Os aromas tentadores provocaram seus sentidos enquanto a brisa quente acariciava seus rostos pela janela aberta. Eles podiam ouvir o ruído do tráfego através da tela. Eles tinham acabado de pedir suas refeições e Grunt tentou não sorrir enquanto Ginny praticamente saltitava em sua cadeira. A garota estava animada com seu presente e isso fez seu coração inchar em satisfação.

Kit, ele se corrigiu. Ele teve que se controlar várias vezes, nos últimos meses, quando começou a chamá-la de Ginny e não de Kit. Ele não deveria saber o nome verdadeiro dela e odiava o apelido que Grizz deu. Ela não era Kit. Ela era e sempre seria Ginny. O homem mal conseguia esperar pelo dia em que poderia chamá-la por esse nome na sua frente. Um dia em que estariam livres do que ele próprio considerava um estilo de vida bárbaro.

Ele afastou os pensamentos e pegou o pacote ao lado dele.

— Acho que você está pronta para abrir isso. — Grunt sorriu, entregando o presente.

Kit o pegou e segurou, olhando para o embrulho com uma expressão que ele não conseguia ler.

— Feliz aniversário, Kit. Espero que você goste.

A garota desviou o olhar para o dele, incitando-a a tentar decifrar a expressão em seu rosto. Ela estava ficando vermelha. Ela ficou envergonhada?

— Abra!

Ela permaneceu sem *nada* dizer, apenas olhando para ele, depois para o pacote e de volta para ele. Kit estava hesitante e Grunt rapidamente percebeu o porquê. Ela estava saboreando o momento. Tudo bem, ele podia permitir isso, tal que se absteve de qualquer comentário por quase um minuto inteiro.

— Realmente pode abri-lo, Kit — disse ele finalmente. — Eu prometo a você, não será o último que você abrirá. — Então sorriu para ela, um sorriso sincero e genuíno que veio do coração.

Ele queria dar o mundo àquela mulher. E um dia o faria.

Enquanto a garota desfazia cuidadosamente a fita em cada extremidade, seguindo para o centro do nó, ele a observava. Ela fez o possível para não rasgar o próprio papel de embrulho. Depois de remover suavemente o presente, apenas olhou para ele, as lágrimas brotando de seus olhos.

— Você não deveria, Grunt, mas... estou tão feliz que me deu isso! — sua voz era um sussurro. — É lindo e vou guardá-lo para sempre.

Ela acariciou amorosamente a capa de couro escuro. Segurando-o com força contra o peito, Kit olhou para ele com os olhos castanhos mais bonitos que ele já tinha visto.

A respiração de Grunt ficou presa em sua garganta quando a imaginou olhando para ele daquele jeito por um motivo inteiramente diferente, fitando-o com olhos que o estimavam tanto quanto ela apreciava seu presente. Ele limpou a garganta com um pigarrear e acrescentou em uma voz grave de emoção:

— Há algo mais. Se você olhar de perto, no canto inferior direito, eu tenho suas iniciais gravadas em relevo. Eu que os fiz, pequenos o suficiente para que não fossem perceptíveis, a menos que você estivesse procurando por eles.

Grunt viu a pergunta surgir nos olhos dela com um imediatismo já esperado.

— Não foi difícil descobrir seu nome verdadeiro, Kit. Eu não sou estúpido e Sarah Jo reconheceu você como a garota de sua escola rival que “supostamente” fugiu. Mas... — acrescentou rapidamente —, eles se atrapalharam nas impressões.

Ela olhou para a Bíblia e apertou os olhos para ver as letras.

— G.L.D — disse calmamente.

— Eu posso mandar de volta à gráfica e pegar outra para você. Eu só não queria esperar tanto tempo a ponto de você pensar que eu esqueci, então arrisquei presenteá-la agora.

Ele estendeu a mão sobre a mesa como se fosse pegar a Bíblia, porém Kit a puxou para fora de seu alcance e a segurou contra o peito novamente.

— Quero ficar com esta edição — disse ela.

Grunt deu um suspiro de alívio. Ótimo. Ele queria que ela ficasse com aquela. A gráfica não cometeu um erro ao gravar “Bíblia” em relevo. Sempre foi sua secreta intenção de que o couro tivesse as iniciais que representariam o nome dela no futuro.

Guinevere Love Dillon.

Ele até os imaginou rindo da feliz coincidência depois de terem um casamento feliz por anos. Uma sensação de alívio o encobriu.

— Além disso — acrescentou a garota com um grande sorriso — não é o exterior do livro que realmente significa algo.

Grunt encarou-a com uma sobrancelha erguida.

— É o interior o que realmente importa. Assim como as pessoas, não acha? É a beleza que temos por dentro que mais vale.

# Capítulo 5

## Carter, 1981 - Fort Lauderdale

— Ann Marie! Ann Marie, espere! — gritou Carter conforme ela corria na direção da amiga.

Ann Marie O'Connell continuou a caminhar pelo corredor da Cole University. Ela saiu pelas largas portas e se dirigiu ao estacionamento, perdida em pensamentos sobre a aula que tinha acabado de ter. Era Introdução à Psicologia. Ela achou a aula interessante, mas, para ser honesta consigo mesma, não gostou muito, especialmente da parte sobre rotular e atribuir tipos de personalidade às pessoas.

Isso a fez se contorcer, e a garota não sabia por quê. Se não fosse necessário para sua graduação, ela abandonaria essa aula em um piscar de olhos.

— Puxa, você deve estar com tampões de ouvido! — ela ouviu a voz por cima do ombro e percebeu que seu novo amigo, Carter, tinha vindo atrás dela.

Ela sorriu para ele enquanto o deixava alcançá-la e eles caminhavam em direção aos carros. Droga, ela ainda não estava acostumada com seu apelido “Ann Marie”. Entre Guinevere, Gwinny, Ginny, Kit e *agora* Ann Marie, ela quase enlouqueceu de confusão. Mas talvez fosse essa uma das intenções de Grizz com os nomes dentro das gangues. Confusão. Ela podia entender um pouco disso, mas, verdade seja dita: ela realmente não se importava muito, de qualquer maneira.



Na verdade, até teria voltado a ser Priscilla Celery, o nome bobo de seu primeiro RG falso, se isso significasse que poderia ir à faculdade. Graças a Deus ela não precisou disso e já estava, *agora*, em seu segundo semestre na Cole, prosperando! Ela amava a faculdade.

— Você tem planos para o fim de semana? — Carter perguntou. Antes que pudesse responder, ela já estava acrescentando: — Achei que você gostaria de vir para minha casa e estudar. Temos um grande teste chegando e sua ajuda seria certamente muito bem-vinda. Esta não é exatamente minha matéria favorita para se ter uma prova. É interessante o suficiente para não dormirmos, mas não é para mim.

Ginny — Ann Marie — olhou hesitante para Carter. Essa não era a primeira vez que foi convidada para ir até sua casa e ela odiava recusar novamente, ainda que tivesse um milhão de desculpas para explicar por que elas nunca poderiam ficar juntas durante o fim de semana ou à noite. Ela estava sempre disponível para almoçar depois da faculdade ou até mesmo se encontrar na biblioteca para estudar com Carter e sua outra amiga, Casey, mas tinha o cuidado de nunca se socializar além do campus e, definitivamente, nunca em um fim de semana.

Estudar na casa de Carter, de alguma forma, parecia muito íntimo. Ela sempre estava preocupada em baixar a guarda e acabar deslizando sobre seu passado. Ginny não queria chamar atenção indesejada para si mesma.

Ela olhou para a expressão esperançosa de Carter e foi como se nenhum desses pensamentos tivessem permeado sua mente. A garota decidiu que, sim, aceitaria esse convite. Ela não achou que

Grizz se importaria e tinha certeza de que, depois de mencionar Carter e Casey algumas vezes, Grizz provavelmente já as tinha investigado. E, se por algum milagre ainda não o tivesse feito, com certeza o faria depois de ouvir que ela aceitou o convite de estudo.

Era bom ter uma amiga, para variar. Sarah Jo ainda estava frequentando a escola no interior do estado e Ginny queria ter uma companhia. Precisava disso.

Duas noites depois, a garota se viu sentada no pequeno apartamento de Carter. A casa modesta parecia um pequeno zoológico. Naquele apartamento de um único quarto, três gatos, dois cachorros e diversos pássaros, ratos-do-deserto, hamsters e outras criaturas pequenas viviam. Ela teve que competir com os sons dos pássaros cantando em suas gaiolas para ser ouvida.

— Então, antes de começarmos me diga, por que aquele cara gostosão com quem eu vi você... qual é o nome dele mesmo?... Sam? Enfim, por que ele te chama de Kit? — perguntou Carter enquanto entregava a Ginny um copo de refrigerante.

— Sim, o nome dele é Sam. — Ela se mexeu desconfortavelmente na cadeira.

Talvez não tenha sido uma boa ideia. Tinha de mudar de assunto.

— Agora você. Diga-me como veio parar aqui e sobre tudo isso. — Ela gesticulou ao redor da sala. Nesse momento, um gato laranja pulou em seu colo e se aninhou nele. Ginny olhou para baixo e sorriu, depois voltou-se à amiga. — Eu te conheço há alguns meses, mas eu realmente não sei muito sobre você. Quer dizer, sei que você estuda na Cole e trabalha no supermercado, mas o... que mais? Diga-me algo que eu não sei.

Carter deu uma risadinha.

— Claro, contanto que você prometa me apresentar a Sam. Ele é tão bonito!

Ginny se recostou, ouviu e percebeu que havia mais em sua nova amiga do que ela jamais poderia ter imaginado. Carter Coulter nascera com uma colher de prata na boca. Uma filha de riqueza e privilégio que havia crescido em uma verdadeira mansão em Cape Cod, onde descobriu, ainda quando muito jovem, que não poderia viver de acordo com o que seus pais ricos esperavam dela, então, enquanto sua irmã e seu irmão estavam tendo aulas clássicas de piano, língua estrangeira e como aprender a velejar, Carter podia ser encontrada na cozinha com os criados ou nas cavalariças com seus amigos equinos.

— Percebi desde cedo que *não* queria ter nada a ver com esse estilo de vida. — Carter deu de ombros e tomou um gole de sua bebida. — Não consigo explicar, Ann Marie. É como se eu tivesse nascido na família errada. Enquanto minha irmã e meu irmão prosperavam com as coisas que esse tipo de estilo de vida proporcionam e espera de nós, eu evitava isso em todas as oportunidades. Minha mãe era uma *socialite* e eu era um fardo aos seus olhos. — Um leve expirar e seus ombros caíram. — Ela queria filhos que pudesse desfilarem diante de seus amigos esnobes. É como se estivéssemos competindo uns com os outros, e a criança com mais habilidades compradas em lojas de grife venceria. Éramos troféus, ignorados a menos que fosse hora da exibição. Eu mal conhecia meus pais. Ainda não os conheço e nem me importo. Estou sozinha desde antes de me formar no ensino médio.

— Você desistiu de tudo? Sua família, amor, segurança... tudo para fazer suas próprias coisas? — A boca de Ginny pairou aberta enquanto ela olhava ao redor do apartamento pequeno, mas limpo.

Carter bufou.

— Segurança financeira, talvez. Amo? Não, pois eu não tinha isso dentro de casa. Como eu disse, mal conhecia meus pais. Fui criada por babás e quando minha mãe percebeu que as despedir, porque elas não podiam me controlar, não funcionava — eu sempre iria fazer o que eu queria, de qualquer maneira - ela simplesmente desistiu.

“Então... quando fui expulsa pela enésima da prestigiosa escola preparatória por criar uma família de ratos na cozinha da cantina...” Carter deu a Ginny um largo sorriso. “Digamos que minha mãe apenas se cansou de mim e de tudo o que eu representava, então disse ao meu pai para cuidar de mim. Ele só conhecia uma maneira de me 'disciplinar’”.

Carter usou as mãos para fazer a citação, então continuou depois de um gole de refrigerante:

— Ele disse que se eu não me formasse na Escola de Esnobes Arrogantes para os Superprivilegiados de Baixa Consciência Academia, ele me cortaria da família. De vez. O que ele fez, de fato, e é por isso que estou aqui. Peguei o pouco dinheiro que tinha para mim, fui para a Flórida, consegui meu GED e me matriculei no Cole. Você já sabe que eu trabalho em tempo integral, no armazém, vou à escola quase o tempo inteiro, e cada minuto que tenho eu uso para voltar aqui e cuidar dos meus animais. Eles são minha família e são tudo de que preciso. — Carter fez uma pausa

antes de adicionar melancolicamente: — Mas... pensando no passado, sinto falta dos meus cavalos.

— Então não sente falta da sua família? — Ginny olhou para ela.

Carter sorriu.

— Eu nasci na família errada. Não havia *nada* a perder, Ann Marie.

Ginny deu um gole em seu refrigerante e decidiu que estava certa sobre Carter, e certa de ter ido até ali. Ela queria tanto confiar em uma nova amiga, mas teve dificuldade em deixar Carter ser afetuosa com ela.

A garota ainda estava tão cautelosa com suas próprias raízes...

Ouvir sobre alguém que tinha quase exatamente a mesma origem, com exceção de todo aquele dinheiro, deu-lhe esperança. Ela não estava totalmente sozinha. Ambas vieram de casas onde não eram desejadas, foram usadas por motivos ocultos e verdadeiramente ignoradas. Ginny tinha sido usada por Delia para manter sua casa funcionando. Os pais de Carter tentaram usá-la fazendo dela um enfeite de *show* para seus amigos ricos. Era diferente, mas a mesma coisa, em certo sentido. Ela não conseguia explicar, porém, de repente sentiu-se quase que parecida com Carter.

— Eu nunca conheci uma garota chamada Carter. — As sobrancelhas de Ginny uniram-se ao pontuar aquilo. — Na verdade, também nunca conheci um cara chamado Carter.

A amiga fez uma careta.

— Tenho que agradecer aos meus pais por isso. O nome Carter te lembra alguma coisa?

Ginny parecia imersa em seus pensamentos, por uma fração de segundos, até que balançou a cabeça.

— Não. Quero dizer, esse é o nome do nosso presidente, mas além dele... — Seus olhos se arregalaram quando Carter acenou com a cabeça para ela.

— Digamos que meus pais são muito politicamente engajados. — Carter revirou os olhos. — Eles são amigos há muito tempo, e quem poderia imaginar que um dos amigos de infância do meu pai acabaria na Casa Branca?

— Uau! — Foi tudo o que Ginny conseguiu pensar em dizer.

— Então, é a sua vez — reiterou Carter, puxando a garota de volta de seus pensamentos. — Comece com Sam. Você vai me apresentar ele? Por que ele te chama de Kit?

Carter ergueu as sobrancelhas, curiosa, e Ginny sorriu.

— Com certeza, vou te apresentar a Sam. Ele é fofo, não é?

— Não, ele não é fofo. Ele é adorável. Covinhas e tudo. E pare de evitar a pergunta. Por que “Kit”?

— *Oh*, isso é apenas um apelido — respondeu o mais casual que pôde. — Meu marido me chama de Kit. Você sabe, é a abreviação de Kitten.

Ela corou.

— Eu gosto disso. Você não se parece com uma Ann Marie. — Carter se recostou na cadeira, rindo. — Então, quando posso conhecer seu marido? Você não me parece o tipo de moça que sonhava em casar. Acho que aquela tatuagem em seu dedo, que

nunca consegui ler porque não cheguei perto o suficiente, é sua aliança de casamento. Estou certa?

Como um instinto preventivo, Ginny escondeu sua mão esquerda embaixo do gato em seu colo.

— Meu marido não é realmente do tipo social. Ele é um pouco mais velho que eu e, por causa disso, temos dificuldade em socializar. É difícil encontrar amigos ou casais em nossa faixa etária que gostem das mesmas coisas que nós. Você sabe o que eu quero dizer?

Carter sorriu gentilmente para sua nova amiga. Ela conseguia perceber que Ann Marie estava lutando internamente com alguma coisa. Carter não queria parecer intrometida, mas sentia-se tão animada por ter feito outra amiga, uma com que ela podia sentir que era uma verdadeira amizade, como as que contam nos filmes, tal que estava um pouco zelosa demais em seus questionamentos.

Ela queria que Ann Marie confiasse nela. E, mais importante do que isso, Carter queria que isso acontecesse pelos motivos certos. Ela tinha crescido em torno de tantas pessoas falsas, então desejava amigos com quem pudesse se conectar genuinamente.

A garota tornou seu objetivo ter de descobrir uma maneira de fazer com que Ann Marie soubesse que ela estava sinceramente interessada em sua vida, que não havia necessidade de fingir. Ann Marie poderia confiar nela por qualquer que fosse o segredo que não tivesse coragem de compartilhar.

— Então, Kit. — Carter sorriu e lançou a ela um olhar nivelado. — Alguém já disse que você é uma péssima mentirosa?

# Capítulo 6

## **Grizz, 1988 - Em alguma prisão no norte da Flórida**

Depois de pedir discretamente a um dos guardas com nome em sua folha de pagamento, Grizz descobriu que o jovem prisioneiro, cujo nome era William Petty, tinha recebido privilégios especiais de outro guarda que teve pena dele, especialmente após a gravura em seu uniforme ter saído incompleta, com apenas as quatro primeiras letras de seu sobrenome, e os homens começaram a chamá-lo de Pretty.

O guarda permitia ao rapaz algumas noites por semana para visitar a biblioteca depois do expediente. Foi realmente o único momento que o jovem prisioneiro teve para si mesmo.

Menos de um dia depois, um bilhete foi entregue a William. Dizia simplesmente:

*“Biblioteca, esta noite. Meia-noite. Não me faça esperar.”*

Eram 23h30 quando Grizz entrou na biblioteca e percebeu que William já estava lá. Assim como na primeira noite em que o notou, o rosto de William foi iluminado pela tela do computador. Seus olhos estavam arregalados de medo enquanto ele olhava para o que quer que a tela exibisse.

Despercebido, Grizz fez o seu caminho até a porta aberta do pequeno escritório da biblioteca. Ele casualmente encostou-se nela e satisfez-se em observar. Quando Petty sentiu sua presença, parou



de digitar e se virou lentamente para o homem grande que se erguia atrás dele. Ele estava tremendo embaraçosamente.

Grizz fitou além dele, na direção da tela do computador. Para sua surpresa, era seu próprio rosto que o encarava de volta. Petty estava olhando para sua foto policial. O homem não disse *nada*, apenas olhou para o jovem, que *agora* estudava atentamente um ponto na parede.

Ainda assim, foi ele quem falou primeiro:

— Eu sei quem você é. Todo mundo te conhece.

As sobrancelhas de Grizz subiram em arcos.

— Então, por que você estava me procurando no computador? — perguntou em voz baixa.

Ainda sem fazer contato visual, o jovem respondeu:

— Só queria ver o quanto era verdade. — Após uma breve pausa, ele perguntou com a voz trêmula pelo medo: — O que... o que... o que você quer? O que você quer comigo?

Grizz tirou sua camiseta puxando-a pela gola e a jogou de lado, seus olhos nunca deixando o rosto de William. O jovem pegou a camisa e, fechando apavorado em reconhecimento ao que estava por vir, colocou-a sobre a mesa.

O rapaz tremeu quando ouviu o som inconfundível de um zíper sendo abaixado. Camiseta e jeans na prisão. Ele sabia que esse cara era importante, e apenas o fato de que Grizz estava na biblioteca no meio da noite usando a roupa que queria lhe dizia de forma perfeitamente clara que não deveria tentar lutar contra o que estava por vir.

Ele tinha lido sua ficha criminal. Ele sabia que Grizz sequestrou uma adolescente e pensou que o havia escolhido,

*agora*, porque que gostava de suas transas com jovens. A maioria dos presos gostava, pensou, enquanto silenciosamente se resignava ao que estava para acontecer.

William abriu os olhos por um momento e se engasgou com a própria apreensão ao ter um vislumbre do tamanho do pênis do homem. Não tinha como... de jeito nenhum... esse cara iria rasgá-lo ao meio!

Grizz colocou o garoto de pé. William decidiu que era hora de se perder dentro de sua própria cabeça. Para bloquear o que ele sabia que estava por vir. Rezar para que não sobrasse uma bagunça para limpar e, se houvesse, que ao menos não estivesse muito incapacitado para fazê-lo.

Ele respirou fundo e decidiu que talvez estivesse errado em orar por essas coisas. Talvez fosse melhor orar apenas por uma morte rápida.

# Capítulo 7

## Ginny, 2000 - Fort Lauderdale

### *Após a execução de Grizz*

Eu removi o par de brincos de diamante do gorila de pelúcia e cuidadosamente os coloquei dentro do bolso direito de minhas jeans. Eu nunca os usaria, mas talvez pudesse dá-los a Mimi um dia. Não exigia uma decisão imediata.

Pensar em Mimi trouxe à mente Perry, o terapeuta que Tommy e eu estávamos vendo. Sabíamos que precisávamos dizer a Mimi que Tommy não era seu pai biológico, alguma hora, sem mencionar a urgência de descobrirmos o que dizer caso ela quisesse saber quem ele era. Perry estava nos guiando por isso, e estávamos fazendo alguns avanços positivos durante nossas sessões. Mas, embora uma parte de mim achasse que seria bom consultar um especialista, ainda tinha minhas reservas quanto a se precisaríamos de alguém para nos aconselhar.

Fazia apenas algumas semanas, mas Tommy estava criando alguns laços próprios com Mimi, recentemente, o que parecia estar ajudando a ambos. Quando ela era mais jovem, eles costumavam sair como papai e filha, na segunda terça-feira de cada mês. Tommy levava Mimi para sair, apenas os dois, e eles faziam o que ela quisesse. Eu tenho que dar crédito a ele — ele viu o interior de mais rinques de patinação, cinemas e lojas de roupas para meninas do que a maioria dos pais fazia. E, é claro, ele sempre deixava que ela escolhesse seu restaurante favorito para o jantar. Acho que Tommy

comeu *fast-food* o suficiente ao longo dos anos para nunca mais ter vontade deles.

Porém, alguns anos atrás, ela começou a dar desculpas para não ir.

Nós atribuímos isso aos temidos anos da adolescência; não tenho certeza se ela, de repente, achou constrangedor ser vista saindo com seu pai ou se era o mesmo afastamento que eu sentia dela. Seja qual for o motivo, isso não importava, *agora*. Tommy insistiu que eles passassem um tempo juntos e ficamos aliviados por ela estar disposta. *Agora*, quando eu perguntei a ele como seu “encontro” tinha acabado, ele me disse que eles estavam se conhecendo novamente.

Tommy estava tentando construir confiança para o que precisávamos dizer a ela.

No fim, eu só podia rezar para que isso não fosse quebrado quando finalmente chegasse a hora de revelar a verdade.

Fechando a porta da casa de hóspedes, descii os degraus e vi Carter na lateral da casa principal mexendo na mangueira, enrolando os segundos que se arrastavam. Ela a deixou de lado e me abordou, seu sorriso desaparecendo quando se aproximou o suficiente para perceber uma mudança em minha postura. Aproximei-me dela rigidamente, a determinação em meus olhos era óbvia.

Estava tão determinada, na verdade, que a encontrei no meio do caminho e disse calmamente:

— Vou ligar para o jornal para publicar um anúncio de vendas de carros e motos. Provavelmente aparecerão algumas pessoas

interessadas. Se eu não puder ir encontrá-las, você se importaria de fazer isso?

— Claro, eu não me importo, Gin. — Ela distraidamente afastou o cabelo do rosto e olhou para mim. — Estou aqui a maior parte do tempo.

Eu ergui meu queixo no ar, respirando fundo.

— Ouça, acho que é hora de você começar a usar a casa de hóspedes novamente. Eu sei que você sempre tem seus amigos ativistas indo e vindo, e às vezes você limita os convites porque não pode acomodar todos eles. Então, fique à vontade para começar a usar a garagem e a pousada, ok?

— Sim, claro. Isso é ótimo. Obrigada por isso — sua voz estava baixa e ela hesitou. — Você está bem, Gin? Quer dizer, a Bíblia, a carta de Delia, sabendo que ele é... Acho que foi uma manhã difícil, para você.

Não respondi, apenas a encarei por segundos tortuosos e lancinantes, e só olhei para baixo quando percebi o que estava segurando, então praticamente empurrei a pequena caixa de papelão para ela.

— E outra coisa... eu preciso de um favor. Você pode garantir que isso vá embora com o lixo de amanhã? Não há *nada* aí que eu precise ou queira. Apanho minha Bíblia na próxima vez que te ver.

Sem lhe dar tempo para responder, fui direto ao meu carro. Eu dirigi sem dar a Carter ou minha antiga casa um último olhar, o tempo todo tentando me convencer de que qualquer sentimento que eu ainda pudesse ter por Grizz seria jogado no lixo, junto com aquela caixa de lembranças.

\*\*\*

Voltei para casa antes do que esperava e não sabia o que fazer. Pela primeira vez em muito tempo, me senti apática, sem propósito. Talvez tenha sido porque coloquei a maioria das minhas atividades em espera enquanto estávamos colocando nossas vidas em ordem após a execução de Grizz. *Hmpf. Execução.*

Eu poderia dar uma olhada nos livros de alguns dos meus novos clientes de contabilidade. Ainda que estivesse absorta em tantos sentimentos e estresse, talvez eu pudesse focar em verificá-los, e depois verificar novamente. Adoro trabalhar com os números. Eles me acalmam, mas não *hoje*. Eu não estava com vontade.

Então, talvez... trabalhar na minha lição da escola dominical? Preparar as aulas das crianças sempre me trouxe calma e paz, especialmente quando estava chateada com alguma coisa. Não que eu estivesse chateada. Eu estava tão organizada que agendei mais tempo do que o necessário para limpar a garagem e a casa de hóspedes, como isso não demorou muito, eu tinha algum tempo livre em minhas mãos. Mas o que fazer?

Eu andei pela casa. Poderia ligar para Sarah Jo para ver se ela estava pronta para um almoço rápido, mas algo me impediu. Toda vez que eu tentei me encontrar com Sarah Jo, nas últimas semanas, ela estava “amarrada” tentando organizar sua mudança.

Troquei a areia do gatinho, tirei a louça da lava-louças, limpei a geladeira e varri a cozinha e o pátio dos fundos. Eu estava guardando a vassoura e a pá de lixo quando olhei para o relógio no fogão da cozinha e percebi que ainda não era hora do almoço. Eu poderia surpreender Tommy no escritório e levá-lo para almoçar. Ou

eu poderia surpreendê-lo com outra coisa. Algo muito especial. Sim, era isso.

Subi as escadas para tomar um banho rápido e me trocar. Eu só podia esperar que ele não tivesse feito seus próprios planos. Claro, eu sabia que, no instante em que me visse, ele saberia exatamente o que eu tinha em mente e cancelaria imediatamente quaisquer planos que pudesse ter.

Menos de uma hora depois, atravessei as portas da Dillon & Davis Architects. Eileen não estava em sua mesa, então ela já devia ter saído para almoçar. Perfeito. Isso é o que eu esperava. Eu tinha visto o carro de Tommy no estacionamento, mas a porta do escritório dele estava fechada, então eu sabia que ele poderia estar lá com algum cliente. Estava me aproximando de sua porta para dar dois toques e revelar que estava ali quando ouvi um assobio longo e baixo.

— Caramba, parece que meu homem, Tom, vai ter sorte esta tarde! O que você está fazendo aqui, Gin? Não está um pouco quente para meia calça e sapatos de salto alto?

Reconheci a voz imediatamente e sorri quando me virei para ver Alec Davis, o parceiro de Tommy. Antes que eu pudesse responder, o telefone da mesa de Eileen tocou e Alec estendeu a mão para ela, murmurando:

— Com licença.

Alec era um cara legal. Um bom homem. Fomos amigos de Alec e sua esposa, Paulina, por alguns anos. Honestamente, nunca gostei dela. Havia algo um pouco estranho sobre ela que eu nunca consegui entender. Por mais que tudo tenha sido agradável quando tivemos um raro jantar de negócios, sempre parecia que quando

tentávamos nos socializar fora do trabalho, ela tinha alguma desculpa. Havia muitos casos em que Alec aparecia com seus dois filhos pequenos para um churrasco ou outra atividade que Paulina havia escapado no último minuto.

Eu me perguntei, em mais de uma ocasião, se havia algo errado entre eles. Por todas as aparências externas, Alec e a esposa pareciam o casal perfeito. Ele era extremamente bonito, bem-sucedido, carismático e, segundo todos os relatos, um ótimo marido e pai, dono de olhos castanhos claros, cabelo castanho escuro, longo o suficiente para cobrir a parte de trás do colarinho de sua camisa, e uma covinha proeminente na bochecha esquerda.

Além disso, ainda por cima era alto, mais ou menos da altura de Tommy, e magro, mas não *muito* magro. Eu sabia que ele praticava corrida — não *jogging*, como eu, mas um corredor de verdade. Alec também devia ter passado algum tempo com pesos na academia, pois a definição de seu corpo tornou-se óbvia a primeira vez que o vi na praia. As tatuagens subindo e descendo em ambos os braços e cobrindo seu peito me surpreenderam; elas faziam pouco esforço para esconder o fato de que ele tinha um abdômen incrível e bíceps musculosos, firmes. Eu não esperava aquilo por baixo do traje formal de trabalho que sempre o vi usar. Na verdade, não tinha babado por alguém tão bonito quanto ele desde a primeira vez que coloquei os olhos em Anthony Bear, há tantos anos.

Já os tons de Paulina contrastavam fortemente com os de Alec. Ela tinha olhos castanhos escuros e cabelos claros. Sua pele alva apenas destacava o chocolate profundo de seus olhos, e ela mantinha seu cabelo naturalmente cacheado, curto, para que



emoldurasse seu rosto perfeitamente oval. Ela tinha um corpo que a maioria das mulheres invejaria, especialmente depois de ter dois filhos, um sorriso lindo e amplo, brilhante, moldado por lábios naturalmente carnudos. Infelizmente, seu sorriso nunca pareceu alcançar seus olhos.

Sentei-me na cadeira vazia ao lado da mesa de Eileen e me lembrei de uma conversa daquela primeira viagem em família à praia. Eu estava relaxando na cadeira de praia, sozinha, vendo Tommy e Alec criando um alvoroço divertido na água, entretendo meu Jason e os dois filhos de Alec. Mimi não estava conosco. Paulina notou uma amiga alguns guarda-sóis abaixo e foi dizer olá. Alec deixou Tommy na água com as três crianças e se aproximou de mim com um sorriso.

— Essas crianças estão me cansando. Não sei onde seu marido encontra energia. — Ele pegou uma toalha e parou ao meu lado, se secando antes de olhar para Paulina. Ambos vimos que ela e a amiga estavam dando um passeio na praia, longe de nós.

O calção de banho de Alec estava carregado com o peso da água e escorregou abaixo de sua cintura. Eu comecei a desviar o olhar quando notei cicatrizes de aparência estranha em seu quadril direito. Ele percebeu meu desconforto e respondeu à minha pergunta silenciosa:

— Ferimento de bala. — Havia naturalidade em seu tom, como se fosse recorrente perguntar a respeito. Ele deve ter lido a expressão surpresa em meu rosto, porque acrescentou rapidamente: — Não se preocupe. Eu não roubei um banco e entrei em um tiroteio ou algo parecido. Não posso nem reivindicar ser um herói de guerra e ferido no cumprimento do dever. Não. — Um

sorriso bobo surgiu em seu rosto. — Meu irmão e eu encontramos a espingarda do meu avô no celeiro da família quando eu tinha cerca de dez anos. Tive sorte de não ter realmente arrancado minha cabeça.

— Pareceram ferimentos sérios. — Sentei-me e tirei meus óculos de sol para olhar mais de perto. — Parece que há um monte de pequenas cicatrizes ao redor.

— Estilhaços da explosão. — Ele secou o cabelo com uma toalha. — Ainda me incomoda, às vezes. Mesmo depois de todos esses anos.

— Eu tive um amigo que foi baleado, uma vez. A bala passou de raspão por sua caixa torácica e acabou alojada na lateral do peito. Lembro-me dele, quando de bom humor, mencionando que isso o incomodava. — Eu estava me referindo à época em que Grizz foi baleado. Estávamos morando no motel, até então, e ele voltou para casa com uma bala na lateral do corpo.

Isso foi cerca de seis meses antes de ele levar pontos na cabeça por bater em um dos vasos que pendurei do lado de fora da nossa porta. Sim, eu estava familiarizada com feridas graves e tinha visto Grizz costurado em muitas ocasiões, embora não tivesse dito *nada* disso a Alec.

— Não é incomum. — Alec comentou casualmente enquanto se inclinava sobre o *cooler* para pegar uma bebida. — Uma vez, perguntei ao meu médico se era uma dor fantasma, sabe? Que vem de uma parte do corpo que não está mais ali. No meu caso, ele disse que era mais provável que os nervos que foram danificados não tivessem sarado corretamente. Os médicos fizeram tudo o que podiam para repará-los, mas isso não é uma garantia absoluta. Às

vezes, a sensação aparece e fica me perturbando. Não é mais tão doloroso, apenas sinto... como se eu estivesse ciente de que um dia fui ferido, ali. É assim que seu amigo descreveu?

Eu não respondi, salva de tal encargo pelo resto da tropa, que havia saído da água e estava pedindo por toalhas.

O som do telefone sendo retornado à sua base na mesa me tirou do meu devaneio e me fez levantar. Deliberadamente, puxei minha saia, como se a esticar pudesse trazê-la mais perto de meus joelhos. Eu não tinha pensado em encontrar alguém, além de, possivelmente, Eileen no escritório de Tommy. Eu sabia que minha resposta parecia idiota, mas inventei a melhor desculpa que pude pensar.

— Vou encontrar um novo cliente, mais tarde. Pensei em parar no escritório para ver Tommy, primeiro... já que meu novo cliente está perto da região.

Eu tive de olhar para o chão por ser a pior mentirosa do mundo. O fato de eu saber disso já era ruim, porém, obviamente, Alec também o sabia e isso tornava tudo ainda pior. Pude ver em seus olhos que o homem considerava em seus pensamentos exatamente a razão de eu estar ali. Com certeza fiquei tão vermelha quanto uma pimenta.

Ele maneou sua cabeça.

— O filho da mãe sortudo está fora com Eileen. Ela estava tendo problemas com o carro e ele se ofereceu para ir com ela a alguma oficina. É por isso que o carro dele ainda está lá fora.

— *Oh*. Acho que já vou embora, então. Você pode dizer a ele que eu vim? Eu queria levá-lo para almoçar antes da minha reunião.

— Não mencionei que, antes de levar meu marido para almoçar, eu

iria trancar a porta do escritório dele, fechar as cortinas elegantes e dar a ele o sexo mais quente e atrevido que ele já experimentou.

Minhas bochechas coraram ainda mais e eu me esforcei para parecer normal enquanto orava secretamente para que minhas intenções carnavais não fossem tão óbvias. Eu não sabia o que havia de errado comigo, apenas que eu tinha uma necessidade ardente de seduzir Tommy, uma necessidade insaciável de senti-lo dentro de mim. Por falta de uma descrição melhor ou mais eloquente, eu estava lá para mexer com sua cabeça e levá-lo a um restaurante, onde queria convencê-lo, em um almoço rápido, a se hospedar em um motel por mais uma hora em vez de voltar ao trabalho. Tudo poderia terminar a tempo de eu estar em casa quando Jason descesse do ônibus escolar.

Alec ficou ali, com as mãos nos bolsos, e olhou para mim de lado com um meio sorriso.

— Não sou um substituto, mas... — ele ergueu as mãos —, ficaria mais do que feliz em levar uma linda dama para almoçar. Isto é, se ela me der a honra de sua companhia.

Eu sorri e relaxei. Esse era Alec. Nosso amigo. Feliz, casado, e pai de dois filhos.

— Claro. Eu adoraria almoçar com você. Obrigada por perguntar.

Ele estendeu o braço para mim.

— Mas, se ele aparecer e ver seu carro, você não poderá surpreendê-lo mais tarde.

Sabendo que ele tinha razão, concordei em dirigir e o conduzi em direção à minha vaga.

Por sugestão de Alec, acabamos no Bella Roma, um pequeno, mas excelente, restaurante italiano no lado do oceano da A1A, um pouco ao norte do escritório.

— Não precisamos ir a um lugar tão chique para almoçar, Alec. É sério. Eu ficaria tão feliz com o Denny's.

— Eu convidei você. E, além disso, não podemos deixar você ficar toda arrumada sem ter para onde ir.

Sabia que ele estava brincando sobre o modo como eu estava excessivamente elegante para um *fast-food* e ri junto com ele. O almoço foi agradável e amigável até que se tornou sério.

Alec confidenciou que Paulina havia, recentemente, deixado ele e os meninos. Ela não era feliz há anos e tomava uma série de antidepressivos.

— Acho que ela simplesmente não conseguia encontrar seu lugar feliz. — Sua expressão normalmente alegre parecia completamente melancólica. — Acho que... ela estava procurando isso nas coisas erradas. Você sabe o que quero dizer, Gin?

— Não — neguei com um leve esgar. — O que você quer dizer com “as coisas erradas”? A medicação?

— Ela pensava que a felicidade podia ser comprada. Carro novo, casa maior. Quando isso não a deixou feliz, pensou que filhos seriam a resposta. Eles apenas a deprimiram mais e lhe deram um senso de responsabilidade que ela não queria. Você deve ter percebido isso, Ginny. Eu te vi com seus filhos. Eles são sua vida! Paulina considera nossos filhos o fim da dela.

Um pesar apertou meu peito por ele.

— *Oh*, Alec, eu sinto muito. Tommy não tinha dito *nada* para mim. E eu acho que você, provavelmente, sabe que estávamos

tendo nossos próprios problemas.

Desviei o olhar, desconfortável, sem saber o quanto — se é que havia algo — Tommy teria contado a Alec.

— Não se desculpe. Eu não disse muito a ele. Sabia que vocês dois estavam lidando com alguns problemas particulares, não queria incomodá-lo com os meus, também.

— Então... onde ela está? Ela vem ver os meninos? Vocês terminaram em termos amigáveis?

Eu estava curiosa sobre a situação deles, mas também tentando desviar a conversa dos meus problemas recentes, inconscientemente me flagelando por ter mencionado isso, em primeiro lugar.

— Ela disse que está “se descobrindo.” — Sua voz era casual e ele estava momentaneamente distraído enquanto entregava à garçonete seu cartão de crédito.

— Então, há uma chance de que ela se encontre ou o que quer que esteja procurando e volte para você, certo? — Tive que ter cuidado com o modo que guiava a conversa. Não fazia muito tempo que eu mesma havia deixado Tommy para fazer tirar minhas próprias conclusões sobre o que queria.

Lembrei-me de um versículo da Bíblia: Não julgue para não ser julgado.

Ele olhou para baixo antes de dizer:

— Eu a aceitaria de volta, mas ela nunca mais vai voltar.

A garçonete voltou e ele assinou o recibo.

Antes que eu pudesse decidir se era ou não educado perguntar o porquê Alec dizia isso com tanta certeza, ele respondeu à pergunta por mim:

— Ela está se descobrindo com um instrutor de ioga.

Fiquei chocada — outro homem estava envolvido. Tive de admitir que fiquei surpresa. Eu não conseguia imaginar Paulina encontrando um homem que pudesse chegar perto de substituir Alec. Em minha opinião, ele parecia ser o máximo de tudo o que uma mulher poderia desejar.

Mas eu não vivia dentro do casamento deles e não tinha o direito de especular, lembrei-me rapidamente.

— Você o conheceu? Sabe o nome dele ou algo assim?

— Sim, conheci — disse secamente. — *Ele é ela*, e o nome dela é Sherry.

Eu não sabia o que dizer, então *nada* disse. Tenho certeza de que apenas encarei Alec de boca aberta.

Isto posto, ele sorriu calorosamente para mim.

— Precisamos voltar ao escritório para que você possa ver Tom e depois encontrar seu cliente.

Olhei para o meu relógio e percebi que estávamos almoçando há mais de duas horas. Para onde foi o tempo?

— *Ah*, não! Não terei tempo de vê-lo. Tenho que ir para poder estar em casa quando Jason descer do ônibus escolar!

— Sinto muito, Ginny. Eu também não tinha percebido a hora. Espero que isso não cause uma má primeira impressão com aquele cliente que você deveria conhecer. — Ele olhou para mim com uma expressão conhecedora, um sorriso brincalhão nos lábios.

É claro que tive de retrucar com um meio sorriso com o canto dos lábios.

— Nós dois sabemos que não tem cliente *nenhum*, então pare de bancar o espertinho.

Nós dois acabamos por rir da réplica de nível do segundo grau, até que os olhos dele subiram aos meus, sérios.

— Espero que o Tom aprecie a mulher que tem. Você é uma joia rara, Ginny.

Havia algo em seu olhar e o modo como falou aquelas palavras fez um pequeno arrepio correr por meu corpo, porém eu o detive e não disse *nada*. Que mulher de quarenta e poucos anos quer se comparada à uma joia?

Eu ignorei isso como sendo apenas uma sensação de aconchego entre dois amigos e o permiti que me acompanhasse até meu carro.

Depois de apressadamente deixar Alec de volta no estacionamento da Dillon & Davis Architects, acelerei o máximo que pude para voltar para casa, para que pudesse colocar roupas que não fizessem meu filho me questionar sobre onde eu estava.

Teria de surpreender Tommy alguma outra hora.



# Capítulo 8

## Mimi, 1997 - Fort Lauderdale

Mimi falou para si mesma que se o cofre não abrisse na terceira tentativa, simplesmente teria de pedir aos pais por uma cópia da certidão de casamento. Mas a questão era que ela realmente não queria fazer isso. Seu coração estava determinado a surpreendê-los, e eles saberiam que algo estava acontecendo se ela pedisse para ver a certidão. Não apenas para ver — teria que pegá-la emprestado para fazer a placa.

Ela se sentou de pernas cruzadas no chão e deu um suspiro de alívio quando ouviu o clique revelador do cofre sendo liberado, então girou a maçaneta ligeiramente e puxou a alavanca. Houve uma sucção que durou uma fração de segundo, mas cedeu quando a garota aplicou mais força.

Depois de ver seu interior, ela hesitou, até endireitar-se e decidir lidar com isso da maneira mais profissional e madura possível. Afinal, ela era quase uma adolescente. *Se você quer ser uma investigadora, Mimi, provavelmente vai ter que ver coisas piores do que isso.* Ela memorizou como tudo parecia estar para que pudesse ter certeza de colocar as coisas de volta exatamente como as encontrou.

Dentro do cofre havia alguns envelopes castanho-escuros empilhados uns sobre os outros. Ela tinha certeza de que continham o que ela procurava. Mas foi o que estava em cima deles que a fez engolir em seco. Duas pistolas e pilhas de dinheiro.

Mimi tentou não pensar sobre o porquê seu pai tinha armas e dinheiro. Provavelmente, era algo que todos os pais mantinham escondido de suas famílias, em especial as que tinham filhos. Ele era o protetor deles e era responsável o suficiente para manter as armas trancadas onde uma criança não pudesse alcançá-las. E o dinheiro ela tinha certeza de que era para emergências. Havia, também, algumas caixinhas, ela percebeu. *Provavelmente as joias mais caras da mamãe.*

Com mãos surpreendentemente firmes, ela removeu as armas uma por uma e as colocou de lado. Ela fez o mesmo com o dinheiro e as pequenas caixas. Depois, pegou o primeiro envelope e sorriu quando percebeu o nome de seu irmão escrito na frente. Jason. O que estava abaixo tinha o nome dela escrito. Mimi colocou os dois no chão.

O envelope final não tinha *nada* escrito nele. Era mais grosso do que os outros dois. Ela o virou nas mãos e decidiu desfazer o fecho que o lacrava. Assim que abriu, tirou a pilha de papéis de seu interior. Havia um grande aglomerado unido por um clipe de papel ainda maior. Parecia a escritura da casa. Ela folheou o resto e viu o que ela pensava serem apólices de seguro de vida, até surgir um Inventário e um Último Testamento com os nomes de seus pais.

*Tem que estar aqui em algum lugar!* Ela vasculhou os papéis, encontrou as certidões de nascimento de seus pais e as colocou de lado.

— Encontrei você! — exclamou em voz alta ao ver a certidão de casamento. Mimi o segurou com cuidado e a leu devagar.

Seu sorriso desapareceu quando chegou à data. De acordo com aquele documento, o aniversário de seus pais estava atrasado

em quase dois meses. Isso não pode estar certo. A menos que...

Não. Não seus pais. Principalmente sua mãe. Não havia *nenhuma* maneira de sua mãe engravidar dela antes de se casar com seu pai.

Mimi deixou escapar um suspiro, seus ombros caindo, mas sem qualquer de felicidade. Então, seus pais não eram perfeitos. Isso só precisava ser assimilado. Pode até ter sido um alívio. Eles se casaram e permaneceram casados, isso era mais do que ela poderia dizer de muitos dos pais de seus amigos.

Infelizmente, a garota não seria capaz de surpreendê-los com uma certidão de casamento folheada a prata sem que eles soubessem que ela conhecia seu segredo. Mimi pigarreou em voz alta quando percebeu que sua surpresa não teria funcionado de qualquer maneira. Eles certamente saberiam onde ela encontrou sua certidão — e eles saberiam que tipo de espionagem ela tinha feito para encontrá-la.

— Às vezes você não pensa, Mimi — brigou consigo mesma em voz alta.

Com cuidado, ela colocou tudo de volta no envelope, fechou o arremate e colocou-o no fundo do cofre de seu pai. Ela pegou o envelope com seu próprio nome e começou a guardá-lo, mas deteve-se por um instante. Que tipo de coisas seus pais estavam escondendo dela? Ela já tinha avançado até ali. O que um pouco mais de investigação poderia causar?

Ela desfez o envelope e puxou o conteúdo que ele resguardava. O primeiro item a fez parar no mesmo instante. Era a escritura de uma casa. Parecia o mesmo tipo de papelada que ela tinha visto no envelope de seus pais, exceto que esta escritura

estava em seu nome. Miriam Ruth Dillon. E o endereço na papelada estava na subdivisão de Shady Ranches. Ela reconheceu o endereço imediatamente. Por que o nome dela estava na escritura da casa do tio Bill e da tia Carter?

Depois, folheou sua carteira de vacinas e certificados de Primeira Comunhão, em seguida, encontrou sua própria certidão de nascimento. Ela sorriu para si mesma enquanto segurava o documento e percebeu que realmente não se importava se seus pais não eram casados quando ela foi concebida. Uma coisa ela sabia com certeza - ela era um bebê feito de amor puro e verdadeiro. Às vezes, observava como seus pais se olhavam, e era óbvio, mesmo para uma criança de 12 anos, como eram totalmente devotos um ao outro. Seu segredinho estava seguro com ela.

Mimi pegou a pilha de papéis e os embaralhou, batendo-os levemente contra o joelho para endireitá-los e colocá-los de volta no envelope com perfeição, quando um envelope branco menor caiu dentre eles e pousou em seu colo. Ela o pegou e o estudou cautelosamente. Estava lacrado e não tinha nada escrito do lado de fora. *O que pode ser isso?*

Com cuidado, a garotinha rompeu seu laço. Era tão velho que se soltou facilmente. Ela tirou o papel dobrado por dentro e apertou os olhos enquanto tentava entender o que estava vendo.

Era sua certidão de nascimento. Novamente. Espere, ela já não tinha visto isso? Por que havia outra cópia dobrada em um envelope não marcado? Era idêntico ao que ela acabou de ler, então, por que...

Seus olhos se arregalaram. Ela estava lendo isso certo? Devia haver algum engano. Esse era o nome dela — bem, parte de

seu nome. Eles acertaram o primeiro e o segundo, mas não o sobrenome, e seu aniversário estava correto. O nome de sua mãe estava claramente escrito. Guinevere L. Lemon Dillon.

Mas onde o nome de seu pai deveria estar havia um outro que Mimi não reconheceu, e que tinha certeza de nunca ter ouvido antes.

*Quem diabos era Jason William Talbot?*

# Capítulo 9

## Grizz, 1998 - Em alguma prisão no norte da Flórida

Grizz agarrou William “Pretty” violentamente pelo braço e puxou-o para fora do pequeno escritório da biblioteca. Ele quase o arrastou, empurrando o detento relutante em torno de uma grande estante de livros e para dentro de uma pequena alcova.

— Estamos longe da câmera? — perguntou baixinho enquanto forçava Petty para longe dele.

— Sim, não podemos ser vistos — murmurou o jovem, trêmulo. Ele olhou para o chão e disse em uma voz uniforme, misturada em sua apreensão: — O que você vai fazer comigo?

O som do zíper de Grizz o fez olhar para cima.

— Eu não vou te foder, se é isso que você está preocupado — sussurrou em garantia.

— V-Você não vai? — Petty inclinou a cabeça, confuso na mesma medida que relutantemente aliviado. — Então o que é que você quer? Outra coisa?

— Sim, eu quero outra coisa. — Grizz deixou o silêncio pairar em sua pausa. — Eu quero conversar.

O rapaz passou a mão pelos cabelos.

— E-Eu pensei que você fosse me estuprar. Você parecia... *hmm* ... pronto. — Sua voz estava trêmula, fraca, a dúvida ainda óbvia quanto aos motivos que o homem dizia ter.

Grizz revirou os olhos.

— A ereção não era pra você. Eu nunca tive que pensar na minha mulher antes enquanto puxava meu pau na frente de um cara. Fiz para que parecesse o que você pensou, de certa forma, na frente daquela câmera no escritório. Depois de anunciar para toda a prisão no refeitório que você era meu, não poderia fazer nada a respeito, caso eles estivessem nos observando pela câmera de segurança, o que tenho certeza de que estão. Eles vão pensar que estou aqui fodendo seus miolos para fora. Tive que fazer com que parecesse real.

— Na verdade, não, eles não vão — William negou, rapidamente. — Eles não vão assistir. Eu tenho aquela câmera equipada em um *loop* cronometrado, para sempre que estou aqui. Recebi privilégios especiais do Oficial Headly de passar algum tempo na biblioteca, todas as semanas, mas ele acha que é para ler. Ele não sabe que estou usando o computador e não quero que *ninguém* saiba, então eu hackeei a câmera e usei um vídeo pré-gravado de quando estava na biblioteca lendo naquela cadeira.

Ele apontou para uma mesa com cadeiras visíveis através da grande janela no pequeno escritório, certamente alinhada com a câmera.

— Se alguém pensar em olhar a imagem da câmera, não me verá sentado em frente ao computador, mas sim lendo ali, à mesa. Não é perfeito, mas eles ainda não perceberam.

Grizz assentiu. Ele sempre se manteve afastado de qualquer coisa que envolvesse tecnologia. Talvez não devesse. Após aprender um pouco sobre isso a tantos anos atrás, soube que em um futuro próximo a tecnologia teria um papel importante na realização de muito do que já era feito. Ele preferia ficar longe da

tecnologia, pessoalmente, mas só porque não a usava; ainda assim, não significa que não deveria ter se permitido ser mais consciente a respeito das vantagens que ela podia atribuir.

— Como você conseguiu minha foto? Está no computador da biblioteca? — Grizz perguntou.

— Não, ao menos não no disco rígido da biblioteca. Eu tive que hackear o *mainframe*<sup>[4]</sup> da prisão. O que eu fiz facilmente. — William olhou para ele. — Você sabe, a foto de quando você foi preso pela primeira vez, não se parece em *nada* com o que você é agora. Você tinha cabelo comprido e não tinha barba. Agora você não tem cabelo e sua barba é comprida. Quase não te reconheci.

— Ótimo, eu fiz isso de propósito. Quero parecer diferente. Então, deixe-me perguntar uma coisa...

— O quê?

— Você pode acessar os sistemas de computador de outras agências e trocar minha foto de identidade? Consegue invadir o departamento de polícia onde fui preso?

— O que quer dizer? Você tem outra foto de policial?

— Não, mas eu posso conseguir uma. Quero que minha foto oficial se pareça com a minha aparência de agora. Quero que a foto do registro policial em que estou com cabelo comprido e barbeado desapareça. Por enquanto. Mas, eventualmente, vou querer que tudo desapareça de vez. Pode fazer isso?

William concordou, completando:

— Se você puder me dizer os nomes das agências que você acha que as têm, posso acessá-las individualmente. Não há uma maneira de fazer uma pesquisa geral - você sabe, com um mecanismo de pesquisa - mas isso virá no futuro. Por enquanto,



tenho que ir a cada um de forma independente. Pode levar um tempo.

— Então, se alguém, talvez um jornal, tiver artigos sobre mim ou fotos minhas em seus arquivos de computador, você pode excluí-los ou substituí-los?

— Como eu disse, diga-me os nomes dos lugares que você acha que têm suas informações em seus sistemas e, desde que tenham um *modem*, que disque para o exterior, então eu posso invadir. O que eu não posso fazer é apagar evidências que podem estar em um ficheiro alternativo ou em arquivos físicos. Como as bibliotecas tiram fotos reais de artigos de jornal e as armazenam, entende? Um dia, cópias físicas de tudo serão enviadas para o triturador, embora ainda não estejamos lá. — Ele deu de ombros. — Mas, sim, se tiver a ver com computadores, posso ajudá-lo.

Um sorriso lento se formou no rosto de Grizz. A noite estava promissora. Muito promissora. Ele queria começar a apagar qualquer informação que pudesse estar disponível sobre ele e seu passado. Não podia apagar tudo, mas certamente poderia fazer uma grande limpeza geral. Quando Grizz saísse da prisão em alguns anos, ele não queria em hipótese *nenhuma*, mesmo remotamente, ser reconhecido por alguém. Além disso, nunca quis que sua filha, Mimi, pudesse encontrar *nada* de seu passado.

— Você me ajuda e eu vou garantir que ninguém incomode você aqui novamente — propôs Grizz. — Nós temos um acordo?

William sorriu amplamente.

— *Oh* sim. Nós temos um acordo.

Então sombras de seriedade caíram sobre o rosto do homem, os lábios movendo-se lentamente conforme falava:

— Se você até pensa em me trair, vai sofrer e morrer. Entende isso? Eu não blefo.

— Mantenha Crazy e seu amigo pervertido longe de mim e do meu rato, Buddy, e você terá minha lealdade e toda a ajuda de que precisa.

Grizz acenou com a cabeça, aquiescendo aos termos, e apontou para a pequena mesa e cadeiras.

— Agora, sente-se e me fale sobre você.

William contou-lhe tudo - como seus pais morreram quando era jovem e ele foi morar com seu avô idoso. Ele não tinha irmãos ou tias e tios. Era apenas ele e seu avô. O rapaz foi criado em Miami e os dois moravam em um pequeno apartamento em cima da oficina de conserto de eletrodomésticos de seu avô. William conseguia consertar qualquer coisa quando tinha dez anos. Não tinha muitos amigos, mas não se importava. Seu avô era seu melhor amigo. Ele contou a Grizz que o programa de televisão favorito de seu avô nos anos 60 foi Jornada nas Estrelas e como esse programa influenciou seu interesse por tecnologia.

— Meu avô costumava me dizer que tudo o que vemos na TV, qualquer coisa que pensamos ser fingida, será realmente uma coisa real, no futuro. Se um homem pode sonhar, ele eventualmente será capaz de fazê-lo. De qualquer forma, mesmo antes de os computadores começarem a se popularizar, eu já estava aprendendo sobre eles.

— E é isso que você faz para viver? Fazia, ao menos, antes de acabar aqui? Conserto de computadores?

— Não. Os computadores são meu hobby, não meu trabalho. E ninguém sabe sobre meu hobby. Acho que é do meu interesse

manter o que faço com computadores para mim. Ninguém precisa saber do que sou capaz. Do que eles podem fazer.

O último comentário chamou a atenção de Grizz.

— Eles?

— Não quis dizer *nada* com isso. — William deixou uma faixa de ar escapar por entre os lábios. — Você não acreditaria em mim, de qualquer maneira. — Ele olhou para Grizz de canto de olho e balançou a cabeça. — Meu avô era especialista em teorias da conspiração e essas merdas. Estudou o assassinato de John Kennedy e outras porcarias como essa. Esqueça que mencionei isso. Ele era um velho maluco e morreu acreditando que nossa primeira caminhada na lua foi filmada em um estúdio de cinema. Adorável e gentil, mas um pouco maluco.

Grizz maneou com a cabeça em compreensão. Ele guardaria o resto da conversa para outra hora.

— Você me perguntou o que eu fazia, então. Assumi o negócio de conserto de eletrodomésticos do meu avô. Se estivesse quebrado, eu poderia consertar.

— Ou seja, você era um técnico de eletrodomésticos que se envolvia secretamente com computadores. Como diabos acabou aqui? Hackeou um banco ou algo assim?

— Nada do tipo. Me incriminaram.

Grizz riu.

— Sim, todos aqui foram incriminados, inclusive eu.

— Não, eu *realmente* fui incriminado. E *não* tinha nada a ver com computadores. Eu estava no fundo de um bar consertando uma máquina de lavar louça quando o lugar foi roubado. Eles pegaram o cara e eu o identifiquei. — O maxilar de William enrijeceu. — Mais

tarde, descobri que o roubo era uma iniciação de gangue e fui avisado para não me envolver. Até o barman disse que não conseguia se lembrar de como o cara era, mas eu fui estúpido. Sinceramente, pensei que estava fazendo a coisa certa ao ajudar a tirar os bandidos da rua. Eu fui a única testemunha e o cara foi condenado. Menos de um mês depois, fui parado devido a uma *blitz* de trânsito de rotina. O policial disse que minha luz traseira estava apagada. Encontraram drogas no meu carro. Muitas drogas, que não eram minhas. A Flórida é dura com os infratores da legislação antidrogas, mesmo os não violentos. Não tenho prisões ou condenações anteriores, nem mesmo multa de estacionamento, mas tenho que cumprir dez anos.

— Dez anos — o homem balançou a cabeça de um lado para o outro. — E você está aqui há pouco tempo, então ainda tem um longo caminho a percorrer.

William desviou o olhar, empertigado.

— O que você não está me dizendo? — Grizz inclinou a cabeça. — Tem mais alguma coisa, não tem?

— Sim. Preciso de algum tempo para não deixar isso tão óbvio, mas não cumprirei a sentença completa. — Ele olhou timidamente para Grizz. — Eu invadi os registros, então eu saio daqui em alguns anos. Só espero que ninguém realmente se lembre da sentença que estou cumprindo e de quanto tempo me resta. Se alguém resolver se aprofundar no meu caso, eles podem descobrir, mas eu conto com o fato de eu ser um zé ninguém e apenas escapar disso.

Grizz abriu um sorriso. Porra! Ele gostaria de poder se safar com algo assim, mas nunca daria certo. Ele era muito conhecido.

Jason “Grizz” Talbot sendo libertado da prisão não passaria despercebido, especialmente com uma sentença de morte pairando sobre sua cabeça. Não, ele teria se virar com essas merdas nos próximos dois anos. Ao menos.

— Pode procurar algo para mim?

— Sim, do que precisa? — Os olhos de William brilharam com a perspectiva de um novo projeto.

— Consegue invadir agências governamentais? Ver o que está acontecendo com as leis de condenação por morte da Flórida? Estou tentando descobrir em que patamar eles estão com a aprovação da lei sobre a morte por injeção letal ao invés da cadeira elétrica.

— É claro, posso ver o que consigo encontrar. Vou trabalhar nisso e você me avisa onde deseja que eu pesquise os dados a seu respeito, para apagar ou trocar o que mencionou agora a pouco.

O silêncio caiu entre eles e Grizz podia ouvir o tique-taque do relógio de parede.

— Então, os presos se referem a você como Pretty?

William ficou vermelho e desviou o olhar.

— Não tenho culpa da minha aparência.

— Eu não gosto disso. Qual é o seu nome verdadeiro? Seu nome completo?

— William Franklin Petty — respondeu o jovem, fitando Grizz na profundidade de seus olhos. — Mas eu sempre atendi por Willie.

Grizz pensou cuidadosamente por um minuto. Willie<sup>[5]</sup> poderia ser tão problemático quanto Patty, se caísse na boca dos detentos.

— De agora em diante, você é o Bill. Qualquer pessoa que te chamar de outra forma vai se ver comigo.

Grizz se levantou de sua cadeira, em seguida, vestiu sua camiseta ainda no escritório e se dirigiu à porta.

— Mesma hora na próxima semana, Bill — falou por cima do ombro e depois ele se foi.

# Capítulo 10

## Ginny, 2000 - Fort Lauderdale

### *Após a execução de Grizz*

— Você fez o quê!? — Tommy me perguntou enquanto eu estava envolta em seus braços naquela noite. A expressão de descrença em seu rosto era quase cômica.

— Eu apareci em seu escritório pronta para seduzi-lo e fui almoçar com Alec. Você estava com Eileen — expliquei a ele mais uma vez, rindo e tentando não corar com toda a situação novamente.

Ele se afastou pelos lençóis para olhar para mim, um brilho diferente em seus olhos.

— Você não faz isso desde meu aniversário! O que tornou o dia de hoje tão especial? E, antes de responder, lembre-me de me chutar na bunda por levar Eileen para consertar o carro.

O rosto ficou sério então quando algo subitamente lhe ocorreu.

— *Oh* Gin, eu nem perguntei como foi hoje de manhã. Você deveria limpar a garagem da Carter. Você fez isso? Está bem?

Sentei-me em nossa cama e o encarei. Cruzei as pernas na minha frente, apoiando os cotovelos nos joelhos e contei tudo a ele, a partir do momento em que cheguei na garagem de Carter até chegar em casa do meu almoço com Alec. Contei a ele sobre a Bíblia da minha infância e a carta, também sobre a caixa que encontrei na casa de hóspedes e os brincos que guardei para Mimi.

Eu disse tudo a ele, exceto o fato de que uma das motos de Grizz estava faltando.

Eu não tinha intenção de usar aquela bandana azul, então não fazia absolutamente *nenhum* sentido deixar Tommy se preocupar ou pensar em algo que nunca aconteceria. Não. Grizz estava morto no que me dizia respeito e eu não permitiria que ele colocasse outro atrito entre meu marido e eu.

De repente, me senti mais leve enquanto a carga emocional que carreguei o dia todo evaporava. Foi bom tirar tudo do meu peito, senti-lo relaxar. Pelo menos até eu olhar para a testa franzida de Tommy. Ele parecia preocupado.

— Você está bem, Ginny? Quer dizer, a carta da Delia deve estar mexendo com você, especialmente depois de deixarmos tantas coisas para trás. Para desenterrar algo assim, do passado... Para saber como seu pai morreu. A razão pela qual Delia te tratou do jeito que o fez. E o fato de você ter uma irmã que morreu, também. Parece muito para digerir, querida. Quer falar mais sobre isso?

O amor em seus olhos era tão genuíno, tal que não pude deixar de notar a pequena faísca que vi quando disse a ele que pedi a Carter para jogar fora a caixa de papelão com as lembranças de Grizz. Inclinei-me para beijá-lo.

— Não, Tommy. Não quero falar sobre isso e, sinceramente, não preciso.

— Mas está bem, Ginny? Você está realmente bem? Você me diria, certo?

Eu gentilmente beijei seu pescoço enquanto minha mão descia por sua barriga lisa em busca da masculinidade entre suas



pernas.

— Sim, eu diria a você. Estou bem. Estou muito bem — sussurrei em seu ouvido.

Com o toque dos dedos, podia sentir seu corpo relaxar enquanto ele expirava alto, sua crescente ereção evidenciava que ele me queria tanto quanto eu o desejava. Ele começou a me virar de costas, mas o detive.

— Esta é a minha noite e eu estou no comando. — Rapidamente, montei nele. Tommy sorriu quando o lembrei do bilhete de Delia e da descoberta de minha certidão de nascimento real. — Então, veja só, você na verdade é casado com uma mulher mais velha.

Nossa transa foi apressada enquanto eu era novamente alimentada pela necessidade ardente de ter Tommy dentro de mim. Meus dedos ficaram brancos quando agarrei a cabeceira da cama com força conforme os dedos de Tommy habilmente combinavam com o ritmo que eu estava construindo, lentamente. Minha respiração veio em intervalos curtos e rápidos, minha cabeça foi jogada para trás e meus olhos estavam fechados. Eu diminuí meu ritmo e abri meus olhos, pude ver o desejo, a vontade, a necessidade absoluta em seus olhos. E dando a ele um sorriso lento e sensual, voltei ao ritmo que sabia que seria o sinal de sua libertação.

Depois, desabei em cima dele e fiquei deitada em seu peito até que nossa respiração voltasse ao normal, finalmente deslizando para o seu lado, e ele me puxou para perto.

Começamos a compartilhar mais sobre nosso dia e Tommy me perguntou se eu queria fazer alguma coisa a respeito da minha

certidão de nascimento legal. Eu queria mudar meu nome ou ir a alguma autoridade e me declarar legalmente como Josephine Dunn?

Eu me sentei e olhei para ele.

— Absolutamente não! Eu sou Guinevere Love Lemon Dillon e nunca vou mudar isso. Estou farta de apelidos e identidades falsas, Tommy. *Você quer mudar sua certidão de nascimento para seu nome verdadeiro, Thomas Talbot?*

Nós dois sabíamos que sua certidão de nascimento havia sido falsificada anos antes para fazê-lo pensar que era irmão de Blue. O verdadeiro nome de Blue era Keith, mas seu sobrenome, Dillon, era um pseudônimo. E a certidão de nascimento falsificada de Tommy refletia esse apelido.

Nós dois nos olhamos, então, e eu sabia que estávamos pensando a mesma coisa. Thomas Talbot ainda não seria o nome verdadeiro de Tommy. Grizz foi criado por seu padrasto e, aparentemente, nunca soube o nome verdadeiro de seu próprio pai. Tentar voltar e descobrir a verdadeira identidade de Grizz seria como cair em um abismo escuro, e nós dois tínhamos trabalhado muito duro para progredir. Não iríamos na direção oposta.

Não! Nós continuaríamos sendo Tommy e Ginny Dillon. Mas talvez houvesse algo que ainda pudéssemos...

— Você sabe o que eu acho que devemos fazer?

Ele balançou a cabeça e seus olhos se arregalaram enquanto esperava que eu continuasse.

— Acho que deveríamos mandar para o inferno as certidões de nascimento falsificadas que usamos todos esses anos. Para o inferno com tudo! — Fiz uma pausa para ver se ele responderia,

mas Tommy apenas olhou para mim. — Acho que devemos fazer o que for preciso para que nossos nomes - os nomes que estamos acostumados e temos usado – se tornem legais.

Eu levantei minhas sobancelhas, dando a ele uma expressão esperançosa, mas o silêncio foi a única réplica que obtive, a princípio. Então Tommy sorriu e acenou com a cabeça em compreensão antes de dizer:

— Acho que nosso advogado pode arquivar discretamente qualquer papelada necessária para que nossos nomes sejam alterados legítima e legalmente para Thomas Dillon e Guinevere Lemon.

Ele bocejou e rolou de lado. Seus olhos estavam ficando pesados, mas eu o vi notar o largo sorriso que dei a ele, e Tommy o reconheceu com outro bocejo seguido por um pequeno sorriso. Eu poderia dizer que ele estava aliviado por estarmos avançando de uma forma positiva. Afinal, renovamos nossos votos de casamento com esses nomes. Eles eram quem nos tornamos e é quem sempre seríamos.

— Outra coisa... sobre os carros e as motos — disse. — Agora que pensei mais no assunto, realmente não quero lidar com a venda deles. Você acha que seria errado eu entrar em contato com o Axel? Quero dizer, ele trabalha honestamente agora, eu sei que ele não vai recusar e ainda nos dar um preço justo.

— Eu posso ligar para ele por você — respondeu com uma voz sonolenta.

— Cuidei de tudo até agora, Tommy. Eu posso fazer mais uma ligação.

— Isso é bom, Gin. Tenho muitas coisas para fazer no trabalho... — Ele mal respondeu.

Ele estava certo. Tommy atrapalhou-se muito no trabalho durante nossa separação e, embora não precisasse, eu sabia que queria compensar isso. Ele estava se sentindo um pouco culpado por colocar um trabalho extra em Alec quando o amigo estava passando por seus próprios problemas pessoais.

— Eu não estou cansada. Acho que um banho quente vai ajudar — anunciei enquanto beijava suavemente sua bochecha. Não tinha certeza se ele me ouviu ou não. Eu podia escutar seu ressonar baixo quando saí da cama e me dirigi ao banheiro.

Eu adorava tomar longos banhos quentes na minha banheira. Liguei a água e joguei alguns sais de banho de fava de baunilha. Acendi algumas velas, diminuí as luzes. Não havia necessidade de tirar minha roupa, pois já estava nua. Peguei uma mecha de cabelo e preendi o restante dos cabelos castanhos em um rabo de cavalo alto.

Comecei a entrar na banheira quando meus olhos pousaram em minha calça jeans que, depois de remover cuidadosamente e guardar os brincos de diamante, joguei rapidamente no chão do armário assim que voltei da casa da Carter, mais cedo naquele dia. Olhei para a porta do banheiro e percebi que a tinha trancado atrás de mim — um hábito de anos em que fui invadida pelas crianças.

Fui até o armário e peguei meu jeans. Comecei a jogá-los no cesto, mas me encontrei enfiando a mão no bolso de trás.

Eu puxei o que ali havia. A bandana azul.

Por quanto tempo encarei o tecido eu não saberia dizer. Não me lembro de ter caminhado até a banheira ou de subir nela. Não

me lembro de puxar os joelhos contra o peito enquanto descansava suavemente o rosto contra eles, soluçando baixinho. A corrente de água enchendo a enorme banheira abafou todos os sons que eu estava fazendo.

E pela primeira vez, entendi por que Grizz e Tommy mentiram para mim por tantos anos sobre tantas coisas.

Havia apenas alguns segredos que tínhamos que manter escondidos em nossos corações para proteger àqueles que amamos. Eu não concordava com tudo o que eles esconderam de mim, mas podia entendê-los. Eles se justificaram dizendo que pensaram que estavam me protegendo. Não foi exatamente isso o que fiz antes de fazer amor com meu marido?

Eu nunca poderia dizer a Tommy que Grizz estava vivo porque isso o destruiria.

Olhei para cima da minha posição encolhida e peguei meu reflexo no espelho atrás da porta. Lágrimas silenciosas escorreram pelo meu rosto inchado e vermelho.

Meus olhos encararam a bandana azul, hipnótica, inconscientemente enrolada em meu rabo de cavalo. E eu percebi que uma parte de mim ainda amava Grizz. Em algum lugar, enterrado no fundo do meu coração, a memória daquele amor tentou encontrar o seu caminho para a superfície.

Mas eu sabia que para manter minha sanidade, eu teria que mantê-la trancada — ou fazer um esforço consciente para jogá-la fora. Para o bem. Para o *nosso* bem.

Com meus braços ainda envoltos firmemente em minhas pernas, coloquei a testa contra os joelhos úmidos e sussurrei para mim mesma:

— Claro que preciso de você, Grizz. Eu sempre vou precisar de você. Mas eu preciso de Tommy, também. E eu jamais sacrificarei o coração dele para receber de volta um pedaço meu.

# Capítulo 11

## Grizz, 1988 - Em alguma prisão do norte da Flórida

Já passava mais de uma semana desde o último encontro de Grizz e Bill na biblioteca. Naquela noite em que se encontraram, o rapaz o informou que estava dando o melhor de si, mas não sabia a posição real do estado da Flórida para com a pena de morte.

— Parece que uma proposta já foi apresentada à Assembleia Legislativa algumas vezes, mas continua sendo rejeitado. Há muitas pessoas que querem ver a injeção letal ser aprovada, já que é uma morte mais humana do que a cadeira elétrica. É muito estranho. Há um número maior de pessoas a favor da injeção letal do que contra. Parece que seria de fácil aprovação, mas continua a ser barrada. Alguém não quer que isso passe. Me desculpe, cara. Eu não tenho *nada* mais a dizer do que isso.

Bill olhou para Grizz com preocupação e quase sentiu pena dele. Esse cara estava de frente para a cadeira elétrica, com boas razões. Ele mereceu. O *hacker* leu o que Grizz tinha feito para ir parar ali, mas Bill também podia entender por que o homem não queria morrer daquela forma.

Era bárbaro demais.

Grizz acenou com a cabeça em compreensão e disse-lhe para ficar de olho nisso, depois perguntou se os outros detentos o tinham deixado em paz. Bill disse que sim. Crazy e seu amigo, Bender, ficaram longe dele.

Essa conversa foi há mais de uma semana. *Esta* seria a terceira noite que Grizz estava na biblioteca, esperando vê-lo. O que estava acontecendo?

No exato instante que se perguntou isso, ouviu a porta abrir e assistiu a como Bill silenciosamente caminhou até a mesa onde Grizz estava sentado. Seus olhos estavam vermelhos. Era óbvio que estava chorando.

— O que aconteceu? — Grizz se levantou. Bill se recusava a fazer contato visual. — Eles voltaram a mexer com você?

Ainda sem resposta ou sequer um relance de canto de olho.

— Eles sabem que não devem tocar em você. — Grizz cerrou os punhos.

— Por isso não me tocaram — assegurou o rapaz calmamente.

— Então, o que diabos há de errado com você?

Finalmente, Bill o olhou nos olhos.

— Eles não desafiaram suas ordens de não me tocar. Eles não chegaram perto de mim, então você não os pode retaliar.

— Que porra eles fizeram?! E não me diga o que posso ou não fazer. — Os olhos dele estreitaram-se, intensos. — Agora, porra, põe pra fora! O que aconteceu!?

Bill suspirou, vencido.

— Eles pegaram o Buddy.

Grizz sabia sobre o rato de Bill, Buddy. Ele se sentou. Era um roedor extraordinariamente grande e tinha sido alimentado à mão e cuidado por Bill desde que era um bebê. Um rato não teria sido a primeira escolha de Grizz para um animal de estimação, mas ele sempre teve uma queda por qualquer animal, especialmente desde



que sua irmã mais nova, Ruthie, cuidou de uma família de ratos em seu antigo celeiro. Por isso ele tinha sido tão relutante, durante todos aqueles anos, em seguir as ordens de seu padrasto e colocar veneno e ratoeiras — Grizz não teve tempo de levar os animais de estimação de Ruthie para um lugar seguro.

De qualquer maneira, não importava mais. Ele havia feito bom uso do veneno.

— O que eles fizeram com Buddy? — perguntou apenas para que o rapaz verbalizasse mais alguma coisa. Grizz tinha certeza de que sabia o que acontecera. Eles mataram o rato. Filhos da puta malditos!

— Eles o mataram e... e... — A voz de Bill afogava-se em emoção.

— E o quê?

— Eles devem ter pago a alguém na cozinha ou algo assim... — choramingou enquanto tentava abafar os soluços. — Eles me disseram que Buddy estava no hambúrguer que comi naquele dia. Foi reservado apenas para mim e, quando passei pela fila da comida, Joker certificou-se de que era o que me dera. — Ele fechou as mãos e as pressionou contra os olhos. — Eu não sabia. Eu o comi, Grizz. Eu comi o Buddy.

O mero pensar sobre o que Bill estava dizendo a ele fez uma bile ácida subir na garganta de Grizz. O cheiro de mofo da biblioteca misturado com o forte aroma de desinfetantes usados pela equipe de limpeza embrulhando o estômago. Ele se mexeu na cadeira, se perguntando como essa notícia ainda não havia chegado a seus ouvidos.

— Talvez não seja verdade — ponderou. — Talvez eles estejam apenas brincando com você. Talvez Buddy apareça de volta.

— Partes dele já voltaram... — disse Bill. — Eu continuo encontrando uma parte diferente dele a cada dia, desde então. Debaixo do meu travesseiro. Flutuando no meu banheiro...

O punho de Grizz desceu com tanta força na mesa que Bill deu um salto no escuro.

— Esses filhos da puta deveriam ser mais espertos. Eles podem não estar tocando você, diretamente, mas estão fodendo com quem eu proclamei ser meu. E ninguém fode com o que é meu!

Bill engoliu em seco e olhou para ele. Grizz retribuiu o olhar.

— Vou investigar amanhã o quanto do que você me disse é verdade, e vou descobrir por que estou ouvindo isso primeiro de você, não de meus comparsas.

A conversa acabou e Grizz estava pronto para ir embora, porém, uma pontada de curiosidade o atingiu, sobre algo que nunca, de fato, chegou a perguntar ao rapaz. Aprumando-se na cadeira, decidiu indagar:

— Por que aquele guarda, Headly, permite que você use a biblioteca? Eu nunca te perguntei isso.

— Eu o ajudei com a conta do hospital da filha.

— Como?

— Eu costumava esvaziar as lixeiras em seu escritório e o ouvi ao telefone com a seguradora tentando fazer com que pagassem por um procedimento médico. Ela tem apenas 12 anos e está muito doente. Eu disse a ele que, se pudesse usar o computador da biblioteca apenas uma vez, ficaria feliz em enviar ao

meu tio, que por acaso trabalha naquela seguradora, um e-mail e perguntar se ele poderia fazer algo para ajudar.

Os olhos de Grizz brilharam.

— Você me disse que era só você e seu avô.

— E éramos apenas meu avô e eu. Não tenho um tio, inventei isso. Usei o tempo do computador para hackear a seguradora e ter o pedido aprovado. Headly pensou que meu tio imaginário o estava ajudando. Foi a primeira vez que tive acesso ao computador da biblioteca e Headly certificou-se de que a câmera estava desligada para que eu não pudesse ser visto, usando-a. Os prisioneiros não têm permissão para usá-lo. É apenas para o bibliotecário. Mas eu não estava apenas hackeando a seguradora. Usei o tempo para configurar o temporizador da câmera, assim poderia voltar mais tarde e usar o computador sem ser notado. No dia em que o pedido foi aprovado, ele perguntou o que poderia fazer por mim e eu disse a ele que gostaria de um tempo lendo sozinho na biblioteca depois do expediente. — Bill passou o braço pelo rosto e suspirou alto. — Uma mão lava a outra, certo? — Com os ombros caídos, ele olhou para Grizz. — Mas é claro, você sabe que não estou aqui lendo.

Grizz assentiu. Ele se perguntou como Bill havia conseguido esse privilégio especial e ficou surpreso por eles não terem se encontrado antes da primeira noite, mas então se lembrou de que não tinha visitado a biblioteca durante seus passeios corriqueiros.

Bill então o informou sobre o progresso que ele fez hackeando as diferentes agências de aplicação da lei que poderiam ter informações dele em seus sistemas.

Quando terminaram, Grizz se levantou para sair. Ele tomou de volta o livro que havia selecionado para levar com ele.

— Vejo você aqui na quinta à noite — disse ele a Bill.

No dia seguinte, Grizz sentou-se com seus homens no refeitório. Ele nunca realizou um tribunal carcerário em público, mas as merdas que ouviu sobre o que fizeram com Buddy tinham de ser averiguadas imediatamente, tal que não teve tempo de usar sua forma codificada de comunicação.

Nenhum deles tinha ouvido *nada* sobre o incidente do rato.

Grizz olhou para a fila de comida no refeitório.

— Qual deles é o Joker?

Depois que eles apontaram o homem, Grizz se levantou e garantiu seu lugar à fila. Como era de costume, os outros presos abriram caminho para ele. Assim que chegou ao Joker, sussurrou:

— Na cozinha. Agora.

Em uma tentativa de impressionar Grizz e sem perder um segundo, o homem junto a Joker incentivou:

— Vá com ele, cara. Eu posso lidar com as bandejas sozinho.

Os guardas viraram para o outro lado ou encontraram-se subitamente entretidos por alguma falha no concreto enquanto Grizz firmava seus passos a caminho da cozinha, ao passo que um Joker trêmulo tentava acompanhá-lo com a postura mais firme que conseguia ter.

Assim que os detentos da cozinha perceberam quem estava seguindo Joker, também desviaram o olhar e voltaram ao trabalho. Cabia a eles não mostrarem *nenhuma* curiosidade.

Com a adrenalina sacudindo as pernas, ele parou diante do *freezer* e se virou para encarar Grizz. Antes que o enorme homem

pudesse perguntar ou dizer qualquer coisa, Joker disse em voz baixa:

— Eu sei por que você está aqui e posso explicar.

— Fale — foi tudo o que Grizz se dispôs a dizer.

— Eles vieram até mim porque eu lhes devia um favor. Disse a esses idiotas para não fazerem isso. Eu sei que só por mexer com o Pretty... *uh*, quero dizer, Bill... eles estavam procurando encrenca.

— Você cozinhou ou não o rato dele e o colocou em seu hambúrguer? — Grizz apertou o canto dos olhos.

— Eles queriam isso, mas eu não fiz. Eu sabia melhor do que eles que não deveria mexer com você.

O homem ergueu uma sobrancelha ao ouvir isso.

Como se pra provar o que dizia, Joker se virou e abriu a grande porta metálica do *freezer*. Grizz observou enquanto o rapaz caminhava até uma prateleira e apanhava um saco de papel marrom.

Quando Joker saiu, uma brisa gélida o acompanhando nos pelos eriçados, abriu a sacola e mostrou a Grizz o que restava de Buddy, puxando um invólucro transparente e hermético, onde o rato estava preservado. Sem cabeça. Sem membros. Apenas um torso de roedor.

— Foi isso que eles me trouxeram, cara. Eu não sou idiota. Já estou aqui há tempo suficiente para saber que você descobriria e viria me procurar. Este é o animal de estimação do cara. Nunca coloquei no hambúrguer dele. Crazy e Bender não sabem disso; eles acham que fiz o que pediram.

Grizz tinha mais do que noção de que havia uma possibilidade de Joker ainda estar mentindo. A prisão estava cheia

de roedores e ele poderia ter conseguido um deles apenas para o fim de enganá-lo. O homem precisaria de mais provas, tal que ordenou a Joker para esperar na cozinha enquanto saía para perguntar algo a Bill.

Grizz voltou minutos depois.

— Se não houver um pedaço de pelo faltando nesse torso, onde o rato foi queimado no lado esquerdo, então saberei que você está mentindo.

Com as mãos trêmulas, Joker virou o saco de plástico transparente contendo Buddy. Exatamente onde Bill havia dito, um pequeno círculo, de menos de dois centímetros, exibia-se em um tom cinzento, sem pelos. O suspiro de alívio de Joker foi audível.

— Empacote de volta — ordenou Grizz a ele.

Joker colocou os restos mortais de Buddy de volta na sacola marrom e entregou a Grizz, que assentiu e sem dizer mais *nada* saiu da cozinha.

\*\*\*

Menos de uma semana depois, o diretor da prisão sentou-se em sua mesa e revisou o relatório do legista para os dois presos conhecidos como Crazy e Bender. Ele o colocou sobre a mesa, abaixou-se e abriu a gaveta inferior esquerda. Era muito cedo para uma dose de uísque?

Depois de se servir de um drink, recostou-se na cadeira e fechou os olhos enquanto o líquido ardente, sem gelo, descia por sua garganta. Acalmou sua barriga, que se projetava quase alcançando a mesa. Talvez mais um.

Após seu segundo gole, o diretor ponderou sobre essas duas últimas mortes na prisão. Ele balançou a cabeça quando percebeu que não estava mais dirigindo aquele lugar. É claro que tolo não era, e pensou que isso poderia acontecer depois que Jason “Grizz” Talbot recebeu a pena de morte e foi enviado ali para se sentar no corredor da morte.

Nos quase dois anos que Talbot esteve na prisão, ele conseguiu fazer algo inédito. Havia várias gangues entre os detentos, cada uma com seu próprio chefe. Talbot não apenas dilacerou o negócio da prostituição e dos contrabandistas dos presidiários que os administravam, mas também conseguiu se estabelecer como autoridade sobre *todos* eles.

O homem era basicamente o chefe dos chefes.

É claro que o fato de Talbot ter sequestrado uma adolescente e se casado com ela deveria significar isolamento e maus-tratos dos outros condenados. Ao menos, era o esperado. Em vez disso, o homem comandou com autoridade e exigiu respeito a si – o mais irritante era saber que ele conseguiu. O diretor meneou a cabeça.

Outra obviedade, quase tão inconveniente quanto a primeira, era o fato de não ser *nenhum* mistério quem estava por trás do programa de reabilitação canina para os prisioneiros. O diretor estava certo de que Talbot usaria os cães para transportar algumas das drogas menores, porém mais potentes. Ele era um filho da puta inteligente. E, para piorar as coisas, se o diretor fechasse o ministério dos cães pareceria o vilão para todos os ativistas de direitos humanos. Eles o acusariam de privar os internos de uma chance de reabilitação.

No que dizia respeito ao diretor, ninguém naquela prisão merecia uma chance de reabilitação. Droga, até mais da metade de seus guardas eram comprados diariamente!

Dezoito meses até a aposentadoria — disse o diretor a si mesmo. — Menos de dois anos neste lixo de merda e vou me aposentar com uma pensão que me deixará confortável para o resto da minha vida. Com sorte, logo, logo aquele bastardo vai se encontrar na cadeira elétrica.

Seus pensamentos foram interrompidos quando o oficial Headly entrou no escritório sem bater.

— Você assinou o relatório, senhor? — perguntou ao diretor.

O homem apanhou um conjunto diferente de papéis que estava do lado direito de sua mesa. Ele suspirou ao entregá-los a Headly.

Sem dizer *nada*, o oficial começou a sair do escritório. Ele estava quase além do batente da porta quando se virou para olhar o diretor.

— Sinto muito, senhor, mas acho que você me deu o relatório errado.

— Não, Headly, não o fiz. É este relatório que você entregará.

— Senhor, isso diz que foi um assassinato seguido de suicídio. Isso não é...

— Sei o que o relatório diz, Headly. Assinei a maldita coisa e é o que você vai colocar no arquivo, entendeu? Crazy conseguiu uma haste de ferro no refeitório e esfaqueou seu namorado, Bender, no chuveiro. Ele, então, voltou ao seu trabalho na lavanderia e se enforcou com um lençol na sala dos fundos. Um assassinato passional seguido de suicídio. Eu me fiz claro, oficial?



— Mas, senhor, as famílias vão querer ver o corpo e tem o direito de revisar o laudo do médico legista.

— E eles verão um, Headly. Eles verão o que você está segurando. Este, simplesmente, nunca chegará ao conhecimento deles — rebateu o diretor enquanto pegava outro conjunto de papéis de sua mesa e girava a cadeira, de modo que suas costas agora estavam de frente para o oficial. O gemido agudo de um triturador ressoou pelo pequeno escritório enquanto o diretor refletia sobre a brutalidade de Talbot. Ele não sabia exatamente o que tinha acontecido, mas isso era extremo. Se alguém na prisão havia pensado em cruzar o caminho de um prisioneiro do corredor da morte, incidentes os faria pensar duas vezes.

Headly apenas balançou a cabeça enquanto pegava o relatório falsificado do legista e silenciosamente deixava o escritório do diretor.

Talvez fosse melhor assim. Afinal, que parente próximo gostaria de ouvir que seu ente querido morreu engasgado com pedaços de carcaça de rato?

# Capítulo 12

## Tommy, 1999 - Fort Lauderdale

Tommy não conseguia desgrudar os olhos da filha conforme ela saía da sala. Depois que não estava mais à vista, ele se virou para Ginny.

— Ela aceitou melhor do que eu pensei que faria, Gin — disse calmamente. — Para ser franco, eu não tinha certeza se concordava com você que deveríamos contar a ela sobre nossos primeiros anos com a gangue. Acho que poderíamos ter mantido isso para nós mesmos até que ela fosse mais velha. Talvez ela nunca precisasse saber sobre nosso passado.

Eles tinham acabado de voltar da delegacia, onde passaram mais tempo esperando para falar com o detetive do que sendo entrevistados. Os restos mortais da Moe foram recentemente desenterrados e, depois de identificá-la positivamente por meio de testes de DNA, a polícia chamou Ginny e Tommy para outro interrogatório. Tudo durou menos de uma hora e seguiu sem quaisquer intercorrências. Eles disseram ao detetive a mesma coisa que disseram às autoridades muitos anos atrás, quando Grizz foi preso. Moe morreu de overdose.

Tommy relutantemente concordou, no caminho para casa, que talvez devessem contar a Mimi um pouco sobre seu passado. Eles não entraram em detalhes sobre o sequestro de Ginny ou sua vida com Grizz, apenas que fizeram parte de uma multidão desagradável em seus dias de juventude. Eles queriam prepará-la para o caso improvável de toda a investigação ser levada ao

conhecimento da mídia. Até *agora*, nada havia aparecido, mas Ginny sentiu que era hora de começar a contar a Mimi um pouco da história deles. No entanto, a adolescente não parecia perturbada com o que seus pais lhe contaram.

Após a saída indiferente de Mimi, Ginny endireitou o corpo e encarou Tommy.

— Só o fato de eles terem encontrado os restos mortais da Moe tornou óbvio para mim que não podemos ignorar nosso passado. — Ele começou a dizer algo, mas ela o deteve tocando sua mão. — Além disso, se a descoberta sobre Moe não trazer os repórteres, a execução de Grizz, ano que vem, certamente o fará, então precisamos que nossos filhos estejam preparados. Ela agora sabe que fizemos parte disso. Estou um pouco surpresa que ela não pareça se importar, mas Mimi é uma adolescente e completamente absorta em sua própria vida. Sei que tem provas finais na próxima semana e o recital de piano está chegando. Ela quer aprender a dirigir, embora ainda não tenha idade para ter uma licença. — Ginny respirou fundo, apreensiva. — Não sei, Tommy, você a ouviu. Mimi pensou que o pouco que compartilhamos sobre nosso passado foi a coisa mais legal que poderíamos ter contado. Mas isso é hoje. Amanhã, será outra coisa. Talvez não sejamos tão interessantes quanto pensávamos. Quero dizer, para ela, nós somos uma mãe e um pai chatos e entediados.

Tommy suspirou, os ombros caindo.

— Acho que você está certa. Normalmente, sou eu quem diz que você está interpretando muito o comportamento dela. Talvez nós dois estejamos errados. Quem sabe... construímos em nossas cabeças esse passado secreto horrível e monumental e, sim, é

horrível, mas é o nosso passado. E está tão distante de como vivemos nossas vidas, agora, que é quase como se nunca tivesse existido. Outra coisa... e Jason? Com a execução de Grizz programada para o próximo ano, devemos contar alguma coisa para ele? Precisamos prepará-lo?

Ginny teve que refletir sobre isso por um minuto. Ela tinha certeza de que a falta de interesse que Mimi demonstrava seria o oposto de como seu filho reagiria. Ele tinha nove anos e estava curioso sobre tudo. E só os céus sabiam o quanto ele gostaria de contar sobre o incrível e violento passado dos pais aos seus amigos.

— Acho que prefiro arriscar com a perspectiva da imprensa deixando isso para lá — disse finalmente. — Encontrar os restos da Moe não parece ter chamado muita atenção. Isso nos dá um ano para decidir se precisamos contar alguma coisa a Jason. E você está certo. Grizz está programado para morrer no próximo verão, mas recebeu tantas prorrogações de sentença que não há como dizer quanto tempo temos antes de ele, realmente, ser condenado à morte. Isso pode durar anos.

Ela se mexeu desconfortavelmente no sofá e não conseguiu encontrar os olhos de Tommy. Ela não gostava de falar desse assunto. Nunca gostara. Nunca iria gostar.

Ginny manteve-se quieta quanto àquilo. A conversa acabou.

— Tenho que começar a cozinhar para a feira da igreja amanhã à noite — começou ela conforme o ar inflava seus pulmões. — E eu disse a Carter que iria passar lá mais tarde, para ajudá-la a exercitar seus cavalos. Eu pensei em comprar comida para o jantar, depois. Tem vontade de comer alguma coisa? Chinês? Mexicano?

Antes que Tommy pudesse responder, ela acrescentou rapidamente:

— Por que você não vem comigo? É o dia de Denise buscar Jason depois da escola e levá-lo para praticar com Max, e ela o está levando para jantar com a mãe dela.

Denise era a mãe do melhor amigo de Jason, Max.

— A Lindsay também virá fazer o dever de casa com a Mimi. Venha para a casa de Carter comigo. Vamos agora, e farei os bolos depois de voltarmos para casa mais tarde — concluiu, esperançosa de que ele concordasse.

Mas Tommy fez uma careta.

— Ora, vamos, Tommy! Eu sei que você não tem que voltar a trabalhar pelo resto do dia. Venha comigo. Vai ser divertido.

— Vai ser divertido para *você*, talvez — retrucou ele com o frisar do pronome. — Da última vez que fui, fiquei preso limpando as baias.

— Isso é porque você disse que não queria cavalgar.

— E eu disse isso porque, antes de tudo, quando ajudei a exercitar os cavalos, tive que voltar para casa e colocar um saco de ervilhas congeladas nas minhas bolas.

— Você não está acostumado a cavalgar, tem que praticar para isso — disse com um sorriso.

— Não, obrigado, Gin. Vou recusar o convite, dessa vez. Amanhã voo para Chicago e não quero ter bolas doloridas. Eu preciso fazer as malas, de qualquer maneira.

— Chicago? Achei que fosse na próxima semana.

— Não, está no calendário. Eu parto amanhã de manhã, o voo sai às onze horas.

— Mas o festival da igreja... você vai perdê-lo. É a nossa maior noite do ano. Estamos tendo o leilão e o mini carnaval. Convidei Alec, Paulina e as crianças. Todos nós vamos...

— Ginny, não poderia evitar essa reunião com o meu melhor cliente, ele marcou comigo seis meses atrás. Este é um grande negócio e você sabe disso. Está no calendário desde sempre. Não fique tão surpresa. E antes que me esqueça, preciso dizer que será apenas Alec e os meninos. Paulina tem algum compromisso importante com a nova mania de ioga que está fazendo.

— Compromisso importante? Com ioga? — Havia ceticismo na voz dela. — Quer saber, não me diga. Ela está ainda mais ocupada do que eu com todas as suas atividades.

— Sinceramente, eu não planejava dizer *nada* mais, porque não sei o que pode ser tão importante em uma aula de ioga.

Ginny ficou ao lado dele e, apoiando as duas mãos em cada um de seus ombros, deu um beijo no topo de sua cabeça, gentil. Tommy olhou para ela, vendo a seriedade cruzar seu semblante ao dizer:

— Acho que vou para a casa de Carter agora, então. Em vez de assar o bolo. Eu preciso... para... você sabe...

Ela estava tentando dizer a ele que precisava escapar da conversa anterior. Havia uma nova e urgente necessidade de montar em um cavalo, o vento em seu cabelo, o som e o cheiro do animal e do couro de sua cela atacando seus sentidos e obliterando seus pensamentos. Ginny podia até ter parecido corajosa e durona quando falou sobre não ser capaz de enterrar seu passado, mas seu interior contava uma história diferente.

Sentindo a reação tardia de sua esposa à conversa sobre Grizz, Tommy se levantou e a abraçou.

— Eu irei com você. Eu não vou pegar aquela fera incontrolável que Carter chama de Comanche, mas talvez eu possa brincar com os cachorros ou algo assim.

Ela olhou para ele com uma expressão agradecida.

— Obrigada, Tommy. — O coração acalentou-se em calor. — Obrigada por vir comigo.

\*\*\*

Mais tarde naquela noite, depois de observá-lo por alguns minutos, Ginny enfiou a cabeça no escritório de Tommy. Ele estava sentado em sua mesa e não percebeu que ela estava lá.

— Quando você vem para a cama? — perguntou, bocejando. Já passava da meia-noite.

Ele olhou para cima, além da tela do computador.

— *Oh*, ei, Gin. Só tenho mais algumas coisas para terminar e ainda tenho que fazer as malas. Pode ir se deitar. Vou tentar não fazer muito barulho quando subir.

— Eu sei que só está sentado aqui agora porque foi comigo até a Carter. Você não me disse que tinha trabalho a fazer para a viagem.

— Não é sua culpa. A visita inesperada à polícia, esta manhã, para falar sobre Moe me atrapalhou.

Ela se encostou no batente da porta e inclinou a cabeça.

— Mas você já teria terminado se não tivesse vindo comigo. Por que você simplesmente não me disse que tinha mais trabalho?

Ele se levantou da mesa e caminhou em direção a ela, puxando-a para perto e apoiando o queixo no topo de sua cabeça.

— Porque eu sabia que você estava tentando ser forte e que falar sobre o que deveria acontecer no próximo verão estava pesando em seus ombros. Eu só queria estar com você, Ginny. É tudo que eu sempre quis. Não importa onde você esteja ou o que esteja fazendo. Eu te amo.

— Eu também te amo, Tommy.

Ginny olhou para ele, depois, observando o instante em que seu rosto se inclinou ao dela, pressentindo o beijo suave em seus lábios.

O que começou como um pequeno gesto de afeto, que rapidamente se transformou em algo mais. Não era tão claro assim qual deles aprofundou o beijo primeiro, mas antes que qualquer um soubesse o que estava acontecendo, eles se encontraram nus. Ginny estava curvada sobre o sofá de couro enquanto Tommy se enfiava dentro dela por trás.

O homem se moveu pelo seu interior e encontrou um local que causou um gemido alto por entre os lábios dela. Ele a levou a um orgasmo rápido e poderoso.

No momento em que Tommy sentiu a suavidade dela, apertando-o em um espasmo, ele encontrou sua própria liberação.

— *Oh* merda, Gin. Eu não esperava que você gozasse tão rápido.

— Você não está reclamando, está? — ela perguntou sem fôlego enquanto começava a colocar a camisola de volta.

Ele observou enquanto ela recuperava a calcinha e começava a vesti-la.



Se ele não estava enganado, ela estava evitando contato visual.

— Ginny, olhe para mim.

— O que foi? Há algo errado?

Ele sorriu para ela.

— Querida, acho que você está corando.

— Eu não estou corando, Tommy. Pelo amor de Deus, já fizemos isso um milhão de vezes. Por que eu estaria corando?

— Eu não sei, mas seu rosto está todo vermelho — disse sorrindo ainda mais.

— Talvez todo o sangue tenha ido às bochechas porque eu estava apoiada em um sofá com minha bunda para cima.

Ele começou a rir, então um som caloroso escapou de dentro de seu peito e disse a Ginny que ela havia acabado de drenar sua última gota de energia.

— Estou quase terminando aqui. Eu vou acordar logo e fazer as malas pela manhã.

— Não precisa acordar tão cedo, já fiz as malas para você. Boa noite, Tommy.

\*\*\*

Na manhã seguinte, ele foi acordado pelo som de passos pesados no corredor. A porta do quarto se abriu e Jason e Mimi ficaram parados olhando para ele na cama.

— Mamãe nos disse para ter certeza de que você estava acordado antes de sairmos para o ponto de ônibus — disse a

garota, sem se mover do batente. Diferente do irmão, que correu para a beira da cama, onde Tommy começou a se sentar.

— Onde está sua mãe?

Jason passou os braços em volta do pai.

— Dexter teve outro ataque e a Sra. Winkle estava muito chateada para levá-lo ao veterinário, então mamãe os levou.

Dexter era o cachorro do vizinho. A Sra. Winkle era uma viúva idosa que morava do outro lado da rua. Ela perdeu o marido na Guerra da Coréia e nunca teve filhos ou se casou novamente, então estava completamente sozinha, exceto por seu cachorro. Aquela não era a primeira vez que Ginny levava ambos ao veterinário.

Tommy acenou com a cabeça em compreensão.

— Boa viagem, pai — desejou Jason. — Você vai voltar a tempo para o meu jogo no domingo à noite?

— Desculpe, amigo, meu voo só chega na segunda à tarde, mas você me liga assim que acabar! Vou querer saber tudo sobre a partida!

Ele bagunçou o cabelo de Jason e olhou para cima para se despedir de Mimi, porém ela já tinha ido embora.

— Mamãe pediu para te falar que o café é fresco e que há alguns pães, ou algo assim, no forno! — gritou Jason por cima do ombro enquanto perseguia sua irmã escada abaixo.

Tommy olhou para o relógio na mesa de cabeceira e percebeu que eram apenas 6h55 da manhã. Ele tinha muito tempo antes de ir ao aeroporto.

Logo se viu sentado à mesa da cozinha, tomando café e lendo o jornal. Não havia *nada* sobre Moe nas manchetes locais.

Era um bom sinal.

A recente descoberta dos restos mortais dela e a tecnologia usada para identificá-la positivamente estiveram em sua mente nos últimos dias. Ele pensou sobre seu passado e o que descobriu após o julgamento de Grizz — e todas as pesquisas que ele fez sobre a mulher que ele suspeitava ser sua mãe, Candy. Tudo apontava para ele ser filho de Grizz, porém nunca confirmou isso com testes de DNA.

Tommy tomou um grande gole de café e se lembrou de como tentou, há muito tempo, ver se tinha algum parentesco com Grizz. Foi quando todos eles ainda viviam no motel, anos antes da prisão e julgamento do homem. Muito antes de Tommy ter ouvido o nome Candy. Naquela época, Tommy suspeitava que Grizz era seu irmão mais velho, não Blue, e ele voltou para casa com um ferimento à bala.

Tommy aproveitou a oportunidade para passar uma bandagem encharcada de sangue para um amigo no laboratório de ciências da escola. O teste confirmou que ele e Grizz compartilhavam um tipo de sangue raro.

Não era um teste de DNA, obviamente, mas era o mais próximo que você podia chegar naquela época. Isso foi no final dos anos 70, quando os testes só podiam determinar o tipo de sangue, pois o perfil de DNA ainda estava a anos de distância. Ele confirmou em sua mente que Grizz era de fato seu irmão mais velho, não Blue. Mas, *agora*, ele se perguntava se seria possível obter uma amostra de DNA de Grizz para comparar com a sua.

Ele supôs que poderia simplesmente visitar o homem na prisão e pedir-lhe um, mas não faria isso. No que dizia respeito a

Grizz, Tommy ainda vivia sob o pretexto de ser o irmão mais novo de Blue.

Grizz não tinha como saber que Tommy suspeitava que ele era seu pai.

Então, como um estalo mental, algo lhe ocorreu. Se sua suspeita desde o julgamento dele fosse verdade, Mimi era sua meia-irmã. Não havia dúvida na mente de Tommy de que Mimi era filha biológica de Grizz. Se Tommy também fosse seu filho biológico, então ele e Mimi compartilhariam padrões de DNA semelhantes.

Um silvo de ar escapou de seus lábios.

Ele olhou para o pãozinho pegajoso que estava intocado no prato à sua frente e engoliu o resto de seu café, erguendo a vista para o relógio acima do fogão. Ainda tinha tempo antes de seu voo.

Menos de vinte minutos depois estava no banheiro, que Jason e Mimi compartilhavam, encarando a bancada. Um cilindro de acrílico cortado ao meio continha uma escova de dentes verde. Provavelmente era de Jason. Onde estava a de Mimi? Ele rapidamente a encontrou. Era uma escova de dentes rosa brilhante, quase completamente escondida por uma toalha de mão jogada por cima descuidadamente.

Tommy a apanhou com exímia atenção e a colocou em um saco plástico transparente, depois desceu as escadas e saiu para o carro.

Em um recorte de trinta minutos, parou no estacionamento de uma mercearia. Ele viu seu amigo, Dale, encostado ao lado de um *SUV* com uma prancha de surfe presa ao teto.

— Ei, cara, há quanto tempo! Como você está, Tom? — perguntou o amigo quando Tommy saiu do carro.

Tommy sorriu para o rosto conhecido e lhe deu um rápido abraço masculino, com um tapa obrigatório nas costas.

— Já faz muito tempo, Dale. As coisas estão bem. E você?

Dale era o filho mais novo de um dos primeiros clientes de Tommy quando começou no escritório de arquitetura Monaco, Lay & Associates, anos atrás. Eles tinham quase a mesma idade e se deram bem imediatamente.

Era verdade que não mantiveram contato, mas Tommy sabia que Dale era alguém em quem podia confiar. Não porque compartilhou segredos com ele. Não, Dale era confiável porque, basicamente, não dava a mínima para certos assuntos. Além disso, ele estava muito ocupado perseguindo ondas e mulheres para se preocupar com os negócios de outra pessoa.

— Eu estou bem. Ocupado, na verdade... — Dale respondeu com um sorriso tímido. — Ainda um rato de laboratório. Não senti o desejo ou inclinação de embarcar no mundo corporativo. Fico feliz em fazer minha rotina das nove às cinco no meu cubículo e pegar as ondas nos fins de semana.

— Então, não mudou muito desde que você se formou na faculdade. — Tommy sorriu para ele.

— Não, e nem quero. Agora, falando sério, sei que você disse que estava com pressa. Trouxe a amostra?

Tommy enfiou a mão no bolso e tirou dois sacos plásticos. Um deles tinha a escova de dentes cor de rosa. O outro segurava um cotonete, que ele usou para passar na parte interna de sua própria bochecha. Ele os entregou a Dale.

— Só preciso de um teste de DNA simples. Quero saber se esses dois itens contêm DNA de parentes biológicos. Isso é tudo.

— Sim, sim, saquei. — Dale ergueu a sacola com a escova de dente rosa. — Você quer saber se é a sua filha, fruto do amor. Acredite, Tommy, não é o primeiro cara a pedir esse teste.

— Não! — Tommy retrucou, ríspido. — Ouça, eu tenho certeza de que não sou o pai biológico dessa criança. Só quero saber se compartilhamos o mesmo pai. É simples assim. Você será capaz de me dizer isso?

— É claro, é até bastante fácil. Te ligo quando estiver pronto.

— Não me ligue, Dale. Eu vou te ligar. Uma semana é tempo suficiente?

— Sim, uma semana deve dar...

— Eu realmente aprecio isso, Dale. — Tommy estendeu a mão para a maçaneta da porta de seu carro. — Eu tenho que pegar um avião. Obrigado, cara, te devo uma!

Tommy observou enquanto Dale também voltava para o carro. Então, girou a chave na ignição e dirigiu ao aeroporto.

\*\*\*

Sete dias depois, Tommy se sentou em seu escritório e discou um número. Quando Dale atendeu, o homem viu seu próximo cliente entrar no escritório e se aproximar da mesa de Eileen. Droga, ele está adiantado.

Dale, ao menos, atendeu ao primeiro toque.

— Ei, Dale, é o Tom. Quero saber se você obteve os resultados do laboratório — sussurrou.

— Estava esperando você ligar, cara, já tenho sua resposta — respondeu do outro lado da linha.

— E...?

— Deu positivo. As duas amostras que você me deu compartilham o mesmo DNA. Definitivamente, vocês estão ligados geneticamente — garantiu Dale. — E eu acho que você deveria...

— Você tem certeza? — interrompeu-o ele. — Sem dúvida? — Tommy mantinha a voz baixa, mas urgente, em especial quando seu cliente, ignorando os avisos de Eileen, que o estava seguindo quase a tiracolo, se aproximou da porta do escritório.

— Sem dúvida, cara. Na verdade...

A decepção pesou muito em seu peito, tal que a linha pareceu muda do outro lado. Grizz era seu pai. Mimi era sua meia-irmã. Ele não teve tempo para pensar nisso.

— Eu realmente te devo uma, Dale. Sinto muito, cara, tenho que correr com as coisas aqui. Obrigado. Como eu já disse, estou em dívida com você — respondeu Tommy, desligando antes que Dale pudesse dizer qualquer coisa a mais.

Do outro lado da cidade, Dale sentou-se em seu cubículo e revisou os resultados do teste pela segunda vez. Ele queria verificar, porque se lembrava claramente de Tom dizendo a ele: *tenho certeza de que não sou pai biológico da criança*.

— Bem, meu amigo — sibilou Dale para si mesmo enquanto balançava a cabeça. — Eu sei, com certeza, que você é o pai biológico da criança, mas provavelmente você já adivinhou isso também.

# Capítulo 13

## Leslie, 2000 - Fort Lauderdale

### *7 meses antes da execução do Grizz*

A cabeça de Leslie Cowan latejava enquanto ela fitava as caixas de correio do bairro degradado. Era dia de ano novo e ela havia comemorado a noite anterior com uma combinação de muito vinho barato e cerveja vagabunda. Seu estômago se revirou quando o sol forte da Flórida encontrou um caminho em seu para-brisa e fez sua cabeça doer ainda mais. Nem mesmo seus óculos de sol mais escuros poderiam afastar o brilho que servia como um lembrete flagrante da devassidão da noite anterior. Ela acordou tarde naquela manhã, apenas para se encontrar em uma cama desconhecida com um braço desconhecido e extremamente pesado sobre seu peito.

Ela balançou a cabeça como se quisesse apagar o nojo que sentia por si mesma. Qual era o nome dele? Não conseguia se lembrar e percebeu que não importava. Ela nunca o veria novamente.

O bairro por onde passava era velho e a maioria das casas já tinha visto dias melhores. Ela percebeu que alguns moradores ainda faziam um esforço para manter tudo o mais apresentável possível, mas, infelizmente, a maioria de suas tentativas de um quintal limpo e arrumado foi frustrada pela pessoa que morava ao lado. Gramados crescidos, varandas cheias de lixo e carros em quarteirões deviam estar afundando esses valores domésticos. Por que ninguém liga para a prefeitura?



Oh, bem, não é problema dela. Ela se lembrou da semana passada e de como uma amiga mencionou casualmente que o pai de seu namorado conhecia um cara que pertencia a uma gangue de motociclistas. Leslie tinha ouvido falar de uma grande revista que dedicaria uma edição aos motoqueiros famosos ainda nesse ano. Esse boato, combinado com o conhecimento de sua amiga sobre alguém que tinha realmente estado em uma gangue de motoqueiros, gerou uma ideia - e se ela pudesse impressionar a revista com uma denúncia sobre uma gangue real? Ainda que o boato da edição especial não fosse verdade, ela certamente poderia receber alguma atenção com um artigo de uma verdadeira gangue de motoqueiros.

Seu coração afundou quando ela encontrou o endereço que procurava. Foi um dos piores do quarteirão.

Leslie ficou surpresa quando William Jackson, o suposto ex-membro da gangue, sugeriu que ela o conhecesse no dia de ano novo. A maioria das pessoas gostava de reservar o primeiro dia do ano para se recuperar das festividades da noite anterior. Ela teria gostado disso, também, mas nunca recusou uma oportunidade, por mais estranha que fosse. Se ele estava pronto para uma conversa, então ela também estava, mesmo que sua cabeça e estômago discordassem insistentemente.

Por fim, estacionou no meio-fio e soltou um grande suspiro. Havia tanto lixo no quintal que ela mal conseguia ver o caminho para a porta da frente.

Relutantemente, a mulher juntou suas coisas e saiu do carro, certificando-se de trancá-lo com o alarme. Não era o melhor ou mais novo carro, mas era tudo que tinha. Empurrando a bolsa e erguendo

o queixo em coragem, ela caminhou com a maior confiança que pôde até a varanda e tocou a campainha. Não houve *nenhum* som. Devia estar quebrada. Um cachorro latiu ao longe. Ela bateu na porta de madeira gasta e deu as costas para ela enquanto examinava a pista de obstáculos de lixo que acabara de atravessar. Um carro velho e surrado estava parado na garagem. O resto do quintal estava cheio de... tudo, desde uma velha pia de cozinha até pilhas de pneus. Seus olhos percorreram lentamente o jardim, fazendo um inventário mental das peças de motocicletas, uma porta de forno, várias tampas de assento de vaso sanitário e um pufe laranja. Isso a lembrou de uma abóbora triste e murcha.

— Você deve ser a repórter — ela ouviu uma voz masculina dizer atrás de si, virando-se para cumprimentá-lo até perceber que não tinha palavras.

Aquele não poderia ser William Jackson, o antigo membro de gangue. Ela estava olhando para um jovem muito alto e muito bonito, com olhos azuis brilhantes, lábios carnudos e cabelos pretos encaracolados na altura dos ombros. Ela não conseguia avaliar a idade dele, mas julgou estar no final da adolescência ou no início dos vinte anos. Ele tinha o tipo clássico de beleza que pertencia à capa da revista na qual estava tentando impressionar. Ainda por cima, o rapaz vestia jeans e uma camisa denim desbotada com as mangas arregaçadas até os cotovelos. A parte superior de seus antebraços, e o que ela podia ver da parte superior do peito, estavam fortemente tatuados. Ele parecia esguio, mas de constituição sólida. Firme. Definitivamente, Leslie achou que o rapaz precisava fazer a barba e cortar o cabelo.

Mas gostou do que viu.

— Sr. Jackson? — Foi o que conseguiu dizer, imediatamente ciente de sua aparência desgrenhada. Depois de sair da cama de John Doe naquela manhã, ela teve apenas alguns minutos para se preparar em seu banheiro antes de ir direto à entrevista.

— Não. Você quer meu tio. — Ele deu um passo para o lado e acenou para que entrasse na casa, fechando silenciosamente a porta assim que ela o fez.

Ela ficou surpresa que o interior não fosse tão horrível quanto o exterior. Cheirava a cigarro e bacon e, embora estivesse cheio de móveis desatualizados e gastos, era arrumado.

Leslie se concentrou, depois de alguns passos, em um homem sentado no sofá de couro rachado. Ele estava vestindo calça de moletom e uma camiseta que dizia "caia morto", com tubos transparentes sobre cada narina, os quais obviamente o estavam alimentando com o oxigênio que lhe faltava. Ela começou a caminhar em direção a ele para estender a mão quando parou. O velho estava fumando um cigarro. Isso parecia terrivelmente perigoso.

— Este é o tio Will. Não deixe o tanque de oxigênio e os cigarros assustarem você. Se ele não nos explodiu até agora, provavelmente não vai.

Leslie deu ao Sr. Sobrinho Fofa um meio sorriso. Ele aproveitou a oportunidade para estender sua própria mão.

— Eu sou Nick Rosman. — O rapaz viu a pergunta nos olhos de Leslie quando ela estendeu a mão. — Tio Will não é meu tio de verdade. Minha mãe namorava seu irmão mais novo. Eu cresci chamando os dois de "tio". Paul ainda mora aqui com ele, mas atualmente está fazendo sua terceira temporada na reabilitação.

Medicamentos controlados e álcool. Só estou aqui para ajudar até que ele volte para casa.

Como já era de sua prática geral, ele decidiu que era melhor contar a ela algumas coisas com antecedência e evitar o bate-papo, as perguntas que inevitavelmente se seguiriam. Ele não era de conversar muito e notou o interesse nos olhos dela assim que abriu a porta da frente, sabendo imediatamente que ela era um pedaço de mal caminho no qual não poderia seguir. E se estivesse seguindo, certamente não chegaria ao lugar que pensava. Ele conseguia farejar um mal negócio a um quilômetro de distância.

— Então sua mãe sai com o irmão do Sr. Jackson, Paul?

— Namorado — enfatizou Nick enquanto acenava para ela em direção a uma cadeira. — Eles se separaram anos atrás. Mas, como eu disse, cresci perto deles, então ainda faço o que posso para ajudar.

Depois que Leslie se sentou e tirou o bloco de notas e o lápis da bolsa, Nick ofereceu-lhe algo para beber. Ela recusou de forma educada e, após se apresentar e agradecer rapidamente a William Jackson por concordar em falar com ela, a entrevista começou. Nick se sentou no braço de outra cadeira e não fez questão de atentar-se completamente em ouvir seu tio adotivo compartilhando histórias de sua juventude na gangue de motociclistas, que tinha sua sede em um velho motel decadente perto da *State Road 84*.

Nick ouvia essas histórias desde criança. Tio Will considerou a Era passada como seus dias de glória e ocasionalmente se gabava para o menino, que foi ele cujo testemunho ajudou a colocar Jason “Grizz” Talbot no corredor da morte na Flórida. Nick tinha ouvido tudo e mais um pouco. Ou pelo menos pensou que tinha.

Seus ouvidos se animaram quando ouviu o tio responder ao último comentário da repórter.

— Aquele nome. Jason Talbot. Isso é meio familiar. — As sobranceiras de Leslie se juntaram em concentração. — Uma empresa de escavação encontrou os restos mortais de uma mulher no ano passado, que estava ligada a ele ou algo assim. Eu não consigo lembrar exatamente, agora. Ele abriu caminho entre as fofocas dos repórteres, que especulavam teorias, mas parecia que ninguém queria realmente se colocar diante o homem. Eu não sei se eles estavam com medo ou se simplesmente não era interessante. Eu nem consigo lembrar o nome dela.

— Deve ter sido a Moe — comentou Jackson casualmente, enquanto dava uma pequena tragada no cigarro.

— Você conhecia a mulher que eles encontraram? — Leslie endireitou-se na cadeira.

— A conhecia em um sentido... mais íntimo, se é que me entende. — William Jackson piscou para ela, um brilho malicioso em seu olhar envelhecido.

Leslie se aproximou. *Agora* isso estava ficando interessante.

— Essa gangue, esse “clube” do qual você está falando... está me dizendo que era dirigido por um cara que agora está no corredor da morte? Jason Talbot foi para a prisão por ter essa gangue de motociclistas?

— Ele foi para a prisão por um monte de coisas. — Jackson deu a ela um olhar sério. — Ele é o filho da puta mais cruel que já conheci. Eu o vi quebrar o pescoço de uma mulher como se não fosse *nada* e jogá-la *num* pântano lúgubre. Foi meu testemunho no depoimento que ajudou a colocá-lo no corredor da morte. Ele ainda

está lá. Por que você não tenta uma entrevista com ele? Se quer uma verdadeira história de motociclista, é ele quem você deveria entrevistar. Ou melhor ainda, você provavelmente deveria falar com a esposa dele! Você sabe, ele a sequestrou quando ela ainda era adolescente. Forçou-a a se casar com ele. Pelo menos, ela costumava ser sua esposa. Acabou se casando com um dos outros membros da gangue antes mesmo de Grizz ser condenado. Acho que eles ainda moram aqui em algum lugar no sul da Flórida.

Leslie não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Ela estava ansiosa para terminar a entrevista, para que pudesse chegar em casa e ligar o computador para ver o que poderia encontrar sobre Jason Talbot. Ela não se lembrava de ter ouvido *nada* sobre ele ser um motociclista, quando soube que os restos mortais de Moe foram encontrados. Então, novamente, nunca se perguntou ou tentou cavar mais fundo. Essa conversa mudou tudo.

Ela terminou a entrevista o mais rápido e educadamente que pôde. Depois, perguntou ao Sr. Jackson se poderia voltar se precisasse fazer mais algumas perguntas. Leslie tinha certeza de que não precisava. Mais do que nunca, sabia que seria capaz de encontrar tudo o que precisava na *Internet*.

\*\*\*

Menos de uma semana depois, ela se viu sentada na mesma cadeira de William Jackson enquanto o velho tragava um cigarro, já fumado pela metade. Nick estava empoleirado no mesmo lugar de antes, sobre o braço da poltrona. Porém, desta vez, ele estava sem camisa, mas Leslie mal percebeu os seus músculos tatuados.

Ela estava furiosa, decepcionada e talvez até um pouco desesperada.

— Nada — disse conforme os lábios se repuxavam em uma careta. — Não consigo encontrar *nada* sobre *ninguém* ou qualquer coisa que tenha a ver com esse Jason Talbot. Eu vasculhei a *Internet* em busca de notícias antigas e não consigo encontrar *nada* sobre uma garota sequestrada nos anos setenta. Quer dizer, isso não é verdade... — admitiu conforme agitava os cílios e se corrigia: — Havia várias garotas desaparecidas, a maioria considerada fugitiva, mas nenhuma que eu pudesse relacionar ao sequestro de uma gangue de motoqueiros. Eu digitei o nome 'Grizz' em cada mecanismo de pesquisa que existe, mas tudo o que encontrei foram fotos de ursos pardos e suprimentos de caça ultrapassados. Tentei com seu nome verdadeiro e me deparei com listas telefônicas online de todos os Jason Talbot do país. Obviamente, nenhum deles é *e/e*. Eu até tentei o nome da gangue, mas alguns sites de ocultismo de aparência assustadora surgiram. Eu tentei os tribunais e não havia registros de julgamento. Se estiver lá, foi escondido ou lacrado. É quase como se esse homem não existisse de verdade.

Ela estreitou os olhos e deu a William Jackson um olhar suspeito, esperando que dissesse algo. Quando ele não o fez, ela acrescentou:

— Quero dizer, ele é obviamente real. Eu encontrei a prisão onde ele está, então eu sei que um Jason Talbot está no corredor da morte. Consegui falar com alguém de dentro, mas eles me disseram que ele foi condenado à morte por causa de um roubo de carro que deu errado. Sim, é mais do que claro que matou o cara cujo carro ele roubou, mas o homem com quem conversei na prisão também

me disse que ele não tinha *nenhuma* ligação com uma gangue de motoqueiros. — Ela cruzou os braços, nervosa. — Então, agora, acho que você já teve muito tempo para se sentar no sofá, e estou pensando que sua necessidade de oxigênio lhe deu alucinações, Sr. Jackson. Você nunca fez parte dessa grande e terrível gangue de motociclistas, não é? Está tudo na sua cabeça. Jason Talbot existe, mas a gangue nunca viu a luz do dia.

Nick estava surpreso pela raiva que emanava de cada palavra da repórter, formando suas acusações. Ela tinha de ter vivido sob uma rocha para nunca ter ouvido falar de Jason “Grizz” Talbot. Nick estava convicto que o homem existia, com certeza, porque ele sabia que a antiga gangue de Grizz ainda estava pelas ruas. Eles não usavam mais as jaquetas e não se deixavam ser conhecidos como costumavam ser, mas ainda respiravam na clandestinidade e eram um grupo de criminosos extremamente bem organizado.

E se Nick tivesse que adivinhar direito, Talbot ainda estava dando ordens mesmo de dentro da prisão. Vamos lá — quão simples seria encontrar algum funcionário zé-ninguém na base da hierarquia da prisão mentindo sobre sua história? Era simples demais. Fácil demais.

Nick sabia que não apenas a gangue de Grizz, mas também gangues rivais existiam porque ele estava tentando ao máximo entrar em uma nelas. Não sobraram muitas, mas estavam lá fora. Ele não estava surpreso que seu tio tivesse se gabado de ajudar a colocar Grizz na prisão. Uma pessoa inteligente teria medo da retaliação de Talbot, mas não o tio Will.



Quando Nick perguntou a ele sobre isso, após a primeira visita de Leslie, seu tio disse a ele:

— Grizz não quer vingança contra mim. Seu advogado me disse para contar a verdade sobre ele, porque essa era sua vontade. Qualquer que fosse o motivo, ele estava procurando ir para a prisão. Eu estava apenas seguindo uma ordem, dizendo a eles o que vi naquela noite.

Nick havia insinuado para seu tio sobre querer conhecer as pessoas certas para entrar em uma gangue, mas Will recusou-se a falar. Ele sabia que o tio Will provavelmente só precisava fazer algumas ligações e Nick teria a chance de provar a si mesmo por meio de qualquer ritual de iniciação que eles exigissem.

Mas seu tio adotivo não queria isso para Nick, afirmando, várias vezes, que ele era inteligente e podia ganhar a vida de forma honesta.

Mal sabia William Jackson que Nick não tinha intenção de trilhar o seu caminho como um cidadão americano respeitável. Ele iria provar a si mesmo. Ainda não sabia como, mas faria com que alguém o notasse.

Os pensamentos de Nick foram interrompidos quando seu tio começou a rir.

Will jogou a cabeça para trás e sentou-se para dar um tapa no joelho.

— Não foi possível encontrar *nada* sobre Grizz, hein? Não me surpreende nem um pouco. Ele sempre foi um bastardo inteligente, dono de mais da metade desta cidade. Provavelmente ainda é. Você tem algum jornal antigo ou contatos com a polícia? Você perguntou a alguém sobre ele?

Leslie enrijeceu os ombros e ergueu o queixo.

— É claro. Eu perguntei a algumas pessoas que conheço. Todos eles dizem a mesma coisa. O nome parece familiar, mas não se lembram por quê. Foi há muito tempo. O quê? Quinze anos, pelo menos?

— E você acredita neles? — Tio Will bufou. — Como eu disse, não me surpreende nem um pouco que você não consiga fazer *ninguém* falar. Eles ainda têm medo dele. Você foi criada aqui, Srta. Cowan? No sul da Flórida?

— Não. Estou aqui há dois anos. Fui criado no Norte. Por quê?

— Porque você pode ir até qualquer estranho na rua, perguntar se morou aqui nos anos setenta ou oitenta e dizer o nome de “Grizz”. Ele vai se lembrar. Ele pode não querer falar sobre isso, mas vai se lembrar.

Ela revirou os olhos, irritadiça.

— Há mais alguma coisa, Sr. Jackson? Você pode me dizer mais alguma coisa *útil* antes de eu decidir se vale ou não a pena seguir sua sugestão idiota de entrevistar estranhos na rua?

— Sim, há outra coisa. Por que você não vai falar com a mulher com quem ele foi casado? *Oh*, espere, isso mesmo. Você não pode, porque não sabe o nome dela. Você nem tem certeza se ela existe.

Jackson sentou-se apropriadamente para pegar o cigarro, que fumegava em um cinzeiro na mesinha de centro. Leslie olhou para ele sem dizer *nada* enquanto o velho levava o cigarro aos lábios e tragava. Ele soprou a fumaça lentamente e se recostou.

— O novo marido costumava ser chamado de Grunt. Ele trabalhou em alguma firma de arquitetura chique, mas saiu após o julgamento, o mesmo que você não consegue encontrar. Deve ser uma repórter e tanto, Srta. Cowan — zombou. — Eu ouvi que Grunt tem sua própria empresa, agora. Dillon-alguma-coisa, em algum lugar em Fort Lauderdale.

Isso chamou a atenção de Nick. Dillon? Ele sabia que Keith “Blue” Dillon não era uma arquiteta. Eles deviam estar relacionados. Interessante.

Jackson observou os músculos do rosto de Leslie endurecerem com o insulto, mesmo que os dedos escrevessem algo rapidamente em seu caderno.

— E, porque estou me sentindo muito generoso, vou até te dar uma dica. Novatos precisam disso — disse ele, provocador, firmando o olhar. — Dizia-se que quando a esposa de Grizz se casou com Dillon, ela estava grávida do bebê de Grizz. Ouvi boatos que era uma menina. Ela teria o quê, quatorze ou quinze anos, agora? Se você não conseguir encontrar Dillon, talvez encontre algo nos registros do hospital. Quem sabe?

Leslie se levantou para sair, mas não antes de fazer mais uma pergunta.

— Por que, Sr. Jackson?

— Como é?

— Por que concordou em falar comigo? Por que você está compartilhando tudo isso? Se esse homem é realmente tão cruel quanto diz que é, por que arriscar a possibilidade de ele descobrir tudo e mandar alguém atrás de você?

Ele olhou para ela, sério.

— Não tenho *nada* melhor para fazer. Além disso, sei que você não é estúpida o bastante para deixar alguém saber que você realmente falou comigo. Não é, Srta. Cowan?

A maneira como ele disse seu sobrenome enviou um arrepio na espinha de Leslie. Teria ela negligenciado a situação em que estava se colocando? Ela entrevistou criminosos piores do que aquele velho. Quão perigoso poderia ser um senhor enrugado preso a um tanque de oxigênio?

Mas e se fosse verdade? E se ele pertencesse a uma gangue de motoqueiros? Só porque ela não conseguiu encontrar *nada*, não significava que eles não existiam. Se ela fosse ser honesta consigo mesma, estava ainda mais intrigada *agora* do que quando descobriu que tudo isso poderia realmente ser verdade, e alguém tomou medidas extremas para ter certeza de que os registros fossem apagados.

Esta poderia ser uma história e tanto se pudesse apenas obter alguns fatos para substanciar até mesmo alguns dos contos que William Jackson tinha contado a ela da última vez que estivera ali.

A única coisa que Leslie não disse a Jackson foi que ela não estava sendo exatamente verdadeira ao falar sobre seus contatos do jornal ou contatos da polícia. Ela realmente não tinha *nenhum*.

A mulher irritou todas as pessoas erradas quando começou seu trabalho em Fort Lauderdale. Ainda assim, sempre foi o tipo que não se importa; para ela, mesmo a publicidade ruim era alguma publicidade. Então, estava fazendo um nome para si mesma, mas não de um jeito moralmente aprovado.

Ela descobriria mais sobre Grizz, escreveria seu artigo e o publicaria.

Depois, que o Diabo os carregasse!

Leslie acenou com a cabeça para o homem e se dirigiu à porta da frente. Ela estava por fechar a porta atrás de seu corpo quando ouviu a voz de William Jackson gritar:

— Não se deixe enganar pelo tanque de oxigênio, Srta. Cowan. Chame-me de idiota de novo e vou estrangular a vida desse seu lindo pescoço. Afinal, não tenho *nada* melhor para fazer.

# Capítulo 14

## Mimi, 2000 - Fort Lauderdale

### *5 meses antes da execução do Grizz*

— Sim, senhor, esse valor é o de uma dúzia de rosas brancas, e posso garantir que serão entregues na sexta à tarde, no trabalho de sua esposa.

Mimi estava digitando as informações do homem no computador e equilibrando o telefone firmemente entre a bochecha e o ombro. Ela fez uma pausa quando o homem disse mais alguma coisa. Ela repetiu o endereço de entrega e a mensagem que deveria estar escrita no cartão, para confirmar, pegou as informações do cartão de crédito e explicou pacientemente, pela segunda vez, que a entrega estava garantida na data e hora solicitadas. Ela ignorou seu comentário de que o preço das rosas era ridículo, considerando que estariam mortas e no lixo em uma semana. Então ele desligou.

— Se você está preocupado com a morte delas, compre algo que não morra — resmungou a garota para si mesma.

— Alguém está te incomodando? — Uma voz masculina perguntou.

Mimi se virou e ficou cara a cara com um cliente que entrou na floricultura sem ser notado. Ela rapidamente desviou o olhar, envergonhada por ter sido ouvida. Sem olhar para cima, disse fitando o balcão:

— Acho que algumas pessoas não ficam felizes a menos que estejam reclamando.

— Espero que ele não tenha sido muito desagradável. Se ele foi, você vai ter que pedir ao seu namorado para bater nele ou algo assim.

Ela ergueu os olhos com o comentário e se viu diante o rosto do cara mais fofo que já havia entrado na loja de flores. Ela trabalhava lá desde antes do Dia dos Namorados e nunca esperou que alguém tão jovem — ou tão bonito — entrasse ali.

Sua boa aparência e sorriso largo e brilhante a pegaram desprevenida, tal que Mimi não sabia o que dizer. Ele deve ter percebido que a deixou desconfortável, porque acrescentou rapidamente:

— Sinto muito. Não quis dizer *nada* com isso. Quer dizer, tenho certeza de que você tem namorado, e o que ele faz ou deixa de fazer não é da minha conta. Só estou dizendo que não deixaria ninguém falar assim com a minha namorada. Não que você seja minha namorada! Quero dizer, claro que você não é minha namorada. Eu nem sei o seu nome! Não que saber seu nome significaria que você é minha namorada. Eu nem sei o que estou dizendo. Estou calando a boca, agora.

Mimi apenas sorriu para ele vendo-o corar ainda mais nervoso do que ela. A garota não conseguia tirar os olhos da covinha profunda em sua bochecha esquerda. A bochecha que estava ficando cada vez mais vermelha com o resto do rosto.

Ela estendeu a mão sobre o balcão.

— Eu sou Mimi.

Ele deu um suspiro visível de alívio e aceitou sua mão estendida.

— Elliott. Eu sou Elliott. É um prazer conhecê-la, Mimi.

Após uma pausa breve e desconfortável, a garota perguntou:

— Em que posso ajudá-lo?

— *Oh*, sim, flores. Preciso de algumas flores para o aniversário de oitenta anos da minha avó. Eu quero algo especial, mas não tenho muito dinheiro.

Envergonhado. Ele desviou o olhar.

Mimi quase suspirou alto. *Oh* meu Deus. Quão fofo era esse cara? E ele ainda está comprando flores para sua avó!? Ela teve que reprimir uma risadinha nervosa.

Para evitar que se transformasse em uma idiota completa, inspirou fundo e assumiu a pose mais profissional que conseguia. Demorou cerca de trinta minutos para ele finalmente decidir sobre um arranjo de primavera que cabia em seu orçamento. Mimi estava grata por ninguém ter entrado na loja. Mimi não tinha como ter *absoluta* certeza, mas tinha alguma parcela de convicção de que ele estava flertando com ela e, na verdade, enrolou para selecionar um arranjo tão simples apenas para ficar mais ao seu lado. Sua empregadora, Maggie, estava fazendo entregas e Mimi estava sozinha na loja. Ela tinha apenas quinze anos, mas provou ser uma funcionária confiável e competente, tal que Maggie ficou aliviada e grata por Mimi poder administrar a loja sozinha enquanto fazia entregas. Eles haviam perdido recentemente dois funcionários em tempo integral.

Elliott quase parecia relutante em sair depois de pagar por suas flores e observar Mimi embrulhá-las cuidadosamente.

— Foi um prazer conhecê-lo — disse ele quando Mimi lhe entregou o buquê. O rapaz caminhou lentamente até a porta.



— Prazer em conhecê-lo também — Mimi gritou atrás dele, mas um olhar irritado surgiu em seu rosto quando o telefone interrompeu sua despedida. Ela se perguntou se o veria novamente.

Tudo bem. A garota se forçou a reprimir um suspiro de remorso. Aquela foi, provavelmente, a primeira e última vez que colocou os olhos em Elliott.

— Desenhos florais de Maggie, aqui é Mimi, como posso ajudá-lo?

Ouvindo quem estava do outro lado da linha, seu comportamento mudou imediatamente. A garota, que ainda estava com a mente pouco enevoada de flertar com um garoto bonito, se foi. Ela se endireitou e, em sua melhor voz profissional, respondeu à mulher do outro lado da linha.

— Recebi sua mensagem, Leslie. Eu estarei lá.

Então desligou sem cerimônia e foi até a janela para ver se conseguia ver Elliott dirigindo ou indo embora. Era tarde demais e ele já tinha partido.

Mimi passou o resto da tarde ocupada e refletindo sobre quando conheceu Leslie. Foi logo depois do Ano Novo. Mimi estava andando pelo shopping, procurando algumas das lojas menores que estavam aceitando currículos de emprego. Ela fez uma pausa para se sentar em um banco e examinar a papelada que recolheu quando Leslie se sentou ao lado dela e puxou conversa. Mimi não queria parecer rude ignorando completamente a mulher, então respondera-a com meias palavras na conversa. Sua amiga Lindsay se encontraria com ela em menos de vinte minutos para lhe dar uma carona para casa; como a amiga não tinha interesse em trabalhar,

aproveitou a tarde para fazer compras enquanto Mimi juntava as oportunidades.

— Você nem mesmo precisa trabalhar! — Lindsay disse quando elas chegaram ao shopping. — Por que você precisa conseguir um emprego? Seus pais estão fazendo sua cabeça, não estão?

— Sim e não. Não preciso trabalhar, mas meus pais acham que é uma boa ideia e eu também.

Lindsay parou de andar e olhou para Mimi, boquiaberta.

— Você quer isso!? Está falando sério, Mimi!?

A garota continuou andando ao responder:

— Você age como se o trabalho fosse uma sentença de morte.

— É uma sentença de morte! Você é louca! — exclamou Lindsay apressando o passo para alcançar Mimi. — Eu vou me casar com o cara mais rico que aparecer. Ele nem precisa ser bonito. Eu não me importo. Terei um namorado fofo em plano B, se precisar, mas não estarei trabalhando. Além disso, não consigo pensar em *nada* que eu queira fazer e que possa ganhar o tipo de dinheiro necessário para me manter com sapatos e bolsas de grife. Não, eu não vou *nem* tentar conseguir essas coisas por merecimento. O esforço não vale a pena. — Ela fez uma pausa quando algo lhe ocorreu. — Pensando bem, vou merecê-los, mas não por ter um emprego regular. — Isto posto, a garota riu de sua própria insinuação.

Mimi balançou a cabeça e sorriu. Ela sabia que Lindsay não estava brincando. E ela estava certa de que sua amiga não teria

problemas em encontrar um homem disposto a cuidar dela e financiar seus gostos caros como esposa troféu.

Lindsay era linda como uma modelo de passarela. Alta e esguia, com a pele cor de caramelo e olhos exóticos e amendoados, uma beleza natural. Mas, embora ela fosse uma menina doce, não tinha ambição – ou, pelo menos, não o mesmo tipo de ambição que a de Mimi; ela uma seria jornalista. Embora seus pais pensassem que tivessem sido eles a inspiração que a motivou a procurar um emprego, ela estava mais do que feliz em fazê-lo.

Mimi queria enfrentar a vida, colocar-se à prova, obter alguma interação com pessoas fora de sua zona de conforto, que era a escola e a igreja. O mundo do varejo seria a oportunidade perfeita. Ela seria exposta a todos os diferentes tipos de personalidades e realmente esperava por isso com animação.

Mimi até mesmo já havia se inscrito para obter uma autorização de trabalho, pois não faria dezesseis anos até o ano que vem, e havia entregado seu currículo para uma sorveteria e floricultura do bairro, mas não obteve respostas. *Ainda*. Quando Lindsay sugeriu uma visita ao shopping, Mimi decidiu caçar um emprego.

*Agora*, no banco com a estranha aleatória que não parava de bater papo, Mimi abafou um bocejo.

— Parece que você está se candidatando a empregos. É nisso que você está interessada? Varejo? — a mulher, Leslie, perguntou.

— Não. — Mimi examinou as lojas, sem olhar para ela. — Estou apenas procurando obter alguma experiência do mundo real. Vou ser jornalista.

Isso era bom demais para ser verdade, Leslie pensou consigo mesma.

— Por que você não tenta conseguir um emprego em um jornal ou algo assim? Isso foi o que eu fiz quando estava começando.

Mimi a olhou, então, surpresa de tal forma que as sobrancelhas se arquearam.

— Você é jornalista?

— Sou sim. Trabalho para uma pequena revista chamada Loving Lauderdale e sou freelancer para outras revistas maiores. — Leslie, indiferentemente, mencionou o nome de uma grande revista, antes de perguntar: — Já ouviu falar deles, certo?

— *Oh*, sim, claro! Todo mundo já ouviu! Você escreve para eles? — Os olhos de Mimi se arregalaram de admiração.

— Estou trabalhando em uma história para eles, agora, mas é um caso difícil... — Leslie balançou a cabeça —, eu tive que parar de escrever e fazer algo diferente. É por isso que estou aqui. Fazendo uma pausa para observar as pessoas. Isso me ajuda a relaxar. Então, por que você não está tentando conseguir um emprego em um jornal ou algo assim?

— Eu tentei. Eles me disseram que não estavam contratando e, se estivessem, seriam candidatos em idade universitária com um pouco mais de experiência do que eu — explicou Mimi, a decepção em seu tom era inconfundível.

— O quê? Você não está na faculdade!? Eu pensei que você fosse alguém muito mais velha! — Leslie mentiu. Ela sabia a idade de Mimi.

— Não, não. — A garota sorriu. — Eu ainda estou no ensino médio. Achei que um emprego no varejo me daria, pelo menos, alguma experiência em lidar com o público.

— Isso já diz muito sobre você. É inteligente e ambiciosa, será uma ótima jornalista! — Leslie olhou para o relógio, fingindo um desinteresse deliberadamente planejado e tentando dar uma dica sutil de que essa conversa logo terminaria.

A dica não passou despercebida. Ela tinha a total atenção da garota.

— Então, qual é a história difícil em que você está trabalhando? — Mimi perguntou. — O que é tão horrível que você precisou fazer uma pausa na escrita?

— *Oh*, eu não tenho certeza se posso dizer. É muito sério, eu teria que ser capaz de confiar em você e, com todo respeito, nem a conheço. Quer dizer, acabamos de nos conhecer...

Mimi se endireitou e olhou para Leslie com os olhos arregalados em uma esperança excitante.

— Você pode confiar em mim! Não vou contar a ninguém! Ninguém! Nem para meus amigos, nem meus pais. Principalmente meus pais.

— Você não gosta de seus pais?

— É claro que gosto deles. Eu amo meus pais. Só não tenho certeza.... — A pausa a fez respirar fundo. — Não tenho certeza se realmente os conheço. Não sinto que eles tenham sido sinceros comigo sobre algumas coisas.

Leslie não tinha certeza do que estava lidando, ali. Mimi não parecia uma adolescente rebelde, mas por sua linguagem corporal e o comentário sobre seus pais, que Leslie já sabia que eram Tommy

e Ginny Dillon, ela parecia ter algum tipo de problema de confiança. Isso poderia ajudar Leslie ou resultar em agressões futuras. Um passo de cada vez.

— Não sei *nada* sobre seus pais, mas a maioria dos pais que conheço e não falam a verdade, geralmente, estão tentando proteger os filhos. Tentando evitar que eles sejam feridos por alguma coisa.

— Sim, talvez você esteja certa. De qualquer forma, não vou contar a eles ou a *ninguém* sobre o que é sua história. Provavelmente nunca mais vou te ver depois de hoje. Por favor, me conta!

— Tudo bem — cedeu Leslie. — Você quer ser jornalista, então vai entender a necessidade de sigilo. Não quero ninguém divulgando minha história. — Ela deu uma piscadela conspiratória para Mimi, apenas para, em seguida, se inclinar e sussurrar: — Estou investigando gangues de motoqueiros. Aparentemente, havia um muito cruel nos anos 60 e 70, bem perto desta área. A revista para a qual escrevo está dedicando uma edição aos motoqueiros celebridades e me pediu para escrever uma história sobre motoqueiros de verdade.

Leslie olhou em volta, como se estivesse se certificando de que não foi ouvida antes de prosseguir:

— Há um motoqueiro sentado no corredor da morte, agora, que deverá ser executado neste verão. Disseram-me que ele é um cara horrível, um monstro. Estou tentando conseguir uma entrevista com ele antes que morra.

Leslie sorriu por dentro. Ela havia aberto o terreno da conversa e *agora* tudo o que tinha a fazer era sugerir a Mimi que

usasse seu ímpeto jornalístico na pesquisa. Ela não achava que a adolescente de quinze anos pudesse oferecer qualquer ajuda real, mas Leslie usaria o tempo com ela para aprender tudo o que pudesse sobre os Dillons.

É claro que também alertaria a Mimi que elas teriam que trabalhar juntas em segredo.

Mas antes que Leslie pudesse dizer uma palavra, ela viu a linguagem corporal de Mimi mudar, observando a garota se transformar diante de seus olhos. Foi-se o interesse de admiração e ingenuidade. O coração de Leslie deu um pulo e sua confiança começou a diminuir enquanto tentava descobrir o que havia causado a mudança repentina em Mimi.

A garota se levantou e olhou para Leslie.

— Você é uma grande jornalista. Uau. Quase me pegou também. Nunca me disse seu nome.

Leslie também se levantou e fingiu demência. Ela rapidamente se lembrou de que tinha encarado criminosos frios e terríveis, então certamente poderia lidar com uma adolescente com atitude. Sua confiança foi restaurada, tal que estendeu a mão para cumprimentá-la.

— Eu não sei o que você quer dizer. Me chamo Leslie Cowan.

Mimi ignorou a mão estendida.

— Eu sou Mimi Dillon, mas suspeito que você já saiba disso. E se você quer que eu ajude a conseguir uma entrevista com meu pai biológico, a quem me refiro como o doador do esperma do mal, você poderia simplesmente ter me perguntado.

# Capítulo 15

## Ginny, 2000 - Fort Lauderdale

### *Após a execução de Grizz*

Não me lembro quanto tempo fiquei sentada na banheira, naquela noite, aos prantos. Eu oscilava entre raiva, autopiedade e uma grande quantidade de culpa. Deixei as lágrimas rolarem junto com a água que encheu a banheira até meus olhos secaram.

Lembro-me de abrir a tampa da banheira para deixar um pouco da água fria escoar, junto com a falsa coragem e austera atitude que mostrei a Carter — e a mim — naquela manhã e qualquer amor que possa ter sentido por Grizz. Acrescentei água quente até a banheira atingir uma temperatura confortável e comecei a pensar no homem que dormia do lado de fora da porta do banheiro.

Minhas lágrimas por Grizz pareciam estar traindo Tommy. A culpa se infiltrou como um sopro indesejado de um animal morto encontrado na estrada, mas tive que me lembrar que não fiz *nada* de errado. Eu me apaixonei por dois homens que estavam envolvidos em sua própria batalha secreta pelo meu coração — nunca considerando o que eles estavam fazendo ao meu.

Imediatamente pensei nas poucas amigas solteiras que eu tinha e em como elas sempre lamentavam suas vidas infelizes como mulheres solteiras. Lembrei-me de quantas vezes as consolei com palavras de incentivo como: “você simplesmente não encontrou o cara certo” e “ele está virando a esquina, valerá a pena esperar”. Eu quis verdadeiramente dizer essas palavras quando as disse, mas eu



tinha que me perguntar *agora*: o que era pior? Estar sozinha ou ter seu coração partido ao meio por dois amores verdadeiros? Por que ele não poderia estar realmente morto? De imediato, me senti mal com o pensamento.

Eu não quero o Grizz morto. O que eu quero é que meu coração para de bater por ele.

— Quantas vezes terei que chorar por você? — sussurrei.

Quando finalmente saí da banheira naquela noite, minha pele podia ter enrugado, mas minha determinação de superar todas as mentiras e enganos para viver minha vida por mim estava mais forte do que nunca. Eu estava me sentindo forte quando arranquei a bandana do cabelo e a joguei no cesto de lixo do banheiro. Depois de me vestir, carreguei a pequena lata de lixo para a cozinha e a esvaziei no compactador.

Eu estava acabada, por aquela noite.

Acordei na manhã seguinte com o sol entrando pelas janelas do quarto e o cheiro atraente de café. Ele flutuou escada acima e o ataque às minhas narinas me deu um despertar instantâneo de energia, bem como a confiança para enfrentar algo que eu estava adiando. Tirei as cobertas e descii as escadas percebendo que as portas dos quartos das crianças ainda estavam fechadas. Os dois chegaram tarde em casa depois de passar a noite com os amigos e sem dúvida estavam dormindo.

Tommy estava sentado à mesa da cozinha lendo o jornal de sábado. Ele sorriu para mim, a memória de fazer amor na noite passada ainda persistente em seus olhos. Seu sorriso começou a desvanecer-se e ele olhou para mim por cima do papel.

— O que foi, Gin? O que há de errado?

Eu caminhei até a cafeteira e agarrei a caneca que ele colocou para mim.

— Absolutamente nada está errado, Tommy. Nada mesmo. Você quer um pouco mais? — Eu fiz meu caminho em direção a ele, com a garrafa de café na mão.

— Não, já bebi o bastante. Você parece diferente. O que foi? — ele me perguntou, o jornal esquecido de lado.

— O que quer dizer? O que parece diferente? — Eu me sentei ao lado dele.

— Eu não sei. Parece que você quer entrar em um ringue de boxe com alguém. O que está acontecendo?

Senti meus lábios dobrando-se em um sorriso para ele. Tommy me conhecia muito bem.

— Você está certo. Estou me sentindo determinada. Mas eu não estou procurando briga. O que acontece é que... estou pronta para lidar com algo que venho adiando. — Eu dei a ele um olhar que o desafiou a me desafiar. Mas ele não fez isso.

Ele se endireitou na cadeira dura da cozinha. Por que as cadeiras da cozinha eram sempre duras e pouco convidativas? Sempre pensei na cozinha como o coração da família. Raramente comíamos na sala de jantar formal. As cadeiras ao redor daquela mesa eram macias e confortáveis, mas não as tínhamos usado desde que voltamos de nossa lua de mel atrasada, algumas semanas atrás. Vou trocar essas cadeiras ridiculamente duras por outras confortáveis na sala de jantar — que a formalidade fosse se enfiar em outro lugar.

— Achei que limpar a garagem de Carter fosse algo grande que você queria resolver. Você acabou de lidar com isso ontem. O

que você acha que precisa fazer agora?

Tomei um gole do meu café e me inclinei em direção a ele, dando-lhe um olhar sério.

— Respeitei seu tempo com Mimi. Eu estive esperando você me dizer algo, qualquer coisa sobre o seu tempo juntos. Você não me disse *nada* e, obviamente, ela também não. Estou mordendo a língua e tentando dar a vocês o tempo que acho que os dois precisam. Quer dizer, iremos jogar uma bomba nela sobre você não ser o pai biológico dela. E acho que nós dois sabemos que ela vai querer saber quem ele é. Então, quero que você me diga sobre o que conversou com ela.

— Precisamos falar sobre isso agora? — murmurou Tommy.  
— As crianças estão lá em cima.

— Ambos ficaram acordados até tarde e parecem defuntos, dormindo. — Eu cruzei meus braços, determinada a resolver isso. Já tinha ficado sem solução por tempo suficiente.

Tommy se mexeu desconfortavelmente na cadeira já desconfortável. Eu sabia que tinha tocado em um assunto muito delicado, mas estava pronta para ter essa conversa. Pronta para discutir sobre Grizz com Mimi. Descobrir que ele estava vivo só fortaleceu minha decisão de deixar isso para trás. Quanto mais cedo confessássemos a Mimi, mais rápido chegaríamos ao ponto de cura e integridade.

— Diga-me, Tommy. Se você não fizer isso, vou apenas perguntar a ela.

Recostei-me na cadeira e segurei minha caneca com as duas mãos. Tomei outro gole, inalando o vapor perfumado, e olhei para ele por cima da borda. A névoa quente subiu em espiral e me deu

uma visão quase nebulosa de seu rosto enquanto eu olhava através dela. Esperei calmamente que ele dissesse alguma coisa.

Tommy suspirou pesadamente e desviou o olhar. Dobrando o jornal, bateu-o com força na mesa e olhou para mim. Seu rosto estava desenhado com uma expressão que só poderia ser descrita como raiva mascarada.

— Ela sabe, Gin. Ela já sabe que não sou seu pai biológico. Ela sabe que Grizz é o pai verdadeiro.

— O quê!? — Me esforcei para manter minha voz baixa enquanto me endireitava e colocava minha caneca na mesa com um baque alto, sem me importar que o café escorresse pelas laterais. — Nós íamos contar a ela juntos! Isso é o que Perry nos disse para fazer! E embora eu não tenha concordado com tudo o que ele sugeriu, concordo com isso. O que você quer dizer com “ela já sabe”!? Como isso é possível!?

Minha mente girou com pensamentos de como Mimi poderia ter descoberto isso. Claro, havia pessoas que sabiam — Carter, Christy, Sarah Jo, Casey. Mas eu tinha certeza de que nenhuma delas iria discutir isso com Mimi, e se ela tivesse ido até elas, elas teriam vindo imediatamente para mim.

Tommy contraiu o maxilar, que se desenhou em uma linha reta.

— Ela abriu meu cofre no escritório há alguns anos, Ginny. Ela estava procurando nossa certidão de casamento para nos fazer algum tipo de placa especial e, aparentemente, encontrou a certidão de nascimento original. Acho que você nunca se livrou dela.

Engoli em seco e me lembrei do motivo daquela certidão de nascimento ter gravado o nome de Grizz como sendo o pai. Eu

sonhei que ele estava lá para o nascimento dela. O sonho tinha sido tão realista que passei dias em uma névoa de memória, calorosa, que enevoava os pensamentos mais claros. Lembrei-me de ter escrito Jason William Talbot nos documentos que o hospital me pediu para preencher. Foi só quando ele se recusou a vê-la que mudei sua certidão de nascimento para Thomas James Dillon como pai. Eu me lembrei de ter aparecido várias vezes na prisão onde Grizz estava esperando seu julgamento, embalando Mimi em meus braços.

— O que você quer dizer? Como não posso vê-lo!? — chorei para o policial à minha frente, segurando uma Mimi recém-nascida contra o meu peito. — Eu sei que você permite que outros presos visitem seus filhos!

A dor que sobrou da minha cesariana não chegou perto da perda esmagadora no meu coração.

— Ele disse para não voltar a menos que você esteja sozinha. — A expressão do homem era hostil.

Assim, voltei sozinha. Eu apareci com uma foto dela e poderia jurar que ele tinha lágrimas nos olhos enquanto apenas olhava para seu rosto redondo e doce.

— Ela se parece com você — disse. — Tem seus olhos.

Grizz me devolveu a foto e, com um tom firme, ordenou:

— Não volte aqui, Kit. Nunca mais.

Eu me arrepiei com a dor que a memória trouxe à tona. Não o vi antes de seu julgamento, mas fiz algumas curtas viagens à prisão de segurança máxima no norte da Flórida, onde ele foi condenado a esperar por sua execução. Depois de cerca de um ano, ele me disse para parar de visitá-lo. Eu lamentei ainda mais. Tentei dizer a mim

mesma que ele não era mais o homem por quem me apaixonei. Ele até mudou sua aparência, na época. Seus longos cachos loiros foram raspados e uma barba cheia substituiu o queixo liso, ao qual eu estava acostumada. Ele não era o mesmo Grizz.

*Agora*, sentado em minha cozinha ensolarada, afastei a memória e olhei para Tommy sem acreditar.

— Ela sempre soube? Ela sabia que ele era seu pai no ano passado quando encontraram os restos mortais de Moe e nós sentamos para contar a ela um pouco sobre nosso passado? — Olhei para o meu colo, minha voz falhando. — Ela sabia e nunca nos disse ou perguntou algo?

Passei a mão pelos cabelos compridos e me forcei a respirar.

— Por que você não me contou, Tommy?

— Ela queria te contar, Gin. Temos conversado sobre maneiras de ela trazer isso à tona. Mimi me implorou para deixá-la contar. O que eu deveria fazer? Dizer a ela que não e, em seguida, voltar correndo até você e acabar com qualquer relação de confiança que ela possa ter começado a criar!?

Ele recostou-se na cadeira e a realidade do que havia dito foi lentamente digerida.

— Outra coisa que você *tinha* que esconder de mim? — Minha voz aumentou com o frisar.

— Droga, Ginny, olhe do meu ponto de vista! — Tommy baixou a voz e lançou um olhar à sala de estar e ao patamar da escada. — A filha que criei, a criança que amei como minha desde o dia em que ela nasceu, estava abrindo seu coração, dizendo-me como ela ficou magoada por nós escondermos a verdade dela. Em seguida, descobriu quem era seu pai biológico. E ele não era

apenas “um cara”. Ele era um cara no maldito corredor da morte, Ginny.

Eu me irritei com a linguagem de Tommy e desviei o olhar quando a verdade tomou conta de mim.

— Olha, Gin. Grizz está morto há meses, e Mimi me contou há duas semanas, certo? Não te conto há duas semanas. Não é como se você não estivesse lidando com outras coisas. Você estava se preparando para se livrar dos carros, das motos e de toda a merda dele. Ela queria te contar. Eu tinha que permitir isso. Você pode, por favor, me dar um tempo aqui sem discutirmos?

Eu olhei para ele e vi o desespero em sua expressão. Eu podia entender de onde as palavras dele estavam vindo. Pensei em minhas tentativas de tentar me aproximar de minha filha e na rejeição que senti. Ele estava progredindo com Mimi. Trair sua confiança certamente destruiria isso. Eu tinha que ser a mais madura aqui. Tive que engolir minha raiva e orgulho, deixar isso acontecer de uma forma que fosse melhor para Mimi.

Pelo menos *agora* eu sabia por que ela se afastou de nós tantos anos atrás.

A voz de Tommy me tirou dos meus pensamentos.

— Ela também me contou sobre Leslie.

— O que tem a Leslie? — perguntei, minha voz cética e seca.

— Ela abordou Mimi antes de vir até você. Usou Mimi não apenas para ajudá-la a conseguir a sua entrevista, mas aquela com Grizz, também. Ele mencionou isso para mim antes da execução. Eu queria perguntar a Mimi a respeito, antes de te contar. E com tudo o que aconteceu desde que ele morreu... nunca parecia ser o momento certo.

Pulei da mesa, minha ação rápida assustando Tommy. Ele recostou-se e olhou para mim, assustado e sem saber o que eu faria a seguir. Ele realmente deveria estar com medo porque eu estava furiosa.

Com minhas mãos fechadas em punhos apertados, gritei a plenos pulmões:

—Miiiiimmmiiii! DESÇA! AQUI! AGORA!

Tommy saltou, também, quase derrubando a cadeira em que estava sentado.

— O que você está fazendo, Ginny? Pare de gritar e vamos conversar sobre isso... — sussurrou diplomático, para que Mimi não o ouvisse.

Minha respiração estava pesada e meu peito latejava de fúria. Eu estava com muita raiva para me importar por não estar me comportando de maneira madura. No que diz respeito a arruinar a pouca confiança que Tommy vinha construindo com Mimi, bem, vamos apenas dizer que acho que todo mundo tem um ponto de ruptura. Um máximo que pode ser atingido. Eu tinha acabado de chegar ao meu e não ia me desculpar por isso.

Em alguns segundos, ouvi o som inconfundível de alguém descendo as escadas a passos pesados. Fiquei surpresa quando uma sonolenta Mimi cruzou a sala de jantar. Acho que o tom da minha voz ou a raridade desse tipo de explosão despertaram sua curiosidade. Ela olhou para mim, depois para Tommy e de volta para mim.

Com meus braços cruzados sobre o peito, me dirigi a ambos.

— Vou tomar um banho. Você, Mimi, tem vinte minutos para tomar o café da manhã e se vestir. — Olhei fixamente para Tommy.



— E você pode tirar minhas duas armas do cofre. Estou levando Mimi para o campo de tiro. É hora de ter uma conversa franca com minha filha.

Eu olhei de volta para Mimi e vi a surpresa em seu rosto. Ela estava me olhando como se me visse pela primeira vez. Meu exterior suave havia sido arrancado e ela estava prestes a sair com uma mãe diferente daquela com a qual estava acostumada.

Testemunhando a força sob a suavidade.

Se ela entrou no escritório, abriu o cofre e encontrou sua certidão de nascimento, então ela viu aquelas armas e provavelmente pensou que eram de Tommy. Ela estava errada.

Comecei a sair da cozinha, mas me virei e encarei os dois por sobre o ombro. Lançando um olhar neutro a Tommy, disse:

— Os segredos quase arruinaram minha vida. Não vou deixá-los arruinar os nossos filhos, Tommy.

Isto posto, me dirigi à minha filha.

— Seu pai biológico garantiu-me de que eu aprenderia a me proteger. Aquelas armas no cofre são minhas e tenho certeza de que você as viu, alguns anos atrás. Acha que pode lidar com algumas verdades?

Ela olhou para Tommy e depois para mim. Com uma inclinação desafiadora de seu queixo, que reconheci como um traço meu refletido nela, Mimi respondeu:

— Sim, posso lidar com a verdade. — A garota fez uma pausa e pareceu repensar sua resposta. Sua confiança foi restaurada, sua postura mudou. — Eu já sei tudo, de qualquer maneira.

Inclinei minha cabeça ligeiramente e dei a ela um olhar sério.

— Você não sabe de *nada*, querida. Você não sabe de *nada*.  
Eu podia ouvir a voz de Tommy me seguindo escada acima.

— Gin, Perry disse que deveríamos fazer isso quando estivermos todos juntos. Você precisa se acalmar. Falaremos sobre isso em seu escritório.

Senti que tínhamos feito algum progresso com Perry, mas estava pronta para dar um fim a tudo. Eu não queria que alguém me dissesse a maneira certa ou errada de lidar com minha vida. Começamos com boas intenções, mas se me permitisse pensar sobre isso, chegaria à conclusão de que realmente não me importava com Perry. Havia algo presunçoso e condescendente sobre sua personalidade. Sim, eu não voltaria a seu consultório.

— Já me dei alta do Dr. Perry, Tommy. Ele está prolongando tudo isso e você sabe. Quanto mais visitamos seu consultório, maior se torna sua conta no banco.

— Ele disse que precisamos esperar, Ginny! — Tommy gritou em contraponto.

— E *eu* estou dizendo que estou cansada de ouvir o que posso e não posso fazer. Além disso, é tarde demais. Todas as verdades estão claras. — Não dei a ele a chance de retrucar, pois rapidamente acrescentei: — Perry pode ir se catar.

Enquanto subia as escadas, dando um tapinha na cabeça de Jason ao me deparar com ele, pude ouvir Mimi perguntar a Tommy:

— Mamãe acabou de xingar?

# Capítulo 16

## Carter, 1981 - Fort Lauderdale

Carter parou no balcão da cozinha e cortou uma maçã, servindo-se de um para desfrutar do sabor adocicado enquanto trabalhava.

— Vamos dar um passeio assim que todos receberem seus petiscos — disse ela a seu cão, um pastor australiano, Cooper, que estava ao lado dela com a guia pendurada na boca.

Uma batida na porta interrompeu seu trabalho. Ela enrijeceu os ombros e, com a faca ainda na mão e Cooper em seus calcanhares, cautelosamente se aproximou da porta da frente. Ela não recebia muitos visitantes inesperados.

Olhar rapidamente pelo olho mágico foi o suficiente para fazê-la se engasgar. *Ele. Ele* estava olhando para baixo, mas ela reconheceu o corte de cabelo e o formato geral de sua cabeça.

*Ele* bateu mais forte dessa vez, fazendo-a pular.

— Sei que você está em casa, Carter, estou vendo seu carro. Por favor, abra. Estou aqui apenas para me desculpar.

*Ah, sim, é claro...*

— Olhe, por favor, diga... diga ao seu amigo para ficar longe de mim, ok? — Havia um desespero em sua voz que ela nunca tinha ouvido. — Estou aqui apenas para dizer que sinto muito pelo que fiz para assustar você com o guaxinim. Eu não o matei. Já estava morto ao lado da estrada quando o encontrei. Só coloquei no seu carro para te assustar.

Carter mordeu o lábio.

— Será que me faria o favor de abrir a porta para que eu não tenha que gritar? Não posso fazer *nada* para machucar você com um braço quebrado. Eu não quero problemas. Só quero que você mantenha longe seu cão de ataque.

Ela olhou pelo olho mágico novamente e desta vez viu que ele estava segurando o braço direito, engessado. Poderia ser um gesso falso. Teria ele todo esse trabalho para entrar no apartamento dela? Antes que pudesse refletir mais, ele abaixou o braço e só então Carter percebeu que seu olho esquerdo estava inchado, e o lado de seu rosto exibia alguns hematomas azuis e roxos, brilhantes.

O que estava acontecendo?

Ela desprendeu a corrente do trinco e deslizou a fechadura aberta. Carter abriu a porta e notou a expressão de alívio no rosto dele.

— Obrigado. Posso entrar? — Uma pausa. — Por favor?

Ela se afastou e fez um gesto com a mão que ainda segurava a faca. Uma ameaça implícita.

— Posso prometer que você não vai precisar disso. OK? — assegurou enquanto entrava no apartamento e se sentava, sem ser convidado, no sofá.

Ele a observou por um momento. O homem parecia tão diferente do atleta confiante e arrogante com quem ela teve, exatamente, um encontro. Ela se divertiu naquele dia e estava ansiosa para sair novamente. O único problema é que ela estava ocupada - e ele interpretou isso como uma rejeição direta, erroneamente.

Ela tentou dizer a ele que sua agenda estava cheia, até tentou dizer que ela poderia se encontrar para almoços rápidos até que eles pudessem realmente planejar outra noite de encontro. Mas o homem saltou para o modo perseguidor de pleno direito do dia para a noite. Quando ela se permitiu pensar sobre isso, era quase como se ele gostasse de atormentá-la. O guaxinim morto foi a gota d'água que fez o copo transbordar. Ela contou do incidente à Kit, que a convenceu a ir à polícia e pedir uma ordem de restrição.

E foi exatamente isso que ela planejou fazer, logo depois de levar o cachorro para passear, naquela manhã.

Carter se lembrava de ter pensado antes em como ele era bonito. É interessante como a personalidade de alguém pode afetar sua aparência. Ela o estava vendo com novos olhos, *agora*, e tinha que admitir — ele era, francamente, feio. E os hematomas recentes e o olho inchado não tiveram *nada* a ver com isso.

Naquele momento, vendo-o tremer visivelmente enquanto estava sentado em seu sofá, ela notou algo novo em sua expressão. Algo que ela não tinha visto antes. Jamais.

Medo.

— Por favor — disse ele com a voz trêmula. — Por favor, diga a ele que vim aqui e me desculpei. Diga a ele que nunca vou chegar perto de você novamente. Diga a ele que não sou um sociopata que se dedica a matar animais. Apenas diga a ele. Diga a ele que você nunca mais vai colocar os olhos em mim. Por favor, diga a ele tudo isso. OK?

Ele deu a ela um olhar suplicante. Carter estava realmente perplexa. Ela se sentou na cadeira em frente a ele e acariciou

Cooper distraidamente, que estava sentado a seus pés. Suas sobrancelhas se franziram.

— Quem? Para quem devo dizer isso?

Ela viu um rápido lampejo de raiva em seu rosto, mas ele o retraiu quase no mesmo instante.

— Não se faça de idiota, Carter. Seu amigo. Aquele monstro gigante de merda com cabelo comprido, louco e tatuagens assustadoras. Aquele que anda de moto?

A mulher agitou os cílios sem *nada* dizer. Ela só conhecia uma pessoa que se encaixava nessa descrição e só o encontrou uma vez; o marido de Kit. Grizz.

Ela foi convidada à casa da amiga em Shady Ranches enquanto seu marido estava viajando a negócios. Ele voltou cedo e Carter quase se cagou quando o viu entrar pela porta dos fundos.

Grizz não era *nada* como ela esperava. Carter sempre associava “estar fora a negócios” com alguém que usava terno e gravata e carregava uma pasta de couro. Eles se encararam no que pareceu ser uma eternidade, mas foram apenas alguns segundos, quando Kit, que estava colocando um monte de roupas na secadora, voltou à sala e se lançou em seus braços. Ela parecia tão pequena em comparação ao homem gigante que Carter observou-os timidamente, notando o cabelo comprido, a sombra das cinco horas sobre o rosto e as tatuagens que cobriam seu corpo enorme.

Mas foi o olhar de amor e gentileza que ele deu à esposa que chocou Carter muito mais do que sua aparência. Ele tinha sentido falta dela e estava totalmente apaixonado. Era muito óbvio para não se notar, mesmo entre o piscar de olhos.

Carter sacudiu a memória para o fundo de sua mente enquanto ouvia seu perseguidor arrependido.

— Você vai tentar me convencer que não sabe de quem estou falando? Honestamente, eu entendo. Você tem que se fazer de boba, não é? Ele provavelmente não quer que eu vá à polícia.

Carter ergueu uma sobrancelha.

Ele percebeu o breve movimento, observando o rosto dela, e se antecipou:

— Ok, então ele não é o tipo de cara que se importa com o que eu faço, o que não é *nada*. Eu não faria *nada*! Não conte a ele sobre o comentário da polícia, certo? Eu... eu só estava brincando.

Carter não se conteve. Ela sorriu, até sentir o semblante endurecer em um olhar sério.

— Direi a ele que você se desculpou e que você não vai me incomodar novamente. Direi que você não mata animais pequenos, o que, ao menos, não acho que você o faça. Você pode estar mentindo. Você parecia gostar de me atormentar.

— Foi um atropelamento, Carter. Eu juro que o guaxinim foi morto na estrada em que o encontrei. — Ele se levantou então, erguendo o braço quebrado. — Ele fez isso devagar. Não rápido. Lentamente, para que eu pudesse sentir. Ele queria que eu sofresse por assustar você. — O homem engoliu em seco. — Posso te prometer que nunca mais quero vê-lo novamente em minha vida. E não tome isso como um insulto, mas você não vale a pena. Ninguém valeria a pena.

Ele não esperou que ela respondesse, apenas caminhou até a porta da frente e a abriu. Ele parou para olhar para ela.

— OK?

Carter concordou com a cabeça e se foi.

Três dias depois, a mulher se sentou no posto de gasolina e observou o marido de Kit, Grizz, encostar-se em seu carro enquanto abastecia. Ela engoliu em seco, estacionou rapidamente e se aproximou dele.

Sem fazer contato visual, ela o ouviu dizer:

— Eu estava me perguntando quando iria me abordar. Você tem me seguido.

— *Uhhh...* N-Não sabia que havia notado. Simplesmente nunca parecia uma boa hora para falar com você — gaguejou.

Grizz sorriu para ela. O coração de Carter realmente deu um salto com a atenção que ele lhe deu naquele sorriso. Ela não se lembrava de ter pensado que ele era bonito na primeira e única vez que esteve diante dele. Sua única lembrança era alarmante. Mas seu sorriso a desarmou.

— Sei que você me seguiu em meus bares e até ao motel, pelo menos até pensar melhor e se virar. Isso foi inteligente. Ir embora. Estou pensando que você não quer que Kit saiba o que eu fiz. Você poderia ter pedido para me ver ou dar uma desculpa para vê-la na esperança de topar comigo, mas você não o fez. — Ele meneava a cabeça enquanto falava. — Eu aprecio isso.

— Aprecia? — a surpresa em sua voz era evidente.

— Sim. Tento proteger Kit tanto quanto posso. Ela não precisa saber que eu quebrei o braço daquele saco de merda.

— Por quê? Por que você fez isso? — Ela não pôde deixar de perguntar.

Grizz pegou o bico do tanque de gasolina, colocou-o de volta na bomba e começou a colocar a tampa do tanque. Sem olhar para



ela, ele lhe disse:

— Porque Kit estava com medo por você. Ela se preocupa que ele a esteja assustando e perturbando. Isso a estava deixando tão apavorada que tive que intervir. Ninguém apavora a minha esposa.

Carter sorriu timidamente, quase envergonhada.

— Ainda assim, não importa porque você fez isso, eu agradeço e devo a você.

— Você não me deve. — Ele se recostou no carro, cruzando os braços sobre o peito, dobrando-os de tamanho. O olhar em seu rosto era sério e totalmente focado.

O som do tráfego e o cheiro de gasolina não eram *nada* comparados ao seu olhar cativante. Seus olhos verdes cravados nos dela. Não é à toa que Kit se apaixonou por esse cara. Havia algo nele que era poderoso e extremamente atraente. *Eu não vou ter uma queda pelo marido da minha nova amiga. Isso NÃO vai acontecer, Carter.*

Ela engoliu em seco e deu-lhe um sorriso genuíno.

— Mas... eu sinto que sim. Então, se houver algo que eu possa fazer por você, e eu não posso imaginar o que poderia ser, mas se houver algo, me avise.

Grizz não a respondeu, apenas acenou com a cabeça. Carter acenou de volta e se virou para voltar ao carro.

Ela estava se preparando para abrir a porta e entrar quando gritou por cima do ombro:

— Apenas me lembre de nunca fazer *nada* para chatear sua esposa!

Carter não conseguiu controlar a risada que seguiu o comentário e olhou na direção dele, para ver se podia avaliar sua reação, entretanto Grizz já havia subido de volta em seu *Corvette* preto. *Nossa, se ele me ouviu, espero que saiba que estou apenas brincando. Eu quero morrer amiga dele.*

Depois, pensou sobre o que ele tinha feito com seu perseguidor e estremeceu ao entrar no carro.

# Capítulo 17

## Mimi, 2000 - Fort Lauderdale

### *Antes da execução do Grizz*

— É ele! É ele! — sussurrou Maggie, gentilmente cutucando Mimi com o cotovelo.

A garota ergueu os olhos e observou Elliott se aproximando. Ela podia sentir seu pulso acelerar. Ele abriu um largo sorriso quando seus olhares se cruzaram.

— Esse é o cara que sempre pergunta sobre você — continuou Maggie, baixinho, olhando na direção dos próprios pés enquanto fingia que arrumava as flores. — Ele já veio aqui pelo menos três vezes e sempre fica triste por você não estar.

Mimi não disse *nada*, apenas sorriu quando Elliott se aproximou.

— Eu estarei na parte de trás. Você pode ajudar este cliente, Mimi? — perguntou a amiga em um timbre tão alto que deixou seu plano óbvio demais. A garota podia sentir o constrangimento subindo por seu pescoço e seu rosto na forma de um rubor quente enquanto Maggie se dirigia à sala dos fundos.

— Já estive aqui algumas vezes — admitiu Elliott, timidamente, a Mimi.

— Lamento não ter estado aqui quando o fez. — Ela queria que ele soubesse disso.

Mimi passou incontáveis horas sonhando acordada com o jovem que valsou para dentro e para fora de sua vida, no mês passado. Ela orou para vê-lo novamente e Deus a ouviu.

Ela observou seu corpo. Ele estava com um par de calças jeans, uma camiseta detonada e uma jaqueta leve, que já viu dias melhores. Seu cabelo estava um pouco mais longo do que se lembrava. Como se sentisse-a esquadrinhando cada fio, ele passou a mão por eles e gaguejou:

— Então, *hm*... q-quando estive aqui da última vez, eu meio que mencionei que você tinha um namorado, mas percebi que nunca descobri se isso era verdade. Estou aqui apenas para ver, *ah*... se você não, *hmm*... se talvez você gostaria de fazer algo, um dia desses. Talvez... me deixe te levar para algum outro lugar?

Ele mordeu o lábio e desviou o olhar rapidamente antes de olhar para ela.

— Você quer dizer dar um rolê por aí? — Mimi sentiu o cheiro de sua colônia e seu coração disparou. Na tentativa de acalmá-lo, distraidamente começou a mexer em uma flor.

— Não, eu não quero... dar um rolê, Mimi. Eu quero te levar para sair. *Num* encontro. Isto é, se você não tiver namorado. — Ele começou a ficar vermelho.

— Não tenho namorado e gostaria muito de sair com você, Elliott. — A garota não conseguiu evitar e começou a enrolar o cabelo com o indicador, mordendo o lábio.

— Ótimo! — Ele deu a ela um largo sorriso e girou sobre os calcanhares, as mãos enfiadas com força nos bolsos da calça jeans. — Acho que vou precisar do seu número, então, e talvez você... possa me dizer onde mora para que eu possa buscá-la. Que tal amanhã à noite? Se você estiver disponível...

A esperança estava clara nos olhos dele.

Era uma pena que Mimi não queria que Elliott fosse a sua casa para conhecer seus pais. Eles não conversaram o suficiente para saberem a idade um do outro, mas ela tinha certeza de que o rapaz não sabia o quão jovem ela era, e tinha certeza de que ele tinha pelo menos dezoito anos, se não mais velho. Ela teria que guiar aquilo com muito cuidado.

Assim, Mimi respondeu-o com um olhar genuinamente desapontado e acrescentou:

— Não posso amanhã à noite. Infelizmente, estarei ocupada nessa semana...

— *Oh...* — Foi tudo o que ele disse, depois desviou o olhar, e Mimi poderia dizer que ele estava em dúvida se ela queria ou não sair com ele.

A garota inspirou uma grande dose de ar e orou por uma confiança que não estava sentindo em suas veias. O cheiro, geralmente insuportável, de flores trouxe uma calma inesperada para ela. Com mais ousadia do que esperava, Mimi decidiu se arriscar.

— Mas, eu saio em algumas horas. Se você quiser voltar, então, podemos sair hoje à noite. Isto é, se você quiser. Entendo perfeitamente caso já tenha outros planos e não possa.

Ele sorriu.

— Não, eu não tenho planos. Esta noite seria ótimo! Você quer sair para jantar?

— Claro, contanto que não seja chique, já que não vou para casa para me trocar. Terá que voltar aqui na loja e o estado em que eu estiver será a garota que terá para jantar. — Ela não pôde deixar de rir de sua própria piada.

Elliott, que estava olhando nos olhos de Mimi, permitiu-se observar, sem pressa, o caminho sinuoso do corpo dela, certificando-se de não se demorar muito em seus seios. Ela estava vestindo um top branco, de renda, que não era tão apertado quanto tops costumam ser, junto a jeans escuros que ela enrolou na metade da panturrilha e tênis brancos, sem meias. Ele notou, ainda, uma corrente de prata em seu tornozelo esquerdo.

Elliott engoliu em seco.

— Nada chique. E, mesmo que fosse chique, acho que você está perfeita. — O rapaz a pegou corando novamente e perguntou em uma fração de segundos: — A que horas devo voltar aqui?

— Estarei na frente da loja, às cinco.

— Ok, então, vejo você às cinco. — Ele deu um sorriso final e acenou por sobre ombro antes de sair pelas portas de vidro.

Mimi ainda estava olhando para a porta quando Maggie saiu dos fundos.

— E aí, como foi? Me conta tudo! — A chefe deu uma cotovelada em seu braço.

— Não há *nada* para contar — respondeu, dando a Maggie um pequeno sorriso. — Ainda.

Ao olhar questionador de Maggie, ela acrescentou em uma mentira:

— Ele vai me buscar quando eu sair e vai me levar para casa, para conhecer meus pais. Achei que é a melhor maneira de começar.

— Boa menina! — exclamou a chefe em aprovação. — Tenho algumas entregas para fazer e não voltarei, então você pode

simplesmente fechar a loja. Estou tão animada por você! Acho que só volta na próxima terça-feira, não é? Vou querer mais detalhes!

— É claro que vou te contar tudo.

Menos de dez minutos depois, Mimi havia organizado todos os detalhes para seu plano. Primeiro, ela ligou para Lindsay para avisar que precisava de um álibi.

— Vou dizer a minha mãe que ela não precisa me buscar depois do trabalho, porque que você me chamou para ir ao shopping, já que precisa encontrar um vestido novo para o trabalho do seu pai e vamos comer qualquer coisa na praça de alimentação.

Ela praticamente podia ouvir Lindsay revirando os olhos.

— Até isso é meio que verdade. Toda a família vai àquele banquete idiota todos os anos por causa dele. Não é importante o suficiente para justificar um novo vestido, mas parece convincente o suficiente.

— Então consegue criar uma desculpa para dirigir a van da sua mãe por volta das seis para o carro não estar na garagem? Meu pai chega do trabalho todas as noites por volta das seis — explicou Mimi. — Não sei se ele notaria quando passasse por sua casa...

— Não será um problema — disse Lindsay para alívio da garota. — A van está na loja há dois dias. Acho que vamos ter de trocar de carro. Espero que, seja lá qual for, seja mais bonita que essa minivan cafona. — Então, como uma reflexão tardia, acrescentou: — Como você vai voltar para casa? Vai pedir para esse cara te deixar lá?

— Não... — Ela franziu o cenho, receosa. — Eu estava pensando que ele poderia me deixar na sua casa e você poderia me levar, depois. Talvez pudéssemos dizer que a ida ao shopping não

deu em *nada* e que íamos vasculhar meu armário para ver se eu tenho alguma coisa que você possa vestir. Acho que isso seria realmente convincente. O que acha?

— Acho que tudo bem. Eu topo!

Mimi, depois, fez a ligação necessária para sua mãe. Não era incomum, para ela, pegar uma carona do trabalho para casa com sua amiga Lindsay. E geralmente envolviam paradas pelo caminho, então isso não era fora do comum. Sua falsidade, no entanto, era.

A garota esperava que não houvesse *nada* em sua voz que traísse seu verdadeiro motivo para a ligação. Ela nunca tinha percebido como enganar podia ser exaustivo, tal que se perguntou como os pais podiam ter convivido com isso por tantos anos.

O resto da tarde passou lentamente enquanto Mimi tentava se concentrar no trabalho. Muitos pensamentos sobre seu encontro estavam batendo em sua mente. A mentira para sua mãe. Envolver Lindsay na história. Como Elliott reagiria quando ela lhe contasse sua idade? Ela tinha de contar a ele, não? Ele se importaria?

Sua mente estava tão cheia de pensamentos que ela mal conseguia prestar atenção ao que estava fazendo. Mimi tinha certeza de que Maggie teria que fazer alguns ajustes no lugar, em especial pelas tentativas patéticas de reorganizar alguns dos buquês mais requintados terem sido um desastre.

Às cinco em ponto, Mimi estava parada em frente à floricultura quando avistou um modelo mais antigo de uma picape marrom descendo a estrada. Ela observou Elliott estacionar bem em frente à loja e descer. Ele mudou as roupas para uma calça preta e uma camisa azul casual de mangas compridas.

Ele abriu a porta do passageiro.



— Sua carruagem a espera, minha senhora.

Porém o rapaz deve ter mudado de ideia sobre o que disse, porque assim que as palavras saíram de sua boca ele pareceu desconfortável, como se tivesse acabado de expor seu nerd interior.

Mimi tentou não rir enquanto se aproximava e entrava. Esse seria seu primeiro encontro real, sozinha com um garoto. Ela já tivera namorados casuais antes, mas sempre foram amigos em idade escolar, e o namoro se limitava a festas de garotos e garotas acompanhadas de perto pelos pais ou eventos da escola e da igreja. Aquela seria a primeira vez que um rapaz realmente vinha buscá-la para sair, dirigindo sua própria picape.

Quando ela se acomodou no assento percebeu que, provavelmente, estava muito atrás das outras garotas de sua idade quando se tratava de garotos. Ela sabia que Lindsay havia perdido a virgindade no ano passado com o capitão de futebol da escola, embora tivesse jurado nunca mais fazer isso.

— Doeu, e ele parecia um porco babando. — Lindsay havia anunciado às amigas. — Nunca mais! Eu nunca vou fazer sexo de novo!

Mimi afastou o pensamento enquanto tentava não deixar seu nervosismo transparecer. Elliott subiu no lado do motorista da caminhonete e deu a ela um sorriso que fez seu coração palpitar.

— Você gosta de comida italiana? — perguntou ele para romper o silêncio.

— Eu amo.

Era verdade. O Olive Garden era o restaurante favorito de Mimi. Não podia competir com a comida de sua mãe, mas ainda adorava o lugar.

— O que acha de irmos ao Marcella's?

Melhor ainda.

— Parece perfeito, Elliott.

Eles conversaram um pouco durante a viagem. Nervosa, Mimi fez muitas perguntas, principalmente porque queria desviar a conversa de si mesma, mas também porque estava realmente interessada.

Ela descobriu que a caminhonete antiga em que viajavam pertencera ao avô dele. Estava em perfeitas condições e ela poderia dizer que Elliott tinha orgulho de cuidar do carro. O rapaz estava no último ano do ensino médio e se formaria em breve. Seus pais se divorciaram quando ele era muito jovem e o pai havia se mudado para Michigan. Elliott mal o conhecia.

Depois de um tempo, para a surpresa dele, seus pais se encontraram novamente graças à *Internet* e, após uma reconexão rápida, se casaram mais uma vez após quase quinze anos separados. Sua mãe mudou-se para Michigan e Elliott ficou na Flórida com sua avó.

— Sentia saudades do seu pai? Sentiu falta de ter um homem por perto enquanto estava crescendo?

— Não sei se posso responder a isso. Quer dizer, havia outros homens por perto. Minha mãe namorou alguns e todos eles pareciam caras legais. Tive professores homens ao longo do caminho, também. Não sei se senti tanto a falta de um homem quanto a ideia de um pai. Isso está fazendo algum sentido?

— Sim, acho que sei o que você quer dizer. — Mimi olhou para seu colo, subitamente pensando em seus próprios sentimentos

dolorosos em relação ao homem que era seu pai biológico, o assassino que estava no corredor da morte.

O homem que estava programado para morrer nesse verão.

Como poderia haver um contraste tão nítido com o arquiteto respeitável que ela conhecia como “papai”? Ela descartou os pensamentos com um aceno de cabeça.

— Então... você vai se formar em breve. Você tem dezoito anos?

— Ainda não. Meu aniversário é logo após a formatura. Quase lá, mas ainda não. E quanto a você? Quantos anos...

— Me conta, quais são seus planos após a formatura? — interrompeu-o em uma frase rápida.

Ele diminuiu a marcha e lentamente deslizou para uma vaga de estacionamento no restaurante.

Mimi olhou ao redor do estacionamento e se perguntou por que ele havia estacionado tão longe quando havia tantas vagas desocupadas perto do restaurante. Ele respondeu à sua pergunta silenciosa.

— Arranhões. Tentando evitar os idiotas que não se importam se batem as portas do carro no carro de outra pessoa. Eu dediquei muito tempo a essa caminhonete, não vou deixar um babaca descuidado acabar com tudo.

Desligando o motor, Elliott olhou para ela e respondeu à sua outra pergunta:

— Quanto aos meus planos, vou continuar trabalhando e ir para a faculdade.

Eles se viram tendo tanto a dizer durante o jantar que não paravam de interromper um ao outro. Não houve silêncios

constrangedores ou calmarias desconfortáveis. Na verdade, era exatamente o oposto. Mimi ficou aliviada que Elliott nunca a pressionou sobre sua idade. Eles conversaram sobre a escola, amigos, sonhos, hobbies e até mesmo sobre a igreja. Mas o rapaz nunca perguntou em que série ela estava. Isso a deixou aliviada.

Enquanto esperavam pela sobremesa, Elliott se remexeu no assento, empertigado.

— Está ficando mais quente aqui. Você está com calor?

— Na verdade, não. — Ela riu. — Por que você não arregança as mangas, um pouco? — Mimi se perguntou por que ele estava usando mangas compridas. Não estava um calor insuportável, mas estava quente, embora ela imaginasse que ele estava tentando se vestir melhor para ela.

Ele desviou o olhar, nervoso.

— Não quero dar a impressão errada.

Ela franziu o cenho, perguntando ao se inclinar para frente:

— O que quer dizer?

— Eu, *uh*, tenho muitas tatuagens. — Elliott corou. Isso já estava se tornando um costume. — Nem todas são muito... agradáveis de se olhar. Passei por uma fase ruim, com os tipos errados de amigos. O que fiz minha pobre avó passar... — Seu rubor aumentou e ele balançou a cabeça, afastando as palavras.

Mimi sorriu e disse:

— A maioria dos caras estaria tentando impressionar uma garota com todas as marcas possíveis, e aqui você tem medo de me mostrar as tatuagens. Na verdade, acho isso admirável.

Elliott olhou para ela como se estivesse envergonhado.

— Tem mais...

— Estou ouvindo.

— Eu geralmente não dirijo a caminhonete do meu avô. É boa demais para ficar dirigindo só para a escola e o trabalho. — Ele olhou para baixo, na direção de seu prato. — Normalmente, dirijo uma motocicleta.

Ela riu alto, tentando mostrar que estava à vontade com o que dizia.

— Pare de parecer tão nervoso, Elliott. Meu pai tem tatuagens incríveis e dirige a pior *Harley* por aí.

Mimi notou a surpresa no rosto do rapaz entre seu agitar de cílios. Então, sua expressão mudou para preocupação.

— Não se preocupe — acrescentou ela rapidamente. — Meu pai é um cara legal. Ele é arquiteto e minha mãe é uma dona de casa que faz contabilidade em meio período. Tatuagens e uma motocicleta nem sempre significam coisas ruins.

*Pelo menos, eu não acho que signifiquem.* Ela se lembrou das coisas que aprendeu sobre o passado de seus pais - coisas que ainda estava aprendendo nas entrevistas de Leslie com sua mãe.

O rapaz pareceu aliviado e arregaçou a manga direita, estendendo o braço lentamente para mostrar a ela.

— Este foi um presente de formatura antecipado. É a minha mais recente. — Elliott virou o antebraço para que ela pudesse ver. Os olhos de Mimi se arregalaram de admiração.

— *Oh*, Elliott, deve ser a tatuagem mais linda que eu já vi! Os detalhes são incríveis... — Seus dedos acariciaram suavemente seu antebraço, sentindo os pelos curtos e o arrepio que lhe causou.

Em voz baixa, o rapaz engoliu em seco antes de perguntar:

— Isso não te decepciona? Quero dizer, você não acha que está namorando algum tipo de fanático religioso, acha?

Mimi fitou a tatuagem em cada centímetro de pele que cobria. Era uma cruz e tinha uma bela videira de flores entrelaçadas ao redor, detalhadas e coloridas. Ela olhou ainda mais perto e viu uma pequena pomba branca entre a videira e as pétalas, além de uma coroa de espinhos pendurada no topo. Gotas de sangue vermelho brilhante pingavam dela e salpicavam algumas flores.

— Você está falando sério? Decepcionada? Não, é claro que não! As bordas estão um pouco rosadas. Ainda dói?

— Não, só sensível. Isso porque ainda estou pedindo ao meu *mano* para preencher os detalhes, mas não faz mal.

Ele sorriu para ela, porém Mimi não conseguiu sustentar seu olhar e acabou desviando-o.

Algo estava errado.

— O que foi? — Os olhos dele pareceram tristes. — Isso é demais para você? Acabei de falar tanto, deve estar confusa. É isso? As tatuagens, os maus amigos, a motocicleta e agora você sabe que sou cristão. Acabei de descarregar uma bola de confusão total em sua cabeça, não foi? Muita informação...

Ela cruzou as pernas debaixo da mesa e o rangido do vinil fez um som embaraçoso, tirando-a de seus pensamentos.

— Não foi isso... — negou sorrindo.

Ele apenas sorriu de volta.

— O que há de errado então, Mimi? O que foi?

A garota soltou um suspiro resignado no peito.

— Eu gosto de você, Elliott, e não tenho certeza se isso vai importar para você ou não. Acho que acho que importa, caso

contrário, eu teria contado logo...

— Contado o quê? — Ele se remexeu também e o assento fez o mesmo som.

Ambos o ignoraram.

— Você vai fazer dezoito em breve. E eu... — Os olhos dela subiram em vergonha. — Eu acabei de completar quinze anos.

Antes que o rapaz pudesse responder algo, a garçonete apareceu com as sobremesas. Depois de perguntar se precisavam de mais alguma coisa, ela os deixou em paz.

Mimi arriscou um novo olhar para Elliott que, pelo visto, não havia parado de fitá-la nem um segundo.

— Uau. Bem... entendo o quer dizer. Você acabou de fazer quinze anos, o que significa que você tinha quatorze há não muito tempo. — Ele se recostou na mesa e olhou para seu *cheesecake*, um sorriso nervoso nos lábios.

Mimi o observou. Sua própria sobremesa não tinha mais *nenhum* apelo.

Então ele se endireitou.

— Quer saber? Eu não me importo. Você tem quinze anos. Eu tenho dezessete. Isso não parece tão ruim. Acho que a melhor coisa para nós, para mim, é conhecer seus pais. Pergunte a eles se posso sair com você, formalmente. Eu sei que haverá limitações, mas, honestamente, Mimi, eu gosto de você o suficiente para arriscar a recusa deles.

— E se eles recusarem? — A possibilidade era real. — Quer dizer, eu também gosto de você, Elliott. Não quero pensar em como vou me sentir se eles não nos deixarem ficar juntos.

— Então, não vamos pensar nisso por enquanto — sugeriu, um ar leve subindo ao rosto. — Vamos aproveitar esta noite e conversar, vamos pensar sobre quando seria um bom momento para conhecê-los. Não gosto de ficar me desvencilhando desse jeito, mas acho que foi isso que você fez para organizar esta noite. Estou certo?

— Sim. Meus pais pensam que estou com uma amiga e, antes que você pense mal de mim, saiba que nunca menti ou fiquei saindo às escondidas, antes.

Pelo menos não com um menino. Ela não queria pensar em seus encontros secretos com Leslie como algo esquisito. Além disso, foi culpa dos pais dela. Se eles tivessem sido sinceros desde o início, ela teria sido sincera com eles.

— Eu não penso *nada* mal de você.

Mimi não conseguiu evitar de lhe dar um pequeno sorriso.

— Escute, se você não se importa em me ver de vez em quando, só para vermos se gostamos um do outro o suficiente para prosseguir, ver se vale a pena, podemos manter isso para nós mesmos? Por hora... — Ela fez uma pausa. — Estou lidando com algumas coisas pessoais muito pesadas, meus pais também. Pode não ser um bom momento para colocar em suas vidas um garoto que logo fará dezoito anos e que sua filha, de quinze, gostaria de namorar. Como eu disse, não gosto de ficar saindo escondida, mas seria melhor se seguíssemos assim, por um tempo.

Ela engoliu em seco antes de terminar:

— Tudo bem?

Mimi não podia dizer a ele que estava conversando às escondidas com uma repórter enquanto tentava simultaneamente



convencer sua mãe a dar uma entrevista sobre o malvado doador de esperma que era seu pai. Era muita pressão tentar introduzir um namorado em potencial nessa mistura de confusões.

Não. Ela gostaria de manter Elliott só para ela. Pelo menos até depois da execução, que aconteceria em breve.

Mas a sobrancelha dele se franziu.

— Não sei, Mimi. Se as coisas derem certo conosco, vou me sentir um pouco desconfortável ao conhecer seus pais, sabendo que tenho visto você pelas costas deles.

Ela ficou rígida e as sobrancelhas se alinharam.

— Meus pais não são, de forma alguma, perfeitos, Elliott — admitiu com a voz fria. — E, por mais que aprecie sua preocupação e respeito pelos sentimentos deles, vamos apenas dizer que estou em um ponto delicado do relacionamento com meus pais, onde não tenho certeza se eles merecem um tratamento do tipo.

A mudança de atitude dela o surpreendeu, mas o rapaz não disse *nada*. Então ela tinha um lado agressivo, considerou para si próprio em pensamento. Isso não era ruim.

— Contanto que seja antes de eu ser de maior — cedeu ele, finalmente. — Tenho certeza de que, se vir você depois dos dezoito, posso ter problemas jurídicos.

Ela sentiu o coração quente e os ombros relaxaram. Elliott era um cara legal e Mimi podia entender sua preocupação.

— Pode não importar, de qualquer maneira. — A garota olhou para seu colo. — Podemos descobrir que não nos damos muito bem, afinal.

Ele estendeu a mão, então, tomando liberdade para colocar uma mecha de cabelo dela atrás de sua orelha. Elliott tocou seu

queixo com o indicador e virou seu rosto ao dele.

— Posso garantir que não será o meu caso, Mimi. Eu me senti mais confortável com você nesta última hora do que jamais me senti com qualquer garota. E não é como se houvesse muitas delas. Tive algumas namoradas, mas elas sempre falavam sobre compras e fofoca. Posso dizer que você não é assim, mesmo.

Mimi sorriu para ele e Elliott se inclinou, beijando suavemente sua bochecha. O rapaz sinalizou para a garçonete, pedindo a conta antes de virar para Mimi e perguntar:

— Agora, só precisa me dizer: quando posso te ver novamente?

# Capítulo 18

## Ginny, 2000 - Fort Lauderdale

### *Após a execução de Grizz*

Nunca me senti tão revigorado e otimista quanto depois daquela primeira viagem ao campo de tiro com Mimi, da longa caminhada em um parque local que se seguiu logo depois.

Tommy havia apanhado minhas armas do cofre, assim como pedi. Enquanto eu estava na frente da mesa em seu escritório e enchia minha mochila com tudo o que precisávamos, pude sentir seus olhos fixos em mim.

— Sinto muito por contar a ela o que você me falou — desculpou-se sem olhar para ele.

Ele não respondeu. Parei o que estava fazendo e olhei para ele, que permaneceu sem nada dizer, apenas me encarando. Ele parecia magoado e inseguro de si mesmo.

— Não. — Minha mandíbula se apertou e eu coloquei um par de óculos de tiro na bolsa. — Retiro o que eu disse. Eu não sinto muito. Estou cansada de “sentir muito”, Tommy. Eu não estou me desculpando por mais *nada*.

— Está tudo bem, Gin — falou, finalmente, de maneira suave. — Só estou preocupado que ela não confie mais em mim.

— Bem, não se preocupe com isso. Terei uma conversa longa e agradável com nossa filha hoje. Vou começar do início, ou avançamos a partir daqui ou nunca o faremos. Estou cansada de evitar o meu passado. Estou cansada de ficar hesitante sobre tudo que cerca Grizz. Sim, eu falei! O nome que sempre foi o elefante na

sala! Não só *nesta* sala – em todas elas! O nome que está à espreita em cada esquina, ameaçando arruinar nosso “felizes para sempre”. Eu superei isso, Tommy.

Ele sorriu para mim então e sua expressão mudou instantaneamente. Achei que sabia o que ele ia dizer.

— Ela sabe... do outro segredo? Sobre você ser filho dele? — sussurrei, atenta.

O tique-taque do relógio do avô soou mais alto do que normalmente, sua batida ditando as do coração, preenchendo o espaço entre nós.

— Não chegamos tão longe, Gin. Leslie poderia ter contado a ela, mas duvido. Mimi me disse que eles não tiveram nenhum contato desde três semanas antes da morte de Grizz. Acho que foi nessa época que ele deu uma surra em Leslie, na prisão. Mimi até admitiu que tentou descobrir pela repórter quando o artigo sairia, mas a mulher a ignorou completamente.

Eu concordei com um meneio da cabeça. Ótimo. Leslie levou a sério qualquer ameaça que Grizz havia feito. Ela foi inteligente em recuar. Coloquei minha bolsa no ombro e dei a Tommy um olhar sério.

— Ainda iremos contar tudo a ela. Você sabe disso, não é? Eu nem vou tocar neste assunto com Mimi, mas vamos dizer a ela, um dia. É algo que devemos fazer juntos.

Observei enquanto Tommy passava a mão pelo cabelo. Ele soltou um suspiro resignado.

— Não posso dizer que estou ansioso por isso, mas, sim, tudo bem. Nós vamos contar a ela, Gin. Faremos isso juntos.

Eu podia ver a preocupação e dúvida em sua expressão e meu coração doeu por ele, tal que caminhei em sua direção e o beijei levemente, um toque sutil sobre os lábios. A barba por fazer em seu queixo roçou em meu rosto e percebi que minha raiva havia se dissolvido e estava se transformando em outra coisa. Eu estava me sentindo esperançosa. Esperançosa por um futuro sem segredos.

Um futuro em que a barreira que Mimi ergueu, sem culpa por isso, será quebrada.

Não conseguia culpá-la por se afastar de nós depois de descobrir sobre Grizz. Eu deveria saber que nosso passado nos alcançaria, e se eu não o tivesse evitado, não estaria lutando para consertar as coisas, *agora*. Eu não teria perdido três anos com minha filha.

Enquanto me permitia refletir sobre essas coisas, pude sentir algo mais rastejando em minha consciência. Era um sentimento com o qual eu não tinha muita experiência, tampouco tinha certeza se era real ou apenas um mecanismo de defesa contra a minha profunda dor, a dor causada pela rejeição de Grizz.

Eu podia sentir uma escuridão inquietante e perturbadora infiltrando-se em mim. Se eu não lidasse com ela, certamente, me assombraria mais tarde. Pensei no homem responsável por tudo isso e me parabenizei por ter jogado fora aquela bandana.

*É uma coisa boa você não estar mais por perto, Grizz. É uma coisa boa você ter escolhido me rejeitar e viver o resto de sua vida longe de mim.*

Tommy deve ter notado uma mudança em minha expressão, porque olhou para mim com as mãos apoiadas em meus ombros.

— O que foi, Gin? No que está pensando?

Fiquei olhando para um ponto neutro na parede, acima de seu ombro esquerdo e, sem olhá-lo nos olhos, respondi com uma voz desnutrida de emoção:

— Estava pensando que, se Grizz já não estivesse morto, provavelmente eu mesma atiraria nele.

Sem esperar a resposta de Tommy, girei nos calcanhares e me dirigi à porta da frente, gritando:

— Mimi, vamos! Te espero no carro!

\*\*\*

À medida que nos aproximávamos da primeira placa de pare em nosso bairro, e antes de permitir que qualquer silêncio constrangedor se interpusesse entre nós, mergulhei de uma vez no assunto, sabendo que Mimi queria isso tanto quanto eu.

— Vamos começar com Leslie. Sei que você falou com ela e tenho certeza de que ela compartilhou algumas das coisas que contei a você. Também sei que o artigo não será publicado. — Olhei para ela, que parecia levemente surpresa. — Diga-me como você e Leslie se conheceram.

Mimi não me poupou de sua franqueza, começando com seu primeiro encontro com Leslie em um shopping. Ela estava no meio da história quando meu celular nos interrompeu. Mimi olhou para ele.

— É o papai.

Pedi a ela para colocar o telefone no viva-voz.

— Ei. Você está no viva-voz — alertei a Tommy.

— Ouça, eu só queria que você soubesse que meu dia mudou um pouco. Eu ia levar Jason para o treino e ficar com ele, mas Sarah Jo ligou e quer que eu a encontre para almoçar — disse ele com uma voz um tanto chiada.

— Há algo de errado com ela? — A preocupação formigou na borda dos meus pensamentos. Eu ainda estava focada na minha conversa com Mimi.

— Nada, ao menos eu acho. Acredito que ela pode apenas querer falar sobre sua mudança e algumas das opções de Stan.

Isso era compreensível, mas posso estar me sentindo um pouco magoada. Falei com Jo mais de uma vez, desde a execução de Grizz, e ela estava sempre ocupada para sair. Provavelmente, eu estava apenas sendo muito sensível. Além disso, Tommy tinha feito muitas viagens para fora dos EUA ao longo dos anos e Jo podia apenas querer sua opinião sobre alguns dos lugares que visitou.

Tommy e Jo eram melhores amigos muito antes de eu entrar em cena e, além disso, eu estava fazendo algo muito mais importante.

— Lembre-se de dizer a ela que ainda não quero que se mude e que eu estou lhe dando uma ordem direta para dissuadi-la. — Uma risada escapou pelos meus lábios. — Diga a ela que a amo, está bem?

— Vou falar. Não sei quanto tempo levarei, então Denise disse que traria Jason para casa com ela se eu não voltasse a tempo de buscá-lo.

Agradei a Deus em pensamento. Denise era uma dádiva quando o assunto era ajudar Jason, especialmente durante nossa breve separação.

— Entendi. Nos vemos em casa mais tarde, então. Eu não sei quanto tempo Mimi e eu ficaremos pelo Campo... até depois.

— Ok, querida. Eu te amo. Amo vocês duas.

— Também te amo, querido — respondi, então dei a Mimi um olhar de súplica. Ela sabia o que eu queria e obedeceu sem hesitação.

— Eu também te amo, pai.

Bom. Aquelas palavras me diziam que Mimi não estava chateada por Tommy ter estragado tudo. Quase pude ouvir o alívio em sua resposta.

— Eu também te amo, *Dreamy Mimi*<sup>[6]</sup>.

Desligamos e o silêncio caiu pesadamente entre nós como cimento molhado. Eu não deixaria isso nos cobrir.

— Ele não chama você assim há um tempo. — Dei a ela um olhar de soslaio enquanto navegava pelas ruas movimentadas.

Dreamy Mimi era um apelido que Tommy lhe dera quando a garota era mais jovem. Ela tinha apenas cinco ou seis anos quando ele estava tentando chamar sua atenção. Assim que perguntou se ela estava sonhando acordada de novo, ela inocentemente respondeu:

— Não, papai. Eu sonho com coisas noturnas também. Não apenas sobre as coisas do dia.

Então ele começou a chamá-la de Dreamy Mimi e isso continuou até a garota ter cerca de doze anos, que foi quando ela disse ao pai que era velha demais para ser chamada assim. Isso me lembrou de quando comecei a insistir que as pessoas me chamassem de Ginny em vez de Gwinny.



— Eu disse a ele para não fazer isso. Você sabe, depois que eu descobri sobre ... sobre...

— Sobre ele não ser seu pai biológico? — minha voz soou em um tom estranho que eu não pretendia que tivesse.

— Acho que não sabia se ele falava sério. Se ele queria ser meu pai, ou se cuidar de mim era um trabalho no qual simplesmente ficou preso... — falou calmamente. — Dreamy Mimi soou mais como uma provocação, mãe. Eu não sei como posso te explicar.

— Compreendo.

De fato, eu o fazia.

Contei a Mimi algumas coisas que ela não sabia ou não tinha como lembrar, como a vez em que Tommy lhe contou uma história inventada sobre a princesa Mimi. Contei a ela sobre a vez em que ele ameaçou, sem piedade, o pai de uma garotinha que a intimidava, na escola. Ela tinha cerca de oito anos e voltou para casa chorando um dia porque a nova garota, Marigold, estava mexendo com ela.

Claro, eu fui até a professora e falei com a mãe da menina, mas a intimidação continuou no ponto cego do banheiro das meninas e nos cantos afastados da biblioteca ou do parquinho.

Quando contei a Tommy que estava ficando cada vez mais difícil fazer Mimi ir à escola, ele fez uma visita ao pai de Marigold e disse ao homem:

— Toda vez que minha garotinha chegar da escola chorando por causa de sua filha, eu virei te visitar e te dar um soco na cara. É simples assim. Minha filha está sofrendo e você vai sofrer também.

Tommy me contou como o cara zombou dele.

— Crianças são crianças. Elas precisam resolver isso sozinhas.

— Não sou de fazer ameaças que não vou cumprir — alertou Tommy ao homem. — Foi avisado. Sugiro que mantenha sua filha sob controle. Se minha Mimi chegar em casa chorando, você será o próximo.

O homem apenas riu enquanto Tommy se afastava. Com certeza, Mimi voltou para casa com pequenos arroxeados na parte interna de seu braço, onde Marigold a beliscou com força suficiente para que víssemos os hematomas.

— Eu lembro disso! — Mimi se endireitou no carro e olhou para mim, o cinto de segurança apertado contra o peito conforme os olhos se arregalavam em excitação. — Lembro de tentar ficar longe de Marigold depois, mas não precisei. Ela me deixou em paz e acho que eles se mudaram, de qualquer maneira. O que papai fez?

— Você realmente quer saber?

Ela assentiu, então respirei fundo e contei:

— Ele foi ao trabalho do pai dela, pediu para falar com ele do lado de fora e lhe deu um soco bem no meio do rosto. Exatamente como disse que faria.

Os olhos de Mimi se arregalaram ainda mais e as sobrancelha subiram em arcos.

— Ele fez isso!? Por mim!?

— Mimi, seu pai não tolera a violência. E digo a verdade quando falo que só o vi perder a cabeça algumas vezes. Eu não o vi socar o pai de Marigold, mas sei que aconteceu. E também sei que aquele soco não era *nada* comparado ao que ele estaria disposto a

fazer por você. Ele daria a *vida* por você, Mimi, porque é a filha dele. Você sempre foi.

Eu tinha acabado de entrar no campo de tiro, encontrado uma vaga e deslocado o carro para o estacionamento. Quando olhei para minha filha, percebi a mudança em sua postura. Ela estava relaxada, acolhida... quase como se um fardo tivesse sido retirado de seus ombros. Sorri para ela e Mimi sorriu de volta.

— Acho que não vamos poder conversar muito enquanto estivermos atirando — comentou ela, sagaz.

— Provavelmente não. O barulho é bem alto.

Ela assentiu.

— Então... quando terminarmos, podemos ir para outro lugar e continuar conversando, mãe?

— Claro que sim, querida! — Meu coração pareceu mais leve ao dizer isso.

— Que bom. Porque você disse na cozinha que eu não sabia de *nada*. Mas... sabe que Leslie me contou algumas histórias, não?

Eu estiquei um sorriso falso com a menção do nome da repórter.

— Faremos assim: você me conta tudo o que Leslie te disse e farei o possível para preencher as lacunas.

— Tá bem! — concordou com um sorriso largo. Então seus olhos castanhos ficaram sérios. — Quero que me conte tudo o que puder sobre o doador de esperma do mal.

# Capítulo 19

## Tommy, 2000, Fort Lauderdale

### *Após a execução de Grizz*

Tommy refletia sobre as últimas semanas de sua vida enquanto se dirigia ao pequeno restaurante, no coração de um antigo, mas lindamente restaurado, centro de Davie.

Ele pensou sobre o progresso que havia feito para conhecer sua filha novamente, e como estava preocupado se a explosão inesperada de Ginny faria com que tudo desmoronasse ou não. Nada desmoronou. Mimi disse que o amava. Era um começo. Um bom começo. Tommy não a ouvia dizer essas palavras há anos, mas *agora* seu coração estava mais leve, apesar desse inconveniente almoço de última hora com Sarah Jo.

Jo. Ele franziu a testa enquanto parava no sinal vermelho, a lembrança de quem ele estava indo encontrar o irritava ainda mais.

O homem apoiou os cotovelos no volante e apertou o nariz entre os dedos, depois esfregou os olhos. A buzina de um motorista impaciente atrás dele o trouxe de volta de seus pensamentos. Jo o estava importunando por semanas para que eles conversassem. Tommy tinha certeza de que a mulher queria convencê-lo de que estava errado sobre ela, que ele não tinha o direito de dizer o que ela deveria estar fazendo com sua vida.

Ele sabia como a tarde iria transcorrer. Jo começaria com uma conversa fiada, então descobriria como é difícil organizar uma mudança tão monumental para fora do país. Isso seria seguido por

lamentações e tentativas de convencê-lo de seu amor por ele e Ginny.

E, provavelmente, terminaria com ela ficando com raiva por sua recusa em ceder. Ele só esperava que a mulher não fizesse uma cena. Tommy suspirou ao entrar no estacionamento da lanchonete e avistar o carro dela.

Lá dentro, Sarah Jo tamborilava as pontas dos dedos sobre a mesa.

— Gostaria de pedir algo enquanto espera, senhora? — a garçonete perguntou. — Senhora?

— Não. — Sarah Jo retrucou, amarga, para a garçonete. — Já te disse. Vou fazer o pedido quando meu amigo chegar.

Ela mal olhou para a garçonete, que se afastou, envergonhada com a grosseria de Sarah Jo.

Jo revirou os olhos enquanto se endireitava para olhar pela janela, nervosamente agarrando o pingente de sua mãe. Era um grande pendente *Marcasite* com um rubi logo no centro. Sarah Jo nunca o tirou. Quando era mais jovem, o usava debaixo da blusa e sempre se sentia confortada pela sensação fria e metálica dele descansando entre seus seios. À medida que foi envelhecendo, ela adquiriu o hábito de usá-lo abertamente. *Agora*, era mais adequado a sua idade e combinava com seu traje de negócios.

*É melhor que ele não me enrole aqui.* Ela esfregou a preciosa lembrança entre os dedos. Ela estava começando a ficar chateada, pensando sobre o que faria se Tommy não aparecesse quando, finalmente, notou seu carro estacionando.

Jo se recostou no assento acolchoado, triunfantemente. *Ele está aqui e quer conversar. Já é um começo.*

A mulher observou Tommy caminhar até a porta da frente do restaurante. Ela podia ouvi-lo enquanto caminhava por trás dela e casualmente se sentava na cadeira à sua frente.

— Não tenho muito tempo — sua voz parecia cansada. — O que você quer, Jo?

— Uau, não te vejo há meses e nem mesmo me diz um 'olá' ou 'como você está?' Nada, é sério? — Antes que Tommy pudesse responder, seus lábios franziram em uma falsa indignação. — O que alguém precisa fazer para conseguir uma garçonete por aqui? Estou esperando por você há mais de vinte minutos, pelo menos alguém podia ter tido a decência de me perguntar se poderiam, pelo menos, me servir uma bebida.

— Não estou com fome nem com sede. Por que você queria me ver?

— Então, é assim que vai ser? Apenas negócios?

— Você, honestamente, achou que seria algo a mais?

Sem responder, Jo olhou para a garçonete que havia voltado à mesa.

— Dois cafés, por favor. E você poderia me fazer a gentileza de trazer creme extra? — perguntou, dando à garota o sorriso mais doce que ela conseguiu reunir, como se sua grosseria fosse passageira. — E não há necessidade de trazer os cardápios. Estamos apenas tomando café. Obrigada, querida.

Tommy não percebeu a expressão confusa da garçonete quando ela saiu para pegar suas bebidas.

Sarah Jo curvou-se sobre a mesa entre eles.

— Olha, eu sei que você viu o esforço que tenho feito. Stan esteve em três entrevistas desde nossa última conversa. Evitei

Ginny em todas as oportunidades, e isso não foi fácil. Ela me liga muito. Embora eu tenha que admitir que tem diminuído um pouco. Ginny sabe que estou ocupada fazendo os preparativos para a mudança. Só acho que agora que você viu que posso estar na mesma cidade que ela e não em suas vidas, precisa reconsiderar sua “ameaça”. — Jo enfatizou a palavra com aspas no ar.

— Por que eu faria isso? Por que você pensa que eu mudaria de ideia?

A garçonete pousou os cafés entre eles. Tommy educadamente agradeceu e olhou para Jo.

— Por quê? Vou te dizer por que, Tommy. Porque não é fácil arrumar minha vida e me mudar para o outro lado do mundo! Mostre um pouco de compaixão, que tal?

Ela encheu seu café com creme e açúcar enquanto olhava para ele.

— Compaixão? Como você mostrou quando armou o estupro de Ginny aqueles anos atrás? — Sarah Jo se encolheu, como ele esperava, e continuou: — Compaixão, como quando Chicky tentou se aproximar de Fess? Que tal a compaixão que você mostrou a Moe? Esse tipo de compaixão, Jo? É isso que você quer dizer?

Sua voz estava tensa de raiva e o maxilar enrijeceu.

— Por que você ainda bate na mesma tecla de algo que aconteceu há mais de vinte anos? Por que não pode esquecer essa obsessão em me tirar da cidade? Não consegue superar isso?

Ele recostou-se e o acolchoado abraçou seus ombros. Inclinando a cabeça para o lado, Tommy considerou seriamente sua resposta.

— É a única maneira de fazer justiça por Gin sem que ela saiba. Mas *eu* vou saber. Saberei que você será infeliz vivendo fora de sua pequena zona de segurança. O pequeno casulo perfeito de uma vida que você construiu esmagando os outros.

Ela começou a dizer algo, mas ele ergueu a mão, silenciando-a.

— Sim, Jo, agora eu sei. Posso olhar para trás, para nossa amizade ao longo desses anos, e posso ver como você distorceu certas histórias, sempre se tornando a vítima. Eu sei como você joga o *status* do seu marido para conseguir o que quer no trabalho. Como você se coloca acima das pessoas para se sentir melhor. Como você deixa os outros assumirem a culpa quando você estraga tudo. Ginny e eu ouvimos essas histórias e até simpatizamos com você sobre algumas coisas. — Ele estreitou os olhos, cético. — Mas estávamos errados, não estávamos? Você sempre foi conivente, mas nunca nos permitimos ver isso porque você era nossa amiga. Claro, sempre estaríamos do seu lado. Eu vou predizer que Stan sabe também, mas ele está muito dominado por você para te criticar em qualquer coisa.

Assim como naquele dia na casa dela, quando ele a confrontou sobre o que havia lido no diário de Moe, ele sabia que a tinha irritado. Tommy atingiu um ponto fraco e isso estava aparecendo em seu rosto, em meio a um esgar desconfortável. Ele observou enquanto Jo se recostou antes de apanhar o pingente da mãe, tocando-o freneticamente.

— Então, você acha que já me entendeu por completo? — Seus olhos brilharam, mas não de uma maneira reconfortante. — Bom para você, Tommy. Mas há algo que você precisa saber. Não



vou mudar minha família para fora do país, deste estado ou mesmo desta cidade. Você não vai contar a Ginny sobre minha parte no estupro dela. Entende isso? Consegue assimilar o que estou lhe dizendo?

Ele riu dela.

— Você não tem escolha, Jo. Não só direi a Gin o que você fez, mas também direi a outra pessoa... Aposto que aquela jornalista que tinha tanta certeza de que poderia obter o furo sobre a execução de Grizz adoraria ouvir essa história. Posso imaginar a manchete de sua pequena revista. — Ele ergueu a mão para dar ênfase, como se destacasse cada palavra. — Esposa de cirurgião proeminente e respeitado desempenhou um papel crucial no estupro e tentativa de assassinato de sua melhor amiga.

Tommy deu um sorriso malicioso antes de tomar outro gole de café. Claro, a ameaça de falar com Leslie não era real. Ele estava apenas brincando com as emoções de Jo, pois nunca faria *nada* propositalmente para trazer a atenção às suas vidas.

Mas Sarah Jo não sabia disso, tal que revirou os olhos.

— Você é um idiota. — Ela sorriu presunçosamente, observando-o sob o cenho pesado. — E, se estamos contando histórias, então vou contar uma para ela também. — Jo fez sua pausa dramática, com cuidado para não interromper seu olhar, e distraidamente bateu com o polegar na borda da xícara de café.

— Que história seria essa, Jo?

— *Oh*, você conhece a história — ralhou em resposta. — Aquela em que Ginny estava grávida há muito tempo – quando foi? 1980? Quando ela estava morando naquele lixão com Grizz?

— Sim... — o tom dele tornou-se duvidoso. — O que tem isso?

— É claro que se lembra, não é? — perguntou ironicamente. — Ela estava tendo um terrível enjoo matinal e você estava muito preocupado com ela. Você também era estúpido naquela época, Tommy. Só você lamentaria por uma mulher que estava grávida do filho de outro homem.

Ela poderia dizer, pela expressão dele, que atingiu um ponto nevrálgico de seus medos. Era hora de desferir o golpe fatal. Jo deveria ter dito isso quando ele a ameaçou pela primeira vez. Isso a teria poupado de muita frustração.

— Eu dei a você aquele pó de ervas, para dar a Ginny, para que eles fizessem o enjoo matinal passar. Lembra como eu disse que não queria crédito por isso? Como eu queria que ela pensasse que o pó milagroso era seu, porque você era um bom amigo para ela?

— Sim, e o que tem? Eles nem mesmo funcionaram. De qualquer maneira, não importa. Ela perdeu aquele bebê logo depois.

Tommy fez uma pausa e respirou fundo quando a compreensão do que estava dizendo o pegou de surpresa, o ar materializando-se sobre seus ombros em um pesar monstruoso.

— Jo, você não fez. Diga-me que não...

— Claro que eu fiz, seu idiota — interpelou ela, rápida. — Eu não queria que Ginny tivesse aquele bebê. Ela me disse que Grizz ia se aposentar da gangue quando a criança nascesse. Eu não poderia deixá-lo ter um “feliz para sempre”!

Tommy sentiu como se tivesse levado um soco no estômago. Ele se lembrava de tudo com perfeita clareza — Sarah Jo ligando

para ele de sua faculdade no norte da Flórida, falando sobre sua amiga do meio ambiente, vegetariana, companheira de quarto e fabricante de ervas, e como ela inventou a mistura perfeita para aliviar o enjoo matinal de Ginny.

Ele havia pedido especificamente os ingredientes e procurado em todos os locais para ver se funcionariam, até mesmo consultado um de seus professores na escola. Jo estava certa. A combinação dessas ervas deveria ajudar com os enjoos matinais e não representava ameaça para a mãe ou o bebê. Tommy pediu a ela para enviar a ele o remédio da colega de quarto e, o mais importante, se lembrou da insistência de Sarah Jo para que ele dissesse que foi ideia dele.

— Você a ama, Grunt. Deixe-a pensar em ti como seu salvador. Quando ela estiver se sentindo melhor, é a você que ela agradecerá. — Sarah Jo riu e acrescentou: — Juro, se você contar a ela que esses pacotinhos são meus, vou negar. Eu quero que você receba todo o crédito!

À medida que a realidade do que ele tinha feito se aprofundava, Tommy sentiu uma enorme escuridão envolvendo-o como uma mortalha sufocante. Ele deu a Ginny ervas que deveriam ajudar com os enjoos matinais, mas, na verdade, tinham causado seu aborto. O que ele havia feito?!

Jo estava certa. Ginny se lembraria de Tommy dando-lhe ervas para colocar no chá. Ele nunca mencionou que elas vieram de Sarah Jo. Na verdade, mencionou isso para uma única pessoa, que estava morta.

— O que você fez, Jo? — Ele apoiou os cotovelos na mesa, baixou o rosto para as mãos. O som de seu batimento cardíaco

pulsava em seus ouvidos, abafando os sons na lanchonete, doendo em suas têmporas. Tommy teve uma dor de cabeça instantânea e intensa, mas seu olfato tornou-se imediatamente aguçado. A combinação de pão assado, algum tipo de carne assada e o pano de prato encharcado de alvejante, que deve ter sido usado para limpar a mesa, fez seu estômago embrulhar.

Com os cotovelos ainda apoiados na mesa e os dedos cravados nas têmporas, ele ergueu os olhos para Sarah Jo e perguntou em um sussurro:

— O que você fez?

A mulher deu a ele um sorriso vitorioso e agarrou sua bolsa enquanto se levantava rapidamente. Ela olhou para ele, sua falsa e ácida empatia refletida no olhar.

— Eu não fiz *nada*, Tommy. Você fez.

Então, ela girou nos calcanhares e, triunfante, se dirigiu à porta, dizendo à garçonete no caminho:

— Este lugar é uma merda, e você também.

# Capítulo 20

## **Grizz, 1990 - Em alguma prisão do norte da Flórida**

Grizz se apoiou na pia de sua cela conforme observava o sangue escorrer de suas mãos, desaparecendo pelo ralo. O cheiro metálico e visceral pareceu ainda mais presente quando ele notou que respingos dos fluidos de Bobby Ringer estavam impregnados em sua barba.

Uma rápida olhada no espelho — um item que, definitivamente, não deveria estar na cela de um prisioneiro no corredor da morte — disse que Grizz estava certo no que havia feito. Ele pegou a barra de sabão e esfregou a última evidência de seu crime. Não que isso importasse, afinal, nunca seria interrogado. O guarda que olhou para o outro lado depois de destravar a cela de Ringer estaria levando sua família em férias muito agradáveis com o dinheiro que apareceria em sua conta bancária. Dinheiro que, se questionado, pareceria ser um reembolso de sua hipoteca, por um grande erro de cálculo em seu fundo de garantia. Isto é, se alguém se desse ao trabalho de questionar. Esse mesmo guarda iria garantir que as roupas ensanguentadas de Grizz fossem jogadas na fornalha da prisão.

Depois de ouvir que Kit deu à luz um filho — o filho de Grunt —, Grizz precisava encontrar uma saída para sua fúria. Ele escolheu o assassino em série mais famoso e desprezado da prisão, Bobby Ringer. Infelizmente, para a decepção do homem, Ringer não resistiu. Na verdade, caiu de uma maneira

decepcionante e rápida, não dando a Grizz o tempo que precisava para queimar sua raiva. *Agora*, seus olhos baixaram para suas mãos sem sangue, apenas para perceber que não tinha, nem mesmo, machucado os nós dos dedos. Filho da puta, fracote.

Grizz se deitou na cama e entrelaçou os dedos atrás da cabeça, depois olhou para o teto e pensou nela. Kit. Ele pensou em quando estava na sala de parto para o nascimento de sua filha. Mesmo sendo uma bela memória — uma das poucas a serem consideradas boas —, ela fez seu peito pesar e sua alma parecer vazia.

Outra lembrança entremeou-se pelos seus pensamentos. Essa não era das boas.

Grizz enrijeceu ao recordar claramente da expressão nos olhos de Kit, quando ele se recusou a ver Mimi, no dia que ela trouxe a recém-nascida à prisão. Ele não teve escolha, todos o observaram de perto naquela época. Ele queria Kit e Mimi o mais longe possível dele. Ainda assim, cedeu algumas vezes, deixando-a vir vê-lo primeiro na cadeia e depois na prisão.

Mas depois da visita de Grunt, quando ele lhe disse o quanto ela estava sofrendo, Grizz finalmente disse a ela para ficar longe, sabendo que estava sendo egoísta e a colocando em potencial perigo caso não o fizesse.

Não obstante, também disse a ela para ter sua vida com Grunt. Que estava tudo bem se ela o amasse.

Sua mandíbula cerrou com a dor que a memória invocava.

Grizz conversou cara a cara com o parceiro quando ela voltou a ficar grávida. Dessa vez, a gravidez foi ainda mais dolorosa de se ouvir a respeito, mas ele foi capaz de suportar e afastá-la da

mente. Mas então, descobrir que Kit realmente deu à luz ao filho de Grunt, o enviou ao limite e desvaneceu qualquer esperança — mesmo a mais falsa delas — de que eles ficariam juntos novamente.

E como ele poderia se permitir ter esperanças quando, no que dizia respeito ao que Kit sabia, ele estava sendo condenado à morte? Inferno! Talvez ele fosse condenado à morte. Talvez eles não se importassem se o que ele sabia sobre eles viesse a público, afinal estavam fodendo com a mente dele há cinco anos.

A pior parte é que *eles* sabiam que Kit seguiu em frente com sua vida. Eles sabiam que isso, provavelmente, o estava torturando e se deleitavam com isso.

Eles estavam gostando de assistir sua dor.

Ou talvez não. Talvez não se importassem. Talvez o que ele encontrou, anos atrás, já não fosse tão importante. Ele não saberia, porque eles ignoraram todas as tentativas que ele fez para marcar uma reunião. Desgraçados de merda!

Grizz passou a mão no rosto e puxou a barba para frente. Ele precisaria mandar uma mensagem a Carter, para ter certeza de que o guarda foi compensado apropriadamente. Ele sorriu ao pensar em como o sistema de comunicação que ele havia estabelecido com a mulher, por meio de seu programa animal de reabilitação de presidiários, estava funcionando. Ele se lembrou de convocar Carter, quase cinco anos atrás, à prisão do condado enquanto aguardava o julgamento.

— Você me disse para avisá-la se algum dia pudesse fazer alguma coisa por mim — reiterou a ela. Eles estavam sentados na mesma sala que Kit o havia visitado semanas antes, quando Grizz

sugeriu um nome do meio caso seu bebê fosse uma menina. Ruth, o nome de sua irmã mais nova.

Carter olhou para ele com os olhos arregalados e tentou ser corajosa, mas Grizz poderia dizer que o nervosismo corria por suas veias. Um quarto úmido e cheio de mofo na prisão do condado, com um suposto assassino, estava obviamente fora de sua zona de conforto. Ele tentou acalmá-la.

— Primeiro, quero agradecer por ficar esse tempo com ela. Sei que Kit não vai deixar Grunt morar lá e não é bom que fique sozinha, especialmente... com um bebê a caminho.

Foi visível o relaxar de seus ombros, porém Grizz satisfez-se ao vê-la sorrir, colocando uma mecha de seu cabelo castanho, na altura do queixo, atrás da orelha antes de dizer:

— Não é sacrifício algum estar lá. Eu amo Kit mais do que poderia amar uma irmã, e isso está funcionando para mim também. Tenho levado para casa alguns dos animais do abrigo e, bem...

Carter se conteve. Ela não tinha como saber se ele aprovava o uso de suas propriedades para criar animais de estimação abandonados.

— Eu sei o que você tem feito com os animais, e está tudo bem — garantiu ele calmamente. — Na verdade, é sobre isso que quero falar com você hoje. Se alguém perguntar, estamos falando sobre Kit e como você está lá para tornar a vida dela mais fácil. Entendido?

Carter anuiu com um movimento da cabeça em compreensão, tal que continuaram a conversa em voz baixa. Ele tinha acabado de dizer o que queria que ela fizesse quando houve uma batida rápida na porta e o guarda entrou.



— Cinco minutos, Talbot. — Ele fechou a porta sem esperar pela resposta de Grizz.

Foi então que o homem pediu a Carter outro favor:

— Eu preciso te contar sobre a bandana azul pendurada na minha moto, na garagem.

Carter ouviu atentamente tudo que lhe foi contado, assentindo antes que o guarda retornasse para escoltar Grizz de volta à sua cela.

*Agora*, Grizz suspirou enquanto continuava a olhar para o teto. Ele ficou aliviado por Kit não ter usado a bandana azul na mesma medida que também se decepcionou. Ela não precisava dele. Era de se esperar, e não era como se ele pudesse ter ido pessoalmente ao seu socorro.

Grizz poderia ter arranjado isso, mas não poderia ser ele a executá-lo pessoalmente.

Executar. Que palavra apropriada.

Deitado em sua cama, ele cruzou as pernas e pensou em como o ministério dos cães estava funcionando perfeitamente. Não era seu único meio de comunicação com o mundo exterior, mas era o principal. Ele sabia que o diretor e os guardas faziam vista grossa enquanto os presidiários assumiam a responsabilidade de limpar os cachorros. Grizz se certificou de que eles levassem a merda do cachorro a uma sala privada, para empacotá-la antes de se livrar delas no incinerador. Todos fingiam não saber de *nada* enquanto presumiam que os presos vasculhavam a matéria fecal em busca de pequenos saquinhos de borracha, recheados com contrabando.

Grizz riu, sozinho. Não havia saquinhos de borracha. É claro, Grizz contrabandeava drogas trazidas à prisão, mas não através

dos cachorros como os idiotas da prisão pensavam. Tudo era apenas uma isca para o que ele realmente estava fazendo: envio de mensagens codificadas por meio de pequenos compartimentos, costurados nas coleiras dos cachorros.

Cada cão possuía uma coleira que representava seu estágio de treinamento. Uma coleira azul representava um cão novo que havia sido trazido à prisão e, às vezes, portava uma mensagem de Carter. Amarelo significava que eles já cumpriram metade do treinamento. Vermelho significava que estavam perto de se formar no programa e preto significava que estavam prontos para deixar a prisão e serem colocados à disposição de alguém com necessidades especiais.

Cada detalhe foi organizado de forma que todos os cães com coleira preta tivessem que voltar para a organização de Carter, em Fort Lauderdale. Os colarinhos pretos eram removidos e os animais recebiam outros, novos em folha. As coleiras eram, então, enviadas para reciclagem.

Carter verificava se havia alguma mensagem nos colares e, discreta e anonimamente, mandava enviar as informações aos destinatários pretendidos. Às vezes, os destinatários eram presidiários em diferentes instalações em todo o estado da Flórida. Ele não usava o sistema com muita frequência, mas estava em vigor para alguns dos negócios mais importantes de Grizz.

Se alguém suspeitava que a amiga de Kit o estava ajudando a transportar drogas ou se comunicar através dos vários sistemas prisionais, eles fingiam não saber ou simplesmente não se importavam com isso.

Alguns cães estariam se formando em breve, Grizz pensou, e ele precisava que Carter mandasse uma mensagem ao Bill, para se certificar de que o guarda que lhe deu acesso ao celular de Ringer fosse compensado.

Bill iria lidar com isso eletronicamente. Grizz sorriu ao pensar em como essa mensagem não precisaria ser entregue anonimamente. Ele não tinha como saber que sua sugestão casual a Bill — William Petty — de procurar Carter para um emprego se transformaria em amor. Assim como Bill disse a Grizz naquela época, ele conseguiu ser liberado da prisão mais cedo.

É claro que o homem sabia que Bill tinha uma queda por animais e sugeriu que, talvez, pudesse trabalhar com Carter no lado real e legítimo de suas organizações de resgate. Aparentemente, o amor mútuo pelos animais se transformou em um verdadeiro romance. Eles se casaram rapidamente e *agora* moravam na casa de Grizz em Shady Ranches.

No entanto, ele tinha um pedido: Grizz não queria que Kit soubesse que Bill o conhecia da prisão. Isso parecia uma parte do passado do rapaz que ele estava muito disposto a não compartilhar, e os três concordaram em mantê-lo entre si.

Enquanto o casamento de Bill e Carter florescia, o rapaz continuou a se envolver em certas partes da organização de animais, porém Grizz sabia que ele havia encontrado um emprego legítimo em seu campo de especialização — computadores.

Não envolvia, é claro, programação ou invasão aos *softwares* dos computadores. O rapaz manteve-se firme à ideia de resguardar suas habilidades de *hacker* para si mesmo. Dessa vez, Bill prosperou nas vendas de *hardware* de computador e, pelo o que já

ouvira a respeito, ele poderia vender alho para um vampiro, pois suas comissões de vendas eram impressionantes. Ninguém nunca suspeitou que ele era um gênio enlouquecido, quando se tratava de se infiltrar em sistemas de computador.

Pensar em Bill e Carter na casa que ele compartilhou com Kit fez sua mente vagar ainda mais, lembrando-se de tempos mais felizes. Grizz pensou sobre aquela casa, que deixou de ser quatro paredes e um teto para se tornar um lar. O único e verdadeiro lar que ele já conheceu.

Claro, qualquer lugar com Kit seria um verdadeiro lar. Ele se lembrou de como havia cumprido sua promessa para ela, quando a casa ainda estava sendo construída, de que fariam amor em todos os cômodos da casa.

A memória era tão real que ele podia cheirar seu cabelo e sentir seu hálito quente e doce em seu pescoço. Grizz deixou a memória engoli-lo inteiro quando sua mão alcançou dentro de sua calça e urgentemente puxou seu pênis para fora.

Grizz permitiu-se devanear para um momento em que eles tinham acabado de fazer amor e estavam deitados lado a lado, Kit aninhada em seus braços, debatendo se tinham acabado de fazer um bebê ou não.

— Eu sinto que estou grávida — disse ela, e a expectativa em sua voz era comovente.

Ele riu e a puxou para mais perto para beijar o topo de sua cabeça.

— Kitten, eu mal tirei meu pau de você. Como você poderia se sentir grávida?

A garota se apoiou no cotovelo para olhar para ele.

— Por que cada frase do seu vocabulário tem que ser tão grosseira?

Ele ergueu uma sobrancelha, desafiador, e deu a ela um olhar sério.

— Você está certa, querida. Já me pediu para tomar cuidado com o que falo. Que tal assim? Kitten, eu mal retirei meu pênis ereto de dentro de você. Como pode sentir como se eu já a tivesse engravidado?

Antes que ela pudesse comentar, Grizz acrescentou, sarcástico:

— Ou você prefere “membro latejante”, ou quem sabe “vara do amor” em vez de pênis?

Ela começou a rir, um som acalorado e honesto.

— Entendi. — Kit respirou fundo, contendo-se. — Por alguma razão, o grosseiro parece mais natural, vindo de você.

— E só para mostrar que não quero ser grosseiro quando nosso primeiro filho nascer, vamos nomeá-lo Richard e chamá-lo de *Dick*<sup>[7]</sup>. Dessa forma, você nunca vai associar essa palavra ao meu membro latejante.

— Você é um bundão idiota, Grizz. Não vou dar o nome de Dick ao nosso primeiro filho, especialmente quando sua intenção é maliciosa. Nunca vou chamar nosso filho desse nome sem pensar em seu pênis. — Ela olhou na direção do céu. — O que, provavelmente, era sua intenção o tempo todo, certo? Para eu estar sempre pensando na sua “vara do amor”?

Ele se lembrou de ter pensado no quanto amava sua inocência e no modo como ela respondia em seus braços com a paixão de uma mulher, rivalizando com os próprios desejos de

Grizz, mas o modo como o provocava com o uso de termos como “bundão idiota” a tornavam ainda mais querida por ele.

Grizz só conheceu mulheres frias antes de se apaixonar por Kit. Mulheres que gostavam de tentar chocá-lo com sua linguagem suja e ousadia no quarto, que as deixavam dispostas a tentar de tudo. Ele achou que gostava disso, mas estava errado.

Kit pegou um travesseiro que tinha sido jogado de lado e o arremessou na cabeça dele, mas o homem a bloqueou e agarrou seu pulso, puxando-a para cima de seu corpo. Grizz gentilmente agarrou a nuca dela com a mão livre e puxou seu rosto ao dele.

O beijo começou lento e se tornou mais quente quando ela sentiu a dureza embaixo de seu quadril. Kit se afastou e olhou para ele, surpresa.

— Novamente!? Já!?

— Sim, de novo, Kit. Você quer fazer aquele bebê, não é? —  
Ele brincou.

Grizz aproveitou a pausa no beijo como uma oportunidade para sentar-se ereto, puxando-a com ele. Com as costas contra a cabeceira da cama, ele a baixou ternamente sobre sua ereção.

*Agora*, em sua cama naquela cela, ele fechou os olhos, deixando a memória do calor apertado de sua feminilidade envolvê-lo. Ele se lembrou de respirar profundamente para sentir o aroma do suor dela, que flutuava entre eles. A mistura inebriante que era exclusiva de Kit sempre o fazia ficar duro, fosse naqueles dias passados, quando ele realmente a experimentou, ou *agora*, apenas se lembrando disso.

Ela começou a deslizar lentamente para cima e para baixo, sobre ele, o ritmo acelerando, tal que Grizz moveu a mão por seu

ventre, descendo onde a pudesse massagear suavemente com o polegar, sabendo o ritmo exato dos pequenos círculos que a levariam ao orgasmo. Ele percebeu que não demoraria a gozar também, mas não queria isso. Ainda não. Ele queria saboreá-la um pouco mais.

— Pare, Kit. Calma, baby. — A garota parou e fitou-o em desejo.

Tomando seu rosto em suas mãos, ele trouxe sua boca até a dela.

— Eu quero beijar você por alguns minutos. Não posso fazer isso se você estiver pulando para cima e para baixo.

Ele se lembrou de beijá-la logo depois, lentamente descendo pelo pescoço dela, parando para pedir que Kit se aproximasse mais a fim de que ele pudesse levar um de seus seios, lindos e cheios, em sua boca. Ele lamentou a perda da tensão quente do meio de suas pernas quando ela se ergueu de cima dele, mas rapidamente se deleitou com o gosto e a sensação de seu mamilo, quando esse entumeceu sob sua língua. Ele se lembrava de tudo.

Uma batida forte na porta da cela o tirou de sua memória. Ele mal teve tempo de enfiar o pau de volta nas calças quando a porta se abriu. O guarda ficou parado com um sorriso de comedor de merda no rosto. Obviamente ele espiou pela fechadura e sabia o que havia interrompido.

O olhar mordaz que Grizz lhe lançou fez com que os lábios do oficial se retraíssem como se nunca tivessem sorrido, e seu desconforto tornou-se óbvio pela expressão de seus olhos.

— *Errr...* alguém está aqui para vê-lo. Talvez ela possa ajudá-lo a terminar o que começou? — Ele engoliu em seco e puxou o

colarinho. De repente, parecia apertado em torno de seu pescoço.

O guarda deu um passo para o lado e uma mulher, que Grizz não conhecia, entrou na cela como se fosse a dona do lugar.

— Relaxa, Grizz. Eu disse a ele para ter certeza de que não estávamos interrompendo *nada*.

Ela olhou para a área saltada nas calças do homem e ergueu uma sobrancelha. Inclinando o quadril para o lado e enganchando os dedos — dona das unhas mais bem cuidadas daquele lugar — sobre o grande volume, ela disse em uma voz que Grizz reconheceu imediatamente:

— Parece que cheguei na hora certa, querido.



# Capítulo 21

## Mimi, 2000 - Fort Lauderdale

### *Dois dias após a execução do Grizz*

Os dedos de Mimi agarraram firme as costas de Elliott, conforme aceleravam pelas ruas do Sul da Florida.

A moto vibrava entre suas coxas enquanto ela apoiava o queixo no ombro do rapaz, o vento tão forte contra seu rosto bloqueava o perfume que ela passou a associar a ele. Ela amava o cheiro de Elliott e suas emoções eram tão conflitantes com o que tinha acontecido, dois dias atrás, que ela queria mais do que seu queixo apoiado no ombro dele. Mimi queria sentir seus braços ao redor dela, pois assim descansaria o rosto em seu peito. Ela queria se sentir segura. queria se sentir amada.

Queria se sentir especial.

— Eu prometi a Edith que tomaríamos o café da manhã um pouco mais tarde, com ela. Espero que esteja tudo bem para você — disse ele em voz alta enquanto pararam em um sinal vermelho.

Mimi fez um sinal de positivo com o polegar e vinte minutos depois estavam sentados em frente à avó de Elliott, na pequena mesa de sua cozinha aconchegante. Elliott apresentou Mimi à sua avó não muito depois do primeiro encontro deles, no Marcella's, no início daquele ano. Ela ainda não tinha apresentado Elliott aos pais. Ainda não sentia que estava pronta.

— Minhas amigas virão me buscar em breve — a avó dele disse. — Vamos ver “*Death of a Salesman*<sup>[8]</sup>” no teatro comunitário.

Tenho certeza de que ainda faltam muitos ingressos. Vocês dois gostariam de vir?

Elliott sorriu para sua avó.

— Sei que está preocupada em nos deixar sozinhos em casa...

— Jovens casais não casados nunca ficavam sem acompanhante, em minha época — comentou com sua voz grave, sagaz. Elliott disse a Mimi que sua avó era fumante, até ter um pulmão removido cinco anos atrás. Sua voz sempre soou como se ela precisasse limpar a garganta, desde então.

— Não ficaremos aqui muito depois de você sair. Vamos limpar a cozinha, como um agradecimento pelo café da manhã. — Elliott olhou para Mimi, que deu um aceno rápido com o rosto. — Depois vou levar Mimi para um longo e agradável passeio de moto. Talvez na praia.

Edith olhou para o neto com uma expressão que Mimi não conseguiu ler. Ela deu um tapinha na bochecha dele de forma um tanto rude enquanto se levantava para terminar de se arrumar. Ela precisaria escovar os dentes e renovar o batom antes que suas amigas chegassem.

— Só não faça *nada* que me faça ter vergonha de você, Elliott — sua voz quase tinha um som de súplica, e Mimi podia ver a preocupação em seu rosto enrugado.

O neto se levantou e gentilmente a tocou pelo cotovelo.

— Esses dias acabaram, vovó. Eu endireitei minha vida e você sabe. Provei isso para a senhora.

— Acho que está certo. Agradeço ao bom Deus todos os dias por você interromper suas travessuras antes de ter qualquer

problema com a lei. Você é abençoado, garoto. Eu espero que saiba disso. Você não tem *nenhuma* ficha criminal e o Senhor achou por bem dar a você um novo começo. Use-o com sabedoria.

— Eu estou usando, vovó. Estou tentando provar a você, a Deus e à minha nova namorada... — ele fez uma pausa e piscou para Mimi por sobre o ombro —, que posso fazer algo com minha vida.

Ele gentilmente guiou a senhora para fora da cozinha. Mimi conseguia ouvi-lo dar garantias gentis à sua avó de que ele não voltaria aos seus velhos hábitos.

Mimi sorriu para si mesma e começou a limpar os pratos do café da manhã. Ela se lembrou de seu primeiro encontro com Elliott e como ele havia mostrado a ela a linda tatuagem de cruz, na parte inferior de seu antebraço. Ela se lembrou de como tocou o braço dele com as duas mãos naquele dia e o virou lentamente, notando algumas das tatuagens do outro lado. Ela enrijeceu quando viu um coração com o nome Edith no centro.

Mimi balançou a cabeça, dispensando a memória, enquanto enchia a máquina de lavar louça com os pratos. Ela teve um ataque instantâneo de ciúme depois de ver aquele nome e soube que corou quando Elliott explicou rapidamente:

— Edith é minha avó.

Com quase absoluta certeza, a garota se lembrava de vê-lo corar.

Ela tinha acabado de fechar a máquina de lavar louça quando sentiu braços em volta dela e um beijo suave na lateral de seu pescoço.

— Você deveria ter esperado por mim — sussurrou ele em seu ouvido.

Mimi virou o rosto de lado para que a boca dele estivesse, *agora*, contra sua bochecha.

— Você pode limpar a mesa — respondeu, sua voz saindo como um mero sussurro.

Eles saltaram para longe quando ouviram uma buzina vindo da frente da casa e Elliott caminhou pelo corredor para encontrar sua avó. Após um rápido abraço de despedida e a insistência para que Mimi voltasse para vê-la, Edith deixou seu neto acompanhá-la até o carro de suas velhas amigas, que a esperavam.

De volta à casa, Elliott pegou Mimi pela mão e a levou para o sofá. Ele se sentou e a puxou para seu colo.

— Você quer falar sobre isso? — perguntou gentilmente.

Ela arriscou um olhar rápido para o rosto dele, e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Está feito. Acabou. Só vi meu pai por alguns minutos antes de você me pegar. Ainda não vi minha mãe, então não sei como ela está reagindo...

— Como seu pai reagiu?

— Quando cheguei em casa esta manhã, encontrei-o sozinho na sala. Apenas olhando para a parede. Quando tentei chamar sua atenção, ele mal me ouviu. — Ela ficou quieta e olhou para o queixo de Elliott. — Tive de mentir, de novo. Disse a ele que Lindsay e eu fomos convidadas para passar o dia na casa da Courtney. Posso ficar até tarde, esta noite, então podemos fazer o que quisermos.

Ela engoliu em seco e, com toda a coragem somada em seu peito, fitou-o nos olhos. O que Mimi viu a assustou e excitou na

mesma medida.

Elliott ficou apenas observando-a por um segundo, sem responder.

— Eu sei o que quero fazer, Mimi — disse finalmente, sem se desviar do olhar dela. — *Oh*, Deus, eu sou um cara.... Preciso mesmo explicar o que quero fazer? O que eu sempre quis fazer? Mas eu não vou. Não vou cruzar esse limite, ainda não.

— Mas eu...

— Não. Você ouviu a minha avó, ouviu-a falar sobre fazer as escolhas certas, e ela tem razão, você sabe. É um milagre eu não ter sido preso por todas as merdas que fiz. Tive sorte de meus amigos terem sido pegos, mas eu não, e sorte que eles não me denunciaram. Eu sei que é uma maneira horrível de pensar, mas é verdade. Eles têm ficha criminal agora, não eu. Eu não posso estragar isso.

— Como ficar comigo vai estragar tudo? — Por mais que perguntasse isso, Mimi estava secretamente aliviada. Ela não tinha certeza de como se sentia sobre o despertar físico que seu corpo estava experimentando. Ela foi criada na igreja e sabia que sexo antes do casamento era errado.

— Você sabe como. Nossas idades. Quando fiz dezoito anos, você se tornou oficialmente proibida para mim. — Ele suspirou e em um movimento rápido a tirou de seu colo, colocando-a ao lado dele no sofá. Ele arrumou o volume em suas calças. — Eu não deveria ter puxado você para o meu colo daquele jeito.

— O que você está esperando? Bênção dos meus pais? Porque há uma boa chance de isso não acontecer...

— Isso definitivamente nunca vai acontecer se eu não os conhecer. — Sua voz ficou firme ao replicar. — Como posso pedir a bênção deles se eles nem sabem sobre mim?

Ela começou a dizer algo, mas Elliott ergueu a mão para detê-la.

— Você me disse que estava passando por uma merda pesada e que precisava de tempo, eu entendo isso. Cara, toda aquela merda que você me contou sobre seu pai verdadeiro e a repórter se aproximando de você e tudo mais. Sim, entendi, Mimi. Eu realmente a quero e até entendo por que você teve uma fase ferrada com seus pais todos esses anos. Eles deveriam ter contado tudo a você. — O rapaz notou o queixo dela começar a tremer e estendeu a mão para firmá-lo.

Inclinando o rosto dela ao dele, Elliott continuou:

— Sinto muito, Mimi. Talvez este não seja o momento certo para falar sobre um encontro com seus pais. Eu realmente me importo com você. Quero ser capaz de encontrar seu pai pela primeira vez, apertar sua mão e olhar nos olhos dele, sabendo que não fiz *nada* para desrespeitá-lo. Já me sinto mal o suficiente me esgueirando pelas costas deles, e estou até mentindo para Edith. Ela me perguntou mais de uma vez se seus pais me aprovaram. — Ele desviou o olhar, balançando a cabeça. Então algo lhe ocorreu. — Você está chorando por tudo isso... ou por que ele morreu? Você ficou com lágrimas nos olhos quando me disse que ele estava morto.

— *Oh*, Elliott, eu não sei o que há de errado. — Mimi passou os dedos sob os olhos, enxugando os filetes salgados. — Talvez eu me sintam mal sobre isso de alguma forma. Quer dizer, o cara está

morto. Ou talvez me sinta culpada por ajudar Leslie sem meus pais saberem. Não sei a razão dessas lágrimas. — Ela fungou entre o dar de ombros. — Mas já passamos tão pouco tempo juntos e não quero gastá-lo chorando no sofá da sua avó.

Mimi sorriu para ele e se endireitou um pouco.

— Podemos dar aquele longo passeio de moto, agora? — Elliott pegou a mão dela e beijou-a suavemente.

— É claro. E estou limitando meus beijos à sua mão porque se eu começar a beijar você do jeito que quero, nunca vou parar. Provavelmente não é uma boa ideia ficarmos aqui sozinhos, você sabe. Sem acompanhante...

Os dois riram alto do uso do termo antiquado de Edith.

Mais tarde naquela noite, Elliott se deitou em sua cama e ouviu "*You've Got Another Thing Comin*", de Judas Priest, berrando em seus fones de ouvido. Ele pensou em seu dia com Mimi e como, quando eles não estavam na motocicleta, ela se abriu mais a respeito de seu pai biológico e algumas das novidades mais recentes que aprendeu sobre ele com Leslie.

A jornalista estava contando a Mimi algumas das histórias que ela arrancava da mãe de Mimi. Aparentemente, Leslie não disse *nada* à garota desde o acidente dela, algumas semanas atrás, mas Elliott não sabia sobre isso. Aquele era o primeiro dia que ele passou com Mimi em quase um mês.

O rapaz balançou a cabeça enquanto algumas dessas histórias sórdidas afundavam em sua mente. Ele definitivamente tinha ouvido o nome de Grizz antes e tentou não deixar Mimi ver o reconhecimento em seu rosto quando ela começou a confiar nele.

Seu verdadeiro pai era um bastardo filho da puta. Que bom que ele estava morto!

Uma combinação de seus pensamentos sombrios e a música alta estava começando a deixá-lo impaciente. Ele queria gritar, berrar, cravar o punho na parede, mandar tudo ao inferno. Ele queria fazer qualquer coisa, exceto deitar-se em sua cama e não fazer *nada*.

Elliott pegou o celular em sua mesa de cabeceira e rapidamente enviou uma mensagem, sorrindo com a resposta que veio quase imediatamente.

Ele, então, enviou outra. Dessa vez para Mimi.

***Elliott:*** *Você falou com eles? Posso conhecê-los esta semana?*

A resposta de Mimi foi quase imediata.

***Mimi:*** *Não. Minha mãe se mudou hoje.*

— Merda! — gritou em voz alta enquanto jogava o telefone do outro lado da sala.

Ele se sentou rapidamente e calçou as botas, saiu do quarto e pegou o capacete da cadeira perto da porta da frente.

Elliott não se preocuparia com sua moto acordando Edith. Ela dormia como a porra de um defunto.



# Capítulo 22

## Ginny, 2000, Fort Lauderdale

### *Após a execução de Grizz*

A primeira vez que levei Mimi ao campo de tiro não foi perfeita, mas havia sido um começo. Estremeci quando soube o quanto Leslie compartilhou com Mimi; coisas que eu compartilhei com a repórter apenas como uma forma de ajudar a fornecer uma base verdadeira a minha experiência real. Elas nunca estariam no artigo e certamente não deveriam ser contadas à minha filha de quinze anos. Eu fui tão estúpida!

Concluí, a partir de minhas conversas com Mimi, que Leslie havia parado de falar com ela na época em que Grizz espancou-a na prisão. Isso me disse que o seu marido estava certo. Mimi não sabia que Grizz também era o pai de Tommy. Teriam muito tempo para preparar o terreno até contar.

Ainda assim, tirar algo de bom daquele dia juntas, foi muito bem-vindo. Mimi começou a se esforçar para ficar comigo. Não foi fácil, porque eu ainda tinha que administrar meu tempo igualmente entre cuidar de nossa casa, igreja, trabalho e voluntariado. Tommy e as crianças eram minha primeira prioridade, e eu não queria que a nova atenção que estava recebendo de Mimi tirasse um pouco da atenção que dava aos meus dois “melhores rapazes”, então disse a Tommy, depois daquela primeira semana, que estava avisando meus clientes de que eles precisavam encontrar outra pessoa para fazer a contabilidade deles. Pode ter parecido que eu estava me precipitando, é claro, mas estava tão animada por ter Mimi de volta

em minha vida, em um nível mais profundo, que faria qualquer coisa para mantê-la junto a mim.

Tommy estava parado na frente da nossa cômoda ajustando a gravata. Ele não conseguia acertar, naquele dia, pouco importava quantas vezes tentasse. Notei que ele estava agindo de maneira diferente desde o dia em que levei Mimi ao campo de tiro, o mesmo no qual ele encontrou Jo para almoçar. Achei que sua reação era apenas uma mistura de preocupação com a grande revelação que faríamos para Mimi, ou talvez ele só estivesse triste com a mudança de Sarah Jo.

Muita coisa aconteceu nos últimos meses.

A execução de Grizz, nossa separação e reconciliação, o anúncio de sua amiga de infância se mudando para fora do país... Eu estava até preocupada que talvez ele ainda estivesse chateado com a minha explosão na cozinha, na manhã em que ele me disse que Mimi sabia que Grizz era seu pai biológico.

Talvez tivesse sido demais.

Eu andei atrás dele na ponta dos pés, para espiar por cima de seus ombros. Eu podia ver seu reflexo no espelho sobre nossa cômoda. Tommy estava carrancudo quando desfez e refez o nó da gravata pela terceira vez. Algo estava definitivamente incomodando-o em sua mente, porque Tommy poderia colocar uma gravata com os olhos fechados.

Com um toque suave contra seu rosto, o movi ao meu, fitando-o conforme lentamente desfazia sua terceira bagunça engravatada.

— O que está incomodando você? — perguntei conforme o enrolar delicado da gravata. — Você não tem sido o mesmo desde

aquele dia em que conversei com Mimi. Acho que não é por causa dela, porque percebi uma mudança positiva no modo como ela tem agido com a gente. Eu sei que só se passou uma semana, mas... ela parece diferente, de alguma forma. Você não acha? — Olhei para cima a fim de encontrar seus olhos e rapidamente os forcei de volta a sua gravata. Eu podia sentir seus olhos em mim enquanto seguia com as voltas.

— As coisas com ela têm sido melhores do que eu pensava. Ela ainda tem alguma atitude... é bem cabeça dura, mas...

— Ela é uma adolescente.

Ele sorriu e acenou com a cabeça.

— Ela é uma adolescente. Que é o que eu diria se você me deixasse terminar minha frase.

Puxei a gravata com força e, satisfeita com meu trabalho, sentei-me em nossa cama e olhei para ele.

— Acho que esta semana com ela foi fabulosa, pois esclareceremos um segredo que ela guardou por quase três anos. Ela parece quase aliviada, Tommy. Como se estivesse prendendo a respiração o tempo todo e, agora, finalmente a soltou.

— Conheço esse sentimento. É como eu me senti com a execução de Grizz.

Eu queria desviar o olhar dele, mas não me permiti. Tive que morder a parte interna da minha bochecha para não zombar em voz alta, ao pensar na execução que nunca aconteceu.

— Você ainda não parece bem... — pontuou. — É por causa do que ainda precisamos dizer a ela?

— Isso também, Gin. Mas há outras coisas... Como Leslie usando nossa filha e depois contando a ela algumas das fases mais

sérias que você compartilhou com ela na entrevista. — Ele balançou sua cabeça de um lado para o outro. — Ainda não sei por que você concordou em dar a Leslie aquela entrevista idiota. Deveria saber que Mimi poderia acabar lendo. Que todos poderiam ler!

Uma raiva intensa e imediata explodiu. Eu pulei da cama e fiquei a centímetros de seu rosto. Meus punhos estavam cerrados com força ao meu lado, cravando as unhas nas palmas. Ele deu um passo para trás. Eu não tinha certeza se minha raiva era porque o que ele estava dizendo era verdade ou porque eu estava furiosa comigo mesma por ser tão ingênua. Eu queria tanto agradar a Mimi que, quando ela me disse que tinha escutado Tommy e eu discutindo sobre isso, abaixei as muralhas cuidadosamente construídas por anos e permiti que Leslie entrasse naquele lugar sagrado, porque senti que seria uma forma de me conectar com minha filha.

Eu mal sabia que Mimi não tinha escutado minha conversa com Tommy. Ela foi instigada a me persuadir por Leslie.

— Você sabe o porquê eu fiz isso! E você também sabe que entrei nisso sem nunca querer contar a Leslie algumas das coisas que acabei contando! Concordamos com o anonimato e que certas coisas seriam deixadas de fora. — Fiz uma pausa para que ele digerisse tudo, preparando-me para o grande final. — Como o incidente do billy-club.

Senti uma pequena pontada de culpa ao ver Tommy se encolher.

— Não sei por que disse a ela mais do que deveria — acrescentei em um tom mais calmo, sentindo minha raiva diminuindo lentamente. Eu olhei para Tommy em um sinal de

desculpas. — Acho que foi... meio terapêutico. Falar sobre tudo isso.

Tommy concordou com a cabeça levemente, uma indicação de que meu pedido de desculpas silencioso foi aceito e que ele entendeu o porquê eu concordei em dar a entrevista a Leslie.

Havíamos tido uma conversa depois do meu primeiro dia no campo de tiro com Mimi. Eu disse a ele, naquela noite, sobre minha raiva por Leslie e como eu planejava ter uma discussão séria com ela. Possivelmente, eu poderia até mesmo registrar uma queixa na Associação de Imprensa Estadual sobre suas táticas antiéticas.

Tommy me convenceu a deixar para lá, dizendo que Leslie estava fora de nossas vidas *agora* e, embora usar nossa filha tivesse sido errado, não precisávamos desenterrar mais problemas. Já era o bastante.

— Sinto muito por tocar no assunto, Gin — desculpou-se, *agora*. — Fui eu quem te disse para esquecer isso e depois trouxe o assunto à tona. Acho que estou apenas sentindo... droga, não sei o que estou sentindo! Eu sei que você está passando muito tempo com Mimi, também sei que ela está pedindo detalhes, e eu acho que você não está se contendo muito.

Ele me lançou um olhar questionador. Dei de ombros.

— Ela está lidando com isso muito bem. Eu disse a você que não diria a ela sobre *aquele assunto* até que pudéssemos fazer isso juntos. Ainda não é a hora, mas prometo que não farei isso sem você — assegurei. Eu acreditava em cada palavra.

— Não é isso. — Tommy pegou minha mão e nos sentou na beirada da cama. — Você vai pensar que estou sendo ridículo, Gin. E *estou* sendo ridículo. É só que... sempre fui o pai dela. Acho que

tenho medo de que, quando ela ouvir o quanto você amava Grizz, olhe para mim de forma diferente. Eu não sei. — Ele passou a mão pelo cabelo, perturbado com a hipótese. — Não consigo explicar. Tenho medo de que ela não olhe para mim como antes. Eu era seu herói até alguns anos atrás, caramba! Eu era o único homem que traria a lua para sua mãe. — Ele engoliu em seco conforme respirava fundo. — Me pergunto se ela me vê de forma diferente, agora que sabe que nem sempre fui o único homem na vida de sua mãe. Que houve alguém antes de mim. E então vamos adicionar à mistura que ela e eu temos o mesmo pai? Não sei se consigo fazer isso, Gin. Eu simplesmente não sei.

Pude ver, entre o tom honesto de suas palavras, a dor e a devastação emocional que se abatia nele, que desenhava a expressão de seu rosto. Tommy estava em guerra com seus sentimentos, e aqui estava eu tão animada para ter uma conexão com Mimi quando a única conexão de Tommy poderia ser quebrada assim que contássemos a verdade. Se eu acreditava que ela aguentaria saber que Tommy era seu meio-irmão? Talvez eu tivesse que repensar seriamente isso.

Engoli em seco e me virei para ele, apanhando suas duas mãos nas minhas.

— Tommy, talvez não tenhamos que contar a ela. Ouvindo você falar assim me faz pensar que isso fará mais mal do que bem. Podemos concordar em esperar? Temos nosso cruzeiro de Ação de Graças chegando e depois o Natal. Vamos conhecer nossa filha de novo, ok? Você passou algum tempo sozinho com ela e agora eu também estou passando. Que tal começarmos a ter algum tempo juntos, nós dois, com a Mimi? Isso faria você se sentir melhor?

— Não sei, Ginny. Não sei se quero ver a expressão em seu rosto quando ela perguntar algo sobre Grizz e você contar tudo com a franqueza que combinamos que deveria ter. Eu não acho que posso suportar vê-la enquanto Mimi está de luto pelo pai que nunca conhecerá. Eu não acho que posso lidar com isso.

Isso me surpreendeu mais do que qualquer coisa e recostei-me a fim de olhar para ele.

— O que é? — Ele me lançou um olhar engraçado. — Por que você está olhando assim para mim?

— Você já sabe que respondi às perguntas dela a semana toda, certo? — Ele anuiu com a cabeça, então continuei: — Eu estava pensando que seria uma boa ideia nós três conversarmos sobre Grizz. Preciso de sua ajuda com algo.

Ele ergueu uma sobrancelha inquisitiva.

— No que você precisa da minha ajuda?

Suspirei e respondi a Tommy, honestamente:

— Preciso que você me ajude a convencer Mimi a não odiar o homem que ela apenas se refere como o doador de esperma do mal.

# Capítulo 23

## Tommy, 2000 - Fort Lauderdale

### *Após a execução de Grizz*

— E aí, como foi a noite passada? — Tommy perguntou a Alec conforme entrava no escritório do amigo, fechando a porta atrás de si e sentando-se na cadeira de frente à mesa dele.

Alec se recostou, sua cadeira dando um pequeno rangido. A amiga de faculdade de Ginny, Casey, estava na cidade por um tempo, e Ginny achou que os dois deveriam se encontrar. Os quatro se encontraram para jantar na noite anterior. Depois, Alec levou Casey para beber e dançar, enquanto Tommy levava Ginny para casa.

— E então? — Tommy sorriu. — Você tem que me dizer algo, cara. Tenho certeza de que Ginny está interrogando Casey, e ela vai querer saber se você me contou alguma coisa. Se eu for para casa e falar para minha esposa que você não disse *nada*, terei que ouvir que eu deveria ter perguntado. Então, estou perguntando. Vocês se divertiram?

Alec sorriu sem jeito, coçando a nuca em desconforto.

— Sim, me diverti, Tom. Casey é linda e inteligente, e eu realmente gostei de sua companhia.

— “Gostei muito da companhia dela”, hein? Isso soa péssimo.

O sorriso de Alec desapareceu.

— Só não acho que estou pronto, cara. Achei que estava, caso contrário, não teria concordado em ir. E estou lisonjeado que



Ginny tentou me arranjar alguém tão linda e bem sucedida. Eu realmente agradeço. Sei que Casey namorou jogadores da NBA e pilotos da NASCAR e até mesmo alguns CEOs de tecnologia. Honestamente, Tom, acho que ela está tentando só... se acalmar. Encontrar alguém tranquilo para ser seu porto seguro, mas eu simplesmente não posso ser isso agora. A separação ainda é muito recente...

O que Alec não acrescentou e, de fato, não poderia acrescentar, foi a maneira com que o encontro havia terminado.

Ele acompanhou Casey até a porta e se abaixou para lhe dar um beijo na bochecha. Ela sorriu para agradecê-lo por uma noite adorável, mas as palavras ficaram presas em sua garganta e seu rosto ficou sério.

— Então, como você pretende lidar com isso? — A mulher perguntou enquanto estavam em frente à sua porta.

A lua cheia lançava um brilho suave sobre seus rostos e eles podiam ouvir o murmúrio suave de um casal de idosos, que davam um passeio noturno com seu cachorro na calçada, em frente à casa alugada de Casey.

— Lidar com o quê?

A resposta dela o pegou desprevenido.

— Com o fato de que você já está apaixonado ou está se apaixonando por Ginny.

As palavras de Casey o chocaram. Ela o convidou para um café e educadamente explicou como ele, provavelmente, não tinha percebido isso, mas que havia passado a maior parte do encontro falando sobre a sorte do amigo e quão boa mãe Ginny era, além de

sempre ressaltar que Tommy estava mais do que ciente de que tinha ganhado na loteria com ela.

Alec engoliu em seco *agora*, procurando as palavras certas para dizer ao amigo, que encarava-o pedindo por mais informações.

Casey estava certa. Alec estava lentamente se apaixonando por Ginny.

E percebeu, com um sobressalto, que isso acontecera muito antes de Paulina deixá-lo. Foram todos aqueles momentos que passaram juntos com as crianças. Houve até alguns momentos em que Paulina e Tommy não conseguiram comparecer a algum evento familiar, e ele estava sozinho com Gin e as crianças. Isso nunca beirou o inapropriado, mas seus sentimentos estiveram lá o tempo todo e ele não podia negá-los.

Se lembrou, então, do recente almoço com Ginny e como ele foi para casa naquela noite e se masturbou no chuveiro enquanto fantasiava com ela. O pensamento de despi-la lentamente e o que encontraria sob a roupa sexy que ela estava usando naquele dia quase o desarmou completamente.

Mas ele também sabia que não se permitiria fazer qualquer coisa a respeito. Alec respeitava Tommy, e não faria a um amigo o que foi feito a ele. Parecia uma situação diferente, ainda que não fosse totalmente.

Na noite anterior, após conversar com Casey, ele decidiu que a primeira coisa que faria na manhã seguinte seria se certificar de que não havia qualquer problema.

Tommy acenou com a cabeça em compreensão.

— Pelo menos você é honesto sobre não estar pronto. Obrigado. Casey não é só uma foda fácil. Pelo que Gin me contou,

ela entrou nesses relacionamentos procurando mais do que um passatempo, mas nenhum funcionou para ela. Você poderia tê-la enganado e feito pensar que poderia haver algo mais. Estou feliz que não o fez. Ela está esperando ouvir de você novamente?

— Acho que não. A gente não teve química, sabe? Tenho certeza de que estamos na mesma página aqui e nos entendemos.

— Bom, e os meninos? Estão animados com o cruzeiro? — perguntou Tommy enquanto se levantava. Ele sabia que Ginny ficaria desapontada ao saber que Alec e Casey não tinham acendido nenhuma faísca de romance.

— Sim, *hmm*, fique. Preciso falar com você a respeito. Sente-se. — Ele gesticulou em direção ao assento que Tommy acabou de desocupar.

— Parece sério. O que foi?

— As crianças e eu vamos... dispensar o cruzeiro. Agradeço que você e Ginny tenham nos convidado para participar do feriado de Ação de Graças, mas acho que precisamos deixar o convite para outra ocasião. Eu... eu preciso de um tempo longe, Tom. Estou pensando em viajar com os meninos por alguns meses, ir para a velha cabana dos meus avós em Kentucky. É nas montanhas, longe de tudo e de todos. Sem telefones, sem recepção de celular, sem TV a cabo ou via satélite. Vai ser bom para as crianças e para mim.

— Paulina?

— Está perguntando se eu estou saindo por causa de Paulina, ou você está perguntando se ela sabe? — Antes que Tommy pudesse responder, Alec seguiu: — Não vou embora por causa dela e ela ainda não sabe, mas posso garantir que, se soubesse, não se importaria. Já conversei com os professores dos

meninos e consegui antecipar algumas tarefas. Eles não serão prejudicados e podem continuar de onde pararam quando voltarmos. Tenho passado por muita coisa, e acho que ter um tempo com uma linda mulher ontem à noite e não sentir *nada* está me dizendo algo. Eu preciso alinhar os pensamentos e colocar minha vida em ordem, cara. Fazer um plano para mim e meus meninos. Honestamente, Tom, não tenho certeza se meu futuro está no sul da Flórida.

Tommy não esperava isso, definitivamente, mas entendeu. Ele foi sincero quando sugeriu a Ginny, não muito tempo atrás, que vendessem tudo e recomeçassem em outro lugar.

— Você me protegeu quando eu estava passando por tanta merda. Eu certamente posso lidar com as coisas aqui, para você.

— Não haverá muito com que lidar. Eu tenho a maioria dos meus clientes já certos para finalização, tampouco tenho feito novos projetos, então só terá que lidar com os seus. *Ah*, claro, você terá Phil e Brody.

Phil e Brody eram arquitetos juniores e facilmente pegariam qualquer vaga casual, se necessário. Tommy não disse *nada* e Alec não tinha certeza do que ele estava pensando, até que um súbito pensamento lhe surgiu e ele rapidamente acrescentou:

— A menos que você precise de mim no escritório. Eu não perguntei como estão as coisas entre você e Ginny. Imaginei o cruzeiro em família como uma coisa boa. Estou certo?

Tommy coçou o queixo e soltou um suspiro audível. Ele deixou as duas mãos pousarem com um baque no braço da cadeira.

— Sim, o cruzeiro é uma coisa boa. As coisas estão bem com Ginny. Melhor do que há algum tempo. Eu não sei... ainda me sinto

um lixo sobre algumas coisas.

A ameaça de Sarah Jo pesou muito sobre seus ombros e, quando Ginny percebeu que algo o estava incomodando, ele fez a pior coisa que poderia ter feito: mencionou a entrevista dela com Leslie.

É claro que somente o fez para desviar a conversa do que realmente o estava incomodando. Sarah Jo. Isso surpreendeu Alec. Mesmo quando Tommy e Ginny estavam separados, ele nunca viu seu amigo agir de outra forma que não otimista, positivo e sempre profissional. Então, novamente, ele estava passando por seu próprio pesadelo com Paulina e tudo passou despercebido.

— Se quiser conversar, cara, fique à vontade. Eu não vou julgar. Vou apenas ouvir.

Tommy lançou um olhar desconfiado para o homem. Alec tinha sido um bom colega de trabalho e um bom amigo. Tommy odiava admitir, mas pediu a Axel que fizesse uma extensa verificação de antecedentes de Alec antes de aceitá-lo na empresa, eventualmente promovendo-o a sócio pleno.

Com o tempo, descobriu que eles tinham um relacionamento fácil, confortável e misturavam negócios o suficiente com prazer para ter uma amizade amigável, na qual poderia haver confiança.

Mas nunca tinham ido tão longe, a tal ponto que Tommy se sentisse disposto a compartilhar sobre sua história com Ginny. Ele confiava em Alec com seus negócios. Ele também poderia confiar algumas revelações pessoais? Seria bom tirar algumas coisas de dentro do peito. Não todas, é claro. Ele nunca contaria a Alec sobre Grizz ou o Motel. Mas ele poderia compartilhar, sem dar detalhes, o fardo que carregava sobre Sarah Jo.

— Sim, cara. Um ouvinte até que faria bem. Talvez até precise de alguns conselhos.

Alec olhou para o relógio e apertou o interfone do telefone. Quando sua assistente respondeu, disse a ela:

— Por favor, remarque a minha uma hora com o Sr. Sanders.

— Ele ergueu os olhos e acenou com a cabeça para Tommy.

O amigo respirou fundo.

— Você já conheceu ou ouviu a mim ou a Ginny falar sobre Sarah Jo antes?

— Sim, sim, conheço ela. O marido é cirurgião, não é? Eu a vi algumas vezes em suas reuniões. Acho que nunca disse *nada* a ela além de “por favor, passe a salada de batata”. — Ele riu. — É uma das amigas de Ginny, certo?

Tommy engoliu em seco e puxou o colarinho. A sala estava ficando quente ou ele estava apenas ficando irritado com a menção do nome dela?

Ele não entrou em *nenhum* dos detalhes sórdidos, deixando propositalmente o aborto e o estupro de Ginny fora da história, mas disse a Alec que descobrira, recentemente, que Sarah Jo não era exatamente a amiga que eles sempre pensaram que ela fosse. Tommy nunca mencionou as ameaças ou o que Sarah Jo era capaz de fazer, fingindo que só precisava de conselhos sobre o quanto alguém deveria compartilhar com seu cônjuge quando isso só iria machucá-lo.

— Você disse que toda aquela merda aconteceu anos atrás, quando você era mais jovem. Acha que ela superou isso, ou ela ainda faz merda? — Alec perguntou, sério.

— Não acho que ela tenha feito *nada* de ruim nos últimos anos, mas não tenho como saber com certeza. — Tommy deixou escapar um suspiro exausto. — Eu simplesmente não acho que aguento estar na mesma sala que ela sabendo do que aquela mulher é capaz.

Alec encolheu os ombros.

— Se não fosse uma questão de vida ou morte, eu diria que ela superou tudo, mas a decisão de continuar ou não amiga dessa tal de Sarah deve ser deixada para sua esposa. Eu contaria isso a ela.

Tommy não tinha intenção alguma de contar a Ginny sobre o caráter sujo e traiçoeiro de Sarah Jo. Ele só precisava conversar, e derramar algumas de suas frustrações sobre os ombros de Alec o ajudou, ainda assim tinha certeza de que o amigo ficaria chocado ao ouvir a verdade brutal do que Sarah Jo era capaz — e as ameaças de um ao outro.

Ele agradeceu a Alec e rapidamente mudou de assunto para a cliente mais recente, que ameaçou demiti-los e levar seu negócio para uma empresa rival.

Alec se recostou na cadeira e colocou as mãos atrás da nuca, encarando o teto sem nada falar por um minuto inteiro. Aquela cliente, em particular, estava-os enrolando há meses, e o amigo achava que eles deveriam cortar suas despesas e dizer adeus. Ela tinha sido um espinho incômodo desde o começo, mas sabiam que poderiam suportar o golpe financeiro de uma quebra de contrato.

No entanto, o pensamento da mulher tentando chantageá-los para mais trabalho, sem nenhum custo de sua parte, apenas para

suprir as necessidades de sua personalidade esnobe, não caiu bem para Alec.

— Chame tudo o que ela diz de blefe, Tom. Tudo que vem dela é a porra de um blefe.

\*\*\*

Tommy aumentou o volume do rádio de seu carro enquanto aguardava no trânsito da rodovia I-95. “*If I’d Been The One*”, da 38 Special, o lembrou de um sul da Flórida menor e mais simples.

Ele estava ficando cansado do trajeto, dos carros, da multidão e todos os lugares que antes abrigavam palmeiras substituídos por concreto. Tommy falava sério quando disse a Ginny, alguns meses atrás, que eles deveriam vender tudo e começar do zero em outro lugar. Talvez ela ainda considerasse isso.

Mimi estaria trazendo um rapaz para casa, naquela noite. Um rapaz que estava vendo secretamente pelas costas deles por *meses* antes da execução de Grizz.

Ele não podia culpar a filha pelo segredo e estava grato por ela ter confidenciado sobre o rapaz a Gin. Tommy quase explodiu quando Ginny disse que o garoto, Elliott, tinha completado dezoito nesse ano. Mas, quando Ginny explicou que ele queria conhecê-los e foi Mimi quem evitou isso, se acalmou um pouco.

— Temos que dar uma chance a ele, Tommy. Ele está tentando fazer o certo por ela. Consegue imaginar o quão nervoso ele deve estar?

Então eles se encontrariam com Elliott pela primeira vez naquela noite, e Ginny disse a ele que Mimi não sabia com quem



ela estava mais preocupada: seu pai intimidando Elliott, ou Jason - de dez anos - a envergonhando até a morte. Tommy sabia que não faria *nada* para deixar sua filha ou Elliott desconfortáveis, mas com certeza não estava em posição de garantir o que Jason poderia fazer. Ela provavelmente estava certa. O irmão envergonharia Mimi.

Da parte de Tommy, ele se comportaria. Seria educado, mas firme. Se - e era um grande se - aprovasse esse jovem, haveria regras rígidas até que sua filha fizesse dezoito anos. Ele decepcionou Ginny e Grizz uma vez por não estar por dentro das atividades de Mimi. Isso não voltaria a acontecer.

\*\*\*

Tommy estava se preparando para o trabalho na manhã seguinte enquanto se permitia pensar na noite anterior. O jantar transcorreu sem incidentes. Ou seja, se ao menos pudesse esquecer as perguntas estranhamente cronometradas de Jason, sobre Mimi e Elliott terem se beijado ou não, Tommy diria que foi um sucesso absoluto.

Ele tinha que admitir que não apreciava as tatuagens e não gostava de sua moto, mas tinha que dar crédito ao garoto por não tentar esconder isso. Elliott foi franco sobre nem sempre se comportar da melhor maneira possível. Ele falou sobre sua avó, Edith, e sobre a escola e o trabalho, coisas que podiam facilmente ser verificadas.

Eles fariam isso assim que Tommy tivesse alguns minutos para falar com Axel, e não iriam se sentir culpados ou se desculpar por pedirem por uma verificação de antecedentes de Elliott.

Tommy se pegou esperando, realmente, que o garoto estivesse sendo sincero. Ele não queria descobrir que o menino tinha sido desonesto sobre *nada*. Tommy achou que Elliott parecia ter mais de 18 anos, mas sabia que Axel poderia esclarecer isso.

Ele tinha acabado de pentear o cabelo e borrifar um pouco de colônia quando decidiu que não se permitiria pensar sobre como lidaria com a situação caso alguma coisa viesse à tona e ele tivesse sido negligente a respeito. Foi problemático o suficiente para ele e Ginny lidar com Mimi se apaixonando por um garoto três anos mais velho do que ela.

Devidamente pronto, ele desceu as escadas e pôde ouvir as brincadeiras alegres de sua família na mesa do café da manhã, o cheiro de café recente e de alguma coisa cozinhando fez seu estômago roncar.

Ele entrou na cozinha e foi direto para a cafeteira, dando um beijo na bochecha de Ginny enquanto ela ficava em frente ao fogão e virava as panquecas na frigideira. Tommy arriscou uma olhada rápida ao rosto de Mimi. Ela estava sorrindo por algo que Jason havia dito a ela e o homem parou, por um segundo, antes de perceber a realidade do que estava vendo. Fazia algum tempo que não via essa expressão no rosto de Mimi. Ela estava feliz. Ela estava brincando com seu irmão.

Tommy enviou uma oração silenciosa em seus pensamentos: Deus, por favor, que esse menino seja quem disse ser.

— Talvez a mamãe tenha outro cor-de-rosa que você pode usar — Mimi brincou com o irmão. — Quem sabe você possa até levá-lo no cruzeiro conosco na próxima semana.

— Não! — Jason gritou em protesto à irmã. — Rosa é para meninas! Mãe, você tem um azul, não tem?

Tommy estava de costas para a mesa enquanto servia-se do café. Ele começou a se virar, mas parou quando ouviu a resposta de Ginny.

— Tenho certeza de que tenho uma escova de dente a mais que não seja rosa, Jason. Dr. McDonough sempre nos dá brindes quando fazemos nossas limpezas no consultório.

Tommy levou sua caneca para a mesa e sentou-se, perguntando casualmente:

— O que é todo esse alvoroço sobre escovas de dente rosa e azul?

Mimi olhou para o pai.

— Jason deixou cair a escova de dente no banheiro ontem à noite — explicou em um tom provocador ao irmão. — Novamente. — Os olhos firmaram-se nele. — A última vez que ele fez isso, mamãe teve que dar a única escova extra que ela tinha, e era rosa. Ele ficou tão bravo com ela que jogou fora depois de usar.

— Eu não joguei fora! — Jason defendeu-se enfaticamente. — Eu não joguei, mãe, eu juro! Ela já não estava no banheiro quando cheguei em casa da escola. — Ele pegou seu suco de laranja e lançou um olhar furioso para sua irmã, choramingando: — Não sei por que você fica lembrando de coisas de mais de um ano.

Ginny colocou panquecas no prato no meio da mesa e lançou um olhar divertido para o filho.

— Não sei para onde foi — a mãe disse a Jason. — Porém, me lembro de ter comprado uma nova para você naquele mesmo dia, e nunca encontrei a escova rosa que te dei. — Ela sorriu para

Tommy e seu sorriso desapareceu ao notar sua expressão fria. — Querido? Você está bem? Parece que você viu um fantasma.

Ele se conteve com um pigarrear e sorriu ao dizer:

— O café estava com um gosto engraçado, só isso. Sinto como se tivesse alguma azia chegando. Preciso comer.

— Como pode ver, há panquecas de sobra — disse ela com um floreio na direção da comida. — Mimi, você vai perder seu ônibus e não tenho tempo para levá-la. Jason, continue comendo ou perderá o seu também. Você ainda precisa escovar os dentes.

— Mas, mãe... — Jason começou a choramingar.

— Tenho uma escova de dentes extra e tenho quase certeza de que é azul. Agora, coma!

Tommy não tinha certeza de como perguntar sem que parecesse muito estranho, assim apenas deixou escapar a primeira coisa que veio à mente.

— Então eu acho que mamãe precisa guardar as escovas rosas para Mimi, certo? Como o Jason falou, rosa é para meninas. — Ele olhou para o prato enquanto cortava as panquecas.

— Isso é o que eu também acho, pai, mas Mimi sempre dá o primeiro passo ao escolher as cores quando vamos ao dentista e compramos escovas de dente novas.

Mimi já havia se levantado e empurrado sua cadeira para trás com um movimento do quadril.

— Rosa? É sério, pai? Eu não tenho *nada* dessa cor desde os dez anos. — Ela se virou para a mãe. — Gostei de usar as cadeiras da sala de jantar. Elas são mais macias de sentar.

A garota caminhou até o banco pela porta dos fundos e apanhou sua mochila, mas não sem antes se dirigir ao irmão mais

novo, provocando-o:

— E para que você se importa, Jason? Sempre escolho verde porque sei que você gosta de azul. Não posso acreditar que realmente estamos tendo essa conversa! — Ela revirou os olhos e saiu da cozinha, mas não antes de Ginny perceber traços em seus lábios do que parecia ser um sorriso. Sua Mimi estava de volta.

# Capítulo 24

## Grizz, 1990 - Em alguma prisão do norte da Flórida

— Você vai apenas me encarar ou vai se levantar e pelo menos me dar um abraço? — Naquele momento, Grizz se sentou em sua cama e apenas olhou para a morena extremamente magra à sua frente. — Quase não a reconheci, Chicky. Você... não se parece com você.

Ele se levantou e, após um longo abraço apertado, deu um passo para trás e a segurou com o braço estendido, dando-lhe uma boa olhada.

— Você mudou seu visual desde o julgamento.

Com um meio sorriso estampado no rosto, ela o olhou de cima a baixo.

— Assim como você.

Grizz imediatamente passou a mão sobre a cabeça raspada e agarrou a barba.

— Eu ia sugerir que me deixasse aparar esse ninho de rato que você deixa pendurado no queixo, mas acho que provavelmente você não vai brincar com uma tesoura aqui.

Chicky fez uma pausa e esquadrinhou o arredor da cela. Havia o banheiro e a pia, padrões já esperados, porém, logo acima da torneira jazia um espelho e ela notou lâminas de barbear em uma pequena prateleira. Depois, o olhar caiu sobre aquela cama, que certamente não era uma comodidade prisional, de solteiro e com o colchão grosso. Uma cadeira estofada estava no canto com uma luz

de leitura atrás dela. Uma pequena prateleira continha um micro-ondas. Um micro-ondas!? E ela não tinha como ter certeza, mas poderia jurar que todo o lugar cheirava a sangue.

— Parece que você tem tudo o que precisa aqui. Por que isso não me surpreende? — Ela balançou a cabeça enquanto sorria e olhava para baixo. Ela estava de pé sobre um tapete trançado. — Mas vale ressaltar que não tem o jogo de xadrez chique que Kit comprou para você há tantos anos. Acho que ela ainda guarda ele.

— Está em um escritório que eu uso.

— *Ah*, é claro que está. — Ela riu.

Grizz não se conteve e os lábios repuxaram-se em um largo sorriso.

— Eu tenha um jogo acontecendo com um dos guardas. Quando ganho, recebo ainda mais privilégios. Se ele ganha, eu garanto que receba algo por isso.

— Parece que você tem ganhado muito — pontuou Chicky, dando outra olhada rápida ao redor da cela. — Mas, desde quando você tem que ganhar um jogo de xadrez para conseguir o que deseja?

— Não tenho. Mas os jogos mantêm as coisas interessantes.

Ele indicou a única cadeira e sentou-se na ponta da cama para encará-la. A cela era pequena e seus joelhos quase se tocavam.

— Diga-me: o que tem feito? Como a vida tem tratado você desde o julgamento?

Assim, Chicky contou a ele em minuciosos detalhes sobre os últimos anos. Como ela tentou dar uma chance a Fess, mas não deu certo, e então se viu indo um pouco ao norte e se

estabelecendo em uma pequena cidade na Carolina do Sul. Ela conheceu um homem mais velho que era dono de seu próprio bar.

— Meus dias de *topless* acabaram, mas eu aprendi apenas o suficiente para fazer um bar bem sucedido. — Ela fez uma pausa e apontou para o peito, rindo. — Sem os peitos. Enfim, Ed é um velhote, mas é *meu* velhote e eu o amo. Acabamos de nos casar. Eu tenho que dar crédito a ele, você sabe, casar comigo sem realmente saber quanto tempo me resta

A compreensão do que ela estava dizendo a ele lentamente despertou em Grizz, tal que Chicky respondeu sua pergunta silenciosa.

— Câncer. Ainda é cedo e os médicos me disseram que posso lutar contra isso com tratamento, mas não devo ficar muito esperançosa. Perdi todo o meu cabelo e decidi que daria uma chance à vida como uma morena. O que você acha? — Ela apontou para seu cabelo castanho, que Grizz de repente percebeu ser uma peruca.

Certamente, aquele homem não era do tipo emocional, mas algo sobre ver Chicky não se parecer com ela mesma causou um nó em sua garganta. Isso, junto a ouvir que Kit dera à luz um filho que deveria ter sido seu, foi o suficiente para sacudir suas estruturas mais firmes.

Grizz se levantou rapidamente e deu as costas para ela, respirando fundo. Sua voz saiu rouca quando finalmente respondeu sua pergunta:

— Linda. Você sempre foi linda, Chicky.

— Eu gostaria que toda aquela emoção que posso ouvir em sua voz fosse para mim, mas sei que não é. — Sua voz estava



baixa.

Grizz se virou para ela *num* súbito e a mulher se levantou, apanhando as duas mãos dele.

— Ouvi a respeito — disse em um murmúrio caloroso. — Eu ainda mantenho contato com algumas pessoas, sabe? Ouvi ontem que ela estava em trabalho de parto e desci no primeiro voo para vir te ver. Lamento não ter feito isso antes, mas meu instinto me disse que poderia precisar de uma amiga.

Ele não sabia o que dizer, então simplesmente nada disse.

Com as mãos dela ainda segurando as suas com força, Grizz se sentou na cama e fechou os olhos. Chicky sentou-se ao seu lado e esperou até que ele fizesse contato visual.

— Eu nunca vi um homem que ama uma mulher do jeito que você a ama. Nunca. Por que você simplesmente não aceitou a prisão perpétua sem liberdade condicional, Grizz? Ela teria aceitado isso, você sabe. Ela teria trazido aquela menina aqui para ver o pai e não me diga que, com toda a sua influência, você não poderia ter tido tantas visitas conjugais quanto quisesse. Ela ainda poderia ter sido sua.

Grizz nunca poderia contar a Chicky o verdadeiro motivo pelo qual ele não aceitava perpétua sem liberdade condicional. Ele contava com a pena de morte como moeda de troca. Porém, isso não estava funcionando.

— Este não é o tipo de vida que eu quero para ela ou para minha filha — disse rispidamente, desvencilhando-se das mãos dela antes de se levantar e ir até a pia. Girando a torneira, jogou um pouco de água fria sobre o rosto.

— Eu sei o que você estava fazendo antes de eu entrar aqui — ela disse com o erguer de uma sobrancelha. — Sei que você tem uma rede de prostituição e pode ter acesso a quantas mulheres quiser. Provavelmente, é por isso que o guarda me deixou entrar, mas ainda não sei o motivo de você ter feito isso. — Ele a olhou de soslaio, o maxilar rígido. — Ainda está apaixonado por ela, Grizz. Você ainda é *leal* a ela.

Ele ignorou seu último comentário e pegou uma toalha, porém Chicky prosseguiu:

— Sei que pressionou a corte pela pena de morte apenas porque é orgulhoso demais para apodrecer em uma cela de prisão, pelo resto da vida. Você sempre foi um idiota egoísta!

Grizz estava enxugando o rosto quando parou e se virou para olhá-la.

— Sim, acho que sou — respondeu com um meio-sorriso.

Ela não sabia se o homem estava respondendo à acusação de que ainda era apaixonado e leal a Kit ou reconhecia que era um idiota. De qualquer forma, o comentário de Chicky cortou a tensão e os dois riram ao perceber que ela nunca teria falado com ele daquele jeito nos últimos anos. Mas estava tudo bem *agora*, e ela estava certa — sobre tudo isso.

Chicky era sua amiga e ele precisava dela.

— Aposto que ela é uma ótima mãe — supôs Grizz calmamente.

— *Oh*, querido, tenho certeza que ela é a melhor mãe. Se você pode tirar uma coisa da sua lista de preocupações, se é que ainda tem uma lista, tenho certeza de que pode ser qualquer dúvida sobre o amor e devoção de Kit como mãe.

Grizz acenou com a cabeça e sorriu. Nenhum dos dois disse o que estava pensando de verdade: que Grunt seria um excelente pai, também. Ele havia fugido o mais longe que pôde daquela vida, garantindo sua educação desde jovem.

Se Grizz tinha feito algo certo em sua vida foi resgatar seu filho da miséria em que vivia com a irmã de Candy, Karen. Se não estivesse tão fodido da cabeça por Kit e Grunt terem um filho juntos, ele poderia até se orgulhar dele.

Sentindo que a conversa poderia ir a algum lugar que nenhum dos dois queria, Chicky respirou fundo e acrescentou:

— Você se lembra de como ela estava doente na primeira vez que engravidou? Coitada, não conseguia segurar nem água no estômago e não deixava você levá-la ao médico para conseguir medicação. Só isso já me disse o quanto ela era dedicada. — A mulher sorriu calorosamente para ele.

Ele devolveu o sorriso.

— Sim, ela estava tão doente com aquele bebê. Mas você está certa, Kit nem ia ao médico. Disse que não iria colocar drogas em seu corpo porque poderia machucar o filho.

— Ela nem mesmo usava as ervas que Grunt lhe deu — relembrou Chicky. — E eram todas naturais. Ela só precisava adicioná-los ao chá e deveriam ajudar.

— Não me lembro de Grunt ter dado a ela ervas.

— Ela provavelmente nunca contou a você sobre isso, porque ela nunca as tomou. Grunt me disse que as comprou de Sarah Jo, sua colega de quarto da faculdade tinha feito uma pequena mistura que deveria ajudar Kit a manter um pouco de comida no estômago. De qualquer forma, não importava. Eu peguei

Kit jogando-as fora e ela me implorou para não contar a Grunt. Ela não queria ferir os sentimentos dele.

— É... isso soa como a Kit. — As memórias da Kit pela qual ele estivera tão apaixonado, pela qual ainda estava, aqueceram seu coração, tal que Grizz percebeu que estava grato por Chicky ter ido vê-lo. Talvez ela pudesse visitá-lo no futuro.

O nó reapareceu em sua garganta. Ou talvez não...

— Chicky, você está recebendo o tipo certo de ajuda médica? — perguntou preocupado. — Você tem tudo o que precisa?

— Temos um bom seguro, Grizz. Não consigo pensar em *nada* que eles não paguem. Disseram-me sobre algumas drogas experimentais que estão sendo usadas em testes, mas são de fora do país. Isso definitivamente seria algo que não está em nosso orçamento. Mas estou bem. Estou confiante de que estou recebendo o melhor atendimento.

— Se você tivesse o dinheiro, iria atrás dos testes?

— É claro. Disseram-me que vou morrer de câncer, que a quimioterapia e a radiação só podem me ajudar por algum tempo. É inevitável. Então, sim, eu arriscaria com esses testes. Qual a pior coisa que eles poderiam me causar? Minha morte? — Ela riu e acenou com a mão no ar, no típico estilo Chicky. — Todos nós iremos morrer algum dia. — Os lábios dela estremeceram com as palavras. — Sinto muito, Grizz. Não foi isso que eu quis dizer...

— Está tudo bem, Chicky. Sei que não disse por mal, mas antes de ir embora, anote todas as suas informações bancárias para mim. Ok?

Ela inclinou a cabeça ligeiramente e sorriu, dando a Grizz um aceno de cabeça. Ele, então, fez outro pedido que a surpreendeu.

— Se tiver algum tempo livre e não estiver se sentindo muito mal, acha que pode continuar vindo me ver? Você sabe, só para conversar?

Antes que Chicky pudesse responder, ele acrescentou rapidamente:

— Vou pagar todas as suas despesas de viagem, é claro.

— *Awwwn*, Grizz, querido. Eu ficaria feliz em voltar e ver você. Agora, pode fazer algo por mim?

Ele assentiu no mesmo instante.

— Ótimo. Pois me conte: por que a sua cela cheira a sangue?

# Capítulo 25

## Tommy, 2000 - Fort Lauderdale

### *Após a execução de Grizz*

Tommy estava sentado no escritório da oficina mecânica de Axel e observava, através da grande janela de vidro, enquanto os mecânicos trabalhavam em carros e motos de última geração.

Axel tinha um negócio próspero, legítimo e, ao que parecia, extremamente bem-sucedido. Tommy ligou ao amigo para pedir um favor, um dia depois que Mimi trouxe Elliott para jantar em casa.

Nesse momento, a porta se abriu atrás dele e Axel entrou. Tommy se levantou e foi apertar sua mão, mas Axel o puxou para um abraço.

— Grunt... *errr*, Tommy! — O homem corrigiu-se rapidamente.

— Cara, você está fantástico. Como você e Gin estão?

— Por enquanto, tudo bem, Axel. O de sempre. Trabalho, crianças. Vida em geral.

Axel assentiu enquanto os dois se sentavam.

— Eu estava me perguntando como as coisas têm sido desde, você sabe, esse verão...

Tommy sabia que o amigo estava se referindo à execução de Grizz.

— Está tudo bem, Axel. Foi uma resolução, afinal. Estou feliz que acabou. — Tommy respondeu honestamente. Claro, não contaria ao parceiro sobre os problemas que ele e Ginny tiveram após a execução, sem mencionar o drama em curso com Sarah Jo.

Axel não sabia o que dizer, então manteve os lábios selados. Ele conhecia Grizz desde que eram crianças e, apesar da crueldade do homem, Axel realmente sentia falta de seu amigo.

— *Ah!* Antes que eu esqueça! — exclamou Axel, quebrando o encanto silencioso. — Consegui... um negócio rápido e lucrativo de carros e motos. — Ele enfiou a mão na gaveta de sua mesa, tirou um cheque e entregou a Tommy. — Eu o fiz para Ginny. Você pode dar a ela este cheque?

— Isso foi rápido. — Tommy embolsou o cheque. — Obrigado por lidar com tudo, cara. Eu não teria a menor ideia de quanto valiam aqueles carros e motos, mas aposto que você ganhou muito dinheiro pela *Harley 75*.

— Eu não vendi a 75 — declarou Axel enquanto pegava outro envelope e começava a puxar seu conteúdo.

— Então ainda está aí? Você não vendeu a moto favorita de Grizz?

— Não sei o que quer dizer com isso, Tom. Ginny me disse para vender as motos e os carros da garagem. Meus rapazes compraram um *Trans Am*, um *Corvette* e duas *Harleys*, uma 81 e uma 85. — Axel entregou-lhe o conteúdo do envelope. — E aqui está aquela outra coisa. Eu não tive muito tempo, porque você queria isso de volta tão rápido...

— Sim — interrompeu-o. — Partimos para o nosso cruzeiro amanhã e eu teria enlouquecido me perguntando se há algo que eu preciso saber sobre esse garoto. Te agradeço mesmo por ter feito isso. Eu sei que não é mais sua praia.

Axel ergueu uma sobrancelha.

— O Ax Man ainda tem as conexões certas. — Tommy sorriu. Só então alguém do lado de fora da loja capturou a atenção dos olhos dele. Axel percebeu e seguiu a direção do olhar do amigo.

— Parece a cara do pai, não é? — comentou Axel.

— Droga, sim! Se eu não olhasse melhor, pensaria que estava olhando para Anthony Bear em pessoa. Esse não é o Slade, é?

— Não, Slade puxou à mãe, mas Christian se parece exatamente com Anthony naquela idade, exceto pelos olhos — seguiu o amigo. — Ele também é cruel. Eu saberia, afinal, conheci Anthony quando criança. — Axel encolheu os ombros. — Dei um emprego a Christian. Ele vira mexe entra em alguma confusão. Seus pais até o deixaram por uma temporada no reformatório, na esperança de endireitar sua bunda magra, mas não ajudou. Anthony tentou colocá-lo em uma de suas equipes de paisagismo, mas o garoto não tem interesse em gramados, então o pai me pediu um favor e eu disse que faria o que pudesse. Tenho que dar crédito ao garoto. Ele sabe como lidar com um motor e isso o mantém ocupado. Com sorte, isso o manterá fora de problemas. Parece estar funcionando.

Tommy não via a família de Anthony e Christy há anos. Ele nunca se sentia confortável com eles, porque Anthony era amigo de Grizz. Mas Ginny formou uma amizade com Christy e não abriria mão disso apenas porque o homem havia sido preso. Tommy sabia que as mulheres haviam se reunido com os filhos muitas vezes nos últimos anos.

Desde que Anthony e Christy se mudaram para perto da costa oeste da Flórida, Ginny e Christy frequentemente se



encontravam para almoçar, e ele sabia que Christy era convidada para uma noite de garotas ocasionalmente, mas Tommy tinha certeza de que as crianças não cruzavam seus caminhos já havia um bom tempo.

Era uma coisa boa. Ele não conseguia imaginar Mimi trazendo para casa um Christian Bear. Já fazia certo tempo, mas Tommy se lembrou de Ginny falando como Christy havia contado a ela que Christian costumava ter uma pequena queda por Mimi. Tommy descartou a lembrança com o agitar dos cílios e se lembrou do porquê estava ali para ver Axel.

— Então, esse garoto, Elliott. O que você descobriu?

— De acordo com o que você está segurando, todas as informações batem. — O informante girou em sua cadeira e pegou uma lata de refrigerante em sua mesa. Ele tomou um grande gole e observou enquanto Tommy lia o relatório.

— Quer dizer que ele realmente acabou de fazer dezoito anos no verão passado — disse Tommy mais para si mesmo do que para Axel. — Achei que ele parecia mais velho.

— Concordo. Mas ele é quem diz ser. Ele se formou no ensino médio em junho e mora com sua avó materna, Edith Wainright. Ele tem o nome de seu avô, Elliott Wainright, mas até onde eu posso dizer, sua avó é a única que o chama de Elliott. Ele é mais conhecido pelos amigos pelo nome do meio. O rapaz foi criado por uma mãe solteira, que se casou novamente com o pai da criança. Quando ela saiu para ficar com o marido, Elliott foi morar com sua avó para terminar a escola. A mãe é caixa de banco e o pai trabalha em uma fábrica de automóveis em Michigan.

— Por que ele se apresentaria a Mimi como Elliott se seus amigos o chamam de algo diferente?

— Aí já não sei. Você me disse que o garoto admitiu ter se metido em alguns problemas. Talvez ele queira apenas começar de novo, com Mimi. Não posso te dizer com certeza, mas se você está preocupado com pseudônimos e afiliações de gangues, não consegui encontrar *nenhum*. Como eu disse, posso cavar mais fundo, porém você não me deu muito tempo.

Tommy lia os papéis do relatório enquanto Axel falava:

— Não tive tempo de colocar no registro o tipo de detalhes que normalmente faria. Posso confirmar algumas das merdas que ele já te contou. Ele está tendo aulas na faculdade comunitária e trabalha na loja de ferragens. Eu o segui duas vezes. Uma vez, ele levou a avó à igreja e depois saiu para almoçar, na outra ele se encontrou com alguns amigos no estacionamento de um restaurante de *fast-food*. Parecia que eles estavam apenas saindo. Nenhuma droga que meu comparsa pudesse ver, mas todos estavam tomando uma cerveja. Eles não estavam loucamente bêbados e não estavam causando problemas. Más, só para ter certeza, meu cara conseguiu as placas dos carros. Eu investiguei cada uma e, aparentemente, Elliott ainda é amigo de sujeitos que se metiam em problemas, mas ele não foi embora com eles depois, nem nada do tipo. O rapaz apenas foi para casa. Isso é tudo que eu consegui. Posso investigar mais, se quiser.

— Em que tipo de problema os amigos estavam?

— Alguma merda *punk*. Vandalismo, pequenos furtos, multas de velocidade e direção perigosa.

— Eles têm a idade do garoto e estão se endireitando, como ele?

— Todos são mais jovens do que ele. Dois ainda estão no ensino médio, o outro também deveria estar, mas desistiu dos estudos. Nada registrado para *nenhum* deles desde janeiro, quase um ano atrás. Eu não sei. Talvez ele seja o líder deles, esteja dando um bom exemplo e eles estejam seguindo. Ainda acho que eles são *punks*, mas talvez possamos perguntar ao Christian. Ele anda pelas ruas e ouve todo tipo de merda. Vamos dizer os nomes a ele e ver se reconhece alguém.

Antes que Tommy pudesse impedir Axel de arrastar Christian para seus assuntos particulares, o homem se levantou e abriu a porta do escritório. Ele saltou para trás com um sobressalto, fazendo com que Tommy erguesse os olhos.

— Porra, Christian, você me assustou, caralho! Eu estava indo te chamar — praguejou Axel, irritado.

— E eu estava vindo te falar que a Sra. Cara-de-cu quer falar com você — explicou Christian.

Axel revirou os olhos e deu um passo para o lado, gesticulando para que Christian entrasse no escritório. Ele fechou a porta atrás de si.

— Você não pode se referir a uma de nossas clientes mais fiéis como Sra. Cara-de-cu. Na verdade, você não pode estar xingando *nenhum* dos nossos clientes, Christian. Você está tentando ser demitido?

O rapaz revirou os olhos.

— E eu disse para você manter o cabelo em um rabo de cavalo ou algo assim. Você deve saber como é perigoso ter seu

cabelo preso nos motores.

Tommy pigarreou e Axel se lembrou do motivo pelo qual queria falar com Christian.

— Ouça, Christian, eu sei que é uma cidade grande, mas também sei que, para alguém da sua idade, você já viveu por essas ruas — começou ele.

— Sim, e daí?

— Vou te falar quatro nomes. Só quero saber se você os conhece ou sabe alguma coisa sobre eles.

— Por quê?

— Não é da sua conta, porra.

Ele então começou a dizer os nomes, lentamente. Nome e sobrenome. Um cara até tinha um apelido que Axel fez questão de mencionar. Christian balançou a cabeça.

— Nunca ouvi falar de *nenhum* deles. Algo mais?

— Não, é só isso. Obrigado. E diga à Sra. Cara-de ... Sra. Marquart, que sairei em um minuto.

Christian olhou para Tommy então.

— Como está a Mimi? Não a vejo há muito tempo.

Tommy foi pego de surpresa. Ele não via Christian há anos e ficou um pouco surpreso que o menino se lembrou dele e o reconheceu.

— Mimi está indo muito bem — respondeu ainda intrigado. — Você conhece garotas. Ela arranhou um namorado sério e pensa que ele é “o escolhido”.

Christian acenou com a cabeça e, sem dizer *nada*, saiu do escritório, fechando a porta atrás de si.

Tommy olhou para Axel e encolheu os ombros.

— O que foi? Lembro-me de Gin me dizendo que ele tinha uma queda por Mimi quando eram crianças. Mas acha que estou dando a liberdade de ele aparecer lá em casa um dia desses? De jeito nenhum.

Axel começou a rir e se levantou.

— Foi bom ver você de novo, Tommy. Me avise se eu puder fazer mais alguma coisa por você.

Eles se despediram e Tommy seguiu Axel enquanto o amigo ia procurar a cliente chateada.

Um alívio acometeu o peito dele. Elliott foi sincero. Tommy levaria sua família em seu cruzeiro *amanhã* e não teria o fardo de não saber se o rapaz era quem dizia ser. Claro, *agora* Tommy teria que lidar com a ideia de Mimi namorando um garoto de dezoito anos, mas, pelo menos *agora* sabia com quem estava lidando: um garoto que quase se viu do lado errado da lei, mas voltou a si na hora certa.

Christian observou com o canto do olho quando o pai de Mimi saiu do escritório de Axel. Ele o notou entrar mais cedo e irritou propositalmente a Sra. Marquart, até que ela insistisse em falar com Axel. Ele queria uma desculpa para perguntar sobre Mimi.

Não falava com a garota há anos, infelizmente, mas ainda tinha sentimentos profundos e não resolvidos por ela. Ele não conseguia entender o porquê. Eles eram tão jovens na última vez que a viu, e esteve com muitas garotas desde então. Mas sempre havia um rosto que voltava para assombrá-lo. Mimi.

Christian nunca a procurou ou sugeriu à mãe que fizessem algo em família. Na verdade, ele estava tão perturbado por sua fascinação por ela que correu para o mais longe que pôde.

Então, no início desse ano, a viu de longe. Ela estava no shopping e estava sentada em um banco conversando com uma mulher. Ele parou em seu caminho e entrou em uma loja, observando-a da vitrine enquanto se lembrava de como costumavam brincar quando crianças, também de quando ficaram um pouco mais velhos — apenas o suficiente para saber que eram do sexo oposto — e aqueles encontros de brincar tinham se tornado um pouco estranhos entre a timidez.

Depois, foi sem qualquer aviso, que as reuniões familiares simplesmente pararam, mas ele nunca parou de pensar nela.

Ele estava se preparando para entrar no escritório de Axel e interromper o que quer que eles estivessem falando quando ouviu o nome de Mimi. A maior parte da conversa foi abafada, mas o rapaz tinha certeza de que os ouviu mencionar a garota. Ele parou para ver se conseguia ouvir mais, então ouviu seu próprio nome e colocou a mão na maçaneta para girá-la quando Axel abriu a porta.

Ele entrou e ouviu o chefe recitar os quatro nomes apenas para, depois, educadamente perguntar sobre Mimi. Christian notou a preocupação nos olhos do pai dela e fingiu indiferença ao sair.

Mas não estava sentindo qualquer traço de indiferença, *agora*. Ele estava puto. Ele estava com raiva.

E queria bater em algo ou alguém.

Christian, no entanto, não iria deixar seu temperamento levar vantagem sobre seu corpo. Ele teria que dançar conforme a música para descobrir o que diabos estava acontecendo, queria saber qual dos caras que Axel nomeou estava namorando Mimi.

E, mais especificamente, queria saber por que aquele pedaço de merda carente, Nick Rosman, estava se apresentando como

Elliott.

# Capítulo 26

## Ginny, 2000 - Fort Lauderdale

### *Após a execução de Grizz*

O cruzeiro de Ação de Graças não poderia ter sido mais perfeito. Jason ficou desapontado porque Alec e seus filhos desistiram de ir conosco, mas ele rapidamente fez amigos e aproveitou imensamente. Entre a atividade ininterrupta e toda a comida que nos deparávamos, meu filho, normalmente turbulento e cheio de energia, desabou em sua pequena cama todas as noites, caindo em um sono rápido e pesado. Na verdade, todos nós fizemos isso.

Os dias estavam cheios e, por mais que eu quisesse fazer amor com Tommy na privacidade de nossa cabine, ambos ficávamos exaustos com as atividades do dia e sucumbimos ao sono tão rapidamente quanto nossos filhos. Tudo bem, não tinha problema. *Temos o resto de nossas vidas para fazer amor*, disse a mim mesma.

— Eu realmente gostaria que Casey e Alec tivessem se conectado um com o outro — comentei a Tommy enquanto colocava meu maiô.

— Alec me disse que eles simplesmente não têm química, e talvez seja um pouco cedo para namorar. Acho que o que aconteceu com Paulina pode ter ferrado com a cabeça dele mais do que ele está disposto a admitir. — Tommy já havia vestido a sunga e estava passando protetor solar nos braços.



— Eu sei. Ela me disse a mesma coisa. — Peguei a loção da mão dele e mandei que se virasse. Coloquei um pouco do protetor sobre as mãos e o esparramei em suas costas.

— *Ahhh*, Ginny, como está gelada! Aqueça em suas mãos primeiro!

Uma batida na porta interrompeu nossas risadas e fui atender enquanto Tommy colocava uma camiseta sem mangas.

— Estamos prontos! Vocês estão prontos? — Jason perguntou com seu sorriso dentuço.

Mimi ficou atrás de seu irmão e sorriu.

*Agora*, eu estava deitada na praia isolada com Mimi, recostada nos cotovelos, vendo Jason e Tommy mergulharem. Pegamos um pequeno barco para a ilha e caminhamos uma boa distância até encontrar um local que poderíamos chamar de nosso.

— Não acredito que papai pensou que eu pararia de amá-lo quando descobrisse — disse Mimi.

Tommy e eu tivemos mais de uma conversa com ela desde aquele dia no meu quarto, quando ele me disse que estava preocupado com Mimi tendo sentimentos por Grizz. Eu disse a ele a verdade naquela manhã, quando afirmei que precisava dele para me ajudar a convencê-la a não odiar Grizz. Eu não tinha percebido o quão poderosa era a palavra ódio até que a vi nos olhos da minha própria filha, no momento em que falamos sobre o homem que lhe deu a vida.

Eu estava lutando contra o que pensei ser meu ódio por Grizz desde que soube que ele ainda estava vivo. Percebi, por meio de minhas discussões com Mimi, que não era ódio o que eu estava

sentindo. Era uma mistura de feridas abertas e confusão. Fiquei totalmente perplexa com sua rejeição a mim.

Mas eu também não podia negar o meu amor por ele. Eu estava total e completamente apaixonada por Grizz e percebi que era importante para mim que a criança que foi concebida desse amor soubesse disso. Ela precisava saber o quanto era desejada e amada por nós dois.

Não foi fácil convencê-la. Ela manteve sua antipatia por ele como um punho de ferro soldado a um poste de aço. O fato de que eu estava sendo sincera sobre ele e nosso passado não ajudou. Grizz tinha feito algumas coisas horríveis, mas me certifiquei de que ela soubesse como ele me tratava e como foi ideia dele que Tommy se casasse comigo para que eu não ficasse sozinha, também como fora Grizz a insistir que Tommy criasse a filha que ele não poderia, porque sabia que o homem me amava e amaria minha filha como se fosse sua.

— Acho que é importante, para mim, saber que você realmente ama o papai — admitiu Mimi enquanto apontava para o homem que estava mergulhando de *snorke*<sup>[9]</sup> nas águas cristalinas. — Não gosto da ideia de que ele estava preso a nós porque Grizz ordenou.

Demorou um pouco para ser convencida, mas finalmente consegui persuadi-la a parar de se referir a ele como o doador de esperma do mal, também a adverti sobre como não seria uma boa ideia usar o nome dele em público. Eu não tinha nenhuma preocupação específica, apenas sabia que o nome “Grizz” ainda podia ser reconhecido no sul da Flórida.

— Posso prometer a você que seu pai e eu estamos completa e totalmente apaixonados, Mimi. Eu disse a verdade quando falei que não estava totalmente de acordo em me casar com ele, a princípio. Eu estava entorpecida e ainda muito apaixonada por Grizz, mas me apaixonei por seu pai. Ainda estou apaixonada por ele.

— Conte-me outra boa história sobre Grizz. Diga-me algo que você nunca disse a ninguém.

— Seu pai conhece essa história... — comecei enquanto continuava a contar a ela sobre meus encontros ao luar com Grizz e, em particular, aquele no zoológico. Contei a ela sobre o gorila de pelúcia que joguei fora e os brincos de diamante que daria a ela.

— Ele parecia ser romântico — comentou fazendo uma careta. — Um assassino com um lado romântico. Parece que daria um ótimo livro.

Olhei para ela e pude ver que estava me provocando. Eu ri e balancei a cabeça. Já era um começo.

Achei que a conversa havia acabado quando Mimi disse algo que me surpreendeu:

— Eu sei que você não quer que eu o odeie, mãe. Ao menos, acho que não o odeio. Quer dizer, como posso odiar alguém que nunca conheci? Nunca vou saber. Quase gostaria de ter contado a você e ao papai que sabia de tudo, quando descobri. Eu tentei insinuar isso assim que você me sentou para conversar, quando eles encontraram os ossos daquela senhora. Você e papai me contaram um pouco sobre o seu passado, e eu disse que foi a coisa mais legal que já ouvi. Eu acho que era minha maneira de esperar que você me contasse mais.

Ela olhou para mim com olhos expectantes.

— Sinto muito que seu pai e eu não tenhamos entendido a dica. Simplesmente não parecia ser o momento certo, Mimi, — respondi honestamente.

A garota assentiu.

— Agora que estou falando com você sobre isso e não estou recebendo histórias horríveis de segunda mão de Leslie, isso me deixou mais curiosa. É errado da minha parte me arrepender de nunca ter conhecido ele?

Como eu poderia começar a responder a essa pergunta? Nós a mantivemos longe da verdade por causa de todas as coisas terríveis que Grizz tinha feito e, naquele momento, eu estava deitada na praia tentando convencer minha filha de que ela não deveria odiar o homem que era seu pai biológico, e ela estava me dizendo que gostaria de tê-lo conhecido.

Minha mente remava para longe em um rio de pensamentos. Precisei agitar o rosto para me concentrar e respondi a ela com a verdade:

— Não sei, Mimi. Sinceramente, não sei se conhecê-lo teria sido bom para qualquer um de vocês.

Mesmo usando óculos escuros, coloquei minha mão sobre a testa para avaliar sua reação. O sol estava forte e eu queria poder ver a expressão em seu rosto.

Ela se sentou um pouco e se apoiou em um cotovelo, de frente para mim. Uma brisa suave carregou seu perfume até minhas narinas. Eu podia sentir o cheiro de protetor solar de coco e algo com tons frutados. Sentei-me também, com as pernas cruzadas.

— Eu o procurei uma vez, sabe?

— Não, eu não sabia disso.

— Há tão pouco sobre ele, mãe. Nem havia *nada* no noticiário ou nos jornais quando ele morreu. Acho isso um pouco difícil de acreditar, não?

A pergunta me pegou desprevenida quando percebi que ela tinha razão. Não houve grandes anúncios sobre a execução de Grizz. Lembrei-me de que o amigo de Jason, Corbin, disse a ele que Tommy e eu fomos embora naquele fim de semana para ver um cara ser frito. Tommy e eu evitamos isso com Jason. Sabíamos que os restos mortais de Moe, encontrados em 1999, tinham recebido um pouco de imprensa e, aparentemente, alguns moradores intrometidos de longa data, incluindo os pais de Corbin, exercitaram seus quebra-cabeças mentais e juntaram algumas peças.

Recentemente, procurei a mãe de Corbin depois de seu comentário para Jason sobre a execução de Grizz, e educadamente pedi a ela para manter seus pensamentos para si mesma. Surpreendentemente, ela se desculpou. Eu me perguntei se ela se lembrava o suficiente sobre Grizz para assustá-la.

— Não. Não acho difícil de acreditar, Mimi. Pessoas morrem no corredor da morte o tempo todo. De quantas delas você já ouviu falar?

— Nenhuma, mas ele parecia ser um assunto importante. Alguém importante. Acho que pensei que poderia ter sido notado.

— Entendo por que você pensaria isso. — Com o indicador, fiz pequenos redemoinhos na areia. Ela tinha razão. — Talvez haja outro motivo. Ele era um homem poderoso, mesmo atrás das grades. Às vezes penso que ele pagou as pessoas certas, só isso.

Ele era muito rico, você sabe. Provavelmente, já deve saber que você é um tanto rica, agora.

— Já sei que sou dona da casa da tia Carter e do tio Bill. — Ela me disse timidamente. — Vi a escritura no seu cofre.

Suspirei conforme os ombros baixavam.

— Você possui mais do que a casa deles.

Por que eu acabei de dizer isso? Quão inteligente foi deixar uma garota de quinze anos saber o quão rica ela era? Eu estava me chutando mentalmente por trazer à tona a riqueza de Grizz, mas Mimi passou reto no assunto.

— Acho que é por isso que Leslie veio até mim, mãe. — Ela me encarou, as pernas bronzeadas enroladas embaixo do corpo

— Por que acha que Leslie veio até você?

— Pelo fato de não haver *nada* sobre ele em lugar *nenhum*. Ela não conseguia obter informações e eu sabia que ela estava certa, porque tentei e só encontrei um único artigo.

— O que você quer dizer?

Isso era curioso.

— Há pouquíssima informação sobre ele. Muito pouca. Uma vez, encontrei uma foto de caneca na *Internet*. Quando voltei para pesquisar novamente, ela havia sumido. Eu até tentei as velhas máquinas de microfichas das bibliotecas, e elas não só não tinham *nada* sobre ele, mas anos inteiros estavam faltando. Acho que eles não os acompanharam tão bem como deveriam.

— Você disse que encontrou um artigo. Onde você achou isso? — Ela detinha minha completa atenção.

— Quando minha classe foi para a Disney World em Orlando, tivemos que passar um dia fazendo algo educacional, então sugeri

que fôssemos à biblioteca do condado. Encontrei um artigo sobre ele em seu microfilme de 1985. Era apenas um artigo e tinha uma foto dele. Eu contei a Leslie sobre isso e ela pediu que eles copiassem e enviassem para ela.

— O que você leu?

*Eu realmente quero saber?*

— Só que ele foi preso por sequestro, mas enfrentaria outras acusações. Seu nome não foi mencionado nem nada, mãe. Deve ter sido quando ele foi preso pela primeira vez. Havia até uma foto dele que não se parecia em *nada* com a foto da polícia. Ele parecia meio hippie...

Eu sorri e olhei para baixo. Se havia uma coisa que Grizz não era, era um hippie. Ela provavelmente tinha visto uma foto anterior dele com seu cabelo comprido.

Olhei para cima e comecei a dizer algo quando notei uma única lágrima escorrendo pelo seu rosto. Seu lábio inferior estava tremendo.

— Mimi?

— Eu sinto muito, mãe. — Ela estendeu a mão para mim e a puxei para mais perto enquanto ela se aproximava. — Sinto muito por enganar vocês dois para aquela entrevista com Leslie.

Eu afaguei suas costas e tentei tranquilizá-la.

— Está tudo bem, Mimi. Está realmente tudo bem.

— Não, não está! Não finja que o que eu fiz não foi errado! — Ela se afastou de mim e enxugou os olhos, soluçando.

— Tudo o que você tem me contado nas últimas semanas é sobre o quanto ele te amava e o quanto ele tentou protegê-la. Eu estraguei tudo. Eu sei que o artigo de Leslie nunca foi impresso,

mas você, ele e papai estavam dispostos a arriscar serem expostos por minha causa. É verdade, mãe. Usei o amor dele por você para fazê-lo pensar que eu era você no telefone e o culpei por dar a Leslie aquela entrevista.

— *Oh, Mimi...*

— E fiz você pensar que eu queria me unir a você por ter confessado seu passado ao conversar com Leslie. Eu sabia a verdade sobre algumas coisas. Eu li esse artigo em Orlando. Eu olhei para a foto dele daquela vez. Além disso, com base no que você e papai me disseram quando o esqueleto daquela senhora foi encontrado, no ano passado, sabia que você tinha um passado do qual se envergonhava e queria machucá-la por não me dizer quem era meu verdadeiro pai. Por guardar segredos...

Ela começou a soluçar pesadamente e eu comecei a balançá-la para frente e para trás, tentando acalmá-la.

— Mimi, sou uma mulher adulta. Eu sabia o que estava fazendo quando dei essas entrevistas a Leslie. Talvez, subconscientemente, eu quisesse colocar tudo para fora. Não tenho certeza. Eu sei que não estava preocupada em ser exposta. Esse artigo ia ser verdadeiro sobre certos eventos, mas ambíguo em fatos como nomes, datas e cidades. Além disso, era para uma grande revista. Não é uma pequena história de cidade natal que as pessoas possam ter se lembrado. Pode ter sido sobre qualquer prisioneiro no corredor da morte em qualquer estado durante um determinado ano. Não estava diretamente ligado a Grizz.

— Mas as pessoas podiam começar a investigar, mãe. Se alguém fizesse o dever de casa, poderia vinculá-lo a você. Isso é o que eu esperava que acontecesse. Alguém viria bater na sua porta



e mostrar ao mundo que você não era perfeita. Eu queria machucar você e papai por esconderem um segredo de mim. Eu... eu sinto tanto...

— Acho que você está certa, querida. Alguém poderia ter descoberto... — *como os pais de Corbin* — e aparecido. Mas não apareceram. — Peguei seu rosto em minhas mãos. — Vamos apenas agradecer pelo artigo não ter sido publicado e não precisarmos nos preocupar com isso. Além de que você mesma me disse como foi difícil encontrar detalhes sobre ele. Certo?

Mimi acenou com a cabeça e acrescentou:

— Tem mais.

Eu inclinei minha cabeça, atenta.

— Eu contei a Elliott um pouco disso — admitiu entre um fungar. — Eu só precisava confiar em alguém. Ele sabe que meu pai biológico morreu no corredor da morte neste verão. Mas ele não vai contar, mãe. Eu sei que ele nunca diria isso a alguém.

— Bem, se ele é tão especial quanto você diz que é, e eu acho que ele pode ser... — pisquei para ela, cúmplice —, então tenho certeza de que ele está disposto a manter este segredo por você.

— *Oh*, ele vai, mãe. Ele é tão bom para mim! É maravilhoso, gentil e compreensivo.

Ela estava saltitando em aditivos, *agora*, e eu percebi que seu fardo acabara de ficar mais leve. O meu também.

Nós reaplicamos nosso protetor solar e nos deitamos. O som de Tommy e Jason espirrando água um no outro ao longe trouxe um contentamento que combinava com a brisa quente enquanto dançava ao longo da minha pele. Eu podia ouvir gaivotas e estava

gostando dos sons e cheiros de nosso pequeno esconderijo quando senti um movimento à minha esquerda.

Olhei para Mimi e percebi que ela estava de volta aos cotovelos, apoiada de frente para mim. Comecei a perguntar a ela se havia algo mais que ela queria falar, mas a garota o fez antes de mim:

— Mãe... — Ela sorriu, nervosa. — Quantos anos você tinha quando fez sexo pela primeira vez? Como foi?

# Capítulo 27

## Mimi, 2000 - Fort Lauderdale

### *Após a execução de Grizz*

— Por que eu estou com o pressentimento de que senti sua falta mais do que você sentiu de mim? — Elliott perguntou a Mimi, sorrindo para ela enquanto caminhavam em direção à praia de Fort Lauderdale.

— Você está falando sério? — A garota apertou seu braço. — O cruzeiro foi muito bom e ficamos ocupados, mas às vezes os dias apenas se arrastavam. Sete dias pareceram sete anos! Mal podia esperar para chegar em casa e ver você, e foi tão bom ter você vindo à minha casa para me buscar! Meu pai enlouqueceu com essa caminhonete. — Ela alisou a mão sobre o assento antigo, mas imaculado, então se aproximou de Elliott. Ele a puxou para perto, dando um beijo em sua têmpora.

— Eu quero levar você a um lugar agradável para jantar, mas não queria fazer isso na minha moto. Tem certeza de que não se importa se formos checar Edith primeiro?

— Claro que não. Eu amo sua avó. Mas não estamos indo na direção errada? — Mimi olhou pela janela enquanto faziam seu caminho para o leste na Commercial Boulevard.

— Edith tem um apartamento em condomínio, que ela usa todos os anos entre o Dia de Ação de Graças e o Natal. É sua pequena escapadela com as amigas. Elas se sentam na praia o dia todo e jogam *bocha* ou cartas ou o que quer que seja que as avós fazem. — Ele riu. — Prometo que não vamos ficar muito tempo. Ela

esqueceu do remédio. Vamos apenas fazer uma entrega rápida e sair, ok?

— Tudo bem! Então você vai ficar em sua casa sozinho?

Elliott olhou para ela com um brilho maliciosamente esperto e engoliu em seco.

— Sim, estarei lá sozinho.

— Vamos passar em sua casa depois do jantar? — Ela se forçou a manter o tom leve, olhando fixamente para a estrada.

Ele a olhou de relance.

— Só se você quiser, Mimi. Sabe que quero estar com você, mas nunca vou forçá-la a fazer algo que não queira. Eu nunca farei algo para o qual você não esteja pronta.

— Eu conversei com minha mãe sobre isso — admitiu timidamente.

— Você o quê!?

— Conversei com minha mãe. Eu perguntei a ela quantos anos ela tinha na primeira vez, e perguntei como era.

— Foi com seu pai verdadeiro? Aquele que morreu?

— acredite ou não, não. Foi com papai. O pai que você conheceu. Aquele com quem ela está casada, agora. Mas eu não quero entrar nesse assunto. É complicado...

Ele exalou bruscamente, tenso.

— *Ugh*, por que você teve que perguntar a ela sobre sexo? Cada vez que eu saio com você, ela vai pensar que estamos fazendo isso. Merda, ela pode até estar pensando isso esta noite! — Seu tom estava misturado com a mais pura preocupação.

— Ela *não* está pensando nisso. Eu prometo — assegurou. — Eu disse que não estava pronta e prometi que iria até ela antes

que algo acontecesse.

— E foi só isso? Ela acreditou em você?

— Claro que ela acreditou em mim. Além disso, é verdade. Nós apenas nos beijamos, Elliott. Não tenho certeza se estou pronta para ir além. Eu já disse que era importante, para mim, esperar até me casar.

Elliott teve que conter sua raiva. Por que diabos ela estava perguntando se eles voltariam para a casa vazia de Edith mais tarde, se ela não quisesse fazer algo a mais? A garota estava brincando de provocá-lo, estava mudando de ideia. Disso ele tinha certeza.

\*\*\*

Através da cidade, Christian Bear sentou-se na ponta da cama de seu amigo e o observou fazer flexões no chão do quarto. Quando Dustin terminou, ele se levantou e foi até a cômoda, pegou uma cerveja e deu um longo gole. Ele passou o braço pela boca se livrando dos respingos com os pelos e se virou para Christian.

— Ouvi por aí que você anda saindo com aqueles perdedores da *Sandpiper High*.

— Sim. — Foi tudo que Christian disse antes de tomar um gole de sua própria cerveja.

— Por quê? Eles são um bando de *punks*. Você rebaixou o nível, *mano*.

— Eles me divertem — alegou Christian. — Estou entediado e eles me divertem.

— E o Rosman não está pirando? Ele gosta de ser o líder destemido mesmo depois de ter se formado. Parece que ele se sentiria ameaçado por ter um durão como você por perto, Chris.

— Ainda não vi Nick e, quando o vir, não vou me importar com o que ele pensa. — Christian não podia contar a Dustin a verdadeira razão pela qual ele se infiltrou no grupo. Ele estava tentando descobrir, na semana passada, qual era a conexão deles com Mimi, e foi quando o boca grande do trio patético disse a ele que Nick, cujo nome completo era Elliott Nicholas Rosman, estava planejando algo enorme para chamar a atenção de alguns clubes de motoqueiros locais. Christian sabia que devia ter algo a ver com ela. Era muita coincidência que Nick e Mimi estivessem namorando quando o verdadeiro pai dela morreu na prisão, no verão passado.

Christian sabia sobre Grizz. Seu pai, Anthony, sempre falava de seu passado. Um passado que incluía o verdadeiro pai de Mimi.

Claro, os dois filhos de Anthony sabiam manter em segredo quaisquer histórias que seu pai compartilhava.

Christian havia demonstrado desinteresse suficiente com os três amigos de Rosman, o que os fez querer contar mais a ele. O rapaz tinha a reputação de ser um cara mau, e idiotas como esses três sempre tentavam chamar sua atenção para parecerem mais importantes do que realmente eram. Christian casualmente disse a eles que queria entrar no grupo se eles pudessem demonstrar o mínimo de serviço. Seus egos imaturos se apaixonaram pelo pouco interesse que ele demonstrou, e eles praticamente deram cambalhotas para impressioná-lo desde então.

O telefone de Christian vibrou e ele enfiou a mão no bolso de trás.

*Hoje à noite às 8. Condomínios da Blue Moon na praia. # 907*

Depois de ler a mensagem de texto, Christian fechou o telefone e disse a Dustin

— Falamos mais tarde, cara.

Ele correu para a porta da frente e saltou em sua moto. Ele não tinha muito tempo se teria que chegar às oito. Menos de um minuto depois, ele estava de volta ao quarto do amigo.

— Minha moto não está dando partida, preciso das chaves do carro. — Ele estendeu a mão. — Vamos, dê para mim.

— Você não consegue consertar a moto?

— Sim, mas não tenho tempo. Dê-me o caralho das suas chaves, Dustin!

— Não sei se o seguro dos meus pais cobre... você. Não vou deixar que leve meu carro. Mas te levo para casa, para que você possa pegar sua caminhonete.

— Isto é uma emergência! — gritou Christian. — E eu dirijo melhor do que você! Dê-me suas chaves!

Dustin relutantemente entregou as chaves e Christian saiu correndo.

— É melhor você trazê-lo de volta aqui esta noite, Chris! — Ele gritou atrás de seu amigo. — Estou falando sério, porra!

\*\*\*

Menos de dez minutos depois, Christian Bear se viu na parte de trás de uma viatura policial com as mãos algemadas atrás das

costas. Ele foi parado por excesso de velocidade. O policial provavelmente o teria deixado ligar para seus pais ou para o amigo, cujo carro ele pegou emprestado, mas a atitude de Christian selou seu destino. Ele era muito parecido com seu pai.

— Cale a boca sobre o seu telefonema! — O policial vociferou por cima do ombro enquanto dirigia. — Poderá fazer sua ligação da delegacia

Slade Bear tinha acabado de lavar as mãos e estava saindo do banheiro masculino em um bar de esportes quando seu celular tocou. Era seu irmão mais novo, Christian.

— E aí, Chri...

— Slade! Precisa me ouvir. Não sei onde você está ou o que está fazendo, mas tem que fazer algo agora por mim. É importante, cara. Eu não pediria se não fosse.

O mais velho segurou o telefone com força contra a orelha direita e usou a mão esquerda para cobrir a outra. O bar estava barulhento. Ele voltou ao banheiro. Christian não era de pedir favores. Algo estava acontecendo.

— Sim. Claro, Chris. Do que precisa? O que houve?

— Você conhece aquele condomínio grande no Commercial, na praia, o Blue Moon?

— Não.

— Sim, você conhece! — trovejou Christian. — É aquele em que a mamãe nos arrastou da outra costa até o Bar Mitzvah de um filho de uma amiga qualquer, quando éramos mais jovens. Lembra do grande salão de baile com o *glitter*, que ainda estava em nossos cabelos uma semana depois?

— *Oh* sim, me lembro...



— Cale a boca, Slade! Apenas ouça! Você tem que ir lá, e tem que ir agora! Vá ao condomínio nove zero sete. Alguns caras que fiz amizade estarão lá. Algo está acontecendo com Mimi. Tenho medo de que algo ruim aconteça, mas não sei o quê. Você tem que ir lá e se certificar de que ela está bem. Você me ouviu bem?

— Mimi?

— Quantas merdas de Mimis nós conhecemos, Slade?

— Mimi Dillon!? — Slade saiu do banheiro, tirou uma nota de vinte da carteira e entregou à garçonete. Depois, partindo do bar, foi para o estacionamento, ouvindo enquanto seu irmão o informava de tudo. *Em que diabos Christian está me metendo?*

\*\*\*

Quinze minutos depois, Slade parou em frente a porta 907 e deu duas batidas. Ela se abriu e um garoto com acne, que ele não reconheceu, disse:

— Não sabia se você estava vind...

Ele parou e olhou para Slade.

— Quem é você? — Seus olhos mediram-no em surpresa.

— Meu irmão Chris disse que eu deveria encontrá-lo aqui. Disse que algo estava acontecendo e eu gostaria de fazer parte. — Ele tentou olhar além do garoto e adentrar na sala, então estreitou os olhos. — Vocês são apenas um bando de crianças. Não há *nada* acontecendo aqui esta noite, certo? Eu não posso acreditar que você enganou meu irmão mais novo. Ele vai bater tanto em você quando eu contar a ele.

Os olhos do menino se arregalaram e ele recuou.

— Não! Entre e tome uma cerveja. Não estávamos enganando Chris. Isso é grande, cara. Vamos lá. Nós vamos te contar.

Slade entrou e examinou lentamente o lugar. Dois adolescentes estavam recostados em um sofá, os pés em uma mesa de centro cara demais para as solas sujas de seus tênis. O cheiro de maconha barata encheu a sala. Ele olhou para o rosto cheio de espinhas que o deixou entrar.

— Quem de vocês mora aqui?

— Ninguém mora aqui. — O menino respondeu, acenando com a cabeça em direção a um garoto com *dread* loiros alvejados. — O pai de Isaac é o chefe de manutenção de todo o prédio. O casal dono deste condomínio e a bicha babaca que possui o nove-zero-oito trabalham em tempo parcial. Usam os condomínios apenas no verão. Temos os dois lugares só para nós.

Slade caminhou até os garotos recostados no sofá.

— Onde está Rosman? — perguntou sem direcionar a fala a alguém em particular.

— Está aqui do lado, no nove-zero-oito, e já dever ter sangue no pau, agora. Ela é virgem. Você acredita que ele está com uma porra de uma virgem lá dentro? — exclamou o garoto que atendeu a porta.

— Sim, e nós podemos ver tudo! Ele está filmando. Isso vai ser tão recompensador, cara. — Isaac deu uma tragada profunda em seu baseado. Assim que ele exalou a fumaça por entre os lábios, acrescentou: — Ele está planejando isso por muito tempo. Até fez uma tatuagem religiosa bizarra para impressioná-la.

O garoto que deixou Slade entrar pela porta fez menção de um *high five* e, no mesmo instante, o homem agarrou seu braço e o torceu nas costas. Com o menino no chão aos gritos e o joelho de Slade pressionando suas omoplatas, ele olhou para Isaac.

— Dê-me a chave da porta ao lado.

Isaac e o outro garoto pularam do sofá e começaram a se aproximar de Slade, mas pararam. Seu amigo estava gritando cada vez mais, a saliva escorrendo no chão.

— Ele está quebrando meu braço! Ele está quebrando a porra do meu braço!

— Vou quebrar os braços de cada um de vocês se não me derem a chave — alertou Slade com uma voz calma, mas deliberadamente ameaçadora.

Ele percebeu que eles estavam avaliando suas opções. Eram três para um e um deles já havia caído. Slade quebraria o braço daquele merdinha e, em seguida, quebraria as cabeças dos outros dois idiotas. Ele sabia que seria moleza e viu, por suas expressões, que eles também sabiam disso.

— Eu não tenho a chave para nove-zero-oito. Eu dei a Nick — disse Isaac, sua voz de repente choramingando.

— Então é melhor você rezar para que seu pai tenha uma chave mestre. — Slade acenou com a cabeça para o pequeno molho de chaves sobre a mesa de centro. — Se não, vou usar a porra da sua cabeça para derrubar aquela porta.

\*\*\*

Na porta do condomínio ao lado, Mimi se sentou no sofá e tomou um gole do chá gelado que Elliott ofereceu a ela. Ele entrou no quarto para colocar o medicamento de Edith sobre sua cômoda. A princípio, quando chegaram, encontraram um bilhete escrito à mão que dizia:

*Desculpe não te encontrar. Fui ao cinema das oito com minhas amigas.*

— Acho que é bom você ter uma chave reserva! — Mimi gritou para o outro cômodo. Ela ficou preocupada quando Edith não atendeu a porta, pois tinha visto em um programa de televisão que uma senhora idosa havia caído e não conseguia se levantar. Ela estremeceu ao pensar que a doce avó de Elliott estava dentro do condomínio e incapaz de se levantar ou pedir ajuda.

Elliott saiu do quarto com um grande sorriso no rosto.

— Tem razão. Eu teria ficado meio chateado se dirigisse até aqui e não pudesse deixar os comprimidos dela. — Ele se sentou ao lado da garota. — Beba. Você adora o chá gelado caseiro de Edith.

Mimi deu outro pequeno gole.

— Estava pensando apenas que ela poderia ter se machucado ou algo assim.

Ela colocou o copo de volta na mesa de centro.

Elliott colocou o braço em volta dela e puxou-a para perto.

— Edith demorará horas para chegar em casa. Poderíamos pedir comida para viagem e comê-la na varanda. Você já viu a vista?

— Se é isso que você quer fazer, tudo bem para mim, eu acho — concordou Mimi, de repente se sentindo um pouco tímida.

Ele se levantou e pegou a mão dela.

— Vamos, deixe-me mostrar a vista.

Mimi se levantou e começou a andar na direção das portas deslizantes, mas Elliott a puxou em direção ao quarto.

— Vou ter que mostrar a da varanda do quarto. Os controles deslizantes da sala estão emperrados e Edith me disse que a manutenção ainda não conseguiu vir para consertá-los. Não quero abri-las e depois não conseguir fechá-las. Sabe o que quero dizer, não?

Antes que Mimi pudesse responder, Elliott acrescentou:

— É melhor você beber mais chá. Edith ficará magoada se achar que você recusou seu famoso chá gelado.

Uma sensação estranha fez Mimi olhar para Elliott. Algo estava errado. Esse não era o Elliott que ela conhecia. Havia algo diferente nele. Era quase como se estivesse um tanto... ansioso.

Para quê, ela não sabia. Ela notou que sua mandíbula se contraiu quando eles estavam na caminhonete conversando sobre sexo, quando ela o lembrou que queria esperar até se casar. Ela pensou que tinha imaginado a reação, mas *agora* seus sentidos estavam em alerta.

Ela se lembrou de uma conversa que teve uma vez com sua mãe. Ginny havia contado a ela a história de quando costumava ser babá de um garotinho que havia sido abusado. Os sinais estavam lá e sua intuição estava certa, mas ela os ignorou no início porque esse tipo de coisa não acontecia naquele tipo de família.

Sua mãe estava errada.

— Sabe de uma coisa, Elliott? Acho que talvez prefira sair para jantar. Não me sinto bem no condomínio de férias de Edith sem

ela estar aqui. — Ela tentou aliviar o clima, lembrando-o de um momento engraçado que eles haviam compartilhado meses antes. — Você sabe, “sem acompanhante”.

A última palavra saiu em um guincho nervoso. Seus pulmões, de repente, ficaram pesados e ela pensou que poderia ter que lutar para respirar.

Ela notou o mesmo aperto em sua mandíbula, mas desapareceu rapidamente quando ele esboçou um sorriso. Um sorriso que ela percebeu que não era sincero.

Mimi sentiu uma gota de suor descendo por seu pescoço. A sala ficou repentinamente muito quente.

— Tudo bem — disse ele com entusiasmo exagerado. — Mas não até você terminar seu chá gelado.

Lá estava ele novamente. O chá gelado. Já havia tomado alguns goles, mas se sentia diferente? Sim, ela pensou que sim. Seu corpo estava relaxado, o que contrastava fortemente com o que sua mente estava sentindo.

— Não estou com muita sede. — Foi tudo o que ela conseguiu reunir entre pensamentos de alerta. Mimi começou a se sentir tonta e voltou a se sentar.

— O que há de errado, Mimi? Você está bem?

Sua falsa sinceridade era tão óbvia que a estava deixando nauseada.

— Só um pouco tonta. Provavelmente porque não comi o dia todo. Vou ficar bem assim que chegarmos ao restaurante.

Ele a puxou bruscamente para ficar de pé e a segurou pela cintura enquanto ela balançava em seus braços, fraca.

— Vamos lá. Por que você não se deita na cama de Edith por alguns minutos?

A ideia pareceu absurda.

— Leve-me para casa, Elliott.

— Não até você descansar — disse severamente enquanto meio que caminhava, meio que a arrastava para o quarto.

— Não, Elliott! Eu não quero me deitar — protestou com maior firmeza. — Eu quero ir para casa. — O final soou levemente arrastado até para seus próprios ouvidos.

— Você não vai estragar isso para mim, Mimi. Eu esperei por quase um maldito ano por isso! Até insistir com a idiotice de conhecer seus pais. — Ele olhou para ela. — E você não é *nada* além de uma provocadora barata. Sempre olhando para mim desejando que toque seu corpo e depois dizendo o contrário. — Sua voz ficou dura, fria. — Você vai entrar naquele quarto e eu vou fazer amor com você, e você vai gostar. Entendeu? Você entende o que eu estou falando?

Ele sorriu para si mesmo. Fazer amor com ela? *Merda!* Ele estava pronto para foder com sua cabeça.

— Estragar o quê? — Ela choramingou. — Eu acho que você colocou algo no chá gelado...quer que eu desmaie....

— Eu só te dei algo para te ajudar a relaxar, não quero que desmaie. Eu quero que você esteja acordada. Quero que goste, e prometo que vai gostar, Mimi. Eu prometo. — Sua voz estava mais calma *agora*, arrastada. — Eu vou te chupar primeiro. Se você apenas se permitir relaxar, vai gostar, eu juro. Eu vou garantir que você goze e você vai me implorar para te foder, ok? Vai ser bom. Agora, vamos!

Foi naquele instante que a porta da frente do apartamento se abriu e um homem entrou, batendo a porta atrás de si com um estrondo que Mimi sentiu nos próprios ossos.

— Tire as mãos dela, Nick.

— Quem diabos é você!? — Elliott perguntou, seus braços ainda apertados firmemente em volta da cintura de Mimi.

— Sou o cara que está aqui para quebrar a porra da sua cara.



# Capítulo 28

## Mimi, 2000 - Fort Lauderdale

### *Após a execução de Grizz*

Slade observou Mimi bebericar o café e fazer uma careta amarga.

— Beba, Mimi. Deve ajudar — disse a ela com uma voz suave, em incentivo. Ele a observou tomar um novo gole de café e engoli-lo lentamente.

Em seguida, com a mão trêmula, ela o colocou no porta-copo, puxou o cobertor que haviam roubado do apartamento firmemente em volta dos ombros e começou a chorar.

— Tão estúpida. Tão estúpida. Tão constrangedor! — Foi tudo o que ela disse enquanto se balançava para frente e para trás.

Eles estavam sentados em uma vaga de estacionamento isolada atrás da lanchonete para onde Slade a havia levado. Ele comprou dois cafés no *drive-thru* e estacionou atrás do restaurante, tentando consolá-la.

— Está tudo bem, Mimi. Você está bem. Cheguei a tempo. Nada aconteceu. Nada vai acontecer. — Sua voz estava baixa.

— Se você não tivesse chegado lá quando chegou, não sei o quão longe Elliott teria ido e eu, eu, eu...

— Mas eu cheguei lá, Mimi, e nada aconteceu.

Ele então passou a explicar o que Christian lhe pediu para dizer, que ele conhecia Elliott como Nick Rosman e tinha ouvido, através de alguns amigos, o que Nick planejava fazer para tentar chamar a atenção de algumas gangues de motoqueiros.

— Eu sabia que eles estavam falando sobre Grizz, Mimi, e foi assim que fiz a conexão com você. Acho que estou um pouco chocado que você saiba sobre Grizz. Não achei que você soubesse que ele é seu pai verdadeiro.

Ela deu um suspiro trêmulo.

— Descobri por acidente. É uma longa história, mas eu sei quem ele é. É simplesmente inacreditável que você conheça esses caras também.

— Sim, eu não tinha percebido de quem eles estavam falando até que quase fosse tarde demais — mentiu.

Ele não diria a ela que seu irmão, Christian, foi o único que propositalmente ajudou esses idiotas. Ele queria salvá-la do constrangimento de pensar que outra pessoa sabia o que Rosman planejara fazer.

— Eu simplesmente não consigo acreditar que eles iriam me filmar fazendo sexo com Elliott... *err*, Nick. — Ela estremeceu ao se corrigir e puxou o cobertor com mais força ao redor dos ombros.

Ela olhou então para Slade e, com os olhos maiores e mais expressivos do que ele já tinha visto, com total adoração em sua voz, disse:

— Você me salvou, Slade. Você me salvou.

\*\*\*

— O que você quer dizer com “distorceu” o rosto dele? Por que você não o colocou na porra de um leito do hospital, Slade!? — O rosto de Christian estava vermelho, furioso.

— Porque eu não sou você — gritou de volta.

Tinha sido uma longa noite e Slade estava cansado. Depois de deixar Mimi silenciosamente em sua casa, ele voltou ao apartamento que dividia com três colegas de quarto e foi para a cama, no entanto, teve problemas para adormecer. Ele não via Mimi há anos e ficou surpreso com o que viu. A doce menina de cabelos castanhos e com olhos grandes havia se tornado uma verdadeira beleza. Ele teve que se lembrar que ela tinha apenas quinze anos. Aquele maldito Rosman deveria ter levado um tiro pelo que ele planejava fazer com ela.

Slade sabia que seus pais pagariam a fiança de Christian para fora da prisão, e ele estava certo. Ele simplesmente não achava que isso aconteceria *tão* rapidamente — ou que Chris iria aparecer em seu apartamento tão cedo pela manhã.

— Você sabia o que aquele filho da puta estava planejando fazer. Ele não deveria ter saído daquele apartamento respirando, Slade. — Christian se encostou no balcão da cozinha, os braços cruzados.

O irmão serviu-se de um pouco de café e sentou-se à pequena mesa da cozinha.

— Você está fodido da cabeça. Você sabe disso, não? Se eu tivesse feito algo que despertasse o interesse da polícia e resultasse em uma ambulância indo àquele condomínio, eles teriam rastreado os três garotos e tudo levaria até Mimi e eu. Você quer a polícia batendo em sua porta, acordando nossos pais, para descobrir por que o cara com quem ela estava foi colocado no hospital por um dos filhos de Anthony Bear? É uma coisa boa você ter falado com aquele policial, Christian. Se ele não tivesse arrastado sua bunda

para a cadeia, você teria trazido um monte de merda para todo mundo. Você e seu maldito temperamento!

Slade ergueu os olhos para o irmão e reconheceu uma expressão que sempre o deixava desconfortável.

— Nem pense nisso, Chris. — Ele ergueu uma mão de advertência. — Deixe isso pra lá. Além de que, se certas pessoas souberem do que ele tentou fazer, ele estará morto. Grizz ainda tem seguidores leais. Mesmo do túmulo, aquele cara tem influência e Rosman deve ser um imbecil para pensar que impressionaria alguém com sua façanha. Sim, talvez algumas gangues rivais de antigamente teriam se divertido, mas com Grizz morto, nenhum de seus antigos inimigos realmente dariam a mínima.

Slade tomou um gole de café e soltou um longo suspiro. Ele olhou para seu irmão mais novo, que ainda estava ali de braços cruzados e com uma expressão de raiva no rosto. Depois de alguns minutos, a expressão de Slade se suavizou.

— Eu não entendo isso com você e Mimi. Por que você está tão irritado? Achei que tivesse uma queda por ela quando éramos crianças, mas não a vimos por anos. Você ainda gosta dela?

Christian não disse *nada*. Ele foi até a geladeira e pegou uma cerveja, depois se virou e olhou para Slade enquanto tomava um gole, ignorando o olhar de desaprovação de seu irmão mais velho.

— Como lidou com os pais dela?

— Eu não precisei — disse Slade, cansado, com um dar de ombros. — Nós inventamos uma história para ela contar à mãe e ao pai, e eu a deixei algumas quadras abaixo da dela. — Ele capturou o olhar de seu irmão. — Eu me certifiquei de que ela entrasse em casa antes de eu partir, ok? Eu não queria que meu carro fosse visto

na frente da casa deles. Os pais dela não precisam ficar perguntando o porquê eu a estava levando para casa. Eles vão pensar que Nick a deixou.

Christian apenas acenou com a cabeça.

Slade se sentiu compelido a acrescentar:

— Se você acha que gosta dela, por que não faz algo a respeito? Talvez você possa topa com Mimi em algum lugar ou até mesmo passar pela casa dela. Digamos que você estava na vizinhança e queria dizer oi. Você sabe que a tia Ginny iria recebê-lo de braços abertos.

— Eu vi o pai dela no escritório de Axel. Ele olhou para mim como se eu fosse um pedaço lixo, mas consegui me dizer rápido o suficiente como ela estava apaixonada por outro cara. Ele não me quer por perto. Ele acha que a Mimi pode conseguir alguém melhor do que eu e, provavelmente, está certo.

— Bosta nenhuma! Se não fosse por você, Mimi teria sido estuprada na noite passada. E se as pessoas erradas descobrissem sobre isso, Rosman teria morrido por isso. Ainda pode morrer. Você tomou a iniciativa de descobrir o que estava acontecendo. Você pode ser um cabeça quente, cara, mas é um verdadeiro filho da puta que garantiria que ninguém nunca chegasse perto da filha dele. Pare de se menosprezar, Christian. Você quer uma chance com Mimi? Uma chance real? Comece a trabalhar em suas notas e livre-se de alguns de seus amigos. Eu não sei se isso vai te ajudar a entrar no jogo com os Dillons, mas pelo menos você faria a mamãe e o papai muito mais felizes.

Christian bebeu o resto de sua cerveja e colocou a garrafa no balcão. Ignorando o conselho de seu irmão, então se dirigiu à porta

gritando por cima do ombro enquanto caminhava.

— Eu te devo uma, Slade.

# Capítulo 29

## Ginny, 2001 - Fort Lauderdale

As semanas após nosso cruzeiro de Ação de Graças voaram em um frenesi de atividades. Entre o Natal, o início de um novo ano e nossa agenda familiar lotada, parecia que todos os dias do calendário tinham algo assinalado a lápis. Também havia algumas coisas durante esse período que não estavam no calendário. Uma que se destacou foi que Mimi e Elliott terminaram o relacionamento.

Eu esperei, naquela noite, pelo primeiro encontro dela com ele depois que voltamos do nosso cruzeiro. Ela silenciosamente entrou pela porta da frente e estava subindo as escadas quando eu a chamei de volta. Quando vi que ela estava chorando, então soube que algo estava errado.

Mimi me deixou abraçá-la enquanto ela chorou por quase cinco minutos, que finalmente terminaram em um ataque de soluços. Fiz um chá enquanto ela lavava o rosto. Sentamo-nos na sala e ela me contou como Elliott a levou a um bom restaurante para jantar e eles encontraram uma de suas ex-namoradas, que fez uma cena e tanto.

— Foi tão humilhante, mãe. Ela era mais velha do que ele e obviamente ainda o amava. Ela perguntou se agora ele prefere ficar pegando as meninas nos parquinhos das escolas primárias.

Ouvi Mimi me contar como a ex-namorada de Elliott deve ter bebido, também. Ela estava fazendo uma cena tão grande que todos foram convidados a sair pelo gerente do restaurante.

— Eu acabei por vê-lo sob uma perspectiva diferente, eu acho. Ele não estava se defendendo para ela. Eu senti como se... Elliott estivesse com vergonha de mim. Eu não acho que vou voltar a olhar para ele da mesma forma. — Ela olhou para sua caneca enquanto as lágrimas rolavam pelo seu rosto, dividindo as bochechas. — Eu acho que ele se preocupa mais com o que os outros pensam do que comigo.

— Então, vocês terminaram? — Eu estava em conflito. Parte de mim esperava secretamente não ter que me preocupar com minha filha namorando um garoto de dezoito anos, mas também sentindo um aperto real no coração pela dor dela, que resultava naquelas lágrimas. Já fazia muito tempo, mas até eu me lembrava do fisgar doloroso de Matthew Rockman me dizendo que não precisava mais de mim para tutoria.

— Acho que foi mútuo — disse ela. — Mãe?

— Sim, Mimi?

— Tudo bem se não falarmos mais sobre isso? Quero dizer, Elliott e eu já concordamos em tirar os números um do outro de nossos telefones. Já decidimos que não vai funcionar. Ele disse algo sobre talvez tentar me ver novamente quando eu for mais velha, mas vamos encarar a verdade... ele estava apenas sendo legal. Isso não vai acontecer e tenho certeza de que não quero que aconteça.

Ela soltou um suspiro e olhou para mim em súplica.

Observei Mimi de perto por semanas depois daquela conversa e, embora eu pudesse dizer que ela estava sofrendo, a garota assumiu uma cara zangada e firme, voltando às suas atividades normais. Escola, trabalho e amigos voltaram aos seus devidos lugares, e ela até pediu para ir comigo na próxima vez que



eu encontrasse Christy Bear para almoçar. Fiquei aliviada ao ver que ela era resiliente e decidiu seguir em frente.

E eu sabia que Tommy certamente deu um suspiro de alívio quando contei a ele sobre o rompimento.

As discussões com Mimi sobre Grizz lentamente desapareceram. Sua culpa sobre Leslie havia sido absolvida e sua curiosidade sobre Grizz havia diminuído. A vida estava voltando ao normal. As crianças estavam de volta à escola há semanas e estávamos quase no final de janeiro. Desde que desisti de meus clientes de contabilidade, tinha mais tempo disponível do que o normal.

*Ultimamente*, andava pensando na Irmã Mary Katherine. Recentemente, sonhei com a freira de quem fui tão próxima quando era criança. A mesma freira que pressionou as autoridades para me encontrar. Meu subconsciente estava falando comigo em sonhos, talvez dizendo que eu tinha algum assunto inacabado com ela?

— Como você sabe onde encontrá-la, Ginny? — Tommy me perguntou de manhã cedo em nosso quarto. Ele estava sentado em nossa cama calçando os sapatos para o trabalho.

— Pois perguntei sobre ela quando renovamos nossos votos de casamento. Eu deveria ter tentado encontrá-la anos atrás, Tommy. Eu sinto que ela é um daqueles assuntos não resolvidos na minha vida.

— Então, ela ainda está viva?

— Sim, e está em uma casa de repouso para freiras aposentadas em Illinois. Eu gostaria de visitá-la, para dizer a ela que estou viva. Eu nem sei se ela vai se lembrar de mim, Tommy, mas ela está na minha mente desde o verão passado e eu tenho adiado

isso. Com tudo o que aconteceu desde então, você não pode me culpar por adiar. Mas ainda assim, eu quero vê-la antes que seja tarde demais. Talvez seja por isso que eu sonhei com ela. Ela deve ser bem mais velha agora, não acha?

— Não sei, Gin. Eu não a conhecia, então não sei quantos anos ela teria agora. Se é algo que você tem certeza de que tem de fazer, então, definitivamente faça.

— Quer vir comigo? Pensei em pegar um voo na sexta à tarde. Fique duas noites e volte para casa no domingo.

— Acho que não. Agora que Alec voltou de seu ano sabático nas montanhas, estamos contratando mais clientes e estarei trabalhando em alguns fins de semana. Você vai e eu posso ficar em casa com as crianças. Então não teremos que providenciar para que eles fiquem com amigos ou pedir a Carter para vir aqui.

— Não sei se quero ir sozinha. Sem você.

— Acho que seria bom para você, Gin. — Ele se levantou e caminhou em minha direção, inclinando suavemente meu queixo para ele. — Parece que você deveria ter um tempo sozinha com ela. Se realmente não quiser, irei ao seu lado. Mas estou apenas pensando que isso é algo que você deveria fazer sozinha.

\*\*\*

Na semana seguinte, encontrei-me na acolhedora sala de estar da Casa de Repouso *Sisters of Mercy*, em Illinois. Era um antigo convento que havia sido demarcado como inabitável e estava programado para demolição anos atrás, quando chamou a atenção de um doador rico que o restaurou. Fiquei ao lado de uma lareira de

tijolos crepitante e olhei para o teto e as paredes ao redor, cativada pela arquitetura.

Um jovem assistente foi enviado para buscar Irmã Mary Katherine e trazê-la para mim. Presumi que isso significava que, provavelmente, ela estava em uma cadeira de rodas. Secretamente me perguntei se estar ali era um erro. Ela provavelmente nem se lembraria de mim. *Agora* estávamos em 2001. Fui sequestrada em 1975. Isso foi há mais de 25 anos. O que eu estava pensando?

— Tem cheiro de rosas, mas não há flor ou aromatizador à vista — comentou uma jovem para mim. Conversamos um pouco enquanto esperávamos. Ela estava esperando por sua tia, outra freira aposentada. Eu comecei a dizer algo a ela quando ouvi uma voz que reconheci instantaneamente.

— Guinevere Love Lemon. Já era hora de você vir me ver!

A Irmã Mary Katherine saltou em minha direção com uma energia que desmentia sua idade. Então, apertando meu braço com força, ela começou a me conduzir pelos corredores aconchegantes e convidativos do belo edifício. Não parecia um lar de idosos. O lugar me lembrava a uma mansão elegante com muitos quartos, do século XIX. Ela explicou, no caminho para seu quarto, que *agora* estava com quase 90 anos e, embora estivesse oficialmente aposentada, não tinha sequer um osso cansado em seu corpo.

Em seu quarto, ela ouviu sem interromper enquanto eu contava a ela tudo o que havia acontecido desde aquele dia fatídico, em maio de 1975. Seus olhos azuis estavam brilhantes e eu esperava ver alguma curiosidade neles, mas nada havia.

— Eu sabia que você estava bem — me disse com segurança.

— Como?

Ela colocou a mão sobre o coração.

— Não posso te dizer como. Eu simplesmente sabia. Depois de um tempo, me senti em paz com isso e, pelo que você me disse, parece que eu deveria ter me preocupado mais com você, mas não o fiz. Algo bem no fundo me dizia que você estava bem. Orei para que Deus me dissesse, um dia, que isso era verdade. E hoje é esse dia. Louvado seja o bom Deus, Guinevere!

Nós nos abraçamos e então ela olhou para o relógio em seu pulso ossudo.

— Você quer vir comigo nas minhas rondas?

— Suas... rondas?

— Eu preciso buscar a Irmã Agnes. Ela é cega e deficiente. Preciso levá-la de volta ao seu quarto e me acomodar. Você gostaria de vir comigo?

— Adoraria, Irmã Mary Katherine.

Fiquei no quarto da Irmã Agnes e observei enquanto a Irmã Mary amorosamente preparava a freira cega para seu cochilo da tarde. Para uma mulher de quase noventa anos, ela se movia com a agilidade de um gato. Sorri para mim mesma ao observar os móveis bonitos, de bom gosto, e a janela que dava para uma cena de neve poderia ter saído diretamente de uma pintura de Thomas Kincaid.

Então percebi algo que achei estranho. Quase todos os móveis disponíveis eram cobertos por fotos emolduradas. Fui até uma cômoda baixa e me inclinei para ver melhor. A Irmã Agnes era cega. Por que ela teria tantas fotos em seu quarto? Ela não conseguia vê-las.

Como se estivesse lendo meus pensamentos, a Irmã Mary Katherine disse:

— São suas orações não respondidas.

Eu me virei para olhar à Irmã, o cenho franzido.

— Orações não respondidas?

— Quando ela era mais jovem, Bevin era fotógrafo — contou-me a Irmã Mary Katherine. — Bevin era o nome dela antes de se tornar freira.

Olhei de volta para as fotos e percebi que eram todas em preto e branco. Eu peguei uma delas.

— Irmã Agnes, esta é de um homem trocando o pneu de um carro. Ele está sorrindo na sua direção, como se tivesse parado o que estava fazendo para que você pudesse tirar uma foto dele.

— Nova Orleans, 1950. Eu tinha, talvez, apenas 25 ou 26 anos e tinha acabado de descobrir meu amor pela fotografia — respondeu a freira na cama. A Irmã Agnes tinha cabelos brancos e ralos, um rosto fortemente marcado. Seus olhos escuros exalavam calor e compaixão, ainda que nada vissem. — Era o Sr. Payroux. Mais tarde, ele perdeu sua esposa e dois filhos em um incêndio caseiro. Essa foto foi tirada em tempos mais felizes. Se você olhar de perto, pode ver sua esposa sentada na varanda ao fundo. Voltei para uma visita anos depois de tirar essa foto e os vizinhos disseram que, após a morte de sua família, ele mergulhou em um mundo escuro de depressão e bebida. Um dia, ele se levantou da cama e desapareceu. Ninguém sabia o que havia acontecido com ele.

— Isso foi há tantos anos, Irmã. Ele já deve ter morrido. Esta ainda é uma oração sua não respondida?

— Oro por cada pessoa em cada uma dessas fotos, para que o Senhor decida colocar em meu coração o que aconteceu com elas. Às vezes, Ele me responde em um sonho. Às vezes, alguém como a Irmã Mary Katherine me ajuda a fazer algumas investigações, consegue as minhas respostas. Eu tenho uma gaveta cheia de orações respondidas ali.

Observei enquanto seus olhos cegos seguiam a direção de onde ela estava apontando, *agora*. Meus olhos os seguiram, também, e se depararam com uma cômoda alta que estava no canto direito.

— *Oh*, sim, temos uma gaveta cheia de orações respondidas!  
— disse-me a Irmã Mary Katherine com orgulho.

Eu sorri e voltei a examinar as fotografias de oração não respondidas. Uma chamou minha atenção. Havia algo lindo naquela, mas também triste. Talvez tenha sido o cachorro. Era um Rottweiler e me trouxe imediatamente de volta às memórias de Lúcifer e Damien. Eu o peguei e estudei mais de perto.

— Para qual você está olhando? — Irmã Agnes perguntou.

— É uma menina e seu cachorro. Eles estão sentados na grama alta e ela está sorrindo, mas não está alcançando seus olhos.

— Flórida. Uma cidade menor que uma partícula chamada Macon's Grove. 1956. A menina se chamava Ruthie e o cão, Razor.

# Capítulo 30

## Tommy, 2001 - Fort Lauderdale

Tommy estava sentado atrás de sua mesa na Dillon & Davis Architects. Ele ainda estava um pouco avoado com o que aprendera naquela manhã. Ele queria ligar para Ginny, mas sabia que ela estaria bem no meio de sua visita à Irmã Mary Katherine, e ele não queria interrompê-la. O avião dela chegaria *amanhã* à tarde e ele decidiu que iria buscá-la no aeroporto, a fim de levá-la direto para um hotel caro na praia de Fort Lauderdale.

Não para sexo, embora ele não fosse se abster a isso. Ele queria comemorar suas novidades e fazê-lo em grande estilo. Ele já havia combinado que Carter passaria amanhã à tarde e domingo à noite na casa deles e levaria as crianças à escola na segunda de manhã, para que ele e Ginny pudessem ter uma noite fora.

Ele ergueu os olhos da mesa e a viu se aproximando. Seu andar confiante o enojou. Ela ainda achava que tinha vencido.

Tommy não poderia odiá-la mais.

— Trabalhar no sábado? O que Gin e as crianças estão tramando? — Sarah Jo sentou-se à frente da mesa de Tommy e cruzou as pernas depois de colocar a bolsa na mesa dele. Ela examinou lentamente seu escritório, finalmente encontrando seus olhos entre um bocejo.

— Gin está visitando uma velha amiga, Mimi está trabalhando e Jason joga o dia todo. — Sua voz estava fria.

Sarah Jo estudou as unhas de sua mão direita.

— Então, o que você quer? Eu não estaria aqui se não estivesse fazendo compras por perto. Você não está ditando as regras desta vez, lembra?

Ela ficou surpresa ao ver que ele estava sorrindo.

— Quando irá se mudar? — perguntou amargo

— Não estou me mudando e você sabe. Discutimos isso naquele restaurante de merda alguns meses atrás. Ou você esqueceu? — Condescendência escorria de cada palavra que ela dizia.

— Não. Eu não esqueci. O que não consigo lembrar é por que você acha que não precisa ir embora.

— Você sabe o porquê. Eu te disse...

— Sim, eu me lembro. A ameaça de contar a Ginny sobre o remédio para enjoo matinal. Eu pensei sobre isso e decidi que está tudo bem se você contar a ela. Ela não vai acreditar em você. — Ele estava seguindo o conselho de Alec antes da Ação de Graças. O conselho que o amigo tinha oferecido sobre uma cliente rancorosa que surpreendentemente se tornou útil na rivalidade secreta de Tommy com Sarah Jo – tudo que ela disser é um blefe, Tom. Tudo a porra de um blefe.

Sarah Jo bufou.

— O que te dá tanta certeza de que ela não vai acreditar em mim?

— Porque é a sua palavra contra a minha, e quando eu mostrar a ela o diário de Moe, aquele de que te falei, ela vai ler por si mesma nas palavras de Moe sobre como você armou o estupro dela. Em quem ela vai acreditar então, Jo?



Ele se recostou na cadeira e bateu preguiçosamente com a caneta no joelho. Ele estava saindo de um limbo, ali. Tommy jogou o diário de Moe no lixo meses atrás, mas nunca disse isso a Jo. Ele teve mais um palpite e, se estava certo, seria capaz de ver em seu rosto. Valia a tentativa.

— E quando ela descobrir que foi você, quero dizer, Wendy, que rastreou Matthew Rockman e deu a ele todas as informações por telefone sobre Grizz, sua gangue e com quem ele deveria falar...

Ele fez uma pausa e deixou que a relevância do que estava dizendo fosse absorvida. Tommy tinha certeza, pela expressão no rosto dela, de que sua intuição estava certa, tal que se inclinou para frente e olhou fundo nos olhos de Jo.

— Você me disse que tinha amigos na escola de Ginny, em 1975. Você deve ter ouvido os rumores sobre a estrela da escola que retornou e estava sendo ensinada pela garota desaparecida. Então, com o passar do tempo, percebeu que ele estava fazendo manchetes importantes com sua carreira jurídica. Você sempre estava preocupada com Fess se metendo em problemas, então acompanhou tudo. Isso explica por que Fess e eu não estávamos no radar deles imediatamente. Você nunca teria envolvido seu pai. — Sua mandíbula se apertou. — E eu tenho que dizer, acredito que você pensou que estava me ajudando ao não me envolver também. Mas você saberia sobre o amor de Froggy por Willow, e seu ódio inflamado por Grizz expulsá-la. Você saberia que o casamento de Blue estava desmoronando. Você disse a Rockman para falar com Jan. Ele provavelmente mudou e se esqueceu de Ginny, mas você mexeu com todos de novo quando o viu no noticiário, ganhando todos os seus casos.

Ela se endireitou desconfortavelmente na cadeira.

— Suponho que Matthew lhe contou isso. Que ele ouviu de uma Wendy, também? Não vejo como você pode estar falando com um homem contra o qual deveria testemunhar.

— Não, Jo. Seu rosto acabou de me contar. Mas tenho certeza de que, caso eu perguntasse a ele, se já foi contatado por alguém chamado Wendy, ele confirmaria.

Ela se levantou.

— Vai se foder, Tommy!

Jo pegou sua bolsa e saiu de seu escritório. Ela fez seu caminho através do saguão vazio e escuro, batendo a porta da frente atrás dela.

Tommy também se levantou, mas não sorriu. Ele não se sentia vitorioso, mas cansado. Ele estava feliz por ser sábado, e não havia ninguém nos outros escritórios para testemunhar o que aconteceu.

Mas, além disso, também tomou uma decisão. Uma com a qual ele sabia que Ginny concordaria. Ele deveria testemunhar no julgamento do assassinato de Matthew Rockman. Tommy não poderia envolver Grizz e Blue no assassinato de Jan, mas ele foi inteligente o suficiente para descobrir uma maneira de responder às perguntas de uma forma que plantaria dúvidas razoáveis nas mentes dos jurados. Ele poderia irritar a promotoria, mas estava disposto a correr o risco.

Rockman pode ter sido culpado de ser um filho da puta manipulador e conivente, mas ele não era um assassino.

# Capítulo 31

## Ginny, 2001 - Illinois

Não sei dizer por quanto tempo apenas fiquei ali, parada, petrificada, olhando para a foto emoldurada em minha mão. Eu podia sentir uma pulsação em meus ouvidos enquanto meu coração disparava, ciente de todas as veias do meu corpo. Era quase como se eu pudesse sentir o sangue correndo por seu caminho através de cada artéria.

Isso não poderia ser real. Era muita coincidência. Lembrei-me de como Grizz tinha me pedido para dar a Mimi o nome do meio de Ruth. Depois que Tommy me contou sobre o início da verdadeira infância de Grizz, suspeitei que talvez Ruth fosse o nome de sua irmã mais nova, embora eu não pudesse confirmar. Eu também não tinha provas de que ele fora criado na Flórida.

Mas eu sabia que ele tinha um amor verdadeiro pelos rottweilers e que era dono de um bar chamado Razors. Minha cabeça girava com as possibilidades.

— Qual o problema, criança? Parece que viu um fantasma — comentou a Irmã Mary Katherine enquanto me observava.

Ela me guiou pelo cotovelo até uma cadeira confortável. Sentei-me sem tirar os olhos da imagem.

— Irmã Agnes, onde exatamente fica Macon's Grove, na Flórida? — Minha voz falhou.

— *Oh*, era uma cidade tão pequena que provavelmente foi engolida por alguma maior. É bem no meio da Flórida. Nada além

de laranjais a perder de vista — disse ela como se pudesse ver exatamente cada laranja e sentir seu aroma.

A essa altura, minha mão tremia e a Irmã Mary Katherine agarrou a foto antes que eu a deixasse cair.

— Guinevere?

Engoli em seco e respirei fundo.

— Eu gostaria de voltar depois da soneca da Irmã Agnes e fazer mais algumas perguntas sobre esta foto. Isto é, se você achar que está tudo bem e que ela vai se lembrar.

— Posso ouvir você, sabia? — disse a pequena voz deitada na cama. — E posso estar cega e enferma, mas posso lhe dizer o número da placa do meu primeiro carro. De repente, não estou tão cansada, afinal. — Eu podia sentir seus olhos cegos girando em minha direção. — O que você quer saber sobre Ruthie e Razor?

Troquei um olhar rápido com a Irmã Mary Katherine. Ela acenou com a cabeça para eu ir em frente.

— Tudo — falei por entre uma lufada de ar. — Por favor, Irmã. Conte-me tudo o que você lembra sobre eles e o porquê de ainda ter essa foto.

Irmã Agnes pigarreou.

— Não começou com Ruthie e Razor. Tudo começou com outra criança. Um menino. — Meu coração bateu forte. Ela se endireitou na cama. — Era 1947 e eu tinha apenas vinte e dois anos. Tinha perdido meu marido na guerra e estava vagando sem rumo, de parente em parente, na esperança de me encontrar. Eu estava tão perdida... e visitava uma tia idosa que morava perto de Macon's Grove. Bem, na verdade não morava tão perto assim, pois a cidade ficava no meio do nada, mas era perto o suficiente para ter

sido procurada por um homem cuja a esposa estava em trabalho de parto. Minha tia tinha uma reputação decente como parteira e estava mais perto do que um hospital, então, quando ele apareceu em sua porta, ela pegou seus suprimentos e me levou com ela.

Ela fez uma pausa e pediu à Irmã Mary Katherine um copo d'água. Depois de tomar um gole, continuou:

— Foi triste. Tão triste. Aquela casinha no meio de uns laranjais. A pobre mulher estava quase delirando de dor quando chegamos. Nunca vou entender por que o homem simplesmente não a levou ao hospital. De qualquer forma, ela deu à luz um lindo menino. Ele também era grande. Saiu gritando a plenos pulmões. Minha tia o entregou para mim, para que eu pudesse limpá-lo, e eu o levei à cozinha para enxugá-lo. Ainda consigo ver seu rostinho redondo...

Engoli em seco e me perguntei se ela poderia estar descrevendo Grizz como um recém-nascido. Minha cabeça ficou pesada com o som do meu sangue pulsando dentro dos ouvidos. Observei a expressão da Irmã Agnes ficar melancólica.

— Quando eu o trouxe de volta para sua mãe, eu podia ouvir minha tia dizendo ao marido que ela estava preocupada. A mulher estava sangrando mais do que o normal e minha tia achou que ela deveria ser levada a um hospital. O homem saiu para dirigir até o vizinho mais próximo e chamar uma ambulância. Acho que pensamos que uma ambulância teria trazido ajuda médica mais rápido do que se tentássemos colocá-la em um carro e levá-la nós mesmos. Minha tia, mais tarde, me diria que não importava. Sua perda de sangue foi tão rápida e tão intensa que era duvidoso que ela pudesse ter sido salva.

A santa Irmã respirou fundo.

— Enquanto o marido estava fora, a mãe recobrou a consciência e pediu seu filho. Nós o colocamos em seus braços e observamos enquanto ela beijava sua cabecinha e falava com ele em voz baixa. Ela então olhou para minha tia e, em seu estado muito debilitado, disse que queria que alguém soubesse a verdade sobre o bebê.

Eu me endireitei na cadeira. A voz da Irmã Agnes era como uma droga, viciante. Não consegui ouvir a palavra seguinte rápido o suficiente. Eu estava absorvendo cada sílaba, cada inflexão em sua voz, cada detalhe. Meu coração batia tão forte que eu tinha certeza de que as Irmãs podiam ouvi-lo batendo em meu peito.

— Ela nos contou que foi criada em uma pequena cidade no sopé das montanhas *Blue Ridge*, e estava apaixonada pelo mesmo garoto desde a primeira série. Eles haviam feito planos de se casar quando ele foi chamado aos batalhões finais da Segunda Guerra. A mesma guerra em que perdi meu marido. Ela ficou grávida e sozinha. — Irmã Agnes suspirou. — Ela morava com um tio idoso, um velho desagradável que a teria expulsado sem pensar duas vezes, então escreveu ao noivo, mas nunca recebeu uma resposta. Nem ela nem sua família puderam descobrir *nada* sobre o paradeiro dele e, em pouco tempo, sua gravidez seria notada.

Naqueles tempos, “garotas direitas” não tinham relações com homens, a não ser que fossem casadas. Ou, ao menos, elas não deveriam. Ela estava envergonhada e embaraçada. Repensando o passado, ela gostaria de ter arriscado, se humilhado e ficado lá. Gostaria de ter confessado aos pais dele que estava carregando o bebê de seu filho. Quando o homem que, mais tarde, se tornaria seu

marido passou por sua cidade como parte de uma equipe madeireira e demonstrou algum interesse, ela agarrou a oportunidade. Mesmo depois de explicar sua situação, ele não se importou. Eu poderia entender isso. Ela era uma verdadeira beleza, que saiu com ele sem nunca voltar.

Eu não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Eu sabia que a verdadeira mãe de Grizz tinha morrido no parto e que o homem que o criou não era seu pai biológico. Poderia ser a mãe de Grizz a mulher da qual a Irmã Agnes estava me falando? Eu estava ouvindo sobre o nascimento de Grizz?

— Como surgiu a foto de Ruthie e Razor? Ela teria sido tirada anos após o nascimento deste bebê, não? — Eu estava quase escorregando na cadeira.

— Vou chegar lá, criança — assegurou a Irmã Agnes suavemente. — Depois de nos contar essa história, ela beijou o bebê e, com seu último suspiro, disse-nos para contarmos ao marido como ela queria que ele o nomeasse. No entanto, também nos pediu para não dizer a ele o porquê. Ela queria que seu primeiro nome fosse o nome de solteira de sua mãe. Seria a única conexão com sua casa e família que ela poderia deixar a seu filho. — A Irmã engoliu em seco. — Ela morreu enquanto o segurava em seus braços e chorei até dormir naquela noite.

O ar se materializava em meus ombros.

— Fiquei com minha tia um pouco mais, depois dirigi até a solitária casa da fazenda para dar uma olhada naquele menino — seguiu a idosa. — Quando finalmente entendi qual era meu chamado divino, deixei minha tia, mas pedi a ela que continuasse verificando como a família estava. Ela fez isso por um tempo, me

lembro de receber uma carta dela me contando que o bebê tinha se tornado uma criança robusta com os olhos verdes mais brilhantes que ela já tinha visto. Mais brilhantes do que a grama mais verde em uma manhã de primavera.

Grizz.

Engasguei-me quando o nome quase escapou pelos meus lábios, e a Irmã Mary Katherine olhou para mim, os olhos cheios de preocupação. Eu balancei minha cabeça respeitosamente.

— Perdoe-me, Irmã Agnes. Por favor, termine.

— Minha tia também disse que tinha um mau pressentimento, que talvez o filho fosse um pouco negligenciado, mas ela esperava que as coisas melhorassem quando ele se casasse novamente. Minha tia morreu e eu nunca mais voltei àquela casa de fazenda. — Ela fez uma pausa. — Isto é, até 1956.

Na época, já fazia parte da Igreja Católica, fiz meus votos e morava em diferentes estados. Quando me vi de volta à Flórida, fiz questão de visitar àquela casinha em Macon's Grove. Foi quando me deparei com Ruthie e Razor brincando no jardim da frente. Lembro que Razor rosnou para mim assim que me aproximei, mas a pequena Ruthie o silenciou. Perguntei se a mãe dela estava em casa e ela disse que estava no quintal. Não pude deixar de questionar com quem ela morava lá, e a garotinha me disse que tinha um pai e um irmão. Fiquei intrigada se o irmão dela era o bebê que ajudei a dar à luz tantos anos atrás. Eu perguntei seu nome, mas Ruthie apenas o chamou de irmão. Ela era uma criança linda, mas havia algo triste e distante em seus olhos. Foi só quando questionei mais sobre seu irmão que seu rostinho se iluminou.



Um fraco sorriso surgiu nos lábios da Irmã e eu não pude deixar de refletir o movimento em meu próprio rosto. Respirando fundo, ela seguiu:

— De qualquer forma, sempre carreguei minha câmera e comecei a tirar fotos deles brincando na grama. Então sua mãe, que não era uma mulher muito legal, veio correndo pela lateral da casa e me disse para cuidar da minha vida. Tentei explicar que tinha estado naquela casa anos antes e estava apenas verificando como a família estava. Aquela mulher me disse, em palavras que uma freira e uma criança nunca deveriam ouvir, o que eu poderia fazer comigo mesma. É claro que, depois, perguntou por que razão eu estava tirando fotos da filha dela. Pedi desculpas e disse que se ela me desse seu endereço, eu certamente lhe enviaria uma foto depois de revelar o filme. E, de fato, o fiz. Era uma foto semelhante à que você está segurando. Eu a enviei para ela assim que revelei.

Agnes suspirou, então. Eu poderia dizer que a história a estava desgastando, mas queria que ela terminasse. Como se sentisse minha ânsia de curiosidade, a Irmã continuou com uma voz cheia de tristeza:

— Para encurtar a história, fui enviada à Índia logo depois disso. Muitos, muitos anos depois, voltei aos Estados Unidos e me vi em Macon's Grove mais uma vez. Encontrei a casa, mas todos os vestígios da família se foram. Eu perguntei pela cidade e as pessoas disseram que a família fez as malas e saiu dali sem contar a ninguém. — Ela balançou a cabeça. — Ruthie e Razor estão na minha lista de orações sem resposta desde então. Eu acho que penso neles como a única conexão com o bebê que uma vez segurei. Ele não tinha olhos verdes logo depois que nasceu, mas fui

assombrada por eles mesmo assim. Acho que estava vivendo de uma memória que pertencia à minha tia. Aquele menino, a menina e seu cachorro, todos eles deixaram uma marca em minha alma que não vai embora. Eles são, definitivamente, uma de minhas orações não respondidas.

Alguns minutos silenciosos se passaram enquanto eu digeriria lentamente tudo que me foi contado. Eu estava esperando a freira idosa continuar quando ouvi roncos suaves e percebi que ela tinha adormecido, assim me virei para a Irmã Mary Katherine.

— Irmã, posso voltar depois que ela acordar?

— Claro, Guinevere, porém... posso perguntar... por quê? — perguntou enquanto caminhávamos de braços dados até a porta do quarto da Irmã Agnes.

Parei e observei seu rosto enrugado, mas perspicaz.

— Porque não tenho certeza, mas acho que você poderá adicionar a foto de Ruthie e Razor à gaveta de orações respondidas da Irmã Agnes.

# Capítulo 32

## Tommy, 2001 - Fort Lauderdale

Tommy e Ginny caminhavam de mãos dadas pela praia de Fort Lauderdale. Era inverno no sul da Flórida, mas o sol quente da tarde os aquecia enquanto a suave brisa do oceano acariciava suas peles.

Era o fim de semana, depois que Ginny deveria voltar para casa de sua visita a Illinois. Ela ligou para Tommy na noite do sábado anterior e lhe disse que queria fazer outra parada no caminho de volta e que não chegaria no domingo, como havia planejado originalmente. Quando ele a questionou, ela lhe contou sobre tudo o que ouviu da Irmã Agnes.

Tommy ficou desapontado, mas sabia que era algo que a esposa se sentia obrigada a fazer e ele não interferiria. Ele remarcou sua noite especial na praia e estava animado para contar a ela suas novidades, mas o motivo da mudança nos planos da viagem diminuiu seu entusiasmo.

*Agora*, ele apertou a mão dela com força e deixou escapar:

— Grizz não é meu pai, Ginny.

Ela congelou, surpresa.

— O quê?

— Você ouviu certo, Gin. Ele não é meu pai.

— Como você poderia saber disso, Tommy? Quero dizer, como pode ter certeza? — Sua voz soou cautelosa, mas com esperança.

Tommy explicou como ele teve seu DNA comparado ao de Mimi em 1999 — ou melhor, o que ele pensava ser o DNA de Mimi. Disse que havia levado uma escova de dente rosa para seu amigo Dale e como erroneamente pensou que pertencia à garota.

— Então aquela escova de dente rosa que você levou para seu amigo em 1999 era do Jason? E Dale confirmou que o DNA era compatível com o seu?

Tommy sorriu.

— Sim. E era compatível com o meu porque era de Jason, mas eu não sabia disso. Então, ouvi as crianças falando sobre as escovas de dente pouco antes do cruzeiro. Peguei o garfo que Mimi usou naquela manhã, durante o café, e levei de volta para ele. Eu deveria saber disso antes, mas... meu amigo sofreu um grave acidente de carro. Então, com o Natal e o Ano Novo logo depois disso, ele não conseguiria fazer o teste. De qualquer forma, me respondeu na semana passada. — Tommy apertou a mão de Ginny. — Ele checkou duas vezes, Gin. Mimi e eu não somos parentes biológicos. Eu sei que você foi fiel a Grizz. Mimi é definitivamente sua filha. Mas não sou filho dele. Também não sou meio-irmão de Mimi. Acho que foi uma coisa boa nunca termos contado a ela por falta de tempo.

A mulher gritou de felicidade e saltou sobre ele, envolvendo as pernas com força em sua cintura. O ímpeto o pegou desprevenido e eles caíram na areia. Tommy a olhou e gentilmente acariciou seu queixo com o polegar. Ele trouxe sua boca para a dela e beijou-a suavemente. Quando se afastou, Ginny tinha uma expressão séria nos olhos.

— Seu verdadeiro pai. Você acha que algum dia vai querer encontrá-lo, Tommy? Quero dizer, você me contou a história da sua mãe. Acha que conseguiria saber quem é seu verdadeiro pai?

Ele respirou fundo.

— Tenho certeza de que sei quem ele é, Ginny.

Ela agitou os cílios e franziu o cenho.

— Como? Como poderia saber?

Tommy se sentou e apoiou os cotovelos nos joelhos enquanto olhava para o oceano vasto. Ele podia senti-la se sentar ao seu lado, gentilmente colocando a cabeça na curva de seu ombro.

— *A Internet* é uma coisa incrível, sabe? Redes de busca e mídias sociais. Se fosse nos anos setenta, provavelmente você teria sido encontrada no mesmo dia em que o Monster a levou.

Ela não respondeu, apenas acariciou-o levemente nas costas enquanto continuava a ouvir.

— Quando Dale me disse que meu DNA não combinava com o de Mimi, decidi fazer algumas pesquisas e comecei a procurar pela mãe de Candy, minha avó. Provavelmente, eu deveria ter feito isso anos atrás. Foi mais fácil do que você imagina. Eu a encontrei, Ginny. Ela não foi muito longe. Mora em um pequeno trailer ao norte de West Palm Beach. Fui de carro até lá na semana passada e nem precisei me apresentar. Ela me conhecia. Me reconheceu. Ou melhor, ela reconheceu outra pessoa...

— Quem? — Ginny levantou a cabeça do ombro de Tommy e olhou para ele, seus olhos fixos com a atenção redobrada.

— Não é um bom homem e não é uma boa história. Você tem certeza de que quer saber?

— Sim, Tommy, eu quero. — A resposta dela foi tão baixa que ele quase não a ouviu sobre o barulho das ondas quebrando na costa litorânea.

— Eu preciso te contar algumas informações primeiro, Gin. Preciso te dizer o resto da história de Grizz, o que ele me contou quando o vi antes de morrer. Você já sabe sobre sua infância e sua irmã mais nova, sabe também que ele matou sua família depois que sua irmã morreu.

Ela assentiu.

— Tem mais.

Tommy então começou a contar a ela o resto da história de Grizz — sobre eles e sobre as camadas infindáveis de decepção — não deixando *nada* de fora.

Ela se recostou e olhou para ele, os olhos arregalados em descrença. Isso explicava tudo e *agora* sabia a razão pela qual Grizz a rejeitou. A razão por ele ter insistido em seu casamento com Tommy.

Antes que Ginny pudesse dizer qualquer coisa, ele voltou o seu olhar ao oceano e continuou:

— Você é uma mulher inteligente, Gin. Ele poderia ter confiado em você com a verdade, mas acredite ou não, eu entendo o porquê ele não confiou. É uma merda bem pesada. É a razão pela qual lemos livros e assistimos filmes; escapar para um mundo que não é real. Infelizmente, muito do que vemos e lemos é, sim, muito real, e a história de Grizz, não importa o quão estranho possa parecer, é a verdade. Pelo menos ele acreditava que era.

Tommy fez uma pausa e pesou cuidadosamente o significado de suas próximas palavras.

— Mas agora que ele está morto, não há problema. Provavelmente não era problema para eles muito antes de ele ser executado. Eles nunca quiseram te machucar. Eles só queriam machucá-lo por chantageá-los por tantos anos.

Ele olhou para Ginny e esperou que ela dissesse algo.

Qualquer coisa.

Tommy sabia o que precisava ouvir. Aquele seria o momento decisivo em seu casamento. Tudo se resumia às próximas palavras que sairiam de sua boca. Ele estava prendendo a respiração.

Ela as diria?

Ginny engoliu em seco e fitou as profundezas dos olhos do marido. Ela sabia que estava sendo testada. Ele precisava dela para validar seus verdadeiros sentimentos por ele, e a única maneira que poderia fazer isso era com a verdade; a mulher tinha certeza de que ele já a sabia — ou, pelo menos, tinha adivinhado.

— Graças a Deus. Graças a Deus você sabe, Tommy. Eu nunca quis dizer a você, porque era inútil para mim. — Depois de toda a conversa sobre mentiras e segredos, ela se convenceu de que o que Tommy não sabia era o melhor para ele. Ela tinha sido uma hipócrita por todo aquele tempo.

As palavras saíram antes que ela pudesse detê-las:

— Ele não está morto.

O suspiro de alívio que escapou por entre os lábios dele foi mais do que audível. Ele a agarrou e puxou em seus braços, acariciando seus cabelos e sussurrando em seu ouvido.

— Obrigado. Obrigado por me dizer a verdade, Gin.

Eles se sentaram na praia, envoltos nos braços um do outro, sentindo-se seguros e protegidos no conforto de seu amor.

Depois de um minuto, Ginny se afastou e inclinou a cabeça levemente a fim de olhar para ele.

— Como você sabia?

— Suspeitei quando Axel me pagou pelos carros e as motos. Eu descobri que a moto favorita de Grizz não estava na garagem. Lembrei da história que ele me contou quando o visitei na prisão, antes de sua suposta execução. Pensei que, se alguém podia fazer uma façanha como essa e se safar, seria Grizz.

Tommy, depois, perguntou a esposa como ela descobrira e há quanto tempo sabia. Ginny, cansada de mentiras, contou a ele sobre o dia em que foi limpar a garagem de Carter e tinha planejado devolver a bandana azul à moto de Grizz, antes de vendê-la.

— Uma história como a que acabei de contar é algo que você lê em romances de suspense de ficção. — Ele olhou para Ginny, os olhos como personificações de suas dúvidas. — Você não parece surpresa com isso.

— Acho que é porque não estou. Pense nisso, Tommy. Pense em alguns dos estudos bíblicos que fizemos ou no que vemos nas notícias todos os dias. Não estou chocada ao saber que existem forças invisíveis e pessoas reais por aí, conduzindo as coisas nos bastidores. Ou, pelo menos, tentando controlá-las. Se Grizz foi capaz de realizar uma execução falsa, por que a existência deste grupo me surpreenderia?

— E isso não te assusta? O que está acontecendo nos bastidores...

Ela olhou para ele, séria, e dobrou os lábios em um pequeno sorriso.

— Eu sei onde está minha fé, Tommy.



Ele acenou com a cabeça e sorriu. Sua Ginny estava ali, tão constante e forte em sua fé.

Tommy a amava até o âmago de seu ser.

Mas ele também sabia que precisava mencionar mais uma coisa, que havia pensado muito a respeito depois que ela adiou sua viagem para casa. Ele não queria fazer isso, mas sabia que precisava. Isso ia contra tudo pelo que lutava, mas também era a única maneira que ele poderia ver um futuro com ela sem a sombra de Grizz espreitando em suas vidas.

Era a única maneira de encontrar paz.

— Então, o que você fez com a bandana? — A esperança em seus olhos perfurou seu coração.

Ela sorriu para ele e disse a verdade:

— Eu joguei no lixo naquela mesma noite, Tommy. Foi-se.

Ginny sabia que ele acreditava nela. Seu sorriso era tão largo que ela pensou que seu rosto iria rachar. Ele se levantou e a puxou para si, tomando o rosto em suas mãos antes de lhe dizer:

— Eu quero que você me prometa uma coisa.

— É claro! Qualquer coisa, Tommy.

— Quando terminarmos nossa pequena escapada, precisamos parar em uma loja no caminho para casa.

— Uma parada às compras? Você sabe o quanto eu odeio fazer compras, Tommy, mas uma promessa é uma promessa — brincou em resposta. — O que vamos comprar?

Ela se aconchegou em seu peito, os braços firmemente em volta de Tommy, sentindo seu calor e o modo como o queixo dele estava apoiado em sua cabeça, até se surpreender com as próximas palavras que saíram dos lábios dele:

— Precisamos comprar outra bandana azul. Eu quero que você a use.

# Capítulo 33

## Ginny, 2001 - Fort Lauderdale

Eu não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Afastei-me de Tommy e olhei para ele. Minhas sobrancelhas franziram em concentração enquanto eu tentava entender sua última frase.

— Você quer que eu faça o quê?

Ele não me respondeu imediatamente, uma pequena família estava passando por nós e seguindo seu caminho feliz pela praia. Coloquei minhas mãos em meus quadris e esperei por sua resposta.

— Eu quero que você atraia o Grizz. Quero que use a bandana.

— Você perdeu a cabeça? — Olhei para ele, perplexa. — Depois de tudo que acabou de me dizer, quer que eu o veja?

Meus olhos se estreitaram quando outro pensamento me ocorreu.

— Isso é um truque, Tommy? Você está me usando para atraí-lo? Quer que alguém realmente o mate?

Sem lhe dar tempo para responder, comecei a marchar de volta para o nosso hotel. Eu podia senti-lo perto dos meus calcanhares, acelerando para me acompanhar. Ele me agarrou pelo cotovelo e me girou para encará-lo.

— Absolutamente não, Gin. Não é por isso.

Sua expressão era tão sincera que fui pega de surpresa. Esperei que ele continuasse. Ele olhou para o céu e balançou a cabeça ligeiramente.

— Não posso mais fazer isso, Ginny. Não quero mais... Você precisa que Grizz venha até você para que possa descobrir o seu coração, querida.

— Eu conheço meu coração! — gritei tão alto que alguns pássaros farfalharam em voos inesperados. Ele não olhava para mim. — Eu conheço meu coração, Tommy. Está aqui, com você.

Eu não conseguia acreditar que ele estava me pedindo para usar a bandana. Tommy estava sabotando propositalmente o progresso que havíamos feito? E se sim, por quê? Meu coração doeu com a mera possibilidade e a sensação de decepção fisgou meu peito, se alastrando.

Tommy seguiu sem olhar para mim, então vi algo em seus olhos que me entristeceu.

— Não, não está. Não completamente. Eu não posso competir com Grizz, Gin. Não quero passar o resto da minha vida olhando por cima do ombro, me perguntando se ele vai aparecer de novo. Estou feliz por ele ter deixado uma maneira de você entrar em contato com ele, se necessário, mas simplesmente não posso mais viver assim. Estou me recusando a viver dessa maneira.

— Eu não sou estúpida, Tommy. Sei que você acabou de me testar há instantes, e eu sei que passei. Por que você está fazendo isso? Nosso futuro está finalmente aqui, agora. Todos os anos que você esperou para estar comigo. Os últimos quinze anos de nosso casamento, um bom casamento, e tudo se resume a isso?

— Se ele está vivo, você precisa fazer uma escolha. — A resolução em sua voz era firme.

— Eu fiz uma escolha, Tommy. Estou ao seu lado e não planejo ir a lugar algum. Você não me ouviu? A bandana está em

um aterro sanitário.

— Mas você já foi a algum lugar, Gin. Depois de falar com as freiras, parou no caminho para casa. Você visitou o lugar onde os verdadeiros pais de Grizz nasceram. Você ainda está procurando por mais. Pelo o quê? Por quê?

Passei a mão pelo cabelo enquanto sua acusação e pergunta desciam pela minha garganta.

— Eu parei lá por você e Mimi. As raízes de Grizz são as raízes dela, Tommy. E até dez minutos atrás, eu ainda tinha a impressão de que você era filho dele. Eles também teriam sido suas raízes.

— E depois de tudo o que passamos, você está pronta para conectar Mimi de volta à família de Grizz? Você não percebe, Ginny, que isso não vai embora? Isso nunca vai embora. Você precisa ver Grizz e confrontar seus sentimentos de uma vez por todas. Eu não gosto disso, tem razão, porque vai contra tudo pelo que lutei, mas de repente estou cansado, Ginny. Eu estou muito cansado.

No silêncio que se seguiu, apenas o encarei. Eu não tinha certeza de como reagir, mas sabia que estava com raiva, porque senti que ele havia me enganado, porém, ao mesmo tempo sabia que ele estava sendo sincero. Pior ainda, eu sabia que ele tinha razão.

Meus ombros caíram, até que algo a mais me atingiu.

— Então... eu acho que você não acredita na história que ele te contou. Quer dizer, se ele vier até mim, acho que não há *nenhuma* ameaça à vida dele. Minha vida. Isso tudo é um absurdo?

— Não disse isso. Eu acredito que a ameaça era real. Mas não mais. Se ele ainda está vivo é porque eles não dão a mínima,

Gin. Se eu acreditasse que ainda há uma ameaça plausível deles, não importa quão pequena fosse, eu não estaria dizendo para você colocar aquela bandana. Eu não teria te contado *nada* disso. Além do que, ele não será capaz de simplesmente se desdobrar e bater à nossa porta. Grizz ainda precisa viver fora de alcance. Ele não correria o risco de ser visto ou reconhecido por alguém que pode se lembrar dele.

Eu cruzei meus braços.

— Quer dizer, se eu decidir que quero ficar com Grizz... como isso funciona? Eu vou embora no pôr do sol, deixando você e meus filhos? — Antes que percebesse, bati meu pé na areia. — Parece ridículo e nem é uma decisão a ser tomada, Tommy. Eu sou sua esposa. *Sua* esposa. — Eu o cutuquei no peito.

Ele não vacilou.

— Ver Grizz não vai me fazer mudar de ideia — acrescentei.

Tommy suavemente agarrou meus ombros e o que ele disse enviou um arrepio por toda a extensão de minha espinha. Eu sabia que era doloroso para ele, mas também sabia que falava sério.

— Se chegar a esse ponto, prometo que vamos descobrir uma maneira de fazer funcionar. Eu não sei como, logo não me pergunte detalhes porque, acredite em mim, não é algo que eu me permito pensar sobre.

Eu o empurrei rudemente e me virei para voltar ao nosso hotel.

Em vez de fazer amor em nosso romântico quarto com vista para o oceano, passamos o resto da noite conversando. Cancelamos nossas reservas de jantar e optamos pelo serviço de

quarto. O hotel servia uma refeição de qualidade, mas poderia muito bem ser de papelão.

Colocamos a conversa sobre a bandana em segundo plano, enquanto Tommy me contava mais detalhes sobre seu encontro com sua avó. Aparentemente, ela o confundiu com outra pessoa. Sua mente, nublada por anos de álcool, pensou que ela estava sendo visitada por alguém de seu passado.

— Aparentemente, sou a cara de David Enman — disse-me com uma careta. — Ou melhor, como seria a aparência dele se tivesse vivido mais tempo.

Balancei minha cabeça de um lado para o outro, sem reconhecer o nome.

— Ele era irmão de Donald Enman — explicou Tommy. — Donald Enman era Red, o cara que te falei que Grizz conheceu no Motel. Red era o padrinho de Candy e, como suspeito, meu pai.

— Por que suspeita dele? Talvez seu pai seja David, irmão de Red. É quem ela pensava que você era.

Tommy explicou como sua avó conhecia Donald e David Enman e que David morrera anos antes de Candy engravidar.

— A mãe de Candy, minha avó, cresceu com os irmãos Enman. Red foi responsável por apresentá-la ao pai de Candy, Tom, que me deu o nome de nascimento. Ela conhecia Donald e David Enman muito antes de ele entrar em cena.

Seus olhos correram para a parede por cima do meu ombro conforme seus lábios suspiravam.

— Faz sentido agora, Gin — prosseguiu. — O que Grizz me disse. Como Red estava obcecado em tirar Candy das ruas, o modo como ele a manteve praticamente mantida em cativeiro no pequeno

apartamento de Grizz, acima da garagem. Lembro de Grizz, especificamente, me dizendo que Red ficou lá com ela quando ele e Anthony não puderam. Acho que ele a estava estuprando, Ginny. Acho que provavelmente isso estava acontecendo muito antes de sua adolescência. Acabo pensando que foi por isso que ela se voltou à prostituição e as drogas. Para ficar longe dele. Eu fico assustado quando penso em como Grizz deve ter inventado seu apelido.

— Me conta. Como ele pensou em Candy? — Meu estômago embrulhou ao terminar a pergunta.

— Grizz me disse que Red mantinha um saco de doces atrás de sua cabeceira porque minha mãe, até então Stacy Ann, adorava doces. Meu corpo todo se arrepiava pensando em predadores sexuais e como eles usam doces para atrair crianças. Eu me pergunto se ele estava fazendo a mesma coisa com minha tia Karen. Pode explicar por que ela estava tão infeliz, também.

— *Oh*, Tommy. Grizz sabia o que Red estava fazendo com sua mãe?

— Não. Não acho que ele sabia, Gin. De verdade, acredito que Grizz pensava que eu era seu filho. Ele nunca tinha conhecido o irmão de Red, então não teria visto as semelhanças ou feito a conexão como minha avó fez. Claro, eu não posso provar *nada* disso. Acho que posso descobrir onde Red ou seu irmão, meu pai biológico, estão enterrados e exumar um deles; ver se há algum DNA utilizável, mas não. Eu já tenho minha prova. Já encerrei o assunto.

De repente, senti o peso do mundo que repousava sobre os ombros do meu marido e sabia a razão de ele se sentir tão exausto.



Fiz o meu melhor para consolá-lo e passei o resto de nossas miniférias tentando dissuadi-lo do plano ridículo de trazer Grizz até nós. Ele ainda era insistente, um cabeça dura, mas não paramos no caminho de casa para comprar uma bandana. Isso já servia de alívio.

\*\*\*

Uma semana se passou e voltamos à nossa rotina, com nossa vida e filhos. Eu secretamente esperava ter sonhado com toda a bobagem da bandana. Não tinha sido mencionada desde aquele dia na praia, e eu tinha certeza que a sugestão de Tommy só tinha sido provocada pelas emoções de descobrir sobre seu verdadeiro pai.

Claro, disse a ele naquela noite no hotel que ele estava se agarrando a tudo com base nas memórias de uma velha senhora. Silenciosamente, Tommy pegou sua carteira e tirou uma foto. Meu queixo caiu quando vi a verdade. Eu estava olhando para a foto de um David Enman de dezoito anos, que poderia ser um retrato perfeito de Tommy.

Mas *agora*, pensei que tudo estava de volta ao normal. Normal o suficiente. Eu coloquei o que descobri sobre Grizz e sua família em um canto escuro de minha mente, dizendo a mim mesma que se eu decidisse compartilhar isso com Mimi não o faria *agora* e, definitivamente, não o faria sem Tommy.

Eu estava na lavanderia dobrando roupas. Jason tinha um jogo de basquete chegando e todos os seus uniformes estavam sujos. Ouvi Tommy entrar pela garagem, pude escutar sua pasta

fazendo um barulho familiar no banco e estava sorrindo para mim mesma quando ele veio por trás de mim e beijou meu pescoço.

— O jantar cheira bem.

— É o seu favorito — disse, recostando-me em seu corpo.

— Vou subir para me trocar. Eu estarei de volta em alguns minutos.

Virei para encará-lo e olhei em seus olhos. Meu sorriso desapareceu quando vi uma expressão que me deixou inquieta.

Sem interromper o meu olhar, ele tateou em busca da minha mão e colocou algo nela, fechando lentamente meus dedos em torno do presente misterioso. Tommy se virou e saiu da lavanderia. Eu podia ouvi-lo subindo as escadas em direção ao nosso quarto.

Foi então que olhei para baixo, na direção do enrolado em minha mão, e vi com o que ele estava me presenteando: uma bandana azul.

# Capítulo 34

## Tommy, 2001 - Fort Lauderdale

— Acho que você está sendo ridículo, mas quer saber? Se é tão importante para você, se é o que preciso fazer para provar que superei ele, então eu farei isso. Mas deixe-me esclarecer, Tommy, que não estou fazendo isso por mim. Eu conheço meu coração. Estou fazendo isso por você.

Ginny fez como prometido e prendeu o cabelo em um rabo de cavalo alto, enrolando a bandana azul em volta dele, e o usou assim durante o jogo de basquete de Jason.

Tommy notou a ida discreta de Carter ao banheiro feminino.

Estava feito. Não havia mais volta, *agora*.

Para um observador casual, Tommy e Ginny pareciam ser o epítome da felicidade. Apenas Tommy percebia as nuances mais profundas de sua atitude. Ela estava chateada com ele e não podia culpá-la.

Ginny falara muito pouco desde o jogo daquela tarde. Ele subiu as escadas naquela noite, sozinho, e depois de esperar por ela até tardar da noite, finalmente decidiu desligar a luz e tentar dormir um pouco. Ela disse a ele que iria assistir TV no escritório e que logo estaria de pé. Ou ainda estava chateada ou adormeceu.

Ele foi acordado por seu celular zumbindo em sua mesa de cabeceira e fitou o relógio com os olhos embaçados. 06h45. Tommy pegou o telefone e, não reconhecendo o número que o chamava, atendeu. Pode ter sido uma das crianças do abrigo onde ele se ofereceu.

— Sim? — murmurou sonolento.

Ele olhou para a esquerda e percebeu que Ginny não tinha ido para a cama.

— É o Blue. Eu preciso falar com você. Ouvi algo pelas ruas. Não sei quanta verdade há nisso, mas quero que você saiba o que ouvi.

— Do que se trata? — Tommy estava totalmente desperto, agora.

— É algo que ouvi sobre sua filha. Sobre Mimi.

— Conte-me. — O homem endireitou-se na cadeira, o tom urgente nas palavras. — O que houve? Ela está em perigo?

— Não, não está em perigo. Pelo menos, não mais. Já se passaram alguns meses, mas preciso saber se você deseja que algo seja feito a respeito. Não quero falar sobre isso por telefone e estou tentando ficar longe desse tipo de merda, mas acredito que isso é importante. Pode se encontrar comigo?

— Posso. Eu estava indo ao escritório hoje por algumas horas, mas te encontrarei primeiro.

Tommy já estava fora da cama e indo para o chuveiro.

— Faça-me um favor — seguiu Blue. — Não traga a Ginny. Eu não acho que isso seja algo que ela queira saber.

*Então é uma coisa boa que ela não estar deitada ao meu lado.* Tommy desligou. Como ele teria explicado uma ligação matinal de Blue? O cara devia ter pensado melhor antes de ligar, foi arriscado.

Menos de vinte minutos depois, Tommy desceu as escadas. Ele encontrou Ginny dormindo na sala de estar, a TV ainda ligada.

— Gin. Gin, acorde. — Ele a sacudiu suavemente e ela gemeu ao abrir os olhos.

— *Uh*, acho que adormeci. Eu pretendia subir. Eu...

— Posso ver que sim, ainda está com suas roupas — disse a ela, acalmando-a do despertar súbito.

— Parece que você está pronto para ir a algum lugar. — Suas sobrancelhas se uniram. Era sábado, não era?

— Esqueci de dizer que tenho que me encontrar com Phil e Brody. Preciso repassar alguns projetos em que estão trabalhando para um novo cliente, que chegará na segunda-feira. Você quer me encontrar para almoçar em algum lugar? Trazer as crianças junto? Jason não tem jogos, hoje. Talvez possamos levá-los a uma matinê de cinema depois. Quer dizer, isso se você acha que pode encontrar algo que todos queiram assistir.

Ele estava surpreendentemente calmo e suas emoções estavam firmes.

— Sim — concordou ela com uma voz grogue, sentando-se. — Sim, isso parece bom. Mesmo que não possamos chegar a um acordo sobre o filme, eles têm que comer. — Ela esfregou os olhos e conteve um bocejo. — Sinto cheiro de café.

Ele beijou sua testa.

— Acabei de ligar o bule para você. A água ainda está fervendo. Vou tomar um no caminho do trabalho. Ligue-me por volta do meio-dia, acertamos tudo.

Às 7h30 de uma manhã de sábado, as ruas do sul da Flórida já estavam vivas e movimentadas. Seu encontro com Blue não o levaria muito longe de sua rota normal para o trabalho. Ele parou em uma loja de conveniência, que também tinha bombas de gasolina.

Ele deixou a bomba ligada enquanto se dirigia para dentro da loja, a fim de um café para viagem.

Tommy desejou bom dia ao balconista atrás da bancada e se dirigiu aos fundos, onde viu uma estação de café. O funcionário ergueu os olhos do jornal que estava lendo e resmungou qualquer coisa. Tommy era o único dentro da loja e tinha acabado de fazer seu café quando percebeu que havia algo pegajoso na alça da garrafa que usou para derramar o creme. Droga. Ele deixou sua xícara no balcão e se dirigiu ao banheiro para usar a pia.

No momento em que saiu, sentiu a tensão no ar. A atmosfera havia mudado, *agora* a inquietação pairava sobre sua cabeça, fazendo o sangue fluir mais rápido. Silenciosamente, ele fez seu caminho pelos corredores e podia ver seu carro nas bombas de gasolina. Ele não viu *nenhum* outro automóvel na frente da loja.

— Mantenha as mãos acima do balcão! Me dê o dinheiro! Coloque aqui!

Um roubo. Tommy pôde ouvir a mão do criminoso bater com força no balcão enquanto ele abria o que devia ser uma mochila.

— Se você tentar alcançar qualquer coisa abaixo do balcão, vou colocar uma bala na sua cabeça. Tá entendendo?

Tommy abaixou-se enquanto examinava a loja. Ele pegou o celular e lembrou que o havia deixado no console do carro. Merda! Ele ergueu a cabeça ligeiramente para ver acima das prateleiras. O bandido *agora* estava balançando a arma pelo ar. O funcionário nervoso fazia tudo o que ele mandava, mas Tommy percebeu que estava tremendo demais. Ele deveria intervir? Deveria ficar parado?

Ele olhou pela janela da frente, então. Outro carro havia estacionado e um homem idoso recostava-se no capô enquanto seu

tanque era abastecido. O velho provavelmente pagou com cartão de crédito e não entraria na loja. Ótimo.

— Você deixou cair de propósito, filho da puta!

— Não! Não! Não deixei! — A voz do balconista estava desesperada. — Você está me assustando balançando essa coisa. Pode disparar!

— Sei bem disso, e vai disparar agora mesmo!

Em dois movimentos rápidos, o ladrão atirou no rosto do balconista e saltou sobre a bancada para recuperar a sacola com o dinheiro caído.

O tempo parecia ter parado. Como se estivesse em câmera lenta, Tommy viu o homem subir de volta no balcão. Ele tinha uma sacola plástica de supermercado, não uma mochila, quase transparente de tão fina, e nela Tommy pôde ver que havia dinheiro. Ele não tinha conscientemente percebido, mas lentamente se aproximou mais pelo corredor em direção à caixa registradora. Se fosse rápido, poderia dar uma investida por trás e derrubar o ladrão no chão. Ou ele poderia deixá-lo sair e não correr *nenhum* risco.

Tommy e o homem a viram ao mesmo tempo. Havia uma jovem se aproximando da porta. O criminoso começou a levantar a arma. Ele ia atirar nela assim que entrasse.

Tommy não teve que tomar uma decisão. Tomaram por ele.

Assim, ele se arremessou por detrás do homem, mas algo o devia ter denunciado, chamando a atenção do assaltante, porque ele se virou a tempo de evitar o golpe.

A arma disparou uma vez e Tommy sentiu uma pontada de dor no estômago.

Eles estavam lutando pela arma, *agora*. Uma fração de segundo pareceu decorrer ao longo de uma eternidade.

Os segundos pareciam um chicote, se esticando e retraíndo enquanto lutavam, o tempo parando abruptamente. Sua mente estava desordenada com pensamentos que tentavam lutar por sua atenção, mas todos eles vieram a Tommy em uma ordem adequada e sucinta.

Que estranho, ele não tinha notícias de Blue há anos e, no entanto, na manhã em que deveriam se encontrar, Tommy presenciou um assalto. Isso foi uma armação? Ele era o alvo real?

A resposta lhe veio tão rápido quanto o pensamento. Não. Ele selecionou aleatoriamente aquela loja. Se tivesse ficado no banheiro por mais tempo, o assaltante poderia ter ido embora antes de ele sair. O criminoso não estava procurando por Tommy, estava se dirigindo à saída.

Ele olhou para o rosto do homem e fitou os olhos azuis opacos que não viam o sono há dias. Olhos que procuravam pela oportunidade do próximo tiro. Havia medo misturado com raiva e desespero naquele olhar. Ele provavelmente não tinha *nem* vinte anos. Mas já havia matado antes? Tinha família? Seus pais sabiam o que o filho estava fazendo?

Mesmo com todas essas coisas passando por sua mente, Tommy conseguiu olhar para a porta. Ele viu a garota entrar, notou o reconhecimento da situação e o medo do que estava acontecendo em seu rosto, observou enquanto ela se virava e corria, agitando os braços freneticamente enquanto se dirigia para outro motorista que acabara de estacionar.



Depois, olhou de volta nos olhos do homem que havia jogado toda a sua vida fora com uma decisão errada.

Tommy sentiu a arma se soltar do punho dele, mas não antes de disparar pela segunda vez. Quando caiu no chão, outra bala se alojou em seu peito. A arma *agora* jazia firmemente em seu próprio punho, e seus últimos pensamentos se redigiram a ela:

— Ginny. *Oh*, Ginny, por favor, me perdoe — sussurrou.

E então seu mundo escureceu.

\*\*\*

Ginny olhava para seu reflexo na penteadeira do banheiro.

Depois que Tommy a acordou, ela foi até a cozinha e se serviu de uma xícara de café, levou sua caneca de volta para a sala e se sentou.

Bebendo seu café, refletiu calmamente sobre as últimas duas semanas, em especial sua visita à Irmã Mary Katherine e Irmã Agnes, também sobre o desvio em seu caminho para casa, o qual a levou ao lugar onde pensou que encontraria alguns dos parentes de Grizz. As memórias da freira idosa e as suspeitas de Ginny podiam ser confirmadas?

Ela ficou surpresa com o que encontrou: uma comunidade unida de pessoas com raízes que datam de antes da Guerra Civil. Ela foi rapidamente encaminhada ao historiador local e ele ficou mais do que feliz em passar a manhã ao seu lado, compartilhando lendas, mitos e memórias locais. Ele também foi capaz de compartilhar alguns fatos e sabia exatamente sobre quem Ginny estava perguntando. Na verdade, ele tinha uma surpresa para ela.

Ginny foi tirada de seus pensamentos quando Spooky pulou em seu colo, quase a fazendo derramar o café.

— Seu pequeno fedorento. De onde você veio? — Ginny perguntou ao gato enquanto colocava sua xícara na mesinha e começava a acariciar seu pelo macio. Ela sorriu para si mesma enquanto pensava em como Jason havia insistido em ser ele a dar um nome ao bichano. Todos eles lhe deram sugestões, mas ele insistira em *Spooky*<sup>[10]</sup>.

— Apenas se encaixa nela — Jason argumentou a eles naquela época. — Ela é como um presente misterioso, já que você não sabe de quem veio, e ela tem pelo preto. É tudo meio... assustador.

Tommy e Ginny sabiam de quem era o presente. Tommy a tinha garantido que a gata era a maneira que Grizz encontrou de dizer do túmulo que estava feliz por eles. E ela *agora* sabia, depois de falar com Tommy na praia no último fim de semana, que era a maneira de outra pessoa avisá-los que sua casa não estava mais sob vigilância. Ela e Tommy sabiam que “outra pessoa” era o marido de Carter, Bill.

Ela balançou a cabeça ao pensar em tudo que havia descoberto.

Tommy admitiu que estava cansado. Ela podia entender o porquê, pois também estava, porém, seus sentimentos iam além e Ginny estava mais do que um pouco irritada com a insistência dele para que ela visse Grizz novamente.

Como Ginny se sentiria quando o visse? Ela quase não reconheceu o Grizz que vira na execução. Ela se perguntou se Grizz havia raspado a cabeça ou se estava naturalmente ficando careca.

E aquela barba! Ela não se lembrava dele usando uma tãõ comprida.

— Caramba, Spooky! — resmungou. A gatinha se cansou de sua companhia e, na pressa de pular de seu colo, chutou a xícara que Ginny acabara de apanhar da mesinha.

Ginny *agora* se olhava no espelho do banheiro, enxugando o café derramado de sua camiseta. Sem muitos danos causados. Não havia sobrado muito em sua xícara, de qualquer maneira.

Ela passou por Jason descendo as escadas, enquanto ela subia, e disse a ele que Tommy queria que todos encontrassem mais tarde para almoçar e ver um filme, então ele deveria falar com sua irmã depois que ela acordasse.

— Você parece um lixo, Gin — disse a mulher para si mesma. Um longo banho quente fará bem.

Assim, ergueu as duas mãos para remover a bandana e desfazer seu rabo de cavalo, mas foi interrompida por uma batida forte na porta do banheiro. Jason.

— Mãe! Mãe! Você precisa descer, agora! Alguns policiais estão aqui e querem falar com você!

# Capítulo 35

## Ginny, 2001 - Fort Lauderdale

— Sra. Dillon, eu sei que isso é um choque, sei que você está gravemente traumatizada, mas por favor, tente se concentrar. Preciso que responda à minha última pergunta.

— Eu preciso vê-lo. Eles precisam me deixar ver meu marido!  
— Eu não conseguia respirar. — As crianças... *Oh*, meu Deus, meus filhos. Onde eles estão? Eles precisam de mim!

Eu estava no hospital sentada em um pequeno escritório com dois detetives. Foi um pouco confuso como cheguei lá. Lembrei-me deles aparecendo em casa e pedindo para falar comigo sem a presença de Jason. Lembrei-me do olhar curioso e assustado de meu filho enquanto os levava ao escritório de Tommy e fechava as portas francesas atrás de nós.

Lembro-me, também, de ter ouvido o que me contaram, que Tommy havia se envolvido em um tiroteio e estava em estado crítico no hospital. Ainda me recordo de dizer a Jason para acordar sua irmã. Surpreendentemente, Mimi teve a precaução de pegar minha bolsa e telefone enquanto seguíamos os homens porta a fora e na parte de trás da viatura policial. Lembrei-me de ter agarrado firmemente Jason e Mimi enquanto explicava a eles o pouco que sabia. Lembrei-me de ouvir Mimi usando meu telefone para ligar para Carter, Christy e Sarah Jo, e ela pediu a cada uma delas que nos encontrasse no hospital. Ela me disse que Christy e Carter estavam a caminho e que ela havia deixado uma mensagem para Jo.

— Seus filhos estão bem. Eles estão com seus amigos. Você não pode ver seu marido. Ainda não, pois ele está em cirurgia. Agora, por favor, responda à pergunta, senhora.

— Eu sinto muito. Não consigo me lembrar do que você me perguntou — disse honestamente antes de assoar o nariz.

— A senhora disse que seu marido estava indo trabalhar. Consegue pensar em alguma razão pela qual ele se desviou de sua rota normal? — perguntou o mais velho dos dois detetives.

Eu parei de assoar o nariz, meus dedos ainda pressionando o lenço com força contra as narinas. Tommy estava em um posto de gasolina que não estava no caminho do trabalho? Tive uma dor de cabeça instantânea e forte.

— Não — sussurrei em resposta. — Não sei por que ele estaria lá. Você me disse que achava que foi um incidente aleatório, que houve testemunhas que disseram que foi um roubo. Eles viram o cara fugindo.

— Achávamos que era aleatório, mas depois de descobrir que seu marido deve testemunhar este ano em um julgamento, tínhamos que perguntar. Temos que verificar todas as possibilidades. Precisamos ter certeza de que não foi uma emboscada. É por isso que estamos perguntando se a senhora sabe de algum motivo pelo qual ele se desviou de sua rota normal.

Eu balancei minha cabeça lentamente.

— Não. Não consigo pensar em *nenhum* motivo. Eu o vi esta manhã antes de ele sair. Ele mencionou que ia parar e tomar um café no caminho para o trabalho, mas não disse onde. Íamos nos encontrar mais tarde para o almoço. Não havia *nada* fora do comum.

Meu corpo enrijeceu quando percebi que havia algo absolutamente fora do comum. Ontem, eu usei a bandana para atrair Grizz. E nessa manhã Tommy foi baleado. Mas eu não deixaria meus pensamentos viajarem por esse caminho.

— Já terminamos? Por favor, quero ver meus filhos. Preciso estar com eles.

— É claro, mas precisamos de uma maneira de manter contato com a senhora — respondeu o detetive mais jovem e reservado. — Qual seria a melhor maneira de entrarmos em contato?

— Isso não será um problema. Eu não vou deixar este hospital — garanti enquanto passava por eles, seguindo para a sala de espera que foi criada especialmente para famílias de vítimas de traumas.

\*\*\*

As horas que se seguiram se arrastaram de maneira infernal. Um médico me chamou à parte e tentou explicar que Tommy ainda estava em cirurgia devido à gravidade de seus ferimentos. Ainda era muita coisa para reter e a única parte que me lembro dessa conversa foi:

— Duas feridas de bala. Uma no abdômen e uma no peito, ele estará em cirurgia por algumas horas.

Foi apenas quando Sarah Jo apareceu e me conduziu ao escritório de Stan que eu finalmente fui capaz de entender um pouco das coisas. Aparentemente, ela e Stan tinham estado fora do país e estavam visitando alguns amigos durante uma escala em

Atlanta, na viagem de volta. Eles embarcaram em um voo depois de receber a mensagem de Mimi e estavam de volta a Fort Lauderdale em menos de duas horas.

— Você é o chefe da cirurgia, Stan. — Eu disse a ele com a visão turva das lágrimas e a adrenalina. — Não deveria estar fazendo a cirurgia dele ou estar lá para ter certeza de que foi feita direito?

— Ginny, eu entrei e ele tem nosso melhor time lá. Eu teria ficado e assumido se pensasse o contrário. Está indo tudo bem. O processo é extremamente difícil porque são basicamente duas cirurgias, separadas, para remover duas balas distintas. — A voz de Stan estava calma e uniforme. Tranquilizador.

Ele estava sentado atrás de sua mesa. Jo e eu nos sentamos em poltronas de frente para ele. Ela pegou minha mão. Notei que ela distraidamente agarrou o ar onde o pingente de sua mãe normalmente estaria pendurado. Não estava lá.

Logo depois que Jo apareceu na sala de espera, Carter estava caminhando em nossa direção para dizer algo no instante em que tropeçou. Enquanto estava caindo, ela agarrou Jo e acidentalmente rompeu o colar de seu pescoço. Ela se desculpou profundamente e prometeu a Jo que enviaria a Bill para consertá-lo e devolvê-lo em algumas horas. Eu vi a preocupação nos olhos dela.

Sarah nunca ficava sem aquele colar. Porém, como amiga, eu calmamente assegurei a ela que Carter e Bill eram confiáveis e nada mais aconteceria com o pingente de sua mãe.

— Mas já passaram horas. — Eu agarrei a mão de Jo ao dizer. — Simplesmente, não parece que deveria estar demorando tanto!

— Não pense assim, Ginny — Sarah Jo contrapôs, sua voz calma e firme. — Isso não significa que algo está errado com a cirurgia, mas sim que eles estão sendo meticulosos. Como Stan disse, são duas cirurgias separadas e a seriedade de uma pode afetar a outra.

— Exatamente — interpelou Stan. — Cada ferida tem suas próprias complicações sérias e separadas, precisam ser tratadas como tal.

Eu respirei fundo e me endireitei.

— Que complicações? Conte-me.

Só então houve uma batida na porta. Dois homens entraram. Eles eram os cirurgiões de Tommy e me disseram que ele passou bem pela cirurgia, que estava se recuperando, mas como Stan explicou, seus ferimentos eram críticos. *Agora*, a única coisa que podíamos fazer era esperar. Eu olhei para eles e esperei que continuassem.

— Como você sabe, ele sofreu dois ferimentos à bala — começou o médico com o cavanhaque grisalho, cujo nome eu já tinha esquecido. — O que atingiu seu pulmão fez com que o ar escapasse sem medida, e o pulmão colapsou. Colocamos um tubo torácico para remover o ar e o sangue de sua cavidade torácica. Seu pulmão se expandiu e o sangramento, aparentemente, parou.

Soltei a respiração que estava prendendo.

O segundo cirurgião pigarreou antes de começar:

— A segunda bala, alojada em seu abdômen, danificou seu baço e seu fígado, o que causou uma hemorragia. Removemos o baço e parte do fígado. A perda de sangue foi tremenda. Tivemos que dar a ele treze transfusões de sangue. — Seus olhos eram



gentis diante de palavras tão preocupantes. — Por causa do choque e da quantidade de transfusão necessária, seu sangue não coagula, e estamos tentando corrigir isso dando a ele vários estimulantes de coagulação.

Comecei a tremer. Jo agarrou minha mão com mais força.

— Prevemos, eventualmente, sermos capazes de controlar essa falha de coagulação, mas seus rins e cérebro passaram por um longo período sem serem adequadamente supridos. E houve danos ao tecido desses dois órgãos, assim como de outros. Se eles vão se recuperar, não sabemos. Só o tempo dirá.

Voltei atordoada à sala de espera e encontrei meus filhos. Levei os dois para a pequena capela do hospital e expliquei tudo o que pude.

Eu estava segurando-os com força e soluçando quando senti braços me envolverem por trás e uma voz familiar disse:

— Eu teria chegado antes, Ginny. Os meninos estavam fora.  
Era Alec.

Não consigo me lembrar de detalhes depois disso. Quem veio. Quem foi. Quem se ofereceu para ajudar com Mimi e Jason. Quem se ofereceu para nos manter alimentados e nossas roupas limpas. Quem notificaria suas escolas e nossa igreja. Como uma máquina bem lubrificada, os conhecidos que tínhamos feito ao longo dos anos, que vieram de estilos de vida muito diferentes, se fundiram em um só para garantir que meus filhos e eu fôssemos bem cuidados.

O choque era grande demais para eu perceber que nunca me permiti realmente me aproximar de pessoas que não estavam dentro do meu pequeno círculo, mas o apoio que eles deram a mim

e aos meus filhos era mais do que comovente e apreciado, embora eu não estivesse em uma posição emocionalmente forte o suficiente para expressar essa gratidão. Eu estava envolta em névoa.

Naquele primeiro dia, nós três fomos levados à UTI e deixados ao lado de sua cama por apenas alguns minutos. Fui avisada de que o trauma das crianças, por verem o pai *num* estado como aquele, poderia ser enorme, mas as enfermeiras da UTI cederam à minha súplica depois de verem como Jason estava recebendo muito mal toda a notícia.

Eles estavam certos. Os tubos, máquinas e fios eram demais para ele. Jason desabou quando viu seu pai e começou a chorar. Eu me agarrei a ele e queria consolá-lo, mas não consegui forçar meu próprio corpo a deixar Tommy. E se aquele momento fosse nosso último?

Uma das enfermeiras de Tommy, Jonell, reconheceu a necessidade em meus olhos e gentilmente afastou Jason de mim e o guiou até nossos amigos de confiança, na sala de espera. Mimi pegou minha mão e soluçou baixinho, nunca tirando os olhos do rosto de Tommy.

Não sei quanto tempo passou. Alguém, acho que foi Christy, trouxe-me uma muda de roupa e artigos de higiene. Pude tomar banho e dormir no hospital. Eu não tinha certeza se isso era um privilégio concedido a todos os membros da família de pacientes com traumas, ou se recebi tratamento especial devido ao *status* de Stan. Garanti que meus filhos soubessem que eu os amava e queria estar com eles, mas não podia sair do lado de seu pai. Ambos entenderam e escolheram ficar em nossa casa com Carter, em vez de serem mandados para outras famílias.

*Agora* meus filhos estavam de volta e ficamos encolhidos na pequena sala da UTI, observando Tommy. Após o choque de ver seu pai pela primeira vez, Jason se aproximou de Jonell sozinho e disse que estava pronto para ver seu pai novamente. Ela me olhou com um olhar questionador e eu assenti. Todos nós demos as mãos, conversando com Tommy e procurando por qualquer sinal de que ele nos ouvia. Uma vibração de cílios, uma mudança em qualquer um dos vários monitores. Estávamos desesperados para saber se ele iria acordar.

— Ele sabe que estou aqui? Você acha que ele pode me ouvir? — perguntei à segunda enfermeira de Tommy. O nome dela era Jennie e ela estava trocando suas bolsas de soro. As crianças voltaram para a sala de espera. — Já se passaram mais de dois dias.

Ela sorriu gentilmente para mim.

— É possível. Ele ainda está sob sedação, mas mudaram sua medicação. Deve permitir que ele tenha um pouco de consciência logo, sem precisar diminuir a medicação para a dor. Ele deve conseguir abrir os olhos ou apertar sua mão em breve.

Seus olhos me examinaram com preocupação.

— Você comeu? Sei que não deve ter apetite, mas deve comer alguma coisa, mesmo que tenha que se forçar a isso. Você precisa ser forte por ele, por eles. — Ela acenou com a cabeça em direção ao caminho que as crianças haviam seguido.

— Eu não estou com fome.

— Minha avó fazia o melhor pão de banana deste lado do Mississippi e me deixou a receita. Você sabe o que isso significa?

Eu balancei minha cabeça, negando.

— Significa que agora *eu* faço o melhor pão de banana deste lado do Mississippi. Agora, eu trouxe um pedaço para Jonell, mas ela está sempre dizendo que eu estrago sua dieta, então, que tal eu roubar aquele pedaço que trouxe para ela e te dar um pouco?

Sorri e balancei a cabeça, concordando com a gratidão que recaía sobre mim. Ela terminou o que estava fazendo, então eu a observei caminhar em direção à estação de telemetria e dizer algo para Jonell, que ergueu os olhos, sorriu para mim e fez sinal de positivo.

Voltei minha atenção para Tommy. Pegando uma de suas mãos com as minhas, acariciei suavemente o topo dela, fazendo o meu melhor para evitar os cabos intravenosos.

— Tommy, a Jennie, uma das enfermeiras que está cuidando de você... ela disse que talvez você pudesse me ouvir agora. Eu espero que você possa. Espero que possa me ouvir dizer o quanto eu te amo.

Ele não estava respondendo, mas isso não me impediu de continuar:

— Tantas pessoas estão orando por você. Eu também tenho orado. Sei que devemos orar pela vontade de Deus, mas não consigo evitar. Estou orando por minha vontade, dessa vez. — Funguei e respirei fundo. — E minha vontade é ter você de volta, Tommy.

Inclinei-me e sussurrei em seu ouvido.

— Tentei te contar aquele dia na praia. Nunca houve uma escolha a fazer. Eu nunca vou deixar você, Tommy. Então, por favor, não me deixe. Por favor, acorde.

Eu tinha quase certeza de que o senti apertar minha mão suavemente. Meu coração disparou e minha alma se encheu de esperança.

Ele estava voltando para mim.

# Capítulo 36

## Grizz, 2001 - Algum lugar entre a Louisiana e o sul da Flórida

Ele estava sentado em uma pequena lanchonete na Louisiana quando viu em um noticiário que Tommy havia levado um tiro. O fato de ter sido notícia nacional não o surpreendeu muito. Depois de tudo,

Tommy foi ligado à prisão de Matthew Rockman, o proeminente advogado que havia sido preso por assassinar a mulher que ele colocou no Programa de Proteção a Testemunhas, quinze anos antes. Essa história chegou ao noticiário nacional, então não era difícil acreditar que o tiro de Tommy também havia sido divulgado. O que o surpreendeu foi que ele não recebeu *nenhuma* palavra de Carter. Isso até que ele descobriu que seu *pager*<sup>[11]</sup> havia sido desligado de forma que, uma vez ligado, exibiu as palavras que fizeram seu estômago doer.

*ELA PRECISA DE VOCÊ.*

Então, depois de ver a notícia e receber a mensagem de Carter, imediatamente Grizz colocou uma nota de cinquenta no balcão da lanchonete e se dirigiu para sua moto, mas não antes de pedir a Edna instruções para a rodovia mais próxima. Ele percebeu que tinha parado no restaurante The Green Bean por acidente e não tinha certeza do caminho mais rápido de volta à Flórida.

*Agora* estava escuro e Grizz sabia que precisava parar em algum lugar e descansar um pouco. Ele estava na estrada há horas e a onda de adrenalina que o dominou, há muito, havia diminuído. O homem estava verdadeiramente exausto.

Depois de se registrar no hotel, na primeira rede de beira de estrada que encontrou, tomou um longo banho quente. Na cama, ele vasculhou por alguns canais de TV, comeu um sanduíche de salada de frango que comprou na loja de conveniência ao lado do hotel e o engoliu com uma cerveja barata. Nada estava no noticiário sobre o tiro de Tommy, então desligou a televisão e se forçou a dormir.

Mas o sono não vinha.

Ele foi atormentado por muitas incógnitas. E se isso fosse uma armadilha? Ele teria que ser extremamente cuidadoso. O que exatamente faria quando chegasse a Fort Lauderdale? Ir à casa de Ginny em sua moto e entrar pela porta da frente ou ir direto ao hospital? Certamente, essas não eram opções lógicas. Normalmente, ele sinalizaria Carter e faria com que elaborasse uma maneira de ele se encontrar com Kit. Mas quanto mais pensava sobre isso, mais impossível parecia que tudo pudesse ser arranjado. Grizz já havia recebido outra mensagem de Carter informando que Ginny não estava em perigo, então ele não tinha o senso de urgência que normalmente teria. Mas ela precisava dele. Isso era tudo o que o homem precisava saber, por enquanto.

Talvez ele pudesse observar Ginny à distância e procurar uma oportunidade. Não. Ela não estaria apenas cercada por amigos, mas também por aqueles que prezam pela aplicação da lei.

Não poderia, por acaso, correr o risco de ser visto por alguém capaz de reconhecê-lo. Ele sabia que teria que esperar.

Nesse ínterim, Grizz gostaria de descobrir tudo o que pudesse sobre o tiroteio em que Tommy se envolveu. A única maneira de fazer isso seria confiar a alguém, que não fosse Carter e Bill, a verdade sobre sua execução. Ou melhor, a falta de uma.

Blue foi seu primeiro pensamento, mas devido ao seu relacionamento pessoal com uma certa detetive, era muito arriscado. Mesmo que eles não estivessem mais juntos, não seria uma jogada inteligente. Não. Ele precisava de alguém que ainda tivesse conexões com o mundo dos motoqueiros, mas vivesse sob o radar da polícia sem ser notado. Um homem de família, trabalhador, que supostamente começou do zero na costa leste do sul da Flórida há mais de um ano. Alguém que Grizz confiaria com sua vida àquele segredo.

Anthony Bear.

Com sua decisão tomada, ele finalmente caiu em um sono profundo e sem sonhos. Apenas foi acordado várias horas depois, por uma batida forte na porta de seu quarto de hotel. Serviço de limpeza. Ele pediu que voltassem em uma hora.

Menos de quinze minutos depois, ele estava em sua moto. Primeiro, teve que dirigir por algumas horas, fora de seu caminho final, até a garagem que havia alugado. Ele iria recuperar o carro que deixou lá, junto com mais roupas, itens pessoais, dinheiro e um telefone pré-pago que poderia usar para entrar em contato com Anthony. Depois de elaborar uma maneira de ver Bear, ele descartou o telefone.



Ele olhou para os cartões de crédito que foram configurados com sua nova identidade e sabia que nunca os usaria, tal que os estava guardando na carteira quando tirou a carteira de motorista e percebeu que não parecia mais com o homem da foto. Seu cabelo tinha crescido nos últimos meses e ele havia aparado a barba significativamente. Anthony seria capaz de obter uma imagem recente para sua nova identidade.

Sua nova identidade. Outro maldito nome pelo qual teria que responder. Inferno!

Mas pelo menos eles deram isso a ele. James Kirkland gritava “pseudônimo chato” tanto quanto um americano de classe média comum. Isso serviria. Além disso, eles cumpriram sua parte no trato. Ele foi informado de que o DNA e as impressões digitais de Jason “Grizz” Talbot foram substituídos no sistema por falsificações. Ele estava conseguindo uma ficha limpa, de forma que se o DNA e as impressões digitais de James Kirkland fossem pesquisados, as buscas seriam nulas, a menos que ele fizesse algo para se meter em problemas.

A questão era que, se ele se encontrasse em apuros com a lei, não haveria *nada* que o ligasse de volta ao falecido Jason Talbot. Não seria um problema. Ele planejava ficar longe de problemas.

Ele *agora* era viúvo e pai de dois filhos inexistentes, que ganhava a vida como operador de equipamento pesado até sofrer uma lesão nas costas durante o trabalho. Merda, eles até mandaram o governo enviar cheques por invalidez à conta bancária de James Kirkland. Você não poderia obter mais “classe média sofrida” do que isso. Grizz testou sua nova identidade logo no início, quando propositalmente cruzou o sinal vermelho em algum lugar da

Geórgia. O policial verificou a placa de sua moto e voltou com um aviso. Aquele foi seu *check-out*. Ele era James Kirkland.

Grizz aumentou o volume do rádio do carro enquanto dirigia para o sul e ponderou se deveria fazer alguma coisa para tirar Blue da cidade por um tempo. Mais do que provável, Blue ficaria preocupado com Tommy, Ginny e seus filhos, poderia até mexer alguns pauzinhos sobre eles para ter certeza de que estavam seguros.

Grizz ainda não tinha como saber se o tiro de Tommy foi aleatório ou planejado. Ele os ouviu mencionar no noticiário que Tommy deveria testemunhar no julgamento de Rockman, mas Grizz tinha certeza de que não era um testemunho que faria ou destruiria o caso de Matthew. Blue se certificou de que as evidências plantadas no assassinato de Jan apontassem para Rockman.

Ele balançou a cabeça ao se lembrar de outro detalhe.

Quando questionou a lealdade de Tommy no final, ele permitiu que algumas evidências parecessem apontar para o parceiro. Grizz deixaria a bola de neve cair sobre Tommy se pensasse que tinha sido enganado, o que não foi o caso. Cacete! *Por que não poderia simplesmente deixá-lo sozinho? E se Tommy foi baleado por causa de algo relacionado ao julgamento de Rockman? Merda!*

Ele permitiu que sua mente vagasse de volta ao que, ou melhor, quem, ele havia encontrado na Louisiana; não tinha dúvidas de que conheceu a irmã gêmea de Kit. Ele sorriu quando pensou sobre o bilhete que poderia pedir a Carter anonimamente para entregar a Blue: *"Este foi último pedido de Grizz, antes de sua execução, para ser entregue especificamente a você vários meses*

*após sua morte. Ele lhe deixou algo, em uma lanchonete chamada The Green Bean. Você encontrará este restaurante em Chinkaw, Louisiana, e saberá aonde encontrar o pacote e o que fazer com ele quando o vir.”*

Grizz riu quando pensou em Blue conhecendo a irmã gêmea de Kit, Jodi. Mas ele também sabia que nunca teria aquela mensagem enviada. A última coisa que ele precisava fazer era que Blue arrastasse Jodi de volta para Fort Lauderdale, para encontrar Ginny enquanto ele tentava vê-la. Não. Ele deixaria essa surpresa para um dia futuro e por enquanto faria tudo o que pudesse para evitar Blue.

Ele estava ouvindo “*Run Like Hell*”, do Pink Floyd<sup>[12]</sup>, enquanto apreciava o estrondo e o poder de seu *Chevelle* 1972, quando foi atingido por uma onda de tristeza tão profunda que quase lhe tirou o fôlego.

Grizz diminuiu o peso de seu pé sobre o acelerador e desligou o rádio. Ele nunca tinha experimentado *nada* parecido com isso e não sabia como reagir, tal que lentamente olhou ao seu redor; estava em um trecho de estrada deserta. Ele não conseguia ver *nenhum* carro à sua frente ou atrás dele. Vacas pastavam preguiçosamente em campos verdes pontilhados com manchas de terra seca e morta. Ele sentiu um peso tão enorme e tão espesso que se perguntou por um segundo se estava tendo um ataque cardíaco.

Não. Não estava sentindo uma dor física. Foi uma dor em sua alma. Uma dor de perda.

Grizz não havia sentido isso nem mesmo em sua própria execução.

*Kit.*

Ele pisou fundo no acelerador.

# Capítulo 37

## Tommy, 2001 - Fort Lauderdale

Ele podia ouvi-la. A voz dela estava criando seu caminho até a sua consciência.

*Onde estou? Por que não posso responder a ela?* Ele pensou ter sentido uma carícia suave em sua mão. Era tão leve que parecia uma nuvem de poeira no ar. Sua voz estava batalhando com algum outro ruído. Soou como um chiado. E os bipes. O que eram esses bipes?

Tommy tentou deixá-la saber que ele podia ouvi-la. Ele tinha certeza *agora* que ela estava segurando sua mão e acariciando-a com carinho; queria alcançá-la, mas seu braço parecia estar envolto em cimento. *Ginny, eu posso te ouvir! Eu posso ouvir você dizendo que me ama. Eu também te amo. Por que não posso dizer isso? Por que não posso alcançá-la?*

A memória foi instantânea. O posto de gasolina. O café. Um roubo. Ele havia levado dois tiros e *agora* estava no hospital, o peso incrivelmente consistente da realidade, do que havia acontecido com ele, começou a afundar seu peito. Sua mente começava a clarear. Lembrando-se dos tiros, ele se perguntou como podia estar semiconsciente e não sentir dor. Deve ser o milagre das medicações modernas.

Então ele ouviu outra voz. Uma que o preocupava. Sarah Jo.

— Por que você não faz uma pausa rápida e me deixa ficar com ele um minuto, Gin?

— Obrigada, Jo, mas não posso. Acho que ele está melhorando. Eu juro que ele tentou apertar minha mão, agora a pouco.

Tommy podia ouvir e sentir a esperança na voz de Ginny.

— *Oh*, Gin, que notícia maravilhosa! — exclamou Jo.

Se Tommy não a conhecesse tão bem, ele poderia pensar que a resposta dela foi sincera.

— Sei que você não sai da sala há horas. Por que não vai pelo menos usar o banheiro e tomar um café? Estique as pernas. Eu prometo que não vou sair do lado dele.

— Sim, talvez você esteja certa. Jennie me prometeu outro pedaço de pão de banana. Vou correr para o banheiro e depois tomar um café. *Oh*, você recuperou o colar da sua mãe! Carter te garantiu que Bill consertaria!

O que Ginny estava dizendo sobre o colar de Jo não fazia sentido para Tommy. Mesmo que ele não pudesse vê-la, tinha certeza de que a mulher estava segurando o pingente nervosamente. Ele a viu fazer isso mil vezes.

— E Carter estava certa. Eu o recebi de volta depois de apenas algumas horas. Está perfeito, como antes. Agora vá. Eu vou ficar e falar com ele.

— Volto já. Quer alguma coisa?

— Quero que você faça uma pausa e saiba que não vou sair do lado dele até que você volte, ok?

Tommy não conseguiu ouvir a resposta de Ginny, então ela deve ter concordado. Ele a sentiu levar a mão à boca e beijar suavemente o interior de sua palma.

*Não me deixe, Ginny.* Sua mente estava correndo, mas uma calma e paz que ele não esperava se apoderaram dele. Ele sentiu sua outra mão sendo levantada e ouviu a voz de Sarah Jo.

— Stan e eu tínhamos acabado de voltar de Sydney e estávamos visitando amigos em Atlanta quando Mimi me ligou. Eu estava fazendo o que você disse, Tommy. Empurrando Stan para entrevistas de emprego em outros países. Mas as circunstâncias mudam, não é? — Houve uma pausa, mas Jo não poderia esperar que ele lhe respondesse. — Tommy, tem ideia de como isso seria fácil para mim? Tudo que eu preciso fazer é apertar um dos tubos do seu ventilador e interromper o fluxo de ar.

Então ele percebeu que não estava respirando sozinho. O silvo com que ele acordou era uma máquina de ventilação.

— Ou eu poderia deslizar uma seringa para fora do meu bolso e injetar insulina direto em seu IV. Eu ficaria de costas para as enfermeiras e elas não saberiam o que eu estou fazendo. Você já está recebendo uma certa quantidade de insulina, então se eles fizerem uma autópsia, o que eu duvido que façam por causa da gravidade de seus ferimentos, nunca irão procurar por uma overdose de insulina. Isto seria tão fácil. Muito fácil.

Tommy sabia que deveria estar em pânico com o que Jo estava dizendo, mas não estava. Ele sentiu uma felicidade pacífica tomar conta dele. Nunca sentiu *nada* parecido e certamente não foi uma mera sensação terrena. Jo estava de pé em frente à sua cama de hospital, ameaçando sua vida, e ele sabia com cada fibra de seu ser que ela poderia escapar impune. Jo era a diretora de enfermagem enquanto o marido era o chefe da cirurgia. Eles eram

amigos íntimos. Ninguém suspeitaria ou mesmo adivinharia que ela havia causado sua morte.

Ele deveria ter se importado. Deveria ter se assustado. Mas, estranhamente, não fez *nada* disso.

Tommy sentiu uma atração inexplicável. Uma chamada. Sentiu como se estivesse sendo convocado. De repente, percebeu uma luz e queria estar perto dela mais do que qualquer coisa que ele quis em sua vida. Mesmo sua busca, ao longo da vida, pela mulher por quem sempre foi apaixonado não o puxava como a luz fazia. A mulher que ele amava, Ginny. Seus filhos, Mimi e Jason. Ele podia vê-los *agora*.

Ao refletir sobre a vida que experimentou ele recebeu o presente de sentir todos os momentos de alegria que já experimentou com cada um. Era lindo e quase o puxou de volta, mas não se comparava à luz. Uma luz tão brilhante que deveria tê-lo cegado.

*Ginny.*

Ele não podia partir. Não iria embora. Eles precisavam dele. Ele precisava deles. Tommy tentou se afastar da luz então. Foi quando ele viu... Assim como o presente de alegria instantânea que sentiu segundos antes, notou um vislumbre do futuro de sua família. Tommy viu a tristeza deles por sua morte, mas, por mais que doesse em seu coração, sabia que tudo seria substituído por uma eventual aceitação e paz. Sabia que eles seriam bem cuidados, que viveriam uma vida feliz e plena. Tommy sabia que sempre teria um lugar especial em seus corações.

E sabia em seu próprio coração que precisava deixá-los ir. Para deixá-la ir.



*Ginny.*

Tommy forçou algo que não era para acontecer. Ele achava que comprar um par de luvas para o fogão ou mandar gravar suas iniciais na Bíblia teriam algum peso na decisão de seu futuro? Realmente acreditava que tudo o que fazia, calculado ou não, era porque ele estava no comando de um destino que poderia ser manipulado a seu favor? Deveria ter seguido em frente depois que Grizz se casou com ela? Deveria ter continuado com sua vida e dado uma chance a outra mulher?

Tommy sabia que a resposta era não. Ele passou os melhores quinze anos de sua vida casado com Ginny. Ser o marido dela e criar os filhos eram privilégios que não trocava por *nada*. *Agora*, acreditava de todo o coração que, pelo pouco tempo que a teve, ela era dele. Ginny o amava total, honesta e incondicionalmente, e Tommy sabia que se acordasse, ela passaria o resto da vida ao seu lado. Porém, ele não tinha certeza se queria acordar.

*Ginny.*

O tiroteio foi aleatório. Que força invisível o havia incentivado a convencê-la a usar a bandana azul no dia anterior? Sua mente lutou contra seu real motivo. Ele até se lembrou de questionar sua própria sanidade quando a ideia lhe ocorreu, mas não conseguia desistir. Aquela seria sua jogada final naquele jogo de xadrez que começou há muito tempo e depois abandonou? Tommy era tão orgulhoso que não poderia simplesmente aceitar a palavra de Ginny de que ela queria estar com ele? A que fim forçou seu último movimento? Queria ter a satisfação de olhar Grizz nos olhos e ver a dor que a rejeição de Ginny infligiria?

A euforia que parecia uma paz líquida sendo derramada em sua alma deu-lhe o milagre de ver seu próprio coração. Não, sua insistência para que ela usasse a bandana mais uma vez não era fruto de seu orgulho ou um desafio para Grizz. Foi algo maior.

Grizz foi seu nêmesis desde que ele conseguia se lembrar. Mas, de repente, Tommy não o via mais assim. Era como se um véu estivesse sendo levantado e, em vez do criminoso sem coração, Tommy visse o homem que, se Ginny permitisse, voltaria, cuidaria e protegeria sua família. O homem que um dia Mimi aceitaria e Jason iria respeitar. Tommy sabia que seu *eu terreno* ficaria horrorizado com esse pensamento, mas seu espírito observava tudo sob uma perspectiva diferente.

Ele estava vendo a verdade ou estava vendo o que seu subconsciente queria ver, para que pudesse entrar na luz sem levar a culpa ou o medo consigo? Foi então que percebeu; não haveria medo ou culpa dentro da luz.

*Ginny.*

Cada sentimento negativo que já experimentou desapareceu instantaneamente. Não havia ciúme, desespero, depressão, dor ou medo. Sem ódio. Até seu novo desdém por Sarah Jo havia evaporado. Se extinguiu. Ela ainda estava de pé ao lado da cama, conversando, mas ele não a ouvia mais. Tommy teve um vislumbre da garotinha que ele se lembrava de sua infância, viu suas marias-chiquinhas desleixadas e o nariz sardento, mais do que tudo, viu sua dor.

Então ele sentiu algo que não esperava: a dor que ela suportou pela perda de sua mãe. Tommy sentiu na alma a dor da menina que havia chorado tanto, mas tanto, que seus olhos se

fecharam completamente. Ele podia ouvir a voz gentil de Fess enquanto segurava sua única filha.

— Você é minha garota número um agora, Sarah Jo. Agora que mamãe está no céu, você é minha garota favorita e ninguém jamais tomará seu lugar.

Não importa o quão equivocado, Tommy *agora* entendia por que ela fez as coisas que fez. E ele perdoou. Como? Como ele estava vendo e sentindo essas coisas?

*Ginny.*

A luz estava quente. Era linda e convidativa, tal que não queria mais resistir, mas sentiu que precisava. Por causa dela. Por causa de seus filhos.

Foi quando ele ouviu uma voz.

— Tommy.

Era uma voz que só ouvira ao longo de algumas semanas, há mais de trinta anos, mas a reconheceu como se tivesse sido ontem. Uma voz que já foi ríspida, agressiva e má.

— Quando terminar de dobrar as toalhas, precisa limpar o banheiro de Grizz e anotar qualquer coisa que já possa estar acabando, para comprarmos novos — ela falava. Sim, Tommy se lembrava daquela voz.

Ele olhou para a esquerda e sorriu. Moe.

Moe pegou a mão dele e ele a dela. Tommy baixou o olhar e viu a comoção ao seu redor, as pessoas de pé tentavam trazê-lo de volta à vida. Até Sarah Jo parecia estar tentando ajudar. Ele espiou pelas paredes de vidro de seu quarto de hospital e assistiu a dois homens segurando Ginny. Ele podia ouvir os gritos dela, ver o café espirrando no chão.

— Ele apertou minha mão! Ele me ouviu falando com ele! Ele apertou minha mão! — gritava com toda a força de seus pulmões. Lágrimas escorriam por seu rosto. Ela estava enfrentando dois grandes homens e os vencendo enquanto tentava voltar ao quarto em que o corpo dele estava.

Tommy imediatamente sentiu o mundo dela, aquele que ele estava deixando para trás, e sentiu também que estava voltando à cama do hospital. Pairando sobre a realidade fria e aspereza de uma vida terrena. Ele olhou para o quarto esterilizado. A agudeza metálica e fria que estava em completa oposição a tudo que sabia estar dentro da luz que o esperava. Seu coração doeu pela realidade que Ginny enfrentaria sem ele. A dor que ela experimentaria com sua morte. Mas, com esse conhecimento, veio a paz de que não era o fim para eles. Algo dentro dele se mexeu e sabia que as próximas palavras de Moe eram verdadeiras.

— Ela vai encontrar você. Todos eles vão encontrar você, Tommy. Eles vão nos encontrar.

— Como você sabe? — Ele não disse realmente as palavras, mas ouviu sua própria voz perguntando a ela.

— Porque eu te encontrei. — Foi sua resposta.

Ele olhou para Moe e começou a sentir que estava sendo puxado levemente para cima, mais uma vez, para longe do quarto do hospital e em direção à luz que estava cheia de amor incondicional e abrangente. Amor. Ele achava que sabia tudo sobre o amor, mas estava errado.

— Ela vai ficar bem, Tommy. Todos ficarão bem.

Foi então que o homem agradeceu a Deus pelo dom milagroso da tranquilidade e do conhecimento completo de que o

que Moe dizia era verdade.

Foi então que ele disse a Ginny, pela última vez, que a amava e amava aos filhos.

Naquele momento ele se resignou com uma paz, além da compreensão humana, de que era sua hora.

Assim, Tommy alcançou as profundezas de sua alma e se permitiu ver uma verdade que sempre evitou. Ela não foi feita para ser apenas dele e percebeu que, enquanto Moe sutilmente acenava com a cabeça em direção à luz, pela primeira vez em toda a sua vida, ele finalmente estava em um lugar de aceitação, paz e amor puro.

— Ele está esperando por você — sussurrou Moe.

Tommy então se lembrou de uma Escritura do Livro Sagrado:

***Então o pó voltará à terra como antes, e o espírito voltará a Deus, que o deu.***

Tommy acenou com a cabeça e sorriu para ela. Ele estava pronto.

## PARTE DOIS

*“Às vezes, nossas vidas precisam virar de ponta cabeça, mudar e se remontar para nos levar de volta ao lugar onde pertencemos.”*

*— Autor Desconhecido*

# Capítulo 38

## Grizz, 2001 - Fort Lauderdale

Ele carregou suas compras do mercado para o pequeno apartamento que alugou, próximo da praia. Grizz estava de volta a Fort Lauderdale por dois dias e nesse tempo não conseguiu se encontrar com Carter, mas soube pelo noticiário local que Tommy sucumbiu aos ferimentos e deu seu último suspiro — quase no mesmo instante em que Grizz teve aquela sensação avassaladora de dor enquanto dirigia.

Ele estava sentindo a dor de Kit? Queria acreditar que tinha esse tipo de conexão com ela, mas rapidamente se lembrou de que as pessoas que faziam ou já fizeram o tipo de coisa que ele fez não tem esse tipo de experiência. Provavelmente, era apenas azia da salada de frango que comeu.

*Agora* não havia *nada* a fazer, a não ser sentar e esperar. Grizz não poderia ir até Ginny e certamente não poderia trazê-la até ele, tampouco queria abordar Anthony antes do funeral de Tommy.

No entanto, estava ansioso para falar com Anthony. Queria saber o que o cara havia ouvido pelas ruas. Tinha sido um ato aleatório de violência contra Tommy ou estava relacionado, de alguma forma, a algo mais?

Ele guardou suas compras e fez um sanduíche. Sentando-se, pegou o controle remoto. Grizz examinou os canais de notícias locais e parou em um que mostrava um esboço criminal. Era uma representação do suposto autor do tiroteio, na loja de conveniência. O apresentador explicou que a loja não tinha câmeras de vigilância,

então tiveram que contar com algumas testemunhas oculares. Esse esboço parecia com todos os *Zé-ninguém* entre Miami e West Palm Beach.

Se ele pudesse chegar até Anthony, descobriria mais. A rua sempre foi mais confiável do que qualquer emissora de notícias.

Grizz engoliu seu sanduíche apressadamente com um refrigerante e olhou ao redor do pequeno quarto, que era bem decorado e limpo. Ele reprimiu um bocejo e percebeu que estava completamente entediado. O desejo de dirigir evocou em seu peito, mas ele deixou sua moto naquele armazém e não iria comprar, ou roubar uma na rua, apenas para dar um passeio. Talvez pudesse pegar uma moto *emprestada* por apenas algumas horas. Droga. Ficar fora de problemas era mais difícil do que ele pensava.

Irritado, esmagou a lata de refrigerante vazia e jogou-a na lata de lixo da pequena cozinha. Falhou nisso e o tilintar do metal ecoou pelo ladrilho. Ele se levantou para pegá-la e notou a sacola de lona que mantinha em uma de suas bolsas de selim, na motocicleta. Grizz se lembrou de jogá-la às pressas no carro enquanto certificava-se de que *nada* importante iria para o armazém, além da própria moto.

Era a sacola em que ele guardou o diário de Moe, o qual nunca teve tempo de ler. Ele não queria fazer isso, mas uma onda de nostalgia o atingiu, forçando-o a avaliar suas opções.

Roubar uma moto por algumas horas e correr o risco de ser pego, ou abrir aquele livro e dar uma olhada na vida de Moe? Ele não se permitia pensar muito sobre ela e sabia que era porque, quando o fazia, o pesar acabava recaindo sobre seus ombros. Arrependimento era algo que ele não gostava de enfrentar. Algo que



ele não gostava de admitir que sentia. Pessoas como Grizz não sentem arrependimento, apenas aceitam suas escolhas e seguem em frente.

Por que ele não estava seguindo em frente?

— Ok, Moe — disse ele em voz alta. — O que você quer me dizer?

Ele tinha certeza de que era um grande “foda-se, Grizz”, mas ele já a havia evitado por tempo suficiente.

Grizz tirou o diário da bolsa, sentou-se no sofá e reservou algum tempo para ler as páginas.

\*\*\*

Três dias depois, ele se sentou *num* carro e observou através das janelas escuras, enquanto outros entravam no cemitério e as pessoas se aproximavam do que seria o local de descanso final de Tommy.

Ginny o estava enterrando ao lado de Delia e Vince.

Grizz havia “pego emprestado” um sedan de quatro portas com vidros fumê, para poder comparecer ao funeral. Com a janela ligeiramente quebrada, conseguia ouvir trechos de conversas enquanto as pessoas abriam caminho entre a multidão de carros que começavam a dar ré.

Outros chegaram em motos, os sons altos rompendo o silêncio e simbolizando o forte contraste do estilo de vida daqueles que foram mostrar seu respeito. Ele observou enquanto as cadeiras, que haviam sido colocadas ali, começavam a ser ocupadas e não pôde deixar de notar o contorno inconfundível de Anthony Bear. Sua

cabeça e ombros se elevavam acima de todas. Christy se sentou à sua esquerda e um belo jovem, que parecia ter traços tão firmes quanto os dela, sentou-se à sua direita. O Bear teve dois meninos, não? Foi então que o foco de Grizz foi atraído à direita e ele teve que apertar os olhos para ver se sua mente não estava lhe pregando peças. Um jovem, cuja semelhança com Anthony era incrível, estava encostado em uma árvore a certa distância dos outros. Seus braços estavam cruzados enquanto ele se equilibrava em um pé, o outro empoleirado atrás dele contra o grande tronco. Aquele era, definitivamente, um dos meninos de Anthony, embora não fosse tão grande quanto o pai — ainda. Grizz poderia dizer, por sua postura, que ele exalava o mesmo semblante taciturno de seu pai.

Depois, com o arrastar dos minutos, notou um carro fúnebre e uma limusine preta, seguidos por alguns carros, parados na via de acesso lateral. Ele reconheceu Carter e Bill, bem como Sarah Jo e seu marido, cujo nome não conseguia se lembrar e nem tinha certeza se já o teria conhecido antes. Eles caminharam em direção ao veículo preto alongado e lustroso, então guiaram Ginny, Mimi e Jason para fora, até sentarem-se nas cadeiras dobráveis.

Grizz não percebeu que estava prendendo a respiração. Vê-la assim o pegou desprevenido. Ela caminhou estoicamente em direção à área designada, segurando os braços de seus dois filhos, obviamente também carregando o fardo de tanta dor. Em algum ponto, ela parou e pareceu trazê-los para mais perto de seu corpo. Depois de um breve momento, recuperou a compostura e continuou andando. Mimi e Jason. Mimi era uma cópia quase exata de sua

mãe naquela idade enquanto Jason era a cara do Tommy aos dez anos.

Grizz sentiu um nó se formando em sua garganta e uma forte onda de náusea o encobriu. Ele se sentia tão deslocado quanto um jogador de futebol em um recital de balé. Um impostor. Estava vislumbrando um mundo sobre o qual nada sabia. Um que ele tentou fingir que existia para ele e Ginny durante os dez anos de seu casamento, mas que não tinha experimentado.

Criar uma família.

Tommy quem foi um verdadeiro marido para ela e um verdadeiro pai para as crianças. Tommy que limpou bundas e narizes. Tommy que ia aos recitais da escola e se reunia com professores. Tommy que propositalmente manteve sua família o mais longe possível de qualquer coisa criminosa ou ilegal.

O que ele, Grizz, havia feito? Disse a Ginny que abandonaria àquele estilo de vida quando tivessem o bebê, mas ele não fugiu daquela vida por ela. Grizz colocou uma condição nisso.

Ele era um idiota.

Até aquele instante, não tinha percebido o quão longe seus pensamentos haviam vagado, foi quando uma voz foi carregada pela brisa suave encontrou seu caminho através da pequena abertura da janela do carro. Era Sarah Jo. Ela estava se dirigindo àqueles em luto. Ele ouviu com meio ouvido, o coração na garganta.

— Salomão nos disse no livro de Eclesiastes que há um tempo para tudo e um tempo para cada atividade sob os céus. Um tempo para nascer e um tempo para morrer, um tempo para plantar e um tempo para desenraizar, um tempo para matar e um tempo para curar, um tempo para destruir e um tempo para construir, um

tempo para chorar e um tempo para riso, um tempo de chorar e um tempo de dançar, um tempo de espalhar pedras e um tempo de recolhê-las, um tempo de abraçar e um tempo de não abraçar, um tempo de buscar e um tempo de desistir, um tempo de manter e um tempo para jogar fora, um tempo para rasgar e um tempo para consertar, um tempo para ficar em silêncio e um tempo para falar, um tempo para amar e um tempo para odiar, um tempo para a guerra e um tempo para a paz.

Sarah Jo então passou a compartilhar algumas histórias sobre Tommy desde a infância. Grizz parou de prestar muita atenção nas palavras, olhando para Ginny, seus longos cabelos e seu lindo rosto. Ele ouviu algumas risadas leves enquanto Sarah Jo recitava uma memória feliz.

— E sabe o que eu disse quando ele caiu naquela poça? Disse que ele estava recebendo o que merecia por esguichar a mangueira na minha cara! Foi bom para... — Ela fez uma pausa como se estivesse tomada pela emoção. Sarah pigarreou e começou a contar outra história.

Outra rodada de risadas silenciosas se seguiu, mas Grizz mal as ouviu. Ele olhou pelo para-brisa e foi trazido de volta de seus pensamentos quando sentiu um movimento. O funeral havia acabado e as pessoas estavam indo embora.

Ele estava estacionado atrás de dois carros e sabia que seria necessário mover seu carro quando a família se afastasse. Grizz não pôde deixar de notar quando um homem bonito, que não fazia parte do grupo que apareceu com Ginny, gentilmente a pegou pelo cotovelo e começou a levá-la de volta à limusine. Havia algo na postura do homem que lhe acendeu um alerta mentalmente. O

homem estava sendo seguido por dois meninos que caminhavam ao lado de Jason.

Grizz não sabia quem era o cara, mas sentiu-o como uma ameaça e imediatamente não gostou dele.

Com um toque suave de buzina atrás dele, percebeu que era hora de ir embora. Depois de ligar o carro, engatou a marcha e pisou no acelerador. Algo estava fazendo cócegas em sua bochecha. Será que um inseto entrou pela janela quebrada? Ele foi afastá-lo e esfregou a mão no rosto. Seus dedos voltaram molhados. Grizz estranhou, franzindo o cenho ao olhar para sua mão, seu primeiro instinto era verificar se era sangue.

O homem ficou surpreso quando percebeu que não era.  
Eram lágrimas.

# Capítulo 39

## Ginny, 2001 - Fort Lauderdale

Achei que sabia o que era a dor. Achei que sabia o que era o luto, porque já senti isso muitas vezes, no passado. Lembro-me do peso esmagador do suicídio de Moe e da devastação que a prisão de Grizz, o encarceramento e o que eu acreditava ser sua execução causaram. Eu até experimentei uma profunda sensação de perda depois de saber que tinha uma irmã gêmea, que morreu na infância.

Nada disso se comparava ao que eu senti com a morte de Tommy. A dor era densa, forte e havia encontrado um lar no meio do meu peito.

Eu não estava de luto apenas por mim mesma desta vez, mas pelos meus filhos também. A dor de saber que Tommy não estaria lá para os marcos na vida de Mimi e Jason era, quase absurdamente, mais do que eu poderia suportar.

Lembrei-me de agarrar com força meus filhos enquanto éramos escoltados por nossos amigos até a limusine, para o serviço funerário. Eu os segurei com mais força ainda quando senti a presença de Grizz. Eu sabia que ele estava lá e resolvi empurrá-lo para o mais longe possível dos meus pensamentos; estava com raiva de tudo e, por qualquer motivo que fosse, estava canalizando essa raiva a Grizz.

Não tive tempo a sós com Carter, mas tinha certeza de que ela havia sinalizado e ele estava lá fora, esperando que eu fosse ao seu encontro. Eu não sabia como ou quando isso seria combinado e, francamente, não me importava. Era um ponto discutível de

qualquer maneira. No que me dizia respeito, ele poderia simplesmente voltar de onde quer que tenha saído e eu me certifiquei de que Carter soubesse que eu estava falando sério quando ela discretamente me perguntou, no hospital, no dia em que Tommy foi baleado, se eu achava que estava sob qualquer perigo.

As duas semanas seguintes foram um borrão em minha mente, pois enterramos nossa dor sob o amor e a preocupação que recebemos de todas as pessoas que procuraram fornecer conforto. Eu não tive escolha a não ser ficar ocupada com os negócios e aspectos legais da morte de Tommy, e mantive meus filhos comigo tanto quanto possível ainda que, com certa relutância, os tenha deixado passarem tempo com os amigos. Eu sabia que era bom para eles e fiquei realmente grata e aliviada quando voltaram para algumas atividades rotineiras, que os ajudariam a esquecer, mesmo que brevemente, que seu pai havia partido.

Alec levou Jason e seus filhos a um jogo de hóquei profissional. Christy levou Mimi ao shopping. A garotinha de Christy e Anthony, Daisy, precisava de um vestido novo e ela pensou que Mimi iria gostar de ir às compras.

*Agora* eu tinha a casa só para mim. As crianças foram embora. As visitas de amigos foram, lentamente, diminuindo. As pessoas voltaram às suas vidas e horários normais.

Mas eu não conseguia ver *nada* de normal ou rotineiro no meu futuro. Doeu muito pensar que Tommy não faria mais parte dele. O quase silêncio pesava mais do que qualquer barulho que eu conhecia. O tique-taque do relógio do avô, o som abafado do gelo sendo despejado no *freezer*, o zumbido silencioso da secadora. Tive uma sensação ridícula de traição pelos eletrodomésticos em nossa

casa. Como eles ainda poderiam funcionar quando eu não podia? De onde eles estavam tirando suas forças? Uma tomada elétrica? Eu gostaria que fosse tão simples para as pessoas.

Conecte-se à parede e siga em frente.

*Num* súbito, ocorreu-me que não tinha *nada* para fazer. A casa estava limpa e havia comida suficiente na geladeira e no *freezer* para nos alimentar por um mês. Eu iria então ao único lugar onde encontraria consolo. Minha Bíblia.

Estava me preparando para subir as escadas e pegá-la na minha mesa de cabeceira quando fui distraída pelo som do caminhão do correio. Fui até a janela da frente e observei enquanto ele chegava à nossa caixa de correspondência. Percebi que estava ansiosa para ver se havia cartões ou bilhetes de condolências. Eu encontrava conforto em saber que alguém havia dedicado tempo para me escrever e enviar um cartão com seus sentimentos.

Lentamente, voltei para a casa, minha cabeça baixa enquanto classificava os diferentes envelopes. Ver a conta de luz misturada com a outra correspondência me irritou. Ninguém percebe que meu marido está morto? O pessoal da companhia elétrica não sabe que minha vida *nunca* mais será a mesma? Como se atrevem a me mandar uma conta no meio de tudo isso? Como eles ousam esperar que eu continue minha vida como se tudo estivesse bem? Nunca vai ficar tudo bem.

Havia um envelope com estampa oficial do Estado da Flórida. Meus lábios formaram uma linha fina. Provavelmente, era a certidão de óbito de Tommy.

Entrei, fechando distraidamente a porta atrás de mim. Coloquei a correspondência na mesa ao lado da porta da frente e



abri o envelope com o selo do Estado. Quando percebi o que estava olhando, caí no chão e chorei incontrolavelmente. O ladrilho gelado em nosso saguão era bom contra minha pele febril.

Não era a certidão de óbito de Tommy. Eram as certidões de nascimento oficiais que ele me disse que havia feito para nós, no dia em que limpei a garagem de Carter. Sempre usamos os adulterados que recebemos. Aquelas certidões em minhas mãos eram as verdadeiras. Eu era oficial e legalmente Guinevere Lemon, e ele era oficial e legalmente Thomas Dillon.

Exceto *agora*, que isso não importava mais. Porque ele se foi.

Os soluços finalmente diminuíram, mas eu não conseguia me levantar. Eu fiquei ali deitada por não sei quanto tempo, o pensamento de ter que repassar as coisas pessoais de Tommy me oprimindo. Como eu faria isso? Já tinha enfrentado essa tarefa duas vezes no passado. A primeira vez foi quando Moe morreu e a segunda aconteceu depois que Grizz foi preso. Em ambas as vezes, fugi da minha obrigação e deixei outra pessoa cuidar de tudo. Eu não faria isso dessa vez.

Encontrei a força que precisava de uma fonte inacreditavelmente maravilhosa e inesperada: Mimi.

Depois que Christy a trouxe para casa, naquele dia, sentamos na sala e conversamos sobre seu pai.

— Mãe, posso te perguntar uma coisa? — ela sussurrou.

— Claro que pode, querida. — Tomei um longo gole do chá de ervas que fiz para nós duas.

— Eu não sei o que é considerado etiqueta ou apropriado. Quer dizer, não faz tanto tempo. Mas deve ser difícil para você

entrar em seu quarto todas as noites. Vendo suas coisas como as deixou naquela manhã.

Ela estava certa. Eu não toquei em *nada*. Recusei-me a jogar fora as embalagens amassadas do *Jolly Rancher*<sup>[13]</sup> que Tommy deixou por toda a casa. Eu não consegui nem mesmo pegar sua escova de dente, que ele havia deixado ao lado da pia, e colocá-la de volta ao suporte - onde era seu lugar. Adormeci todas as noites segurando seu travesseiro contra o peito e inalando seu perfume. Fiquei petrificada por esquecer qual era seu cheiro. Apavorada por não me lembrar de sua voz, a sensação de sua carícia, a suavidade de seus lábios nos meus ou a sensação de unidade quando fazíamos amor.

— Sim, é... — disse, o ar preso na minha garganta. — É uma tortura.

— Eu te ajudo — ofereceu-se. — Talvez não... em uma limpeza geral, mas talvez um pouco de cada vez. Deixe-me ajudá-la a tomar decisões. Deixe-me ajudá-la a decidir o que pode ser deixado de lado e o que precisa manter. Deixe-me rir com você, porque sabemos que você vai se lembrar de alguns momentos engraçados com ele.

Antes que eu pudesse responder, Mimi completou:

— E me deixe chorar com você, porque sei que se meu coração está se partindo o seu deve estar se despedaçando em um milhão de pedacinhos.

Engoli as lágrimas que eram ameaçadoras e concordei. Minha filha estava crescendo.

\*\*\*

Não foi fácil, mas devo dizer que, se eu não tivesse a Mimi, não sei se poderia superar isso. Mimi se encarregou de organizar as coisas de Tommy para doação. Ela chegou em casa um dia, depois da escola, carregando duas caixas de papelão que pegou em algum lugar ao longo do caminho.

— O abrigo do menino, onde papai se ofereceu, poderia realmente usar os produtos de higiene pessoal, mãe. Eles nem se importam se estão ligeiramente usados.

Poucos dias depois, ela me disse que havia encontrado uma organização sem fins lucrativos que ajudava, viciados em drogas reabilitados a encontrar empregos e que eles precisavam de roupas decentes para usar nas entrevistas. Pouco a pouco, avancei em direção à cura enquanto dizia a mim mesma que as coisas de Tommy não seriam jogadas fora. Elas serviriam às necessidades de alguém menos afortunado.

Ainda assim não foi fácil. Examinei seus ternos e bolsos das calças antes de deixar Mimi levá-los, e encontrei alguns pequenos itens que voltaram a rasgar meu coração. O mais difícil deles era uma pequena lista de tarefas que estava no bolso de um blazer, que eu não via Tommy usar há anos. Eu me lembrei de quando ele o escreveu. Estávamos jantando e pedi licença para usar o banheiro. Quando voltei, estava escrevendo um bilhete para si mesmo.

— O que está escrevendo aí? — perguntei quando me sentei, apanhando meu guardanapo para colocá-lo de volta em meu colo.

— Tenho que me lembrar de algumas coisas para o trabalho amanhã — explicou sem erguer os olhos.

Agora, podia ler o que ele escreveu naquela noite. Sua lista de tarefas para o dia seguinte.

*Pedir a Eileen para marcar uma ligação com o pessoal de Dakota.*

*Ver o arquivo de Brody. Está na hora de um aumento?*

*Puxar as especificações de Scott para o novo cliente. Design semelhante ao que eles querem.*

*Dizer a Ginny como ela estava linda na noite passada.*

Mimi tinha me dito, naquele dia, que ela sabia que meu coração deve ter sido quebrado em um milhão de pedaços. Ela estava errada.

Sentada na cama, lendo o bilhete manuscrito, lembrando-me de que ele me disse no dia seguinte de como eu estava linda naquela noite, ao jantar, tive certeza de que nunca encontraria o caminho de volta da dor. Não havia nenhum coração ainda batendo no meu peito. Eu estava vazia. Simplesmente vazia.

Não sobrou *nada*.

# Capítulo 40

## Ginny, 2001 - Fort Lauderdale

É claro que eu estava errada. O coração, eu aprendi, era um pequeno músculo resistente que não desistia, mesmo quando essa era a minha vontade. Sua batida constante estava em total oposição aos meus altos e baixos emocionais, embora mais baixos do que altos nas semanas após a morte de Tommy.

Agradei ao Senhor todos os dias pelo dom de Sua presença e pelos meus filhos. Nele e neles eu encontrava forças para me levantar todas as manhãs.

Alec passou uma tarde comigo enquanto organizávamos tudo no escritório de Tommy, em casa. Ele se desculpou em silêncio enquanto eu me sentava no sofá de couro e chorava sobre os dois descansos de xícara caseiros que Tommy tinha colocado de volta em sua mesa. Alec sabia que estava se intrometendo em um momento pessoal e voltou dez minutos depois com duas canecas fumegantes de café e uma toalha fria, para eu limpar meu rosto.

Ele se sentou ao meu lado e compartilhou histórias do escritório. Histórias das quais nunca havia ouvido. Podíamos escutar os três meninos brincando no quarto de Jason acima de nós. Alec fez a mesma coisa quando chegou a hora de limpar os pertences pessoais de Tommy, da Dillon & Davis Architects. Ele era um amigo forte, estável e percebi que comecei a contar com ele não apenas para sua amizade, mas também para Jason. Alec e seus meninos eram tão bons para meu filho que, como eu, poderia desmoronar em lágrimas sem qualquer aviso.

Não sei quanto tempo se passou até que Carter apareceu em minha porta, um dia.

— Vamos caminhar enquanto o tempo ainda está agradável. Ouvi dizer que teremos temperaturas altíssimas nessa primavera — ela me disse, oferecendo o braço.

Eu sabia do que se tratava e não estava pronta para enfrentá-lo.

— Não. Não estou com vontade de caminhar — recusei com minha voz azeda. — Sei o que você quer. Você quer me dizer que ele está de volta e está esperando por mim. Então, acho que ele esperou o suficiente e mandou você aqui com ordens para eu encontrá-lo.

— *Uh*, não, não é por isso que estou aqui, e antes que diga mais alguma coisa lembre-se: foi você quem o convocou. Você usou a bandana.

— Bem. Eu... eu não queria. Acontece que eu estava usando um rabo de cavalo naquela noite e a bandana veio com meu jeans e minha blusa, esqueci que era uma forma de enviar um sinal para ele.

Carter olhou para mim, os olhos ligeiramente arditos.

— Você ainda é a pior mentirosa que eu conheço, Ginny.

Olhei para o chão.

— Não importa agora a razão pela qual eu a usei. Eu disse a você naquele dia, no hospital, que era um alarme falso, que as crianças e eu não corremos perigo. Grizz pode ir embora. E... diga que ele pode te absolver de seu dever. Não vou enviar mais sinais. Nunca.

Empurrei meu queixo para cima e tentei não o deixar tremer.

— Se é isso que você realmente quer, então vou passar a mensagem para ele. Mas, Gin, estou aqui por um único motivo. Estou aqui porque amo você e sei que todos voltaram para suas vidas. Eu realmente só quero ver se gostaria de dar um passeio comigo. Isso é tudo. Sem segundas intenções.

Ela sorriu para mim e depois de alguns momentos não pude deixar de sorrir de volta. Claro, era por isso que ela estava aqui. Essa era Carter.

Permiti que entrasse para esperar enquanto eu colocava meus tênis de caminhada. Subi as escadas correndo, mas quando o fiz, percebi que ainda me perguntava uma coisa: por que Grizz não fez *nenhum* esforço para tentar me ver?

Isso era tão diferente da parte dele e, no final das contas, eu realmente havia usado a bandana.

# Capítulo 41

## Grizz, 2001 - Fort Lauderdale

Era a coisa mais difícil que ele tinha de fazer desde que pediu a ela que se casasse com Tommy. Ficar longe de Ginny era a mais pura tortura, assim como não saber o motivo pelo qual ela usou a bandana, muito menos por que razão o atraiu daquela forma.

Carter não podia oferecer uma explicação. Ela só pôde confirmar que Ginny não estava em perigo. Grizz ficou aliviado ao saber disso, mas ainda assim... teve que deixar as semanas passarem. Teve que ficar longe. Ela estava cercada por muitas pessoas, muita atividade. E quem diabos era aquele cara do funeral?

Grizz finalmente se fez presente a Anthony Bear. Depois de se recuperar do choque de ver seu amigo morto e sabendo que era melhor não perguntar a ele os porquês ou “*comos*” da situação, Anthony o ajudou a se estabelecer de volta na sociedade como James Kirkland. Ambos sabiam que havia pessoas vivendo na sociedade que eram consideradas mortas para o mundo, pessoas que foram assassinadas, que morreram em acidentes ou desapareceram e foram consideradas mortas. Até mesmo pessoas que foram condenadas à morte. Não foi tão difícil quanto se poderia pensar. As pessoas não reconheciam os mortos entre os vivos porque não estavam procurando por eles. A única exceção, claro, era Elvis. E todos sabiam que ele estava realmente morto.

Não estava?



Então, foi isso o que ele e Anthony decidiram que seria o melhor. Pelo menos por *agora*, Grizz viveria à vista de todos como James Kirkland. Mas, se esconder estando à vista de todos não significava que ele simplesmente se jogaria de volta ao exterior. Grizz raramente saía de casa, no entanto, precisava se manter ocupado.

Desde que Anthony se mudou para àquela costa, ele se dissociou de sua gangue da costa oeste e parecia estar dirigindo um legítimo negócio de paisagismo. Seria em uma dessas equipes que Grizz encontraria um emprego. Uma vez que Anthony não contratou *ninguém* de seu passado, não haveria qualquer chance de Grizz esbarrar com um de seus antigos membros do clube ou de Anthony. Com o cabelo preso sob um boné de beisebol e óculos escuros na maior parte do tempo, Grizz fazia o possível para se parecer com o vizinho. Ele até teve algumas de suas tatuagens mais memoráveis e identificáveis alteradas enquanto ainda estava na prisão e, apesar do calor, passou a usar ocasionalmente camisetas de manga comprida na esperança de chamar menos atenção para os desenhos em seu corpo.

A princípio, pensou que odiaria ser um cara qualquer, mas não odiava. Anthony o colocou em uma pequena equipe de trabalhadores que mal falavam inglês. Sem *punks*. Sem encrenqueiros. Apenas homens decentes e trabalhadores tentando ganhar a vida honestamente. Sua pequena equipe sempre era designada para trabalhar em casas, em vários hectares, longe dos bairros movimentados e lotados. Grizz colocou seu protetor solar, boné, óculos escuros e andou no cortador de grama a maior parte

do dia. Desde que descobriu seu amor pela leitura, na prisão, sempre usava fones de ouvido e ouvia livros em áudio.

Grizz evitava ouvir rock. Isso o incomodava e despertava velhas lembranças, deixando-o ansioso. Por quê? Ele não tinha certeza. Ele já estava bastante inquieto. Esperando por ela.

— O nome dele é Alec Davis. — Anthony lhe contou um dia, enquanto almoçavam sob a sombra de uma grande árvore. O companheiro checava o trabalho de todos diariamente, sempre certificando-se de aparecer no local de trabalho de Grizz por volta da hora do almoço, onde se separariam do resto dos homens e conversariam. — Tommy fez dele seu parceiro, anos atrás. Não consigo encontrar *nada* sobre ele, Grizz... *err*, James.

Anthony não precisava chamá-lo de James quando estavam sozinhos, mas ele o fazia de qualquer maneira para ajudar a retreinar sua mente, para que não houvesse deslizos no futuro.

— Ele está separado judicialmente e tem a custódia exclusiva dos filhos. Você os viu no funeral, os meninos têm quase a idade de Jason. Alec também tem uma quantia substancial no banco, sem dívidas ou vícios que minha fonte pudesse encontrar.

Anthony notou os músculos da mandíbula de Grizz se contraírem.

— Ele tem uma namorada?

— Não — negou Anthony e rapidamente acrescentou: — Já acrescento que tampouco tem namorado. É apenas ele e seus meninos. Como disse, o homem está separado da esposa, mas não é divorciado.

— Pai bonito e dedicado, sem problemas financeiros, nem drogas ou qualquer outra coisa. Por que você acha que ele não tem

outra mulher ainda? — A irritação de Grizz estava começando a aparecer. — E ele se encontrou com Ginny desde o funeral?

— Várias vezes — afirmou Anthony. — Nunca sozinho, no entanto. As crianças estão sempre com eles. Pelo menos é isso o que me foi relatado.

Grizz tinha perfeita noção do porquê Alec não tinha namorada. Ele estava interessado em Ginny, e Grizz sabia que Anthony tinha conhecimento disso também, embora nunca expressasse isso. Ele acalmaria os pensamentos do amigo.

— Não se preocupe, Bear — tranquilizou Grizz. — Não vou fazer *nada* estúpido.

*Pelo menos, ainda não.*

— Agora — prosseguiu. — Diga-me o que dizem nas ruas sobre o cara que atirou em Tommy.

Anthony explicou como a polícia ainda não havia encontrado o suspeito, mas seus homens sim. Grizz ficou surpreso que Blue não tivesse ouvido isso e relatado à sua namorada detetive. Já deveria ter havido uma prisão.

— Não sei dizer, mas Blue está tentando manter as mãos limpas. Sua velha equipe está tendo alguns problemas. Procurando alguém para estar no comando. Blue me disse que você deu a ele permissão para ir embora antes de sua execução. Talvez ele não queira se envolver. A última vez que o vi, me contou algo sobre o assassinato de Jan. Algo que você deveria saber.

Anthony explicou os detalhes de uma conversa que teve com Blue logo depois que o corpo de Jan foi encontrado.

— É sério? — Grizz perguntou, o desânimo em sua voz era evidente.

— Sim.

Ele assentiu.

— Bom, conte-me sobre o cara que atirou em Tommy.

Grizz ouviu sem interromper enquanto Anthony explicava isso também.

— Então não foi uma armadilha? Foi realmente um fodido ato aleatório de violência e Tommy estava no lugar errado na hora errada?

— Não foi planejado. Era um viciado procurando uma solução para comprar mais drogas. Estou certo disso. O que quer que eu faça com ele?

Ele não precisava perguntar isso a Grizz. Ele não precisava buscar uma ordem específica, mas o respeito de tempos passados tinha precedência. Aquele ainda era o território dele, Grizz estando vivo para reivindicá-lo ou não.

— Posso lidar com isso da maneira que você quiser. Basta dizer a palavra e pronto.

O velho Grizz teria lidado com o homem sozinho. O velho Grizz não teria mostrado misericórdia. O velho Grizz teria se consolado com o fato de que o que Ginny não sabia jamais a iria a machucar.

Ele se perguntou o que Ginny iria querer.

— Certifique-se de que a polícia o encontre e deixe-os lidar com ele — disse, por fim, a um Anthony atordoado enquanto terminava seu sanduíche em silêncio. *E se eles não fizerem justiça para Tommy e Ginny, eu mesmo cuidarei disso.*

Então ele se levantou e se dirigiu ao cortador de grama.

Anthony observou Grizz caminhar em direção à máquina, subir e partir. O amigo havia tomado a decisão executiva de não contar ao velho companheiro outra coisa que tinha ouvido. Não nas ruas, mas de um de seus próprios filhos.

Ele sabia que se Grizz quisesse sobreviver na sociedade teria que manter uma ficha limpa, e se Anthony contasse o que ouviu sobre o que foi feito a Mimi, seria apenas uma questão de tempo para que as coisas explodissem e ficassem fora de controle. Ele precisava descobrir uma maneira de tirar Grizz do sul da Flórida e mantê-lo longe de qualquer coisa remotamente conectada ao crime. Além disso, quanto mais tempo Grizz ficasse por perto, se escondendo à vista de todos ou não, mais a sorte se voltaria contra ele e o fato de não querer ser reconhecido.

Porra! Anthony odiava complicações. Ele olhou para o relógio e percebeu que estava atrasado, tinha que chegar em casa e tomar banho para poder estar na escola de Daisy, para uma reunião de pais e professores. Se ele perdesse outra, Christy iria começar a ler o seu sermão.

# Capítulo 42

## Ginny, 2001 - Fort Lauderdale

As semanas lentamente se transformaram em meses e, em pouco tempo, caímos em nossa rotina familiar, o mais normal que conseguíamos. Bem, tão normal quanto poderia ser. Não voltei a trabalhar, mas, em vez disso, preenchi meus dias participando de todas as atividades em que Mimi e Jason estavam envolvidos, bem como voluntariado para diferentes organizações de caridade.

Alec sugeriu que, se eu estivesse interessada, ele cortasse as relações com o contador que usavam na Dillon & Davis para que eu pudesse mergulhar de volta em um trabalho que amava. Mesmo que ele tivesse boas intenções, eu o deixei saber que não queria que um contador perfeitamente capaz perdesse sua fonte de renda por minha causa. Além disso, eu precisava me distanciar do trabalho de Tommy. Tudo era muito doloroso.

Era uma manhã de quarta-feira, eu estava no campo de tiro mirando cuidadosamente no alvo à minha frente. Disparei todos os doze tiros, mantendo um agrupamento de duas polegadas a uma distância de vinte e cinco pés, e tive que lutar contra meus demônios internos que queriam fingir que eu estava mirando no assassino de Tommy. A polícia finalmente prendeu o homem responsável. *O assassino de Tommy*. As palavras simplesmente não pareciam verdadeiras. Ainda não parecia real, mas eu sabia, pelo profundo sentimento de tristeza que vivia com meus filhos, que definitivamente era muito real.

Eu ansiava por meu marido e me esforcei para não pensar no homem que ficou atrás de mim, há mais de vinte anos, com seus enormes braços tatuados segurando minhas mãos firmes, quando dei o primeiro tiro.

Grizz.

Estive na casa de Carter algumas vezes desde a morte de Tommy. Sempre me assegurei de ter um ou os dois filhos comigo. Sim, era bom que os amigos estivessem interferindo e incluindo-os nas atividades familiares, mas fiz questão de passar o máximo de tempo possível com as crianças. Eu me senti responsável pela cura delas e percebi que estava me curando também. Ajudar Carter foi bom para todos nós. Gostei especialmente do cansaço físico que me acometeu logo depois de ir ao seu pequeno zoológico.

Ela me flagrou olhando para a garagem, um dia, enquanto bombeava água sobre a calha de rega. Jason correu para dentro de casa para usar o banheiro. Mimi teve que trabalhar naquele dia e não estava conosco.

Sem olhar para mim, Carter disse com naturalidade:

— Ele não está lá.

— Não pensei que estivesse — repliquei um tanto rápida demais.

Mas eu não estava sendo sincera. Me perguntava, mais do que gostaria de admitir, onde Grizz estava morando, embora tentasse não pensar nele, fosse com raiva ou alguma outra coisa que eu não me permitia identificar. Parecia uma deslealdade a Tommy.

Nenhuma de nós seguiu a falar, por alguns instantes, e minha curiosidade finalmente tirou o melhor de mim, forçando-me a

perguntar:

— No entanto, ele já esteve lá, não? Quando voltou pela primeira vez? — Tentei agir casual, mas podia sentir meu pulso acelerar. Era minha raiva não resolvida? Ou alguma outra coisa?

— Não, Ginny. Ele não ficou aqui. Não sei onde ficou.

— Ficou? Quer dizer, ele foi embora?

Carter parou o que estava fazendo e olhou fixamente para mim.

— Você me pediu para dizer a ele para ir embora. Enviei sua mensagem e não tive notícias dele desde então. Estou assumindo que, assim como queria, ele seguiu seus desejos.

Fiquei um pouco chocada. Certamente, não parecia o Grizz que eu conhecia. Ele nunca faria algo que lhe tivessem dito.

Eu inclinei minha cabeça.

— Você acha que ele realmente foi embora, Carter?

— Você se importa?

Tive de me segurar então, girando e fazendo um caminho mais curto em direção ao seu celeiro.

— É claro que eu não me importo — gritei por cima do ombro.

Certifiquei-me de estar de costas para ela enquanto partia. Não queria que ela lesse *nenhuma* dúvida que possa ter estado em meus olhos. Eu não queria que ela fosse capaz de descobrir o que poderia estar enterrado no fundo do meu coração, especialmente se eu não pudesse nem mesmo vê-lo ou entendê-lo.

\*\*\*



Dois dias depois, sentei-me entre a multidão de outros pais e amigos assistindo Mimi se apresentar em seu recital de piano. Eu disse a ela que não precisava se apresentar, mas a garota foi inflexível, dizendo que queria fazer isso por seu pai, e nós duas sabíamos que Tommy não gostaria que ela perdesse àquilo, afinal, foi ele quem originalmente a encorajou a ter aulas de piano. Eu tentei ensiná-la a tocar guitarra, mas ela não gostou muito. Tommy percebeu sua paixão pelas teclas em nossa igreja e mandou entregar um piano em nossa casa no oitavo aniversário de Mimi.

Depois que terminou e os aplausos pararam, ela se levantou e olhou para o público.

— Sr. Dolan disse que eu poderia tocar mais uma. Esta é para meu pai. Ele adora esta música e ama especialmente o final, um solo de piano.

Ela então tocou a partitura do final de “*Layla*”, de *Derek and The Dominos*. Mimi tocou com uma paixão que eu nunca tinha visto. O bater das teclas ressoou pela sala e, antes que eu percebesse, tudo acabou e o público estava de pé, seus aplausos ficando cada vez mais frenéticos antes de finalmente morrerem em quietude. E eu percebi que estava ouvindo isso com memórias calorosas e felizes de Tommy. Eu não estava chorando ou desmoronando.

Jason se virou para mim e sorriu.

— Mimi está certa. Essa é uma das canções favoritas do papai!

Eu encontrava conforto no modo como nem Mimi ou Jason disseram que era uma das músicas favoritas de Tommy, ou que costumava ser uma das favoritas dele. Ao invés disso, eles falaram no tempo presente. Disseram isso porque não viam seu pai como se

estivesse fora de nossas vidas. Eles sabiam que Tommy sempre estaria conosco.

Eu estava finalmente me curando. Estávamos todos nos curando.

Mesmo antes da morte de Tommy, percebi que Mimi sugeria cada vez mais que passássemos um tempo em família com os Bears. Descobri, bem cedo, que ela estava fazendo o seu melhor para esconder o fato de que estava apaixonada pelo filho mais velho de Christy e Anthony, Slade, de dezoito anos. As poucas vezes em que os vimos e Slade por acaso se juntou a nós, ele pareceu legal o bastante para Mimi, mas eu não sabia se sua educação se traduzia em interesse.

Tive que perguntar a Christy sobre isso.

— Você acha que há algo acontecendo entre Mimi e Slade?  
— questionei a ela um dia pelo telefone.

— Não tenho certeza — respondeu. — Não ouvi *nada* do tipo, mas é claro, ele não mora mais em casa, então eu provavelmente não saberia. Você perguntou a ela?

— Perguntei. Mimi disse que ele foi tão legal com ela no hospital, também sempre parece amigável nas poucas vezes que encontramos vocês, mas ela não sabe se ele está interessado. Acho que Mimi pode estar à beira de ter uma queda por ele ou algo assim, Christy. Não tenho certeza de como lidar com isso ou se há algo com que eu deva lidar. Christian saberia?

Percebi, quando as palavras saíram dos meus lábios, o quão ridícula eu parecia. Eu poderia muito bem estar sentada à mesa do almoço da sexta série passando bilhetinhos de fofoca.

— Se Christian sabe algo sobre seu irmão ter sentimentos por Mimi ou não, duvido que ele diria. Ele é exatamente como o pai costumava ser — disse ela por entre uma risada. — Chris anda por aí com algum tipo de fone nos ombros, odiando tudo e todos. Me faz pensar se algo desse tipo realmente pode estar realmente nos genes do pai.

Nossa conversa foi da possível paixão de Mimi às próprias preocupações de Christy sobre o filho, sobre o qual não pude comentar *nada*. Eu não tinha visto Christian desde aquele dia no hospital, e quando o vi foi brevemente na sala de espera. Ele não tinha vindo às poucas reuniões que tivemos desde então.

Uma semana depois, percebi uma mudança na atitude de Mimi. Eu estava certa sobre o desenvolvimento de seus sentimentos por Slade.

— E ele rejeitou você? — perguntei a ela da maneira mais delicada que consegui.

Estávamos na cozinha fazendo o jantar juntas. Alec estava trazendo Jason de uma feira livre na cidade e eu o convidei para comer conosco e trazer seus meninos.

— Sim, acho que você poderia dizer dessa forma. — A decepção era evidente em sua voz enquanto ela preparava a salada.

— Ele disse que simplesmente não tinha tempo ou não estava interessado?

Mimi me contou que mandou uma mensagem para Slade e perguntou se ele tinha tempo para lhe dar algumas aulas de direção. Ela logo faria dezesseis anos e poderia tirar sua licença. Eu não estava ansiosa para Mimi dirigir. A ideia de comprar um carro para

ela parecia uma grande empreitada, não do ponto de vista financeiro, mas pessoal. Sempre pensei que Tommy a levaria para fazer um *test-drive* em alguns carros, não eu.

— Ele pareceu surpreso por eu não saber dirigir, me perguntou por que eu já não tinha feito autoescola e se sentiu mal quando contei que não aceitaria algo do tipo porque papai sempre dizia que me ensinaria, mas, claro, com você se mudando no ano passado e todos os problemas que estávamos tendo, isso nunca aconteceu.

Mimi não disse isso com a intenção de culpar-me ou na tentativa de me fazer sentir rebaixada. Ela estava apenas declarando fatos.

— Então, ele sugeriu que talvez Christian pudesse me ensinar. Meu Deus!

Olhei em sua direção e percebi que ela estava certa. Essa foi, definitivamente, a maneira que Slade encontrou de decepcionar Mimi. As palavras saíram antes que eu pudesse detê-las.

— O que há de errado em perguntar ao Christian?

Ela bufou, condescendente.

— Eu não vi Christian desde àquele dia horrível no hospital e só Deus sabe há quanto tempo havíamos nos encontrado. Ele apenas parece, não sei, bravo com alguém ou alguma coisa. Ele continuou olhando para mim com aqueles olhos azuis gelados e nem disse *nada*. Apenas se sentou lá e olhou.

Eu não conseguia acreditar que estava me candidatando a torcer por Christian, especialmente depois do que Christy me disse, mas eu não conseguia evitar.

— Talvez ele só precise de um amigo. Sabe, você costumava ser próxima dele quando era pequena. Vocês costumavam brincar de casamento...

— Mãe! — protestou com o revirar dos olhos. — Você poderia, por favor, não tocar nesse assunto? Que vergonha. Eu tinha o quê, talvez cinco anos?

Comecei a sorrir e ia lembrá-la de quão próximos eles estavam quando ela acrescentou:

— Fico pensando que se eu perguntasse a Christian a respeito e ele disse sim, se isso poderia deixar Slade um pouco ciumento.

Olhei para ela seriamente.

— Tenho certeza de que, para o seu cérebro de quinze anos, isso parece um plano sólido e incrível, mas vou lhe dizer agora, Mimi, não é uma boa ideia. Por favor, não faça isso, querida. Não use Christian. Você não gostaria que alguém a usasse.

Pensei tê-la visto estremecer e nossa conversa foi interrompida quando Jason veio correndo, Alec e seus meninos logo atrás dele.

Alec mostrou alguns filmes que havia alugado e disse enquanto eu colocava uma caçarola na mesa:

— Eu escolhi alguns *DVD's* que achei que os meninos iriam gostar. Estava pensando, se não for muito incômodo, talvez, que Mimi não se importaria de ficar aqui com as crianças depois de comermos, para eu te levar a um clube de jazz por algumas horas. Apenas tirar você de casa e fazer algo adulto, Ginny.

— *Uh*, obrigada, mas eu não gosto de jazz — recusei sem olhar para ele. De repente, estava muito concentrada no balcão da

minha cozinha.

Ele riu.

— Não precisa ser jazz. Certamente podemos encontrar um clube com outro tipo de música.

— *Hum*. Não gosto de clubes e, realmente, já tenho muita interação com afazeres adultos.

As crianças estavam muito ocupadas tagarelando umas com as outras para perceberem a mudança no clima dentro da casa, mas Mimi percebeu.

— Ginny — sussurrou ele. — Eu sei o que você está pensando. Não estou sugerindo que saíamos em um encontro. Estou sugerindo que você se junte a mim, como amigo, para ouvir um pouco de música e até mesmo desfrutar de uma taça de vinho. Sei que tem tarefas de adulto, mas é sempre porque você está se voluntariando em algum lugar. Fazendo algo por outra pessoa. Eu estava pensando que, talvez, você gostaria de algum tempo para realmente se divertir.

Ele fez uma pausa e percebi que Alec estava sempre trabalhando ou cuidando de seus filhos. Eu não tinha certeza, mas como ele era o único responsável pelos meninos, duvidava que tivesse uma vida muito social. Talvez fosse ele quem precisava de um amigo.

Assim que pensei nisso, ele acrescentou:

— Sei que *eu* preciso de uma companhia adulta.

Antes que eu pudesse responder, Mimi interrompeu:

— Mãe, vá. Eu fico com os meninos.

Esse era Alec. O mesmo homem que foi parceiro de Tommy por anos. O mesmo homem em quem confiei nos últimos meses. O

mesmo homem que nunca insinuou que estava interessado em algo além de amizade.

Balancei a cabeça e me sentei à mesa para jantar. Tudo bem, eu iria.

# Capítulo 43

## Grizz, 2001 - Fort Lauderdale

— Ela disse isso? Disse exatamente essas palavras?

Carter olhou para a mesa. Eles estavam sentados nos fundos de um restaurante de *fast-food*. Grizz sentou-se de costas à parede, enfrentando os clientes que entravam com um olhar gélido. Ele nunca se sentava de costas para uma multidão, apesar do leve risco de ser reconhecido.

Ela havia enviado uma mensagem há algum tempo dizendo que Ginny não precisava mais dele, mas insistiu em permanecer por perto. Carter não disse a ele naquela mensagem as outras palavras duras que Ginny falou mais tarde, palavras que ela contava a ele, *agora*: Que Grizz poderia aliviá-la de seu dever de convocá-lo. Que Ginny nunca mandaria chamá-lo e que a bandana não havia sido *nada*.

Carter estava certa em sentir que ele não iria embora sem maiores explicações, embora soubesse que Grizz havia se magoado com os detalhes que acabara de contar, também sabia que não mentiria.

— Sim. — Carter arriscou um olhar para ele. — Mas eu não acho que Ginny queria dizer isso. Ela está vindo de semanas de dor e raiva. Veja o que ela passou, não apenas desde que Tommy morreu, mas sabendo de antemão sobre o seu segredo. Descobrir que você é o pai dele foi demais. Ela precisa de mais tempo. — Carter tomou um gole rápido de seu refrigerante e evitou o contato



visual com Grizz. Ginny a havia recentemente confidenciado que Grizz não era o pai de Tommy.

Se Ginny decidisse ver ou falar com Grizz, seria sua história para contar. Não de Carter.

Aquela era a primeira vez que ele realmente se encontrou com Carter cara a cara desde seu retorno.

— Eu não deveria ter apenas esmagado a cara daquela vadia na mesa. Eu deveria tê-la matado, porra! — A memória da entrevista na prisão com Leslie ainda estava fresca na mente de Grizz. Era sua culpa Ginny estar tendo que lidar com tanto, *agora*.

Carter rapidamente mudou de assunto.

— Mas, como tem sido para você? — O que tem feito, onde está ficando?

Ele explicou o mais resumidamente possível que *agora* trabalhava em uma empresa de paisagismo, que mudou de seu apartamento na praia e estava alugando uma casa mobiliada de três quartos em uma pequena subdivisão chamada Laurel Falls. Grizz estava surpreso com o tanto de desenvolvimento que *agora* havia no Sul da Flórida, desde que foi para o presídio.

— Toda maldita casa parece a mesma! E todo bairro também. Se não tivesse uma placa na frente dizendo “Laurel Falls” eu não saberia onde caralhos eu estava.

Carter não conseguiu evitar a risada.

— Tenho certeza de que mudou muito desde a última vez que estive lá. Uma concessionária *agora* ocupa o lugar onde seu Motel costumava ficar.

— É, eu vi isso. Não consigo acreditar como o desenvolvimento se espalhou tão rápido. Tudo agora é uma selva

de concreto.

— E como tem lidado com a tentativa de ficar fora do radar de todos? — Carter sabia que a tentação de visitar seus antigos bares e as rondas com os motoqueiros devia ser excruciante.

— Não tão difícil quanto achei que seria, mas ainda me mantenho debaixo de um chapéu com óculos escuros, como se fosse regra. É foda pensar na loucura que é eu estar sendo forçado a viver sob as mesmas regras que impus a Kit todos esses anos. O Karma tem me fodido o traseiro. — Ele mordeu o hambúrguer em suas mãos.

— Pelo menos você ainda tem um traseiro. Não sei como conseguiu esse feito, mas ainda o tem.

Grizz fitou-a com o estreitar dos olhos, intenso, conforme mastigava a comida.

— Não está realmente me perguntando sobre isso, está?

— Nem sonharia em perguntar — admitiu francamente, antes de sorrir. — Tenho certeza de que dará um livro, um dia.

Ele revirou os olhos e apenas livrou-se do pensamento antes de falar:

— Eu ainda não entendo por que ela me sinalizou com a bandana depois que Tommy foi baleado — a perplexidade em seu tom era óbvia. — Primeiro pensei que ele tivesse sido um alvo e ela estivesse se sentindo ameaçada, de alguma forma. Ou que ela pensou que os policiais nunca pegariam o cara e que eu ainda tinha alguma influência pelas ruas para conseguir. Mas, porra, ela poderia simplesmente ter ido até o Blue ou Anthony! Mas talvez eu só quisesse acreditar que ela precisava de mim por, talvez, ainda me amar.

Ele falou a última parte olhando além do ombro de Carter. Não conseguiria olhá-la, de tal forma que, como já era esperado, ela lhe deu um olhar sugestivo.

— Grizz?

Seus olhares se cruzaram.

— Sim?

— Ginny estava usando a bandana um dia *antes* do Tommy ser baleado. Eu te mandei a mensagem minutos depois de tê-la visto. Vai me dizer que não a recebeu até o incidente?

Grizz endireitou os ombros e se concentrou no que Carter estava dizendo. Ela podia ver as rodas começarem a girar na mente dele.

— Eu acidentalmente desliguei meu *pager*. Recebi a mensagem no dia seguinte ao que aconteceu. Na verdade, estava sentado em uma lanchonete em algum lugar da Louisiana assistindo ao noticiário nacional quando sua mensagem chegou. Presumi que tivesse sido enviado após o tiroteio. — Ele franziu a testa. — Você sabe por que ela estava usando um dia antes de ele levar o tiro?

— Não. Ginny me disse que tinha esquecido que era uma forma de sinalizar para você e, por acaso, estava usando a bandana naquele momento. Que foi um alarme falso. — Ela fez uma pausa e se inclinou sobre a mesa na direção dele. Quase em um sussurro, acrescentou: — Mas eu sei que ela não estava sendo sincera.

\*\*\*

Ele sentou-se em seu carro, lutando contra a tentação de marchar para dentro do clube e reivindicar a única mulher que ele já

amou. Isso o estava matando.

Grizz fez tudo ao seu alcance para ficar longe dela e se manter discreto enquanto lentamente se imergia de volta na sociedade. Não foi fácil. O puxão para voltar à sua antiga vida era forte, tentador, especialmente porque não a tinha ao seu lado para ancorá-lo. Ele tinha pensamentos sombrios sobre se reinventar no submundo, trazer seu clube de volta aos dias de glória, mas sabia que esses pensamentos eram tão equivocados quanto ridículos.

Grizz não havia tentado vê-la desde o funeral de Tommy. Os últimos meses foram uma agonia para ele, sabendo que ela estava lá fora. Sabendo que ela precisava dele. Querendo saber por que ela não pediu a Carter para marcar um encontro.

Ele imaginou que a mensagem inicial de que sua presença não era mais necessária era por causa da dor dela, então decidiu ficar, certo de que ela mudaria de opinião. Grizz falhou miseravelmente ao tentar aceitar que ela mudou de ideia depois que Tommy morreu.

Mas ouvir de Carter que Ginny estava usando a bandana um dia antes de Tommy ser baleado alimentou sua necessidade de vê-la, de falar com ela ainda mais. Para perguntar o porquê.

Por dois dias, se sentou em um shopping que ficava em frente à entrada de seu bairro antes de vê-la. Mas quando finalmente o fez, não foi o que ele esperava. Seus olhos tiveram que piscar duas vezes para ver que ela estava realmente no carro com o homem que Grizz havia visto no funeral. Ela estava sorrindo para algo que ele disse quando a luz da rua iluminou seu rosto. Seu sangue começou a ferver de fúria.

Grizz os seguiu até um clube e sentiu a escuridão começar a invadir seu peito. Ele não sentia raiva assim desde que ela deu à luz a Jason e ele teve que bater em outro prisioneiro até a morte para se acalmar. Ele sabia que havia apenas uma coisa que poderia fazer: teria que dirigir para longe do clube antes de fazer algo estúpido. Teria que encontrar outra saída para apagar sua fúria mais sombria. Porque, se não o fizesse, sabia sem sombra de dúvida que Alec Davis se tornaria a próxima refeição de algum crocodilo sortudo que vagasse *num* esgoto por perto.

Grizz não seria capaz de falar com ela nessa noite, teria que esperar pacientemente o momento certo para abordá-la. Ele queria saber por que ela usava a bandana e não sabia como se controlaria até obter a resposta. Mas uma coisa Grizz tinha como certeza dentro de si:

Quer ela pensasse que precisava dele ou não, ele nunca deixaria o sul da Flórida sem sua mulher.

# Capítulo 44

## Ginny, 2001 - Fort Lauderdale

Surpreendentemente, eu me diverti na noite em que Alec me levou ao clube. Ele encontrou o local ideal com uma banda que tocava nada além de música dos anos setenta. O lugar tinha um toque retrô e hippie que eu absolutamente amei. Até concordei em voltar na noite do próximo sábado.

Alec era um cavalheiro perfeito e eu não esperava *nada* diferente. Lembrei-me de ter sentido um leve entusiasmo com seu elogio no dia em que fui ao escritório para surpreender Tommy, mas não havia *nada* em suas ações durante nossa noite que indicasse que ele estava interessado em outra coisa senão um momento sem as crianças. Durante os intervalos da banda, ele me contou sobre seu tempo longe da civilização. Como ele e os meninos se uniram enquanto viviam em Kentucky, longe do barulho e da agitação da vida na cidade.

— Ficar longe da tecnologia por alguns meses foi a melhor decisão que já tomei — afirmou. — Eu me senti mais próximo dos meus meninos e fiz com que eles se abrissem sobre o sentimento de abandono de Paulina. Não foi fácil, mas tive que explicar algumas coisas a eles.

\*\*\*

Uma semana depois, eu estava fatiando cenouras no balcão da cozinha quando Jason entrou e estava vasculhando a geladeira.

De costas para mim, ele deixou escapar:

— Caleb quer que você se case com o pai dele.

Parei de cortar o legume e me virei a fim de olhar para Jason, que estava bebendo leite direto da caixa. Eu estava chocada demais para repreendê-lo. Caleb era o caçula de Alec. Eu apenas o encarei, os lábios pairando entreabertos.

— Ele perguntou se você estavam se envolvendo com coisas de beijar. Foi assim que falou. — Jason revirou os olhos.

— Se acontecer de novo, pode garantir a ele que eu não estou beijando o pai dele. Nós somos apenas amigos.

— Eu sei, foi o que eu disse a ele. Acho que o Caleb pensa que, porque não tem mãe e eu não tenho pai, formaríamos uma boa família.

— Ele é jovem e posso entender por que pensaria isso, mas acho que você deve continuar a desencorajá-lo, querido. Isso não vai acontecer.

— Que bom, mãe. Estou feliz que você disse isso. Não quero outro pai. Nem mesmo Alec.

Ele jogou a caixa de leite, *agora* vazia, no lixo e passando o braço pela boca saiu da cozinha.

— Bom... — sussurrei para mim mesma — porque eu não quero outro marido.

Certifiquei-me de que Mimi estaria em casa para que eu pudesse me esgueirar para a igreja e trabalhar na minha aula da escola dominical. Embora eu já tivesse preparado a lição, ainda queria atualizar os quadros de avisos para coincidir com a nova unidade que apresentaria. Sentei-me em uma das pequenas cadeiras com os joelhos mais altos do que a mesa.

De alguma forma, fui imediatamente lembrada de estar exatamente na mesma posição no ano passado, quando tomei a decisão certa de voltar para Tommy. Lembrei-me da ligação que recebi dele, me contando que Jan havia sido assassinada. Eu afastei as memórias tristes e voltei a cortar pequenos papéis de carta de um vermelho brilhante.

Queria saber se deveria cancelar o encontro com Alec mais tarde, naquela noite. Jason estaria fora com seu amigo, Max, e Mimi seria a babá de Daisy, filhinha de Anthony e Christy. Eu sabia que ela realmente amava a pequena Daisy, porém, desconfio que havia uma parte dela esperando que, de alguma forma, topasse com Slade.

Mas *agora*, depois do comentário de Jason na cozinha, eu estava reconsiderando seriamente minha amizade com Alec. Não porque eu tivesse algum sentimento por ele ou pressentindo que ele tinha sentimentos por mim, mas porque estava preocupada sobre como nossa amizade poderia parecer aos nossos filhos. Nosso encontro como amigos no fim de semana anterior correu bem, mas eu não queria dar a impressão errada às crianças. Talvez eu falasse com Alec sobre isso, nessa noite.

Eu estava na sala de aula da igreja e na ponta dos pés, tentando alcançar o alto da parede com teimosia, quando percebi uma mudança ao meu redor. Eu não conseguia identificar de onde vinha o sentimento; simplesmente sabia que algo havia mudado, então escutei com atenção. Não seria incomum que outra pessoa estivesse no prédio comigo. Eu não era a única pessoa com uma chave, nem a única professora a trabalhar nas minhas aulas um dia



antes de apresentá-las. Mas o que parecia incomum é que ninguém se fez presente. Engoli em seco.

Usei minha chave para entrar pela porta lateral e subir a escada dos fundos, mas isso não significa que alguém não poderia ter entrado pela igreja, que era mantida destrancada nos fins de semana, e encontrado seu caminho pela escada da frente.

Eu fui até o pequeno *CD player* no parapeito da janela e abaixei o volume. De costas para a porta da sala de aula, lentamente examinei o estacionamento lateral, inclinando-me para dar uma olhada nos outros estacionamentos. O meu carro era o único ali.

Tentando controlar o ofegar de meus lábios, virei nos calcanhares e minha mão direita voou ao meu coração.

Grizz.

Ele estava parado na porta da minha sala de aula. Engolindo o nó na garganta, me esforcei para ficar calma, para não pensar, enquanto lentamente o examinava, começando em seus pés e finalmente parando em seus olhos.

Aqueles olhos.

Ele parecia uma versão mais velha do Grizz com quem fui casada. Seu cabelo havia crescido e mostrava, o que eu pensei serem, leves mechas grisalhas, quase imperceptíveis contra seus cabelos loiros escuros. A longa barba que eu lembrava de ter visto em sua execução havia sumido, substituída por uma nova, bem aparada. Ele parecia mais musculoso, se é que isso era possível. Também percebi que seus braços exibiam diferentes tatuagens. Eu podia reconhecer as marcas em Grizz mesmo durante o sono,

conhecia cada detalhe de cada tatuagem, mas aquelas eram diferentes. Ele tinha trabalhado nelas.

Você pensaria que eu teria um milhão de coisas para dizer a ele. Um milhão de coisas para perguntar. Mas, em vez disso, deixei escapar o primeiro pensamento estúpido que me ocorreu:

— Então... você não é naturalmente careca. Acho que raspou a cabeça todos esses anos. Sorte sua que o cabelo voltou a crescer.

*De todas as coisas que eu poderia falar, eu escolhi essa?*  
Obriguei-me a respirar e agir com naturalidade.

Se eu estivesse assistindo a um filme, essa seria a parte em que a heroína correria para o herói, se jogaria em seus braços e agradeceria por ele ainda estar vivo. Mas eu não. Eu estava parada na frente de um homem que deveria estar morto, discutindo sobre a calvície de um padrão masculino.

Grizz levantou uma sobrancelha. Uma batida de meu coração foi pulada.

Percebi que ele estava tentando reprimir um sorriso quando respondeu:

— Li em algum lugar que herdamos nossa tendência de ser careca, ou não, de nossos avós maternos. Acho que tinha um avô com cabelos decentes.

Balancei a cabeça como se tivéssemos essa conversa todos os dias, como se meu coração não estivesse batendo descompassadamente em meu peito. Não consegui pensar em uma resposta, então nada disse. Cerrei os punhos e me endireitei, esperando que ele falasse mais alguma coisa.

— Quando você parou de usar sua franja, Kitten? Você sabe o quanto eu a amo — perguntou, sua voz profunda ecoando nas

paredes da pequena sala de aula.

— Parei de me preocupar com o que você ama há muito tempo — menti. — Lembra? Eu estava seguindo suas ordens.

Ele ficou ali, parado, e apenas anuiu com a cabeça.

Um minuto inteiro deve ter passado até que, finalmente, ele murmurou:

— Você deve estar se perguntando como isso é possível...

Eu não estava preparada para ter essa conversa.

— Já sei como isso é possível. Tommy e eu não guardávamos segredos. — Claro que Tommy guardava segredos, nós dois o fazíamos, mas eu senti a necessidade de atacá-lo direto na garganta.

Houve uma inclinação quase imperceptível de sua cabeça enquanto esperava que eu dissesse mais alguma coisa.

Eu arfei entre um suspiro.

— Bem. Então você está vivo. Estou feliz por você, Grizz. Espero que consiga uma boa vida em algum lugar. Apenas me faça um favor... — Estreitei meus olhos, séria. — Certifique-se de que ficará o mais longe possível de mim e dos meus filhos.

Meu coração bateu forte enquanto pegava minha bolsa e as chaves. Tinha que sair dali. *Agora!* Tive que me distanciar antes de perder o controle de tudo, até mesmo dos lugares confusos que meus pensamentos pareciam se dirigir.

— Acho que você não recebeu a mensagem de Carter, de que não é mais necessário. — Minhas palavras saíram em um guincho agudo. Meu corpo estava traindo minhas ações. Olhei para minha mão segurando as chaves e vi começava a tremer.

Ele entrou totalmente na sala, *agora*.

— Você está tremendo, Kit. Tem medo de mim?

Coloquei minha bolsa no ombro.

— Nunca tive medo de você e não sou mais chamada de Kit. Por favor, não volte a me chamar assim. *Oh*, espere. — Eu levantei meu queixo em um pequeno ato de desafio. — Isso não será um problema. Porque nunca mais nos falaremos.

— Não vá embora. Deixe-me explicar algumas coisas.

— Poxa, vinte e cinco anos depois e agora você quer explicar algumas coisas? Você sabe o que é, Grizz? Você poderia ter feito isso em 1975, mas não fez. E agora não importa. Nada disso. — Respirei fundo e me endireitei. — Acabou. Está feito. Você realizou tudo o que pretendia fazer. O todo-poderoso Grizz, de alguma forma, derrotou o sistema.

Ele não respondeu ao meu sarcasmo, mas fez uma pergunta.

— Por que você usou a bandana?

Uma tonelada de respostas possíveis passou pela minha mente. Eu poderia ter inventado algo, ou o provocado com uma história ridícula. Mas decidi que a verdade doeria mais. E mesmo sabendo que era errado, *agora*, eu queria que ele se machucasse.

— Definitivamente não foi ideia minha. Tommy me pediu para usar. Depois que eu contei que você ainda estava vivo e que me deixou uma maneira de lhe enviar um sinal, se algum dia precisasse de você, ele me pediu para usá-la, para que eu pudesse tomar uma decisão. Mas eu garanti ao Tommy que não era necessário. Eu estava com ele e ver você não mudaria isso, só que ele insistiu e então eu a usei, então Carter enviou o sinal. — Soltei uma risada irônica. — Como você pode ver, isso não importa mais.

Grizz olhou fixamente para mim, a expressão em seus olhos era ilegível. Eu o encarei de volta antes de prosseguir:

— Vou perguntar isso apenas uma vez e, se você já me amou, vai me dizer a verdade. Vou absolver você de cada mentira ou meia-verdade que já me contou ou me permitiu acreditar por vinte e cinco anos. E tenha em mente que não sou a adolescente ingênua com quem você se casou em 1975. Eu saberei se você estiver me dizendo a verdade.

Ele não quebrou o contato visual.

— A polícia prendeu o assassino de Tommy e eles acreditam que foi um incidente aleatório. Você ou eles tiveram algo a ver com o assassinato dele?

Sua voz estava calma ao responder:

— Não.

Balancei a cabeça lentamente, acreditando e aceitando sua resposta. Soltei um longo suspiro e comecei a passar por ele. Parei quando meu ombro roçou seu bíceps e tive que suprimir um suspiro. A eletricidade estática produziu um choque real ou eu tinha imaginado isso? Senti seu olhar repousar sobre mim, embora eu olhasse para frente, para a porta aberta.

Seu braço subiu e Grizz acariciou suavemente minha bochecha com os nós dos dedos calejados. Eu congelei, mas seu toque me deu uma sensação que não esperava.

Precisei afastá-lo e continuar andando, então gritei por cima do ombro:

— Se você me der licença, agora, eu não quero chegar atrasada para meu horário marcado com a manicure.

Eu sabia que Grizz havia se virado para me ver sair. Parei na porta e virei o rosto sobre o ombro para olhá-lo, também.

— Tenho que me preparar para o meu encontro esta noite.

Corri para o meu carro, fazendo o meu melhor para escapar de sua presença, enquanto negava o significado oculto por trás das lágrimas que estavam escorrendo pelo meu rosto.

# Capítulo 45

## Grizz, 2001 - Fort Lauderdale

O ímpeto de impedi-la fisicamente de deixar a igreja foi quase sua ruína. Ele tentou não vacilar quando ela disse todas aquelas coisas. Afinal, merecia ouvi-las. Mas saber que ela tinha o direito de sentir o que sentia e realmente ouvir as palavras saindo de sua boca eram duas coisas diferentes.

Kit mudou e ela estava certa. Ela não era mais a jovem com quem ele havia se casado. Ela era uma mulher que perdeu dois maridos e *agora* criava dois filhos sozinha. Foi-se a adolescente vulnerável ao qual ele se forçou, há vinte e cinco anos. Ela se tornou uma adulta forte, autoconfiante e responsável.

E talvez, por causa disso, Grizz percebeu que estava mais atraído por ela *agora* do que nunca.

Seu coração estava na garganta quando parou na porta de sua sala de aula e a observou sem que ela soubesse. Sua figura jovem foi substituída por uma versão mais cheia e curvilínea, que conheceu duas gestações que vingaram e, conseqüentemente, dois partos. Ter filhos combinava com ela. Kit era absolutamente perfeita.

Uma coisa não mudou, no entanto. Seus grandes olhos castanhos. Nem mesmo os ligeiros vincos nos cantos afastaram o olhar comovente que sempre o manteve cativo. Em algum lugar, bem no fundo, ele esperava que vê-la deslocasse todos os sentimentos pelos quais ele foi atormentado ao longo dos anos. Esperava que ela fosse alguém com quem ele sempre se preocuparia, mas não teria mais o mesmo poder sobre ele.

Porém, um mero olhar lhe disse que ele ainda estava total, profunda e completamente apaixonado por ela. Ainda mais *agora* que ela exibia uma maturidade e força que combinava perfeitamente com a mulher que ela havia se tornado.

Sua mulher.

Ele não tinha um plano. Ainda. Mas não havia como se afastar dela. Grizz lutaria para tê-la de volta e não haveria mais perdas. Porque se ele não a conquistasse de volta, apenas pegaria o que queria. Sempre fez isso e estava convencido de que nunca seria capaz de mudar.

Mas Grizz levaria tudo da maneira certa. Por enquanto.

\*\*\*

No dia seguinte, ele empurrou com indiferença seu pequeno carrinho pelos corredores do supermercado, avistando-a com sua visão periférica. Ele sabia que ela realmente quis dizer cada palavra do que falou na noite anterior. Que Kit estava indo a um encontro. Ele ligou imediatamente para Anthony e teve acesso à academia particular do amigo. Havia uma sala nos fundos usada para lutas ilegais e Anthony estava mais do que disposto a ir a algumas rodadas com Grizz, deixá-lo tirar algumas frustrações.

— Não acerte o rosto — Anthony insistiu. — Vou levar Christy para sair hoje à noite. Se eu chegar em casa com o rosto ensanguentado, ela vai ficar chateada.

— Não é um problema — garantiu Grizz enquanto dava um soco no estômago de Anthony.



Ele desejou *agora* ter dado a Anthony a mesma regra. Grizz estava, como resultado de sua falha, com uma bochecha machucada e inchada. A dor no início foi bem-vinda. *Agora*, percebeu que os hematomas poderiam dar a Kit —Ginny — uma impressão errada.

O informante de Anthony relatou que ela era uma mulher de hábitos dominicais. Igreja, café da manhã na casa de panquecas local com alguns amigos da congregação e em seguida ia ao supermercado. Depois de todos aqueles anos com ele, achou que a tivesse ensinado viver melhor.

*Agora*, Grizz apenas esperava que ela descesse ao seu corredor no supermercado e o notasse.

Quando ela fez, parou no mesmo instante e o olhou, irritadiça.

— *Hmph!* Vejo que algumas coisas nunca mudam — murmurou quase para si mesma depois de ver seu rosto inchado. — Você está me seguindo?

Ele encolheu os ombros.

— Onde estão as crianças?

— Graças a Deus não estão comigo. — Seus olhos brilharam. — Mimi cuidou dos Bears na noite passada e dormiu lá, Jason passou a noite com um amigo. Você está louco?

— Não é loucura, só estou com fome — disse casualmente, concentrando-se fortemente na caixa de cereal que segurava.

Ela olhou para cima e para baixo no corredor. Eles estavam sozinhos.

— Não acredito que você teve coragem de aparecer no meu supermercado! — Sua voz ficou mais alta. — Como ousa me

seguir!?

— Primeiro, eu não te segui. Segundo, este não é seu supermercado e posso fazer compras aonde e quando quiser. — Grizz podia sentir o brilho em seu olhar irritado enquanto continuava a fitar o cereal. — Então, como foi seu encontro na noite passada?

— Isso não é da sua conta

— Estou feliz que esteja seguindo em frente, Ginny. Você merece ser feliz. — Ele quase se engasgou com suas palavras.

Com base em seus comentários na sala de aula, Ginny queria que ele acreditasse que estava genuinamente feliz por ele, então talvez precisasse apenas deixá-la pensar que estava genuinamente feliz por ela.

O que não poderia estar mais longe da verdade.

Grizz nunca tinha ido ao ensino médio, então não sabia que tipo de jogos as crianças brincavam umas com as outras, mas tinha certeza de que era mais ou menos assim que as coisas funcionavam. Quem sabe, talvez ele gostasse desse joguinho, mesmo que um pouco.

Ginny se afastou e ele propositalmente não observou enquanto ela terminava as compras, as pagava e saía da loja.

Mas os ventos guiaram seu caminho após pagar pelas compras e seguir para seu carro.

Era realmente assim que ele queria jogar? Fazia apenas dez minutos e já estava emocionalmente exausto. Só verificou em sua mente como havia se tornado a pessoa que era. Ele nunca teve tempo para tais bobagens e com certeza não tinha tempo para isso, *agora*. Quanto para pegar o que queria, como faria isso quando

havia filhos a serem considerados? Ele poderia se ver sendo um pai para Mimi e Jason?

Se Grizz se permitisse pensar sobre isso, sim, chegaria à conclusão de que poderia. Havia um desejo profundo que continuava chamando por ele, mas não tinha sido capaz de identificá-lo. Na verdade, sempre pensou que a sensação evocava por conta de Ginny, e sim, ela era uma parte importante disso, mas enquanto estava sentado no funeral de Tommy também percebeu que havia outra coisa que ele ansiava. Algo que ele nunca experimentou e queria tentar.

Grizz queria fazer parte de uma família.

# Capítulo 46

## Mimi, 2001 - Fort Lauderdale

Ela não achava que seria possível sofrer tanta humilhação em uma única vida. Mimi se sentou no banco da frente da caminhonete de Christian Bear e desejou ficar invisível. Nunca quis estar tão longe do sul da Flórida quanto fazia naquele exato momento. Sua vida parecia totalmente errada de qualquer maneira, e os recentes incidentes apenas cimentaram em sua mente o que ela sempre desejou em segredo.

Ir embora. Deixar tudo para trás.

Claro, tudo começou a cair em uma espiral, em suas próprias mãos, quando ela concordou em ajudar Leslie. Tinha piorado quando seus pais se separaram e mesmo que ela estivesse feliz por eles terem se reconciliado, sua vida tinha afundado seriamente quando Elliott — Nick, ou qualquer que seja seu nome real — a usou.

Ela não achou que poderia piorar ainda mais depois disso, mas piorou. Piorou mais do que jamais poderia imaginar. *Oh, pai...*

Mimi ainda estava de luto pela morte dele. Sim, Tommy Dillon sempre seria seu pai, não o cara que engravidou sua mãe. E embora ela sentisse que estava de luto por Tommy, de uma forma saudável, conseguia perceber a pena silenciosa que irradiava de seus amigos. As palavras e sussurros não ditos. Mimi não sabia se os estava imaginando ou não, mas algo lhe dizia que alguns deles conheciam a história de seus pais e ela sentiu seu julgamento — e admiração — sem que alguém realmente dissesse algo.

Ela sabia que alguns deles, também, descobriram há muito tempo que sua mãe havia se casado com um homem que havia sido executado. Mimi não conseguiu deixar de se perguntar se eles descobriram que o homem também era seu pai biológico. Ela não odiava mais Grizz, a única pessoa que nunca conheceria, mas odiava o que a sua história poderia ter deixado em seu rastro.

Ela queria escapar disso.

Mimi esperava encontrar conforto em alguém. Ela sabia que viu Slade Bear sob uma luz diferente após a noite em que ele a resgatou, e esperava que ele a tivesse visto de forma diferente também. A garota falou a si mesma que Slade estava tão envolvido na faculdade que simplesmente não estava entendendo que ela sentia algo a seu respeito.

Ela estava completamente errada. Ele sabia sobre os sentimentos dela e, na noite passada, a decepcionou o mais suavemente possível. Suas bochechas queimaram enquanto ela tentava bloquear as memórias, mas elas vinham de qualquer maneira.

Slade tinha aparecido na noite anterior na casa de seus pais. Ele estava parando para pegar algo e ficou surpreso quando entrou pela porta da frente e a viu no sofá lendo para sua irmã mais nova, Daisy.

Ela tentou pedir mais uma vez por algumas aulas de direção. Ele não respondeu, em vez disso se ofereceu para ajudar a colocar Daisy na cama. Mimi ficou emocionada. Slade queria ficar sozinho com ela.

Mas depois que Daisy foi acomodada em seu quarto, ele disse a ela, da maneira mais gentil e cortês possível, que não

estava interessado. Ela era uma das garotas mais doces e bonitas que ele conhecia, mas...

Havia algo além de um simples “mas”. Suas famílias eram antigas demais e seria como namorar uma irmã mais nova. Ele estava no primeiro ano de faculdade e não queria uma namorada séria. Ele não podia dar a Mimi o tempo e a atenção que ela merecia.

Mimi queria dizer a ele que poderia parar após o primeiro “mas”. Ela não queria ouvir *nada* disso. Faria dezesseis anos em breve e era culpa dela não ter entendido a primeira das várias dicas. Para alguém que se considerava razoavelmente inteligente, ela era absolutamente desafortunada quando se tratava de questões do coração.

Não, se Slade Bear tivesse o menor interesse ele teria demonstrado. Ele teria feito funcionar. Sua humilhação ficou ainda pior quando se lembrou da situação de merda da qual ele a salvou. Mimi estava grata por ele a ter resgatado naquela noite, mas *agora* desejava que tivesse sido qualquer outra pessoa.

Até mesmo Christian teria sido uma escolha melhor. Sua mãe estava certa, eles foram grandes amigos quando eram mais novos. Se Mimi tivesse mantido essa amizade, talvez ela choraria no ombro dele.

*Agora*, ela estava sentada na caminhonete de Christian. Mais mortificada do que jamais estivera. Se houvesse um penhasco para pular, Mimi já estaria no limite dele, prestes a desabar.

Christy Bear perguntou a Christian, naquela manhã, se ele não se importaria de levar Mimi para casa. Ele resmungou um sim enquanto se dirigiam para sua caminhonete.

Enquanto faziam o trajeto de quarenta e cinco minutos até a casa dela, a garota tentou quebrar o silêncio desconfortável envolvendo-os na conversa mais casual possível, e seu rosto pareceu se iluminar. Ela observou seu perfil enquanto dirigia. Ele realmente era muito bonito e puxou ao seu pai, Anthony, que era um nativo americano inegável. Os intensos olhos azuis de Christian foram a única coisa que ele herdou de sua mãe e eles se destacavam em forte contraste com sua pele bronzeada e longos cabelos negros, que chegavam quase à cintura. Ele certamente não herdou a doce disposição de Christy. Christian tinha uma selvageria que a assustava, embora Mimi tivesse que admitir para si mesma que poderia tê-lo achado atraente se não tivesse sido tão tragada pela rejeição de Slade, na noite anterior.

Ela começou a ter uma sensação desconfortável, mas reconhecível. *Não! Isso não está acontecendo! Agora não! Não no caminhão de Christian!* Ela se contorceu ligeiramente no assento e percebeu com horror que, sim, havia acontecido. Mimi tinha acabado de sentir sua menstruação aumentar rapidamente e *agora* estava encharcando seu short.

Ela queria morrer. Como sairia da caminhonete sem que ele percebesse? Pior ainda, tinha certeza de que estava manchando o assento embaixo dela.

Ele sentiu que algo a chateava e seus olhos viraram-se para ela.

— Você está bem? — Ela pensou ter sentido uma preocupação genuína em seu tom de voz.

Mimi hesitou e hesitou, sem saber como dizer a ele que tinha acabado de ficar menstruada e tinha certeza de que *agora* seu

sangue estava no banco da caminhonete. Ela não conseguia pensar em *nada* que enojaria mais um cara do que sangue menstrual em todo o couro de seu automóvel. Especialmente um cara como Christian Bear.

Ele olhou para ela, questionando-a em silêncio, intrigado. Mimi cerrou os dentes. *O que tenho a perder? Eu me envergonhei com Slade ontem à noite, poderia muito bem terminar com isso e rezar para nunca ver outro Bear pelo resto da minha vida.*

— Christian, não sei como te dizer isso, mas tenho certeza de que acabei de menstruar. — Suas bochechas queimaram. — Eu sinto muito. Posso sentir que está ensopado através da minha calcinha e o shorts, sei que está no seu assento. Eu só quero morrer. Vou pagar por qualquer dano.

Sua expressão era, surpreendentemente, indiferente.

— Sem problemas. Vamos te levar para casa. A mancha vai sair, depois. Não se preocupe, Mimi.

Christian estava tentando criar coragem para convidá-la para sair, mas a confissão dela interrompeu sua linha de pensamento. Tudo o que ele conseguia pensar era em deixá-la à vontade. Além disso, ele era um Bear. O sangue era o menor de seus problemas.

— Você não sabe como isso é constrangedor — admitiu ela enquanto discava um número e enviava mensagens pelo celular.

Ele encolheu os ombros.

— É uma merda normal, quer dizer, eu não sei muito sobre as merdas que acontecem com as garotas, mas tenho certeza de que isso acontece. Como eu disse, vou limpar e tudo se resolve.

Mimi parecia frenética, *agora*.



— *Uh*, minha mãe ainda não chegou em casa, não está respondendo minhas mensagens e eu não estou com minha chave. Ela ou está Casa de Panquecas ou no supermercado. Os dois são a caminho de casa. Você pode me levar até eles? Assim podemos ver se a encontramos.

Ele perguntou a ela qual o endereço do restaurante e do supermercado. Quando pararam diante a um semáforo vermelho, Christian silenciosamente alcançou a frente dela e abriu o portaluvas. Ele pegou uma toalha de mão e indicou que ela levantasse a bunda do assento. Ele o passou sobre o couro.

—Viu? Já saiu. — O rapaz esticou-se por detrás do banco dela e puxou uma jaqueta leve, de malha. — Pode usar em torno da cintura. Amarre na frente. Vai cobrir sua bunda, e as mangas são longas o suficiente para cobrirem sua frente.

Mimi aceitou, sem palavras.

Ginny não estava na Casa de Panquecas e ainda não atendia o telefone de casa ou respondia às suas mensagens de texto. Eles pararam no estacionamento do supermercado.

— Ela está aqui! — Mimi gritou quando viu o carro de sua mãe no estacionamento, um alívio alarmante envolvendo seu peito. — Graças a Deus, ela está aqui!

— Quer que eu espere com você até que ela saia?

— Isso não será necessário. Você já fez o suficiente e não sei quanto tempo ela vai demorar, pode ter acabado de começar a fazer as compras. Vou entrar e encontrá-la.

— Eu não me importo, Mimi. Realmente. Se você quiser pegar a chave de sua casa com ela, vou esperar e te levar para casa.

Mimi já havia começado a sair da caminhonete e estava pegando sua bolsa, caída no chão logo à frente. Ela sabia que, por mais gentil que Christian tivesse sido, ainda estava envergonhada por tudo ter ido tão longe e fora de controle. As piores doze horas de todas. Não. Ela encontraria sua mãe, apressaria suas compras e iriam para casa.

— Já fez mais do que o suficiente, Christian. Vou devolver sua jaqueta, prometo. Obrigada.

Ela conseguiu esboçar um sorriso.

Ele acenou um adeus e Mimi bateu a porta da caminhonete e entrou para procurar sua mãe.

Ela fez uma parada rápida no banheiro feminino e vestiu a calcinha e o short usados que vestira na casa dos Bears no dia anterior. O banheiro da mercearia não tinha uma máquina de venda de produtos de higiene feminina, então ela encheu a calcinha com toalhas de papel. Isso teria que servir até que chegasse em casa. Só então, ela foi procurar sua mãe.

Mas depois de andar para cima e para baixo em cada corredor, Mimi correu para a frente da loja a tempo de vê-la ir embora. *Ela deveria estar pagando pelas compras quando eu estava entrando - eu deveria ter olhado nas filas do caixa primeiro. O que faço agora?*

Ela saiu e se sentou em um banco vazio. Mimi esperaria os cinco minutos que Ginny levaria para chegar em casa e ligaria para ela, pedindo à mãe para que voltasse.

A garota começou a enviar uma mensagem de texto a Christian para agradecê-lo novamente por ser tão compreensivo quando um movimento à sua esquerda chamou sua atenção. Ela viu

um homem que não deveria reconhecer, mas de alguma forma reconheceu.

Talvez tenha sido um instinto. Talvez fosse algo espiritual. Talvez não fosse nenhum dos dois. Talvez ela estivesse errada.

Mas seu instinto dizia que não estava.

Ela observou enquanto ele caminhava até um Chevelle branco, que tinha uma listra preta bem no meio da lateral. Um cara super mal-encarado em um carro super feio.

Mimi não sabia como sequer poderia saber disso, mas sabia. Estava olhando para o doador de esperma do mal.

Grizz.

Ela estava olhando para seu pai biológico.

# Capítulo 47

## Grizz, 2001 - Fort Lauderdale

Ele tinha acabado de colocar suas compras no porta-malas e estava se preparando para entrar no carro quando a ouviu.

— É você, não é?

Grizz parou no meio do caminho enquanto observava sua filha caminhar até o lado do passageiro de seu carro e sacudir a maçaneta da porta. A mesma filha que o havia enganado com um telefonema à prisão, fingindo ser sua mãe. Ele não respondeu, mas examinou lentamente os arredores.

— Estou sozinha. Você é o Grizz, não é? — insistiu ela, perguntando baixinho. Ele mal a ouviu por causa do barulho no estacionamento.

Ainda assim, não respondeu.

— Você mandou matar meu pai? — Sua voz estava calma, mas ele notou a inclinação desafiadora de seu queixo. Grizz viu a mesma expressão moldar as feições dela assim como tinha visto em sua mãe, há mais de vinte e cinco anos. A noite em que trouxe Ginny ao Motel. E novamente, há menos de quinze minutos, no corredor de cereais.

Ele permaneceu em silêncio, mas entrou no carro, estendendo a mão para destrancar a porta e abrir a janela.

— Entre — ordenou. Mais do que como um convite.

Os olhos de Mimi se arregalaram. *Então é ele*. Ela não sabia como isso era possível, mas estava certa. Ela se abaixou e olhou em sua direção pela janela do passageiro.

— Por quê? Para você poder me assassinar também? E depois, quem será o próximo? Meu irmão mais novo? Aí você pode sequestrar minha mãe como fez anos atrás e desaparecer?

Assim que as palavras saíram de sua boca, ela soube que não deveria tê-las dito. Leslie compartilhou com ela algumas das coisas que ele fez. Sua mãe havia confirmado parte disso. Mas Ginny também compartilhou histórias do amor deles, um amor que ela acreditava ser verdadeiro. Mimi sabia que Grizz nunca machucaria sua mãe. Ela poderia confiar em seu instinto, que lhe dizia que o homem não teve *nada* a ver com a morte de Tommy e nunca faria *nada* para prejudicá-la ou a Jason, também? Mimi estava em cima do muro de seus pensamentos. Mas não por muito tempo. Ela tinha acabado de viver os meses mais dolorosos de sua vida. *O que tenho a perder?*

Assim, entrou no carro e bateu a porta atrás dela.

Grizz não disse *nada*, nem olhou para ela, apenas girou a chave e o motor barulhento ganhou vida. Ele os levou à estrada principal. Então, depois de dirigir por apenas alguns minutos, parou no próximo shopping center. Ele estacionou sob uma árvore frondosa longe das lojas e desligou o motor. Finalmente, olhou para ela.

— Nunca. Quero dizer, porra, você nunca deve entrar *num* carro com um homem estranho! Nunca! — Sua voz era um estrondo baixo e profundo, como um trovão a distância

Levou menos de três minutos para dirigir de um estacionamento ao outro e ela o observava o tempo todo. Essa era a última coisa que esperava que ele dissesse.

Grizz ergueu a mão quando Mimi fez menção de falar.

— E antes que você me diga que eu não sou seu pai e não posso te dizer o que fazer, você precisa saber que eu estaria dizendo isso para qualquer garota que me pedisse uma carona. Entendido?

Ela não sabia o que esperar, mas com certeza não esperava por uma reprimenda. Especialmente porque ele estava certo. Grizz a interrompeu antes que pudesse dizer que ele não era seu pai. *Droga. O que faria agora?*

— Não precisa ter medo de mim. Se você sabe algumas coisas, que tenho certeza que sabe, sobre mim, posso entender por que você teria medo. Mas eu não matei Tommy, e a última coisa que eu faria seria machucar ou permitir que alguém chegasse perto de você, de sua mãe ou de seu irmão mais novo.

Ele *agora* se virou para encará-la, tirou os óculos escuros e lhe lançou um olhar neutro. Dizem que os olhos são a janela da alma. No fundo de seu olhar, Mimi sabia que o que ele disse era verdade. Ela soltou um longo suspiro.

Mas como era possível que estivesse conversando com um homem que foi executado no verão passado? Eles conversaram por quase trinta minutos. Na verdade, ela fazia perguntas e ele dava respostas.

Finalmente, Grizz decidiu:

— Preciso levar você para casa

— *Você vai me levar para casa?* — frisou com o agitar dos olhos.

— Sim. Vou te levar para casa.

— E-Eu... eu não tenho certeza de que é uma boa ideia. Você não deveria estar morto? E se um de nossos vizinhos o reconhecer?

E o que você estava fazendo em um mercado, bem aqui no sul da Flórida? Quero dizer, você não deveria estar se escondendo?

Ele riu.

— Isso se chama esconder à vista de todos e não é tão difícil quanto deve pensar. — Seu tom mudou e ele deu a ela um olhar sério. — Não significa que quero ser visto ou reconhecido. Agora sou James Kirkland. Posso me parecer com Jason Talbot, mas não sou ele, e não tenho o hábito de estar fora de casa.

— Portanto, se alguém o reconhecer e tentar denunciá-lo, o que fará? Você vai matá-los? — Seus olhos estavam arregalados.

— Vejo que sua mãe tem sido sincera a meu respeito. — Ele não sabia se estava arrependido ou aliviado.

Ela assentiu e ele reconheceu algo em sua expressão. Ela ficou impressionada.

Grizz não gostou disso.

— Não sou a mesma pessoa que costumava ser — admitiu com firmeza.

— Você vai entrar comigo? Vai falar com a mamãe?

Ela não tinha certeza de onde queria chegar com aquela conversa. Mimi não conseguia entender seu coração ou suas intenções, mas havia chegado a várias conclusões na última meia hora.

Primeiro: ela sabia que não tinha motivo para ter medo dele.

Segundo: a aspirante a jornalista nela estava intrigada.

Terceiro: ela havia cruzado com algo muito mais interessante do que Slade Bear ou a última viagem de compras com sua amiga Lindsay.

Quarto: seu espírito interior estava lhe dizendo que esse homem, seu pai biológico, seria fundamental para fazer sua mãe feliz novamente.

E por alguma razão, a felicidade de sua mãe de repente se tornou muito, muito importante para ela.



# Capítulo 48

## Ginny, 2001 - Fort Lauderdale

Eu estava guardando as compras quando Denise deixou Jason em casa. Enquanto trabalhava, estive refletindo sobre os eventos das últimas vinte e quatro horas.

Ver Grizz na igreja foi um choque, mas eu tinha que admitir para mim mesma que sabia que ele iria aparecer, eventualmente. Eu não tinha acreditado que ele iria embora depois do que eu disse a Carter para transmitir a ele. O fato de ter aparecido no meu mercado no início desta manhã tinha me enervado mais do que gostaria de admitir, e eu encontrei um pouco de satisfação presunçosa em saber que estava certa ao dizer que ele não iria ficar longe.

Na verdade, eu também ainda estava um pouco chocada com o que Alec me disse na noite passada. Nós nos encontramos para jantar antes de irmos ouvir a mesma banda do fim de semana anterior, eu disse a ele o que Jason havia comentado sobre Caleb pensar que faríamos uma boa família. Pedi sua opinião sobre como ainda podíamos ser amigos, mas dissuadir nossos filhos da noção de que um dia poderíamos ser um casal.

— Isso seria tão ruim? — me perguntou timidamente.

Olhei para Alec, então. Realmente olhei para ele e notei algo em sua expressão que eu não tinha visto, ou não tinha me permitido ver antes. Atração.

É claro que depois veio o constrangimento de tentar descobrir como eu poderia ser amiga de um homem no qual não estava

interessada romanticamente. Eu sabia que Alec seria um parceiro maravilhoso para qualquer mulher e mesmo que eu não tivesse esses sentimentos por ele *agora*, não podia deixar de me perguntar se algum dia poderia. Eu estava atirando no meu pé? Estava dando murro em ponta de faca?

Não responderia à sua pergunta naquele momento. Eu contornei o assunto e me permiti desfrutar de sua companhia pelo resto da noite. Felizmente, ele não fez *nenhuma* tentativa de *nada* íntimo, nem mesmo segurar a minha mão.

A certa altura, fiquei um pouco surpresa quando Alec perguntou especificamente sobre Sarah Jo. Ele queria saber se havíamos retomado, o que ele considerava, uma amizade próxima desde que ela e Stan decidiram ficar nos Estados Unidos. Eu respondi honestamente, dizendo que Sarah Jo estivera lá por mim nas trágicas semanas após a morte de Tommy, mas como a maioria das pessoas, ela se acomodou em sua vida agitada. Eu não a tinha visto muito desde então, se é que a vi.

Enquanto colocava uma caixa de cereal na prateleira, pensei em Sarah Jo, sobre por que parecíamos estar nos separando. Era apenas a loucura da vida ou algo mais?

Meu devaneio foi interrompido por um “estou com fome” de Jason enquanto ele entrava na cozinha.

— Nem mesmo um “Oi, mãe, como vai”? — perguntei em brincadeira enquanto dava um beijo no topo de sua cabeça.

Ele me deu um sorriso largo e passou os braços em volta da minha cintura.

— Oi mãe! Como você está? Eu estou com fome.

— Acabei de comprar um pouco de frios. Faça um sanduíche — sugeri a ele.

— *Aaaah*, você pode fazer isso para mim?

— Claro — concordei quando comecei a carregar alguns produtos enlatados para a despensa. — Eu ia limpar a caixa de areia do Spooky, o que você deveria fazer antes de ir para o Max, mas vou fazer um sanduíche e você pode limpar a caixa.

Ele me seguiu até a despensa e olhou para mim com os olhos arregalados.

— Desculpe, mãe. Esqueci.

— Eu sei, querido, não estou chateada com você. Também tenho esquecido muitas coisas ultimamente, especialmente porque estamos todos tentando nos acostumar a fazer as tarefas do papai. — Eu não estava me referindo à caixa de areia do Spooky, mas a outras tarefas domésticas que eram de Tommy.

Vinte minutos depois, a caixa do gato estava limpa e Jason havia terminado seu sanduíche. Eu olhei para o relógio e me ocorreu que Christy deveria ter levado Mimi para casa *agora*. Peguei minha bolsa e notei que meu telefone não estava nela. Quando pensei sobre isso, caiu sobre mim o fato de que não estive com meu telefone a manhã toda. Aposto que ainda estava carregando na minha mesa de cabeceira.

Espiei no escritório de Tommy. Jason estava sentado na mesa fazendo o dever de casa. Era seu novo lugar favorito para estudar.

Eu estava subindo as escadas para pegar meu telefone e ver se Mimi tinha mandado alguma mensagem ou ligado quando a porta

da frente se abriu. Eu me virei e tive que me segurar para não ofegar em voz alta.

Mimi entrou pela porta da frente seguida por...

Grizz.

Uma raiva intensa me atingiu como um soco no estômago, seguido por uma leve curiosidade. Eu fiquei lá, esperando alguém dizer algo. Qualquer coisa.

— Você não mantém a porta da frente trancada quando está em casa? — Grizz perguntou em sua voz baixa e profunda.

Isso já era típico dele.

Jason podia vê-los através das portas francesas do escritório de Tommy e ele saiu, *agora*, com sua curiosidade despertada.

Nós quatro estávamos no pequeno *lounge* da entrada, apenas nos olhando. Mimi foi quem quebrou o silêncio.

— Encontrei um velho amigo seu e do papai enquanto estava nos Bears. Ele se ofereceu para me trazer para casa. Ele acabou de ouvir sobre papai e queria oferecer suas condolências. Você se lembra de James Kirkland, não é, mãe?

Claro, ela estava mentindo e as centenas de coisas que queriam sair da minha boca tinham que ficar onde estavam por causa de Jason. A primeira, claro, dizia respeito a como eles poderiam ter se encontrado. Eu certamente não tinha visto Mimi com ele no supermercado.

Olhei para meu filho, que apenas encarava a montanha que era aquele homem, os ombros tão largos que cobriam a porta da frente. Sua mandíbula estava ligeiramente aberta enquanto ele lentamente examinava Grizz da cabeça aos pés. Jason se aproximou dele e estendeu a mão, como seu pai o ensinara.

— Eu sou Jason. Você conheceu o meu pai?

Grizz olhou para baixo e sorriu para meu filho. Um sorriso que derreteu meu coração em dias passados e estava começando a ter o mesmo efeito agora. *Pare com isso, Ginny. Esta é uma violação horrível e perigosa para a sua família. Ele não tem o direito de estar aqui.*

Não me lembro dos pequenos trechos de conversa que foram trocados. Houve um zumbido alto na minha cabeça, como se um trem de carga estivesse passando por ela. Eu sei que Grizz disse algo que fez Jason rir. Eu não o havia convidado a adentrar mais na nossa casa e não tinha intenção alguma de fazê-lo.

Depois de alguns minutos, deixei escapar:

— É bom ver você de novo, James. Obrigada por trazer Mimi para casa. Vou acompanhá-lo até o seu carro.

Eu dei a Mimi um olhar que lhe disse que eu teria uma conversa particular com ela assim que voltasse para a casa.

— Ele pode voltar para o jantar? — Jason perguntou. Eu poderia dizer que ele estava cativado por Grizz.

— Tenho certeza de que ele tem planos para o jantar — expliquei conforme olhava para Grizz. Vi a compreensão em seus olhos.

— Talvez outra hora, Jason — disse ele calmamente.

Mimi adiantou-se antes que o irmão pudesse objetar.

— Vamos, nanico, ainda tem que tentar me vencer naquele novo videogame que acabou de comprar.

Se havia um outro benefício, além dos óbvios que me faziam feliz desde que me reconectei com minha filha, foi como ela se inseriu de forma perfeita e amorosa de volta na vida de seu irmão

mais novo. Ele começou a segui-la enquanto a garota se dirigia à sala, mas parou para se virar e se dirigir a Grizz.

— Espero que você volte, Sr. Kirkland. — Então, com um meio aceno, ele perseguiu sua irmã até o quarto.

Sem palavras, seguiu Grizz até seu carro.

— Você me deve uma explicação — demandei em voz baixa enquanto ficava de pé com os braços cruzados e olhava para o lado do motorista de seu carro.

Ele enfiou a mão no cinzeiro e tirou um cartão de visita. Era para o serviço de paisagismo de Anthony. Ele pegou uma caneta do console e escreveu algo no verso.

— Eu não vou te ligar, se é isso que você pensa que vai acontecer — afirmei, minhas unhas cravando em meus braços.

Sem olhar para mim, ele disse:

— Ótimo, porque eu não tenho um telefone. — Grizz me entregou o cartão. — Esse é o meu endereço no verso. Se você quiser uma explicação, venha me ver. Eu chego em casa do trabalho todas as noites, às seis.

— Quer que eu vá até você?

— Não pode ter tudo do seu jeito, Ginny. Você obviamente não ficou feliz em me ver na sala de aula da sua igreja, muito menos gosta que eu compre no seu supermercado. Você não me quer em sua casa e já deixou claro que não me ligaria mesmo que eu tivesse um telefone. Se você não obtiver a explicação que está procurando de Mimi, sabe onde me encontrar.

Tentei olhar feio para ele, mas Grizz parecia alheio aos meus esforços.

Então ele ligou o carro e engatou a ré.

— Eu não vou incomodar você de novo, Ginny. Ficarei longe. Você tem minha palavra sobre isso.

Fiquei ali e o observei se afastar, revirando os olhos em sua última declaração. Grizz nunca ficaria longe. Ele não saberia como e, obviamente, desejava estar de volta na minha vida. Como o valentão que sempre foi, é claro que faria isso de uma forma ou de outra.

Eu tinha certeza de que o veria novamente.

Meu pescoço formigou e me virei, imediatamente ciente do que estava ao meu redor novamente. Sem pressa e respirando fundo, examinei minha vizinhança. Queria ter certeza de que ninguém o tinha visto. Eu precisava ter certeza de que ele não havia sido reconhecido. Mas enquanto voltava para minha casa, fiquei surpresa com a repentina percepção de que não precisava me preocupar tanto assim. Eu estava pensando demais. Grizz nunca foi estúpido e não teria se permitido ter qualquer contato com Mimi, muito menos levá-la para casa, se houvesse ao menos um indício de suspeita de perigo.

Ninguém se importava com o motociclista morto que causou estragos no sul da Flórida todos aqueles anos atrás. Aparentemente, ninguém além de mim.

# Capítulo 49

## Grizz, 2001 - Fort Lauderdale

Grizz voltou para sua casa em Laurel Falls. Sua mente ainda estava girando com a conversa que tivera com Mimi. Ela era esperta e ele sentiu como se tivesse sido submetido a um interrogatório oficial. Se Mimi era tão curiosa, ele só podia imaginar como seria sua conversa com Ginny. Quando ela finalmente conseguisse ter uma com ela.

Ele respondeu a todas as perguntas de Mimi honestamente, exceto uma - como ele fingiu sua morte. No entanto, plantou alguma verdade em sua mente: que qualquer pessoa com poder suficiente e a quantia certa de dinheiro pode fazer o que quiser.

— Eu sei que você é, ou era, rico. — Ela disse com uma sobrelha arqueada. Ótimo.

Ele ficou feliz quando ela não insistiu no assunto.

Sua filha era inteligente e um pouco atrevida. Mimi continuou com outras perguntas depois disso e ele ficou um pouco surpreso quando pensou ter visto o lábio dela tremer ao dizer em voz baixa:

— Então eu acho que você nunca me quis. Queria mamãe, mas não eu. Você disse a ela para se certificar de que eu nunca te conhecesse. Acho que é porque você não queria me conhecer.

Ele poderia ter explicado a ela, então, que nunca foi sua intenção ficar longe. Poderia ter entrado em uma longa discussão sobre não ter imaginado que sua execução falsa levaria tantos anos.



Em vez disso, ergueu o quadril do assento do carro e pegou sua carteira. Ele procurou em seu fundo e tirou três fotos, que estavam gastas e cortadas no tamanho exato para caberem ali dentro. Ele os entregou a ela.

Suas mãos tremiam enquanto Mimi olhava as fotos. Eram dela de quando era apenas uma garotinha.

— Mamãe mandou isso para você? — Algo que pode ter parecido esperança estava em sua voz.

— Não — negou uniformemente. — Ela honrou meu pedido para mantê-la longe. Vigiei você naqueles primeiros anos. Eu não queria perder *nada*. Quando ficou óbvio que as coisas estavam demorando mais do que eu esperava, parei a vigilância. Foi demais para mim e não era justo com seus pais. Ou você.

Ela não disse *nada* e ele pensou que seu lábio começou a tremer mais forte.

— Eu gostaria delas de volta — disse ele, sua voz profunda trazendo-a para si. — Elas são as únicas que ainda tenho.

Mimi recuperou a compostura e devolveu as fotos a ele.

*Agora*, com suas compras guardadas, ele preparou algo para comer e estava sentado no sofá olhando para a tela da TV em branco.

— Eu não vou incomodar você de novo, Ginny. Eu vou ficar longe. Você tem minha palavra sobre isso — murmurou para si mesmo. Suas próprias palavras, ditas apenas algumas horas atrás, foram misturadas com um pouco de sinceridade, mas ele estava realmente tentando observar a tudo como um blefe. Ele teve certeza de ter percebido um momento de fraqueza em seu olhar quando Jason se apresentou a ele.

Grizz leu o brilho de seus olhos direito? Ela ainda sentia algo por ele? E se o fizesse, por quê? Ela levaria duas vidas? Uma de mãe devota e viúva de dois filhos e outra como amante de um homem morto? Ele sabia como gostaria de ver as coisas acontecerem, mas seria um tiro no escuro e não tinha escolha a não ser esperar terminar o impasse que havia começado.

Ginny era uma das mulheres mais obstinadas e teimosas que ele já conheceu, mesmo quando era mais jovem. Ela só estava mais forte, *agora*.

Ele foi para um segundo quarto, onde improvisou uma sala de exercícios e levantou pesos até que os seus músculos se cansaram, depois tomou um banho quente e lavou muitas roupas. Ele preparou o almoço para o dia seguinte e voltou à sala, vagando pelos canais de TV e, não encontrando *nada* que o interessasse, jogou o controle remoto de lado.

Onde raios havia colocado o diário de Moe quando ele se mudou do apartamento? Ele foi ao quarto e remexeu em seus poucos pertences. Lá estava o pequeno caderno, enfiado de volta na bolsa que ele enfurnou em uma das gavetas da mesinha de cabeceira.

Grizz não tinha lido muito na primeira e única vez que o pegou. Ele estava ficando cansado e a manhã de segunda-feira chegaria em breve. Talvez pudesse ler um pouco mais.

*Diário de Moe, 1975*

*Querida Elizabeth,*

*Eu não posso acreditar que ele ainda está agindo como se nada tivesse acontecido entre nós. Eu sei que ele me disse, naquela mesma noite, que o que fizemos provavelmente não deveria ter acontecido, que eu não deveria interpretar nada nisso, mas eu sei que foi algo a mais. Eu nunca tive um homem fazendo amor comigo. Homens me ferram. Até Fess tenta agir como se o que fizemos fosse algo mais especial do que apenas uma transa, mas eu sei o que sou. Gosto de Fess e me importo com ele. Mas eu não o amo.*

*Mas foi diferente com Grunt. Eu sei que ele estava chateado quando voltou da praia com Sarah Jo e descobriu o que Kit e Grizz estavam fazendo no Número Quatro. Eu o vi voltar para o quarto com a cabeça baixa. Pensei que talvez pudesse mostrar a ele alguns dos meus esboços mais recentes, ele parece gostar deles e gosto de saber que tenho talento. Levei alguns de meus desenhos para sua unidade e ele agiu bem, mas eu poderia dizer que sua mente estava em outras coisas. Ele estava pensando nela. Decidi ir embora e pensei que talvez apenas lhe daria um abraço. Ele me segurou por mais tempo do que antes e, quando olhei para cima para ver se ele estava bem, beijou minha testa.*

*Então ele beijou minha têmpora. Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, ele estava beijando meu pescoço. Fechei os olhos e me permiti aproveitar. Ele desceu pelo meu corpo e, a próxima coisa que eu sabia, estávamos despídos e em sua cama.*

*Se ele não se importasse e estivesse apenas tentando se aliviar, teria sido rápido. Mas não foi. Ele realmente demorou comigo e foi tão lindo que quase chorei algumas vezes. Eu nunca tive essa sensação antes. Sei quando um homem consegue alcançar o seu ápice, mas não sabia que uma mulher poderia fazer isso também.*

*Grunt me fez sentir coisas que eu nunca senti. Coisas que quero continuar sentindo, mas ele me disse que lamentava que isso tivesse acontecido e não pudesse acontecer novamente. Que ele não queria que isso arruinasse nossa amizade, que minha amizade era muito importante para ele.*

*Eu sei que ele tem sentimentos por ela, mas ela não o ama. Ela não se preocupa com ele como eu. Não é justo. Isso não é justo.*

Então Moe tinha sentimentos por Tommy. Grizz não ficou surpreso com isso. Além de Fess e Ginny, Tommy foi a única pessoa que já mostrou alguma bondade para com ela. E *agora* saber que eles tiveram uma noite de paixão apenas confirmou o que ele já havia percebido, nos fundos daquela loja de suprimentos para piscinas em Tallahassee. Moe era a informante do Motel. Entre seu amor por Tommy e seu ódio por ele, a ausência de Ginny teria servido a dois propósitos.

Sua mandíbula apertou quando ele finalmente chegou na parte em que Moe involuntariamente ajudou a armar o estupro de Ginny e quase assassinato. Ele acreditava no que estava lendo. Que Moe não pretendia que fosse tão longe, mas aquela vadia do caralho, Willow, se passando por alguém chamada Wendy, a enganou. E Ginny pagou o preço. Pelo menos ele se certificou de que Willow e seu namorado desmiolado pagassem o preço, no final. Ele pode ter se arrependido de seu passado criminoso, mas nunca se arrependeu de algo que fizera em retaliação a qualquer coisa dirigida a Ginny. As últimas palavras de Willow para Moe zombaram dele e arranharam seu subconsciente quando ele caiu em um sono agitado naquela noite. “Vai ser olho por olho... vai ser olho por olho”.

Ele teve sonhos violentos e raivosos durante a madrugada. Sonhos de ficar indefeso. Mesmo que ele não tivesse testemunhado, reviveu a tortura e o estupro de Ginny por um homem com uma máscara de esqui preta. Grizz sonhou que estava amarrado à maca na sala de execução e podia ver Ginny pela janela de vidro. Exceto que ele não a via sentada calmamente com o resto dos espectadores, mas no quarto deles, no Motel. O homem com a máscara de esqui preta tinha acabado de estuprar e bater nela, então a garota ficou deitada ali, o rosto inchado e ferido. Um filete de sangue escorria de sua narina e orelha esquerdas. O homem encostou a orelha no peito de Ginny para ver se seu coração ainda batia e, satisfeito por ele a ter matado, saiu lentamente da cama.

Grizz assistiu, em um estado de sonho indefeso, enquanto o homem se levantava e olhava ao redor do quarto do Motel, procurando por algo para roubar. Ele notou Gwinny pular na cama e gentilmente se aproximar de Ginny, apenas para começar a lambe seu rosto.

Grizz observou o homem agarrar Gwinny e matá-la, colocando a gata preta sob as cobertas ao lado da morta. A intenção era ser uma surpresa sádica à pessoa que eventualmente encontrasse o corpo de Ginny.

Então, assistiu o homem tirar a máscara de esqui. Mesmo nas profundezas de um sonho tão escuro, Grizz sentiu seu batimento cardíaco acelerar. Ele não estava olhando para o estuprador de Ginny, mas para sua melhor amiga, na época.

Estava olhando para Sarah Jo.

# Capítulo 50

## Ginny, 2001 - Fort Lauderdale

Não sei quantas vezes naquela semana eu peguei o cartão de visita que Grizz tinha me dado e apenas o encarei. Já o joguei no lixo pelo menos três vezes, apenas para depois me descobrir cavando e limpando manchas de morango e café junto com uma miríade de outras coisas desagradáveis para pegá-lo de volta. Eu não tinha que ficar com aquilo. Eu o encarei tantas vezes que, inconscientemente, memorizei o endereço que Grizz havia escrito no verso. Conhecia a subdivisão, mas não conhecia *ninguém* que morasse lá, porém já havia passado por ela o suficiente ao visitar clientes que moravam ou trabalhavam naquela área. Claro, como eu não tinha mais clientes, não tinha motivo para ir naquela direção.

Depois de acompanhar Grizz até o carro naquele dia, voltei para casa a fim de falar com Mimi. Deixamos Jason, que estava absorto em seu videogame, e entramos no escritório de Tommy, fechando a porta atrás de nós.

Mimi explicou tudo. A decepção com a segunda rejeição de Slade. A viagem desconfortável para casa com Christian tentando me encontrar e, finalmente, topando com Grizz no supermercado.

— E você simplesmente sabia quem era ele e foi direto em sua direção?

— Ele parecia uma versão mais velha da primeira foto que eu vi. Você sabe, aquela com cabelo comprido. Talvez eu quisesse que fosse ele, mãe. Eu não sei. Quando ele não negou quem era, fiquei mais curiosa do que qualquer coisa.

— Mas, Mimi, você entrou em um carro com um estranho!

— Sim, eu já recebi uma bronca dele por fazer isso — admitiu ela timidamente.

Isso era algo que Grizz teria feito, repreender a criança que ele não criou. Por mais chateada que eu estivesse, senti um pequeno sorriso tentando encontrar seu caminho até meus lábios, mas eu lutei contra ele.

Mimi explicou que ele foi franco e verdadeiro. Ela até o testou perguntando coisas que já sabia. Ele não mentiu para ela. Nem uma vez. *Hmph!*

— Espero que saiba que estou proibindo você de vê-lo novamente. Nunca mais, Mimi. Ele não é bem-vindo em nossa casa ou em nossas vidas.

Ela olhou para mim.

— Eu sei, mãe. Ele me disse que você ficaria brava e que eu não deveria tentar entrar em contato com ele ou tentar vê-lo novamente. Ele não me disse onde estava hospedado nem *nada*. Eu poderia ter tentado fazer uma pesquisa sobre o nome e a placa do carro, mas não sou idiota. Provavelmente está registrado em um endereço falso.

Minhas entranhas começaram a se agitar.

— Então ele disse que eu ficaria brava e não deixaria você vê-lo? Ele proibiu você primeiro?

Mimi olhou para mim de lado com uma expressão curiosa no rosto.

— Mãe, você está realmente brava porque ele concordou com você, ou está brava porque ele me proibiu primeiro?

Corri a mão pelo meu cabelo e soltei um suspiro.

— Eu não sou brava. Só estou chateada que ele pensa que pode aparecer de volta e se meter em coisas que não tem direito!

Minha filha apenas olhou para mim. Eu poderia dizer que ela estava tentando descobrir quais eram os meus reais sentimentos por seu pai biológico. Eu só poderia pensar que, se ela os descobrisse, desejava que ela me dissesse quais eram.

\*\*\*

A semana seguinte se arrastou. Tive um almoço com Alec em um restaurante popular na Intracoastal. Depois disso, caminhamos pelas docas. O sol estava forte e ele agarrou minha mão para me guiar em direção a um pequeno quiosque que vendia viseiras. Depois de me comprar um, ele casualmente retomou minha mão para o resto da caminhada. Não foi tão difícil ou estranho como pensei que seria. Foi muito confortável e me convenci de que gostei do beijo suave que ele deu ao lado da minha boca, depois de me acompanhar até o carro.

*Agora* eu estava voltando para casa e me perguntando como teria sido se ele tivesse me beijado nos lábios. Eu poderia me ver beijando Alec de volta? Eu poderia me imaginar aproveitando? Levantei minha mão para o local que ele beijou, deixando meus dedos imitarem sua boca.

O toque súbito do meu celular interrompeu meu devaneio. Era Sarah Jo, ligando para se atualizar e se desculpar por não ter aparecido nos últimos meses.

— Sinto muito, Gin. — Sua voz estava baixa. Eu não a tinha visto depois das semanas que se seguiram ao funeral. — Eu não sei



nem o que dizer. Pode parecer horrível, mas tenho lidado com a perda de Tommy também e estar perto de você foi muito doloroso.

O alívio tomou conta de mim. Acho que, no fundo, estava me perguntando se era outra coisa. Algo mais.

— Eu entendo completamente, Jo. Por favor, não se sinta mal. — Eu realmente desejava que ela não se sentisse.

Lembrei-me daquele dia terrível no hospital quando desmoronei com a chegada de Sarah Jo. Eu tinha certeza de que não seria capaz de passar por aquele momento terrível sem ela, mas, estranhamente, consegui. Todos sofreram à sua maneira e eu entendi sua necessidade de ficar longe. A verdade é que eu estava acostumada a não a ver muito e, para ser honesta comigo mesma, não havia percebido sua ausência. Sentia falta de nossa amizade, mas não tanto quanto provavelmente deveria. Eu não conseguia explicar a razão disso.

Fizemos um plano de nos encontrar para almoçar na semana seguinte. Desliguei o telefone e percebi que havia perdido a noção do tempo e do meu trajeto para casa. Eu tinha acabado de entrar na subdivisão de Laurel Falls. A subdivisão de Grizz.

Pisei no freio, fiz uma curva fechada em U no meio da estrada e me dirigi para casa.

\*\*\*

Mais uma semana se arrastou e, com ela, minha ansiedade só aumentava. Eu sabia que Grizz iria aparecer novamente. Ao menos, consegui encontrar algum alívio em me preparar mentalmente.

Meu almoço com Sarah Jo foi agradável, mas algo estava errado. Eu tinha certeza de que não era ela. Era eu e minha preocupação com o retorno de Grizz. Antes que eu percebesse, mais uma semana havia se passado e não havia sinal dele.

Grizz está se afastando. Ele entendeu a mensagem. Tentei convencer a mim mesma de que isso era uma coisa boa.

Mas não ajudou o fato de Jason ter perguntado sobre o velho amigo de seu pai, James Kirkland, mais de uma vez.

Eu tinha visto Alec mais algumas vezes nessas semanas e ele não segurou minha mão ou me deu um beijo de despedida como o fez, nas docas. Na verdade, ele voltou a ser o amigo perfeito e se eu não tivesse ficado tão consumida pela minha angústia por Grizz, eu poderia ter questionado meu orgulho ou me perguntado se ele estava jogando comigo. Alec provavelmente se perguntou o mesmo sobre mim.

Eu orei por forças quando encontrei meus pensamentos vagando para Grizz. Pedi a Deus que me desse forças para perdoá-lo por qualquer raiva e ressentimento que eu tivesse. Eu precisava da paz que somente o Espírito Santo poderia me dar.

Também me vi orando pelo homem por quem uma vez fui tão apaixonada. Eu queria que ele encontrasse a felicidade. Eu queria que ele encontrasse Deus. E talvez, talvez enterrado bem no fundo em algum lugar, queria que ele me encontrasse e me trouxesse de volta ao amor que eu já senti. Mas era tarde demais para isso. Pelo menos foi o que disse a mim mesma.

Eu não tinha me permitido pensar em amar Grizz. Era certamente mais fácil ficar brava, mas também exaustivo e muito contrário ao que eu vivia em minha vida. *Agora* eu entrava e saía de

humores que não estava acostumada a sentir. Sempre estive tão confiante em meus pensamentos e ações que, quando percebi que minha raiva sobre Grizz e nosso passado finalmente começou a diminuir, descobri que foi substituída por uma nova raiva. Uma que eu não consegui explicar.

Grizz estava seguindo minhas ordens. Ele estava ficando longe da minha igreja e do meu supermercado. Ele estava ficando longe de meus filhos e de minha casa. Ele estava ficando longe de mim.

Tentei me convencer de que ele estava apenas mantendo distância para bagunçar minha cabeça. Que tudo era parte de um grande jogo que ele estava manipulando para me fazer ir até ele. Claro, esse tipo de comportamento não era *nada* parecido com o Grizz que eu conhecia — o homem que nunca pedia permissão, mas fazia e pegava o que queria. O homem que atropelava as pessoas e as esmagava como insetos. O homem que me queria o suficiente para arriscar perder tudo por ter me sequestrado em 1975.

Não. Isso não era *nada* parecido com Grizz.

Realmente me incomodava que eu pensasse tanto nele. Cheguei à conclusão óbvia de que precisava tirá-lo da minha cabeça e da minha vida de uma vez por todas. Eu também sabia que não poderia ir até ele, pois não iria ceder ao que pensava ser seu jogo mental.

Fosse tudo imaginário ou real, estava me consumindo. Não, eu decidi. Eu não perderia dessa vez. Eu nunca iria até ele.

Nunca.

# Capítulo 51

## Ginny, 2001 - Fort Lauderdale

Duas semanas depois, encontrei-me em pé na porta da frente dele mentalmente me chutando na bunda por ser tão fraca. Eu escolhi propositalmente um dia no meio da semana e um horário que eu sabia que ele estaria no trabalho. Eu só queria ficar ali, ver se conseguia identificar o que estava sentindo.

A montanha-russa emocional em que andava tinha sido demais. Eu precisava resolver as coisas na minha cabeça. Eu precisava vê-lo para confrontar meus sentimentos. Não consegui nem identificar o que eram, mas estavam lá. Meu coração insistiu que essa seria a única maneira de deixar Grizz. E era isso que eu queria, certo?

Eu aprenderia que meu coração era um mentiroso ainda pior do que eu. Olhei para os meus pés e sussurrei:

— Você pode estar certo, Tommy.

O som de um avião voando baixo e o zumbido contínuo dos insetos pouco me distraíram enquanto eu tentava imaginar como me sentiria se ele realmente estivesse em casa. Eu ficaria feliz em vê-lo? Eu ficaria com raiva, louca, acusatória? Eu estufaria o peito ao me convencer de que estava sentindo uma raiva justa? Deus falou comigo então. Não em voz alta. Nunca ouço uma voz real, mas sei quando meus pensamentos vêm Dele.

Eu soube então que voltaria para falar com Grizz. Pois, no momento em que ouvi Deus, senti vergonha instantânea sobre a maneira como o tratei. Eu poderia me convencer o dia todo de que

tinha o direito de ser rude, que ele não merecia meu perdão. Mas até Jesus pediu a Deus que perdoasse aqueles que o perseguiram e torturavam. “Perdoe-os, Pai, porque não sabem o que fazem.”

Naquele momento, eu sabia que seria capaz de ter uma discussão calma e adulta com Grizz, não com uma atitude implacável e cheia de ressentimento. Sim, eu poderia e perdoaria Grizz. Voltaria e falaria com ele.

A paz caiu sobre meus ombros naquele momento e eu virei meu rosto ao céu.

— Obrigada pelo presente de conhecer a Sua paz, Pai. Obrigada por me mostrar isso no seu tempo — sussurrei.

Só então, a porta da frente se abriu e Grizz saiu correndo, quase me derrubando. E assim, meu coração deu um salto.

— Kit... *uh*, Ginny! — Ele me agarrou com força pelos braços, os olhos arregalados de surpresa. — Eu não vi você. O que você está fazendo aqui, querida?

Comecei a responder bruscamente a ele e a perguntar o que *ele* estava fazendo ali – afinal, deveria estar no trabalho! Mas me controlei no mesmo instante.

— E-Eu... não pensei que você estivesse aqui — gaguejei, olhando em seus olhos verdes e calorosos. — Eu estava apenas... apenas tentando descobrir o que estava sentindo. Queria, não sei... praticar um pouco, *uh*, antes de ter uma conversa com você.

Ele sorriu.

— Tirei folga hoje, tenho que ir ao dentista. Eu tenho um dente que está me matando. Mas vou cancelar o compromisso.

— Pensei que você não tivesse um telefone. — Olhei para ele sem o acusar, apenas curiosa.

— E não tinha. Bear me deu um depois da última vez que te vi para que pudéssemos nos comunicar para o trabalho, como nesta manhã, que liguei e disse a ele que tinha que ir ao dentista.

Lembrei-me do quanto Grizz odiava o dentista. Ele devia estar com muita dor se ligou para marcar uma consulta e eu não desejava que ele a perdesse. Eu me surpreendi ao fazer uma proposta:

— Deixe-me ir com você.

Ele pareceu um pouco surpreso e pude vê-lo calculando mentalmente suas opções. Então me deu um sorriso triste.

— Prefiro convidá-la para minha casa, mas essa merda de dente já dói tanto que vou aceitar sua oferta.

Grizz trancou a trava da porta da frente e apontou seu botão da garagem à pequena garagem individual. Antes que a abra, eu disse:

— Eu levo até lá.

Sem lhe dar tempo para responder, fui ao meu carro e entrei. Ele me seguiu e desajeitadamente subiu no lado do passageiro do meu *SUV*. Grizz era tão grande que se acomodar naquele banco foi uma tarefa quase impossível. Ele deslizou o assento para trás para poder andar o mais confortável possível.

Depois de me dizer o endereço do consultório do dentista, o carro se silenciou. Decidi preenchê-lo com bate-papos ociosos — perguntas sobre seu trabalho na equipe de paisagismo, seus vizinhos, como ele estava se adaptando. Fiquei surpresa que ele realmente conheceu alguns de seus vizinhos.

— Eu não conheço as pessoas que moram na casa à esquerda. Aparentemente, eles só vêm do Norte no inverno. O casal

do outro lado da rua, não consigo lembrar dos nomes, está muito ocupado com quatro filhos para serem amigáveis, o que está bom para mim. A família da casa à direita veio de Miami. Os pais não falam inglês. Eles têm dois filhos. O menino está no colégio e a filha, Rosa, está na faculdade, mas limpa minha casa uma vez a cada duas semanas e, de vez em quando, pega mantimentos para mim. Acho que a família que mora aos fundos da minha casa acabou de se mudar de algum lugar do Oeste.

Lancei um olhar de soslaio a ele e Grizz rapidamente acrescentou:

— Não sou convidado para churrascos em família ou qualquer coisa assim. Eu só tento não ser um idiota reservado. Sou o viúvo simpático do Norte que vai trabalhar todos os dias e cuida da sua própria vida.

— Você é viúvo? — perguntei, minha curiosidade aguçada.

Ele então me contou sobre o apelido criado para ele. Sua nova identidade veio com uma história familiar e todos os tipos de documentação oficial.

— Você não está cansado disso, Grizz? — disparei e logo depois quis engolir minhas palavras.

Mas ele sabia exatamente do que eu estava falando. Os apelidos e mudanças de nome eram cansativos, tal que respondeu sem olhar para mim:

— Mais cansado do que você imagina, Kitten. — Ele esfregou o rosto com a mão. — E antes que você se irrite por chamá-la assim, sei que é perigoso e você não gosta disso, mas é um hábito.

— Jason quer que eu convide você para jantar em casa. — Tinha começado a chover assim que falei, então liguei os

limpadores de para-brisa.

— Não — respondeu um pouco rápido demais. — Eu não deveria ter ido a sua casa com Mimi, mas estou feliz por ter feito isso, porque conheci Jason. Ele parece ser um ótimo garoto, Ginny. Mas não é uma boa ideia.

— Tommy me contou a história e ele me disse que você está livre agora. Eles não se importam mais com você.

— Isso é verdade, caso contrário eu não teria tomado o privilégio de que você soubesse que eu ainda estou vivo, mas, ao mesmo tempo, ainda estou tentando me esconder. Eu sei que a população tem se multiplicado aos trancos e barrancos desde que fui para a prisão e que me misturar em uma comunidade maior é mais fácil, assim diminuindo os riscos. E minha identidade estabelecida deve me proteger.

A chuva caiu mais forte e coloquei os limpadores na velocidade máxima enquanto ele seguia:

— Mas sempre há aquela pequena chance de alguém me reconhecer. E talvez eles digam a si mesmos que é impossível, porque eu deveria estar morto. Mas se alguém pensa que me reconhece e me vê com você... bem, acho que isso faria com que a pessoa pensasse duas vezes. Eu provavelmente não deveria ter aceitado sua oferta para ir ao dentista comigo, mas não posso evitar, Kit... — Grizz deteve-se e se corrigiu: — Ginny.

Eu podia sentir seus olhos em mim, mas não olharia para ele, tal que fitei a rua em que seguíamos.

— Você sempre foi meu vício. — Ele não precisava competir com a chuva torrencial. Sua voz era profunda, clara e sua próxima declaração queimou minha alma. — Eu não consigo me imaginar



dizendo “não” para você. Eu te amo, Ginny. Nunca parei de te amar por um único segundo. Nunca.

*Wip, wap, wip, wap.* Os limpadores de para-brisa estavam batendo de um lado para o outro e seu desespero para acompanhar a chuva forte combinava com o ritmo do meu coração.

— Quantas pessoas realmente sabem? — Arrisquei um olhar em sua direção. — Além de mim, Mimi, Carter, Bill e Anthony?

— Só vocês. Anthony pode ter contado a Christy, mas não estou preocupado com isso.

Eu balancei a cabeça e mordi meu lábio.

— Grizz, por que a bandana? Parece uma maneira tão antiquada de lidar com as coisas. Eu poderia apenas ter dito algo para Carter. Teria sido muito mais fácil.

— Foi algo que coloquei em prática em 1985, depois de ser preso. Não vi necessidade de mudar as coisas. Também porque estou familiarizado com o que eles são capazes, a última coisa que eu queria que eles soubessem é que você tinha uma maneira de se comunicar comigo. Uma conversa cara a cara, um telefonema, até mesmo um e-mail para Carter teriam sido muito arriscados.

Pude sentir a intensidade de seu olhar quando ele acrescentou:

— É uma das principais razões pelas quais eu desencorajei você de vir me ver.

Ignorei a dor em meu coração, em sua última fala, e perguntei a ele um pouco mais *então*, investigando seu relacionamento com Carter e Bill. Ele respondeu tudo casualmente e sem hesitação. Por fim, a curiosidade que eu tanto negava ter acabou saindo por cima de qualquer apreensão minha.

— Como? Como você conseguiu fingir uma execução? — perguntei. — Quer dizer, eu entendo que esse grupo deveria ser poderoso, mas fingir uma morte?

— Eu quase não consegui. Tenho certeza de que realmente morri naquela mesa. Eu dei a volta no necrotério, onde seus médicos estavam trabalhando em mim — respondeu, sua voz calma.

Estremeci com a ideia de acordar em um necrotério.

— Mas, eles não poderiam ainda ter te matado depois que você devolveu as coisas deles? — Dei a ele um olhar de soslaio.

— Sim, eles poderiam, Kit, e ninguém teria sabido.

— Mas não o fizeram, Grizz. Por que não?

— Apenas duas possibilidades vêm à mente. Eles não se importavam mais ou alguém estava cuidando de mim. Provavelmente nunca saberei com certeza.

Eu poderia dizer pelo tom de sua voz que o assunto estava encerrado e eu estava secretamente aliviada.

Finalmente, chegamos ao dentista. O consultório ficava em um prédio médico que compartilhava a mesma esquina de um grande centro comercial. Eles eram tão comuns *agora* na Flórida que os desenvolvedores tiveram que fazer o melhor uso de cada espaço. Você poderia entrar em um complexo e fazer suas compras no mercado, comer, fazer as unhas e ver seu quiroprático em uma única visita. Tive sorte e encontrei uma vaga bem na frente.

— Acho que você deveria esperar no carro, Ginny. Apenas para estar segura. Se você não quiser, posso pegar um táxi para casa.

Concordei com ele sobre não entrar e disse que não me importava de esperar. Ele me deu um sorriso que fez meus pés formigarem. Meus dedos dos pés não formigaram quando Alec segurou minha mão ou me beijou. Passei o tempo brincando com meu celular. Ainda não estava acostumada com todas as coisas que as crianças me disseram que eu poderia fazer com o aparelho, mas estava tentando verificar meu uso de dados e descobrir como escolher os toques quando olhei para cima.

Eu percebi que um pequeno carro circulava pelo prédio médico. Tinha um adesivo de deficiente pendurado no espelho retrovisor. Uma rápida olhada me disse que todas as vagas para deficientes físicos estavam ocupadas. Eu deveria tirar o carro e deixá-los ficar com esta vaga. Esperei até vê-los se aproximar pela enésima vez e comecei a dar ré lentamente, vendo-os parar e acionar o pisca-alerta. Dirigi até o ponto mais distante e estacionei em um novo espaço, para que eu estivesse em frente ao dentista quando Grizz saísse. Fiquei feliz por a chuva ter parado. O casal demorou uma eternidade para sair do carro e caminhar até a calçada.

Eu não tinha certeza de quanto tempo se passou quando algo me fez olhar por cima do meu telefone. Sabia que ele iria sair. Eu não conseguia explicar, mas de alguma forma senti Grizz. Acho que sempre o senti dentro de mim.

Liguei o carro e observei enquanto ele descia casualmente pela calçada, depois cruzando para o próximo prédio e passando por um delicado salão de cabeleireiro, seguindo por uma loja de roupas esportivas. Ele parecia estar procurando por algo, pois não

estava olhando para os carros no estacionamento. Ele não estava procurando por mim.

Finalmente o alcancei e apertei levemente a buzina. Sem perder o ritmo, ele veio em direção ao meu carro e entrou.

— Pensei que você tivesse saído. — Ele não parecia bravo ou magoado, apenas afirmando um fato.

— Desisti da vaga por um casal deficiente que precisava dela. Como foi lá dentro?

— Ele consertou o dente. Não preciso voltar.

— O que estava fazendo? Você parecia estar procurando por algo ou alguém.

— Achei que você tivesse ido embora, então eu ia chamar um táxi. Mas deixei o celular, que Anthony me deu, em casa.

— Então, o que você estava fazendo? — insisti.

— Eu estava procurando a porra de uma cabine telefônica!

Dei a ele um meio sorriso.

— Cabines telefônicas se tornaram uma espécie em extinção, sinto muito.

— Muita merda mudou desde que fui embora — resmungou ele com naturalidade.

— Muitas coisas mudaram — afirmei. — Mas posso ver que seu uso de palavrões não é um deles.

— Você não sobrevive na prisão por quinze anos dizendo “relação sexual” e “cocô”.

Só de ouvi-lo dizer aquelas palavras já parecia cômico. Por mais que eu não gostasse do uso de palavrões, não pude evitar e sorri ao pensar nele usando aquelas alternativas.

Ele perguntou se eu gostaria de entrar em sua casa depois que o deixasse, mas balancei minha cabeça em negativa. Provavelmente, não era uma boa ideia ficar sozinha com ele, mas também queria estar no ponto de ônibus quando Jason descesse. Disse a Grizz que Jason estava se envolvendo em brigas na escola e um valentão em particular andava de ônibus. Grizz parecia interessado e me pediu para contar mais.

— Tem a ver com Tommy — comecei. — Todo mundo foi tão legal e compreensivo depois que ele morreu, mas sempre há aquela pessoa que vê a dor de alguém como uma forma de manipulá-la e fazer com que se sinta melhor. Neste caso, é um garoto chamado Corbin. Ele tem sido horrível com Jason, recentemente. Não sei por que ou de onde está vindo essa raiva, mas o garoto disse algumas coisas dolorosas.

— Como o quê? — Grizz franziu a testa.

— A última coisa que ele disse, que deixou Jason chateado, foi que Tommy era estúpido por ter causado a própria morte, que se fosse o pai de Corbin, ele teria sido inteligente o suficiente para se esconder, que se tentasse parar o atirador, ele não teria sido burro o suficiente para levar um tiro.

— Então o que aconteceu? Jason bateu nele?

— Não! Tommy e eu ensinamos Jason a dar a outra face, a ignorar os valentões e apenas revidar se não houver escolha. — Eu podia sentir Grizz revirando os olhos enquanto eu mantive os meus na estrada à frente. — Na verdade, Corbin se incomodava que Jason não estava reagindo às provocações, então tudo começou a ficar... físico. Claro, Jason lutou. Ele está com um olho roxo, mas não é *nada* comparado ao seu coração machucado. Por que ele tem

de enfrentar a perda de seu pai e ser provocado por isso? Tem sido muito difícil para ele.

Eu não contaria a Grizz sobre o outro golpe emocional que Jason havia sofrido. Um que veio de Alec. Isso explicava por que Alec tinha voltado a ser apenas um amigo depois daquela caminhada nas docas, tantas semanas atrás.

Jason estava visitando os meninos e estavam brincando no quintal quando ele entrou para usar o banheiro. Aparentemente, a ex-esposa de Alec, Paulina, passou por lá, e Jason interrompeu uma conversa que ele não deveria ter ouvido. Eu notei uma mudança na personalidade de Jason assim que voltou para casa daquela visita, levei dias para fazê-lo me dizer o que estava errado — ele ouviu Alec e Paulina falando sobre voltarem a ficar juntos. E Paulina tinha pedido especificamente a Alec para diminuir o tempo que passava com Jason e eu.

Eu pedi a Alec para me encontrar para um jantar rápido uma noite e ele explicou:

— Me sinto um merda. Eu não tinha ideia de que Jason nos ouviu conversando ou eu teria falado com você, provavelmente deveria ter falado com você de qualquer maneira. — Ele passou a mão pelo cabelo. — Sinto que preciso fazer isso pelos meus meninos, Ginny. Ela quer tentar novamente. Ela disse que a coisa lésbica era só uma fase.

Tomei um gole da minha bebida e olhei para ele por cima da borda do meu copo.

— Algo dessa natureza pode ser apenas uma fase? — Eu não estava sendo sarcástica, apenas honestamente não sabia e, aparentemente, ele também não.

— Não sei, mas Paulina está diferente agora. Sherry pode ter sido boa para ela em alguns aspectos. Ela é mais positiva, enérgica, menos egocêntrica. Ela está se tornando a mãe que os meninos nunca tiveram e posso dizer que não é uma atuação. Ela está totalmente imersa neles e me perguntou se poderia voltar para casa.

— Alec, sei que não tenho direito algum de me posicionar aqui. Estou feliz por você, se é isso que você deseja. Mas posso pedir como amiga, por favor, tome cuidado.

Olhei para ele calorosamente e o senti tomando minha mão sobre a mesa.

— Eu poderia gostar ainda mais de você, Ginny. Não posso negar isso e não vou tentar. Acho que depois do nosso almoço nas docas e daquele beijinho, me permiti acreditar que poderia ter havido uma chance. Mas eu não vi isso nos seus olhos. Estou certo, não estou?

Desviei o olhar, mas não tirei minha mão da dele.

— Você tem sido um bom amigo, Alec...

— Mas? — Um pequeno sorriso apareceu em seus lábios.

Eu respirei fundo.

— Sinto que estaríamos nos forçando a isso. Quero dizer, precisamos ser um casal porque você não tem uma esposa, porque perdi meu marido e porque seu filho quer que sejamos uma família. E, claro, posso não querer me permitir pensar isso, mas há uma atração. Eu não acho que um dia imaginei isso. Mas é tudo muito... certo. Muito oportuno. Quase... perfeito demais. Isso faz algum sentido?

— Sim. — Ele assentiu. — Entendo o que quer dizer.

Puxei minha mão para trás e brinquei com o guardanapo no meu colo. Eu encarei a salada caesar de frango intocada no meu prato, o aroma convidativo não o suficiente para me fazer querer dar uma mordida. Meu estômago estava se revirando.

— Posso te perguntar uma coisa e pedir sua total honestidade? — questionou ele suavemente.

— É claro.

— Isso tem alguma coisa a ver com James?

Eu pisquei para ele, totalmente desprevenida. Alec deu um sorriso envergonhado.

— Jason mencionou que um velho amigo de Tommy tinha visitado a casa. Disse que só foi lá uma vez, mas Jason parecia um pouco encantado com ele.

Soltei um suspiro de alívio, secretamente, me perguntando por um momento se Grizz havia feito algo para se tornar conhecido por Alec. É claro que não.

— James contou a Jason algumas histórias sobre Tommy quando ele era mais jovem — expliquei. — Claro, Jason ficou fascinado por ele, até quer que eu o convide para ir lá em casa, para que possa ouvir mais. Tenho certeza de que é isso.

— E você quer convidá-lo? — Alec perguntou um pouco mais incisivo.

Tive que olhar para ele, mesmo enquanto minha mente girava com uma miríade de respostas possíveis. No final, decidi pela verdade.

— Eu honestamente não sei, Alec. Sinceramente não sei.

*Agora*, sentada na garagem de Grizz, olhei para ele.



— Jason sabe como se defender? — Grizz perguntou. — Tommy o ensinou a lutar?

— Claro, o ensinou a se defender. Mas Jason não foi criado no mesmo ambiente que Tommy. — Segurei o volante com força. — Tommy não tinha muitos motivos para praticar com ele.

— Não posso dizer que o culpo.

Fiquei chocada com o modo como ele reconheceu aquilo e olhei para ele. Sem qualquer orientação minha, Grizz disse:

— Acho que Tommy estava com medo de transformar a criança em mim. Provavelmente com medo de acessar esse gene. Como eu disse, não posso culpá-lo. Ele provavelmente estava preocupado que o ditado de que a maçã não cai tão longe da árvore fosse verdade. Quer dizer, pulou uma geração porque Tommy não herdou minha veia maldosa, mas provavelmente estava com medo de que meu neto pudesse.

Com a boca aberta, percebi então que Grizz não sabia... ele realmente acreditava que Tommy era seu filho.

— Não precisamos nos preocupar com Jason herdando *nada* de você, Grizz — disse a ele calmamente. Não tinha intenção de ser sarcástica e esperava que não tivesse soado assim.

— Por que diz isso? — Ele já havia saído do meu carro e fechado a porta. Agora estava curvado e inclinado pela janela do passageiro.

— Porque Tommy não era seu filho.

Antes que Grizz tivesse a chance de responder, rapidamente acrescentei:

— Eu realmente sinto muito. — Cada palavra minha era verdadeira. — Não é minha intenção jogar isso em você e depois

sair correndo, mas preciso ir ao ponto de ônibus. Não tenho tempo para começar esse assunto, agora. — Engatei a ré e, por fim, conclui: — Prometo explicar mais tarde.

Grizz balançou a cabeça e se afastou da janela, mas não antes que eu pudesse detectar algo em seus olhos.

Eu tinha quase certeza de que o que vi era pura decepção.

# Capítulo 52

## Grizz, 2001 - Fort Lauderdale

Dois dias depois, Grizz ainda estava refletindo sobre a revelação que Ginny fizera. Ele realmente acreditava que era o pai de Tommy. Ginny estava contando alguma mentira para machucá-lo, retribuir tudo que ele tinha feito a ela? Tommy a havia convencido de alguma inverdade descabida em um esforço equivocado de protegê-la, ou talvez para mantê-la ao seu lado? Ou era realmente verdade?

Ele voltou do trabalho para casa, deixando os pensamentos correrem pela mente. Grizz estava aprendendo a ser um homem paciente. Queria ligar para ela, pedir uma explicação, mas sabia que estava sendo testado, tanto por Ginny quanto por algum ser superior cuja existência pode ou não estar tentando infiltrar-se em sua consciência.

Durante meses, sua rotina foi a mesma. Ele ia trabalhar todos os dias e jantava sozinho em sua casa todas as noites. Grizz não tinha interesse em televisão, então se exercitava em sua sala de musculação ou passava a noite lendo um dos muitos livros que comprou na biblioteca local.

Ele passava os fins de semana pilotando sua moto, finalmente cedendo ao seu chamado e fazendo uma visita àquele armazém, rebocando-a de volta para o sul da Flórida. Mas nunca andou em Fort Lauderdale, onde *agora* morava temporariamente. Suas rotas sempre começavam com longa viagem de Alligator Alley até o outro lado do estado. Mesmo isso já era um risco, mas com o

aniversário de um ano de sua execução há alguns meses, sentiu que havia ultrapassado um marco. Vencido, de alguma forma.

Grizz pilotava apenas por pilotar. Para sentir o vento em seus cabelos. Ele estava grato pela Flórida ter aprovado a lei que dispensava o uso de capacete; nunca tinha usado um e não queria correr o risco de ser parado. *Agora*, sempre pilotava sozinho e evitava atenção.

Mas em nenhuma vez pilotou sem fantasiar em ter Ginny às suas costas. Os braços dela envolvendo firmemente a cintura dele, os seios pressionando suas costas. A expectativa crescia enquanto ele imaginava fazer amor com ela quando chegassem ao seu destino ou voltassem para casa.

Grizz sorriu quando pensou sobre as vezes que eles nem mesmo conseguiram voltar para casa. Se lembrou de como esticava o braço para trás enquanto pilotava e encontrava o espaço entre as pernas dela que a fazia se contorcer, seus dedos queimando, um desejo despertando dentro dela de tal forma que a fazia insistir para que parassem no local mais conveniente e afastado, para que pudessem fazer amor.

Ele conheceria dias como aqueles novamente? Teria outra chance com ela?

*Agora*, ao entrar na rua, seu coração começou a bater forte. Ele podia ver seu *SUV* estacionado no meio-fio em frente à sua casa. Grizz estava cansado depois de passar o dia todo ao sol, mas ver o carro dela lhe deu uma carga instantânea de energia.

Ele abriu a porta da garagem e entrou, saindo para encontrá-la parada na calçada que levava à sua porta da frente, as mãos nos quadris e olhando fixamente para a motocicleta.

— Você não está realmente andando com isso pela cidade, está?

— Por quê? Quer dar uma volta? — Ele não pôde deixar de sorrir ao provocá-la.

— Não, eu não quero dar uma volta. Parece que o último lugar onde você deveria estar é em cima de uma moto.

— Se você puder pensar em outro lugar onde eu deveria estar, estou aberto para sugestões.

O rosto dela começou a ficar vermelho e ele percebeu que a havia deixado nervosa. Grizz mudou de tática no mesmo instante; não queria deixá-la desconfortável a ponto de ela querer ir embora.

— É bom ver você, querida — disse o mais gentilmente possível. — Tem tempo para entrar?

Ela o presenteou com um sorriso sincero.

— Sim, mas não posso ficar muito. Eu só queria te dar uma explicação depois do que eu disse outro dia.

Isso não era exatamente verdade. Ela queria ter uma longa conversa com ele, mas queria ver como as coisas progrediam primeiro.

— Você poderia ter me ligado. Ao menos estaria livre do trabalho de vir até aqui — comentou casualmente. Ele havia dado a ela o número do seu celular há dois dias.

— Perdi o número.

Ele arriscou um olhar para ela. Ginny estava parada a poucos metros de distância, olhando para a calçada com os braços cruzados e chutando o chão com o pé direito. Ela nunca conseguiria escapar mentindo.

Sorriu enquanto destrancava a porta da frente, então deu um passo para o lado, para que ela pudesse entrar primeiro. Ele a seguiu e fechou a porta atrás deles, trancando-a e tentando ignorar a ereção instantânea depois de sentir o cheiro dela. Como já havia descoberto previamente, ela ainda tinha o mesmo aroma.

Grizz a observou enquanto ela ficava parada no meio da sala de estar e vagarosamente olhava ao redor. As persianas estavam fechadas, mas a luz natural das claraboias enchia o espaço, dando-lhe uma aura calorosa e convidativa.

— É bem bonito. — Ele detectou admiração genuína em seu tom.

— Veio mobilado. Quer beber algo?

— Você tem alguma coisa *diet*?

— De jeito nenhum. E por que você precisa beber alguma coisa *diet*?

Ela ignorou a pergunta e tentou não olhar para seu traseiro enquanto ele passava à sua frente e se dirigia à área da cozinha aberta. Ginny não sabia como era possível, mas ele realmente parecia estar em melhor forma *agora* do que antes de ir para a prisão. Ele estava na casa dos cinquenta e estivera na prisão por quinze anos, certamente não deveria ter uma aparência melhor, mas sim parecer velho e abatido.

Grizz entregou a ela uma garrafa de água. Tirando a tampa, ele engoliu tudo em uma sucessão de goles enormes, então observou enquanto ela tomava um gole delicado e colocava a tampa de volta no lugar.

— Você está aqui para me dizer por que acha que Tommy não é meu filho?

— Estou aqui para lhe dizer o motivo de eu saber que ele não é seu filho.

— Posso ter dez minutos para tomar banho?

— Sim, sim, é claro.

Ele tomou banho em tempo recorde e saiu do banheiro vestindo apenas jeans e ainda secando o cabelo com a toalha. Ele pensou ter sentido o cheiro de comida e notou-a do outro lado da ilha da cozinha, de costas para ele. Ela estava de pé junto ao fogão.

— O que cheira tão bem? — perguntou.

Sem se virar, ela respondeu:

— Achei que você não sentiria vontade de cozinhar depois de trabalhar o dia todo. Procurei em sua geladeira e tirei o que poderia usar. Espero que você não se importe de jantar frango frito.

A verdade era que ela precisava manter as mãos e a mente ocupadas. Ginny permitiu um pensamento rápido em seu cérebro sobre Grizz estar no chuveiro, nu. Certamente, ela não poderia ir até lá.

— Não se preocupe — disse ele com sinceridade. — Você vai ficar e comer comigo, não?

Ela se virou para responder e ficou instantaneamente sem fala. Grizz estava diante dela sem camisa, as duas mãos seguravam casualmente uma toalha branca que estava enrolada em seu pescoço, o longo cabelo molhado estava despenteado. Ela estava olhando para o peito dele quando ouviu-o interromper seus pensamentos:

— Você poderia? Ficar e comer comigo? — perguntou, um olhar doce, mas determinado, em seus olhos.

Ginny se perguntou sobre a última vez que ele poderia ter se sentado para uma refeição caseira e ter alguém com quem compartilhar. Ela poderia, percebeu. As crianças tinham planos para esta noite, então ela tinha tempo.

— Sim, eu vou ficar — respondeu um pouco sem fôlego quando ele voltou ao quarto para jogar a toalha no cesto e colocar uma camisa.

Como se quinze anos não tivessem se interposto entre eles, Grizz se sentou em silêncio, respeitosamente, como costumava fazer quando ela dizia suas preces de agradecimento pela refeição. E então, ela não perdeu tempo, começando a contar a ele sobre as revelações de Tommy a respeito de seu DNA e o de Mimi.

— Depois que Tommy me disse que era seu filho, me convenci de que vi uma semelhança, mas agora que penso nisso, Tommy quase tinha sua altura, mas não sua largura. Seus olhos castanhos adquiriram um brilho castanho em certa luz, mas acho que era só isso. Eu não queria acreditar que ele era seu filho, mas porque ele realmente acreditava nisso, acho que eu também comecei.

Grizz olhou para ela, absorvendo tudo. Ele assentiu, mas nada disse.

— Sei tudo sobre a mãe dele, Candy, e sei o que você disse a Tommy enquanto estava na prisão. Como aquele cara, Red, fez você e Anthony ficarem com ela. — A voz dela não continha acusações.

Ginny então contou a ele sobre a visita de Tommy à casa de sua avó paterna.



— Red. — Grizz apertou a mandíbula. — Ele realmente era um pedaço podre de merda. Usando a mim e a Anthony para manter Candy prisioneira sob o pretexto de que “era para o seu próprio bem”. Ela deve ter morrido de medo dele porque nunca disse a mim ou a Anthony o que Red estava fazendo com ela.

Eles haviam terminado a refeição e estavam sentados à mesa. Grizz tomou um gole de sua bebida e colocou o copo de volta sobre seu descanso.

— E você tem certeza de que Red era o pai de Tommy? — perguntou.

Sem responder, Ginny se levantou da pequena mesa da cozinha e foi até a sala pegar sua bolsa. Ele a seguiu enquanto ela se sentava em uma cadeira de frente ao sofá. Sentando-se no sofá à sua frente, Grizz observou enquanto ela puxava um envelope da bolsa.

— Este é o irmão de Red, David Enman. — Ela entregou a ele uma foto. — O que você acha?

— Filho da puta — praguejou baixinho. — Estranho como Tommy não se parece com Red, mas sim com o irmão de Red. Você disse que David Enman estava morto anos antes de Candy engravidar, certo?

— Sim. — Ela assentiu. — E eu nunca entendi coisa alguma. Verdade seja dita, há muitos detalhes que não compreendo, com exceção do fato de saber o porquê você nunca fez *nada* para confirmar a paternidade. Você assumiu que era o pai de Tommy com base no mesmo tipo de sangue e com base na noção equivocada de que você e Anthony foram os únicos a fazer sexo com Candy

durante aquele tempo. Grande suposição para alguém como você. Por quê?

— Era um mundo diferente. Eles não faziam testes de paternidade. Eu vi uma foto dele de quando era mais jovem e pensei que se parecia comigo. Ambos temos um tipo de sangue raro. Seu aniversário chegou quando eu estava transando com Candy. Foi bom o suficiente naquela época. — Ele não encontrou os olhos dela.

— No entanto, não bom o suficiente para alguém como você, Grizz — replicou suavemente. — Acho que você queria acreditar. Você queria que ele fosse seu filho, não é?

Ele bufou.

— Por que eu iria querer algo assim? Por que eu iria querer trazer uma criança para esse estilo de vida? Não seja ridícula, Kit.

Ela inclinou a cabeça.

— Porque, além de ter Mavis cuidando de mim, talvez ter uma criança tão brilhante como Tommy fosse a única coisa boa que você já fez. O único legado decente que você pode ter deixado no mundo.

Grizz não respondeu e Ginny aproveitou a oportunidade para seguir à próxima conversa que queria ter com ele. Ela não sabia o que Grizz esperava dela, nem o que ela esperava dele. A única coisa que sabia era que queria ouvir algumas coisas de sua própria boca. Ela queria ouvir as verdades por trás de seu passado. Não estava interessada em seu envolvimento criminal e negociações duvidosas com as pessoas que ele chantageava, como os responsáveis por sua execução falsa. Ela já havia feito a ele a única pergunta que despertou sua curiosidade sobre como ele conseguiu tal feito e não precisava — ou sequer queria — saber mais.

Não, Ginny ansiava pela verdade de Grizz sobre seu passado pessoal. Ela o estava testando, *agora*, e não sabia o porquê, mas queria desesperadamente que ele passasse no teste.

— Então, quantos anos você tinha quando supostamente engravidou Candy? Ela obviamente acreditou que você tinha quatorze anos porque eu a ouvi dizer isso a você naquela noite no Motel.

Grizz olhou fixamente para ela, tal que a mulher podia ver pela expressão em seu rosto que ele estava pensando cuidadosamente na resposta. Ele estava calculando as possibilidades ou tentando descobrir se poderia — ou deveria — mentir para ela.

— Quer saber, não vamos começar por aí — disse Ginny antes que ele pudesse responder. — Vamos começar com o básico. Sua infância. Não sei por que é importante para mim, mas tenha paciência comigo aqui, Grizz. Vamos ver se você consegue ser honesto comigo. Não é mais necessário esconder coisas ou me proteger, certo?

— Não gosto de falar sobre minha infância, Kit, então se você for por esse caminho, esqueça.

Ela deixaria que ele a chamasse pelo apelido uma segunda vez, sem reclamar, porém não permitiria que o comentário fosse perdido.

— Eu sei sobre a sua infância — afirmou ela. — Eu sei sobre sua irmã. Tommy me contou tudo.

Grizz permaneceu olhando-a. Ginny não conseguia ler sua expressão.

— Mas eu não sei o nome dela. Diga-me o nome dela, Grizz. Diga-me o nome da sua irmãzinha.

— Eu não vejo por que isso é importante...

— Por favor, diga-me, Grizz. — Ela implorou.

Com o silêncio, Ginny se ergueu rapidamente, fitando-o com o cenho franzido.

— Diga-me uma coisa — voltou a implorar. — Uma verdade do seu passado. Me dizer o nome dela não coloca *ninguém* em perigo. Ela se foi há anos. Você não tem mais desculpas para esconder nada de mim.

Sua voz ecoou pela casa. Ela o observou engolir em seco. Ele continuava sentado no sofá, mas *agora* estava na ponta dele. Seu rosto estava nivelado com sua cintura. Sem olhar para cima, ele sussurrou:

— Ruth. Seu nome era Ruth Ann. Eu a chamei de Ruthie.

O suspiro de Ginny foi fácil de ouvir. Ela lentamente fechou o pequeno espaço que os separava e ele a alcançou, puxando-a para perto e enterrando o rosto em seu estômago. Ela o deixou abraçá-la e se viu passando as mãos pelos cabelos ainda úmidos. Ele não estava chorando, percebeu, apenas a segurava firme, sentindo seu calor. Pegando sua luz.

— Então, o nome do meio de Mimi que você sugeriu. Foi em memória de Ruthie.

Gentilmente, Ginny pegou o rosto dele nas mãos e o ergueu a fim de olhar para ele. Seus olhos estavam cheios de dor, mas lentamente se transformando em outra coisa. Algo aquecido.

— Sim, é por isso que sugeri — murmurou. — Estou feliz que agora você saiba por quê.

Ela engoliu em seco, precisava se desligar. Ginny viu a necessidade em seus olhos e se perguntou se Grizz via a mesma necessidade nos dela. Não, ainda não. Talvez nunca. O pensamento fez seus ombros cederem.

De volta ao assunto principal. Ginny calmamente se retirou de seu abraço e sentou-se na cadeira.

— Qual é o seu nome verdadeiro? — perguntou em seguida, cruzando as pernas.

— *Ahhh*, querida, não siga por aí. Não é importante.

— É importante para mim.

Ela viu o aperto familiar de sua mandíbula quando ele estava chateado ou agitado. Grizz se levantou e começou a se dirigir ao seu quarto. Ela não o seguiu. Ele voltou com o cabelo preso em um rabo de cavalo, estava protetelando.

— Por que meu nome verdadeiro é importante para você? — pergunto, por fim.

— Grizz, você está aqui no sul da Flórida porque vê um futuro comigo? Não que eu tenha certeza de como isso poderia ser feito, mas você sabe que não estou em perigo. O tiro de Tommy foi aleatório. Você não precisa cuidar de mim e dos meus filhos. Eu sou autossuficiente. Posso criar meus filhos sozinha. Por que você ainda está aqui?

Ele não respondeu, apenas ficou na frente dela com os punhos cerrados. Ginny o estava deixando louco. Ótimo. Deixaria sentir um pouco de raiva. Era um sentimento que ela não gostava, mas pelo menos era uma emoção.

— Acho que você está lutando contra seus velhos demônios, não é? Ninguém diz a Grizz o que fazer ou dá a ele um ultimato?

Bem, estou lhe dando um. Se você quiser ficar remotamente conectado à minha vida, mesmo que seja perifericamente, sugiro que me diga a verdade. Diga-me seu nome verdadeiro ou sairei por aquela porta. — Ela acenou com a cabeça em direção à porta da frente. — Ou eu não vou olhar para trás — ameaçou, esperando que ele não reconhecesse a mentira por trás de seus olhos.

Nada. Eles apenas se olharam. Nenhum dos dois quebraram aquele último contato.

— A decisão é sua — disse ela com firmeza.

Nada ainda. Minutos se passaram.

— Tudo bem — falou, levantando-se rapidamente. Ela não queria que ele visse sua decepção, então distraidamente procurou as chaves em sua bolsa. Depois, ele foi até ela e a agarrou pelos braços.

— Não, Kit. Não é o que você pensa. — Sua voz carregava uma nota de sinceridade.

— Então o que é, Grizz?

— Vou te dizer meu nome verdadeiro, mas você provavelmente não vai acreditar em mim porque é semelhante ao meu novo apelido. Eu não quero que você pense que estou inventando. Você não terá como verificar a verdade, então só espero que acredite em mim. Eu sei que não dei a você *nenhum* motivo para confiar em mim com essas coisas, mas não suporto a ideia de você pensar que eu estava mentindo sobre algo com o qual estou realmente sendo honesto.

Ela voltou a se sentar.

Ele olhou para o chão.

— As únicas pessoas que me chamaram pelo nome verdadeiro foram professores e alguns alunos da escola. O casal que me criou me chamava de menino e Ruthie me chamava de irmão. Eu vi minha certidão de nascimento apenas uma vez antes de destruí-la, afundando no carro da família em um canal. O sobrenome era do meu padrasto, então não sei meu sobrenome verdadeiro. Você entende que vou lhe contar apenas o que sei com base em uma memória que tem mais de quarenta anos?

Ela assentiu.

Sem tirar os olhos dos dela, Grizz continuou:

— Meu nome verdadeiro é Jamison. É semelhante ao meu pseudônimo, James, então não quero que você pense que estou tentando enganá-la ou fazer soar similar de propósito. Algumas pessoas me chamaram de Jamison. Poucas de Jamie, alguns James.

Ele esperou pela reação dela, mas não esperava o sorriso largo.

— Eu acredito em você.

Ele soltou um longo suspiro.

— Então, não acha que estou inventando isso para soar próximo ao novo disfarce?

— Eu sei que você não está inventando. — Ela se levantou e caminhou em direção a ele.

— Como você sabe disso, querida?

— Porque eu sei seu nome verdadeiro, Grizz. Provavelmente sei mais do que você sobre o seu passado.

— Como? Como você pode saber alguma coisa sobre mim? Eu nem sei meu sobrenome verdadeiro.

Ela apertou as mãos dele.

— O nome da sua mãe era Frances Fowler. O nome de solteira dela era Jamison. E sei que é verdade porque conheci seu pai.



# Capítulo 53

## Grizz, 2001 - Fort Lauderdale

A expressão no rosto de Grizz era uma que eu nunca tinha visto. Ele ficou perplexo. Chocado. E o mais importante, ele parecia esperançoso.

Fui para a cozinha e preparei um café enquanto ele se sentava no sofá e olhava para a tela da televisão em *standby*. Assim que terminei, entreguei a ele a caneca fumegante de café preto e forte, como ele gostava. Grizz sentou-se ali e ouviu enquanto eu contava a ele sobre minha visita à Irmã Mary Katherine e à Irmã Agnes vários meses atrás, antes da morte de Tommy.

— Não. — Ele balançou a cabeça, o café intocado. — Coisas assim, coincidências como essa, não acontecem por acaso.

Tomei um gole do meu café e o coloquei na mesinha de vidro. Tive o pensamento mais estranho quando peguei a caneca intocada de Grizz de suas mãos enormes e a coloquei ao lado da minha. Essa mesa de centro era muito delicada para estar na casa de um homem como ele. Eu me perguntava se algum dia ela seria despedaçada. Como corações. Corações são despedaçados.

Afastei os pensamentos mórbidos.

— Essas foram exatamente as minhas palavras à Irmã Mary Katherine. Eu simplesmente não conseguia acreditar. A irmã sorriu para mim e disse que também não acreditava em coincidências. Ela gostava de chamá-los de “tendências de Deus”.

Peguei minha bolsa e apanhei o envelope em que trouxe a foto de David Enman. Em seu interior, havia mais uma.

— Irmã Agnes deixou que eu ficasse com essa — disse conforme entregava o novo retrato a Grizz. — É a Ruthie? Esta é sua irmãzinha?

Ele olhou para a foto, seu rosto ilegível.

— Grizz?

Quando finalmente falou, sua voz estava grossa.

— Nunca pensei que veria o rosto dela novamente. Eu simplesmente não consigo acreditar. — Um sorriso lento se espalhou por seu rosto. — E Razor. Ele era o melhor cachorro que um homem poderia pedir. Lúcifer e Damien eram cães espertos, mas Razor tinha mais cérebro do que algumas pessoas que eu conheço.

Contei a ele sobre minha visita a uma pacata cidadezinha da Carolina do Norte, no sopé das montanhas Blue Ridge, e contei todos os detalhes da tarde que passei com seu pai.

— O nome do seu pai é Micah Hunter. Os sobrenomes de seus pais, Fowler e Hunter, podem ser rastreados até famílias que se estabeleceram lá antes da Guerra Civil. Suas raízes são profundas.

Ele ouviu sem interromper.

— Ele voltou da guerra e passou quase oito anos rastreando todas as pistas que encontrou sobre o desaparecimento de sua mãe. Corria o boato de que ela havia saído com um homem que trabalhava para uma equipe madeireira de passagem. Ela confidenciou a uma amiga que estava grávida e isso só deixou seu pai mais desesperado para encontrá-la. Ele fez questão de falar com centenas de homens ao longo dos anos e visitou acampamentos madeireiros em todo o estado. Ele até tinha algumas

pistas falsas que a localizou no Tennessee e na Virgínia, mas nunca a encontrou. Ele disse que o desespero finalmente cobrou seu preço e isso o levou ao álcool. Ele quase bebeu até a morte e ficou inconsolável até que encontrou uma senhora, Margaret Mae, que deu a ele um motivo para limpar seus pesares. Com a ajuda dela, ele foi capaz de substituir o álcool por algo melhor.

Grizz olhou para mim, então.

— Com o quê? Com o que ele substituiu?

— Com Deus. — Um sorriso tímido dobrou meus lábios. — Seu pai é um pastor.

— Um pastor?

— Sim, e ele está viúvo há anos. Ele perdeu Margaret Mae para o câncer. A pobrezinha nunca fumou um dia na vida e morreu de câncer de pulmão. Eles não tiveram filhos, mas seu pai tem oito irmãos e irmãs. Todos, exceto dois, ainda estão vivos. Você tem uma tonelada de primos.

Grizz não disse *nada*, mas estendeu a mão à direita para acender a luz. O sol estava se pondo e a sala estava ficando escura. Ele olhou para frente e eu estudei seu perfil. Quase estendi a mão para colocar uma mecha de cabelo que se soltou atrás da orelha, mas me contive. *O que você pensa que está fazendo, Ginny?*

— É uma pena que nunca os irei conhecer — sua voz era baixa.

— Por que não? Por que não pode conhecê-los?

— Você está falando sério, Kit? E antes que você me dê um sermão de merda sobre chamá-la de Kit — ele fez uma pausa e me lançou um olhar de cumplicidade —, ou meu linguajar, você vai ter

que superar isso! Prometo que nunca irei chamá-la de Kit em público, mas quando estamos sozinhos, você é Kit. E vou tentar diminuir os palavrões, mas é mais fácil falar do que fazer.

Eu ignorei a explicação, pois queria ouvir o motivo de ele não achar que poderia conhecer sua família.

— Por que você não pode conhecer sua família, Grizz?

— Depois das coisas que fiz, acha que vou subir *num* carro até o topo de alguma montanha e ser o filho bem-vindo? Ele é um pastor, pelo amor de Deus, Kit. É tarde demais para pessoas como eu.

Respirei fundo, meu coração batendo forte.

— Eu lhe digo que visitei uma freira que não via há vinte e cinco anos. Acontece que ela está cuidando de uma outra freira que estava lá, no dia em que você nasceu. Essa freira se lembra de cada detalhe sobre o seu nascimento, então eu rastreei e encontrei não apenas sua certidão de nascimento original na Flórida, mas o homem que gerou você na Carolina do Norte, e você acha que é tarde demais? — Eu soltei uma risada incrédula. — Grizz, é exatamente o oposto! É tudo sobre o tempo de Deus. Ele nunca chega cedo e definitivamente nunca chega tarde. O momento dele é perfeito e é hora de você conhecer seu pai e sua família. Ele é maravilhoso, Grizz. Acho que você vai amá-lo e sei que ele te ama. Ele nem sabia se seu filho havia sobrevivido. Ele não sabia se seu filho era um menino ou uma menina, mas nunca parou de amá-lo.

Grizz balançou a cabeça.

— Eu nunca poderia conhecê-lo e dizer-lhe as coisas que fiz, Kit. Nunca. Você disse que ele é um pastor. Vamos, querida, pense. Esta não é uma boa ideia. — Ele se levantou e levou seu café frio

até a cozinha. Grizz estava de costas para mim enquanto limpava roboticamente nossos pratos do jantar.

Eu o segui e parei próximo à ilha. Ele ainda estava de costas para mim e raspava a comida na pia. Antes que pudesse ligar o triturador, eu disse:

— Não precisa dizer a ele as coisas que você fez. Eu já disse.

Grizz parou o que estava fazendo e vi suas costas enrijecerem. Ele lentamente se virou e olhou para mim.

— Conte tudo a ele. Não deixei *nenhum* detalhe de fora. Nenhum — segui seriamente. — Entende o que estou dizendo, certo?

Ele não respondeu.

— Seu pai quer conhecê-lo, Grizz. Ele está esperando. Falei com ele algumas vezes desde que Tommy morreu. Ele sabia de toda a confusão que nos envolve e que havia uma boa chance de eu nunca mais falar com você ou vê-lo novamente. Mas ele não tentou me coagir, mesmo quando pensou que o único link para ver seu único filho poderia ter sido cortado se eu nunca aparecesse, ele não insistiu. Ele é um homem gentil e bom. Mesmo se você não quiser conhecê-lo, vou garantir que Mimi o faça. Ele é um homem que vale a pena conhecer. E como eu disse, ele sabe tudo e ainda assim quer te conhecer.

Depois de alguns momentos, a resposta de Grizz veio por entre a quietude da cozinha:

— Vou pensar sobre isso.

Eu sabia quando não o devia forçar mais, então apenas sorri para ele e o empurrei de lado enquanto assumia o controle da pia.

Eu poderia ter colocado tudo na máquina de lavar louça, mas assim como quando fiz o jantar, senti que precisava manter minhas mãos ocupadas, no entanto, continuei a falar enquanto lavava os pratos. Minhas mãos saudaram a água quente com sabão. Ele se sentou à mesa e me observou. Eu podia sentir seus olhos perfurando minhas costas.

— Como era a prisão? — perguntei casualmente. Não que fosse um assunto casual, mas tentei agir indiferente. Não achei que ele fosse responder.

— Uma merda.

Não pude deixar de sorrir.

— Tenho certeza de que era horrível, mas como era? Quer dizer, você estava no corredor da morte, então suponho que você estava confinado a uma cela talvez vinte e três horas por dia, com uma hora apenas para fazer exercícios?

— É assim que deveria ser, mas eu tinha privilégios.

— Acho que eu deveria ter previsto isso. Havia uma hierarquia até na população carcerária?

— Sim. Havia várias gangues diferentes e elas se filtraram e foram separadas por etnia. Os hispânicos, os asiáticos, os negros, os brancos. Cada um deles tinha suas próprias organizações dentro da prisão e cada um tinha seus próprios líderes. Não demorei muito para me estabelecer sobre todos eles.

Eu o observei com o estreitar dos olhos.

— Como fez isso? Eu posso entender como pode ter sido capaz de ficar no comando dos caras brancos, mas e os outros?

— Eu apenas fiz. Posso ter sido muitas coisas, mas havia uma delas que sempre deixei claro: não me importava com a cor da

pele de um homem. Se ele fez o trabalho direito, seria tratado com justiça. Quando todos perceberam que eu lidaria com eles igualmente e poderia obter mais privilégios, me respeitaram. De certa forma, ajudei a manter a paz entre os diferentes grupos. Na verdade, também me beneficiou. Um prisioneiro no corredor da morte normalmente não seria capaz de comer com a população carcerária em geral. Deixar-me comer no refeitório ou levantar pesos no pátio sempre que eu quisesse ajudou a aliviar algumas tensões entre os grupos.

Eu inclinei meu quadril para um lado.

— E o nome Grizz não teve *nada* a ver com eles te nomeando como chefe ou como quer que você chame isso?

Ele riu.

— É... isso provavelmente ajudou.

Afastei-me dele novamente e comecei a secar os pratos que tinha acabado de lavar. Então eu trouxe outro assunto. Um que abandonei antes.

— Então, quantos anos você tem?

— Você sabe quantos anos eu tenho, disse que encontrou minha certidão de nascimento original.

— *Oh*, certo. Então, vamos ver. Você nasceu em 1947, o que significa que tem cinquenta e três anos agora, mas fará cinquenta e quatro no final deste ano.

— Sim. E daí?

Eu coloquei o prato que estava secando e me virei para encará-lo novamente. Usando meus dedos para marcar os anos, falei:

— Tommy nasceu em 1959, o que significa que você devia ter... vamos ver... 12 anos quando fez sexo com Candy? E por alguma razão, ela pensou que você tinha quatorze anos.

— Eu tinha assumido a identidade do filho de Pop. O verdadeiro Jason Talbot teria quatorze anos.

— Mas você tinha apenas 12 anos.

— Sim, mas quase treze. E daí?

Bati nele com meu pano de prato.

— Doze!?! — Eu gritei. — Você não acha que doze anos é muito cedo para fazer sexo? Também para pensar que você realmente a engravidou!?! Você com certeza tem uma boa noção sobre o seu esperma!

Eu deveria saber que aquela revelação não o teria envergonhado. Grizz sorriu e encolheu os ombros.

— Ela era uma prostituta de dezessete anos e deu o primeiro passo. Acha que eu não tirei vantagem disso? Encontre, para mim, um menino de 12 anos que ainda não descobriu seu pau e eu vou te mostrar uma garota.

Balancei minha cabeça em exasperação.

— Eu só acho isso horrível!

— Só porque você acha que é horrível, não significa que não esteja acontecendo. Que isso não acontece o tempo todo. Até eu ouvi sobre aquela professora que seduziu seu aluno da sexta série. Acho que ela ainda cumpriu pena por isso.

— Apenas pare de falar, Grizz. Eu não deveria ter tocado nesse assunto sabendo que me incomodaria. Eu nem sei se uma criança de 12 anos pode engravidar uma mulher. Ainda não consigo ver como você pensou que Tommy poderia ser seu filho.



— Tive muito tempo livre na prisão. Fiz algumas leituras. Um menino tem a capacidade de engravidar uma menina quando atinge a puberdade. Cada criança é diferente. O pai mais jovem conhecido registrado é...

— Pare. Eu não quero ouvir isso. Essa conversa acabou. — Levantei a mão impondo a ordem.

— Você tocou no assunto.

— Sim, bem, vivi três minutos suficientes para me arrepender de ter mencionado isso.

Olhei para o meu relógio e suspirei. Na verdade, já havia ficado tempo o suficiente na casa dele.

— Tenho que correr. Pollyanna trará Jason para casa em menos de uma hora. Mimi não estará em casa, então quero ter certeza de que estarei lá.

Comecei a juntar minhas coisas quando ele perguntou:

— Pollyanna?

— Ela é a irmã mais velha do amigo de Jason, Max. Ela é uma líder de torcida do time de futebol do colégio e os meninos queriam ir ao jogo. A mãe deles, Denise, tem que sair logo após a partida e tem um compromisso na direção oposta, então Pollyanna se ofereceu para trazer Jason.

Ele não disse *nada*, mas quando olhei em sua direção, ele estava sorrindo.

— O que foi?

— Nada — alegou tentando esconder o sorriso.

— O que foi!? — insisti. — O que é tão engraçado?

— Nada. Só pensando... ela é a irmã mais velha de um amigo. Uma irmã mais velha, em um uniforme de líder de torcida...

— Meu filho acabou de fazer onze anos! — Eu pude ver por sua expressão que ele não sabia que tinha ido longe demais.

— Não quis dizer *nada* com isso, Kit.

Fui até ele e dei um soco forte em seu peito. Foi tão estranho para mim, mas me senti bem. Grizz não vacilou e isso só me deixou mais furiosa, tal que me afastei para soca-lo novamente. Desta vez, ele pegou meu punho com uma das mãos. Tentei me afastar, mas ele não me soltou.

— Me solte — ordenei a ele.

— Não. Não até que você aceite minhas desculpas.

Eu bufei. Duidava que qualquer pedido de desculpas de Grizz pudesse ser sincero.

— Solte minha mão — disse em meu tom mais ameaçador.

— Sinto muito e falo sério — garantiu ele sem afrouxar o aperto em minha mão, cerrada firme em um punho. — Sei que você e Tommy o criaram bem, eu não gostaria que ele perdesse a infância como eu perdi, mas não pense que ele é ingênuo também.

Eu não lhe daria o prazer de me ver admitir que Jason só tinha onze anos, mas que não era ingênuo, de maneira alguma, sobre o que acontecia entre um homem e uma mulher a portas fechadas. Então, me lembrei de Mimi fazendo um comentário ano passado quando Tommy e eu voltamos de nossa lua de mel sobre nós “fazendo aquilo”, e Jason inocentemente queria saber o que estávamos fazendo porque ele queria fazer também.

Mais tarde, Tommy me disse que teve tempo para “conversar” com Jason e ficou surpreso ao saber que Jason já sabia sobre os pássaros e as abelhas, ele apenas comentou porque pensou que havia algo mais que ele ainda não sabia.

Não, Jason pode ser uma criança doce e adorável, mas não era ingênuo sobre sexo.

— Eu estava apenas brincando com você, querida — explicou Grizz.

Vi sinceridade em seus olhos e relaxei quando percebi que, talvez, ele tivesse me incitado deliberadamente para a conversa. Que ele queria me irritar o suficiente para socá-lo. Para tirar um pouco da minha raiva. Ele lentamente levou minha mão à boca e beijou suavemente o interior do meu pulso.

Eu me afastei como se tivesse sido queimada de repente e, então, recolhendo minhas coisas, saí da casa sem me despedir ou olhar para trás.

Estava chateada. O único problema era que eu não conseguia descobrir se me sentia assim por sua provocação deliberadamente grosseira, a maneira como aquele beijo me fez sentir ou por que ele não veio atrás de mim.

# Capítulo 54

## Grizz, 2001 - Fort Lauderdale

Fazia quatro dias desde que Ginny esteve em sua casa. Ela não voltou ou tentou ligar. Ele a deixou ter seu espaço enquanto esperava.

*Agora* era terça de manhã. Grizz saiu da loja de conveniência, mal prestando atenção aos arredores, quando ouviu uma voz alta vinda de perto de seu caminhão de trabalho. Sua equipe de paisagismo havia terminado um projeto de manhã cedo e decidiu fazer um *pit stop* para apanhar um pouco de bebida antes de seguir ao próximo. Grizz correu para a loja no intuito de pegar alguns *Hershey's Kisses*<sup>[14]</sup>, seu mais recente e único vício. Quer dizer, seu segundo vício. Seu primeiro foi e sempre seria Ginny.

— Vocês têm é que levar seus miseráveis traseiros espanhóis de volta *pro* outro lado do mar, onde pertencem. Primeiro, pegam nossos empregos e agora estão tentando transformar Fort Lauderdale em Cuba? Não é ruim o suficiente que vocês já terem tomado Miami? Vocês têm que subir para nossa cidade, também?

Grizz diminuiu a velocidade de seus passos e examinou a cena. Ele ainda não havia sido notado e ouviu o chefe do grupo, Carlos, tentar explicar, em seu péssimo inglês, que eles não queriam problemas e iriam embora assim que o resto de seus homens saíssem da loja. Grizz gostava de Carlos. Ele era bem-educado e trabalhava duro para Anthony, garantindo que sua equipe também o fizesse. Ele observou enquanto a fonte das acusações se

aproximava de Carlos, sua saliva espirrando enquanto continuava seu discurso.

— Desculpas não são o suficiente, amigo. Você acha que se desculpar é bom o suficiente, Rick?

Grizz notou outro homem então, encostado em um caminhão surrado, braços cruzados e um palito de dente saindo da boca.

— Não, não, Jesse — negou lentamente. — Acho que eles precisam fazer mais do que se desculpar por manchar os bons e velhos Estados Unidos da América, tentando substituir o idioma inglês.

Grizz não sabia o que Jesse e seu amigo feio, Rick, tinham em mente, mas ele tinha visto o suficiente. Assim, enfiou o pacote de chocolates *Kisses* no bolso de trás e caminhou por trás do homem que estava praticamente cuspiendo cara de Carlos. Aquele chamado Jesse. Ele o agarrou com força pela nuca e, apertando-a, disse em voz baixa:

— Acho que você deve um pedido de desculpas ao meu amigo Carlos.

Os olhos de Jesse se arregalaram e sua postura se endireitou quando a pressão em seu pescoço endureceu. Ele estava sendo segurado com tanta força que não conseguia virar a cabeça para ver quem o havia agarrado, mas conseguia observar seu amigo, Rick, ciente da mudança da conversa *numa* fração de segundos, rapidamente entrando no lado do passageiro de sua caminhonete.

Grizz percebeu o movimento também e olhou para o homem.

— Você não acha que ele deve desculpas a Carlos, Rick? — provocou Grizz. A resposta de Rick foi acenar com a cabeça e

fechar a janela do caminhão.

— Estava.... apenas me divertindo. Não quis dizer *nada* com isso. — Jesse disse por entre um engasgar.

Carlos começou a dizer a Grizz que estava tudo bem e que não houve mal algum, que eles já deviam ir embora. Os outros homens da equipe de paisagismo já haviam retornado, três deles no banco traseiro da caminhonete e mais três na carroceria da picape, olhando em um silêncio — pasmos — enquanto o homem grande e quieto, que se juntou à equipe meses atrás, mostrou um lado que eles não tinham visto até então.

— Você ainda não se desculpou — vociferou Grizz à sua presa.

— Desculpe. Desculpe, *uh*, Carlos. Desculpe, cara — Jesse disse com um guincho de dor.

Grizz o empurrou em direção a sua própria caminhonete e observou enquanto ele contornava a traseira dela. O cachorro de Jesse, um Pit Bull branco com manchas marrons, estava assistindo da caçamba da picape. Quando Jesse passou por ele, Grizz o ouviu dizer:

— Seu cachorro inútil, idiota de merda. Precisava da sua ajuda lá atrás, Rocky.

Ele socou o cachorro bem na lateral da cabeça.

Antes de Jesse alcançar a porta do motorista, Grizz o segurou pela nuca, desta vez esmagando seu rosto com força no espelho retrovisor lateral, quebrando seu nariz. O barulho foi alto e Grizz ouviu os suspiros coletivos da equipe de paisagismo, enquanto o observavam de sua posição elevada, na carroceria do caminhão de trabalho de Carlos.

Jesse colapsou e começou a chorar enquanto embalava o nariz quebrado e ensanguentado. Os valentões são os piores bebês chorões, sempre. Grizz sorriu com o pensamento, se dirigindo até a traseira da caminhonete de Jesse e gritando por cima do ombro:

— Vou levar o seu cachorro.

No caminho para o próximo trabalho, Carlos fez o possível para explicar que ele e seus homens não fizeram *nada* de errado. Eles estavam parados perto do caminhão esperando Grizz e dois outros homens saírem da loja quando Jesse e seu amigo, Rick, os abordaram.

Aparentemente, Jesse e Rick ficaram ofendidos porque a equipe estava falando em espanhol. Não acontecia muito, mas Carlos confidenciou a Grizz que havia definitivamente algum ressentimento e animosidade, especialmente porque a comunidade hispânica do sul da Flórida cresceu e se expandiu mais ao norte de Miami.

Grizz sabia que Carlos e seus rapazes não tinham feito *nada* para incitar os dois homens. Eles eram valentões idiotas procurando uma briga. Acho que escolheram as pessoas erradas para insultar naquele dia. Sem mencionar que havia apenas dois deles e pelo menos quatro da equipe de Carlos, que estavam lá. Eles contavam com o fato de que eles não fossem imigrantes legais e, portanto, se submetessem à intimidação.

Grizz estava sentado no banco do passageiro da frente, sua mão esquerda acariciando distraidamente a nuca de Rocky. O cachorro ficou sentado em silêncio entre os dois homens.

— Terei que dizer a Anthony que vou me demitir — disse ele a Carlos. O que não mencionou foi que entrar na loja de

conveniência tinha sido estúpido. Ele deveria ter ficado na caminhonete como estava fazendo e deixado um dos caras comprar o que ele queria. Grizz estava ficando muito confortável e familiar, o que era perigoso. Ele precisava recuperar seu foco e ficar alerta.

Carlos olhou para ele do banco do motorista, os olhos arregalados.

— Não, não, James. Está tudo bem. Não diremos *nada* ao Sr. Anthony. Ele não saberá. — Seu inglês era pesado e seu sotaque era forte, mas sua voz estava cheia de sinceridade.

Grizz não disse *nada*. Sabia que tinha levado sua retaliação longe demais. Ele não tinha a intenção, mas ver Jesse abusar do cachorro fez uma raiva descontrolada rastejar sob sua pele. Ele sempre teve um coração fraco por animais indefesos. Se Jesse denunciasse o abuso e o animal roubado, isso levaria as autoridades à porta de Anthony. O nome de sua empresa de paisagismo estava anunciado nas laterais do caminhão de trabalho. *Idiota! Estúpido!* Grizz deixaria Anthony saber de todo o ocorrido antes do final do dia.

Eles haviam chegado ao próximo trabalho e estavam descarregando o equipamento quando o celular dele tocou. Não estava acostumado a receber ligações. E se o incidente já tivesse sido relatado e Anthony tivesse sido contatado? Merda.

Grizz apertou os olhos sob o forte sol da manhã e imediatamente reconheceu o número. Não porque estava acostumado a vê-lo, mas sim por tê-lo memorizado caso um dia viesse a chamá-lo.

Era Ginny.



Ele se afastou dos outros homens, Rocky em seus calcanhares.

— E aí, baby? Você está bem?

— *Oh*, Grizz — choramingou ela ao telefone. Ele conseguia notar que ela estava chateada, tal que parou e enrijeceu quando ouvia-a contar o que tinha acontecido. — Eu quero buscar meus filhos. — Ginny admitiu por entre o choro. — Preciso ir às escolas deles e pegá-los. Eu só os quero perto de mim.

Ele entendeu a mensagem.

— Escute — respondeu calmamente. — Vou pegar uma carona de volta e buscar meu carro. Você busca as crianças e passa em alguma loja. Pegue alguns sanduíches e bebidas e traga para minha casa. Eu faria isso, mas não sei do que eles gostam. Vai ficar tudo bem. Eu estarei esperando por você, querida.

— O-Ok — sussurrou, sua voz trêmula.

— Baby, ouça, pode me fazer um favor? — perguntou antes que ela desligasse.

— Sim. Claro — anuiu por entre um fungar.

— Você vai trazer seu violão?

Ele desligou o telefone depois e olhou para Rocky. O cachorro encarou-o de volta com olhos profundos e comoventes.

— Vamos, garoto. É hora de conhecer sua nova família.

# Capítulo 55

## Ginny, 2001 - Fort Lauderdale

Minhas mãos tremiam enquanto levava meus filhos primeiro ao supermercado e depois à casa de Grizz, em Laurel Falls. Eu estava fazendo algumas tarefas em casa e ouvindo um programa matinal de TV com metade de minha atenção quando o programa foi interrompido.

Não sei quanto tempo fiquei ali, olhando para a tela enquanto o horror se desenrolava na televisão ao vivo. Chorei pelas vítimas naqueles aviões e naquelas torres gêmeas. Eu chorei pelas famílias que não sabiam se veriam seus entes queridos novamente. Chorei pelo país, meu país, que tanto amava. Isso não era para acontecer. Aqui. Nos Estados Unidos. Mas aconteceu e isso mudaria para sempre o curso da história americana.

Meu primeiro pensamento foi sobre meus filhos. Eu queria estar perto deles. Não acreditava que eles estivessem em perigo em suas escolas, mas a necessidade de estar perto deles era avassaladora e definitiva.

Meu segundo pensamento foi sobre Grizz. Ele me fazia sentir segura e queria estar perto dele. Eu vasculhei meu cérebro enquanto dirigia para suas escolas, tentando descobrir se conhecia alguém que poderia estar fora da cidade e visitando o local onde os ataques ocorreram. Não consegui pensar em *ninguém*, mas com o passar das semanas, a trágica notícia da perda de alguém chegaria até mim e eu choraria em luto por eles. Como todo aquele ataque viria a repercutir, eu não conhecia *ninguém* que não tivesse sido

afetado, em algum grau, pelo que aconteceu naquela horrível manhã de terça-feira.

Conversei com meus filhos enquanto nos dirigíamos à casa de Grizz. Eu havia dito a mim mesma antes, e realmente acreditava nisso, que os manteria longe daquele homem. No entanto, dirigir para sua casa com eles, de alguma forma, parecia certo. Era por causa do ar de autoridade e proteção que ele exalava? Ele sempre me fez sentir segura e eu queria isso para meus filhos também. Senti que eles estavam especialmente vulneráveis, pois perderam o pai no início do ano.

Eu estava certa. Jason estava com muito medo. Sua voz estava trêmula enquanto me enchia de perguntas no caminho para a propriedade de Grizz.

Vi seus olhos se arregalarem quando Grizz atendeu a porta. Prendi minha respiração.

— James! — Jason gritou.

Ele se lançou para Grizz, envolvendo os braços firmemente em torno de sua cintura. Observei o modo como aquele homem enorme o segurou com alento enquanto olhava para mim e depois para Mimi, seus olhos inseguros enquanto Jason se agarrava com força a ele. Meu filho estava com o rosto enterrado no estômago de Grizz. Soltei um longo suspiro e anui com um movimento da cabeça.

— Você ouviu o que aconteceu, James? Você ouviu a respeito? — Jason perguntou quando Mimi e eu entramos, fechando a porta atrás de nós.

Comecei a ter lágrimas em meus olhos enquanto observava Jason olhar para Grizz, ainda agarrado às suas roupas com força. Foi então que me lembrei de como meu filho sempre foi amoroso,

principalmente com Tommy. Houve muitos abraços e afeto físico entre pai e filho, e Jason obviamente sentia falta disso. Os homens em nossas vidas — professores, treinadores, até mesmo Alec — que se apresentaram para oferecer algum conforto, eventualmente voltaram para suas vidas. Eles ainda eram gentis, amorosos e continuaram a incluir Jason em suas atividades. Mas todas as conversas e memórias de Tommy, as histórias que Jason ansiava, as histórias que Jason ainda precisava ouvir, foram desaparecendo lentamente conforme as pessoas voltavam às suas vidas e rotinas.

Esse homem do passado de Tommy, James, seria uma nova fonte de conforto para meu filho ferido.

Olhei para Mimi depois e pude ver que ela reconheceu isso também. Senti um calor invadir meu coração. Limpei as lágrimas e estava indo à cozinha pegar um guardanapo quando quase tropecei em um cachorro.

Menos de uma hora depois, sentei-me ao lado de Mimi sob a sombra de uma grande árvore e observei enquanto Grizz mostrava a Jason como iscar um anzol e lançar sua linha. Reconheci o local em que estávamos como sendo aquele para o qual ele me levou há mais de quinze anos.

Eu não tinha percebido o quão longe devíamos ter dirigido nos anos oitenta.

O desenvolvimento estava se espalhando para o oeste, mas aparentemente ainda não havia alcançado o local de pesca favorito de Grizz. Eu dedilhei meu violão calmamente enquanto conversávamos.

— Ele gosta dele, mãe. — Mimi constatou calmamente. — Ele realmente gosta dele.

Eu sabia que ela estava se referindo ao fascínio de Jason por Grizz.

— Eu sei que ele gosta.

Não dissemos mais *nada* por alguns minutos enquanto observávamos Grizz se inclinar e dizer algo para Jason, que acenou de volta em minha direção. Jason entregou a Grizz sua vara de pescar e correu até nós, com o rosto corado.

— James acha que posso precisar de mais protetor solar — disse sem fôlego. Estava quente e o calor o estava afetando.

Coloquei meu violão de lado e depois de emplastar meu filho com filtro solar e enviá-lo de volta para Grizz, com duas bebidas geladas, me virei a fim de olhar para Mimi. Ela estava sentada, apoiando os cotovelos nos joelhos. Ela levou uma garrafa d'água aos lábios e deu um pequeno gole.

— E você? — perguntei a ela. Mimi olhou para mim. — Gosta dele?

— Acho que sim, mãe. Eu não posso te dizer por quê. Certamente não tenho uma explicação razoável de por que gosto dele. Você parece feliz agora. Mais feliz do que já estive desde que papai morreu.

Essa foi uma revelação que me assustou. O dia de hoje começou tão horrível, mas conforme o nosso dia avançava, uma calma tomou conta de mim. Grizz foi inteligente em nos afastar do barulho da cidade, para um lugar onde não seríamos continuamente lembrados do que aconteceu naquela manhã.

Claro, teríamos que enfrentar a dura realidade dos eventos de hoje, mas foi quase terapêutico ficar longe por algumas horas. Foi bom estar com ele e meus filhos. Juntos.

A percepção de que eu estava fazendo algo que Tommy provavelmente desaprovava me pegou desprevenida. Quase imediatamente, me levantei em um salto e comecei a arrumar as coisas de nosso piquenique e a gritar ordens de que era hora de ir. Jason reclamou que ainda era cedo e ele não tinha lição de casa.

Eu encontrei um olhar questionador em Grizz, mas ele não tentou me dissuadir ou mudar minha mente, apenas disse a Jason, calmamente, que o levaria para pescar em outra hora.

— Obrigado pelo piquenique, Gr... James — agradei sem olhar para ele. — Mas temos uma semana agitada chegando. Jason tem jogos um atrás do outro, nessa temporada, então provavelmente não haverá tempo para outra pescaria.

— *Ahhh*, mas, mãe... — Jason começou a protestar, porém reconheceu o olhar que eu dei a ele e não disse mais *nada* até que algo lhe ocorreu.

— James, você quer vir me ver jogar? Quer ir a um dos meus jogos?

— Vou ver se consigo, Jason.

Eu olhei para Grizz e sabia que ele estava mentindo. Ele não iria assistir a *nenhum* dos jogos de Jason e eu sabia por quê. Ele não queria ser visto e não teve coragem de dizer ao meu filho que não iria. Grizz não queria desapontá-lo.

— Quer saber? — Detive-me um instante, uma sensação reconfortante de calma começando a tomar conta de mim. — É cedo ainda. Podemos ficar mais tempo. Vá em frente, Jason. Você ainda não pegou um peixe.

Eu vi o pequeno aceno de aprovação de Mimi e evitei o olhar de Grizz quando me sentei, peguei meu celular e comecei a mexer

nele.

— Sem sinal — Mimi me alertou suavemente.

— Sim, posso ver isso agora. — Coloquei meu telefone de volta no cobertor entre nós. — Acho que isso está te deixando um pouco doida, hein? Não ser capaz de enviar mensagens de texto aos seus amigos....

Inclinei-me e tirei um recipiente de frutas do *cooler* que trouxemos.

— Na verdade, não. As coisas têm sido diferentes desde o início das aulas — admitiu ela.

— Como assim? — coloquei um pedaço de abacaxi na boca.

— Não sei, mãe. Eu não posso explicar isso. Com tudo o que aconteceu no ano passado... a entrevista de Leslie, os desastres com Elliott e Slade, *e/e*. — Ela acenou com a cabeça em direção a Grizz. — E, claro, a morte de papai. Acho que as coisas que são importantes para meus amigos simplesmente não parecem mais tão importantes para mim. Ainda mais depois do que aconteceu hoje. Me sinto... diferente. Eu simplesmente não ligo para as mesmas coisas que eles.

Aquilo era totalmente compreensível e eu disse a Mimi que achava que talvez os sentimentos dela fossem o que significava estar à beira de um tipo diferente de maturidade. Eu também disse a ela que sentia muito que seu salto repentino para a idade adulta tivesse um custo tão alto, sendo o maior deles a perda de Tommy, mas ela explicou que se sentia pronta para isso. Mimi estava pronta para uma mudança, mas não tinha certeza do que aquilo era exatamente.

— Bem, espero que compartilhe comigo quando decidir, Mimi. Estou aqui por você. Sabe disso, certo, querida?

Ela sorriu para mim, um grande e lindo sorriso típico de Mimi, então ergueu sua garrafa de água como se estivesse fazendo um brinde.

— Ao futuro, mãe.

— Ao futuro, Mimi. — Levantei minha própria bebida enquanto refletia sobre o que o nosso futuro poderia nos trazer.

\*\*\*

Pouco depois, voltamos para a casa de Grizz, onde grelhamos o peixe que ele e Jason haviam pescado. Depois de jantar e limpar tudo, disse aos meus filhos que eles precisavam agradecer a James por aquele ótimo dia e dizer adeus. Jason estava desapontado, mas cansado, então não ofereceu muita resistência. O calor da tarde em Everglades o havia esgotado.

Eu me senti um pouco mole e de repente fiquei preocupada com minha aparência. Conscientemente, comecei a colocar meu cabelo atrás da orelha e tocar meu rosto quando senti uma respiração quente em minha orelha.

— Você é linda.

Virei-me para ver Grizz ao meu lado, seus olhos verdes refletindo o desejo nos meus, e lancei um olhar rápido aos meus filhos. Eles não perceberam. Eu estava de repente muito ansiosa para chegar em casa e tomar um banho quente.

Depois de mais uma pequena conversa em sua porta, pensei que tínhamos dito a última de nossas despedidas quando ouvi Mimi



perguntar:

— Então, James, você acha que pode me ensinar a dirigir?

# Capítulo 56

## Grizz, 2001 - Fort Lauderdale

Grizz tentou dizer a Anthony que não trabalharia mais para ele depois do que aconteceu na loja de conveniência, mas Anthony estava convencido de que os dois caras não iriam prestar queixa.

E ele estava certo.

Anthony não tinha sido contatado pela polícia sobre seu funcionário rebelde, então Grizz continuou a trabalhar para a empresa de paisagismo e percebeu que seus colegas de trabalho tentaram incluí-lo mais em suas conversas. Ele aprendeu espanhol o suficiente na prisão para se comunicar com eles, mas não tinha certeza se isso era bom ou não.

Rocky era um pouco desafiador, mas Grizz sempre amou os animais e descobriu que era natural com eles. Ele teve prazer e se sentiu desafiado a treinar o animal, obviamente abusado. Rocky estava se revelando um cachorro excelente e bem comportado, e ia trabalhar com Grizz todos os dias e fazia-lhe companhia à noite e nos fins de semana.

Grizz deu a Mimi algumas aulas de direção desde aquele dia fatídico, em setembro, e ele gostava de sua companhia. Ela era uma garota esperta, com um raciocínio rápido, e dar-lhe aulas de direção o levou a memórias distantes de ensinar sua mãe a dirigir há tantos anos. Ele disse que ela aprendia rápido. Ela disse a Grizz que ele era um bom instrutor. Grizz não tinha certeza, mas sentia que podia ter criado um vínculo com sua filha.

É claro, não tinha a intenção de desapontar Jason não participando abertamente de seus jogos, então fez a segunda melhor coisa que surgiu em sua mente. Ele assistia de longe e explicava a Jason que tinha estado lá, mas estava a caminho de algum lugar e não podia ficar para dizer olá. Era a verdade e, até *agora*, havia apaziguado o menino. Ele também viu algo em alguns jogos que não gostou: o parceiro de negócios de Tommy, Alec Davis, também apareceu e sentou-se com Ginny. Ele não detinha certeza, mas tinha a impressão de que a amizade deles havia diminuído um pouco. Talvez estivesse errado. Ele descobriria e faria um plano para silenciar discretamente o que quer que houvesse ressuscitado entre eles.

O Dia de Ação de Graças estava se aproximando e Grizz consultou Ginny antes de decidir se aceitaria ou não o convite de Carter e Bill para jantar. Ela disse que não tinha *nenhum* problema com isso, então falou a Carter que estaria lá. Ele sabia que nem precisaria perguntar se mais alguém estava na lista de convidados. Carter era inteligente o bastante para não cometer erros.

O jovem que tirou a vida de Tommy se declarou culpado e *agora* cumpria pena de prisão perpétua sem possibilidade de liberdade condicional. Ele havia optado pelo apelo judicial em vez de arriscar a pena de morte.

O julgamento de Matthew Rockman foi adiado duas vezes e foi agendado para fevereiro do próximo ano, que também seria o aniversário de um ano da morte de Tommy.

— Tommy me disse que mudou de ideia. Ele não iria testemunhar contra Matthew e eu concordo totalmente com ele — Ginny lhe contou.

Eles tinham acabado de comer peru junto a Carter e Bill, e Jason estava jogando videogame com o anfitrião. Carter e Mimi estavam limpando tudo quando a primeira sugeriu que Grizz e Ginny fossem até a casa de hóspedes e buscassem o telescópio que lá estava guardado. Talvez todos eles pudessem observar as estrelas juntos mais tarde, naquela noite.

Ela se sentou na cama da pequena casa de hóspedes, as mãos cruzadas e unidas entre os joelhos antes de olhar para Grizz, acusadoramente.

— Ele será condenado com ou sem o testemunho de Tommy.  
— Grizz afirmou com confiança no canto do pequeno cômodo, onde o telescópio estava guardado. — Não por causa de qualquer coisa que Blue fez, mas porque Matthew é culpado. Ele a matou.

Ginny se levantou e foi até ele com os braços cruzados.

— Eu sei que você deve ter tido algo a ver com isso. Admita. Você a assassinou e fez parecer que foi Matthew.

Ele se abaixou para mexer no telescópio, mas se levantou e deu a ela toda a atenção.

— Sim e não. Eu fiz Blue planejar tudo, então sim, sou o responsável. Mas não foi assim que aconteceu.

Ginny inclinou a cabeça e esperou que ele continuasse.

— Estava tudo a ponto de ir por água abaixo. — Grizz prontamente admitiu. — Jan contatou Matthew com a intenção de chantageá-lo e ele concordou em conhecê-la. Depois que Matthew saiu do quarto do hotel, alguém iria lá para cuidar dela e plantar evidências. Exceto que, quando chegaram lá, ela já estava morta. Não sei o que ela acabou dizendo para Rockman, mas isso deve tê-lo deixado no limite, porque ele a estrangulou com o fio do telefone.

Não foi o que havíamos planejado, mas ainda fornecia evidências verdadeiras contra ele.

Grizz permaneceu por mais alguns segundos em silêncio e, antes que Ginny pudesse comentar, ele se voltou para o telescópio e confessou, indiferente:

— Eu teria impedido, se pudesse. Eu teria cancelado tudo, mas não consegui. — Propositalmente ele lhe virou as costas, a fim de que ela não pudesse ler a verdade em seus olhos. Ele não apenas não teria impedido o assassinato de Jan, mas se não estivesse confinado a uma cela, ele próprio a teria matado por ajudar Matthew Rockman.

Ginny não respondeu à sua última admissão porque não tinha certeza se acreditava no que ouvia.

— Como você sabe disso? Quem disse que Matthew realmente a matou? — perguntou ela, tendo sua curiosidade despertada.

— Anthony me disse. Ele mantém contato com Blue. — Grizz fez uma pausa e se virou para encará-la. — Com que frequência você fala com ele? Blue...

— Nenhuma. Não consigo nem me lembrar da última vez que o vi antes de ele vir ao hospital, quando Tommy foi baleado. Mimi pode se lembrar dele das poucas vezes em que o vimos quando ela era mais jovem, mas Jason não o conhece. Tommy e eu realmente ficamos longe de tudo relacionado a gangues e, eventualmente, isso incluía Blue. — Ela olhou para o chão. — E acho que isso é o melhor.

Grizz acenou em concordância.

— É o melhor.

Ele não queria que eles tivessem *nenhum* motivo para entrar em contato com Blue e estava feliz por ela e Tommy terem se distanciado daquela vida.

Ginny passou a mão pelo cabelo e suspirou.

— O que é isso? O que estamos fazendo?

— Carregando o telescópio escada abaixo para montá-lo.

— Não, não é isso que quero dizer.

— Eu sei que não é o que você quer dizer, Kitten — admitiu ele, sua voz profundamente calma.

Ela balançou a cabeça, devagar.

— Que bem poderia vir disso? De nós? Eu simplesmente não consigo ver onde ou sequer se isso poderia ser alguma coisa. Ou mesmo se quisermos que seja qualquer coisa.

Gentilmente ele a pegou pela mão e voltou para a cama. Ela hesitou, mas deixou que ele a conduzisse. Depois de se sentar ao lado dela, ouviu-o dizer suavemente:

— Sei o que quero que aconteça. Sei que ainda estou apaixonado por você. Eu penso em você constantemente, Kit. Na verdade, nunca parei de pensar em você ou de te amar, e tenho pensado sobre essa mesma questão sem parar.

— E?

— E, se eu conseguir estar na mesma sala que você, ouvir sua voz, olhar em seus olhos quando você falar comigo, apenas de vez em quando, então estou disposto a aceitar isso. — *Mas não para sempre*, ele queria dizer, entretanto as palavras não conseguiam sair de seus lábios.

Havia angústia em sua fala quando ela o respondeu:

— Seriam migalhas, Grizz, e eu não posso te ver vivendo o resto de sua vida com migalhas.

Nem ele poderia, então sem encontrar seus olhos, encolheu os ombros.

— Eu nunca vi você assim — disse ela honestamente. — Nunca o vi tão paciente. Não é como eu me lembro de você.

— A prisão pode mudar um homem. Até mesmo eu. — Suas últimas palavras foram mais esperançosas do que honestas. Ele não queria que ela visse a dúvida em seus olhos, então se levantou e voltou-se ao telescópio, de costas para ela. Ginny o seguiu para ver se poderia ajudar. Sem saber que ela estava bem atrás dele, ele se virou para perguntar algo e deu por si dando de cara com ela.

Seu instinto de agarrá-la foi imediato. Grizz ficou ali, olhando para o rosto dela, as mãos gentilmente agarradas a ambos os braços. Ela o fitou e seus olhos se encontraram. Ele moveu lentamente as mãos para o rosto dela, acariciando levemente sua bochecha esquerda com o polegar. Seus olhos permaneceram fixos um ao outro, hipnotizados. Ele rompeu o contato visual apenas por um instante, descendo a visão para os lábios dela, depois de volta para seus olhos. Grizz notou o convite, ou pelo menos o que ele pensou ser um convite.

Fosse ou não, ele queria sua mulher, então baixou a boca para a dela.

Ginny prendeu a respiração e fechou os olhos quando percebeu que ele a beijaria. Ela suspirou quando Grizz, gentilmente, mordiscou seu lábio inferior. Ele parou apenas para pressionar seus lábios levemente contra os dela, segurando seu rosto em suas

mãos, e se encontrou em um ritmo que ele desejou ser eterno, mordiscando, beijando, mordiscando e beijando.

Grizz teve que se conter para não separar seus lábios e mergulhar sua língua dentro da boca de Ginny. A necessidade de provar sua doçura era irresistível.

Então, ele sentiu as mãos dela alcançarem seu pescoço, puxando-o para mais perto. Ela abriu a boca primeiro, o convite *agora* era óbvio.

Com calma, deixou sua língua explorar o interior de sua boca e percebeu que não precisava se familiarizar com seu gosto. A memória de cada beijo que eles já compartilharam estava tatuada em seu cérebro. Sua ereção foi imediata, intensa e quase dolorosa, mas precisava ter controle sobre si próprio antes de jogá-la na cama. Ele tinha um plano e fazer amor com ela, ainda tão cedo, não fazia parte dele. Então, relutantemente, interrompeu o toque de seus lábios e olhou para ela.

— Eu não quero que isso vá muito longe, Kitten — alertou ele em um rosnado baixo.

— Eu também não — admitiu ela sem fôlego, ignorando a dor que não sentia há muito tempo.

— Eu não deveria ter beijado você. É muito cedo.

— Muito cedo? — Ela perguntou. Sua voz parecia aveludada, como se estivesse envolta aos seus pensamentos enuviados.

— Temo que você ainda esteja de luto. Ainda não se passou um ano — explicou ele com uma voz rouca enquanto se abaixava para ajustar a frente de seus jeans.

Ela sabia que ele estava se referindo ao falecimento de Tommy.



— Não quero confundi-la ou obrigá-la a fazer algo que possa se arrepender mais tarde. Eu posso esperar até que você tenha certeza do que está sentindo.

O desejo de fazer o que ele sempre fez, que era feito sem permissão, ameaçava mostrar sua verdadeira face. Ele poderia ser tão paciente quanto precisava ser? Grizz não teve escolha a não ser aprender a ter paciência enquanto encarcerado por quinze anos. Esperar por sua mulher seria um teste. Mas ela valia a pena.

Ele tentaria.

Ela estava se preparando para responder que era uma mulher que sabia exatamente o que estava sentindo quando a voz de Jason subiu as escadas da casa de hóspedes.

— Você encontrou o telescópio da tia Carter? — gritou lá fora. — Precisa de ajuda?

\*\*\*

As estrelas se exibiam em toda a sua glória naquela noite e cada um de nós se revezou olhando pelo telescópio. Ginny observou Jason, animado, contando-os que reconhecia algumas das constelações. Eles estavam sentados na varanda de Carter e Bill, assando *marshmallows* na fogueira e fazendo *s'mores*<sup>[15]</sup>. A luz da varanda lançava um brilho caloroso sobre os felizes observadores das estrelas enquanto comiam suas guloseimas e falavam sobre os distantes pontos de brilho e as coisas pelas quais eram gratos.

— Meu pai tinha algumas tatuagens. Mas elas não eram assustadoras como algumas das suas, James.

O grupo ficou em silêncio e todos os olhos se voltaram para Jason, que estava ao lado de Grizz enquanto ele ajustava o telescópio.

— O que é essa? Eu nunca vi uma assim — indagou o menino, apontando com curiosidade para um dos desenhos no pescoço de Grizz.

— É uma tatuagem de prisão — explicou a Jason, honesto. Ele não olhou para Ginny em busca de aprovação. Aquele assunto iria surgir eventualmente, não adiantava fingir que esconder tudo era uma possibilidade.

Os olhos de Jason se arregalaram e Ginny prendeu a respiração enquanto esperava pelo que sabia que seria a próxima pergunta de Jason.

— Você estava na prisão? — perguntou o menino, o fascínio em sua voz era tão óbvio quanto a beleza das estrelas. Grizz se afastou do telescópio e deu a Jason toda a atenção.

Sem tirar os olhos do menino, ele disse:

— Sim, Jason. Eu estive na prisão.

— Uau. O que você fez?

— Digamos que fiz coisas ruins o suficiente para me mandarem para a prisão. Um dia, quando você for mais velho, se ainda quiser saber, eu conto. Mas por hoje, vamos apenas dizer que não é algo que eu gosto de falar. Está tudo bem para você?

— Você conhecia o cara que morreu? — Jason perguntou. — Corbin disse que meus pais conheciam um cara na prisão que estava por ser morto. Ele era dono de uma gangue de motociclistas.

Ginny teve que colocar a mão na boca para abafar um suspiro. Jason não tinha se esquecido do comentário de Corbin há

mais de um ano.

— Sim, Jason, eu o conhecia.

— Você estava lá quando ele morreu? Ele era seu amigo?

Você gostava dele?

Grizz olhou por cima da cabeça do garoto e encontrou os olhos de Ginny. Sem quebrar seu olhar, respondeu à criança:

— Eu estava lá quando ele morreu, mas não era seu amigo. E não, eu não gostava dele. — Ele olhou para Jason e acrescentou, em um tom que não permitia mais conversa sobre o assunto: — E estou feliz que ele esteja morto.

Grizz voltou para o telescópio. *E farei o meu melhor para manter esse cara enterrado debaixo da terra, mas não posso prometer.* Seu coração buscava forças para fazer o que era certo por Kit e seus filhos.

# Capítulo 57

## Ginny, 2001 - Fort Lauderdale

Depois de deixar Grizz em sua casa, Jason me bombardeou com perguntas sobre o quão bem e há quanto tempo Tommy e eu conhecíamos James, e se isso foi antes ou depois de ele ir para a prisão. Conteí a ele a maior parte da verdade: nós o conhecíamos desde que éramos adolescentes, ele foi para a prisão depois disso e nenhum de nós tinha visto ou falado com ele por quinze anos. Eu também expliquei ao meu filho que James havia confiado nele um detalhe muito importante sobre sua vida, que não seria respeitoso ou certo, para qualquer um de nós, compartilhar isso com outras pessoas.

— Talvez seja por isso que ele não fica para assistir seus jogos, Jason — Mimi sugeriu. — Talvez ele esteja constrangido ou envergonhado e não queira que pessoas como Corbin digam coisas ou o julguem, o que fariam se você contasse.

Mimi entendeu o que estava em jogo aqui e eu apreciei que ela foi capaz de falar com Jason no nível dele.

— Posso contar ao Alec? — perguntou o menino.

— É a sua história para contar, Jason, ou é a história de James? — indaguei. Jason assentiu timidamente. Ele entendeu. — E eu tenho que te dizer a verdade, querido. James quer sua privacidade. Se quisermos continuar amigos dele, precisamos respeitar isso. Precisamos não nos magoar nas vezes em que ele não aceitar convites. Ele é um homem recluso e acho que gosta de ser assim;

— Você acha que ele gosta de mim, mãe?

Eu olhei no meu espelho retrovisor e vi seus olhos esperançosos fitando-me de volta.

— Sim, Jason. Acho que ele gosta muito de você.

\*\*\*

Uma semana depois, Grizz me perguntou quando eu poderia ter uma noite livre para passar com ele. Eu estava hesitante no começo, lembrando do beijo que compartilhamos, mas as crianças estariam ocupadas durante a maior parte da noite, então me peguei indo para Laurel Falls.

Dirigi até sua casa com as janelas abertas, apreciando a brisa fresca e a fragrância familiar de flores de laranjeira. O sol estava quase completamente posto e o ar estava mais fresco. Grizz me disse para não jantar, então imaginei que ele estava planejando alguma coisa, pedindo comida ou querendo me levar a um restaurante fora do trajeto de sempre.

Eu me perguntei se ele lembrava de seu convite quando saí do carro e me aproximei da porta da frente. Estava escurecendo e não tinha luzes externas acesas. A garagem estava fechada, então não sabia se o carro dele estava lá.

Bati levemente na porta e escutei Rocky latir, depois ouvi Grizz dar um comando e os latidos cessaram. Ele abriu a porta e com o movimento uma nova lufada de ar atingiu minhas narinas. Ele me atingiu. Seu cheiro. Seu cheiro limpo e forte. A mesma colônia. O mesmo desodorante que sempre usou. Não me lembrava dele

com esse aroma no Dia de Ação de Graças. Minhas entranhas se torceram.

Grizz não disse *nada*, apenas se afastou e gesticulou com a mão para que eu entrasse.

Eu entrei e parei de repente enquanto percebia o que estava vendo e ouvindo. O sol tinha se posto, deixando apenas um brilho quente no horizonte oeste, então a luz de suas claraboias era mínima, mas a sala de estar, cozinha e área de jantar estavam brilhando. Observei todas as velas, a pequena mesa posta para o jantar, o aroma sedutor de tudo o que havia em seu forno.

O ouvi fechando a porta atrás de mim. Isso não era jantar. Aquele era um cenário para sedução, se é que eu já tinha visto um. “*Sharing the Night Together*”, do Dr. Hook<sup>[16]</sup>, vinha de uma caixinha de som.

Quão conveniente.

Bem, eu esclareceria à mente dele se fosse necessário. Assim como eu disse a ele com antecedência, há mais de 25 anos, na minha primeira noite no Motel, *agora* deixei escapar:

— Não sei quanto tempo posso ficar. Estou menstruada e tenho cólicas fortes.

Era mentira. Na verdade, parei de tomar a pílula após a morte de Tommy e minha menstruação foi tão esporádica que tive certeza de que estava na pré-menopausa. Mas Grizz não precisava saber disso. Senti que ele vinha por trás de mim e me virei para encará-lo, minha atitude obstinada era evidente.

— Lamento que você não se sinta bem, querida. Quer vir outra hora ou que eu pegue algo do armário de remédios para ajudar com suas cólicas?

Ele parecia sincero. Eu enrijei.

— Quer que eu volte quando não estiver menstruada? —  
Estreitei meu olhar. — Lamento que você tenha se dado tanto  
trabalho para tentar me levar para a cama e o tiro saiu pela culatra.

Acenei minha mão em direção às velas.

Grizz ergueu uma sobrancelha.

— Acha que eu a convidei para levá-la para a cama e, por  
você estar menstruada, eu não a quero mais aqui?

— Não é por isso que me convidou? As velas, meu tipo de  
música tocando ao fundo... por que eu pensaria de outra forma?

Ele deu uma risadinha que me fez ranger os dentes.

— Sua música está tocando porque a casa tem um sistema  
de som embutido e eu não descobri como mudar a estação idiota  
para a qual ela está configurada. Na verdade, nem sei como  
desligar essa maldita coisa.

Cruzei meus braços.

— Bem. Tanto faz. E as velas?

— A energia caiu há duas horas, eu apenas as acendi. Achei  
que você teria notado que não havia *nenhuma* luz acesa quando  
você estacionou. E como eu disse, a única razão de a música estar  
ligada é porque a casa tem um pequeno *backup* auxiliar para o  
sistema de alarme e o sistema de som está, de alguma forma,  
conectado a ele. A música tocou sozinha quando a bateria reiniciou  
o alarme. Ainda bem que a casa tem um forno a gás ou eu teria que  
levá-la para jantar fora.

Apenas o encarei e pude sentir o calor subindo pelo meu  
rosto. Eu tinha dezesseis anos de novo? Eu me senti infantil, idiota  
pela acusação e pelo comentário da menstruação. Grizz não estava

tentando me seduzir e *agora* eu precisava encontrar um buraco para entrar, e precisava encontrar um rápido.

— Que tal eu te levar para algum lugar? Não pode ser chique. Terá que ser em algum lugar tranquilo e fora do caminho.

Eu engoli e desviei o olhar dele.

— Eu pensei... eu pensei...

— Sei o que pensou, baby, e está tudo bem. Eu não te culpo. Parece uma armação para um encontro, mas não é. Eu falei sério, sobre o que disse no Dia de Ação de Graças. Acho que ainda pode ser muito cedo. Eu não queria *nada* de você esta noite, exceto desfrutar de um jantar e sua companhia.

Eu disse que ele não precisava me levar a um restaurante. As luzes se acenderam no meio de nossa refeição, então depois limpamos a cozinha juntos, apagamos as velas e nos acomodamos no sofá. Rocky se acomodou entre nós. Olhei para o homem por quem estive tão apaixonada, por tanto tempo, e me perguntei se eu estava me apaixonando por ele de novo.

Então, a amargura que tentei engolir desde a morte de Tommy finalmente apareceu.

Antes que pudesse me conter, gritei:

— Odeio isso! Eu simplesmente odeio isso!

Grizz olhou para mim, perplexidade em seu olhar. Levantei-me e cruzei os braços sobre o peito. Andei para frente e para trás enquanto ele apenas me observava e esperava por uma explicação.

— Desde a sua execução... — fiz uma pausa para lhe dar um olhar sarcástico — minha vida virou de cabeça para baixo. Tanta turbulência e drama desnecessário por causa daquela entrevista



estúpida. Pensar que Tommy era seu filho quase arruinou meu casamento. Você sabe disso, não é?

Ele acenou com a cabeça, nunca tirando os olhos dos meus. Eu desviei o olhar e retomei o ritmo.

— Graças a Deus, acabou não sendo verdade, então foi uma coisa boa nunca termos conversado com Mimi a respeito disso, mas esse não é o ponto. Não é isso que estou tentando dizer aqui.

— O que está tentando dizer, Kit?

— Estou tentando dizer que nunca experimentei um momento na minha vida em que não estivesse no controle dos meus sentimentos. — Eu parei, respirei e senti o modo como meu corpo estremeceu. — Olho para o ano passado, e em um minuto eu pensei que te odiava, no seguinte senti sua falta, no minuto depois me resenti de você. Eu estou tão desalinhada com as minhas emoções e é tão diferente de mim, não é algo com o qual estou acostumada. Adicione a tristeza pela morte de Tommy em cima disso e eu... eu... — As palavras pareceram sumir por um instante. — Eu simplesmente odeio essa sensação de não ter certeza sobre quem eu sou e o que eu quero. Grizz maneou a cabeça ligeiramente, me observando.

— E... não é só sobre mim. Tenho meus filhos para considerar. Por um lado, eles parecem gostar e aceitar você. Por outro, se algo realmente acontecesse e tivéssemos um relacionamento, luto com os pensamentos sobre o que Tommy teria desejado para nossos filhos, e tenho dificuldade em me convencer de que isso incluiria você. — Ergui os olhos aos dele com cautela.

— Compreensível.

Engoli em seco com o que ele disse.

— Eu sei, sem dúvida alguma, que você nunca faria mal a mim ou aos meus filhos. Mas eu não sei se isso é o suficiente. Tem que haver mais. Preciso que meus filhos amem e te respeitem, mas, ainda mais do que isso, preciso que você os ame e, Grizz, não sei se você é capaz disso. Observei seu rosto quando Jason o abraçou na manhã em que nos levou para pescar. Eu vi algo em seus olhos. Algo que eu nunca tinha visto. O que era?

Ele desviou o olhar de mim e suspirou, distraidamente acariciando o pelo de Rocky enquanto olhava além de mim. Eu não pensei que Grizz fosse me responder.

Porém, finalmente, com a voz quebrada, ele disse:

— Medo. — Isto posto, ele me olhou diretamente nos olhos.  
— Você viu medo, Kit.

Ouvi-lo dizer palavras como aquela era algo que eu nunca pensei que ouviria. Nunca.

— Medo do que?

— De dar a seus filhos o amor que eu deveria ter dado a Tommy. Eu realmente acreditava que ele era meu filho e deveria tê-lo amado como um filho, mas não conseguia. Eu não me permitiria. Eu só tinha amado uma pessoa antes de você aparecer e a dor de perder minha irmãzinha era algo que nunca mais queria experimentar. Eu ainda não sei. Quando amamos, nos tornamos vulneráveis. Se me permito amar, coloco-me em posição de não estar no controle. Fiz isso com Ruthie e com você. Tenho medo de fazer de novo, mas é tarde demais, de qualquer maneira.

— Tarde demais? O que é tarde demais? — Meu coração começou a bater forte quando percebi que ele ia me dizer que era tarde demais para nós. Que ele mudou de ideia e a vida comigo não

seria possível. Não era isso que eu precisava ouvir para que ele pudesse sair de minha mente e nós pudéssemos seguir em frente?

Comecei a tremer.

Grizz se levantou e se aproximou de mim, agarrando-me e me abraçando com força.

— Já amo seus filhos. Eu amo a minha filha. Eu amo seu filho. Eu daria tudo por um mundo onde pudéssemos ser uma família, Kit. Qualquer coisa.

Fiquei comovida e aliviada com suas palavras. Ele me soltou e deu um passo para trás, olhando para mim com uma necessidade em seus olhos que fui capaz de reconhecer. Senti a tensão e não tinha certeza de como reagiria se ele decidisse me beijar. Grizz também percebeu, a tal ponto que perguntou:

— *Kiss?*

Antes que eu pudesse responder, ele enfiou a mão no bolso da calça jeans e estendeu algo para mim.

— *Hershey's Kiss?*

Eu sabia que ele estava tentando iluminar o momento com aquele chocolate e sorri para ele. Olhei para a mesa de centro e vi as minúsculas gotas envoltas em um papel prateado. Perguntei-me mais de uma vez o que eles eram, mas não verbalizei a dúvida. Eles eram os restos de seu fetiche, obviamente novo, por chocolate.

Meu coração apertou um pouco quando me lembrei de como encontrava embalagens vazias de Jolly Rancher por toda a casa e até mesmo na máquina de lavar. Tommy adorava aquelas balas duras e enfiava as embalagens de celofane nos bolsos depois de abri-las. Eu engoli minha dor, ainda persistente e muito real, e aceitei o pequeno *Kiss*.

Naquela noite, enquanto dirigia para casa, pensei sobre a admissão de Grizz e a pontada de pânico que senti quando pensei que seu comentário significava que era tarde demais para nós.

Em vez de dirigir diretamente para casa, voltei ao nosso antigo bairro, Shady Ranches, e fui muito além de onde Carter e Bill viviam, dirigindo por algumas das estradas ainda não pavimentadas. Eu queria pensar sem as luzes, o tráfego e as distrações da cidade. Pensei em todas as conversas telefônicas e e-mails que troquei com a Irmã Mary Katherine desde a morte de Tommy. Uma de nossas muitas conversas, a mais recente, voltou para mim diante meus olhos.

— Do que exatamente você tem medo, criança? — Ela me perguntou enquanto eu colocava o telefone no ouvido.

— Eu não sei, Irmã. Acho que estou com medo do que posso estar começando a sentir por ele. — *Ou o que sempre senti e não quero aceitar.*

— E você está com medo disso por quê?

— Acho que são várias coisas. Estou pensando que Tommy desaprovava por causa do homem que Grizz era. Grizz passou quase toda sua vida fazendo o oposto de tudo o que eu sempre acreditei, e os últimos quinze anos de sua vida foram em uma prisão de segurança máxima. É esse o tipo de pessoa que quero voltar a amar? Expor meus filhos a ele?

Ouvi uma pequena risada de sua extremidade do telefone.

— Provavelmente nunca mencionei que frequentei muitas prisões fazendo ministério, em minha época. Na verdade, um dos dias mais maravilhosos da minha vida foi passado na prisão mais famosa de nosso país.

— Você frequentava? — Meu tom mostrou a minha surpresa.  
— Foi um dos dias mais maravilhosos?

— Sim, querida. Os homens que eu via eram os piores dos piores. Tanto ódio ali guardado. Tanto ódio. Muita dor. Os párias da sociedade. Eles eram homens que haviam feito coisas terríveis e se consideravam indignos de uma vida além daquelas paredes. Mas, pior ainda, se consideravam indignos de perdão e amor. Eu vi algo naquele dia. Você sabe com quem eu estava lá?

— Não, irmã. Não faço ideia.

— Passei um dia glorioso visitando presos com Madre Teresa. Ela era a irmã Teresa naquela época.

Eu engoli em seco conforme ela continuava:

— Estávamos conhecendo assassinos, estupradores, traficantes de seres humanos. Homens que usavam tatuagens ostentando o número de pessoas que mataram. Lembro-me de um homem em particular. Ele matou onze pessoas. Quando nos aproximamos dele, vi o desafio em seus olhos, sua armadura emocional erguida alto, porque estava acostumado a ver o julgamento, o ódio dos outros a seu respeito. E, claro, ele pensava que, como mulheres de Deus, teríamos todo o direito de julgá-lo. Ele não ficaria magoado com a nossa rejeição porque estava preparado para isso.

— O que aconteceu? — Eu estava começando a ficar um pouco preocupada com o que ela iria me dizer. Prendi minha respiração.

— Eu assisti Madre Teresa se aproximar dele, o vi enrijecer, e então todo o seu comportamento mudou quando ela tirou o crucifixo do pescoço e amorosamente o colocou ao redor do dele. Ela lhe

disse três palavras. — A irmã fez uma pausa para causar o efeito que queria. — Ela disse: eu te amo. Isso foi tudo. Três simples palavras que eram sentidas, sinceras e cheias de compaixão. Três palavras que podem mudar o mundo, se permitirmos.

Eu não sabia o que dizer, então não disse coisa alguma.

Quando ela falou novamente, a voz da Irmã Mary Katherine estava cheia de alegria.

— Aquele homem perguntou a ela por que ou como ela poderia amá-lo, e ela lhe compartilhou a história de um Deus amoroso e redentor. E você sabia que aquele homem, agora, dirige um dos maiores ministérios de prisão do mundo? E ele faz isso de dentro de uma cela. Por causa dele, a prisão onde foi encarcerado, e onde passará o resto de sua vida, viu uma redução drástica nos suicídios e assassinatos de presidiários.

— É uma bela história, irmã. — Fiz uma pausa e tentei entender o significado mais profundo do que ela estava tentando compartilhar comigo. Quando ela não respondeu, acrescentei: — Você me disse, quando eu a visitei, que não é por coincidência que tudo percorre um ciclo completo, sempre, ao final, voltando ao que deveria ser. Como posso saber se amar Grizz é como tudo deveria ser?

— Pergunte a Ele e examine seu coração, Guinevere. E enquanto você está procurando por suas respostas, tenha em mente que se apenas três palavras simples como “eu te amo” podem mudar o coração de um homem para sempre e dar-lhe esperança em um lugar sem fé, imagine o que mulher que ama o Senhor e caminha em Seus caminhos pode fazer a um homem que só conhece as trevas. — Ela suspirou e ouvi o rangido inconfundível

de uma cadeira de balanço. — Eu não posso te dizer que está tudo bem você amar e estar com este homem, Guinevere. Terá que encontrar suas próprias respostas, mas está perguntando à pessoa errada, e eu sei que você já sabe disso.

Fiquei quieta por um minuto inteiro e percebi, com um súbito lampejo de lucidez, que talvez minha amargura não fosse por Grizz. Talvez tenha sido para Deus.

— Eu só pedi a Deus uma coisa, irmã. Pedi que Tommy não morresse. Esse foi o milagre que eu precisava e Ele não o concedeu a mim. — Tentei não chorar.

— *Oh*, minha querida Guinevere. Só porque Ele não lhe deu o que você pediu, não significa que Ele não lhe deu o seu milagre.

Enquanto dirigia e me lembrava dessa conversa e da turbulência que meu coração estava passando, rapidamente parei o carro no acostamento. Eu estava no meio do nada. Podia ver as luzes ao longe, mas não havia casas por perto. Apenas arbustos e moitas.

Estacionei meu carro e saltei do banco com o abrir da porta, correndo na frente dos meus faróis na direção do acostamento. Encontrei um local limpo e me ajoelhei, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Deus — chamei-o, olhando para as estrelas. — Deus, eu nunca pedi *nada* para mim, exceto uma vez, e foi para Tommy não morrer. Eu sei que o Senhor não causou isso, mas eu sei que permitiu e não sei por qual razão. Na verdade, não sei se algum dia saberei por quê. Meu coração nunca se sentiu tão pesado enquanto luto com o que a Sua vontade pode ser para a minha vida. Nunca me senti tão perdida ou insegura. Eu preciso de algo, Deus. Eu

preciso saber que Você me ouve. Preciso saber que Tommy está ao teu lado, agora. Preciso saber que, se eu der uma chance ao Grizz, é a coisa certa. Eu só preciso de algo, qualquer coisa. Por favor.

Meus soluços tornaram-se pesados e meu corpo tremia, mas mantive minha cabeça inclinada em direção às estrelas orando por um sinal. Eu não sabia que tipo de sinal estava procurando, pois não tinha certeza de como isso funcionava, mas se eu tivesse visto uma estrela cadente naquele momento, teria acreditado que fosse Dele. Mas Ele não fez *nada*.

Não sei quanto tempo fiquei ajoelhada ali, mas, eventualmente, com os ombros caídos me agachei, completamente derrotada. Eu estava me preparando para enxugar minhas lágrimas quando algo me assustou. Mais rápido do que um *flash*, vi um movimento à minha direita e senti algo que subiu pelo meu braço direito e pousou no meu ombro.

Antes que pudesse reagir, percebi que era um gatinho. E estava lambendo minhas lágrimas.

Para um descrente, tenho certeza de que eles pensariam que eu simplesmente tropecei em um gatinho abandonado que estava com sede. Eu poderia acreditar nisso. Mas também sei que não decidi acidentalmente parar no meio do *nada* para falar com Deus.

Foi a intervenção Divina que trouxe a mim aquele gatinho indefeso, unidos naquela noite sob as estrelas. Uma coisinha fofa e extremamente magra, de pelagem toda branca, exceto por uma mancha marrom e preta no entorno de seus olhos. Quando eu o trouxe para casa naquela noite, Mimi e Jason estavam jogando todos os tipos de nomes por aí — Bandit, Zorro, Swiper, Rascal.



— Não — neguei a eles com firmeza. Depois de descobrir que era fêmea, decidi: — Iremos chamá-la de *Hope*<sup>[17]</sup>.

# Capítulo 58

## Grizz, 2002 - Fort Lauderdale

Grizz assistiu, do banco do lado de fora, quando a mulher se sentou em uma pequena mesa perto da janela do restaurante, lendo o menu enquanto esperava alguém se juntar a ela. Ele ergueu o jornal que levou para bloquear seu rosto e ocasionalmente abaixá-lo a fim de que pudesse ver um pouco além da borda. Não sabia ao certo o que queria ou precisava ver. Ele simplesmente sabia que se sentia compelido a observar Sarah Jo.

Grizz pensou em todas as coisas que aconteceram em sua vida desde antes do Natal e até o aniversário do assassinato de Tommy. Ele se lembrava de não ter certeza se deveria ou não aceitar um convite para o jantar de Natal de Ginny. Ele se certificou de não aparecer na casa dela sem ser convidado, como havia feito tantos meses antes ao levar Mimi do supermercado para casa. Provavelmente foi o melhor ter ficado longe, mas não resistiu ao convite para passar o Natal com eles. Ele sabia que Mimi e Jason estavam começando a aceitá-lo.

Não teve como conter um sorriso ao pensar na confirmação que recebera naquele dia de Natal.

— Ei, vocês estão parados sob o visco! — Jason sorriu. — Vocês sabem o que isso significa.

Era noite de Natal e Grizz estava de pé em seu saguão se preparando para sair quando as palavras de Jason interromperam suas despedidas. Suas emoções estavam dispersas enquanto ele lutava contra o desejo intenso de beijá-la, grato que Jason queria

que ele o fizesse e se perguntando como o fazer sem parecer muito estranho. Ele estava extremamente atento ao fato de que aquele era o primeiro Natal deles sem Tommy, e a última coisa que queria era parecer desrespeitoso na casa do antigo amigo.

— O que você está esperando? — Mimi brincou em provocação.

Ele pegou Ginny suavemente pelos ombros e beijou suavemente sua testa.

— Obrigado por um jantar delicioso — agradeceu a ela. — E um maravilhoso dia.

— *Ah*, isso não é beijo — resmungou Jason, rindo.

Pondo de lado as lembranças do Natal, Grizz *agora* observava outra mulher se encaminhar para a mesa. Sarah Jo se levantou para abraçá-la. Seu nome era April e foi casada com um homem chamado Stephen. Os dois estiveram na casa dele e de Ginny em Shady Ranches muitas vezes antes da prisão de Grizz, em 1985. Eles eram um bom casal e ele recentemente perguntou a Ginny a respeito.

— Percebi que Stephen estava no funeral de Tommy, mas não com April. Ele estava com uma ruiva. O que aconteceu com ela?

— Eles se divorciaram há alguns anos. Nada de muito ruim. Eu acho que simplesmente se distanciaram um do outro. — Ginny parecia pensativa. — April se encontrou com alguém novo, desde então, mas Stephen não. Ela disse que ele está se divertindo muito sendo solteiro. Aparentemente, gosta de caçar com uma determinada parte do corpo, por aí. É uma nova mulher a cada mês.

— Uma certa parte do corpo? — Grizz deu a ela um olhar estranho. — Você quer dizer o pau dele? Ele está caçando com o próprio pau por aí?

— Sim, é o que quero dizer, e é isso que ele está fazendo. Eles continuaram amigos, mas eu preciso te falar, April não é apenas uma beleza natural, ela é uma pessoa genuinamente doce e carinhosa. Ele tem visto mulheres que parecem um pouco... eu não sei... mais ousadas. Tão diferentes dela. Elas parecem ter uma aparência diferente também. É estranho.

— Tenho que concordar. Lembro-me da mulher do funeral. — Ele fez uma pausa antes de acrescentar: — Há quanto tempo o pau dele está com problemas de visão?

Ginny o repreendeu gentilmente e disse que as novas namoradas de Stephen não eram feias, apenas diferentes. No estilo característico de Grizz, ele discordou dela e comentou que achava a ruiva completamente feia.

Ele *agora* colocou o jornal de lado e se levantou para sair. Ele tinha acabado de se esconder atrás da lateral de um prédio de tijolos quando decidiu fitar por cima do ombro. Sarah Jo olhou para cima e rapidamente desviou o olhar. Seus olhos voltaram ao local onde ela tinha certeza de ter acabado de ver algo que não poderia ser.

Não era a primeira vez, desde o Natal, que seus olhos lhe pregavam uma peça.

Ela tinha certeza de que o tinha visto várias vezes, mas sabia que era impossível. O que havia de errado com sua cabeça? Por que seu cérebro estava mexendo com ela assim? Foi culpa pela

briga que ela teve com Tommy? Culpa pela maneira sutil como ela se afastou de sua estreita amizade com Ginny?

Engraçado como esse tinha sido o objetivo de Tommy o tempo todo e ela se mostrou resistente à ideia, mas era o que estava acontecendo de qualquer maneira. O que quer que estivesse por trás do motivo de seus recentes avistamentos de Grizz, ela precisava se livrar disso antes que a deixasse louca. Depois de se despedir de April, a mulher voltou ao trabalho.

Grizz dirigiu de volta para o seu lado da cidade, perdido em pensamentos sobre o porquê ele começou a espionar Sarah Jo em primeiro lugar. Somente na noite de Natal, quando foi para casa em Laurel Falls, que algo pequeno e insignificante que Ginny disse durante a ceia despertou uma memória. A memória o incomodava desde a leitura do diário de Moe. Ele sabia que havia algo escondido no fundo de sua mente que ficava cutucando seu subconsciente, mas que nunca poderia trazer isso à tona, como quando uma letra de música ou uma fala de algum filme continua se repetindo em sua cabeça, mas você não consegue identificar o cantor ou o ator que disse isso. Então, um dia, quando você está fazendo algo totalmente irrelevante, dá-se a conhecer.

Foi o que aconteceu na noite de Natal.

Ele estava caindo no sono quando se lembrou de quem havia usado o termo “olho por olho”. Grizz nem mesmo se tocou quando ela fez o elogio no funeral de Tommy, mas assim que se lembrou, foi como se o acertassem com um martelo de aço na cabeça. Ele se convenceu todos aqueles anos atrás de que foi Willow quem usou aquela frase.

Mas estava errado — e ele sabia que Tommy devia ser inteligente o suficiente para ter percebido isso ao ler o diário.

Não obstante, Grizz também sabia que Tommy morrera no próprio hospital onde Sarah Jo e seu marido trabalhavam. Ele realmente sucumbiu aos ferimentos? Ou havia sido algo mais?

Ele não precisava pensar se o tiro de Tommy foi planejado ou aleatório. As fontes de Anthony Bear eram muito confiáveis. Não foi uma armação de Sarah Jo ou qualquer outra pessoa. Mas Tommy morrendo no hospital do marido dela... ele não conseguia se livrar disso.

Era tudo muito oportuno.

No entanto, ele não tocava no assunto com Ginny. Nas poucas vezes em que mencionou Sarah Jo, Ginny falava com carinho sobre ela, embora confessasse que não eram mais tão próximas quanto costumavam ser. Ele perguntou a ela se isso se devia por uma escolha própria ou de Sarah. Ela ficou pensativa quando disse que começaram a se distanciar após sua execução em 2000. Logo em seguida, o marido de Jo começou a fazer entrevistas para empregos fora do país.

Ele não pôde deixar de se perguntar o porquê.

Não sabia a razão pela qual se sentia compelido a perseguir e observar Jo. Deve ter sido um instinto que sobrou de sua antiga vida. Ele se permitiria vingar-se da mulher? Sinceramente, esperava que não, mas o chamado daquela velha vida o provocava.

Grizz ficou aliviado quando Ginny e as crianças estoicamente sobreviveram ao aniversário de um ano da morte de Tommy. Ele manteve distância, dando-lhes o espaço que pensava que precisavam, e sentiu como se tivesse prendido a respiração durante

a semana após a data temível, mas a vida continuou. A única coisa que ele não podia continuar a evitar e não sabia como lidar eram os convites constantes de Jason para eventos públicos, em seus jogos.

O homem estava *agora* em seu quintal jogando a bolinha de plástico para Rocky quando o celular em seu bolso tocou.

— Ei, baby, estava pensando em você — disse ao abrir o telefone e encostá-lo na orelha.

— Bem, olá. O que você está fazendo? — Ginny perguntou.

— Brincando de bola com o Rocky. Na verdade, estou jogando a bolinha e ele a traz de volta — explicou com uma risada baixa e profunda que fez seu interior formigar.

— As crianças e eu acabamos de passar por Dairy Queen. Estávamos nos perguntando se poderíamos passar por aí. Eles têm algo que querem perguntar a você.

Dez minutos depois, Jason estava presenteando Grizz com um *milkshake* de baunilha que obviamente tinha sofrido durante o trajeto.

— Mamãe disse que lembrava que baunilha era seu sabor favorito de *milk-shake*, — exclamou o menino, entregando o copo alto. — Sabe, desde a época em que vocês eram casados.

# Capítulo 59

## Ginny, 2002 - Fort Lauderdale

Assisti enquanto Grizz congelava, petrificado, ao apanhar o *milkshake* derretido da mão de Jason. Eu o vi engolir em seco e seus olhos encontraram os meus. Grizz pode ter sido um homem de poucas palavras, mas ele nunca foi um homem *sem* palavras.

No entanto, elas não encontravam o caminho aos seus lábios, *agora*.

Propus à estátua que ele havia se tornado que colocasse o *milkshake* no *freezer* para endurecer um pouco. Sem dizer *nada*, ele fez o que sugeri, então se sentou na cadeira estofada de sua sala de estar. Jason, Mimi e eu nos sentamos no sofá. Mimi falou primeiro.

— Mamãe explicou a Jason e a mim que vocês dois se casaram há muito tempo e como, depois que você foi para a cadeia, ela se casou com nosso pai. — Meu pai — corrigiu Jason.

Mimi olhou para seu irmão.

— Ele era meu pai também, Jason. Mamãe já explicou isso.

— Eu sei, só estava tentando dizer a James que eu sei dessa parte também. Eu não queria ferir seus sentimentos, Mimi. — Jason olhou para ela com os olhos arregalados e ela lhe deu um sorriso entre um rápido abraço.

Grizz passou a mão pelo rosto. Ele respirou fundo e sentou-se na beirada da cadeira. Eu podia ver a incerteza em seus olhos quando virou-os para mim e depois para as crianças. Eu balancei a cabeça para Mimi prosseguir.



— Ela achou que era importante sabermos que tínhamos uma família — explicou a garota. — Nunca tivemos uma família antes. Sempre foi apenas mamãe, papai, eu e Jason. Sem avós, tias, tios ou primos.

Recentemente, perguntei a Mimi se ela se lembrava de Blue, de sua infância, e quando ela confirmou que sim e até falou com ele brevemente no hospital, respeitosamente pedi a ela que deixasse o nome dele fora de qualquer conversa futura. Ela concordou.

— A tia Carter e o tio Bill não são nossos tios verdadeiros — acrescentou Jason.

— De qualquer forma — seguiu Mimi, franzindo a testa para o irmão pela súbita interrupção — vamos nos encontrar com nossa família nas férias de primavera.

— E queremos que você venha conosco, porque ela é a sua família também! — O garoto praticamente gritou a última parte, sua excitação era demais para que pudesse conter.

Grizz assentiu entorpecido e pediu licença para usar o banheiro. Eu sabia que ele estava se escondendo, mas não poderia ficar lá para sempre.

Dez minutos depois, nós paramos nas portas de vidro deslizantes, ao fundo, e assistimos Jason brincar com Rocky no quintal. Mimi estava sentada no sofá assistindo a um de seus programas de televisão favoritos.

— Não posso acreditar que você contou a ele — comentou Grizz, calmamente.

— Eu não conseguiria mais esconder. Ele vai fazer doze anos, este ano. Ele é uma criança sensível, mas não estúpido, e teve que crescer muito rápido desde que Tommy morreu. — Lancei

a ele um olhar acalentado. — Estou levando as crianças para conhecer seu pai, quer você vá conosco ou não. Eu não queria ir lá com o pretexto de que íamos encontrar um velho amigo da família. Ele é o avô biológico de Mimi e eu não quero esconder essa verdade. Eu não quero esconder mais *nenhuma* verdade, Grizz.

— Como ele reagiu?

— Jason é uma das pessoas mais otimistas dessa vida. Ele ficou animado ao descobrir que tinham um avô e muitos primos. — Antes que Grizz pudesse perguntar, continuei: — Ele entende que eles são biologicamente parentes de Mimi, mas não se importa. Ele está animado com tudo.

— Essa não é a parte que eu estava pensando. O que ele pensa sobre nós sermos casados? — inferiu, sua voz ainda baixa.

Grizz não precisava falar naquele tom, afinal, Mimi sabia de tudo e até me ajudou, fingindo escutar essas coisas pela primeira vez junto de Jason. Ela não queria que ele sentisse que era o último a saber. Minha filha havia mudado muito no último ano e meio e meu coração não poderia estar mais orgulhoso.

— Ele ficou chocado. Teve muitas perguntas, como você pode imaginar. — Grizz assentiu. — Mas o que era mais importante para ele era querer saber se Mimi sabia que Tommy a amava tanto quanto ele o amava. Ele estava preocupado que os sentimentos de Mimi fossem feridos ao descobrir que Tommy se casou comigo quando eu já estava grávida dela. — Lágrimas encheram meus olhos. — Meu filho tem um coração enorme.

— Não tão grande quanto o da mãe — Grizz sussurrou.

A pergunta que as crianças queriam fazer a Grizz, naquele dia, era se ele gostaria de ir conosco. Depois de voltar de seu

intervalo para ir ao banheiro, observei-o considerar seriamente sua resposta e, após alguns momentos de silêncio, ele concordou.

\*\*\*

Quatro dias depois, nos deparamos indo a uma viagem pelas estradas da Flórida.

Jason sorriu, confiante, ao dizer:

— Não fique nervoso, James. Estaremos ao seu lado quando você encontrar seu pai pela primeira vez.

Depois de garantir que Rocky, Hope e Spooky ficassem em segurança aos cuidados de Carter, pegamos a estrada. Estávamos a quilômetros da fronteira da Carolina do Norte quando notei a mudança de comportamento de Grizz. Ele parecia tenso.

Gentilmente toquei seu braço.

— Vai ficar tudo bem — sussurrei. — Tenha um pouco de fé.

Tínhamos acabado de cruzar à Carolina do Norte. As estradas eram sinuosas e eu pensei que poderia estar ficando um pouco enjoada. O cenário era de tirar o fôlego. Visitei essa pequena cidade no inverno passado e era um tipo de beleza completamente diferente na época; árvores sem folhas com galhos rígidos ficavam espalhadas contra um pano de fundo de neve branca e brilhante. *Agora* era primavera e as árvores e plantas estavam em plena floração, proporcionando uma cobertura colorida e fresca sobre a estrada estreita. O ar até cheirava diferente aqui. Vimos uma placa que dizia: “Bem-vindo a *Pine Creek*, altitude de 3.800 pés”.

Viramos à esquerda em um pequeno café, que fora um prédio escolar original dos anos 1800. O sino da escola ainda

pendia orgulhosamente em sua pequena torre. Antes que percebêssemos, estávamos entrando em uma estrada de terra. Encontramos uma caixa de correio que dizia “Hunter” e sabíamos que era preciso virar à direita.

O cascalho rugeu sob os pneus e todos nós soltamos um suspiro coletivo de admiração quando chegamos ao topo da longa estrada. Pastagens verdes se espalham contra uma vista deslumbrante das montanhas e uma grande cabana de dois andares ficava bem no meio dela, um celeiro vermelho na parte de trás. Carros e caminhões estavam alinhados no lado direito da propriedade e as pessoas estavam espalhadas por toda parte. O cheiro de churrasco penetrava pelas janelas abertas do carro.

Eu localizei o homem que procurávamos imediatamente. Assim como seu filho, ele seria um homem difícil de perder de vista.

Micah Hunter começou a caminhar em direção ao nosso carro, acelerando o passo quando Grizz estacionou. Meus olhos assistiram ao modo como ele hesitou antes de lentamente abrir a porta e começar a sair. Assim que bateu a porta do carro, Micah o alcançou e o puxou para um abraço de urso.

Com sua voz trêmula e seu rosto enterrado no ombro de Grizz, eu o ouvi dizer:

— Bem-vindo ao lar, meu filho. Bem-vindo ao seu lar.

# Capítulo 60

## Grizz, 2002 - Carolina do Norte

Os músculos de Grizz enrijeceram quando o pai, que ele nunca conheceu, invadiu seu espaço pessoal e se agarrou firmemente ao seu único filho. Quando o homem se afastou, ele se permitiu encontrar os olhos do velho e o que viu o fez desviar o olhar.

Micah Hunter observava seu filho crescido com um amor atemporal. Não importava que eles não tivessem se conhecido antes de hoje. Havia aceitação, alegria e uma certa expectativa no olhar do homem. Grizz não tinha certeza de como se sentia sobre nada disso, ele só podia supor que Ginny não tinha contado a Micah tudo a seu respeito. Não. Tinha que haver coisas que o homem não estava ciente, porque certamente não o receberia de braços abertos se soubesse de tudo.

Grizz lançou um olhar cauteloso para Ginny e depois para as pessoas que se reuniam ao redor do quintal de Micah.

Como se sentisse o desconforto de seu filho, o pai disse a ele:

— Minha empolgação não me deixou me conter, então planejei um assado de porco para comemorar, mas não se preocupe, as pessoas sabem que não podem ficar. Eles já acabaram a ceia e estavam se preparando para sair, de qualquer maneira, mas ficaram por aqui apenas o tempo suficiente para dar uma olhada em vocês.

Micah chamou àqueles que se reuniram em sua propriedade.

— Agradeço a todos vocês por estarem aqui para receber meu filho e sua família, em casa.

Ginny estava parada ao lado de seus filhos e por acaso deu uma olhada em seus rostos após a referência de Micah à família. Mimi e Jason estavam sorrindo de orelha a orelha.

— Mas... — continuou o senhor —, como eu disse a vocês, quando nos sentamos para a ceia, toda a situação é um pouco demais para eles. Para mim também. Então, vamos guardar as apresentações para outra hora.

Grizz observou com alívio óbvio enquanto os convidados, respeitando os desejos de Micah, começaram a reunir suas famílias. Pais sorridentes enxotaram seus filhos em direção aos carros e caminhões enquanto equilibravam pratos de papel cobertos com papel alumínio. Algumas crianças ficaram para trás e era nítido, em seus olhos, que queriam conhecer os filhos de Ginny. Eventualmente, eles foram retirados também.

— Quantos deles você acha que existem? — Jason perguntou a sua mãe, os olhos arregalados.

Ela balançou a cabeça.

— Demais para contar.

Ela estava observando quando uma mulher mais velha, quase masculina na aparência, parecia se encarregar de conduzir os convidados em direção aos seus veículos.

Micah *agora* estava conversando com Grizz, Mimi e Jason, mas Ginny não estava prestando atenção. Ela observou enquanto a mulher mais velha se despedia da última família e, depois de fechar a porta do carro, traçou seu caminho diretamente para Micah.

— Não pense por um único segundo, Micah Edward Hunter, que vou ser mandada embora antes de conhecer meu sobrinho! — A mulher alertou-o em voz alta. A conversa parou quando Micah se virou para encará-la. — Meu falecido marido era um Jamison, então tenho conexões com esse menino dos dois lados da minha família e não estou sendo expulsa com o resto deles!

Ginny sorriu com sua referência a Grizz quando menino.

Micah suspirou.

— Jamison, Ginny, Mimi, Jason... — Ele gesticulou em direção à mulher, que *agora* estava parada com as mãos nos quadris, seu cabelo grisalho puxado para trás em um coque severo. — Esta é minha irmã, Matilda, e desde que seu marido e minha Margaret Mae morreram, ela acha que é responsabilidade dela cuidar de mim. Graças ao bom Deus, não moramos juntos, mas não tenho dúvidas de que ela viveria se eu permitisse.

— Eu sou Tillie, tia Tillie para vocês quatro — apresentou-se ela ao pequeno grupo enquanto olhava em cada um de seus olhos com um olhar que os desafiava a chamá-la de outra forma. — Agora. Eu quero alguns abraços!

Depois que tia Tillie recebeu seus abraços e se dirigiu para casa, Grizz e Micah carregaram as malas para dentro, então Ginny percebeu que a cabana era muito maior do que parecia do lado de fora.

Eles entraram pela porta da frente e notaram uma escada imediatamente à direita, que levava ao segundo andar, depois caminharam mais para dentro da casa e se encontraram em uma grande sala de família, com uma lareira alta na parede lateral direita. O teto era alto e acima das maciças corrediças de vidro havia

janelas em formato de trapézios que exibiam uma vista espetacular das montanhas. À esquerda havia uma grande cozinha e uma ilha que a separava da sala da família. Havia um pequeno banheiro ao lado dela e um corredor, que levava ao quarto principal.

Parados no centro da sala de estar *agora*, eles olharam para cima e puderam ver um corredor aberto cercado por uma grade rústica de louro.

— Oi mãe! — Jason acenou para Ginny. Ela não o tinha visto sair do grupo e ficou um pouco envergonhada por ele ter subido as escadas sem ter sido convidado. — Você deveria ver a vista daqui.

— Jason, por favor, volte aqui!

— O quarto dele é lá, de qualquer maneira, pode muito bem deixá-lo dar uma olhada — Micah comentou, sorrindo.

— Para onde vai aquela outra escada? Jason questionou apontando do *loft* aberto do segundo andar para outra escada na cozinha. Era quase imperceptível.

— Esse é o porão. Tem mais dois quartos e dois banheiros completos, lá embaixo — disse Micah.

— Isso, com certeza, é muita casa para uma única pessoa — Grizz pontuou a ninguém em particular.

— Eu também pensei assim quando a construí pela primeira vez, mas Margaret Mae me disse que a estaríamos enchendo, sempre. É óbvio que não foi assim que as coisas aconteceram. Quase a vendi dez vezes, mas algo me dizia para não o fazer.

Ele piscou para Ginny e lhes contou onde ficavam os quartos.

Algumas horas depois, com a barriga cheia e as malas desfeitas, Ginny e Micah estavam no deque olhando para o amplo quintal. Se é que aquele lugar pudesse ser chamado de quintal. A



propriedade de Micah ia tão longe quanto os olhos podiam ver e deu a ilusão de ótica de que caiu em uma fenda escura antes de chegar às montanhas.

Eles assistiram enquanto Mimi balançava preguiçosamente em uma rede, lendo um livro que trouxe na mala. Ela *agora* estava vestindo calça de moletom e um agasalho. A primavera nas montanhas ainda pode ser muito fria. Grizz e Jason estavam um pouco mais distantes. Eles haviam armado algumas latas que encontraram no celeiro de Micah, e Grizz estava ensinando Jason como usar um estilingue velho que encontraram em uma das prateleiras. Ginny poderia dizer que a postura de Grizz parecia relaxada. Ele estava se divertindo.

Ginny estava conversando com Micah sobre o *layout* da cidade. Ela o conheceu no ano passado, em um restaurante, e estava se perguntando onde o lugar estava em relação à propriedade de Micah.

— Se você tivesse continuado em frente, em vez de virar na velha escola, teria atravessado o centro da cidade — explicou ele. — A lanchonete estaria à direita, logo antes de você chegar ao cruzamento.

O sinal de parada de quatro vias era considerado o centro da cidade e conhecido como “o cruzamento” pelos moradores da região.

Eles entraram e Micah começou a coar um pouco de café. Ginny sentiu que ele queria um tempo sozinho com Grizz, então ela disse que queria levar Jason e Mimi para a cidade.

— Eu gostaria de fazer o jantar amanhã à noite. Tenho certeza de que me lembro onde fica o único armazém. Passei na

última vez que estive aqui — disse ela.

— Sim, senhora. Se você virar à direita na placa de pare e descer apenas alguns metros, estará à sua esquerda.

\*\*\*

Os próximos dias se passaram em um turbilhão de novos rostos. Seria impossível lembrar todos os nomes, mas, aos poucos, a família estendida de Grizz apareceu para se apresentar. Alguns apareciam com uma torta caseira ou algo enlatado que eles compraram. Outros pararam com o pretexto de ajudar Micah a consertar algum equipamento agrícola ou a devolver uma ferramenta emprestada. Eventualmente, todos vieram, e era incrível que as visitas nunca fossem muito longas ou se sobrepusessem à estadia de outra pessoa. Se ela não tivesse qualquer ideia da situação, Ginny teria adivinhado que a tia Tillie tinha feito uma programação secreta e a distribuído aos parentes de Grizz.

Ginny observou com admiração quando Grizz baixou a guarda e conversou com seus primos sobre tudo, desde NASCAR, caça e agricultura até remédios caseiros para remoção de verrugas e dores de dente. As raízes familiares de Grizz estavam cheias de donas de casa, professores, proprietários de negócios, fazendeiros, mecânicos, profissionais do estado. Um primo era deputado do gabinete do xerife local.

Era óbvio que as pessoas que viviam nessa minúscula cidade montanhosa não ignoravam, de forma alguma, o mundo acelerado que os rodeava. Eles viram e deliberadamente escolheram a solidão silenciosa e a lealdade feroz da família ao invés do barulho do

mundo, e Ginny foi movida pelo amor deles um pelo outro. Quão diferente Grizz teria sido se tivesse sido criado aqui? Ela se perguntou mais de uma vez.

— Não vou me lembrar de todos os nomes — Grizz estava dizendo a Micah uma tarde. Um dos primos de Grizz parou para pegar máquinas emprestadas no celeiro de Micah e ele estava carregando-as na caçamba de seu caminhão. Ele trouxe seus dois filhos, que estavam em algum lugar da propriedade com Jason. Sua filha adolescente tinha a idade de Mimi, e as duas meninas estavam sentadas no balanço da varanda de Micah rindo de alguma coisa. Ginny estava arrumando tudo.

— Não se preocupe, você vai — garantiu o velho a ele, dando um tapinha em suas costas. — Vai se lembrar.

Todos foram convidados a ouvir Micah pregar naquele domingo e, é claro, Ginny, Mimi e Jason foram ao culto, mas Grizz se absteve. Quando eles voltaram da igreja, encontraram-no no celeiro cuidando de um cachorro ferido.

— Como conseguiu tocar nele? — Micah perguntou, surpreso. — Há meses que venho tentando fazer com que ele venha até mim.

— Eu não sei — admitiu Grizz. — Ele simplesmente veio em minha direção.

Depois de um farto café da manhã, Micah os levou para um passeio pela pequena cidade. As crianças foram pegas de surpresa com o fato de Pine Creek ter apenas uma escola, destinada a crianças do jardim de infância até a décima segunda série.

— Nós temos apenas cerca de duzentas crianças em toda a escola, e você é parente da maioria delas — comentou Micah

enquanto olhava para Mimi e Jason.

— Legal! — O menino sorriu. — Vocês têm esportes aqui?

Ginny viu o rosto do senhor se iluminar quando respondeu:

— Nossa escola tem todos os esportes, exceto futebol. Na verdade, não temos meninos suficientes na faixa etária certa para formar uma equipe, mas temos todo o resto.

Ginny secretamente esperava que Micah não tivesse muitas esperanças de que um dia eles morassem ali. Ela não conseguia imaginar seus filhos ou mesmo Grizz sendo removidos da vida da cidade a que estavam acostumados.

Ela foi convidada para uma noite das mulheres, na casa de um primo de Grizz. No início, estava um pouco relutante em ir, preocupada principalmente com as perguntas que não estava pronta para responder. Mas depois de alguns estímulos gentis de tia Tillie, decidiu aceitar o convite. Mimi também tinha sido convidada, mas depois de saber que não haveria *nenhum* primo da idade dela, decidiu ficar na cabana com os rapazes.

Subindo a garagem de Micah no caminho para casa, depois da reunião, Ginny refletiu sobre a noite e o quanto ela gostou de estar perto de pessoas que a aceitavam como família. Um delicioso frango com *chili* fresco era o prato principal, e as mulheres jogavam um jogo chamado *Bunco*. Sentiu-se em casa entre as senhoras, que a acolheram sem hesitação. Aparentemente, Micah tinha muita família e era extremamente amado e respeitado por todos. Esse amor e respeito estavam estendendo-se para Ginny, e ela se aqueceu com seu calor reconfortante. Teria ficado mais tempo, mas tia Tillie anunciou que havia a possibilidade de uma tempestade de neve na primavera e como Ginny não tinha experiência em dirigir na

neve, especialmente em estradas escuras na montanha, todos acharam melhor encerrar a noite mais cedo.

Ginny deixou escapar um suspiro de alívio quando parou na cabana de Micah. Começou a nevar no caminho para casa e, como tia Tillie havia dito, ela não estava acostumada a dirigir com o gelo, que facilmente criava armadilhas pelo caminho. Foi uma boa decisão voltar para casa mais cedo.

Depois de entrar pela porta da frente, ela sentiu como se tivesse interrompido um momento privado entre Micah, Grizz, Mimi e Jason. O fogo estava aceso na lareira, crepitando, e eles estavam sentados ao redor de uma grande mesa de centro que continha algum tipo de jogo de tabuleiro. Todos eles apenas olharam para ela.

Jason abriu um largo sorriso.

— Oi, mãe! — Ginny notou Mimi gentilmente acotovelando suas costelas e ele resmungou à irmã: — Eu não ia dizer nada, Mimi.

— Dizer o quê? — Ela colocou sua bolsa e jaqueta para baixo do braço.

— Nada — dispensou Grizz. — Ele estava muito animado com a neve.

— Sim, é isso. Estou animado com a neve. Vamos sair debaixo da neve amanhã, não vamos?

— Acho que precisamos conseguir algumas roupas mais quentes, antes, ou pelo menos roupas do tipo certo — Ginny comentou. — Não viemos preparados.

— Anote todos os seus tamanhos e farei com que Tillie faça algumas ligações. Tudo que você precisa estará aqui amanhã. Não

precisamos encontrar uma loja quando apenas precisamos pedir a alguns parentes para enviar as roupas e botas do tamanho certo — ponderou Micah.

— Como foi sua caminhada hoje? — Ginny perguntou, tentando não bocejar. Ela estava exausta.

— A melhor caminhada de todos os tempos — respondeu Grizz, dando uma piscadela acumpliciada para as crianças.

# Capítulo 61

## Ginny, 2002 - Carolina do Norte

Não pude deixar de sentir que havia uma piada que eu tinha perdido, mas as atividades do dia e o ar fresco da montanha devem ter me alcançado, pois bocejei, desculpando-me logo em seguida. Eu queria me deitar mais cedo.

Meus olhos se abriram exatamente às 2:47 da manhã. Eu tinha ido para a cama talvez um pouco cedo demais e *agora* estava bem acordada. Olhei para Mimi, que estava dormindo ao meu lado, e gentilmente puxei as cobertas, encontrando meu robe antes de descer as escadas.

Eu estava na cozinha preparando uma xícara de chocolate quente para mim quando o senti. Eu não me virei, mas me inclinei contra ele enquanto sentia seus braços me envolverem. Ele se abaixou e beijou suavemente o lado do meu pescoço. Esquecida do meu chocolate quente, fechei os olhos e apreciei o calor que irradiava dele.

— Como sabia que eu estava acordada? — perguntei em um murmúrio.

— Eu não sabia. Não consegui dormir e pensei ter ouvido alguém aqui. Não sabia que era você, Kitten.

Grizz estava dormindo em um dos quartos no andar de baixo. Eu estava dividindo um dos dois quartos do andar de cima com Mimi. Jason estava diante de nós em seu próprio cômodo.

Eu me virei e olhei para ele. Grizz parecia mais sexy do que eu poderia imaginar — ou lembrar—, e eu tive que engolir minha

reação intensa e imediata. Ele estava vestindo uma calça de pijama camuflada e uma camiseta escura. Seu cabelo estava desgrenhado e seus olhos verdes, normalmente brilhantes, pareciam escuros e esfumados.

Eu poderia dizer que ele leu a necessidade em meus olhos, pois simplesmente envolveu meu rosto com as duas mãos e me beijou, mas não foi um pequeno beijo suave de provocação. Foi um beijo que tomou minha boca, firme e implacável, com sua ousada reivindicação de propriedade.

Aceitei-o de imediato e avidamente o beijei de volta, esfregando meu corpo contra o seu. Sua necessidade era aparente e eu senti meu próprio desejo umedecendo minha calcinha.

Tive de me afastar, sem fôlego.

— Não podemos fazer isso aqui. Micah está dormindo bem no final o corredor. — Eu balancei a cabeça na direção do quarto principal. — Precisamos descer para o seu quarto.

Então ele recuou e me lançou um olhar que me informou que ele tinha algo a dizer. Eu sabia o que era e respondi com um pequeno sorriso astuto. Sabia que o tinha surpreendido. Não tínhamos levado nosso relacionamento ao próximo nível e eu estava grata por Grizz não ter me pressionado sobre o assunto. Mas *agora* eu estava deixando-o saber que estava disposta e pronta — que certamente poderia subir de volta ao quarto e ir para a cama com Mimi muito antes que o resto da casa acordasse.

Observei enquanto a veia em sua testa latejava.

— Não — negou calmamente.

Balancei minha cabeça de um lado para o outro, como se quisesse clareá-la, agitando os cílios e pensando que não tinha



ouvido direito.

— O-o... O quê?

— Não. Agora não, Kitten. Não essa noite. Não aqui, assim. Não — negou novamente em uma voz que não parecia muito confiante.

Fiquei chocada e talvez até um pouco magoada.

— Não? — sussurrei um pouco alto demais. — Tem certeza, Grizz? Porque sua boca está negando o que peço, mas suas calças estão dizendo algo diferente.

Ele inalou alto e olhou para o teto, sem nada dizer. Depois, finalmente olhou para mim e, deixando escapar um longo suspiro, balançou a cabeça e beijou levemente minha testa.

— Boa noite, querida. Vejo você de manhã — despediu-se com um nó em sua garganta.

E então ele se foi.

Eu sei que minha boca ficou aberta enquanto o observava se afastar. Voltei para o balcão da cozinha e terminei de fazer meu chocolate quente com as mãos trêmulas.

O que aconteceu? Ou melhor, o que *não* aconteceu?

Levei minha caneca até o sofá e observei a cena mais linda. O quintal de Micah era um manto branco de neve e a lua cheia lançava luz suficiente para parecer quase celestial. Não me lembro de finalmente ter colocado meu copo vazio na mesa. Não me lembro de ter deitado no sofá e agarrado uma das mantas para me cobrir.

Acordei na manhã seguinte olhando para quatro pares de olhos que me encaravam. Eles estavam todos sorrindo e Jason quase pulava de ansiedade.

— Nós não acordamos você, não é, mãe?

Antes que eu pudesse responder, ele me disse que um dos sobrinhos de Micah estava trazendo algumas das roupas de inverno de seus filhos para Jason e Mimi.

Eu tirei o sono da minha cabeça nebulosa e me sentei, o cheiro de café finalmente alcançando meu nariz. Bocejei e me estiquei, de repente muito consciente de que estava de camisola e sem sutiã. Peguei o cobertor e puxei para cobrir meu peito. Sendo o cavalheiro perfeito, percebi que Micah já tinha desviado o olhar.

Levantei-me e agarrei meu robe, pedindo licença para ir tomar banho. Eu me servi de uma xícara de café e estava me preparando para carregá-la para cima comigo quando meus olhos capturaram os de Grizz. Eu desviei o olhar, um pouco envergonhado pela rejeição da noite anterior.

Um pouco depois, disse às crianças para aproveitarem a neve enquanto eu tirava a louça do café da manhã. O sobrinho de Micah apareceu enquanto eu tomava banho, com algumas roupas de inverno e botas sobressalentes e, surpreendentemente, tudo se encaixava perfeitamente nas crianças. Micah, Grizz e os meus filhos *agora* estavam vasculhando o celeiro em busca de trenós.

Camas feitas, pratos lavados e uma carga de roupa depois, eu estava com uma segunda xícara de café e os observei na neve. Micah colocou Grizz para trabalhar abrindo caminho para seu galinheiro. O galinheiro de Micah não era exatamente o que eu imaginava quando ouvia o termo “galinheiro”. Eu imaginei uma pequena estrutura cercada por arames, mas a construção de Micah parecia uma pequena casa que, se livre de seus ocupantes emplumados, provavelmente poderiam dormir várias pessoas. Estivemos coletando ovos durante todas as manhãs. Na verdade,

eu fui a única os coletando. Pensei, no início, que não seria capaz de fazer isso. Eu tinha muito medo de incomodar as galinhas, mas depois de pegar o jeito, acabei adorando a tarefa. Era apenas algo diferente de qualquer rotina que eu tive antes e isso me deixou feliz.

Depois de limpar um longo caminho, Grizz me deu um sinal para colocar um casaco e sair. Coloquei meu café na mesa e peguei um dos casacos de inverno de Micah que ele mantinha em um cabide. Eu estava com minhas próprias botas. Elas não eram para o inverno, mas eu não precisaria ficar chapinhando na neve. Eu fiz meu caminho em direção ao galinheiro e percebi que Mimi, Jason e Micah haviam parado o que estavam fazendo e estavam caminhando em minha direção. Acenei e peguei uma cesta do gancho. Então, depois de entrar, comecei a verificar se havia ovos em cada galinha.

A certa altura, parei e me virei, surpresa. Os quatro me seguiram e apenas ficaram ali, observando.

— Está muito frio lá fora — alegou Jason, com as bochechas rosadas.

Achei estranho que todos precisassem me seguir até o galinheiro para se esquentar, mas sem pensar mais no assunto, dei de ombros e voltei a coletar os ovos.

Alcansei uma galinha-mãe particularmente agressiva e senti algo duro. Sem dúvida, não era um ovo. Puxei-o para fora e olhei para a pequena caixa em minha mão. Uma caixa?

— Você vai abrir? — ouvi Jason perguntar.

— *Shhhh!* — Mimi o reprimiu por entre uma risadinha.

Sem me virar, abri a pequena caixa e minha mão voou para minha boca no mesmo instante. Era um anel.

Quando me virei, vi Micah, Mimi e Jason encostados na parte de trás do galinheiro. Todos estavam sorrindo.

Foi então que percebi que Grizz havia se aproximado e estava de joelhos. Ele pegou minha mão esquerda e levou-a à boca. Beijando o interior da minha palma, disse:

— Eu estraguei isso, uma vez, antes. Não vou cometer o mesmo erro.

Prendi a respiração, esperançosa e ainda com medo de quais seriam suas próximas palavras.

— Ginny. — Grizz engoliu em seco. — Deixe-me dizer primeiro que eu já sei que não mereço você. Mas, eu sei que não há mais *ninguém* no mundo para mim e, se você me aceitar, prometo que não se arrependerá. Por favor, me dê outra chance.

Minha mão direita voou para minha boca novamente. Eu o observei engolir em seco, nervoso, antes de fazer a grande pergunta:

— Quer se casar comigo?

Comecei a tremer e as lágrimas começaram a se formar em meus olhos. Eu pensei sobre a rejeição de Grizz na noite anterior e como finalmente caí no sono, resignada com o fato de que ele provavelmente estava certo e me salvou de mim mesma. Eu não conseguia ver como um futuro para nós poderia estar em nossos planos.

Ele ainda estava segurando minha mão esquerda com seus dedos firmes e eu gentilmente a puxei, substituindo-a com a caixa do anel. Evitando seu olhar e sem arriscar um olhar para os curiosos, corri para fora do galinheiro.

Ao sair, ouvi Micah dizer às crianças:

— Fiquem comigo. Deixe-o ir atrás dela.

Eu podia sentir Grizz atrás de mim enquanto tropeçava no caminho que ele havia escavado. Cheguei em casa e entrei pela porta lateral. Percebi que ainda tinha a cesta de ovos pendurada no braço direito.

— Ginny. — Ele fechou a porta atrás de nós.

Eu coloquei a cesta e comecei a tirar o casaco de Micah.

— Kit!

Ignorando-o, coloquei o casaco de volta no cabide. Minha mente e meu coração estavam em guerra um com o outro. Eu não conseguia entender meus sentimentos, então me entreguei a eles.

Eu me virei para encará-lo. As lágrimas estavam silenciosamente descendo pelo meu rosto e apenas fiquei ali, olhando para ele. Eu estava implorando por algo, mas não sabia o que era.

Ele me puxou para seu corpo, envolvendo seus braços enormes em volta de mim. Meu rosto estava enterrado em seu peito quente. Eu inalei o cheiro que era exclusivamente de Grizz. Parecia tão normal, tão natural. Do que eu estava com medo? Sua jaqueta estava aberta e eu podia sentir seu coração batendo através de sua camisa sob meu rosto.

— Diga que sim, Kitten — sussurrou enquanto acariciava meu cabelo. — Me dê outra chance.

— Como? — perguntei por entre um fungar. — As crianças, os nossos vizinhos, as pessoas em geral? Como podemos criar uma vida que não envolva nosso passado? Como posso me casar com um homem que foi executado há quase dois anos? Como isso poderia funcionar?

Ele se afastou de mim então, apanhando meu rosto com as duas mãos e trazendo o seu para perto, antes de dizer:

— Eu não teria perguntado se não houvesse um plano que levasse tudo isso em consideração.

Encarei-o com meu coração batendo na altura da minha garganta. As palavras não vinham.

Um plano?

Qual plano?

— Você já sabe que estou apaixonado por você desde que me lembro, Kit. E os anos antes de você entrar na minha vida não foram *nada* além de escuridão. Por favor, baby. Por favor, diga sim. Diga que não é tarde demais para nós.

Foi então que os sentimos.

Lentamente, viramos nossos rostos em direção às portas de vidro deslizantes que levavam ao enorme *deck* de Micah. Amontoados contra o frio, com sorrisos enormes e levantando os polegares, estavam Mimi e Jason. Micah estava parado logo atrás deles e, ainda que não sorrisse, vi a aprovação e otimismo em seus olhos.

Grizz puxou suavemente meu rosto de volta ao dele.

— Está tudo bem se você não está mais apaixonada por mim, mas talvez você possa encontrar em seu coração um lugar apenas para me amar.

Seus olhos eram calorosos, sinceros e esperançosos. Aquela proposta era a razão pela qual ele não tentou *nada* além de me beijar, sempre sendo o primeiro a se afastar quando parecia que poderia ter ido mais longe? Esse era um Grizz que eu nunca tinha visto?

O homem por quem originalmente me apaixonei costumava intimidar as pessoas e seus sentimentos. Meu primeiro casamento com ele foi praticamente imposto sobre mim nos fundos do estúdio de tatuagem de Eddie em 1975. *Agora*, ele estava tentando fazer da maneira que achava que seria mais respeitosa para mim.

Senti uma bolha de emoções crescendo em meu peito e percebi que a bolha estava pronta para estourar com uma nova esperança. Comecei a rir.

— Sim! — gritei, sorrindo como uma idiota. — Sim! Eu vou me casar com você. Não sei como vamos fazer isso, mas sim!

As crianças não podiam me ouvir, mas obviamente leram meus lábios. Eles começaram a aplaudir e dançar em comemoração. Micah apenas deu um pequeno aceno de cabeça e piscou para mim.

# Capítulo 62

## Grizz, 2002 - Carolina do Norte

Foi necessária uma força que ele não sabia que possuía para se afastar dela naquela noite na cozinha. Ele prometeu a si mesmo que não iria foder com a única coisa que ainda importava para ele.

Grizz não se permitiu ter esperanças por um longo tempo. Ele se lembrou de Kit lhe dizendo tristemente, no Dia de Ação de Graças, que ele talvez tivesse que se contentar com migalhas. Ele reprimiu a vontade de dizer a ela que nunca se contentaria com migalhas e, em vez disso, sentou-se em silêncio, esperando que a paciência que aprendera na prisão fosse vantajosa para ele. E foi, enquanto via suas vidas se fundindo lentamente. Mimi e Jason começaram a comprá-lo enquanto se curavam após a morte de Tommy. Ele ainda não pressionava *nada*, apenas esperava pacientemente que eles encontrassem seus caminhos. Nesse ponto, ele só poderia desejar que, dessa forma, o incluíssem.

Na verdade, Grizz realmente orou uma vez ao Deus de Ginny, pedindo — implorando — por algo que ele não merecia. Mas prometendo que, se conseguisse, faria o possível para acertar tudo com todos eles. Ele também sabia que teria que ser perfeito, mas tinha ouvido Ginny dizer mais de uma vez que seu Deus era um Deus de milagres.

Sabia que precisava de um milagre e quando olhou ao redor da mesa de jantar naquela noite, para todos eles, para sua família, teve certeza de que tinha conseguido.



Como tudo funcionou tão perfeitamente ainda era um mistério para ele. De alguma forma, conseguiu passar algum tempo sozinho com as duas crianças durante as férias. Se Micah não estivesse por perto para encorajá-lo, ele poderia não se sentir pronto para abordar as crianças. Mas então, quando Ginny foi para a casa da tia Tillie para ter algumas horas de conserva jogada ao ar e ele teve uma inesperada tarde de caminhada livre com Jason, Mimi e Micah, ele teve a chance de contar tudo para eles.

Os quatro pararam para um piquenique no cume. E então, antes que pudesse se convencer do contrário, Grizz disse aos filhos que estava apaixonado pela mãe deles e que queria a pedir em casamento, mas queria discutir o assunto com eles primeiro. No segundo em que pronunciou as palavras, percebeu que não havia pensado com antecedência o suficiente sobre o que faria se eles não lhe dessem seu apoio. Por um momento, viu nos olhos da filha que ela também percebeu isso, mas então ela sorriu. Ela olhou para o irmão mais novo e esperou que ele desse a resposta primeiro.

— Você vai se mudar para nossa casa? — Jason perguntou, seu tom ilegível e sua expressão curiosa.

Grizz não tinha certeza do por que Jason estava perguntando especificamente isso, mas sabia que *agora* tinha que descarregar sobre eles a segunda metade de seu pedido. E essa parte não seria fácil.

Ele suspirou e olhou para Micah. O homem acenou com a cabeça.

Olhando de Jason para Mimi e de volta para Jason, disse a eles:

— Não posso me mudar para a sua casa, Jason. Na verdade, se eu me casar com sua mãe, provavelmente não é uma boa ideia sequer ficarmos na Flórida. Sinto muito, mas minha proposta de casamento vem com uma parte dois. Eu teria que perguntar se você e Mimi estariam dispostos a se mudar da Flórida. Isso envolveria mudar de escola e fazer novos amigos. Algumas grandes mudanças, receio. — Um esgar cruzou o rosto de Grizz. — E eu também teria que pedir que isso permanecesse em segredo. Assim como você tem sido bom em não contar a seus amigos sobre mim, eu não gostaria que as pessoas soubessem que sua mãe está se mudando por ter se casado. Eu não pediria a você para mentir para as pessoas. Eu só pediria para você não contar a elas.

Eles ouviram com exímia atenção, claramente refletindo a respeito.

Grizz nivelou um olhar para Jason.

— Você sabe que já estive na prisão. Não quero que esse estigma seja atribuído à sua mãe ou a algum de vocês. Eu gostaria de me mudar para um lugar onde ninguém saiba sobre minha ficha criminal na Flórida. Não quero ser uma fonte de constrangimento ou vergonha para nenhum de vocês.

Ele já havia mudado sua tatuagem no pescoço depois que Jason a notou no último dia de Ação de Graças e, claro, não poderia contar ao menino o verdadeiro motivo de não poder ficar na Flórida. Mas mesmo que ele não tivesse sido “executado”, percebeu que ainda havia muita verdade no que estava dizendo ao garoto.

O peso do que estava pedindo a essas crianças o atingiu e seus olhos buscaram os de Micah. Ele podia ver na expressão do pai que ele entendeu o que Grizz estava pensando e Micah levantou

a mão ligeiramente, indicando para que esperassem. Eles ficaram em silêncio por alguns minutos e Grizz estava a segundos de dizer-lhes para esquecer o que ele perguntou quando Jason rompeu a quietude:

— O que você acha, Mimi? — Ele se virou para sua irmã.

— Quero que mamãe seja feliz, Jason, e acho que ela fica feliz quando está com ele. — Ela acenou com a cabeça em direção a Grizz, em seguida inclinou a cabeça e olhou para ele, de esguelha, encontrando seus olhos. — E eu gosto dele. Sei que você também.

— Mas e a escola? Todos os nossos amigos?

— Estou pronta para uma mudança, Jason, e pelo que ouvi sobre o que está acontecendo com você, talvez você também esteja precisando de uma. Talvez seja hora de nós dois fazermos novos amigos. Mas eu não vou te dizer o que fazer. Você tem que dar a James sua própria resposta.

Jason mordeu o lábio e assentiu.

— Então, para onde nos mudaríamos? Podemos nos mudar para algum lugar como Montana? Lembra quando fomos lá com tia Carter, quando ela estava ajudando a resgatar aqueles cavalos?

— Montana parece razoável para mim — anuiu Grizz com um largo sorriso.

— Se Mimi disser que sim — condicionou Jason, lançando um olhar esperançoso para sua irmã, — então eu digo sim também!

— Sim! — gritou a garota, dando um soco em punho. Houve uma rodada de risadas e Jason imediatamente começou a sugerir maneiras únicas de James fazer a grande pergunta.

Agora, sentado ao redor da mesa de jantar com as memórias daquela caminhada às escondidas, Grizz observou enquanto Micah dizia a bênção. Eles estavam todos de mãos dadas, incluindo ele, exceto que todos os outros estavam de cabeça baixa e olhos fechados. Ele teve tempo para olhar para cada pessoa sentada à mesa. Quando chegou a Ginny, ficou surpreso ao ver que ela estava com os olhos bem abertos e sorrindo diretamente para ele. Ele sorriu de volta.

— Em nome de Jesus é que nós oramos. Amém. Passe aquelas ervilhas, Jason, sim? — Micah pediu.

Então houve tantas conversas na mesa que Grizz mal conseguia acompanhá-las. Ele ouviu enquanto Micah explicava que o anel de noivado no dedo de Ginny foi comprado para a mãe de Grizz, Frances, mas nunca foi capaz de dar a ela.

— Assim como eu sabia que era uma boa ideia ficar com esta casa, eu sabia que haveria um bom motivo para guardar esse anel.

— Fui eu quem disse a James que ele deveria colocar o anel sob senhorita Prissy para você o encontrasse, mãe — disse Jason entre mordidas.

— Obrigada por escolher a galinha mais má e estressada lá de fora, Jason. Eu quase desisti — Ginny admitiu com um sorriso.

— Então, James, você quer que o chamemos de Jamison, agora? — Jason perguntou. — Você vai mudar seu nome para Jamison Hunter, já que conheceu seu pai verdadeiro? Quando você se casar com a mamãe, ela será Ginny Kirkland ou Ginny Hunter?

— Eu posso responder isso. — Micah levantou a mão. — Ela será uma Hunter. Eu cuidarei dos procedimentos legais.

Grizz apenas sorriu enquanto apreciava sua refeição e as conversas. Falava-se de Montana e Wisconsin. Grizz tinha deixado claro que quanto mais longe da Flórida, melhor.

— Que tal Louisiana? — sugeriu Micah e deu a Grizz um olhar astuto. Ele tinha confidenciado ao pai que tinha certeza de que cruzou com a irmã gêmea de Ginny, que morava no estado da Louisiana. Ele também disse que não tinha certeza de como ou quando contaria a ela sobre isso.

Esse foi o lembrete de Micah de que aquela tarefa ainda precisava ser cumprida.

— Então, quando você vai se casar? — Jason perguntou com a boca cheia de comida.

— Não fale com a boca cheia, querido — Ginny reprovou. — Nós nem falamos sobre uma data ainda, apenas sabemos que ficaremos na Flórida até o verão para que vocês dois possam terminar a escola e ter o verão inteiro para fazer novos amigos e se familiarizarem onde quer que possamos ir.

— Que tal neste domingo? — Micah fez uma segunda sugestão.

As conversas à parte cessaram quando todos se viraram para olhar para ele.

— Posso casá-los no próximo fim de semana, na minha igreja — concluiu.

— *Oh! Hm*, íamos para casa no domingo — Ginny comentou, hesitante. — As crianças têm que voltar para a escola na segunda-feira.

— Tenho certeza de que eles podem tirar mais alguns dias de folga. — Micah sorriu. — Posso casá-los neste fim de semana, as

crianças ficam comigo e vocês dois podem fazer uma breve lua de mel.

— Mas não há tempo para planejar *nada*!

Foi então ela percebeu que não teria planejado *nada* grande, de qualquer maneira. Teria que ser uma cerimônia pequena e íntima. Ela olhou para Grizz e seus filhos, e viu que todos eles estavam considerando a ideia. Talvez...

Eles decidiram por uma cerimônia no sábado e acharam que, quanto menor e mais simples, melhor.

Grizz estava preocupado que poderia ter sido um pouco rápido demais para as crianças. E na manhã seguinte, quando ouviu Ginny e Jason conversando em voz baixa enquanto ele subia as escadas vindo de seu quarto no porão, parou para escutá-los.

— Não vamos nos casar neste fim de semana se isso te incomoda, Jason. — Ele ouviu Ginny dizer.

Grizz estava certo. Ele achou que Jason estava estranhamente quieto depois do jantar na noite anterior e se perguntou se o menino havia mudado de ideia.

— Não é isso, mãe.

— Então o que é?

Jason não respondeu.

— Você acha que ainda é muito cedo? — seguiu ela.

Grizz não ouviu uma resposta, então ele só podia presumir que Jason estava balançando a cabeça.

— É porque você não gosta de James? — Uma pausa. — É porque temos que mudar se eu casar com ele? — Outra pausa, até que finalmente ela disse: — Jason, não consigo ler sua mente. Por favor, me diga o que está incomodando você.

— Acho que sim, acho que preciso saber antes de você se casar com James, que você ainda ama o papai. — Jason fungou. — E você não vai se esquecer dele.

Grizz prendeu a respiração enquanto esperava a resposta de Ginny. Ele ficou chocado ao perceber que, no passado, ele não iria querer ouvir sua mulher dizer a ninguém, nem mesmo a seu filho, que ela ainda amava Tommy, mas algo havia mudado dentro dele. Ele estava mudando e sabia o que queria. Precisava ouvir aquilo pelo bem de Jason. Talvez ele estivesse aprendendo a verdadeira definição do que significava amar alguém.

— *Oh*, Jason. Venha aqui, querido. Deixe-me te abraçar.

Grizz deu mais um passo e pôde vê-los. Jason e Ginny estavam sentados no sofá. O menino estava chegando mais perto e *agora* tinha a cabeça enterrada no peito da mãe, os braços dela envolvendo-o com força. Seus olhos estavam fechados quando respondeu a ele:

— Jason, eu sempre, sempre amarei seu pai. Só porque amo James de novo, não significa que nunca amei seu pai. Isso não significa que vou parar de amar seu pai. — Ela se afastou dele e agarrou seu rosto com as duas mãos. Olhando em seus olhos, continuou: — E, não. Eu nunca vou me esquecer dele. Ele não apenas viverá sempre dentro do meu coração, mas eu o vejo toda vez que olho para você, Jason. Toda vez. E agradeço a Deus por isso. Agradeço a Deus por vê-lo em você.

Ela olhou por cima da cabeça de Jason e avistou Grizz. Ele tinha ouvido? Ele ficaria com ciúmes e duvidaria de seu amor recém desperto por ele? Recém-desperto? Quem ela estava enganando? Ela nunca parou de amá-lo.

O tempo desacelerou enquanto ela esperava por sua reação. Algum tipo de sinal, qualquer coisa. Ginny tinha um olhar esperançoso em seu rosto.

Então Grizz sorriu para ela. Não um sorriso que foi colado no canto dos lábios para parecer real. Seu sorriso era genuíno, puro, e irradiava um amor que ela estava grata por vê-lo experimentar, *agora*. Dando a Ginny um leve aceno de cabeça, ele silenciosamente desceu as escadas.



# Capítulo 63

## Ginny, 2002 - Carolina do Norte

Os próximos dias voaram enquanto nos preparávamos para o que poderia ser melhor descrito como “um casamento forçado sem uma espingarda apontada para nossas cabeças”. Micah não estava nos forçando a nos casar, mas sabíamos que era importante para ele que o fizéssemos para que ele próprio pudesse, pessoalmente, realizar a cerimônia.

Incluímos apenas um membro da família, cuja ira não queríamos incorrer quando ela finalmente descobrisse. E, no fim das contas, tia Tillie era uma bênção disfarçada. Micah guardou o vestido de noiva de Margaret Mae em tons de marfim e tia Tillie habilmente o costurou para caber em mim perfeitamente. Micah lidou com a papelada, junto a um parente bem colocado no escritório do secretário do condado, para agilizar as coisas.

As crianças foram convidadas, por alguns primos, a ir na tirolesa. Eu estava de pé em um banquinho no quarto de Micah enquanto tia Tillie fazia ajustes no vestido de Margaret Mae. Ela insistiu que tivéssemos privacidade, porque o noivo não deveria ver a noiva em seu vestido antes do casamento. As vozes de Grizz e Micah flutuavam de onde eles estavam na cozinha.

— Eu só acho que um casamento ao ar livre pode ser algo especial. — Ouvi Grizz dizer a seu pai.

— Acho que sua noiva pode discordar de você — rebateu Micah.

— Talvez não.

— O que está havendo, Jamison?

Tia Tillie notou a distração em meus olhos e parou o que estava fazendo. Nós duas os ouvimos.

— Só não sei quanto a me casar em uma igreja, só isso.

— Por quê?

— Realmente não sei. Penso que pode não parecer certo, para alguém como eu... Você sabe o que eu quero dizer.

— Tem medo de explodir em chamas se entrar na casa de Deus? — Mesmo que fosse uma discussão séria, eu podia ouvir a provocação no tom de Micah.

— Talvez.

A conversa desvaneceu quando eles saíram e eu nunca perguntei a *nenhum* deles sobre aquilo. Eu sabia que tudo o que Micah disse a Grizz deve tê-lo oferecido alguma forma de consolo, porque fomos casados por seu pai em sua igreja e Grizz não explodiu em chamas ardentes.

Antes de nos casarmos, tínhamos que comprar um anel, então descemos a montanha naquele dia para escolher alianças de casamento e ajustar o anel de noivado de Frances, para que coubesse melhor em meu dedo.

Andar de mãos dadas com Grizz na cidade próxima parecia tão certo que era assustador. Eu estava em meu limite de nervosismo já no início, esperando que alguém percebesse sua aparência — seu tamanho enorme, o cabelo comprido e as tatuagens — e corresse para o outro lado, mas além de alguns olhares curiosos, mal fomos notados.

Continuei a usar minha larga aliança de ouro — de Tommy — como uma forma de esconder a tatuagem do anel. Não conseguia

me lembrar de *nenhuma* vez em que deixei meu dedo descoberto para que alguém a notasse, incluindo meus filhos. Eu especialmente não queria que Jason visse o nome de Grizz tatuado lá, e Grizz concordou. Eu selecionaria outro desenho para cobri-la. Muitos anos depois, juramos que contaríamos a Jason o resto de nossa história, mas, por enquanto, ele ainda era muito jovem.

Estávamos dirigindo de volta, montanha acima, e descendo uma estrada lateral solitária quando Grizz estacionou em uma área gramada. Ele parou o carro e se aproximou de mim, soltando meu cinto de segurança com a mão esquerda.

— Não sei quanto mais posso esperar, Kit — admitiu como se estivesse a sofrer. — Esses últimos meses foram uma tortura do caralho.

Ele me puxou sobre o console e depois para seu colo, minhas costas contra sua porta e meus pés descansando no assento que eu tinha acabado de desocupar. De alguma forma, havíamos escorregado de volta ao hábito de chamar um ao outro de Grizz e Kit quando estávamos sozinhos.

Talvez fôssemos sempre Grizz e Kit.

Eu estava descansando na curva de seu braço e olhando em seus olhos quando perguntei:

— Por que você não tentou fazer mais do que me beijar? Por que se afastou de mim naquela noite na cozinha?

Ele mordiscou meu lábio inferior antes de responder:

— Porque estou tentando ao máximo fazer as coisas do seu jeito. Eu quero fazer o certo por você. Quero me casar antes de fazermos amor, Kitten. E você tem que saber agora que, depois de

trocarmos nossos votos, você estará ocupada por um bom tempo. Muito ocupada. Eu tenho quinze anos para compensar.

Ele acariciou levemente minha bochecha com as costas da mão, não ousando quebrar o laço entre nossos olhares.

— Sei que você me queria naquela noite. Eu queria você também, Grizz — admiti. — Eu estava pronta para descer ao seu lado. Não precisava esperar para me propor.

— Sim, eu sei, baby. — Ele me beijou, então. Foi um beijo profundo e explorador, tal que, assim como naquela noite na cozinha, senti sua ereção e imediatamente me dei conta da minha umidade. Sua mão direita começou a descer até os meus seios e eu senti meus mamilos enrijecerem em uma antecipação dolorosa.

Arqueei em sua mão, incitando-o a ir mais longe.

Ele parou o beijo e praticamente me jogou de volta no meu assento.

Antes de ligar o carro, o ouvi resmungar baixinho:

— Meu pau dói de tão duro por você há tanto tempo, querida, temo que ele vai cair antes que eu tenha a chance de usá-lo.

# Capítulo 64

## Grizz, 2002 - Carolina do Norte

— O que está te incomodando? — Micah perguntou.

Grizz estava no altar conversando com seu pai enquanto esperava pacientemente que Ginny fizesse o que quer que as noivas deveriam fazer. Ele nervosamente puxou a gola de sua camisa branca e gravata, como se estivesse subitamente apertada.

Ele olhou para Micah. O pai dele. O homem que o aceitou totalmente e sem qualquer reserva. Ele estava errado. Ginny tinha contado tudo a Micah e ainda assim o homem o recebeu de braços abertos. Era quase difícil de acreditar.

— Está com dúvidas? Apreensivo? — perguntou o pai suavemente, insistindo.

— Apreensivo? Nunca. Dúvidas? Sim. Não sobre ela. Dúvidas sobre mim.

— Que tipo de dúvidas?

— Ora, Reverendo. Você conhece minha história. Sabe do que sou capaz. — Seu lábio se curvou em um aperto.

— Eu sei que ouvi histórias sobre quem você era. Sobre Grizz.

— É exatamente isso. — Ele suspirou. — Eu sempre serei Grizz. Agora, neste momento, acredito que mudei. Mas não sei por quanto tempo vou acreditar, Reverendo. Ainda sou chamado para aquela velha vida. Às vezes, é algo tão simples como o som do ronco de uma moto ou ouvir uma certa música, eu sinto um puxão. Neste momento, estou contente em deixá-lo para trás, mas e se ele

mostrar sua cara feia no meio do caminho? Não sei se posso resistir, se não posso, não sei o que isso vai fazer com Ginny.

Micah parecia pensativo.

— Você sabia que eu penso em tomar um gole de *moonshine*<sup>[18]</sup> todos os dias?

Grizz balançou a cabeça em negação.

— Sim. Se eu quisesse, todos os dias provavelmente encontraria um motivo para tomar uma bebida. Mas eu não o faço. A escolha é sua, Jamison. Simples assim. É uma escolha deliberada. E eu vou dar crédito a quem o crédito é devido. Minha fé me dá força.

Nesse momento, tia Tillie começou a tocar a marcha nupcial no órgão da igreja. A conversa cessou e Grizz olhou para a frente, o coração a mil. Ele não conseguia tirar os olhos dela enquanto Jason e Mimi levavam sua mãe pelo corredor, engolindo em seco ao perceber que nunca havia pensado que ela poderia ser ainda mais bonita.

Ele queria ter uma vida direita por essa mulher. *Por favor, Deus, deixe-me fazer o que é certo por ela*, pensou, então percebeu que falar com Deus estava começando a se tornar um hábito. Isto é, se você considerasse fazer algo duas vezes como um hábito.

Mimi foi a dama de honra de Ginny e Jason serviu como padrinho de Grizz. Antes que Grizz percebesse, a cerimônia acabou. Tinha sido um mero borrão em sua mente.

— Agora, pode beijar sua noiva — Micah lhe concedeu o direito.

Um momento se passou. O pai, também o pastor, deu uma *tosse* sutil.

— Agora, você pode beijar sua noiva. Estou me dirigindo a você, Jamison.

Grizz percebeu com um sobressalto que tinha passado pela cerimônia sem tirar os olhos de Ginny. Mesmo quando deslizou o anel em seu dedo, o fez sentindo com o coração, não a mente, desejando jamais ter que desviar de seu olhar. Ele *agora* estava legalmente casado com ela e Micah lhe dizia que era hora de selar seus votos com um beijo.

— Espero que seja um beijo melhor do que aquele que você deu a ela debaixo do visco — a voz de Jason entrou no meio do texto, tal que as risadas de todos rechearam as paredes da igreja.

\*\*\*

Em vez de uma recepção direta, os seis voltaram à casa da tia Tillie e comeram um banquete digno de um rei. Tia Tillie com certeza sabia como servi-los com fartura. Micah levou as crianças de volta para sua casa enquanto Ginny e Grizz colocavam roupas confortáveis e se dirigiam ao Parque Nacional das Montanhas *Great Smoky*. Eles alugaram uma cabana situada na floresta, logo após a Reserva Indígena *Cherokee*.

Micah disse a eles que se ficassem entediados, havia muitas coisas para fazer na reserva. Grizz o informou, em particular, que não ficariam entediados de forma alguma, e foi uma coisa boa que a cabana estivesse abastecida, porque ele próprio garantiria que não voltariam até a hora combinada de entrar no carro e dirigir de volta à casa de Micah.

Já estava anoitecendo quando finalmente chegaram lá. Grizz carregava suas pequenas malas para passar a noite. Ginny pegou seus produtos de higiene pessoal e sua bolsa.

Depois de carregar seus pertences para o quarto e largá-los sobre a cama, ele caminhou na direção da sala de estar, deparando-se com sua esposa, que estava com os braços em volta de si mesma.

— Está com frio, baby? Quer que eu acenda a lareira?

— Está frio aqui, Grizz, então... sim, um pouco de fogo seria muito bom.

Ela o observou caminhar em direção à lareira e de repente se sentiu tímida. Nada os impedia *agora*. E se não fosse tão maravilhoso quanto ela se lembrava? Pior ainda, e se não fosse tão maravilhoso quanto *ele* se lembrava?

Ginny não era mais a garota de vinte e poucos anos que fora quando ele foi preso em 1985. Ela puxou o casaco mais apertado e olhou para ele, agachado em frente à lenha, empurrando as toras com um atiçador. Ele era o mesmo Grizz que ela se lembrava e já havia tirado o casaco, revelando que sua roupa preferida ainda era jeans, uma camiseta sem mangas e botas de motoqueiro. Seu cabelo longo e espesso tinha crescido além dos ombros. As borboletas em seu estômago subiram até o peito, de tal forma que Ginny podia senti-las fazendo cócegas em seu interior, e seus joelhos pareciam ligeiramente bambos.

Ela limpou a garganta e sua voz saiu rouca:

— *Hmm*, eu não sabia que estaria na minha lua de mel neste fim de semana. Receio não ter *nada* especial para vestir para você,



nesta noite. Simplesmente não havia tempo suficiente para comprar alguma coisa.

Grizz se virou e viu a incerteza em seus olhos. Ela olhou para ele com expectativa e esperança, o que trouxe de volta memórias tão fortes que o homem sentiu o peso delas enchendo seu peito. Ginny tinha a mesma aparência de quando o levou, pela primeira vez, de volta ao seu quarto no Motel em 1975. Um olhar que dizia que ela queria agradá-lo, mas não tinha certeza sobre como fazê-lo. Sua mulher.

Como ela poderia duvidar de si mesma?

Ele se levantou e deu a Ginny um meio-sorriso.

— Não importa, Kitten, porque posso prometer que, o que quer que fosse, você não o usaria por muito tempo.

Ela correu para ele e saltou em seus braços. Grizz a pegou sem esforço e a beijou enquanto sentia-a colocar as pernas firmemente em volta de sua cintura. Ele a abaixou lentamente, não tirando sua boca da dela.

A necessidade de rasgar a roupa um do outro era insuportável, mas tinham que fazer isso devagar. Ela se livrou do casaco ao mesmo tempo em que tirava suas botas. Ele começou a puxar a camiseta pelo alto de sua cabeça quando Ginny o interrompeu.

— Não, deixe-me tirar por você.

Eles compartilharam uma risada quando Grizz teve que se abaixar o suficiente para que ela o ajudasse a sair daquela camiseta.

— Esqueci que precisava de uma escadinha para fazer isso.

— Não ficaremos de pé por muito mais tempo, Kit. — Ele praticamente rosnou, a necessidade em sua voz *agora* evidente.

Ela agarrou seu cinto quando ele a deteve por um instante. Devagar, dolorosamente devagar, Grizz começou a desabotoar a blusa dela. E quando a escorregou de seu ombro direito, a boca dele encontrou o ponto entre o pescoço e a alça do sutiã. Ela gemeu e se apoiou nele, em seu calor.

Os dois caíram de joelhos. Gentilmente, Grizz a colocou de volta no tapete de pele de animal. Sua suavidade a engoliu enquanto ela olhava para ele, seu desejo ameaçando dominá-la em camadas que pareciam perigosamente perto. Nenhum dos dois se lembrava de quem tirou o quê, mas eles se encontraram completamente nus, ele estava em cima dela, beijando-a com fervor, se afastando somente pelo tempo necessário para olhar em seu rosto.

— Eu te amo, Kit. Eu sempre te amei — declarou ele entre as nuances de seu sentimento.

Ela sorriu.

— Eu também te amo.

Então Ginny o agarrou com força pelos cabelos e puxou seu rosto para o dela, convidando-o a um beijo profundo e sensual. Ela podia sentir a rigidez de seu membro entre as pernas e tentou permitir sua entrada, mas ele a deteve. Depois de um momento, ela abriu os olhos e percebeu que Grizz estava lentamente se afastando dela. Agachando-se, ele passou a mão pelo cabelo comprido.

— O que está fazendo? — perguntou ela sem fôlego.

Ginny sentiu suas mãos se moverem inconscientemente para cobrir seus seios. Ele estendeu a mão e as agarrou, prendendo-as

ao lado do corpo.

— Não faça isso, Kit. Não se esconda de mim.

— Você está me deixando um pouco nervosa — admitiu entre uma pequena risada, o coração batendo forte.

— Não posso apenas olhar para você por um minuto? Droga, você é linda *pra* caralho.

Seus olhos percorreram os seios dela e viram que estavam maiores, mais cheios, e a cor de seus mamilos havia mudado, adquirindo um tom levemente mais escuro do que ele se lembrava. Grizz quase gozou só de olhar para eles. A barriga completamente plana que ela tinha antes de dar à luz *agora* tinha uma pequena elevação que mostrava estrias casuais, e seus quadris pareciam ligeiramente mais largos. Ele amou cada detalhe que viu e começou a deixá-la saber disso, beijando-a em todos os lugares, demorando-se por um longo tempo em cada seio. Ele parecia não ter contato o suficiente com eles para suprir seu desejo, de tal forma que relutantemente se afastou ao sentir o perfume dela subindo entre eles.

Quando finalmente desceu entre as pernas de sua mulher, ela o agarrou novamente entre cada fio de cabelo e disse em uma voz que não parecia a dela:

— Ainda não. Eu não posso esperar mais, Grizz. Eu preciso de você dentro de mim, agora...

— Você sempre foi tão impaciente na cama — disse ele com um sorriso ardiloso. — Eu posso sentir o cheiro do seu desejo, baby. Isso está me deixando louco. Só uma prova, ok?

Como ela poderia dizer não? Ginny o deixou provar de seu gosto e seu orgasmo foi rápido, poderoso. Ele *agora* estava de

quatro, fitando-a com ardor. Ele começou a se abaixar quando ela usou a maciez do tapete de pele para deslizar para baixo, entre suas pernas.

Tomando sua ereção com a mão direita, ela ergueu a boca e saboreou o gosto salgado que havia vazado dele.

— *Oh*, Kitten, o que você está fazendo? — Ele gemeu, fechando os olhos com força.

— Minha vez — conseguiu dizer enquanto se apoiava em um cotovelo e o levava em sua boca. Quando ela pôde senti-lo chegando perto de sua libertação, Ginny propositalmente parou e o provocou com a ponta da língua. Quando Grizz finalmente não aguentou mais, ele rudemente a deslizou de volta para a posição em que começaram e abaixou-se entre suas pernas.

Grizz estava se preparando para se empurrar para dentro dela quando parou. Apoiando-se nos cotovelos, olhou para ela. Seus olhos pareciam preocupados.

— Kit?

Ela engoliu em seco e disse a ele, um tanto tímida:

— Já faz muito tempo, para mim. Não... não tenho certeza de como será a sensação. Estou pensando que talvez possa doer um pouco. Pode ir devagar, no começo?

Ela não percebeu que estava prendendo a respiração, esperando por uma resposta, pensando em algum lugar no fundo de sua mente que talvez ele tivesse mudado de ideia. Grizz baixou a boca na dela e a beijou.

— É claro, eu vou devagar, baby. Nunca vou te machucar. Eu prometo.

Ele não ousou tirar os olhos dos dela enquanto lenta e cuidadosamente buscava acesso à parte de seu corpo na qual pensava todos os dias, desde que a perdeu, há mais de quinze anos. Seu cabelo *agora* estava caindo em ambos os lados do rosto, bloqueando qualquer luz ou distrações externas, fornecendo um pequeno dossel quando eles se encontraram como um, pela primeira vez, no que parecia uma eternidade.

Não tirando os olhos um do outro, ele lentamente se moveu para dentro dela. Quando entrou por completo, Grizz fitou-a com atenção em busca de um sinal de que estava tudo bem e que poderia continuar. Sua resposta veio como um gemido e o envolver das pernas ao redor dele, usando-as para puxá-lo mais fundo e encorajando suas estocadas.

Depois, ficaram em silêncio. O crepitar e estalar do fogo eram os únicos sons além de sua respiração pesada. O sol tinha se posto e, na pressa de descarregar o carro para ficarem juntos, eles não acenderam as luzes. O brilho do fogo era tudo o que os iluminava.

— Foi tão bom quanto você se lembrava? — Ginny se aninhou ao lado dele, a cabeça apoiada em seu ombro.

— Não — negou, ríspido, depois se apoiou no cotovelo e acariciou suavemente a bochecha dela. Um sorriso iluminou seu rosto. — Caralho, isso foi muito melhor. — Após uma breve pausa, ele acrescentou baixinho: — Você é meu mundo, Ginny. Você sabe disso, certo? — Antes que ela pudesse responder, ele se corrigiu. — Retiro o que disse. Mimi e Jason são o meu mundo.

Ela deu a ele um olhar questionador e Grizz baixou a visão para os lábios dela, depois retornando aos seus olhos.

— As crianças são o meu mundo, mas você é o meu universo  
— concluiu.

Seus lábios encontraram os dela e quando ele interrompeu o beijo viu traços de tristeza em seus olhos. Antes que pudesse perguntar a ela se algo estava errado, Ginny sussurrou:

— Eu a usei, uma vez.

— Usou o quê, baby? — Sua voz estava rouca.

— A bandana.

— Eu sei, Kitten. Carter me alertou.

— Não. Quero dizer, antes disso. Eu a usei no mesmo dia em que percebi que você estava vivo. — Ela engoliu em seco antes de continuar: — Usei-a a portas fechadas, para que ninguém me visse. Acho que usei por mim mesma...

Ele não sabia por que ela estava dizendo isso, mas podia sentir a dor em sua voz.

— Não vá por esse caminho, querida. Ele teria entendido. Eu sei que teria.

Ginny tinha pensado ingenuamente que sua curta lua de mel seria nada além de sexo sem parar por dois dias consecutivos, mas estava errada. Por mais que Grizz quisesse passar a maior parte de seu tempo fazendo amor com sua noiva, ele estava mais do que ciente do fato de que transar sem parar poderia ser desconfortável para ela. Não foi fácil, mas se controlou, e eles se viram caindo no conforto de suas companhias e felizes memórias que compartilharam nos primeiros anos de seu primeiro casamento.

— Não sei por que você não me deixa fazer isso. Eu costumava fazer isso o tempo todo por você — resmungou ela a

Grizz enquanto se sentava na beira da banheira de hidromassagem, observando-o aparar a barba.

Sem olhar para ela, respondeu:

— Que tal porque nove, em cada dez vezes, você bagunçava tudo e eu tinha que raspar a porcaria da barba por inteira? E não me diga que às vezes você não fazia de propósito, Kit.

Ela não ousou mentir, era péssima nisso, especialmente quando ele a olhava daquela maneira artilosa. Ginny apenas sorriu para ele e encolheu os ombros.

— Você disse para não dizer, então não estou dizendo *nada*.

— Filha da puta, foi de propósito! — Ele começou a rir. — Se você odeia tanto essa barba, querida, vou raspar.

— Eu não a odeio, Grizz, só acho que seria bom ver seu rosto barbeado de vez em quando. Só isso.

Ela se levantou e beijou seu ombro.

— Vou ver o que sobrou em termos de comida.

Poucos minutos depois, ela gritou para Grizz:

— Ei, acabei de notar um *CD player*! Não sabia que a cabana tinha sistema de som. E ele suporta até seis *CDs*. Poderíamos ter ouvido meus *CDs* o tempo todo!

— Não sabia! — Ele gritou de volta.

Grizz saiu do banheiro dez minutos depois. Era óbvio que ela tinha ido até o carro pegar os seus *CDs*. A música vinha pelo sistema de som e ele podia ouvir “*Baby, I Love You*”, do *The Ronettes*. Ele sorriu quando percebeu que ainda reconhecia a maior parte de seu gosto musical.

Ela estava de costas para ele enquanto preparava algo no pequeno fogão da cozinha.

— O que você está cozinhando? — perguntou.

Ela se virou, então.

— Queijo grelha... Você raspou tudo!

Ginny deu um passo em sua direção e ficou na ponta dos pés para alcançar seu rosto, esfregando a maciez com as palmas das mãos. Ele se abaixou para beijá-la.

— Você desligou o fogão?

— Sim.

— Ótimo. — Ele a pegou no colo em um movimento rápido e a carregou para o quarto.

Pouco tempo depois, ambos estavam fisicamente exaustos e deitados nos braços um do outro. Grizz decidiu que, finalmente, era hora de contar a ela sobre a mulher que ele conheceu no ano passado na Louisiana. Ele deveria ter feito isso antes, mas a hora nunca parecia certa.

— E você tem certeza, certeza absoluta, de que era minha irmã gêmea? — perguntou ela, a dúvida personificada em sua expressão. Ela não se permitiria ficar muito agitada ou esperançosa. As chances de essa mulher ser sua irmã gêmea eram muito pequenas.

Grizz explicou seu encontro com mais detalhes. Ele disse a ela que não via o bilhete de Delia há anos e só podia se basear em memórias.

— Me sinto meio mal por não ter dado aquela Bíblia para você antes, Kit. Guido a estava guardando para mim e, honestamente, esqueci dela, até que ele me lembrou que ainda a tinha, antes da execução. Eu disse a ele para guardá-la por um pouco mais de tempo e depois entregar a Carter.



Grizz pediu a ela para que recontasse os fatos que se lembrava do bilhete de Delia e, depois de compará-los com seu encontro casual com Jodi, comentou:

— Eu estava sentado naquele balcão de lanchonete tentando descobrir uma maneira de vocês duas se encontrarem quando eu vi na televisão que Tommy havia levado um tiro. Embora eu tenha partido para a Flórida imediatamente, você sabe que mantive distância de você. Simplesmente não parecia o momento certo para falar sobre ela.

— Está tudo bem, Grizz. Você está certo. O ano passado foi... — Ela suspirou. — Bem, vamos apenas dizer que foi um ano de muitas mudanças para contar. Pensar que minha irmã ainda pode estar viva seria demais. Obrigado por me dizer agora, no entanto.

Eles conversaram um pouco mais sobre o que achavam que seria a maneira mais fácil e menos perturbadora de Ginny se encontrar com a mulher, que poderia ou não ser sua irmã gêmea.

Estava tão animada e ansiosa com a possibilidade de voltarem à Flórida e começarem a se preparar para o futuro. Ela arranjaria tempo para encontrar Jodi e ver tudo por si mesma, mas não antes que descobrissem um plano plausível.

Grizz logo estava sentado com as costas contra a cabeceira rústica. Ela estava sobre ele, unindo seus rostos e tocando sua língua contra a dele. Seus braços estavam apoiados na parede, sustentando-a, os joelhos quase se dobrando quando ela gozou, mas Grizz a tomou pela cintura e lentamente a baixou sobre sua ereção.

Depois, debaixo das cobertas e com a cabeça dela em seu peito, sua mão acariciando ternamente sua barriga lisa, suas vozes se tornaram meros sussurros.

— Estou tão feliz por ter encontrado aquele *CD player*, você não? — Ela suspirou quando a música da outra sala flutuou para o quarto.

— Qual é o nome dessa música, querida?

— *Baby, I Love Your Way*. É o Peter Frampton<sup>[19]</sup> cantando.

— Ela se aconchegou mais perto. — Você gosta dela?

— Na verdade, não. Mas aprecio a letra. Ela me lembra de você.

— Não é bom fazer amor com a música que costumávamos ouvir? A música que costumávamos colocar para fazer amor? E aposto que tenho algumas bandas que você nunca ouviu antes.

Grizz não respondeu, então Ginny olhou para ele.

- Grizz?

— Sim, baby?

— Você não me ouviu?

— Não. Sinto Muito. Eu só estava pensando...

— No que pensava?

Um sorriso sarcástico dobrou os lábios dele.

— Estava pensando que, depois de todos esses anos...

Ela se apoiou no cotovelo e olhou para ele com expectativa.

— Depois de todos esses anos...?

— Depois de todos esses anos, seu gosto musical ainda é uma merda.

# Capítulo 65

## Ginny, 2002 - Fort Lauderdale

Não foi fácil dizer adeus ao Micah e à tia Tillie, mas eles sabiam que já havíamos estendido nossas miniférias e as crianças precisavam voltar para a escola. Além disso, iríamos voltar, eventualmente.

Antes de deixar as montanhas, eu confidenciei ao meu novo sogro que eu não tinha certeza sobre a revelação de Grizz sobre minha irmã gêmea e não tinha certeza do que fazer a respeito. Especialmente quando eu realmente não estava me permitindo acreditar. Nossa transição para uma nova cidade parecia complicada o suficiente sem adicionar uma desconhecida improvável. E verdade seja dita, minhas emoções estavam em guerra. Em um minuto, podia sentir o impulso de entrar em um avião e ir verificar tudo com meus próprios olhos, mas então a razão pesava ao me dizer que eu passei minha vida inteira sem conhecê-la. Se fosse realmente verdade, mais alguns meses não iriam fazer muita diferença.

Micah concordou e me disse que era algo que eu deveria fazer depois que nos acomodássemos. Gentilmente, ele me lembrou que esperou, com exímia paciência, um ano para conhecer seu filho depois que eu o visitei pela primeira vez.

— Eu sinto muito por ter feito você passar por isso, Micah. Fiquei muito perturbada quando Tommy morreu e estava realmente lutando para me manter de pé.

— Não estou dizendo isso para que você se sinta mal e peça desculpas, Ginny. Estou te dizendo porque acredito que tudo aconteceu da maneira que deveria. O tempo do Senhor nunca está errado.

De volta à Flórida, imediatamente voltamos às nossas rotinas normais, decidindo que seria melhor morarmos separados até que nos mudássemos, pois seria mais fácil manter nosso casamento em segredo desta forma. Assim, Grizz voltou para sua casa em Laurel Falls e para seu trabalho na equipe de paisagismo de Anthony, enquanto eu voltei a cuidar da minha casa e me certificar de que as crianças continuassem com seus trabalhos escolares e seguissem com todas as suas atividades.

Eu não precisava mais levar Mimi aos lugares tanto quanto antes. Ela finalmente conseguiu sua licença de motorista e eu a deixava dirigir meu carro quando eu não precisava dele. Foi uma concessão que tive de fazer, pois vendi o carro de Tommy no ano anterior para um homem que veio de Miami para comprá-lo como um presente à sua irmã. Eu poderia tê-lo guardado para Mimi, mas naquela época eu não podia confiar em mim mesma - para não desmoronar toda vez que o visse estacionado na garagem.

O largo círculo de ouro que *agora* enfeitava meu dedo anelar parecia semelhante àquele que eu sempre usei, então não me preocupei que fosse notado como um novo detalhe. Lentamente, comecei a contar aos meus amigos que minhas pequenas férias durante a primavera me fizeram perceber que eu queria me mudar do sul da Flórida. Nunca mencionei que havia um homem em minha vida, especialmente um marido, reservando-me a dizer que pensei que já era hora de começar de novo em algum outro lugar.

E havia alguma verdade séria nessa declaração.

Não me tornei particularmente próxima de *ninguém* ao longo dos anos. Eu tinha muitos amigos na igreja e nos círculos sociais infantis, mas não poderia dizer que eles eram muito próximos. Claro, Carter e Christy Bear saberiam a verdade. Mas eu estava indecisa sobre Sarah Jo. Estávamos quase completamente separadas desde a execução e ela parecia ter se distanciado ainda mais desde a morte de Tommy, no ano passado. Talvez tenha sido uma coisa boa. Eu não queria que mais *ninguém* soubesse que Grizz havia fingido sua execução.

Quanto menos pessoas soubessem a verdade, melhor.

As crianças também começaram a dar dicas da mudança para seus amigos e, se isso não bastasse, a placa de imóveis no meu jardim definitivamente divulgava a notícia. Grizz estava certo sobre Jason. Meu filho não era tão ingênuo quanto eu queria acreditar que era. Ele seria um adolescente, no ano que vem, e levou o voto de sigilo que pedimos a ele de maneira muito séria. Ele sabia que era importante que nossa vida privada continuasse privada. Tenho que admitir, porém, que tive momentos em que fiquei preocupada que sua língua pudesse escorregar. Mas, pelo que eu poderia dizer, Jason nunca o fez.

Tive que entrar em contato com Alec para que soubesse que queria vender a participação de Tommy na parceria da empresa e, claro, eu a ofereceria a ele primeiro. Ele não pareceu surpreso por eu estar finalmente pronta para vender e concordou em comprá-la de forma justa. No entanto, ficou surpreso quando eu disse a ele que queria me mudar. Mas, assim como outros amigos que perguntaram, eu já tinha uma resposta pronta a respeito da minha

decisão de me mudar. Eu disse a todos que meus filhos e eu nos apaixonamos por Montana quando visitamos Carter anos antes e que foi uma decisão familiar bem pensada e cuidadosamente planejada.

— Não entendo — disse Alec durante o café uma manhã. Nos encontramos em um café local para acertar alguns detalhes sobre a venda. — Aqui é a sua casa. Sempre foi sua casa, Ginny. Eu simplesmente não consigo ver você mudando para um lugar estranho.

Eu sabia que sua pergunta não exigia uma resposta profundamente fundamentada. Ele estava seriamente preocupado que eu pudesse ter tomado a decisão errada.

— Eu preciso de uma mudança de cenário, Alec, e meus filhos também. Estamos todos prontos para algo diferente. Preciso começar de novo em algum lugar onde as memórias não sejam tão dolorosas.

Eu estava sendo sincera. Ainda era difícil dormir na cama que dividi com Tommy por quinze anos, mas não me senti culpada por me casar novamente. Minha dor por perder Tommy não diminuiu o que eu tive com Grizz. Mas esse sentimento permanecia comigo. Eu perdi Tommy, assim como Mimi e Jason também o perderam.

Alec evitou meus olhos.

— E se eu dissesse que Paulina e eu não vamos dar certo, afinal? Você poderia ficar o tempo suficiente para talvez me dar, nos dar, uma chance?

Ele olhou para mim e eu sei que minha boca deveria estar pairando entreaberta. Tenho certeza de que estava corando, também, mas não precisei pensar na minha resposta. Eu sabia qual

era, apenas não sabia como dizê-la. Ele reconheceu meu desconforto.

— Eu já esperava por isso. Sei qual é a sua resposta e estou envergonhado por colocá-la na posição de ter que me decepcionar. Sinto muito, Ginny.

— Não há necessidade de desculpas, Alec — O alívio tomou conta de mim. Comecei a me levantar e juntar minhas coisas quando ele me perguntou uma última vez:

— Sei que ainda temos algumas finanças para acertar com o negócio, então nos falaremos em breve, mas você me faria um favor? Depois de decidir para onde vai se mudar e se instalar, manterá contato? Você vai me deixar saber que está bem? Você pode me prometer isso?

Eu estava de pé *agora* e olhei para ele, pensando seriamente em como lhe responder. Era esse o Alec que estava apenas sinceramente preocupado com o meu bem-estar ou eu tinha que me preocupar com ele aparecendo um dia na porta de casa? Decidi que a melhor maneira de o responder era com honestidade.

— Alec, se eu mudar e começar de novo, como quero, significa que tenho que quebrar alguns laços. Deixar algumas pessoas e relacionamentos para trás. Eu sinto muito.

— É justo — respondeu com um aceno da cabeça, seu sorriso pequeno e triste dizia que ele aceitava que o barco havia navegado além do porto e que não voltaria.

\*\*\*

Duas semanas depois, Grizz e eu estávamos em um quarto de hotel espaçoso nos arredores de uma cidade mediana, em Montana, onde poderíamos dirigir 45 minutos em qualquer direção e visitar várias cidades menores. Descobri que a *Internet* era um recurso fabuloso para tudo o que eu queria saber sobre esses pequenos lugares.

Limitei nossa pesquisa a três regiões que atendiam aos critérios de toda a família. Mimi e Jason ficaram com Carter e Bill enquanto Grizz e eu fizemos uma longa viagem para fazer uma visita preliminar. Se gostássemos do que víssemos, levaríamos as crianças na próxima viagem.

Havíamos passado dois dias visitando as cidades de nossa lista e *agora* estávamos discutindo isso no enorme chuveiro de azulejos do hotel.

— Eu gosto de todos os três — admiti a Grizz. — Realmente gostaria de trazer as crianças e deixá-las visitar as escolas antes de saírem para as férias de verão. O que você acha?

Eu já tinha me lavado e estava parada atrás dele, observando-o enxaguar o cabelo no chuveiro. Seus olhos estavam fechados e a água cascadeava por seu corpo, entre os músculos. Apenas olhar para ele enviou uma dor deliciosamente familiar e bem-vinda através de mim.

— Parece um bom plano — disse ele.

Grizz desligou o chuveiro e usou as mãos para torcer o cabelo comprido. Eu fiz o mesmo e peguei uma toalha que pendurei no topo da porta de vidro, me inclinei propositalmente, movendo meu traseiro para ele enquanto envolvia a toalha em volta da minha



cabeça. Ele me deu um tapa forte no lado direito do quadril e abriu a porta para pegar sua própria toalha.

— Um tapa não é o que eu tinha em mente — provoquei. — E... ai, ardeu!

Ele sorriu para mim enquanto se secava.

— Venha para o quarto.

Algo me ocorreu, então. Essa deveria ser a terceira, talvez a quarta vez desde nosso casamento, que eu propositalmente me inclinei diante Grizz, me oferecendo, e *agora* que pensei um pouco, ele nunca aceitou. Eu sabia que tínhamos gostado dessa posição anos antes. O que mudou?

— *Oh!* — disse em voz alta, levando a mão à boca quando uma possível razão me ocorreu.

— “*Oh!*” o quê? — Ele parou diante do espelho, secando o cabelo com a toalha.

— Acabei de perceber que, quando me curvo assim, devo trazer de volta algumas lembranças ruins.

Ele enrolou a toalha em volta da cintura e olhou para o meu reflexo com curiosidade, enquanto pegava sua escova de cabelo.

— Lembranças ruins?

— Sim, você sabe... da prisão. Curvando-se. Você me entendeu. — Fiz um movimento com a mão. — Quando os homens estão juntos na prisão e querem sexo, tenho certeza de que estão no chuveiro e eles têm que... — Fiz uma pausa antes de acrescentar: — Se curvar. Não que já tenhamos feito esse tipo de sexo — gaguejei, envergonhada. — Mas a posição pode ser uma reminiscência de algo desagradável.

Mordi meu lábio e ele se virou para me olhar.

— Você teve que se curvar para alguém na prisão? — Meu coração batia forte enquanto esperava sua resposta. Eu não acho que poderia suportar ouvir Grizz ter sido atacado e estuprado naquele lugar horrível.

Na verdade, não sei o que esperava dele, mas certamente não foi o que recebi. Ele começou a rir. Não uma pequena risada. Não. Ele estava rindo tanto que a toalha em volta de sua cintura caiu.

— O que é tão engraçado? — Coloquei minha mão em meus quadris.

— Droga, como eu te amo, mulher! Não. De jeito nenhum, porra, não fui estuprado na prisão. E antes que você pergunte, eu também não fiz isso com ninguém. Não estive com ninguém além de você, desde 1975.

A revelação de que ele tinha sido fiel a mim por mais de vinte e cinco anos me surpreendeu e comecei a dizer a ele como fiquei comovida com o que ele me dizia quando fui interrompida:

— E ver suas belas nádegas apertadas não está trazendo de volta lembranças ruins. Posso garantir isso.

Grizz ainda estava rindo de tudo quando adormecemos naquela noite.

Na manhã seguinte, acordei antes dele. Seus braços estavam em volta de mim, firmes, seguros. O relógio digital na mesinha de cabeceira marcava 7h30. Para nós, ainda era hora de dormir. As cortinas não estavam completamente fechadas e um raio de sol cortava o quarto. Eu me aconcheguei, propositalmente esfregando minhas costas contra sua frente, o que eu sabia que chamaria sua atenção.

Eu tinha razão.

— Você está fazendo isso de propósito — alegou Grizz com uma voz grogue.

— Se não gosta, consiga uma medida de restrição.

— Você acabou de dizer “meu pau na sua mão”? — brincou.

— Não, não foi isso que eu disse, mas sim, poderia ser — ri por cima do ombro.

Ele se afastou e puxou suavemente meu ombro para que eu estivesse deitada de costas, mas eu o parei.

— Não, eu não quero ficar deitada.

— Sem problema, vou me deitar. Sinta-se à vontade para vir junto.

— Não, Grizz — neguei a ele, olhando por cima do ombro para que eu pudesse ver seu rosto. — Eu quero que você me coma por trás. Gostávamos de fazer amor, comigo de quatro. Pelo menos, eu gostava, pensei que você também... até ontem à noite no chuveiro.

Algo estava acontecendo e eu queria uma resposta.

Ele me rolou com força para o lado, apoiado em um dos cotovelos, e seus olhos verdes ficaram sérios quando cruzaram com os meus. Seu cabelo comprido caiu no meu peito, fazendo cócegas. Levantei minha mão e acariciei suavemente seu bíceps fortemente tatuado e musculoso.

— Por que, Grizz? Por que você não vai mais fazer amor comigo nessa posição?

— Não é que eu não queira, Kit — começou ele, sua voz soando equilibrada e mais profunda do que o normal. — Simplesmente não estou pronto.

— Não entendo.

— Não estou pronto para fazer amor com você sem ver seu rosto. Passei tanto tempo sem você que acho que ainda sinto a necessidade de olhar em seus olhos, para ter certeza de que você é real. É só isso, querida. Nada está errado.

— De verdade? — Aquela era a última explicação que eu esperava e tenho que admitir, realmente, que aqueceu meu coração. Especialmente vindo dele.

— De verdade — afirmou suavemente enquanto beijava a ponta do meu nariz.

Isto posto, eu o empurrei para trás e joguei as cobertas no carpete, indo até o final da cama e assumindo minha posição. Capturando seu olhar no espelho, que estava pendurado sobre cada cômoda em cada quarto de hotel, eu balancei minhas costas para ele. Grizz fez algo que eu não esperava, mordendo-me no lado esquerdo da minha bunda. Ele nunca tinha feito isso antes. Não foi doloroso, apenas me assustou e eu gritei.

— Desculpe, Kitten. Você consegue instigar o melhor e o pior de mim — ele disse, sua voz baixa e gutural. — E eu tenho que dizer, sei que xingar não é sua praia, mas se bem me lembro, você costumava fazer uma exceção no quarto. Costumávamos gostar disso. Pelo menos eu gostava e pensei que você também. — Ele levantou uma sobrancelha e eu sorri ao ouvir minhas próprias palavras sendo jogadas de volta para mim.

Olhei no espelho e o fitei em seus olhos enquanto Grizz se ajoelhava atrás de meu quadril, suas mãos segurando firmemente minha cintura.

— Só cale a boca e me foda — disse a ele.

# Capítulo 66

## Grizz, 2002 - Fort Lauderdale

Os quatro amigos se sentaram na varanda aos fundos da casa de Carter e Bill. Ginny e Grizz estavam compartilhando detalhes de sua próxima mudança. Depois de voltar de Montana, eles fizeram uma viagem rápida com Mimi e Jason, a fim de deixá-los visitar as escolas que iriam frequentar. Depois de decidir que uma cidade, em particular, oferecia tudo o que queriam, eles começaram a olhar às poucas casas que Ginny havia encontrado em suas pesquisas na *Internet*.

— Então, você vai comprar a casa? — Carter tomou um gole de seu chá gelado.

— Não. — Ginny balançou a cabeça. — Fizemos um depósito, por agora. Vamos alugar por um ano enquanto procuramos um imóvel. Esperançosamente, encontraremos um que gostaremos. Se não, provavelmente, vamos construir do zero.

— Construir pode ser uma dor de cabeça, no entanto.

— Eu sei, mas Grizz adora construções. Lembre-se: ele praticamente morava aqui quando construímos esta casa. — Ginny olhou para Grizz e acariciou gentilmente seu braço. Ela olhou de relance entre ele e Bill, então soube que algo estava acontecendo. — Não foi? Você não adorou vir aqui quando construímos esta casa?

Grizz se sentou na cadeira do pátio e a encarou.

— Na verdade, não, querida.

— O que você quer dizer com “na verdade, não”? — Ela franziu o cenho. — Você sempre esteve aqui!

Ele não respondeu, então ela o encarou, depois para Carter e finalmente para Bill. Ela se sentia como se estivesse prestes a se tornar o alvo de alguma piada interna.

—Eu tinha outro motivo para estar aqui. Estava supervisionando algo. Eu precisava ter certeza de que tudo estava certo.

— Certificar-se de que foi feito certo? — perguntou ela com uma curiosa inclinação de sua cabeça.

Grizz se levantou e ofereceu a ela sua mão. Ginny a pegou e se levantou.

— É mais fácil mostrar para você.

Ela caminhou um tanto nervosa enquanto ele a conduzia escada abaixo, em direção à garagem e a casa de hóspedes do segundo andar. Ela o seguiu pelas escadas laterais e pela porta. Eles estavam, *agora*, no quarto onde haviam recuperado seu telescópio no último Dia de Ação de Graças. Ela olhou ao redor da sala, então de volta para ele. Grizz caminhou até o pequeno armário do quarto e o abriu.

— Venha aqui — chamou ele.

Ginny se aproximou e viu o momento em que ele enfiou a mão no armário e abriu o que ela sempre pensou ser uma caixa de disjuntor elétrico. Ele apertou um botão e ela ouviu o que parecia ser algum tipo de trava sendo aberta e a parede traseira do armário se abriu.

— Uma sala secreta? Sério, Grizz? — Seus olhos se arregalaram.

— Sim, sério. — Ele deu a ela um sorriso deslumbrante. — Eu originalmente fiz para ser mais um abrigo ou... como eles os chamam agora? Quartos do pânico?

— Quão atencioso da sua parte criar um quarto do pânico que eu não saberia encontrar, já que nunca soube que existia. — Ela revirou os olhos e tentou reprimir um sorriso.

— Fiquei tão complacente depois que nos mudamos que não achei que precisaríamos, obviamente não precisávamos. Então, depois que fui preso, não havia mais uso para isso. — Ele fez uma pausa. — Mas está sendo usada, agora. Vamos lá.

Ele teve que se abaixar para entrar e Ginny o seguiu por uma escada em espiral extremamente estreita, feita de ferro. Ela parou na base da escada e vagorosamente examinou a sala. Soube imediatamente o que estava vendo.

— Bill.

Grizz assentiu.

— É onde ele faz todas as suas coisas de computador. Já disse que o conhecia da prisão e que o mandei para Carter, para um trabalho. Quando eles se apaixonaram e ele se mudou, contei-lhe sobre o quarto. Ele estava fazendo tanta merda por mim, você sabe, apagando tudo que podia encontrar a meu respeito... bem, vamos apenas dizer que eu queria que ele tivesse um lugar seguro para continuar fazendo isso.

— Então é por isso que você concordou em deixar Carter morar aqui contanto que a garagem estivesse fora dos limites. Achei que fosse por causa dos carros e de suas motos, mas não. Você não queria que ninguém bisbilhotasse a casa de hóspedes e encontrasse esta sala.

Ele assentiu com minha conclusão.

— Então, onde estamos exatamente? — Ela olhou em volta como se tentasse se orientar. — Sinto que descemos dois lances de escada.

— Nós descemos. Estamos embaixo da garagem.

Ela olhou ao redor, então pairou os olhos sobre ele, inclinando a cabeça.

— Quer dizer que... você realmente não gosta de reformas?

Grizz balançou sua cabeça em negativa.

— Não. Eu meio que sempre as odiei. Eu estava aqui apenas para garantir que essa sala fosse feita da maneira certa.

Ela encolheu os ombros.

— OK. Interessante, mas não assustador — afirmou a mulher com naturalidade enquanto se virava e começava a subir as escadas. De forma provocadora, ela gritou por cima do ombro: — Acho que devo insistir que façamos nossa casa do zero, em Montana, só para deixá-lo infeliz.

— Você está chateada? — perguntou enquanto a seguia escada acima. Seu peso fez com que a escada de metal se movesse um pouco e ela agarrou o corrimão. Ele veio por trás dela e colocou as mãos em sua cintura, em suporte.

— Não, não mesmo. Acho que estou aliviada por não haver *nenhum* cadáver aqui. Eu não sabia no que estava me metendo e você é um homem de surpresas. — Ela se virou em seguida, uma expressão preocupada em seu rosto. — Não há corpos enterrados aqui, há, Grizz?

Ele deu a ela um meio-sorriso.

— Não, baby. Sem corpos. Eu prometo.



Eles voltaram à varanda, onde Carter e Bill ainda estavam sentados, exceto que *agora* a mesa estava coberta com comida. Aparentemente, Carter fez alguns sanduíches, acompanhamentos e trouxe bebidas geladas.

— Bela *Batcaverna*, Bill. Você realmente gosta de coisas de computador, não é? — Ginny deu-lhe uma cotovelada enquanto se sentava à mesa do pátio.

— É coisa minha — respondeu um tanto tímido.

Eles estavam almoçando quando Ginny introduziu um assunto que estava pesando muito em seu coração e ela queria — precisava — ouvir a opinião de quem mais amava.

— Nós nos separamos e não consigo descobrir o porquê, mas há algo em mim que está me dizendo que está tudo bem, que talvez eu não deva forçar *nada*.

Ela então descreveu o que entendia como sendo a perda de sua amizade com Sarah Jo.

— Tenho tentado me encontrar com ela desde que voltamos da casa de Micah, sem mencionar as dezenas de vezes que entrei em contato no ano passado ou mais e, se eu não a conhecesse, diria que está me evitando.

Ela não percebeu Grizz enrijecer ou o olhar que Carter e Bill trocaram.

— Bem — Carter disse suavemente —, talvez seja sua intuição e você deveria dar ouvidos. As pessoas se separam, Gin. Acontece.

— Eu sei, mas se eu não tivesse estado tão envolvida na morte de Tommy e na dele — ela acenou com a cabeça em direção a Grizz —, eu teria me esforçado mais. Você percebe que estamos

nos mudando e não vou deixar com ninguém, exceto vocês dois, Anthony e Christy, uma forma de falar conosco? Eu estaria cortando Sarah Jo para sempre. Quero dizer, além de Grizz, ela é minha amiga mais antiga. Não tenho certeza se posso fazer isso. Especialmente sem saber o que se interpôs entre nós.

Ela olhou para Grizz e viu sua mandíbula se apertar. Ele não olhava para ela.

Antes que Ginny pudesse perguntar o que havia de errado, o celular em seu bolso começou a tocar.

— Com licença — disse enquanto estendia a mão para pegá-lo. — Eu sempre atendo no caso de ser a escola, mas neste caso... — ela olhou para o telefone — é um número local que não reconheço.

Mesmo assim, optou por atê-lo. Eles observaram quando ela surgiu uma expressão de surpresa em seu rosto.

— Stan? — Ela colocou a mão sobre os lábios e sussurrou: — Nem me fale sobre conexão de pensamento... — Então, voltou ao tom normal: — Sim, Stan, é claro, eu irei.

Ginny desligou o telefone e olhou para o marido e os amigos.

— Essa foi a conversa mais estranha de todas. Acho que Stan nunca me ligou.

— E porque estava te ligando, agora? — A postura corporal de Grizz havia mudado e seus sentidos estavam em alerta. Ele não estava tendo uma boa sensação.

— Sarah Jo está no hospital e ele quer que eu a veja, quer que eu converse com ela.

— No Hospital? — Carter agitou os cílios, surpresa. — Ela sofreu um acidente?

— Não. — Ginny se levantou. — Ela não sofreu um acidente.  
Pelo visto, ela foi internada em um hospital psiquiátrico.

# Capítulo 67

## Grizz, 2002 - Fort Lauderdale

— Obrigado por ter vindo — Stan agradeceu enquanto me puxava para um abraço.

Stan era um homem bonito, sempre bem cuidado e com as melhores vestes. Mas *hoje* ele parecia absolutamente horrível. Era obvio que não tomava banho ou dormia há dias. Eu me libertei de seu abraço e olhei em seus olhos injetados de sangue.

— O que está acontecendo?

Ele me levou a uma sala de espera privada e fechou a porta atrás de nós, fazendo um gesto para que eu me sentasse, conforme ajeitava-se na cadeira diante de mim. Era óbvio que Stan tinha conexões e influência, porque embora eu nunca tivesse visitado um hospital especializado em tratamento psiquiátrico, eu sabia que essa não era a norma padrão. Essa sala tinha móveis de bom gosto e caros que lembravam aos de uma cobertura multimilionária na praia.

— Vou lhe contar o que sei, ou pelo menos o que acho que sei — disse com a voz trêmula.

Eu concordei.

— Na época em que você e Tommy estavam tendo problemas, acho que foi bem na época em que você voltou para casa depois de ficar com Carter, Sarah Jo começou a bater sempre na mesma tecla sobre a mudança de Fort Lauderdale. E não seria uma mudança apenas para longe daqui, mas fora do país. Fiquei surpreso porque recebi algumas ofertas fantásticas de fora dos

Estados Unidos, mas então ela sempre torcia o nariz para elas, insistindo que nunca iria embora.

Eu endureci com a menção da minha breve separação de Tommy, mas não o interrompi.

— Era tão diferente dela, Ginny. Fort Lauderdale sempre foi a casa de Sarah Jo, e sua insistência em ir embora parecia tão surreal quanto a sua revolta com a ideia. Mas, eu a amo e faria qualquer coisa por ela, então concordei em só... dançar conforme a música.

Peguei sua mão e a segurei na minha. Sua palma estava fria e úmida.

— Achei que estávamos nos aproximando de uma decisão sobre para onde ir quando Tommy foi baleado. Então me disse que você não suportaria que ela fosse embora e... céus, não estou culpando você, Ginny. — Ele esfregou o rosto com a mão.

— Está tudo bem, Stan, eu sei que você não está me culpando por *nada*. Continue.

Ele olhou para mim com os olhos vermelhos e engoliu em seco.

— Foi simplesmente estranho. De repente, Jo desistiu da mudança em um piscar de olhos, a mesma mudança que ela tinha sido inflexível, mas eu entendi porque ela disse que queria estar lá, ao seu lado, por você. Mas ela não estava lá, estava?

Mordi meu lábio, considerando cuidadosamente minha resposta. Eu não sabia para onde aquela conversa estava indo.

— Percebi que também tínhamos nos separado, Stan — comecei. — Ela estava lá para no funeral, mas você está certo. Eu não a vi muito antes disso ou depois. Almoçávamos ocasionalmente, mas não era a mesma coisa. Era como se

fôssemos estranhas desempenhando o papel de duas pessoas que deveriam ser amigas. Nossas conversas estavam quase programadas. Perguntamos todas as coisas esperadas sobre nossos filhos e nossas vidas, mas não parecia certo. Eu mesma já me perguntei sobre isso.

Ele tirou sua mão da minha e recostou-se na cadeira, passando-a pelo cabelo curto.

— Começou a piorar depois do Natal.

— Como? — Minha curiosidade e preocupação aumentaram.

— Eu pensei muito sobre isso, Ginny. Ela está aqui há quase duas semanas e, como eles não veem *nenhuma* melhora, estou me arriscando aqui. Estou desesperado e me agarrando a qualquer coisa. Ou você será o melhor para ela ou o pior. Eu honestamente não sei, mas estou sem mais opções.

— Do que está falando?

— Posso apenas te mostrar?

Silenciosamente, segui Stan por um longo corredor. Ele acenou com a cabeça para uma mulher no posto de enfermagem, que se levantou e nos acompanhou até uma nova sala. Havia uma porta com uma pequena janela transparente. Enquanto a enfermeira a estava destrancando para nós, eu fiquei na ponta dos pés e pude ver Jo sentada em uma cadeira confortável e macia. Ela estava segurando um bicho de pelúcia e olhando para algo que não estava no meu campo visual.

Segui Stan e ouvi a enfermeira sair silenciosamente, fechando a porta atrás dela.

— Querida, trouxe alguém que quer ver você. Sarah Jo, Ginny está aqui.

Sarah Jo olhou lentamente para Stan e depois para mim. Ela sorriu, então se conteve. Seu sorriso foi imediatamente substituído por outra coisa. Medo? Não. Não era medo. Quase parecia... um alívio.

Ela pulou e correu para mim, me abraçando com tanta força que quase não consegui respirar.

— Você não vai deixá-lo me machucar, vai? Você vai me proteger, não é, Ginny? Você é minha melhor amiga e sei que me perdoará por tudo que fiz para machucá-la. Não é? Diga que você vai me proteger dele. Por favor, diga-me isso, Ginny. Por favor.

Stan soltou suavemente o aperto de Jo de meu corpo enquanto eu olhava em sua direção, atônita, conforme ele respondia a ela. O que estava acontecendo? Stan estava abusando dela ou algo assim?

— Stan nunca faria mal a você, Jo. Stan te ama. Eu não preciso proteger você de seu marido. Você está segura, Sarah Jo.

Eu quase me engasguei com sua resposta.

— Não Stan. Eu sei que ele nunca me machucaria. É o Grizz! Grizz quer me matar, Ginny! Ele está vivo e está vindo atrás de mim por todas as coisas ruins que fiz a você, a ele e a Tommy.

# Capítulo 68

## Grizz, 2002 - Fort Lauderdale

Ele esperou com Carter e Bill, torcendo que Ginny ligasse ou aparecesse de novo, mas ela não o fez. Suas ligações para ela foram direto para a caixa postal.

Grizz voltou para sua casa em Laurel Falls e desenterrou o diário de Moe. Ele começou a ficar um pouco impaciente quando percebeu que estava nervoso com a ideia de Ginny ir ver Sarah Jo. Se aquela ligação de Stan fosse sobre o que ele pensava que era, o diário, junto com o que Carter e Bill haviam lhe dado, deveria ajudar a lançar alguma luz sobre as coisas.

Tudo o que ele podia fazer *agora* era esperar.

Ele ficou na janela da frente com os braços cruzados e olhou para fora. Parecia estranho. Grizz era muito reservado, de tal forma que sempre mantinha as cortinas fechadas e certamente nunca se preocupou com o que estava ou não acontecendo em sua rua. E não havia muito para ver *agora*. Alguns carros passaram e um casal de idosos, que havia recentemente se mudado para a rua, estava passeando com seu grande *poodle*. Ele só sabia que eles tinham acabado de se mudar porque um dia viu a van da mudança em seu caminho para o trabalho. Grizz enrijeceu enquanto observava o cachorro deles agachar-se em frente à sua caixa de correio e fazer uma imensa sujeira. Então era aquela criatura que estava deixando aquelas pilhas de merda gigantescas. Recentemente, ele teve que levar uma porra de uma pá para verificar sua correspondência. Não importava, *agora*. Ele não viveria aqui por muito mais tempo, então



deixou isso de lado e decidiu que os próximos locatários teriam de lidar com isso.

Grizz observou enquanto a simpática garota da casa ao lado estacionava na frente de sua propriedade. Rosa limpava sua casa e costumava fazer suas compras. Ele decidiu, depois da única vez que apareceu no armazém de Ginny, que estava errado em chamar a atenção para si mesmo quando não era necessário. Além disso, Rosa ficou mais do que feliz em ganhar um dinheirinho extra. Ele deixaria uma lista e dinheiro para a garota sempre que ela limpasse tudo, e seus mantimentos seriam entregues até o final do dia.

Desde que voltou a estar com Ginny, no entanto, disse a Rosa que não precisava mais dela para fazer compras. Ginny sempre aparecia com uma sacola de mantimentos e cozinhar era uma coisa que gostavam de fazer juntos. Ele sabia preparar alguns pratos, mas na verdade não gostava de fazer isso, então usou tal desagrado como uma desculpa para se sentar à mesa e olhar à bunda dela enquanto ela cozinava.

Grizz sorriu para si mesmo.

Nesse momento, um carro estacionou atrás do de Rosa. Grizz observou sua linguagem corporal mudar quando ouviu o carro e se virou para ver quem havia estacionado em sua garagem. Ela pareceu enrijecer e colocar um sorriso, que ele tinha certeza de que era falso, quando um cara saiu do carro e caminhou até ela. Grizz conhecia aquele tipo. O que uma garota quieta, estudiosa e trabalhadora como Rosa estava fazendo com um “*punk* idiota total”?

Suas sobrancelhas franziram enquanto estudava a cena. O cara a puxou para tão perto que seus corpos se tocaram. Grizz viu quando ele alcançou seu rosto e o que quer que ele estivesse

dizendo claramente a estava deixando desconfortável. Seu sorriso de escárnio pretendia intimidar e o homem não conseguia esconder o fato de que estava gostando de assustar a garota.

Grizz costumava comer caras como esse no almoço. Era quase jantar e seu estômago roncou. Ele estava com fome e estava frustrado. Onde diabos estava Ginny?

Assim, fechou as cortinas e saiu pela porta da frente.

— Justin, não. Por favor, Justin! Você está apertando com muita força. Você está machucando meu braço! — Os olhos de Rosa estavam arregalados.

— Você não pode me dizer não. Você sabe disso, não sabe, passarinho? Ninguém me diz não.

Grizz podia ouvir a ameaça sussurrada quando ele se aproximou do casal, sem ser notado.

Sabendo a preciosidade de cada minuto, Grizz anunciou-se em voz alta:

— Não.

Ambos se viraram ao som de sua voz e Justin soltou Rosa em um lampejo inesperado, com seus olhos redondos e bem abertos. Ela deu um passo para trás e Grizz percebeu como ela estava tremendo.

— Este é um amigo seu, Rosa? — Grizz perguntou quando chegou perto deles, casualmente se encostando no carro de Rosa e cruzando os braços sobre o peito.

Justin deu-lhe uma olhada, primeiro com um olhar hesitante, que foi rapidamente substituído por uma falsa bravura. Ele decidiu que o grande cara tatuado não era uma grande ameaça. Além disso, tudo o que precisava fazer era dar um telefonema e seus

*manos* estariam em cima daquele filho da puta como moscas sobre a merda.

Ele zombou de Grizz.

— Não é da porra da sua conta, *hombre*.

Justin começou a estufar o peito e dizer mais alguma coisa quando Grizz empurrou a lateral do carro e caminhou até ele.

— Qual você quer comer, *hombre*? — Sem esperar uma resposta ou sequer tirar os olhos daquele protótipo de homem, Grizz ordenou: — Entre, Rosa. Vai ficar tudo bem. Esse pedaço de merda não vai mais te incomodar. Diga a seus pais para não se preocuparem. Eles não precisam chamar a polícia.

Ela fez o que lhe foi dito e ambos ouviram a porta da frente abrir e fechar.

— Qual você quer comer? — repetiu.

— Do que você está falando, cara? — Justin franziu o cenho. — A única coisa que vou comer são os pequenos pedaços do seu traseiro quando meus *manos* aparecerem aqui mais tarde.

— Eu reconheço as tatuagens. — Grizz rosnou. — Conheço seus... “manos”. Vou te dar mais uma chance. Sua escolha. Qual deles você quer comer? A sobancelha, a orelha ou o nariz? Se não escolher, eu escolherei por você.

— Você está totalmente fodido da cabeça, cara.

— Minha escolha, então — concluiu Grizz.

Antes que Justin pudesse reagir, Grizz o agarrou pela garganta e arrancou o piercing em formato de anel pendurado em seu nariz. O garoto estava tão atordoado que não conseguia reagir. Ele uivou de dor quando Grizz o girou e o segurou por trás em um

estrangulamento, forçando-o a abrir a boca, apertando sua mandíbula.

— Você deveria ter dito a orelha. Teria sido menos doloroso.

Ele enfiou o piercing ensanguentado na garganta do garoto.

— Engula.

Grizz sussurrou algo no ouvido de Justin que fez seus olhos se arregalarem. Ele então o soltou e o empurrou em direção ao carro, reiterando:

— E é por isso que você não vai voltar aqui. Estou certo?

Tremendo, Justin assentiu e se atrapalhou com a porta do carro. Ele entrou e foi embora. Só então, Grizz notou Ginny estacionar em sua garagem, ao lado.

Quanto ela tinha visto?

# Capítulo 69

## Ginny, 2002 - Fort Lauderdale

Fiquei em sua sala de estar e apenas olhei para ele. Eu propositalmente deixei suas ligações irem para a caixa postal e, claro, ele não havia deixado uma mensagem. Nenhum de nós falou, uma tática que ele próprio havia me ensinado. Quem seria o primeiro a quebrar o silêncio.

Mas eu não tinha mais tempo para isso.

— Pode começar, Grizz. Tenho a impressão de que há muito que você quer me dizer.

— Sente-se, Kit. — Ele gesticulou para seu sofá.

— Eu realmente não estou com vontade de me sentar.

— Ok, então. Vou começar dizendo que o *punk* da porta ao lado estava abusando de Rosa. Eu o impedi.

Balancei a cabeça de um lado para o outro, minha preocupação por Rosa rapidamente substituindo qualquer angústia que eu tive depois de ver Stan e Sarah Jo.

— Sei que não foi a coisa mais inteligente a se fazer, especialmente por estarmos tão perto de partir. Mas eu reconheci as tatuagens. Eu estava encarregado do grupo dele na prisão. Eu só tinha que mencionar uma palavra do código que exercesse a influência certa e que o fizesse ter noção que viriam atrás dele. Isso o assustou. A última coisa que ele fará é criar problemas. Mais do que provavelmente, ele já deve estar fazendo as malas.

Eu não disse *nada* e desviei o olhar, assentindo em compreensão.

— Ele estava machucando Rosa, Ginny. Assustando-a e machucando-a fisicamente. Houve um tempo em que você costumava me implorar para resgatar pessoas como ela.

— Você está certo — disse passando a mão pelo cabelo. Houve muitas vezes em nosso passado, vezes demais para sequer conseguir contar, nas quais eu o usei para intervir em nome de alguém. Eu não tinha o direito de ficar chateada por ele *agora* estar fazendo isso sozinho, sem minha orientação. Na verdade, Grizz estava me mostrando que poderia ter compaixão por alguém que precisava de ajuda. O modo como ele lidou com a situação não me deixou feliz, mas o fato de ele sentir necessidade de ajudar Rosa aqueceu meu coração. Eu não pude deixar de sorrir.

— Mas, você não poderia simplesmente ter falado com ele para não a incomodar mais? — sugeri, já sabendo a resposta. Ele viveu e morreria por um código que aprendeu nas ruas e nos últimos quinze anos que passou na prisão. Seu instinto de extinguir qualquer um que não seguisse esse código ainda fervilhava nele, em suas veias, logo abaixo da superfície.

Sua sobrancelha levantada foi sua única resposta.

Só então, houve uma batida na porta e nós dois nos olhamos. Ele foi até as cortinas e espiou com cautela.

— São os pais dela.

*Por favor, Deus, não os deixe estar aqui para criar problemas,* orei silenciosamente.

Grizz abriu a porta da frente e pude ouvir duas vozes falando rapidamente em espanhol. Eu consegui entender algumas palavras. Obrigado. Gratidão. Um anjo do céu. Duvido que tenha ouvido esse último direito. Grizz havia sido chamado de muitas coisas e eu

aposto meu braço direito que “um anjo” não foi uma delas. Meu peito relaxou, os pais da garota não estavam ali para causar problemas, mas para agradecê-lo. Suspirei de alívio.

Se despedindo, ele chutou a porta fechando-a atrás de si.

— Consegui o jantar. — Foi tudo o que ele disse enquanto carregava os pratos de comida, que obviamente haviam sido entregues em agradecimento, para a cozinha. O aroma de bife de saia, feijão preto e banana frita era tentador, mas comer não era uma de minhas preocupações imediatas.

— O jantar pode esperar — determinei quando o segui. — Diga-me primeiro o que você fez ou tem feito com Sarah Jo. Diga-me por que ela acha que o espírito de Tommy enviou seu fantasma para assombrá-la. — Minha voz quase o implorou, no final.

Grizz colocou as travessas no balcão e se virou a fim de olhar para mim. Ele encostou as costas no balcão e me lançou um olhar fixo.

— Não fiz *nada* com ela. Eu a observei desde o Natal, no entanto. Fiquei de olho para ter certeza de que ela não estava fazendo *nada* com você. Talvez ela tenha pensado que me viu uma ou duas vezes. Não posso dizer com certeza.

— O quê? — Bati na têmpora com a mão direita e balancei a cabeça, tentando entender o que ele estava me dizendo. — Por que diabos você pensaria que ela faria algo comigo?

Ele olhou para a mesa da cozinha e eu segui seu olhar. Não reconheci o objeto, a princípio, mas quando o fiz, fui até ele e o apanhei, segurando-o entre nós.

— É o que eu acho que é?

Grizz assentiu.

— Como conseguiu isso? Eu vi Tommy jogá-lo fora, embalá-lo e levá-lo para as latas de lixo. Você estava fora da nossa casa? Estava vigiando minha casa?

Meu último comentário saiu em um guincho estridente. Mas ele balançou a cabeça, confuso.

— Não sei *nada* sobre isso. Provavelmente, *eles* estavam ouvindo e mandaram alguém buscar. Eles me deram da última vez que os encontrei.

— E o que o diário de Moe poderia ter a ver com Sarah Jo, Grizz?

Ele o tomou de mim e pegou minha mão, me levou de volta à sala e insistiu que eu me sentasse. Eu o fiz. Grizz folheou algumas páginas enquanto eu o observava.

Quando chegou a uma determinada página, ele me devolveu o diário e disse uma única ordem.

— Leia.

Seu tom não abriu espaço para discussão. Pude sentir a cor se esvaindo do meu rosto enquanto lia sobre a culpa que Moe sentia por participar involuntariamente do meu estupro e quase assassinato. Eu olhei para Grizz e ele imediatamente se sentou ao meu lado, se aproximando para que nossos corpos se tocassem. Seu calor era convidativo enquanto eu revivia o horror daquela noite.

— O que a culpa de Moe, por ajudar a preparar aquela noite, tem a ver com Jo? — perguntei em voz baixa, receosa.

— Continue lendo, baby.

Olhei de volta para a página e pude sentir seus olhos enquanto me observavam. Ele soube o instante em que li a exata



linha que esperava que eu lesse, pois um reconhecimento óbvio moldou minha expressão. Grizz me puxou para perto enquanto eu deixava o diário cair no chão.

Como se sentisse uma mudança no ar, Rocky saltou de sua caminha estufada e caminhou até mim. Eu mal o notei lambendo meu joelho ou a reprimenda silenciosa de Grizz para voltar à sua cama.

— Não tenho certeza do que isso significa. Eu entendi. Quer dizer, é óbvio que Sarah Jo foi a Wendy, que me fez isso, mas... — Eu não estava falando diretamente com Grizz, mas sim sozinha e olhando para a parede, tentando encaixar as peças. Depois, olhei para ele. — Tommy leu este diário, Grizz. Eu não. Deixei para que ele me dissesse se havia algo que eu precisava saber. Ele nunca me disse isso. — Minha mandíbula enrijeceu. — Se ele suspeitasse disso, tenho certeza de que nunca teria tido coragem de me dizer que Sarah Jo estava por trás de tudo.

Contei a ele o que Stan havia me dito sobre a repentina insistência de Sarah Jo para que eles se mudassem. Tudo parecia fazer sentido, *agora*. O distanciamento entre nós. O constrangimento que pairava sobre nossos ombros.

— Você acha que Tommy era a razão de Jo ter pensado em se mudar? É possível que ele tenha descoberto que ela era a Wendy?

Grizz assentiu.

— Você acabou de descobrir, mas ele a conhecia anos antes de você, então ele teria reconhecido o termo que ela sempre usou. O que Sarah disse quando você a viu?

— Ela divagou, Grizz. Não falava qualquer coisa com sentido algum. Ela admitiu ter feito tudo errado conosco, mas não disse o que era.

Algo me atingiu e senti meu estômago apertar.

— Sarah Jo estava com Tommy quando ele morreu. *Oh*, Grizz! Não, não... por favor, não me diga que o que estou pensando é a verdade.

Eu tinha certeza de que ia vomitar e me levantei a fim de correr para o banheiro. Mas ele me agarrou por trás, puxando-me para seu conforto e embalando meu rosto em seu peito. Meu estômago ainda se agitava, mas o ácido subindo pela minha garganta diminuiu.

— Se acalme, Ginny. Tem mais. Eu tenho uma resposta para você. Carter e Bill me deram algo hoje, depois que você saiu. Isso lhe dará suas respostas. Vamos nos sentar, querida, ok?

Eu estava tremendo, mas não havia lágrimas quando ele me puxou de volta ao sofá. Eu tinha certeza de que chorei o suficiente no último ano para durar uma vida inteira. Não havia mais lágrimas dentro de mim. Ou então assim pensei.

Grizz pegou um toca-fitas que estava em uma de suas mesas de centro. Eu não a tinha percebido quando me sentei.

— Bill teve que colocar isso em uma fita cassete, pois eu não sei como funciona a porra do *CD player* que está nesta casa. Além disso, acho que não queremos ouvir isso saindo em som *surround*<sup>[20]</sup>. Vai ser difícil ouvir, Kit, mas vai te dar algumas respostas. — Ele olhou para mim. — Acha que consegue aguentar isso, baby?

Endireitei os ombros, determinada a não perder a compostura.

— Sim — sussurrei.

Antes de apertar o *play*, Grizz olhou para mim.

— Carter me disse que no dia em que Tommy foi baleado, ela viu Sarah Jo te abordar no hospital. Ela sabia o quão próximas vocês duas eram e sentiu que algo estava errado com Sarah Jo, então me contou que tropeçou nela e propositalmente arrancou o pingente que ela carrega no pescoço.

Eu balancei a cabeça, lembrando do incidente.

— Carter mandou o pingente para Bill consertar — comentei.  
— Ele devolveu mais tarde naquele dia, eu acho.

— Sim, ele o consertou. Mas também fez outra coisa. — Esperei com o ar preso na garganta. — Bill colocou uma pequena escuta, nele. Ele e Carter foram capazes de ouvir tudo que Jo disse quando ela estava usando aquele pingente.

Senti uma mão gelada envolver meu coração.

— Ela o estava usando no quarto do hospital quando Tommy morreu — acrescentou em uma voz suave.

— Estou bem. Pode colocar a fita. — Eu reconheci a falsa bravura em meu tom de voz.

— Tem certeza de que está pronta para ouvir?

— Sim. — Balancei a cabeça ao interrompê-lo e me preparei para a dor que viria ao reviver aquele dia. Eu não tinha ideia do que ouviria de Sarah Jo, mas sabia que acabaria ouvindo meus gritos de angústia e tristeza ao fundo. — Coloque-a, por favor.

Grizz apertou o botão do *play* enquanto eu pegava sua mão livre.

Ouvi os sons do quarto de hospital trazer de volta memórias tão dolorosas que me senti tonta e tive que me esforçar para não desmaiar. Ouvir o chiado constante do ventilador ao qual Tommy havia sido conectado fez com que parecesse que a água gelada invadia minhas artérias. Eu me lembrei de como fiz um *CD* com algumas de nossas músicas favoritas e sempre as tinha tocando em um *CD player* portátil que eu levava ao quarto dele. “*Love Can Make You Happy*”, do The Mercy<sup>[21]</sup>, pôde ser ouvida suavemente ao fundo. Eu apertei a mão de Grizz com mais força quando o som da minha voz me levou de volta ao pesadelo daquele dia:

— Eu volto já. Você quer alguma coisa?

Então veio a resposta de Jo.

— Quero que você faça uma pausa e saiba que não vou sair do lado dele até que você volte, ok?

Lembrei-me de beijar o interior da palma da mão de Tommy e, em seguida, sair da sala. Eu o deixei. Eu virei minhas costas para ele e saí. *Agora* eu estava mordendo o interior da minha bochecha com tanta força que podia sentir o gosto de sangue.

Escutei enquanto as palavras de Jo flutuavam para fora do velho toca-fitas e pairavam no ar. O tom de sua voz, um tom que eu nunca tinha ouvido, parecia doentamente doce. Eu havia ouvido aquele mesmo tom e aquela mesma doçura doentia sendo usadas antes, para descrever o cheiro associado a cadáveres durante a decomposição. Meu estômago embrulhou com o pensamento.

— Stan e eu tínhamos acabado de voltar de Sydney e estávamos visitando amigos em Atlanta quando Mimi me ligou. Eu estava fazendo o que você disse, Tommy. Forçando Stan para uma entrevista no exterior. Mas as circunstâncias mudaram, não é?

Eu olhei para Grizz e tive minha resposta. Então, Tommy descobriu que Jo era Wendy e disse à ela para ir embora, provavelmente com a ameaça de que ele me contaria sobre sua parte no meu ataque.

— Tommy, você sabe como isso seria fácil para mim? Tudo que eu preciso fazer é apertar um dos tubos do seu ventilador e interromper o fluxo de ar. — Minha respiração ficou presa em um nó apertado no alto da garganta. — Ou eu poderia deslizar uma seringa para fora do meu bolso e injetar insulina direto em seu IV. Eu ficaria de costas para as enfermeiras e elas não veriam o que eu estou fazendo. Você já está recebendo uma certa quantidade de insulina, então se eles alguma vez fizessem uma autópsia, o que eu duvido que fariam, por causa da gravidade de seus ferimentos, eles nunca iriam procurar por uma overdose de insulina. Isto seria tão fácil. Muito fácil.

As lágrimas voltaram e minha audição ficou abafada quando meu batimento cardíaco acelerou, fazendo o sangue latejar na minha cabeça. Outra música tocou no *CD player*. A canção de amor sincera, “*Follow You, Follow Me*”, do Genesis<sup>[22]</sup>, estava em total contraste com a conversa sinistra.

— Mas eu não vou fazer isso. Você sabe por quê? Porque eu sinto muito. E como eu disse antes, Tommy, eu te amo e amo Ginny. Quero que isso pare. Quero que tudo acabe.

Então ouvi fungadas e pensei que talvez Jo tivesse começado a chorar.

— Eu nunca poderia machucar você, Tommy. Você era meu melhor amigo antes de Ginny aparecer.

Ela soluçou em seguida e ouvi o que pensei ser o som dela tirando um lenço de papel de uma caixa.

— Eu não teria contado a Ginny sobre as pílulas de ervas que você deu a ela. Eu nunca a teria deixado pensar que você causou aquele aborto. Eu não os dei a você para dar a ela com a intenção de usá-los contra você. Eu só queria machucar Grizz. Não você e Ginny. Eu nunca quis machucar vocês. — Ela fungou ruidosamente. — Você tem que acreditar em mim, Tommy! Ver você aqui, assim, tão vulnerável e chegando tão perto da morte, está rasgando meu coração. Não deveria ser assim. Eu quero que a gente comece de novo. Quero deixar todas as lembranças ruins para trás. Você tem que acordar, Tommy. Eu preciso que você acorde para que possa me perdoar. Por favor, acorde... — Houve uma pausa e então ela sussurrou suavemente. — Grunt. Por favor.

Ela começou a chorar mais forte *agora* e seus soluços estavam ficando abafados. Eu podia imaginá-la inclinada sobre a cama para abraçá-lo, a escuta em seu pingente empurrada contra seu corpo e abafando seus gritos.

Meus ombros cederam pelo alívio, também por lembrar o peso da dor. Eu me endireitei *num* súbito quando ouvi o zumbido alto e estridente do monitor cardíaco de Tommy sinalizando o estresse de seu coração. Pedi a Grizz para desligá-lo quando ouvi os gritos de Jo por ajuda e seus esforços para reanimá-lo.

Eu não precisava ouvir mais *nada*.

— Lembro-me de quando ele me deu aqueles comprimidos para os meus enjoos matinais. Eu nunca os tomei, mas não disse isso a Tommy porque não queria magoá-lo. — Fiquei olhando entorpecida para uma obra de arte pendurada na parede. Era um

abstrato vívido ao qual não prestei muita atenção, mas *agora*, as cores berrantes gritavam comigo. — Eu posso perdoar Sarah Jo por tudo o que foi feito a mim, Grizz. O estupro, a surra, Gwinny, talvez até a tentativa dela de causar meu aborto. Mas eu não acho que posso perdoá-la por deixar Tommy morrer pensando que ele causou isso.

Ele não disse *nada*.

— Por que Carter e Bill deram isso para você? — perguntei sem olhar para ele. — Tommy se foi há mais de um ano.

— Carter e Bill nunca souberam do diário de Moe até que você foi ao hospital, esta manhã. Quando eu disse a eles, Bill me deixou ouvir isso. Eles não disseram *nada* antes porque perceberam que tudo o que aconteceu entre Sarah Jo e Tommy morreu com ele. Ela obviamente não estava lá para machucá-lo e, além disso, eles ouviram seu luto depois e acreditaram que era sincero.

Inclinei-me para ele e aceitei de bom grado o refúgio que seus braços enormes ofereciam.

— Como quer que eu lide com isso, baby?

Eu sabia perfeitamente o que ele queria dizer e meu primeiro pensamento foi atacar Sarah Jo, mas isso não seria algo que eu me via fazendo. Além disso, de forma alguma eu usaria minha dor como uma forma de ele voltar aos velhos tempos. Posso não ter estado com ele nos últimos quinze anos, mas ainda reconhecia aquele olhar. Havia essa antecipação que ele tentou mascarar, mas eu podia vê-la em seus olhos. Sempre soube que você poderia tirar um homem das ruas, mas não poderia tirar as ruas de dentro de um homem; ao menos, não permanentemente.

Mesmo que eu não quisesse que ele machucasse as pessoas, eu também percebi que era *aquela* o Grizz por quem eu tinha me apaixonado. O Grizz que eu ainda amava.

Passei a mão pelo cabelo e me sentei o mais ereta possível. Eu precisava me preocupar em descobrir uma maneira de encontrar o verdadeiro perdão. Sabia que um dia ele chegaria e orei para que esse dia chegasse mais cedo ou mais tarde.

— Ela está se punindo — sussurrei. — Acho que é o bastante.

Eu olhei para ele, então, e disse as cinco palavras que nunca tive tanta certeza de que precisavam ser ditas:

— Leve-me para longe daqui.



# Capítulo 70

## Grizz, 2002 - Carolina do Norte

Grizz se sentou à mesa da cozinha e contou a Micah sobre os eventos de seu último mês na Flórida.

Não foi fácil, pois Ginny alcançou as profundezas de sua alma em busca do perdão que ela sabia que precisava para dar a Sarah Jo. Ela se convenceu de que a única maneira de o encontrar seria fazendo um esforço honesto para ajudar sua velha amiga. Não foi fácil, mas ela fez o possível para visitá-la e a convencer de que Grizz estava morto e não a assombrava. Ela não tinha certeza de que suas visitas ajudaram, mas quando chegou a hora de ir embora, o fez sabendo que tinha feito o seu melhor no pouco tempo que tinha.

Ele também sabia que iria se curar disso, assim como Ginny havia se curado de tudo que já machucou sua alma.

— É uma pena que minha esposa, que não mente, ter que mentir no final — disse Grizz ao seu pai enquanto segurava uma caneca de café. Seus olhos verdes encararam os de Micah. — Ela teve que garantir a Sarah Jo que eu estava morto. Ela pensou que seria a única coisa que poderia ajudar a mulher.

Os olhos de Micah eram calorosos quando ele alcançou o outro lado da mesa e deu um tapinha na mão de seu filho.

— Ela não mentiu. Aquele homem está morto.

Eles não disseram *nada* por alguns minutos.

— Há quanto tempo ela tem esse vírus da gripe? — Micah acenou com a cabeça em direção ao quarto no porão, onde Ginny

dormia. — Ela não conseguiu manter a comida no estômago desde que vocês chegaram. Uma visita ao médico pode ser necessária.

Grizz assentiu.

— Sim, ela começou a vomitar quando atingimos a Geórgia e não tem comido muito desde então.

Todos eles foram convidados para um piquenique em uma das muitas florestas nacionais que havia na Carolina do Norte. Tanto Mimi quanto Jason estavam animados e foram com os outros, mas Grizz decidiu ficar em casa com Ginny e Micah. Ela *agora* estava deitada no quarto do porão que eles compartilhavam. Grizz aproveitou a oportunidade tranquila para informar ao pai sobre tudo o que aconteceu desde que o viu pela última vez, durante as férias de primavera das crianças.

— Então, alguma ponta solta na Flórida?

— Sem pontas soltas — disse Grizz com certo alívio. — Ela vendeu sua parte nos negócios de Tommy ao parceiro dele. A casa foi vendida quase imediatamente e os novos proprietários permitiram que Ginny a alugasse de volta até nossa mudança. Ela vendeu o lugar completamente mobiliado e começou a embalar seus pertences pessoais, despachando suas coisas para um depósito em Montana.

— Se alguém procurasse bem, provavelmente conseguiria descobrir como rastrear esses despachos — comentou o homem. — Poderiam até perguntar às escolas para onde os registros das crianças estão sendo transferidos. Supondo que ela também terá que ter documentos, como a papelada do carro, transferidos, além de obter uma nova carta de motorista. Muita papelada. — Micah

estava preocupado e Grizz não perdeu a pergunta que havia as entrelinhas de sua declaração.

— Isso tudo está sendo tratado por um amigo nosso. — Grizz não precisava entrar em detalhes sobre as habilidades especiais de Bill, e Micah não perguntaria.

O pai acenou com a cabeça.

— Eu sei que ela veio até aqui no carro dela e que você o dirigiu enquanto puxava aquela coisa de “morte sobre rodas”, que você chama de motocicleta. Se você quiser dirigir com eles até Montana, sabe, em um único veículo, eu ia sugerir que você deixasse seu carro e trailer aqui e talvez eu faça uma pequena viagem até lá para uma visita. Posso dirigir até lá e pegar um voo de volta.

Ele desviou o olhar depois de dizer isso. Com todo o sigilo sobre a mudança, Micah não tinha certeza se ele estaria entre as pessoas dizendo adeus permanentemente ao filho que acabara de encontrar. No entanto, nunca reuniu coragem o bastante para sugerir a eles que se mudassem àquela pequena cidade, para morar perto dele.

Micah nunca foi pai e não sabia o que seria considerado agressivo de se dizer. Ele não queria perder a família com a qual Deus o havia abençoado recentemente.

Grizz tomou um gole de seu café e deu ao seu pai um meio-sorriso.

— Parece um bom plano, Reverendo. Mas você tem que vir logo. Não quero perder um verão inteiro sem pilotar a moto com Ginny.

Ele viu o alívio no rosto de seu pai e se levantou da mesa. Grizz queria ver sua esposa. Se ela não estivesse se sentindo nem um pouco melhor, a levaria ao médico local.

As crianças voltaram no final da tarde e encontraram a mãe sentada no sofá, tomando um gole de chá com cuidado. Spooky e Hope estavam aconchegados a ela, Spooky em seu colo e Hope aninhada ao seu lado. Ginny sorriu ao pensar em como a primeira etapa dessa jornada havia sido bem sucedida. Isto é, até que ela contraiu uma terrível infecção estomacal em algum lugar da Geórgia. Ela teve que deixar Mimi dirigir a maior parte dos quilômetros restantes até a Carolina do Norte. Os dois gatos dividiram uma caixa em seu carro enquanto Rocky andava com Grizz e Jason no Chevelle dele.

Agora, Grizz e Micah estavam na cozinha fazendo algumas etapas primárias da preparação do jantar. Ela esperava ser capaz de comer e manter no estômago o que quer que eles estivessem planejando cozinhar.

— Você sabe se virar na cozinha. — Ela ouviu Micah dizer a Grizz em um tom surpreso.

— Você também, Reverendo.

Jason estava animadamente contando a todos sobre dia que ele e Mimi passaram com seus primos.

— Não se chama apenas *Sliding Rock*, mãe. É realmente uma rocha deslizante! A água está correndo sobre ele há, tipo, um zilhão de anos e a tornou lisa.

— Parece que você se divertiu, querido — comentou Ginny para não o desapontar, sua voz soando fraca.

Mimi se levantou para subir as escadas a fim de fazer uma pequena bolsa de viagem para a noite. Ela tinha sido convidada para passar a noite fora com uma prima e queria estar pronta quando a garota fosse buscá-la.

— Antes de Mimi subir para fazer as malas, podemos abrir o presente de casamento que tia Carter e do tio Bill deram para você e James? — Jason perguntou à sua mãe.

Carter e Bill o entregaram nas primeiras horas da manhã, no dia em que partiriam para a mudança definitiva. Ginny já havia entregado as chaves da casa aos novos proprietários e prometido passar a última noite jantando com os Bears.

No entanto, em vez de pegar a estrada depois de escurecer, eles alugaram um quarto de hotel onde Grizz esperava por eles. Anthony, Christy, Ginny e Grizz decidiram que era do interesse de todos que as crianças Bear nunca o conhecessem, então ele esperou no hotel enquanto eles comiam uma das deliciosas refeições nativa americanas caseiras de Christy.

— Não acredito que quase deixei vocês irem embora sem lhes dar um presente de casamento! — Carter comentou a Ginny enquanto ela lhe entregava o presente cuidadosamente embrulhado. — Não abra ainda. Eu sei que você está ansiosa para continuar a viagem. — Ginny olhou para sua amiga e perguntou baixinho:

— Seja o que for, não está respirando, está?

Carter sorriu ao se lembrar do papel importantíssimo de Bill em entregar Spooky, o gatinho preto, para Ginny e Tommy no que já parecia ser uma vida atrás. Ela balançou a cabeça em negação.

— Por favor, mãe! — Jason implorou, interrompendo a memória de Ginny.

— Ainda está na parte de trás do carro, eu acho — disse Mimi.

— Eu vou pegá-lo!

Jason saiu pela porta e voltou para dentro carregando o presente em trinta segundos. Entregando-o à mãe, ele disse:

— James deveria abrir com você. É dele também, mãe.

Grizz secou as mãos em seu jeans e se juntou a eles na sala de estar, sentando-se na mesa de centro de Micah, um velho baú robusto.

— Continue, abra — incentivou ele com aceno da cabeça em sua direção.

No momento em que o presente foi desembulhado, Micah fez seu caminho à sala e deu um passo para trás enquanto Ginny abria cuidadosamente a caixa marrom, simples, mas bela. Ela olhou para baixo e sorriu, mostrando-a a Grizz.

— O que tem aí? O que eles compraram para você? — Jason olhou para a caixa aberta. Ele parecia ligeiramente desapontado.

Grizz e Ginny trocaram sorrisos conhecedores, cúmplices. Sem tirar os olhos dos dele, ela anunciou:

— Acho que há uma coisinha aqui para cada um de nós. Isso seria para você, Jason. — Ela entregou ao filho um estilingue caseiro.

— Legal! — disse enquanto estalava o elástico que estava preso a ele.

Ginny entregou a Mimi um pequeno gorila de pelúcia.

— E eu acho que esse carinha pode encontrar uma casa com você. Mas vou ficar com o cartão que veio com ele. — Ela o removeu cuidadosamente do pulso do gorila.

Ginny entregou a sacola de barbear para Grizz e comentou:

— Aposto que você encontrará uma utilidade para isso, Gri...  
— ela se corrigiu no mesmo instante: — James.

Ele piscou para a esposa.

Por último, ela tirou o álbum de *Barry White*, embalando-o contra o peito.

— E eu ficarei com esse.

# Capítulo 71

## Ginny, 2002 - Carolina do Norte

Eu vasculhei a sala de espera com os olhos, procurando por Grizz, as notícias que acabei de receber pareciam simplesmente não se assimilar em minha mente.

— Isso não é possível! Por favor, verifique novamente, Tammy — implorei à enfermeira que estava me oferecendo um sorriso compreensivo. Ela era prima em segundo grau de Grizz e estava lá, com sua família, na propriedade de Micah no primeiro dia em que o conhecemos. Ela também foi uma das mulheres na noite de jogos e conversa de que participei.

— Eu ficaria feliz em verificar novamente, Ginny, mas tenho certeza de que está correto. Pedirei ao médico para voltar e conversar com você.

*Agora*, avistei Grizz em um canto, envolvido em uma conversa com um homem que não reconheci. Quase desmaiei quando percebi que sua postura corporal, enquanto falava com o homem, me trouxe uma sensação de *déjà vu* — de quando ele costumava conduzir seus negócios às escondidas. Ele sentiu meu olhar, tal que desviou seus olhos para cima. Minha expressão deve tê-lo assustado porque Grizz deu um pulo e veio até mim.

— Te conto tudo no carro — murmurei enquanto me dirigia para a porta, não querendo fazer contato visual com ninguém na sala de espera.

Eu estava andando tão rápido que suas pernas longas estavam tendo problemas para me acompanhar.



— Quem era aquele? — perguntei um tanto abruptamente quando saímos.

— Merlin Shoup. Ginny, o que há de errado? Você está bem? Está doente?

Ele destrancou e abriu a porta do carro para mim.

Lancei a ele um olhar sério, desconfiada e com o medo correndo através de mim.

— Sobre o que vocês estavam falando?

Grizz bateu a porta do carro e rapidamente caminhou até o lado do motorista para se acomodar.

— Ele me perguntou por quanto tempo estaríamos vindo para cá. — Antes que eu pudesse questionar a razão de Merlin Shoup estar interessado em nossa visita, ele acrescentou: — Shoup encontrou dois cães de caça que ou sofreram muito nas ruas ou foram abusados pelos donos. O único abrigo a duas cidades daqui quer sacrificá-los. Ele ouviu de Micah que eu levo jeito com animais e queria saber se estaríamos pela cidade tempo o bastante para servir de abrigo a eles, tentar adestrá-los, ajudar na reabilitação. Ok? Agora me diga o que há de errado!

*Oh, céus, obrigada!* Eu corei, o alívio tomando conta de mim. Engoli em seco antes de arriscar um olhar para ele. A dúvida que *agora* dominava minha mente era não saber como Grizz iria receber a notícia que eu estava prestes a contar. Isso certamente colocaria fim à fase de lua de mel de nosso casamento. Eu estava começando a me sentir excessivamente quente e perguntei se ele poderia ligar o carro e o ar-condicionado. Ele o fez e o rádio imediatamente começou a berrar “*I’m No Angel*”, de *Gregg Allman*<sup>[23]</sup>. Grizz me deu um sorriso malicioso e o desligou.

— Estou grávida, Grizz. Estou grávida. — Eu ergui o rosto e foquei meus olhos no teto do carro, com medo de encontrar seus olhos. — Ainda não consigo acreditar. Eu tinha certeza de que estava perdendo meu ciclo menstrual porque estava entrando na menopausa. Quer dizer, estou com quarenta e poucos anos! Mas, aparentemente, não era menopausa. Era estresse e eu ainda estava ovulando. Eu simplesmente não sei o que dizer. Estou tão chocada comigo mesma por ser tão irresponsável. Eu nem pensei em usar contraceptivos.

Ele bateu no painel com tanta força que pulei.

— Puta que me pariu! Vamos ter um bebê, Kit!?

Olhei para ele e Grizz estava sorrindo tanto que pensei que suas bochechas deveriam doer. Eu só pude concordar. Ele me puxou para perto de seu corpo sobre o console do Chevelle, pegando meu rosto em suas mãos e beijando minha testa, minhas bochechas, meu nariz, meu queixo.

— Achei que você não poderia me deixar mais feliz, Kit. Obrigado, baby. Obrigado pela chance de criar um filho com você. Obrigado.

Eu ainda estava em estado de choque quando voltamos à casa de Micah e anunciamos as novidades às crianças. Eles estavam mais animados do que Grizz.

A realidade estava começando a ser lentamente assimilada. Eu queria — e precisava — deixá-lo saber o que significava ter um bebê. As responsabilidades, o cansaço, a falta de sono, as corridas à meia-noite para a farmácia.

Mas ele respondeu a cada perspectiva negativa que eu pudesse criar com uma resposta positiva. Eu estava começando a

ficar com frio na barriga quando percebi que Grizz realmente queria esse bebê. *Obrigada, Senhor*. Uma última coisa me ocorreu e achei que poderia muito bem verbalizá-la:

— Sabe, as pessoas vão pensar que somos os avós desta criança.

— Foda-se o que as pessoas vão pensar. — Grizz olhou para mim, ainda sorrindo. — Ginny..., vamos ter um bebê!

Mais tarde, naquela noite, toda a família estava sentada na sala de estar de Micah assistindo “*That '70s Show*<sup>[24]</sup>”. Estávamos conversando sobre nossa mudança durante os comerciais. Tínhamos planejado ficar na casa de Micah por apenas mais alguns dias e estávamos discutindo quando ele traria o carro e a moto de Grizz para Montana quando Jason perguntou:

— A gente tem que ir embora tão cedo? Estou me divertindo aqui. Não é, Mimi?

— Hã? — Mimi estava enrolada em uma cadeira com o nariz enfiado dentro de um livro. Ela piscou, pega de surpresa, e olhou ao redor.

— Você está se divertindo aqui? — Jason repetiu. — Perguntei à mamãe e ao James se podemos ficar mais um pouco. Eu gosto daqui.

— Sim, gosto muito daqui também. — Mimi fechou seu livro. — Vou ter que dizer adeus aos primos, que são melhores amigos, melhores do que qualquer um que eu já tive na Flórida.

— Viu? Mimi também quer ficar mais tempo. Precisamos ir embora tão cedo?

Micah interveio:

— Vocês realmente precisam ir embora?

A sala estava quieta, até que Mimi e Jason começaram a se falar sobre a sugestão de Micah, de que ficássemos na Carolina do Norte, enraizando-a em suas mentes como uma nova possibilidade.

— Eu sei que você tem boas intenções — começou Grizz. — Mas ninguém nos conhece em Montana. Queremos começar do zero.

— Exatamente! — exclamou Micah. — Ninguém conhece vocês. Sem família. Ninguém em quem confiar. Ninguém que vai te proteger, se precisarem. Eu sei por que você quer se mudar e entendo, de verdade, mas não acho que percebam que seu anonimato em outro estado não pode protegê-los como seus parentes. Você não foi criado aqui, meu filho, mas você é da família. E ninguém mexe com a família.

Eu podia ver Grizz pensando a respeito.

— Gri... James, talvez... devêssemos pelo menos considerar a ideia. — Eu coloquei a mão sobre seu braço.

Sinceramente, o pensamento da mudança para o outro lado do estado, nas condições enfraquecidas em que eu estava, parecia um pouco demais. Era errado admitir que eu gostava de ter uma família?

Antes que Grizz pudesse responder, Micah disse algo que fez a sala ficar em silêncio.

— Vocês podem ser Grizz e Kit, aqui. E não precisam me olhar de cara feia, sei que esses são seus codinomes um para o outro e não apenas peguei vocês dois quase se chamando assim, mas os ouço quando vocês pensam que ninguém está ouvindo.

Engoli em seco e olhei de Micah para Mimi e finalmente para Jason, que, para minha surpresa, estava balançando a cabeça e

sorrindo.

— Sei que ele é seu grande e velho urso pardo, e ela é sua gatinha. — Micah olhou para nós, incisivo na mesma medida que diplomático. — Vocês têm apelidos um para o outro. Isso é bom, elegante e não nos importamos. Ninguém no topo desta montanha se importa. Pare de agir como se você tivesse que se esconder do seu passado. — Ele acenou com a mão em direção às crianças. — Uma vida da qual você tem que se esconder não é vida *nenhuma*.

Entendi o que ele estava fazendo e gostei da ideia. Ele explicou os apelidos como simples nomes de animais de estimação, mas eu sabia que um dia Jason — e provavelmente até o bebê que eu estava carregando — saberia a verdade. Toda a verdade.

Micah estava certo. Viver uma vida escondida não seria viver. Eu acreditei nele, em cada palavra. Acreditei no santuário que essa montanha oferecia. E só podia esperar que Grizz acreditasse nisso também. Eu não queria ir embora.

\*\*\*

No dia seguinte, Mimi e Jason foram apanhados para visitar alguns dos lugares onde o filme “*Amargo Pesadelo*<sup>[25]</sup>” foi filmado. Nenhum de nós jamais tinha assistido ao filme, mas depois da discussão da noite anterior, Micah pensou que eles gostariam de ver como era essa área nos anos 70, então colocou um *DVD* na televisão e apontou as cenas que foram filmadas nas proximidades. As crianças ficaram fascinadas com o fato de uma cidade inteira ter sido realocada para dar lugar a um lago. Tive que concordar. Mesmo

que eu não me importasse com o tema do filme, não poderia deixar de admitir que mudar uma cidade inteira foi muito interessante.

Tia Tillie se juntou a nós três, depois que as crianças partiram para um bate-e-volta, e *agora* estávamos sentados em volta da mesa da cozinha falando sobre a real possibilidade de nos mudarmos para lá. Cada vez que Micah tentava dizer algo, ela o cortava.

— Micah pode vir morar comigo e você pode ficar com este lugar — disse Tia Tillie em uma voz que indicava que não haveria mais discussão sobre o assunto.

— *Ah*, não! — protestei. — Podemos definitivamente ter nossa própria casa. Podemos estar sem-teto, agora, mas não somos pobres de forma alguma. — Não achei que seria apropriado dizer à tia Tillie que éramos muito ricos.

— Isso é besteira! — A mulher acenou com a mão, dispensando o que eu disse. — Esta casa é perfeita para vocês quatro, que logo serão cinco. Além de que...

— Matilda! — O rosto de Micah estava vermelho e ele se virou a fim de olhar para ela. — Seu coque está muito apertado, irmã? Por favor, pelo amor do bom Senhor, que é meu tudo e meu todo, pode calar a boca e me deixar falar?

Tia Tillie bufou de indignação com a reprimenda e acenou com a cabeça quando Micah a agradeceu por fechar sua matraca.

— Como minha irmã mais velha estava dizendo, esta casa é perfeita para vocês. Estou cansado de cuidar de toda essa propriedade. Pertence a você, de qualquer maneira, Jamison. — Ele olhou para Grizz. — Eu cuidei de tudo depois de sua última visita. É tudo seu.

Eu refleti sobre isso.

— Se nós nos mudássemos, você não poderia simplesmente ficar aqui conosco? É obviamente grande o suficiente para acomodar a família. — Olhei para Grizz e ele acenou com a cabeça, concordando.

Tia Tillie cruzou os braços.

— Não, porque...

— Matilda! — A voz de Micah ficou ainda mais agitada. Ele se virou para mim. — Estou acostumado a viver sozinho, Ginny, e não espero que soe como um insulto porque adoro quando você está aqui, mas vamos apenas dizer que você não pode ensinar truques novos a um cachorro velho.

Ouvi tia Tillie murmurar “cachorro velho com certeza” baixinho. Eu sorri.

— E eu não posso acreditar que estou dizendo isso, mas acho que posso me acostumar mais a viver com Matilda do que quatro pessoas e um novo bebê — completou Micah. Eu tinha certeza de que ele não estava dizendo a verdade e ele sabia que eu sabia, mas sorriu para mim. — Além disso, querida, isso é novo para vocês quatro. Você vai precisar do seu espaço.

— Isso é o que eu ia dizer! — exclamou Tia Tillie. Micah revirou os olhos e piscou para mim.

Não fiquei feliz com a ideia de tirar o pai de Grizz de sua casa, mas ele foi inflexível. Estava resolvido. Grizz faria com que Bill cuidasse do envio de nossas coisas de Montana para cá, bem como das transcrições escolares das crianças, e então apagaria qualquer evidência eletrônica. Ele não podia apagar *nenhuma* cópia impressa da papelada, embora eu tivesse que admitir que ele fez um ótimo

trabalho nos anos 80 quando sabotou pessoalmente arquivos sobre Grizz armazenados em microfichas. Mas eu realmente não acho que alguém teria tanto trabalho para nos encontrar. Afinal, Grizz estava morto e eu não tinha *nenhum* vínculo real deixado em aberto.

Eu tinha um último pedido delicado e me senti um pouco estranha ao trazê-lo à tona, especialmente porque Micah era um Reverendo e eu não sabia se isso era considerado um sacrilégio ou não. Tia Tillie considerou o assunto resolvido e já tinha saído para seu vespertino jogo de *bridge*, na biblioteca local, quando perguntei:

— *Hmm*, Micah?

— Sim, docinho? — respondeu, usando seu novo apelido para mim. Eu poderia dizer que ele estava embargado de empolgação por termos concordado em nos mudar para cá e, para ser honesta, eu me sentia da mesma forma. Parecia certo.

— Eu acho que você já sabe que não somos o que a maioria consideraria uma família convencional. — Limpei minha garganta, nervosa. — Portanto, duvido que seja um pedido convencional.

— O que foi, Ginny? — A curiosidade brilhou em seus olhos.

— Grizz me perguntou o que eu queria de presente de casamento e eu disse a ele que não queria *nada*, mas isso não é exatamente verdade.

Olhei na direção de Grizz para me tranquilizar. Ele acenou para mim, encorajando-me a prosseguir.

— Eu queria que ele me promettesse que encontraria uma maneira, quando finalmente nos instalássemos em nossa nova casa... — hesitei. — Que... que ele encontraria uma maneira de trazer nossos entes queridos conosco...



Pela expressão no rosto de Micah, eu poderia dizer que ele estava confuso.

— Quero dizer, nossos entes queridos que morreram. Tommy, Ruthie. Minha mãe e meu padrasto. Não suporto a ideia de deixá-los na Flórida. Não consigo imaginar que alguém vá visitar seus túmulos.

Não encontrei seus olhos, depois, fitando a mesa, esticando meus braços na minha frente. Nervosamente, girei meus anéis, de casamento e noivado. Eu estava pedindo uma exumação secreta não apenas de uma ou duas sepulturas, mas de quatro.

Senti a mão quente de Micah se estender e repousar em meu antebraço, puxando-o em sua direção. Eu olhei para cima e não vi desgosto ou condenação em seus olhos.

Vi lágrimas.

— De todas as pessoas que conheço, você é a que tem o maior coração, Ginny. Não é tão incomum quanto pode pensar. Tenho certeza de que podemos resolver isso. Eu sei que o cemitério de nossa família tem espaço de sobra para mais alguns parentes.

Eu sorri e tive que piscar para conter minhas próprias lágrimas.

— Minha sugestão é que o façamos com discrição, em silêncio — declarou Micah. — Deixe suas lápides onde estão e mande fazer novas quando movermos seus restos mortais para cá.

— Obrigada, Micah. — Levantei-me para dar um abraço nele. — Muito obrigada.

— Família é família, e nós cuidamos dos nossos, Ginny — afirmou com um sorriso. — Se você é uma de nós, então eles também são.

# Epílogo

## Christian, 2007 - Fort Lauderdale

### *Dias atuais*

Ele se recostou nas almofadas do sofá gasto e fechou os olhos, deixando o ritmo de seus movimentos e a provocação de sua língua o levar a um reino diferente. Podia sentir o cheiro de combustível *diesel* e graxa que flutuava pela porta aberta que separava a garagem do escritório.

Ele deveria ficar grato por Axel ter lhe dado um emprego. Depois de ser libertado da prisão, teve a opção de trabalhar na equipe de paisagismo de seu pai ou implorar a Axel por outra chance na oficina de conserto de carros e motocicletas. *Agora*, tinha que ficar fora do radar da lei e parecia que voltar à sociedade como mecânico era um bom começo. Nas últimas semanas, estava dormindo na casa de seu irmão mais velho, Slade, no quarto de hóspedes, até que pudesse descobrir o que queria fazer da vida.

Ele arriscou um olhar à garota que estava furiosamente tentando fazer mágica com os lábios entre suas pernas. Estava funcionando, até que ela sentiu seu olhar e parou o que estava fazendo.

— Você nem me perguntou meu nome — comentou ela um tanto sem jeito, ainda segurando seu membro duro com uma mão. Ela agitou os cílios e tentou desviar o olhar timidamente.

Ele revirou os olhos e empurrou-a com força para longe. Já tinham terminado.

Outra garota desse tipo não! Outra garota que não entendia que um boquete era apenas um boquete seria insuportável. Chupá-lo não era uma porra de uma proposta de casamento. Ele tinha acabado de fazer vinte e três anos, mas conhecia o tipo dela, no entanto, não tinha a menor noção de como continuava a se envolver com aquelas mulheres. Ela gostaria de conversar e se conectar com ele. Ela diria que entendia a profundidade de sua dor e poderia curá-lo de dentro para fora.

Muitas queriam tentar. Muitas levaram um pé na bunda quando ele percebeu que elas pensavam que poderiam ser mais do que apenas uma transa.

Só havia uma que poderia ter sido algo além. Apenas uma pela qual ele tinha sentimentos.

Quantas vezes se repreendeu, ao longo dos anos, pensando em como ele ficara calado perto de Mimi? Ele mal conseguia se comunicar naquela época e perdeu mais de uma oportunidade. Quando finalmente conseguiu dizer a ela como se sentia, já era tarde demais. A garota e sua mãe estavam se mudando para começar uma nova vida em outro estado.

Ele se lembrou de como, em 2002, quando tinha dezessete anos, sua mãe convidou a família de Mimi para um último adeus. Exceto que ele não sabia que era definitivo; pensou que era apenas um jantar. Aparentemente, a mãe de Mimi, Ginny, vendeu a casa e já havia despachado seus pertences pessoais para a nova casa. Eles passariam a noite em um hotel, iniciando a longa viagem para Montana no dia seguinte.

Ele quase deixou cair o garfo no meio da mordida quando percebeu que eles estavam falando sobre ir embora na manhã

seguinte. Tudo já havia sido encaminhado.

Como ele deixou aquela informação passar despercebida? Como não sabia? Como poderia não ter ouvido seus pais falando sobre uma mudança pelo país de um de seus amigos mais próximos?

Não havia como seus pais não saberem sobre a mudança, ele concluiu. Eles haviam mantido isso em segredo de propósito e ele queria saber por quê. Ser pego de surpresa assim o irritou profundamente. Enquanto todos estavam parados no saguão da casa de seus pais, se abraçando e dizendo seu último adeus, ele escapuliu para seu quarto para esbravejar, além da raiva.

Ele estava jogando dardos de costas para a porta do quarto quando ouviu uma batida suave. Chris cerrou os dentes. Se sua mãe pensava que poderia tentar acalmar a situação, outra coisa estava por vir. Seus pais eram os culpados e ele planejava bancar o juiz, o júri e o carrasco.

No entanto, ouviu a porta se abrir e ficou surpreso ao ouvir a voz de Mimi:

— Christian?

Seu braço parou no meio do lançamento, deixando o dardo cair no chão enquanto lentamente se virava para encará-la.

Ela estava tirando algo de sua mochila.

— Eu não tive a chance de devolver isso para você. — Ela lhe presenteou com um pequeno sorriso.

Distraidamente, o rapaz pegou a jaqueta que emprestou a ela havia tantos meses. Parecia que logo depois que ele levou Mimi para casa, o contato entre as famílias morreu. Ele esperou pacientemente, até mesmo sugerindo algumas vezes que sua mãe

chamasse Mimi para ser babá de Daisy. Christy disse que a chamara, mas que a garota estava sempre ocupada. Parecia que eles estavam começando a se recompor após a morte de Tommy. Ginny vinha mantendo seus filhos, e ela mesma, muito ativos. Besteira. Ginny estava planejando uma mudança e sua mãe sabia disso e propositalmente começou a afastar sua família da deles.

Christian também sabia que havia um ligeiro distanciamento entre a comunidade após a morte de Tommy. *Nada* nunca foi dito abertamente aos Dillons, mas ele ouviu Christy dizer a Anthony que Ginny estava chateada porque ela sabia que havia um zumbido sutil em seu círculo social, que supostos amigos estavam lentamente desaparecendo. Ginny não se machucou com isso, mas estava sentindo a dor das rejeições em seus filhos. As crianças eram más. Ele se perguntou *agora* se isso era verdade.

Mas naquele instante, em retrospecto, Christian percebeu que tinha sido sua própria culpa. Ele deveria ter feito um esforço para ir atrás de Mimi, não contentando-se em se sentar e esperar por uma oportunidade de estar perto dela novamente.

E ele tinha que admitir, mesmo que apenas para si mesmo, que uma temporada de dois meses na prisão naquela época não ajudou sua causa. Ele sabia que seus pais propositalmente não o haviam resgatado daquela vez, como fizeram na noite em que ele foi preso por resistir à prisão — a noite em que Mimi quase foi estuprada. Ele podia se lembrar das palavras de seu pai quando foi preso:

— Você quer se meter neste estilo de vida? Então precisa estar preparado para o que ela pode te trazer. Isso é para o seu próprio bem, Christian. — Anthony olhou fixamente para seu filho e

o rapaz viu em seu rosto o que ele estava realmente dizendo, mas que não poderia verbalizar na delegacia. *“Quer se meter neste estilo de vida? Quer continuar meu legado? Pois precisa conquistá-lo da maneira mais difícil”*.

Naquela noite, em seu quarto, Mimi olhou para ele com seus grandes olhos castanhos enquanto ambos seguravam a jaqueta, nenhum dos dois querendo soltá-la. Ele a puxou lentamente e, em vez de ela afrouxar os punhos, a garota os firmou e o deixou puxá-la para mais perto. Christian viu algo em seus olhos, então. Ele viu reconhecimento. Ela estava percebendo, nesse exato momento, como ele se sentia, como sempre se sentiu a seu respeito, embora nunca tivesse sido capaz de se expressar.

— Você tem mesmo que ir? — Ele se ouviu perguntar a ela.

Ela assentiu.

— Eu quero ir — respondeu em uma voz suave. Sua testa se franziu. — Pelo menos, eu acho que sim.

Houve uma pausa. Mimi olhou para ele com incerteza e admiração. Foi quando seu irmão mais novo, Jason, enfiou a cabeça no quarto, quebrando o feitiço.

— Mimi, mamãe já está nos chamando! Vamos! — Eles podiam ouvir seus passos enquanto ele fugia.

— O cara que Jason mencionou no jantar, James. É por isso que você está saindo? Sua mãe está saindo com alguém?

— Ele é parte da razão. Estou feliz que minha mãe se apaixonou novamente. Eu quero que ela seja feliz e simplesmente não acho que ela possa ficar aqui.

— Que James? — indagou. Não que ele se importasse, estava apenas tentando pensar em uma conversa para evitar que

Mimi fosse embora, mesmo que apenas por mais alguns minutos.

— Apenas James. — Ela desviou o olhar.

Christian anuiu. Ele estava honestamente feliz pela mãe de Mimi e respeitava sua privacidade. Ela era uma boa mulher e o rapaz achava que ela merecia um pouco de felicidade. Mas a felicidade de Ginny estava levando a sua para outro estado e para longe de sua vida.

— Mimi, esperei muito tempo e agora é tarde demais. — Suas palavras foram baixas.

Ela finalmente largou sua jaqueta e ele *agora* a segurava em uma bola amassada. Mimi colocou a mão em seu braço.

— Não. Não é tarde demais, Christian. Veja, nós vamos embora para recomeçar. Mamãe não quer que nos conectemos com *nada* de sua vida anterior. Eu não a culpo. Estamos “virando a página”. — Ela enfatizou a frase com aspas no ar. — Mas não será para sempre. Sei como entrar em contato com você e o farei. Você vai ouvir de mim, ok?

— Quando?

— Sinceramente não sei, mas vou descobrir uma maneira assim que puder. Eu tenho que ir agora. Eles estão esperando. Não vai demorar muito. Confie em mim.

Ela ficou na ponta dos pés e o beijou suavemente na bochecha.

— Mimi — chamou atrás dela. A garota parou e olhou para ele, a mão segurando a maçaneta. — Você ficou desapontada que Slade não estava aqui esta noite? Você sabe, para dizer adeus?

Christian olhou para ela, então quase timidamente para o chão. A inclinação de sua cabeça fez com que seu longo cabelo

preto caísse sobre seu ombro e escondesse o lado direito de seu rosto. Quando ela não disse *nada*, ele arriscou um olhar para cima, seus olhos azuis brilhantes em contraste com o tom escuro de sua pele. Ele queria engolir suas palavras no minuto em que saíram de sua boca, mas então Mimi sorriu para ele.

— Eu não acho que ele sabia que o jantar desta noite era para se despedir — pontuou Mimi suavemente.

— Você não respondeu minha pergunta.

Mimi olhou para ele por um longo momento, como se estivesse tentando adivinhar sua intenção.

— Não — negou, então baixou o queixo e olhou para ele através dos cílios. — Não fiquei desapontada de forma alguma.

Então ela se foi. Isso há cinco anos.

E ele esperou.

E não houve *nada*.

Ele foi até seus pais, que lhe disseram para deixar a situação todo do jeito que estava. Eles não tinham o endereço de Ginny em Montana e, mesmo que tivessem, não dariam a ele. Christian finalmente se decidiu e perguntou o sobrenome do homem que Ginny estava saindo. Ele os importunou até a morte, até mesmo fazendo sua própria pesquisa online, por mais fraca e patética que fosse. As redes sociais se mostraram inúteis, sem falar que ele era totalmente péssimo com tecnologia. E Mimi apenas disse que sua mãe estava “saindo” com um homem. Quem sabe... talvez isso pudesse ter durado menos de dez minutos. Ela poderia estar com qualquer pessoa, *agora*. Talvez até mesmo com ninguém.

Os dias lentamente se transformaram em semanas, que se tornaram meses e finalmente se estenderam em anos, e não houve



*nenhuma* palavra de Mimi. Ela foi embora e ele nunca a superou. Nunca esqueceu que ele tinha visto algo em seus olhos, naquela noite. Algo que talvez ela nem sabia que estava lá. Algo que queria perseguir e o teria feito — se ela não tivesse saído de sua vida na manhã seguinte.

Christian não era mais o adolescente com a língua presa que não conseguia convidar Mimi para sair. *Agora* era um homem. Um homem que sabia o que queria. Um homem que poderia finalmente admitir que sempre foi apaixonado por ela.

Afastando a memória infeliz de cinco anos atrás, mal percebeu quando a garota do “você-não-perguntou-o-meu-nome” saiu do escritório de Axel e foi embora pela porta dos fundos da garagem. Era um domingo e o lugar estava vazio.

Ele distraidamente olhou ao redor da pequena sala e se perguntou se Axel tinha alguma bebida escondida. Vasculhou gavetas e armários de arquivos até chegar ao último. Era feito de metal antigo e já tinha visto dias melhores, tais que as gavetas rangeram alto quando ele as abriu e as fechou.

A última gaveta não continha arquivos. Um saco de papel marrom estava em cima de algo preto. Talvez houvesse uma garrafa enterrada ali, em algum lugar. Ele agarrou a sacola, mas percebeu pelo peso que estava cheia de papel. Não se interessando, jogou-a de lado. Em seguida, encontrou uma jaqueta de couro preta. Talvez houvesse uma garrafa de bebida embrulhada em suas dobras. Christian retirou-a cuidadosamente, mas ela também não estava escondendo uma garrafa.

Ele começou a colocar a jaqueta de volta quando percebeu parte de um remendo. Essa era a velha jaqueta do clube de Axel?

Levantando-se de sua posição agachada, Christian agarrou a jaqueta pelos ombros, esticando-a para que pudesse dar uma boa olhada em suas costas. Ele estudou o *patch* gravado. Era uma caveira sinistra com chifres de diabo, com uma mulher nua agarrada ao topo do crânio, de cabelos e olhos escuros. O rapaz sabia que estava olhando para uma imagem da mãe de Mimi quando ela era adolescente, mas ele podia identificar os traços de Mimi.

Os sentimentos reprimidos de seu passado começaram a vir à tona. Mimi disse para confiar nela e ele esperou. Confiou. E ela nunca mais voltaria.

Christian estava cansado de esperar. Ele sabia que poderia fazer com que alguém a encontrasse. Sim, ele teria alguém para rastreá-la. A vida não era justa e havia muitas regras.

Mas ele não jogava por regras.

Não era segredo que o pai biológico de Mimi, Grizz, teve sua mãe, Ginny, raptada em 1975. Não era segredo que o pai de Christian, Anthony, também havia raptado sua mãe, Christy.

Ele estava cansado de esperar. *Agora*, era hora de Christian pegar o que ele queria.

E ele sempre quis Mimi.

\*\*\*

## **Duas semanas depois**

### **Ginny, Carolina do Norte**

Eu senti a presença de Grizz enquanto ele caminhava ao meu lado, carregando Ruthie. Ele sabia que não deveria interromper

o momento que eu estava tendo com nosso filho. Mais uma vez, o irmão gêmeo de Ruthie traçou cada letra da lápide, orgulhoso de si mesmo ao dizê-las em voz alta e devagar.

— D ... I ... L ... L ... O ... N. — Ele se recostou no meu peito e olhou para cima. — Você está de cabeça para baixo, mamãe.

Eu sorri e beijei sua testa.

— Quem está pronto para nosso piquenique? — perguntei enquanto Dillon se mexia em meu colo, seu interesse já pendendo ao que eu tinha embalado para o almoço.

—Eu! — gritou enquanto pulava e corria em direção à mesa de piquenique, que ficava sob um pavilhão externo.

— Me solta, papai! — Ruthie protestou.

Ela começou a se contorcer e eu pude ver que Grizz estava pronto para ela dessa vez, segurando suas duas pequenas pernas juntas com sua mão gigante.

— Não, até o quê? — Ele perguntou a ela.

— Por favor?

— E o quê mais? — Seus olhos brilharam.

Ruthie franziu os lábios e esperou que ele a erguesse alto o suficiente para que ela pudesse pressionar os lábios rosados e franzidos contra sua bochecha peluda. Ele sorriu e a colocou no chão.

— Você cheira bem, papai, e sua barba faz cócegas! — Então ela também partiu, correndo na direção do irmão.

Grizz pegou minha mão e me colocou de pé. Passei meus braços em volta de sua cintura e olhei para ele.

— Eu vi aquele chute quando você a pegou. Ainda dói? — Eu estava falando sobre um tiro que ele levou nas costas quando

morávamos no Motel.

— Só quando sou chutado lá, o que não é comum, então posso viver com isso.

Ele me puxou para mais perto e apoiou o queixo no topo da minha cabeça. Ficamos assim por alguns minutos. Palavras não eram necessárias. Usei o momento de silêncio para refletir sobre nossa decisão de chamar nosso filho de Dillon. Havíamos conversado sobre chamá-lo de Tommy, mas percebemos que deveria ser dada honra a Jason, caso ele tivesse um filho. Eu não estava pronta para descartar o quão importante Tommy tinha sido para mim, para todos nós. A aliança que eu usei enquanto era casada com Tommy tinha sido guardada em segurança para Jason dar a sua noiva, um dia.

Dillon era muito pequeno para perceber que seu irmão mais velho tinha um pai diferente, mas sabíamos que um dia contaríamos a ele a nossa história — e tudo sobre o homem que deu seu nome.

Nosso momento de silêncio foi interrompido quando os gêmeos começaram a gritar em uníssono:

— Jason e o vovô estão aqui!

Viramos para ver Jason e Micah subindo da parte de trás da pequena igreja. Eles deviam ter voltado, pois não tínhamos ouvido a caminhonete de Jason. Micah *agora* andava com uma bengala, mas isso fez pouco para atrasá-lo.

Jason tinha *agora* dezessete anos e logo se formaria no ensino médio. Ele havia se adaptado muito bem depois de nossa mudança para cá e fez bons e sólidos amigos em nossa pequena cidade nas montanhas. Ele se tornou especialmente próximo ao pai

de Grizz. Sorrimos ao ouvir Micah resmungando em voz alta para Jason.

— Ainda não consigo acreditar que meu filho adulto acha que está tudo bem parecer uma mulher. Cabelo comprido e brinco. — Micah caminhou em nossa direção. — Se eu fosse o único a criá-lo, eu teria empurrado essa bobagem para fora da cabeça dele há muito tempo. O que ele vai fazer a seguir? Colocá-lo em um coque como sua tia Tillie costumava usar?

Tia Tillie morreu pacificamente enquanto dormia apenas um ano depois que nos mudamos para cá. Insistimos para que Micah voltasse para sua casa, para ficar conosco. Ficamos gratos ao ouvi-lo concordar. Ele fez nossa família e nosso lar parecerem completos.

— Você tem um elástico ou laço de cabelo? — Grizz provocou em um sussurro.

Eu me afastei e olhei para ele.

— Não se atreva! Você só vai irritá-lo! Eu não estou te dando um laço de cabelo para prender seu cabelo em um coque.

— Por que não? — Ele piscou os olhos. — Nunca se sabe. Isso pode iniciar uma tendência.

— Um coque de homem? — Os cantos da minha boca se curvaram. — Quero só ver esse dia chegar.

Eu abaixei meu rabo de cavalo e entreguei a ele a faixa que o prendia. Eu estava secretamente gostando da diversão que Grizz estava mostrando ter. Amei a facilidade com que se relacionava com o pai, pois mesmo quando eles concordavam em discordar sobre algo, sempre havia uma tendência de amor e respeito entre as palavras.

— Onde estão meus beijos? — Micah indagou enquanto se aproximava das crianças.

Os dois correram para ele e percebi que Ruthie deu uma cotovelada em seu irmão para fora do caminho.

— Ruth Frances! — Eu coloquei minhas mãos em meus quadris. — Diga a Dillon que você sente muito e deixe-o abraçar o vovô primeiro!

Depois de dar um beijo e um aperto em seu avô, o interesse de Dillon foi imediatamente para seu irmão mais velho, Jason. Dillon o adorava e eu amava o quanto Jason o adorava de volta.

Peguei a mão de Grizz para caminhar em direção à nossa família quando olhei para ele. O coque masculino não estava parecendo tão terrível em meu marido. Na verdade, estava parecendo muito atraente. Eu engoli em seco.

Estávamos caminhando de mãos dadas em direção ao grupo quando Grizz me perguntou:

— Mimi ligou?

— Não. Ela não ligará até chegar a Pumpkin Rest. Ela tem quase uma hora até chegar lá.

Mimi estava nas férias de primavera da faculdade e, como em todas as outras nos últimos anos, ela a passou em um retiro cristão nas montanhas. Eles não podiam ter seus telefones celulares ou qualquer ligação com o mundo moderno. Nós a deixamos lá no primeiro ano e, como aprovamos o lugar e as pessoas maravilhosas que o administravam, nós a permitimos viajar para lá sozinha nos últimos tempos.

Não que tivéssemos muita escolha. Mimi faria vinte e dois nesse ano e se formaria na faculdade. Ela já era adulta, mas

sempre nos ligava do último lugar em que conseguia um sinal de telefone — uma pequena cidade chamada Pumpkin Rest — apenas para nos tranquilizar. O lugar consistia em um pequeno armazém, um posto de gasolina, uma farmácia e uma lanchonete, tudo no mesmo prédio no centro de uma encruzilhada e muito semelhante à cidade que *agora* chamamos de lar.

Terminamos nosso piquenique, juntei o lixo e guardei as sobras. As crianças estavam no parquinho da igreja e Jason as empurrava no balanço. Grizz e Micah estavam conversando sobre motocicletas. O pai estava falando em voz baixa e tentando fazer o filho lhe dizer que, só porque ele ainda andava de moto e passávamos um longo fim de semana ocasional longe das montanhas, Grizz não estava mais envolvido em *nada* ilegal.

— Não precisa se preocupar, Reverendo. — Ouvi Grizz dizer a ele. Eu olhei para cima e o observei quando acrescentou, sem encontrar os olhos de seu pai: — Eu já te disse, gosto de sair com Ginny na moto. Não estou infringindo *nenhuma* lei ao pilotá-la.

Grizz deve ter sentido meu olhar, porque mudou rapidamente de assunto, perguntando-me:

— Quando sua irmã maluca e desbocada vai voltar?

— Me diz você! — sorri. Grizz fez o seu melhor para manter o mínimo de palavrões perto das crianças, mas ainda escorregava em certos momentos. Na verdade, ele escorregava muito. Eu pisquei para ele. — Você sabe que ama Jodi. Não está animado com a visita dela?

Ele bufou e murmurou:

— Sim, estou *fodidamente* empolgado, Kit. A visita de sua irmã será o ponto alto do meu ano.

— Pare de ser tão rabugento. — Eu divertidamente puxei seu coque masculino, que começava a se tornar muito agradável ao meu olhar. — Você ama minha irmã e sabe disso. Ela é engraçada e sempre boa para uma ou duas risadinhas.

— Eu não rio, Kit.

Sua expressão era tão séria que Micah e eu começamos a rir. Micah acabara de fazer uma pergunta sobre os planos de viagem de Jodi quando meu celular tocou. Era Mimi.

— Ei! Já está no Pumpkin Rest?

A conexão estava um pouco chiada, mas sua voz era forte e segura.

— Sim! Acabei de encher o tanque e *agora* estou comendo o melhor biscoito caseiro com mel do mundo! Você iria adorar. Daqui, estou indo para o acampamento.

— Você vai enviar uma mensagem quando chegar lá? E usar o código? Eu adicionei.

O acampamento estava tão fora do alcance do sinal da torre que ela não conseguia fazer ou receber chamadas; no entanto, por incrível que pareça, a maioria das mensagens de texto eram enviadas.

— Sim, mãe.

Eu podia ouvir o sorriso em sua voz. Tínhamos estabelecido um código, palavras seguras que só Mimi conhecia. Eu sabia que era cautelosa demais, mas quem poderia me culpar depois da vida que vivi?

— Mas, depois disso, você sabe que tenho que entregar meu telefone, então você não terá mais notícias minhas por dez dias —



relembrou ela. — Mandarei uma mensagem quando estiver saindo e, é claro, ligarei quando o sinal melhorar.

— Eu sei. Simplesmente odeio não ser capaz de me comunicar por dez dias.

— Sinto muito por isso, mãe, mas você sabe como este retiro é importante para mim. E você e papai visitaram o lugar. Temos essa mesma conversa todos os anos.

A estática estava aumentando e eu sabia que ela devia estar andando. Eu estava ouvindo a cada três palavras, mas entendi o que Mimi estava dizendo.

— *Oh* meu Deus! — A ouvi exclamar.

— Mimi, o que é? Você está bem? — Grizz chamou minha atenção, seu corpo em alerta imediato.

— Sim! — Ela parecia tonta. — Está tudo bem, mãe. Acabei de encontrar um amigo! É o...

Não consegui ouvir o nome.

— Quem você encontrou, Mimi? — Cobri meu ouvido esquerdo com a mão para bloquear qualquer ruído da minha extremidade, mas meu coração já havia voltado ao ritmo normal de suas batidas. Ela disse que era um amigo. Provavelmente alguém que ela veria no acampamento.

— Mimi?

— Estou aqui, mãe. — Não havia indicação alguma em seu tom de voz que algo estava errado.

— Que amigo você encontrou? — perguntei com mais calma, *agora*. Mais uma vez, não consegui ouvir o nome que ela repetiu.

— Mãe, eu vou me apressar aqui. Mando uma mensagem quando chegar lá. Pare de se preocupar. Eu não poderia estar mais

segura. Eu amo você e o papai. Diga aos pequenos que terei presentes para eles na próxima vez que voltar para casa.

— Ok, querida. Eu sei que você vai se divertir e...

Meu telefone deu três bipes rápidos e eu sabia que nossa ligação havia sido cortada. Eu estava por enviar uma mensagem para ela quando recebi uma.

**Mimi:** *Desculpe. O sinal aqui é horrível. Te mando mensagem mais tarde. Te amo.*

Eu digitei uma mensagem de volta.

**Ginny:** *Também te amo.*

Eu não tinha notado que Grizz e Micah pararam de conversar sobre minha irmã e estavam ouvindo a minha ligação. Expliquei o que houve e então olhei para Grizz timidamente.

— Não consigo evitar falar essas coisas, eu sou mãe.

Ele estava sentado no final do banco de piquenique e se virou a fim de me puxar para seu colo. Suavemente, beijou o lado do meu pescoço.

— Você é a mãe mais maravilhosa que uma criança poderia pedir. Você criou uma linda jovem. Só o fato de ela preferir passar as férias de primavera da faculdade em um retiro cristão do que na praia me diz isso muito bem. Nunca se desculpe por ser mãe, Ginny.

Olhei para ele e não vi apenas amor, mas também admiração em seus olhos. Eu sabia que minha decisão de me casar com ele tinha sido a mais certa de todas.

Lembro-me de perguntar a ele, uma vez, o que o mudou quando ele voltou para minha vida, depois que eu usei aquela bandana. Ele costumava ter tanta pressa, tanta impaciência para conseguir o que queria. Ainda assim me cortejou pela segunda vez, com uma paciência e gentileza que eu nunca tinha visto nele antes.

— Recebi um presente, Ginny. — Ele me disse.

— Um presente? Você quer dizer uma segunda chance?

— Sim, uma segunda chance, mas ainda mais importante, um presente. Um presente do tempo.

— Não sei o que você quer dizer.

— O tempo é o verdadeiro presente, Ginny, porque é a única coisa que você nunca pode recuperar.

Finalmente completamos o círculo. De volta ao jeito que tudo deveria ser.

Ele foi meu primeiro amor. Foi um amor verdadeiro. Depois de todos os caminhos errantes e as buscas que nossos corações fizeram ao longo dos anos, finalmente encontramos a paz.

Finalmente, encontramos um lar.

***Fim.***

# Nota da Autora

## Aviso: Contém spoilers

Obrigada por ler “Presente do Tempo”. Espero que tenha gostado de lê-lo tanto quanto eu gostei de escrevê-lo. Sim, este é o último livro do que sempre chamei de “os três G’s — Ginny, Grizz e Grunt — e me sinto confiante de que terminei a trilogia respondendo a todas, ou a maioria, de suas perguntas. Para aqueles que se apaixonaram por um ou mais personagens, com certeza os verão em romances *spin-off*.

Sua paciência e amor por esses romances são tão humildemente apreciados.

Obrigada, meus amigos leitores. Obrigada.

Sobre o verdadeiro Tommy: Só quando terminei este romance é que me lembrei do “verdadeiro” Tommy. Ele era um menino de cinco anos que conheci no parquinho do meu complexo de apartamentos quando tinha cerca de quatorze anos. Eu estava empurrando minha irmãzinha no balanço quando ele se aproximou de nós e perguntou se podia brincar conosco. Mais tarde, eu descobriria que ele é o filho adotivo de um casal que morava acima de nós, um menino quieto e tímido. Gostaria de poder me lembrar do que aconteceu com ele. Nós nos mudamos logo depois e só quando eu estava escrevendo a dedicatória deste livro que me lembrei dele. Sim, seu nome realmente era Tommy. Coincidência? Bem, você sabe o que eu acredito a respeito disso.

Sobre Hope: não sei quanto tempo esperei para contar a história de Hope, a gatinha que subiu pelo ombro de Ginny. Esta

parte da história foi inspirada por um evento real que aconteceu a um amigo da família. Considero um privilégio fazer parte da experiência de Ginny.

Sobre Tommy/Grunt: sei que as fãs do personagem estão decepcionadas, mas posso prometer que ninguém chorou mais do que eu quando escrevi sobre a morte de dele. Sempre tive a intenção de que ele perdesse a vida e se eu tivesse continuado com o intrigante Tommy/Grunt, que estava em meu manuscrito original, não teria sido tão difícil. Eu tinha originalmente escrito este personagem como um adolescente manipulador e conivente que se tornou um adulto ainda mais manipulador e conivente. No entanto, quando decidi voltar e contar a história do “jovem Grunt” em “No limite do Tempo”, não pude continuar com minha versão original e tive que deletar quase metade do meu manuscrito para reescrevê-lo. Simplesmente não pude evitar. O pequeno Grunt roubou meu coração. Sua infância horrível certamente poderia ter justificado algumas de suas ações, mas decidi ir contra isso. Eu queria um personagem que superasse a disfunção e o abuso que sofreu. Tommy superou seu jeito de adolescente e se tornou um pai e marido amoroso e atencioso, o que tornou ainda mais difícil escrever o que eu tinha que escrever, no fim das contas.

Essa sempre foi minha história e você acabou de ler exatamente como eu a quis contar. Sim, algumas coisas mudaram ao longo do caminho, mas o resultado final é o que sempre deveria ser.

Com todo meu amor,  
Beth.

# Agradecimentos

Esta deveria ser a parte mais emocionante de terminar um romance. Para mim, é sempre a mais difícil, porque nunca consigo encontrar as palavras que descrevem adequadamente o nível de gratidão que sinto. Minhas desculpas se deixei alguém de fora.

*Em primeiro lugar, e sempre acima de tudo, agradeço ao meu Pai Celestial. Não apenas por me dar a capacidade de escrever este último livro da trilogia, mas por toda a experiência que me aproximou tanto D'Ele. Essa caminhada às vezes foi terrivelmente dolorosa, mas necessária, para me levar aonde preciso estar em minha jornada pessoal e espiritual. Continuo maravilhada com as coisas que Ele me ensinou ao longo do caminho. E sou grata pelas lições que sei que ainda estão por vir.*

*Jim, Kelli e Katie — Obrigada por seu amor incondicional e compreensão enquanto eu praticamente colocava nossas vidas em espera para terminar esta série. Eu não poderia ter feito isso sem saber que seu amor e crença, em mim, foram absolutos e sempre positivos de tal forma que, assim como minha protagonista, Ginny, acredito que podemos ter mais de uma alma gêmea. Nem é preciso dizer que vocês três são as minhas. Eu amo vocês.*

E agora, em ordem alfabética pelo primeiro nome, agradeço de coração às seguintes pessoas:

*Adriana Leiker e Nisha E. George — A última etapa desta jornada não teria sido possível sem o presente de suas amigas. Agradeço a Deus por trazer vocês duas para minha vida. Estou além de humilde e honrada por nunca terem saído do meu lado.*

*Vocês curaram meu coração durante os tempos difíceis, riram e comemoraram os bons momentos comigo. Não consigo imaginar terminar este livro sem ter vocês duas em meu forte laço de amor e amizade. Obrigada, minhas amigas eternas.*

*Adriana Leiker, Anitra Townsend, Erin Thompson, Louise Husted, Mary Dry e Nisha George — Obrigada por serem as melhores leitoras beta que eu poderia esperar ter. Vocês não têm medo de “me chamar a atenção” e “dizer as coisas como elas são”. A honestidade com que tratam meus livros me diz que vocês me amam e desejam que esta história seja a melhor possível. Eu aprecio isso mais do que podem imaginar.*

*Allison Simon — Você é muito mais do que minha leitora beta e formatadora. Você é quem estava comigo na reta final da história, mas também acompanhando cada passo do longo caminho, e sua orientação e paciência foram inestimáveis. Considero uma verdadeira honra chamá-la de minha amiga mesmo muito tempo depois de o botão “publicar” ter sido pressionado. Amo você, Allison.*

*Amy Donnelly — Obrigada por dar os toques finais nesta história. O processo de edição pode ser uma experiência extenuante, mas você trouxe luz e risos e me salvou do pânico e do desespero mais vezes do que imagina. Você tem sido uma verdadeira amiga e mentora que está sempre, SEMPRE lá quando eu preciso de você. Você possui um grande pedaço do meu coração, Amy. Sério, Amy... você faz! (piscadela)*

*Donnie Hoffman — Obrigada por responder pacientemente a todas as minhas perguntas sobre computadores e por me manter fiel à tecnologia que estava disponível na década de 1980. Se houver alguma discrepância, assumo que foi uma falha minha.*

*Jennie Simpson e Jonell Espinoza — Minhas Rainhas da UTI terão, para sempre, um lugar especial em meu coração por sua disposição constante de me ajudar com algumas das cenas mais obviamente difíceis de escrever. Elas nunca me fizeram sentir estúpida pelas inúmeras perguntas que eu as fazia. Elas me ajudaram a dar vida a uma experiência muito realista e infeliz para Tommy. Se houver algum erro ou variação dos padrões ICU, isso se deve à minha licença poética. Obrigada, minhas amáveis amigas. Não apenas por sua ajuda, mas também por sua bela amizade.*

*Jessica Brodie — Obrigada por ser minha extraordinária editora. Você pega minhas palavras e visão e encontra maneiras incríveis de melhorá-las. Seu amor, dedicação e sua visão aguçada unem tudo e fazem com que flua pelo leitor. Amo você, Jess.*

*Judy e sua leitura crítica — Estou muito grata por termos nos encontrado. Seu olhar aguçado e atenção aos detalhes colocam o selo final neste manuscrito e me dão a confiança para divulgá-lo. Obrigada, doce amiga.*

*Lasse L. Matberg — Obrigada por estar nesta capa e por sua gentileza ao longo do caminho. Sua natureza de bom coração continua a brilhar muito além de sua habilidade como modelo. Estou honrada que você concordou em ser nosso Grizz. Obrigada, Lasse.*

*Tim — Obrigada por compartilhar alguns detalhes íntimos do tempo que você passou em uma prisão de segurança máxima. Eu sei que estiquei os limites dos privilégios de Grizz além da vida que você descreveu lá, mas era necessário permanecer fiel ao seu caráter e a esta história. Todos os desvios de uma experiência real na prisão foram produto de minha própria imaginação.*



*Uma salva geral de agradecimentos aos amigos que fiz nas belas montanhas que agora chamo de lar. Respeitosamente, peguei emprestado os sobrenomes de alguns amigos verdadeiros porque eles se encaixam perfeitamente nesta história. No entanto, meus personagens são todos fictícios e não se baseiam em nenhuma pessoa real, viva ou morta.*

*Por último, mas nunca, NUNCA menos importante, meus leitores. Quer você seja um leitor, um blogueiro ou um colega autor, você está nesta lista porque leu “Nove Minutos” e “No Limite do Tempo”. Você esperou pacientemente por um ano inteiro para eu finalizar esta trilogia. Seu amor por mim e por essa história me trouxe uma alegria incomensurável, pela qual serei eternamente grata. Obrigada, de todo o meu coração.*

---

[1] Barry White: foi um cantor, compositor, maestro e produtor musical norte-americano.

[2] Pretty: do inglês, em tradução livre, significa “belo”.

[3] ABBA: é um grupo sueco de música pop formado em Estocolmo, em 1972.

[4] Mainframe: plataforma integrada de computadores capaz de processar grandes volumes de informações em curtos espaços de tempo.

[5] Willie: do inglês, em tradução livre, é uma gíria americana para se referir ao pênis.

[6] Dreamy Mimi: do inglês, em tradução livre, Mimi Sonhadora

[7] Dick: do inglês, em tradução livre, significa “pinto”, porém também é comumente usado como nome nos Estados Unidos.

[8] Death of a Salesman: peça de teatro escrita pelo americano Arthur Miller em 1949.

[9] Snorkel: prática esportiva de mergulho em águas rasas.

[10] Spooky: assustador, em inglês.

[11] Pager: dispositivo eletrônico muito usado entre as décadas de 1980 e 1990, para contactar pessoas através de uma rede de telecomunicações.

[12] Pink Floyd: banda britânica de rock formada em Londres, em 1965.

[13] Jolly Rancher: marca americana de doces, gomas e refrigerantes. Atualmente é propriedade da The Hershey Company.

- [14] Hershey's Kisses: é uma marca de chocolate produzida pela Hershey Company, em 1907.
- [15] S'more: petisco tradicional para fogueiras noturnas, popular nos Estados Unidos e no Canadá, consistindo em um marshmallow assado no fogo e uma camada de chocolate entre duas fatias de graham cracker.
- [16] Dr. Hook & the Medicine Show: foi uma banda norte-americana de pop, soft rock e country formada em Union City, Nova Jérsei, em 1967, como The Chocolate Papers.
- [17] Hope: do inglês, em tradução livre, significa “esperança”.
- [18] Moonshine: o termo usado para descrever bebidas alcoólicas destiladas, que são geralmente produzidas de forma ilícita.
- [19] Peter Frampton: famoso músico britânico dos anos 70, roqueiro de arena e também integrou a banda The Herd.
- [20] Surround: técnica para enriquecer a qualidade de reprodução de som.
- [21] The Mercy: banda pop americana formada na Flórida em 1968.
- [22] Genesis: banda britânica de rock progressivo formada em 1967.
- [23] Gregory Allman: cantor, multi-instrumentista e compositor estadunidense, membro fundador da banda The Allman Brothers Band.
- [24] That '70s Show: série de comédia americana que foi ao ar pela [Fox](#), em 1998.
- [25] Amargo Pesadelo: estreou em 30 de julho de 1972, EUA. Título original: Deliverance. Diretor: John Boorman.